

AS VOZES

A dramatic illustration of a choir of angels. The angels are depicted in profile, facing right, wearing ornate golden armor and large, feathered wings. They are playing brass instruments, likely trumpets or tubas. The scene is set against a backdrop of a bright, cloudy sky, with light rays emanating from behind the angels, creating a halo effect. The entire image is framed by a decorative, ornate border.

Almirante Usborne Moore

Tradução: Amadeu Antônio

Uma continuação de "Vislumbres do Próximo Estado"

Vice-Almirante W. Usborne Moore

LONDRES:

Watts & Co.,

17 Johnson's Court, Fleet Street, E.C.

1913

SOLIDÃO

Ri, e o mundo rirá contigo;

Chora, e chorarás sozinho;

Pois a velha terra triste deve pedir alegria emprestada,

Mas tem já aflição que chegue por conta própria.

Canta, e os montes responderão;

Suspira, e o som perde-se no ar;

O eco responde a um som alegre,

Mas recua perante o lamento.

Alegra-te, e os homens procurar-te-ão;

Tristeza, e eles voltam-te as costas e partem;

Querem a tua alegria em abundância,

Mas não precisam da tua dor.

Sê feliz, e os teus amigos serão muitos;

Sê triste, e perderás todos.

Ninguém recusa o teu vinho doce,

Mas terás de beber sozinho o fel da vida.

Banqueteia-te, e os salões enchem-se;

Jejua, e o mundo passa ao lado,

Tem sucesso e oferece, e viverás com auxílio,

Mas ninguém te ajudará a morrer.

Há espaço nos salões do prazer

Para uma comitiva vasta e nobre,

Mas, um a um, todos devemos atravessar

Os corredores estreitos da dor.

ELLA WHEELER WILCOX

AOS QUE CHORAM

Este registo do retorno dos mortos é

dedicado com respeito e simpatia

pelo autor.

"Deus não é Deus de mortos, mas de vivos."

— Mateus 22:32

"Na casa de meu Pai há muitas moradas."

— João 14:2

CONTEÚDO

Prefácio

Introdução

Parte I: Registos de 1912

Apêndice à Parte I

Parte II: Registos de 1913

Conclusões

Apêndice A: A voz direta na Bíblia

Apêndice B: Uma profecia cumprida

Apêndice C: Conselhos para quem se senta com médiuns de trombeta

Apêndice D: Uma correção a "Vislumbres do Próximo Estado"

Índice

PREFÁCIO

Este livro divide-se em duas partes: a primeira contém os registos de 1912, e a segunda os de 1913. Inclui o testemunho do Sr. James Coates, de Rothesay, que redigiu o seu próprio relato das excelentes sessões realizadas na sua hospitaleira casa em Ardbeg, em 1913. As suas experiências de 1912 podem ser encontradas na revista *LIGHT*.

Na Parte I, incluí a reimpressão de vários artigos publicados em *LIGHT*, escritos por mim e por outros, com a gentil permissão do editor desse periódico.

O objetivo da obra é apresentar àqueles que não têm tempo, oportunidade ou recursos para investigar por si próprios, um relato conciso sobre a manifestação da chamada "voz direta", através da mediunidade de Mrs. Etta Wriedt, de Detroit, Michigan, EUA, quando esta visitou a Inglaterra na primavera e verão de 1912 e 1913, a meu convite. Em 1911, ela esteve em Wimbledon, sob os cuidados do falecido Sr. W. T. Stead, e também em Glasgow, onde realizou uma ou duas sessões; estas são mencionadas, mas não analisadas em pormenor. Alguns detalhes adicionais podem ser encontrados no meu epílogo ao Capítulo X de *Vislumbres do Próximo Estado*, publicado em Outubro de 1911.

Dirijo-me especialmente aos que choram, na esperança de que estas páginas, que fornecem provas do regresso dos mortos, lhes tragam algum consolo ao refletirem sobre a proximidade espiritual daqueles que perderam e que, podem estar certos, os observam e esperam pela reunião.

As comunicações dos espíritos com os presentes são geralmente feitas através de uma trombeta de alumínio, que amplifica as vozes — o espírito fala na extremidade larga e o som sai pela mais estreita. A trombeta tem três secções de treze polegadas cada uma, encaixadas e estendidas até ficarem fixas. Quando está no chão, pronta a ser usada, a trombeta tem cerca de 81 centímetros de altura; o orifício menor mede entre 1,3 e 1,9 centímetros de diâmetro, e a boca 12,7 cm. Alguns espíritos não necessitam da trombeta; é

comum dois espíritos falarem com duas pessoas diferentes no círculo, um com e outro sem a sua ajuda. O peso das trombetas varia entre 227 e 369 gramas.

Em 1912, Mrs. Wriedt usava a sua própria trombeta durante as sessões; em 1913, preferiu usar uma ou ambas as minhas, embora fossem ligeiramente mais pesadas. Em 1912, a sala ainda continha o gabinete que o Sr. Stead instalara em anos anteriores para experiências de materialização; em 1913, foi removido.

A sala onde sempre nos reuníamos na Cambridge House, conhecida como "Gabinete de Júlia", media cerca de 6,7 metros de comprimento por 4,3 metros de largura. Continha uma caixa de música do tipo *symphonion*, doze cadeiras, uma estante e duas mesas. Os presentes traziam bastantes flores. Era iluminada por luz elétrica, com uma das lâmpadas coberta por papel vermelho.

Agradeço ao revisor dos meus editores pelas sugestões e correcções.
W.U.M.

8 Western Parade, Southsea
1 de Outubro de 1913

INTRODUÇÃO

Toda tentativa — como esta que empreendo — de dar aos mortais conhecimento da proximidade dos seus entes queridos falecidos está, pela própria natureza do assunto, condenada a um sucesso parcial. Existem cinco obstáculos principais com os quais tenho de lidar:

- (1) a relutância das pessoas em escrever;
- (2) a relutância ainda maior em registar detalhes que possam mais tarde causar dor ou ofensa a familiares ou amigos vivos;
- (3) o hábito nacional de reserva, que leva muitos a se fecharem como ostras perante o risco de revelar sentimentos profundos;
- (4) o medo do ridículo, da perda de rendimento, da posição social ou do respeito dos outros;
- (5) o receio de parecer mais crédulo do que os seus pares — talvez o motivo mais poderoso para o silêncio.

Assim, quem procura obter os verdadeiros testemunhos dos investigadores neste assunto sagrado, acaba muitas vezes por receber apenas a casca do fruto; o fruto em si permanece intacto.

Eu próprio, autor — ou melhor dizendo, editor — desta coletânea de relatos, estou limitado por um ou mais destes constrangimentos. Nem em *Vislumbres do Próximo Estado*, nem nesta continuação, apresentei todas as provas que sustentam a fé que possuo. Publiquei tudo o que posso, com decoro, mas há muito mais que está omitido — material que, se fosse conhecido, convenceria plenamente os poucos, mas seria alvo de escárnio ignorante da maioria — essa vasta maioria amarrada pelo clericalismo ou pelo materialismo.

No entanto, os pedidos que fiz às pessoas que participaram em sessões com esta mulher tão dotada, Mrs. Etta Wriedt, foram recebidos com boa vontade, tanto quanto se pode esperar, considerando os tempos em que vivemos. Espero sinceramente que os relatos aqui reunidos ajudem os cansados e desalentados a retomar as suas vidas com coragem, com a esperança segura e certa de que reencontrarão, em tempo não muito distante, aqueles que perderam por um tempo; ou, pelo menos, que os encorajem a procurar, por si mesmos, certezas através da investigação pessoal neste mesmo caminho.

Aquela alma nobre, W.T. Stead, concebeu um plano perfeito para dar consolo aos enlutados; mas a forma que tomou tornou-o vulnerável à extinção após a passagem do seu fundador para a vida superior. Contudo, o espírito do "Gabinete de Júlia" permanece vivo. Está ao alcance de qualquer homem ou mulher com recursos confortáveis replicar essa ideia em nome próprio. Se cada um fizer a sua parte — ajudando, com os seus meios, aqueles que conhece estarem em sofrimento, a encontrarem consolo junto de psíquicos competentes — não estaremos a concretizar, em detalhe, aquilo que Stead e a sua guia, Júlia, fizeram em grande escala?

Nos dias de hoje, com o nível geral de educação, é inútil dizer a um homem inteligente que se reencontrará com o seu filho apenas dentro de milhões de anos, num dia de julgamento, talvez para se separar dele novamente. Ele quer saber se o seu filho está vivo agora; se está feliz ou se poderá vir a estar; se lhe será devolvido; se poderá voltar a abraçá-lo e a amá-lo como antes da sua transição para o Outro Estado. Seja qual for a natureza do filho — bom ou mau — o coração do pai recusa-se a aceitar que ele se perdeu para sempre. O seu sentido de justiça revolta-se contra o decreto da Igreja, e rejeita-o. É a este homem que o espiritualismo se dirige — e é este homem que todos devemos procurar ajudar.

E ajuda está ao alcance. Esta mulher americana possui um dom misterioso que permite, àqueles que se sentam na mesma sala que ela, aprender sobre a continuidade da existência dos que partiram fisicamente. A posse deste dom extraordinário não resulta de mérito pessoal; nasceu com ele. Ao contrário dos talentos da poesia, arte, oratória ou canto, não exige qualquer esforço da sua parte; e, com os devidos cuidados, não causa desgaste físico. Para o manifestar, basta que se sente passivamente numa cadeira — preferencialmente no escuro total.

Na verdade, é difícil compreender o papel da sua personalidade nos fenómenos, pois ela nunca entra em transe e fala naturalmente durante toda a sessão. O que sabemos é que, na sua ausência, não se ouve um sussurro, mas, se estiver presente, é possível distinguir vozes — seja em plena luz ou na escuridão. Contudo, no escuro, elas falam mais alto, por mais tempo, com maior clareza e, em todos os aspetos, de forma mais satisfatória. Quando a sala está completamente às escuras, podemos não apenas ouvir as vozes, mas também ver, sob forma de fantasmas, aqueles a quem pertencem.

Somos informados pelo Dr. Sharp de que o poder de falar é obtido a partir dos presentes nas sessões, e que os espíritos conseguem ou não comunicar consoante "o que os participantes conseguem emitir"; que algumas pessoas emitem com facilidade, outras não emitem nada, e que a sua médium não é "utilizada" mais do que o estritamente necessário.

Ele inclui-me na primeira categoria e, se tiver de julgar pelos meus sentimentos após uma boa sessão privada, está correto, pois fico exausto e não consigo continuar as investigações sem longos períodos de descanso. Que Mrs. Wriedt não fica esgotada ficou provado para mim pelo seguinte episódio: em 1913, ao anunciar subitamente a sua intenção de deixar Cambridge House vinte e quatro horas antes do combinado, vi-me forçado a encaixar quatro participantes a mais do que o habitual no último dia da sua visita. De manhã, ela realizou quatro sessões privadas; à tarde, outras quatro; e à noite, um círculo geral com doze pessoas. Todas as sessões foram bem-sucedidas. Às 22 horas, um dos presentes levou-a de automóvel até Euston, e quarenta e cinco horas depois ela iniciou uma série de excelentes sessões em Glasgow.

Mrs. Wriedt é controlada por Dr. John Sharp, que nasceu em Glasgow no século XVIII, viveu toda a sua vida nos Estados Unidos como boticário e agricultor, e faleceu em Evansville, Indiana. Declara que foi levado para a América pelos pais quando tinha dois meses de idade. Nunca o ouvi proferir uma palavra cruel, nem expressar qualquer sentimento que não fosse benevolente e de ajuda para todos os que procuram a assistência da sua médium. Frequentemente clarifica mensagens confusas e procura sempre gerir as sessões da melhor forma possível para os presentes. Muitas vezes diz coisas que, num mortal, eu chamaria de disparates; mas creio que a sua expressão é limitada — de forma curiosa — pela ausência de qualquer formação ou cultura da médium.

John King (Sir Henry Morgan), o espírito guia de Cecil Husk, o médium cego, dirigia frequentemente as sessões de Mrs. Wriedt na Inglaterra. Explicava-se que ele estava mais familiarizado com os ingleses do que o Dr. Sharp, embora este estivesse sempre nos bastidores. Em Rothesay, apenas interveio com uma ou duas palavras.

Grayfeather, um chefe índio norte-americano de medicina, quando em vida, e guia espiritual de J. B. Jonson, o médium de materializações de Toledo, Ohio (EUA), visitou-me várias vezes em Cambridge House e compareceu frequentemente nas sessões; raramente se manifestava na minha ausência. Não compareceu em Rothesay.

Mimi e Blossom eram visitantes ocasionais. Sobre Mimi, nada sabemos. Blossom afirma que, em vida, pertenceu à tribo Seminole, dos Everglades, no Sul da Florida, e que morreu ainda criança. Manifesta-se como uma criança barulhenta, birrenta, mas extremamente espirituosa. As suas conversas, a sua maneira cativante e respostas rápidas provocavam sempre boa disposição, gerando riso que beneficiava as condições das sessões.

Ocasionalmente, Dr. Sharp, John King, Grayfeather e Blossom manifestavam-se todos numa mesma sessão.

Quando não havia poder suficiente, ou o tipo certo de energia, para uma manifestação refinada da voz direta, os espíritos controladores recorriam à exibição de fenómenos físicos mais grosseiros de telequinesia, como mover uma mesa com um vaso de flores, atirar trombetas pela sala, entre outros. Por vezes, esses fenómenos ocorriam mesmo em sessões de alto nível, em que as vozes diretas eram abundantes.

Houve muitas sessões falhadas em ambos os anos, bem como outras de fraca qualidade. Isto é o que investigadores razoáveis esperam da presença de todos os médiuns poderosos; é tão frustrante para o psíquico como para os participantes, e alguns, como eu, consideram isso como prova da autenticidade do que ocorre.

Em 1913, observou-se um facto curioso. Passei treze ou catorze dias em Cambridge House e no jardim, entre as 10 da manhã e as 4 ou 5 da tarde. Nesses dias, não houve sessões falhadas, e apenas duas ou três foram medianas. Não estou consciente de que a minha mente estivesse minimamente ocupada com o que se passava na sala das sessões, nem tenho quaisquer pretensões a possuir faculdades psíquicas. Mas tanto a Srta. Harper, a anfitriã, como eu, considerámos a possibilidade de que a minha convicção absoluta — formada após mais de cem experiências — quanto à autenticidade do extraordinário dom de Mrs. Wriedt possa, de algum modo oculto, ter influenciado positivamente o ambiente da sala. Não afirmo tal coisa, mas deixo esta especulação aos meus leitores como algo que merece consideração.

Não tenho qualquer dúvida de que W. T. Stead esteve connosco e nos deu a sua ajuda. Em 1912, Mrs. Wriedt chegou na noite de 5 de Maio, vinte dias após a sua morte. Após o jantar, propôs uma sessão. Stead manifestou-se e deu três provas admiráveis da sua identidade — duas ao Sr. Harper e uma a mim. Deu também instruções directas sobre o lugar onde a sua filha devia sentar-se na noite seguinte. O teste que me foi dado foi inequívoco; referiu-se à conversa que tivemos nos Bank Buildings da última vez que o vi. Essa conversa durou meia hora e abordou vários assuntos, sendo o principal a visita iminente de Mrs. Wriedt à sua casa. Ele desejava que certas condições fossem observadas, e foi a uma delas que o seu espírito se referiu com ênfase nessa noite. (Ver *Light*, 18 de Maio de 1912, página 239.)

O espírito chamado Iola nestas páginas é o de uma senhora que faleceu há quarenta anos, no auge da sua vida. Era uma parente muito próxima e querida, e provou estar tão intimamente ligada a mim que me sinto justificado em chamá-la de minha "guia".

PARTE I REGISTOS DE 1912

DUAS SESSÕES COM MRS. WRIEDT W. T. STEAD MATERIALIZA-SE *Por M. Chedo Miyatovich*

Após alguma hesitação, por razões pessoais, cheguei à conclusão de que é meu dever, para com a memória eterna do meu querido amigo William T. Stead, e para com uma grande causa, dirigir esta carta a si para publicação em *Light*.

Sou diplomata de profissão, tendo tido a honra de representar o meu país (Sérvia) na corte do Rei da Roménia, junto à Sublime Porta do Sultão da Turquia, e por três vezes na corte da Rainha Vitória, além de uma vez na corte do Rei Eduardo VII. Fui ainda incumbido pelo meu governo de várias missões diplomáticas importantes e representações em

conferências internacionais. Sou membro de várias sociedades científicas no Continente e membro honorário da Royal Historical Society em Londres. Menciono estes factos pessoais para que os seus leitores me concedam o crédito de ser alguém habituado a pesar os factos e as próprias palavras, plenamente consciente da responsabilidade. Acrescento ainda que, há muitos anos, tenho interesse no estudo científico dos fenómenos ocultos, embora ainda não fosse um espiritualista convicto.

Tendo ouvido dizer que, na casa do Sr. W. T. Stead, em Wimbledon, se encontrava hospedada a notável médium americana Mrs. Wriedt — com quem o Vice-Almirante Moore tinha feito experiências — solicitei-lhe autorização para apresentar-lhe os meus cumprimentos e, eventualmente, participar numa sessão. Ela marcou-me um encontro para quinta-feira, 16 de Maio, às 10h30 da manhã.

Fui acompanhado pelo meu amigo, o Dr. H. Hinkovitch, doutor em direito e advogado de mérito em Agram (Croácia), que acabava de chegar a Londres.

Mrs. Wriedt levou-nos ao "Gabinete de Júlia" e explicou-nos que era o que se chama uma médium de voz, mas que, em boas condições, os espíritos materializados também podiam manifestar-se. Convidou-nos a examinar o gabinete e a sala, se o desejássemos. Como já lá estivera numa ocasião anterior, tendo então examinado o gabinete juntamente com vários médicos alemães, não considerei necessário fazê-lo novamente.

O Dr. Hinkovitch e eu sentámo-nos lado a lado no centro da sala, de frente para o gabinete. Mrs. Wriedt não entrou no gabinete, mas permaneceu sentada numa cadeira perto de mim. Colocou um tubo de lata (um megafone) em frente do meu amigo.

Ela ligou um relógio musical automático e apagou todas as luzes, de modo que ficámos sentados em completa escuridão. Quando terminou uma melodia bela, de carácter algo sagrado, tocada pelo relógio, Mrs. Wriedt disse-nos que as condições estavam muito boas e que seríamos capazes não só de ouvir, mas também de ver alguns espíritos. "Sim", continuou ela, "aqui está o espírito de uma jovem. Ela acena-lhe, Sr. Miyatovich; não a vê?" Eu não a vi, mas o meu amigo viu uma espécie de neblina iluminada em forma oblonga. "Ela sussurra-me", continuou Mrs. Wriedt, "que se chama Mayell — Adela ou Ada Mayell." Fiquei estupefacto. Apenas três semanas antes tinha falecido Miss Ada Mayell, uma amiga muito querida, por quem eu nutria profundo afecto. Mas naquele momento não houve mais nenhuma manifestação dela. Ela desapareceu sem dizer mais nada além do nome.

No momento seguinte, uma luz apareceu por trás da médium e moveu-se da esquerda para a direita do gabinete, como se fosse levada suavemente por uma brisa. Ali, nessa luz em movimento lento, não estava o espírito, mas a própria pessoa do meu amigo William T. Stead, não envolto em panos brancos, como eu vira espíritos noutras sessões, mas com o seu traje habitual de passeio! Tanto eu como Mrs. Wriedt exclamámos em voz alta de alegria. O meu amigo Hinkovitch, que conhecia o Sr. Stead apenas por fotografias, disse: "Sim, é o Sr. Stead!" O espírito de Mr. Stead acenou-me de forma amigável e desapareceu. Meio minuto depois, apareceu novamente, frente a mim (mas um pouco acima do chão),

olhando-me e inclinando-se. E pouco depois, apareceu pela terceira vez, visível para todos nós com ainda maior clareza do que antes.

Após a terceira aparição, senti o tubo de voz ser dirigido para o meu rosto, e então ouvimos claramente estas palavras:

"Sim, sou o Stead — William T. Stead! E, meu caro amigo Miyatovich, estou tão feliz por ter vindo aqui. Vim pessoalmente para lhe dar uma nova prova de que há vida após a morte, e que o espiritualismo é verdadeiro. Tentei convencê-lo disso em vida, mas hesitava sempre em aceitar essa verdade."

Interrompi-o dizendo: "Mas sabe que eu acreditava no que me dizia!"

"Sim," continuou, "acreditava porque era eu que lhe falava sobre isso, mas agora venho trazer-lhe prova daquilo que lhe dizia — para que não apenas acredite, mas *saiba* [pronunciando esta palavra com grande ênfase], que realmente existe vida após a morte, e que o espiritualismo é verdadeiro! Agora, adeus, meu amigo! Sim, aqui está Adela Mayell, que deseja falar-lhe!"

Stead nunca conheceu Miss Ada Mayell em vida, nem alguma vez ouvira o seu nome. Ela então falou-me com a sua habitual ternura e generosidade, tentando tranquilizar-me quanto a certas questões que me têm preocupado profundamente desde a sua morte, e dizendo-me que está feliz agora. Não há necessidade de relatar aqui tudo o que me disse. Mrs. Wriedt e o Dr. Hinkovitch ouviram cada palavra.

Depois, para surpresa minha e do meu amigo croata, uma voz forte começou a falar com ele em língua croata. Tratava-se de um velho amigo, médico de profissão, que falecera subitamente devido a uma doença cardíaca. O meu amigo Hinkovitch não conseguiu identificar quem seria, mas continuaram a conversa durante algum tempo na sua língua materna, que naturalmente ouvi e compreendi. Mrs. Wriedt, pela primeira vez na vida, escutou como soava a língua croata.

O Dr. Hinkovitch derrubou acidentalmente o tubo de voz e, embora tenha tentado recolocá-lo na posição original — pensando ter tido sucesso — as manifestações vocais cessaram. Quando a luz foi acesa, Mrs. Wriedt constatou que o tubo não estava correctamente colocado, o que, segundo ela, explicava a interrupção das manifestações.

Tanto eu como o meu amigo croata ficámos profundamente impressionados com o que testemunhámos nesse dia, 16 de Maio, entre as 11 e as 12 horas. Falei sobre isso a muitos dos meus amigos como a experiência mais maravilhosa da minha vida. Conte-i-o à mulher mais científica da Alemanha, a Professora Margarete Selenka, que acabara de regressar de Tenerife, onde estava a instalar uma estação para observações científicas de macacos. Mme. Selenka veio a Londres para saber todos os detalhes sobre a catástrofe do *Titanic*, na qual o seu grande amigo W. T. Stead pereceu. Combinámos realizar uma sessão privada com Mrs. Wriedt na sexta-feira, 24 de Maio, à uma da tarde. Essa sessão teve lugar no Gabinete de Júlia, mas, à excepção de uma voz que gritou uma vez "Sentem-se quietos na cadeira!", nenhuma outra manifestação ocorreu.

Conforme combinado, eu e Mme. Selenka voltámos à noite e, às oito horas, realizámos nova sessão, na qual estiveram presentes, além de mim e de Mme. Selenka, a Sra. e a Srta. Harper e uma senhora muito encantadora, cujo nome não soube identificar. Pouco depois do início da sessão, todos vimos Mr. Stead aparecer, mas por apenas dez segundos. Reapareceu de forma um pouco mais nítida, embora não tão claramente como me aparecera no dia 16. Essa foi a única manifestação de materialização da noite, mas como compensação tivemos manifestações vocais extraordinárias e diversas. Mr. Stead teve uma longa conversa com Mme. Selenka e uma breve comigo, recordando um episódio que, dois anos antes, ocorrera no seu escritório em Mowbray House. Em seguida, Miss Ada Mayell voltou a falar-me, dizendo-me, entre outras coisas, que sabia que as suas irmãs e sobrinha me tinham escrito, como ela desejava.

Depois dela, a minha própria mãe veio e falou comigo na nossa língua sérvia com enorme carinho. Mme. Selenka teve uma conversa muito comovente com o seu marido, o Professor Lorentz Selenka, da Universidade de Munique, e também com a sua mãe, falecida no ano anterior em Hamburgo; ambas as conversas foram em alemão. Um amigo de Mme. Selenka apareceu a cantar uma canção alemã e pediu-lhe que se juntasse a ele, como faziam nos velhos tempos — e ela cantou com ele. Depois, surgiu um irlandês, antigo oficial da marinha, que manteve uma conversa longa, alegre e até espirituosa com a senhora encantadora cujo nome desconheço, mas por quem parecia estar eternamente apaixonado.

Naturalmente, embora tenha ouvido claramente todas as conversas em alemão e inglês, não me compete relatá-las aqui. Nem mesmo a longa exposição feita por "Julia" sobre certas sugestões para manter a Cambridge House como centro de investigação psíquica em memória de Stead posso aqui reproduzir adequadamente. O que quero declarar publicamente é que estou profundamente grato pelo dom maravilhoso de Mrs. Wriedt, que me permitiu receber do meu inesquecível amigo William T. Stead uma prova convincente de que há vida após a morte, e que o espiritualismo é verdadeiro; e por me ter proporcionado uma alegria quase celestial ao ouvir as palavras afetuosas da minha querida mãe na nossa própria língua, bem como por ter recebido mais uma prova sagrada da continuidade da individualidade viva de uma das mulheres mais encantadoras, altruístas e generosas que conheci em toda a minha vida.

Royal Societies Club, St. James's, S.W.

Da autoria do Vice Almirante W. Osborne Moore

O génio versátil de W. T. Stead nunca foi aplicado a um propósito melhor, nem a um mais digno da mais elevada admiração, do que quando instituiu o "Gabinete da Júlia". Nenhum mortal jamais idealizou um plano mais sensato ou mais altruísta. Ele afirmava ser guiado a partir do próximo estado de consciência, e acredito que o era, pela sua amiga no mundo espiritual, Julia Aimes. A ideia geral era que homens e mulheres que desejassem entrar em contacto com os seus entes queridos já falecidos deveriam procurá-lo, registar os seus nomes e ser levados, de forma anónima, a médiuns que, provavelmente, os colocariam em contacto com aqueles de quem ansiavam notícias. Gratuitamente, estes visitantes recebiam consolo e podiam usufruir da biblioteca psíquica do Sr. Stead.

No que dizia respeito ao dinheiro, Stead era o "Gabinete da Júlia", e o "Gabinete da Júlia" era Stead. Tratou-se de uma experiência muito dispendiosa. Salvo pequenas contribuições insignificantes que recebeu, todas as despesas foram suportadas exclusivamente pelo fundador. Investiu milhares de libras neste projeto benevolente.

Foi um plano nobre e teve sucesso. Muitos homens e mulheres em sofrimento encontraram paz e conforto graças ao trabalho do gabinete; mas, como todas as iniciativas sustentadas por um único indivíduo, estava condenada a cessar quando o seu criador falecesse. Em 4 de Julho de 1912, o Gabinete cessou as suas atividades. Se algum filantropo surgisse com mil libras por ano para investir, o trabalho útil poderia continuar sob outras mãos. Infelizmente, neste plano de existência nada se pode fazer sem dinheiro, e não vejo qualquer hipótese de surgir a pessoa ou os fundos necessários.

O Sr. Stead tinha o hábito de realizar um serviço religioso semanal na sua casa de campo, com um pequeno círculo de amigos, entre os quais se encontrava um médium; este serviço era seguido por uma sessão espiritualista. A Júlia costumava manifestar-se de uma forma ou de outra. Mas essas reuniões das quartas-feiras à noite não constituíam, em si, o "Gabinete", embora fossem agradáveis para os poucos que nelas participavam. Eram apenas episódios de um plano muito mais amplo e abrangente de benefício para o público em geral. Esses pequenos encontros ainda poderão continuar, mas a grande obra de oferecer consolo a quem dele necessitava deixou de existir e há pouca esperança de que seja retomada.

No início de 1911, Stead escreveu-me, estando eu na América, a perguntar quem recomendaria como médium adequada para o "Gabinete da Júlia". Sabia exatamente o que ele procurava e indiquei a Sra. Wriedt, de Detroit, que, de facto, é a pessoa cujo dom é mais ativo e notório para o fim que ele pretendia alcançar. Ela veio para Inglaterra a seu convite, e, graças à sua mediunidade, foi possível realizar muito bem durante os dois meses e meio em que permaneceu. Voltou a ser convidada este ano, e concordou em vir por dois meses e regressar com o Sr. Stead. Na manhã de segunda-feira, 15 de Abril, ouviu a terrível notícia da perda do Titanic e dirigiu-se apressadamente para Nova Iorque, onde ficou alojada com amigos na 61.^a rua. Nessa altura, e até quarta-feira, dia 17, não se conhecia a extensão da catástrofe. Circulavam rumores e mensagens falsas via Marconi; só no dia 17 é que Nova Iorque aceitou que a maioria da tripulação e passageiros perecera. Recebi a seguinte carta na viagem de regresso do *Mauretania*, do anfitrião da Sra. Wriedt, datada de Nova Iorque, 23 de Abril de 1912:

"A Sra. Wriedt chegou de Detroit na manhã de terça-feira, 16, e deveria regressar com o Sr. Stead para Londres. O triste fim do pobre Sr. Stead foi um grande choque para ela e ficou muito desanimada. Numa sessão na noite da sua chegada, o Dr. Sharp deu-nos os pormenores completos do embate do Titanic com o icebergue; garantiu-nos também a passagem do Sr. Stead e deu-nos os nomes de muitas figuras proeminentes que pereceram com o navio. Na noite seguinte, quarta-feira, o Sr. Stead manifestou-se (apenas três dias após a sua morte). A sua articulação estava fraca, mas compreendemos o que disse; a sua presença foi breve. Na noite seguinte, quinta-feira, voltou a manifestar-se com articulação e personalidade muito mais fortes, e contou pormenores da sua passagem. Na noite

seguinte, sexta-feira, voltou a aparecer, desta vez muito claro e forte, e voltou a contar em detalhe a sua experiência... Pediu expressamente que a Sra. Wriedt fosse a Londres cumprir o seu compromisso, o que ela está agora prestes a fazer."

Na sexta-feira, este senhor telegrafou-me a pedir instruções e, no domingo, dia 21, indiquei que a Sra. Wriedt devia viajar, assumindo eu próprio a responsabilidade financeira e logística da visita. Os senhores e senhoras que tinham garantido ao Sr. Stead o financiamento da iniciativa, como esperava, apoiaram cordialmente a minha decisão. A médium chegou a Wimbledon no domingo, 5 de Maio. Foram feitos os devidos arranjos para os seus horários de sessões, momentos de descanso e lazer, e realizaram-se sessões durante nove semanas, terminando na sexta-feira, 5 de Julho.

Os resultados desta visita foram, no geral, satisfatórios. Houve mais demonstrações de poder do que no ano anterior, e muito bem foi realizado; porém, durante o mês de Junho, houve muitas sessões sem resultados, devido, na minha opinião, ao facto de a Sra. Wriedt, contra a minha expressa vontade, ter realizado sessões para amigos seus durante os períodos que eu tinha destinado ao seu descanso e diversão. Verifiquei que era praticamente impossível impedir essas práticas irregulares; qualquer tentativa de contrariar a vontade da médium resultava num ambiente desagradável e em "más condições" espirituais.

As minhas próprias falhas foram muito poucas; nada mais do que seria de esperar (a última sessão foi a melhor), mas acompanhei de perto tudo o que se passava em Cambridge House e tive conhecimento de várias desilusões, embora nenhum dos participantes me tenha feito qualquer queixa. Pareciam compreender que, em todos estes casos, a médium ficava tão desapontada quanto eles, e que esses "falhanços" eram, aliás, uma prova da sua genuinidade. Quanto à honestidade absoluta de tudo o que se passava na sala de sessões, nunca ninguém levantou a menor dúvida. Enquanto responsável pelos fundos dos apoiantes, apenas lamento que muitos visitantes ocasionais tenham usufruído de sessões com a Sra. Wriedt sem terem contribuído em nada para a sua vinda nem para a sua estadia.

Proponho-me agora relatar algumas das sessões com este instrumento privilegiado das forças superiores — o suficiente para demonstrar aos leitores o valor do seu dom único, que não perdeu qualquer fulgor e que espero continue por muitos anos. Começarei por fazer um breve resumo das minhas próprias experiências a sós com a Sra. Wriedt, na escuridão.

Costumávamos sentar-nos a alguma distância um do outro; inclinando-nos para a frente tanto quanto possível e estendendo o braço direito ao máximo, conseguíamos apenas tocar as mãos. Não me recordo de termos estado mais próximos do que isso. Quando a sessão começava, sentávamo-nos direitos nas cadeiras, numa posição confortável; um trompete, com a boca virada para baixo, ficava no chão entre nós; havia muitas flores em taças e jarras de cada lado.

Geralmente, em menos de cinco minutos começavam a ouvir-se vozes, e a conversa podia durar entre trinta e cinquenta minutos. Muitas vezes, havia belíssimas luzes espirituais e eterealizações — ou seja, cabeças e formas luminosas, embora sem traços visíveis. Quando

o quarto me parecia completamente escuro, os fenômenos eram fracos; quando, com a minha visão parcialmente clarividente, via o ambiente mais claro e nuvens psíquicas, a sessão era sempre boa.

A minha guia aparecia sempre como um fantasma, mas nem sempre conseguia falar. Era curioso vê-la afastar-se de mim para a médium ou para as flores para ganhar força e depois voltar. Era evidente que as formas não eram alucinações minhas, pois moviam os braços e cruzavam-se umas com as outras. Depressa percebi que Iola tinha desenvolvido um novo poder. Podia aparecer-me sem ser vista pela médium, e falar comigo sem usar o trompete e sem que uma única palavra articulada fosse ouvida pela Sra. Wriedt.

Eu conseguia perceber as palavras, que pareciam vir de cerca de quinze centímetros do meu ouvido; mas a Sra. Wriedt não ouvia nada, ou apenas um ligeiro som sibilante. Por outro lado, a médium via frequentemente luzes e formas espirituais que eu não conseguia ver. Tudo isto mostra que os nossos amigos do outro lado podem apresentar apenas uma "metade escura" e manifestar-se apenas àqueles a quem desejam ser vistos ou ouvidos.

Vários dos meus familiares vieram falar comigo através do trompete, mas apenas um ou dois amigos se manifestaram. A principal comunicadora foi Iola, que me transmitiu muitas verdades novas e demonstrou uma memória extraordinária de acontecimentos que abrangeram um período de quarenta a cinquenta anos. Recordou-me circunstâncias ocorridas durante as minhas viagens pela Austrália, revelando familiaridade com numerosos eventos que só aconteceram quatro anos após a sua morte. Não os relatarei aqui, pois não interessariam aos leitores.

Um aspeto das conversas com os meus familiares merece ser assinalado. Em cerca de vinte ocasiões, referiram-se a uma amiga minha que se encontra numa instituição para pessoas com perturbações mentais. Espero que o seu sofrimento seja apenas temporário; mas, quer seja passageiro ou permanente, é evidente que a decisão de a manter separada dos filhos por um período prolongado é a mais sensata. Agir de outro modo seria correr o risco de uma tragédia. As crianças estão atualmente ao cuidado dos familiares mais próximos, bem tratadas e felizes, vendo o pai com frequência, que também visita a esposa sempre que a sua profissão o permite.

Nenhum homem sensato poderia adotar outro curso que não este, que ele foi forçado, com relutância, a seguir. No entanto, os espíritos do outro lado têm tentado influenciar-me para convencer os familiares da senhora a devolvê-la ao convívio com os filhos. Aparentemente, tudo o que esses espíritos conseguem ver e sentir é uma compaixão divina pela doente; as precauções de bom senso que nós reconhecemos com clareza nada significam para eles; qualquer coisa que se assemelhe a firmeza ou severidade repugna aos seus pensamentos.

Para mim, isto é inexplicável, mas constitui uma lição útil. Não nos é destinado, enquanto neste plano, reger as nossas vidas com base em conselhos de quem está no outro estado de existência; eles desconhecem todas as circunstâncias e apenas sentem compaixão e bondade para com os que sofrem. Aparentemente, são incapazes de compreender que

existem situações, na nossa realidade, em que a severidade é, na verdade, bondade e verdadeira sabedoria.

Surpreendeu-me que Grayfeather, o velho chefe indígena curandeiro, fosse igualmente indulgente. A insistência dele e dos meus familiares pode ser comparada à história do Sr. Dick em *David Copperfield*, com a repetição constante da cabeça de Carlos I. Perguntei ao meu parente A., ele próprio médium, o que achava de tudo isto. Respondeu: "Bem, o que pensas que aconteceria se a Sra. — fosse colocada ao comando de um navio de guerra?" É uma analogia justa.

A senhora em questão é notável pela sua simpatia, altruísmo e espiritualidade. Com certeza, se fosse colocada numa situação tão absurda como a mencionada, não haveria punições; os crimes e faltas à disciplina ficariam impunes; e, no máximo em três meses, o navio estaria em motim.

Esta pequena experiência destrói por completo a teoria excessivamente esticada de que é o nosso subconsciente que está na origem das informações que recebemos por via mediúnica. Todas as manifestações destes espíritos sobre a questão da devolução das crianças à mãe enferma são contrárias ao meu juízo. Não tenho a menor intenção de as considerar seriamente, nem de intervir com conselhos junto do marido, que age no melhor interesse da esposa e dos filhos.

Durante a estadia da Sra. Wriedt como nossa convidada, Grayfeather — o guia espiritual do médium de materialização J. B. Jonson, de Toledo, Ohio — foi visitante frequente. Só se manifestou uma vez, tanto quanto sei, sem que eu estivesse presente. Perguntei-lhe um dia: "Grayfeather, podes ir ter com os meus amigos, o Coronel L. e o Major e a Sra. R., na próxima terça-feira às oito da noite?" Ele respondeu: "Tu vais, Chefe?" Disse-lhe que não, e ele replicou: "Só vou quando tu estás.

Não venho para fazer rir, venho para fazer o bem." Respondi-lhe que ele faria bem indo ter com os meus amigos, ao que ele concluiu: "Entendo." Na manhã de terça-feira repeti o pedido: "Espero que vás ter com os meus amigos esta tarde, Grayfeather." Voltou a resmungar "Entendo." Nessa noite, a Sra. R. teve a amabilidade de me escrever relatando a sessão, na qual Grayfeather se manifestou, gritando: "Chefe Usborne mandou-me: o que querem?"

Teve uma conversa amistosa com o círculo e depois partiu. Durante os últimos dois meses, o velho indígena disse-me repetidamente que está a tratar da senhora doente que mencionei acima "no topo da cabeça" e que me tem magnetizado várias vezes para que eu esteja apto a fazer sessões com frequência. Não duvido que tenha sido magnetizado muitas vezes, pois participei em sessões seis vezes por semana durante três períodos, com alguns intervalos, sem sentir fadiga digna de nota. Só espero que ele tenha sido igualmente bem-sucedido com a paciente.

No que toca às "condições", as melhores, naturalmente, davam-se com tempo seco e quando os participantes estavam em harmonia. A chuva tinha sempre um efeito deprimente, e as vozes eram fracas na sala. Quando as condições eram ideais, as vozes soavam ao nível

ou acima das nossas cabeças; quando eram más, e os espíritos não conseguiam extrair energia das gargantas dos presentes, as vozes falhavam, e recorriam a fenómenos físicos mais grosseiros. Estes consistiam em movimentos de uma pequena mesa e de grandes jarros de flores, flores retiradas das jarras e oferecidas aos participantes, cadeiras derrubadas — tudo feito silenciosamente.

John King (o antigo Sir Henry Morgan) era muito ativo a ajudar nas manifestações. Diria que era o "guia principal" em Cambridge House. O Dr. Sharp (guia da própria Sra. Wriedt) aparecia com frequência e falava em voz alta e clara; as suas visitas eram mais comuns quando estavam presentes pessoas que o conheciam e que tinham falado com ele na visita mediúnica do ano anterior.

Antes de terminar o meu breve registo das sessões privadas com a Sra. Wriedt, devo referir duas sessões bastante curiosas do ponto de vista da prova. Uma Sra. H. teve uma sessão privada num determinado dia, que considerou insatisfatória porque nenhum dos seus familiares conseguiu identificar-se claramente. No entanto, Iola (que ela nem esperava nem desejava ver) apareceu e enviou uma mensagem privada e significativa à irmã, que, segundo afirmou, era amiga da Sra. H. (o que era verdade).

Na manhã seguinte, tive eu uma sessão privada. Após a visita de alguns familiares meus, ouviu-se uma voz: "Almirante, sou o sobrinho da Sra. H." Deu então corretamente o seu nome próprio e apelido, e expressou grande pesar por não ter conseguido dar-se a conhecer claramente à tia no dia anterior; pediu que eu lho comunicasse. Usou uma expressão que confirmou a sua identidade sem sombra de dúvida. Ao informar a senhora, soube que era precisamente esse parente que ela esperava que se manifestasse na sessão. Conheci esse espírito ainda em vida; faleceu há doze anos.

É muito raro a minha guia manifestar-se a estranhos na minha ausência. Só o fez três vezes em Inglaterra, e quatro vezes na América (através de outro médium). Em cada uma dessas sete ocasiões houve um motivo especial; em quatro delas, a meu pedido.

Durante esta visita de 1912, não participei em sessões com luz com a Sra. Wriedt, embora muitos dos financiadores o tenham feito. Já o fiz tantas vezes, como experiência científica, que me pareceu desnecessário. As sessões na escuridão são melhores em todos os aspetos, devido às extraordinárias luzes, eterealizações e formas fantasmagóricas; as vozes são mais numerosas e mais claras.

Passo agora a relatar algumas das sessões realizadas às quartas-feiras, geralmente conhecidas como "os círculos da Júlia".

Manifestações do Sr. Stead

A primeira manifestação de W. T. Stead em Cambridge House, Wimbledon, a sua residência de campo em vida, deu-se às 11h30 da manhã de 6 de Maio, quando eu estava a sós com a Sra. Wriedt numa sessão às escuras. Este fenómeno foi referido no vosso jornal na edição de 18 de Maio (p. 239 de *Light*, 1912), bem como no artigo de Miss Estelle Stead, na edição de Julho da revista *Nash's*. Na mesma noite, foi organizado um encontro do

Círculo da Júlia para dar as boas-vindas à Sra. Wriedt; Miss Stead esteve presente e registou brevemente o que viu e ouviu do pai, conforme publicado na revista.

O primeiro espírito a manifestar-se foi o Cardeal Newman, que recitou uma bênção em latim; o Dr. Sharp deu-se a conhecer em voz alta e clara; seguiu-se Grayfeather; depois o Sr. Stead; a seguir, o filho de dois dos participantes e Iola. Por fim, o Sr. Stead voltou a manifestar-se.

A sessão durou uma hora e um quarto e foi repleta de acontecimentos. A voz do Cardeal foi ouvida no instante em que as luzes foram apagadas. Pelo menos quarenta minutos foram ocupados com o Sr. Stead a falar com a filha. Não pude deixar de ouvir cada palavra. Foi a conversa mais dolorosa e, ao mesmo tempo, a mais realista e convincente que alguma vez presenciei durante as minhas investigações.

Na sua primeira manifestação, veio sobretudo dar instruções à filha sobre a disposição dos seus documentos pessoais. Miss Estelle estava naturalmente muito emocionada, e o seu sofrimento acabou por afetar o pai, que soltou um grito — "Oh meu Deus!" — e deixou cair o trompete, que bateu no chão com estrondo. Na segunda manifestação, já no final da sessão, foi mais calmo; desta vez, o espírito foi bastante ajudado pelo Dr. Sharp, que por vezes interpretava o que ele queria dizer.

Na quarta-feira, 8 de Maio, os membros do Círculo da Júlia voltaram a reunir-se. Desta vez, o Sr. Robert King fazia parte do grupo, e sentou-se, como sempre fazia quando a Sra. Wriedt estava presente, em frente a ela, a cerca de dois metros e meio de distância. Relato estes encontros com algum detalhe porque, de forma geral, os participantes eram sempre os mesmos e ocupavam os mesmos lugares. A história da investigação psíquica tem mostrado que isso contribui para os melhores resultados.

Só assisti a estes encontros quando a Sra. Wriedt estava presente, e nunca presenciei uma sessão sem manifestações. Algumas foram melhores do que outras, sem dúvida devido a melhores condições atmosféricas e, em parte, à presença do Sr. Robert King, cujo dom mediúnico contribuiu significativamente para os resultados obtidos através da médium americana. Todos os membros do Círculo da Júlia tinham capacidades mediúnicas, com exceção de três homens.

A sessão foi muito boa. Poucos segundos após as luzes serem apagadas, os fenómenos começaram e duraram, sem interrupção, durante uma hora e quarenta minutos. Pelo menos quinze espíritos diferentes identificaram-se junto dos seus amigos, e havia uma entidade desconhecida a comentar os acontecimentos debaixo de uma cadeira. Durante cerca de uma hora, um espírito bateu-me nas costas com um trompete, de tempos a tempos (o Sr. King descreveu-o como um homem alto e corpulento); ouvia-se o som de madeira a ser serrada no fundo da sala, a cerca de três metros fora do círculo.

A meio da sessão, apareceu W. T. Stead, a falar em voz alta, insistindo para que as sessões da Júlia continuassem. Disse: "Minhas senhoras e meus senhores, proponho que estas sessões sejam mantidas, pelo menos enquanto a Sra. Wriedt estiver aqui. Quem estiver a favor, levante a mão. Se for necessário dinheiro, eu trato disso." (Pausa.)

"Almirante Moore, o senhor não levantou a mão." (Escurecimento total.) Para lhe agradecer, levantei então a mão; a minha cabeça foi atingida duas vezes com o trompete. A voz continuou: "Também eu fui atingido nesta sala da mesma maneira."

(Devo aqui explicar que as reuniões da Júlia implicavam um pequeno custo adicional. Na altura, não via forma de cobrir essa despesa e desencorajei a ideia. Mas, durante as três semanas seguintes a esta sessão, começaram a chegar donativos de interessados em participar, e tornou-se claro que não haveria dificuldade; o montante final recebido excedeu em um quarto o valor estimado, permitindo-me oferecer à médium um presente substancial, vindo dos financiadores.

Quanto à alusão do meu amigo a ter sido atingido na cabeça no ano anterior, a história foi esta: numa noite, Stead apareceu determinado a ser muito científico; mandou pintar as extremidades largas de dois trompetes com tinta luminosa. Assim foi feito, e os trompetes foram colocados no centro do círculo. As luzes foram apagadas, Stead segurou ambas as mãos da Sra. Wriedt, e a sessão começou. Um dos trompetes começou a subir, mas, em vez de emitir uma voz, foi lançado à cabeça dele, atingindo-o com força.

O segundo trompete teve comportamento semelhante. Stead ficou moderadamente indignado e exclamou: "Isto para mim! Levem esses trompetes e lavem-nos." Depois de limpos e colocados de novo no círculo, os fenómenos continuaram como de costume e a sessão foi satisfatória.)

Seguiu-se uma longa conversa por parte dos espíritos sobre a continuidade do trabalho do Gabinete da Júlia como homenagem adequada ao Sr. Stead, e todos os membros do círculo, exceto eu, expressaram aprovação em coro. Como era certo que nem um quinquagésimo da quantia anual necessária poderia ser angariado por aqueles presentes — sendo que o valor mais modesto estimado rondava as mil libras por ano — pareceu-me uma proposta fútil; tão pouco aqueles no outro estado de existência compreendem os factos materiais da vida terrena.

As senhoras presentes exclamavam: "Sim, querido chefe, assim será feito", e coisas do género. Apesar do meu respeito pelo Sr. Stead, nunca o considerei como meu "chefe", pelo que me mantive em silêncio, sabendo bem que o "Gabinete" estava extinto.

Grayfeather apareceu e fez-se reconhecer por cada um dos presentes; Dr. Sharp, como de costume, em voz clara, alta, no seu melhor. O Cardeal Newman manifestou-se, bem como Iola. Um Almirante St. C_ dirigiu-se a mim, dizendo que tinha estado presente enquanto eu conversava com um amigo em Southsea, referindo o nome do homem e recordando pormenores da conversa (todos verdadeiros).

Cada membro do círculo recebeu algum tipo de prova. Por duas ou três vezes, ouviram-se três vozes espirituais a falar em simultâneo. O Capitão do Titanic manifestou-se e, através do Dr. Sharp, assumiu total responsabilidade pela catástrofe. O Dr. Sharp explicou que o Sr. Stead não conseguiria eterealizar-se naquela noite. Júlia dirigiu-se ao círculo. Miss Estelle não estava presente nessa ocasião.

Posso dizer que os discursos de Stead, sempre que aparecia, eram muito característicos. Ninguém que os ouvisse, e tivesse tido o privilégio de o conhecer em vida, poderia duvidar de que era ele quem falava.

Quarta-feira, 15 de Maio. Círculo da Júlia. Estava presente um estranho, médico, muito interessado na investigação psíquica. Era bem conhecido da médium, que lhe pediu para se sentar ao seu lado. Como de costume, os fenómenos começaram rapidamente e continuaram ao longo de toda a sessão com poucas interrupções. Dois espíritos vieram falar com o médico. Um deles era uma senhora que ele tratara no ano anterior. O Dr. Sharp ajudou-a a identificar-se, e disse: "Ela quer fazer-lhe uma pergunta." Uma voz perguntou: "Doutor, recebeu os seus honorários?" e acrescentou que a falecida estivera preocupada com isso.

O médico contou-me depois que se tratava de uma prova notável. Antes de uma operação, tinha feito um acordo especial com esta pobre senhora, cujos meios financeiros eram muito limitados, aceitando um valor bastante reduzido. Após a sua morte, por um mal-entendido de um dos testamentários, a fatura foi contestada e o pagamento adiado; chegou mesmo a ser-lhe pedido que reduzisse ainda mais o valor, o que recusou. Acabou por receber a quantia acordada, juntamente com desculpas. Agora, a senhora, falando-lhe do outro lado, perguntava sinceramente se a dívida tinha sido paga. Ele tranquilizou-a, e ela retirou-se após breve conversa, visivelmente aliviada.

O outro espírito era estrangeiro e pediu ao médico que fizesse algo pelo seu irmão. Identificou-se claramente, e não houve ambiguidade no pedido. Dr. Sharp interveio, dizendo: "Não o faças; se as pessoas nascem com cinco sentidos e só usam quatro, não podes fazer nada com elas." O médico disse-me que compreendeu perfeitamente a mensagem e considerou válido o conselho.

O Sr. Stead falou, deu as boas-vindas ao médico no círculo, e saudou-me a mim e aos outros presentes. Iola manifestou-se e dirigiu algumas palavras a todos. O filho da Sra. Anker apareceu, falando em norueguês; bem como o seu sogro, que ela nunca conhecera em vida. Sentado ao lado da Sra. Anker, ouvi claramente a voz da criança. A capa de uma senhora sentada em frente a mim, a cerca de metro e meio de distância, foi retirada do encosto da sua cadeira e lançada sobre as costas da senhora à minha esquerda e sobre o meu braço esquerdo. Muitos amigos espirituais dos participantes falaram durante a noite. Por vezes, duas ou três vozes falavam ao mesmo tempo.

Quarta-feira, 22 de Maio. Um ou dois minutos após as luzes se apagarem, uma forma branca apareceu diante de mim e foi sentida pela senhora à minha esquerda. A Sra. Wriedt disse: "Está aqui alguém com o nome de ——" Era o apelido de um militar, amigo meu, que morreu há cinco ou seis anos após longos sofrimentos. Pedi-lhe que falasse, mas não conseguiu. (Mais tarde, veio falar comigo numa sessão privada, durante algum tempo. Para mim, houve um significado especial no facto de se dar a conhecer naquele momento.)

O Cardeal Newman manifestou-se e proferiu uma bênção em latim. O filho da Sra. Anker voltou a falar com ela no seu idioma. Três ou quatro amigos de diferentes participantes

manifestaram-se, depois dos quais Grayfeather falou em tom alto e animado.

Perguntas e respostas:

"Constroem casas do outro lado? Precisam de dormir?"

"Não; não fechamos os olhos, estamos sempre acordados."

"Cansam-se?"

"Não nos cansamos, porque não caminhamos com ossos."

"Precisam de comer?"

"Onde é que eu ia pôr isso?"

O índio disse à Sra. Wriedt que o seu marido, em Detroit, Michigan, escorregara nos degraus da entrada de casa e torcera o tornozelo. (Uma carta recebida um mês depois confirmou esta informação.) Deu também boas provas a quatro membros do círculo. Em várias ocasiões, os espíritos cantaram através do trompete ou juntaram-se quando nós cantávamos. Iola veio até mim, mas não conseguiu falar. Não foi vista pelas senhoras à minha direita e esquerda. Nem Júlia nem Stead se manifestaram. Para uma sessão de quarta-feira à noite, esta foi inferior.

Quarta-feira, 29 de Maio. O Dr. Sharp apareceu primeiro e saudou todos os membros do círculo. A Sra. Wriedt queixou-se amargamente de que nenhum dos seus familiares se manifestava. Perguntou ao Dr. Sharp se não podia trazer o pai dela. Era galês e tinha muitos parentes neste país. Sharp respondeu: "Direi o que dissesse", mas não prometeu nada.

William Stead Jr., que faleceu vários anos antes do pai, apareceu e falou com a irmã, que afirmou reconhecer a voz como a mesma que ouvira no ano anterior. Corroboro a afirmação de Miss Estelle. Há algumas vozes espirituais que nunca mudam, e a dele é uma delas. Já conversei com ele muitas vezes; a voz e a forma de falar são sempre idênticas. É um excelente comunicador. Em vida, não acreditava no Espiritualismo.

Grayfeather entrou com estrondo: "Eu aqui! Muito feliz por ver-vos!" (Trompete bateu no chão). Cumprimentou cada um dos participantes individualmente, prestando atenção especial a Miss Estelle, e lançou o trompete fora do círculo. Sir Henry Irving manifestou-se durante um minuto, dizendo, na mesma voz do ano anterior: "Está bem, está bem", e cantou alguns versos de uma canção. Foi seguido por três espíritos, que vieram falar com diferentes participantes e foram identificados.

Relatei ao círculo um fenómeno curioso que presenciei na manhã anterior: o trompete foi duas vezes retirado do chão e, de forma silenciosa, colocado exactamente no mesmo local. Da primeira vez, a Sra. Wriedt pensou que eu talvez o tivesse falhado ao passar a mão no escuro. Sabia que era altamente improvável, pois estava a cerca de 15 cm de uma mesa e a ponta pequena estava a 7 cm acima dela — a mesa servia-me de referência. Na segunda experiência, demos as mãos (o que só conseguíamos fazer esticando os braços ao máximo), passámos a mão em direção à mesa, tocámo-la, baixámos os braços cerca de 45 cm e

varremos um arco de aproximadamente 40 graus. Nada de trompete! Quando as luzes se acenderam, lá estava ele, no exato local onde o encontrara da primeira vez. O trompete está sempre húmido por dentro, e apenas um anel húmido era visível no chão, coincidente com a borda da boca do trompete. Dadas as nossas posições, era absolutamente impossível não tocar em qualquer objeto nesse arco.

Uma voz, Iola: "Desmaterialização é suspensão. Foi suspenso fora do alcance e da vista." — "O que queres dizer? Não havia questão de vista, estávamos no escuro."

Iola: "Lembras-te de um trompete ter caído várias vezes do teto?" [Correto. Vi esse fenómeno pelo menos oito vezes.] "Isso é desmaterialização; a luz era tão forte que ele caiu." [Sempre aconteceu no instante em que as luzes se acendiam.] "Isto é suspensão. No nosso caso de ontem de manhã, o trompete foi levantado; não chegou a ser desmaterializado."

"Estava exatamente no mesmo lugar quando acendemos as luzes. Foi apenas levantado fora do nosso alcance ou foi desmaterializado?"

Iola: "Desmaterializado."

O Dr. Sharp interveio e deu uma explicação quase com as mesmas palavras da minha guia. Não percebi nada — e, aliás, raramente compreendo quando os espíritos tentam explicar como são realizados estes fenómenos físicos misteriosos. Parece que não conseguem usar termos que os mortais entendam. Não valia a pena continuar com o assunto.

Um casal foi visitado pelo seu filho, que falou com eles durante vários minutos. A senhora à minha esquerda conseguiu entrar em contacto com o jovem Brailey, que se afogou no Titanic. Em seguida, a Sra. Anker, à minha direita, foi visitada por uma distinta escritora norueguesa, com quem conversou durante algum tempo na sua língua materna.

A Sra. Anker contou-me que a última vez que viu essa senhora em vida foi em Roma, e que lhe era muito querida. Acrescentou: "Acabei de lhe perguntar se conhecia o meu marido [no mundo espiritual], e ela respondeu: 'Sim, sim; ele está aqui agora!' Escrevi sobre ela na Noruega após a sua morte." Tudo o que consegui perceber na conversa do espírito foram as palavras "Ella Anker, Ella Anker", ditas com grande ternura.

A Sra. Wriedt disse: "Sinto algo estranho na cabeça. Preciso de sair." E ausentou-se da sala por alguns minutos. Percebi que havia absorvido a condição de morte do espírito que acabara de falar com a minha vizinha. Quando regressou, o Dr. Sharp fez um discurso sobre os costumes em desenvolvimento dos faquires na Índia, em voz clara e alta, de tal forma que se ouvia fora da sala. Falou durante vários minutos, e terminou com: "Lembrem-se, amigos, isto não é para publicação."

O guia espiritual prosseguiu dizendo que a maioria dos mortais não desenvolveu as suas células cerebrais, referindo-se depois ao desenvolvimento superior de homens distintos como o Sr. Stead. Esforcei-me por acompanhar o discurso, mas não consegui, tal como os restantes participantes. A articulação era perfeita, mas não conseguia explicar o seu significado, nem responder às perguntas dos presentes de forma compreensível. A voz era firme e suficientemente alta para ser ouvida no piso inferior; falou, no total, durante cerca

de trinta minutos. A seguir, Julia manifestou-se e saudou a Srta. Estelle Stead e todos os membros do círculo.

Quarta-feira, 5 de Junho: Não estive presente.

Quarta-feira, 12 de Junho: As condições atmosféricas eram más. Assim que as luzes se apagaram, vi uma forma branca aproximar-se de mim. Iola sussurrou por um ou dois segundos: "Deixaste cair uma flor." A senhora à minha direita não viu a forma, mas a senhora à minha esquerda sentiu uma presença e ouviu as palavras; teve a amabilidade de apanhar do chão a flor trazida pelo espírito. O Dr. Sharp deu-se então a conhecer e cumprimentou cada participante pelo nome.

Em seguida, Grayfeather exclamou: "Eu aqui! Eu aqui! Muito feliz por vir até ao grande chefe do outro lado do oceano." Nessa manhã, o índio tinha vindo a um círculo privado meu e dirigiu-se a uma senhora idosa ao meu lado, que usava um broche de turquesa, perguntando-lhe em que mês tinha nascido. Ela respondeu "Fevereiro"; ao que ele disse: "Turquesa não serve para Fevereiro." Por isso, parecia apropriado perguntar-lhe, nessa noite, que pedras preciosas representavam os meses do ano.

As suas respostas às várias perguntas foram: Março — olho-de-gato; Setembro — pedra-da-lua; Junho — topázio; Dezembro — turquesa; Abril — ametista. Não conseguimos perceber muito mais. Depois teve conversas interessantes com as senhoras à minha direita e esquerda sobre as suas ocupações; elas acharam o seu conhecimento notável. Durante todo este tempo, uma segunda voz fazia comentários a partir do chão, não muito longe do Sr. King, e, ocasionalmente, surgia uma terceira voz.

A voz que associamos a Sir Henry Irving falou: "Está bem, está bem." Mas não conseguimos entender o que queria dizer.

O filho de dois participantes manifestou-se e conversou com os pais durante alguns minutos. William Stead Jr. falou longamente com a irmã e marcou um encontro com ela e outro irmão para uma sessão privada na semana seguinte. Grayfeather voltou e fez uma profecia a um dos presentes sobre um amigo seu, dizendo que este sofreria um acidente de automóvel dentro de um ou dois meses se não tivesse cuidado. A descrição do homem (que conheci mais tarde) foi excelente. Depois ouvi uma voz junto ao chão, perto dos meus pés. Era claro que o espírito queria falar comigo, mas as palavras não eram perceptíveis.

Grayfeather disse: "Lembras-te, chefe, de quando foste nas tuas viagens às Ilhas Line? A primeira ilha onde desembarcaste para uma grande reunião, encontraste um homem alto com bigode preto; ele não era negro. Quando voltaste, já não havia badalo no sino do navio. Procuraste saber quem o tinha tirado, mas ninguém disse nada."

Almirante Moore: "Tenho uma vaga lembrança de o badalo do sino do navio ter sido removido, Grayfeather, mas não consigo recordar claramente. Vou perguntar aos meus colegas oficiais."

Dr. Sharp: "Desembarcaste e foste à casa de reuniões, e foi então que aconteceu. Este homem aqui [espírito] foi quem o fez. Fez isso com um propósito."

Almirante Moore: "Foi uma viagem muito curiosa." Dr. Sharp: "Tiveste de ter muito cuidado, e foi um milagre teres regressado. Estavas rodeado de traições, à frente e atrás de ti."

No dia seguinte, perguntei a um capitão da Marinha que servira comigo durante vários anos. Riu-se e disse: "Lembro-me de ouvir dizer que isso aconteceu quando comandavas o Dart, mas não quando eu estava contigo." Estou agora a investigar mais. O certo é que, há vinte e nove anos, comandeí um navio que fez duas longas e difíceis viagens entre ilhas remotas do Pacífico, próximas do Equador; durante essas viagens, enfrentei dificuldades pouco comuns (bem descritas pelo Dr. Sharp); e visitei várias casas de reunião dos polinésios. Infelizmente, o primeiro-tenente do Dart já faleceu; mas espero descobrir mais sobre o assunto e, se conseguir, relatarei numa carta futura.

Uma voz: "Energia a subir, energia a descer."

Julia apareceu então e falou brevemente com a Srta. Estelle e os membros do círculo, numa linguagem refinada, terminando com: "Doce descanso para todos, boa noite."

Quarta-feira, 19 de Junho: Os membros do círculo da Júlia reuniram-se na sala de estar, onde observaram uma fotografia tirada nesse dia, no escuro, por uma senhora. A imagem é indiscutivelmente de origem psíquica. Mostra uma cabina com a porta aberta e aparentemente partida, uma vigia, cordas penduradas, e, em contraste com a vigia, um rosto muito semelhante ao de W. T. Stead.

Depois, subimos para a sala de sessões. A médium apagou as luzes, e antes de voltar a sentar-se, já se ouvia a voz do Dr. Sharp. Cumprimentou os presentes pelo nome e conversou com três deles em voz clara. Outros espíritos manifestaram-se. Um deles foi Wilbur Wright, o aviador, que falou com a Sra. Wriedt por alguns instantes; depois Grayfeather, que gritou: "Eu aqui, eu aqui! Como está, chefe do outro lado do grande oceano? Muito contente por teres recebido a carta." Almirante Moore: "Recebi uma carta do Sr. — [anfitrião da Sra. Wriedt em Nova Iorque] hoje."

Grayfeather: "Recebeste o teu rabisco da pequena squaw?" [referindo-se à minha esposa]. Almirante Moore: "Ainda não, mas espero recebê-lo esta noite." [E recebi, de facto.] O índio dirigiu-se a outro participante e partiu.

Depois surgiu outro espírito indígena — parecia ser uma rapariga, pela voz; ouvimos esta voz no ano anterior. Almirante Moore: "És tu, Mimi? Que idade tens?" Mimi: "Duzentos anos! Miss Scatcherd [dirigindo-se à senhora à minha esquerda], vou brincar com os teus colares." [A senhora tinha alguns colares consigo.] Mimi falou durante alguns minutos, muito claramente; a voz estava próxima de mim e, por vezes, acima da minha cabeça.

O espírito de um jovem manifestou-se aos pais e deixou também uma mensagem a um participante próximo. Uma flor do vestido da mãe foi levada até outro participante. Os membros do círculo cantaram, e uma voz juntou-se através de um trompete. Iola falou comigo e depois dirigiu um pequeno discurso aos participantes. Imediatamente a seguir, manifestou-se o Sr. Stead, que falou rapidamente com a filha sobre assuntos privados e

disse, em relação à biografia que seria escrita pelo seu secretário particular: "Quero que seja feita como eu quero. Quero que a Edith a escreva como eu desejo." Um dos presentes comentou: "Ele está com pressa." W. T. Stead: "Alguma vez me viram fazer as coisas com calma?" Todos responderam "Não!" em uníssono. W. T. Stead: "Como está, Almirante?"

Almirante Moore: "Deliciado por voltar a ouvi-lo." Seguiram-se algumas palavras finais à filha. Almirante Moore: "Pode falar-nos sobre a fotografia?" W. T. Stead: "A fotografia representa, o mais próximo possível, o que aconteceu no Titanic." Almirante Moore: "É a porta da tua cabina?" W. T. Stead: "Sim, e a vigia."

Uma voz junto ao chão queixava-se, repetidamente, de que lhe tinham tirado o trompete.

Outro espírito falou inteligentemente com a senhora à minha esquerda; uma mão masculina foi colocada na da Sra. Anker. Ela contou-me, depois da sessão, que era a mão do seu marido.

Julia manifestou-se, como era hábito para encerrar a sessão, e falou com palavras elogiosas sobre o Sr. Stead. Enquanto falava, ouviu-se um grito: "Vitrais, Julia." Esta última intervenção do Sr. Stead foi, para mim, a prova mais marcante da sessão. Em vida, era rodeado por um grupo de mulheres que o adoravam pela sua bondade. Quando alguma lhe fazia um elogio, ele respondia com bom humor: "Vitrais."

Quando se acenderam as luzes, um vaso com lírios que estava numa mesa pequena foi encontrado no centro do círculo, a mais de um metro do local onde se encontrava no início. Os fenómenos decorreram praticamente sem interrupções durante quase duas horas.

Quarta-feira, 3 de Julho: Despedida da Sra. Wriedt. Assim que as luzes se apagaram, o Dr. Sharp saudou todos os presentes. Viram-se inúmeras luzes espirituais, um clarão no teto da sala e uma eterealização parcial — uma cabeça iluminada com um tecido branco por baixo, mas sem feições visíveis. Uma voz, Iola: "Era o Sr. Stead." Combinei com ela um encontro para sexta-feira, 5 de Julho; depois dirigiu algumas palavras ao círculo e partiu. Muitos espíritos manifestaram-se aos seus amigos.

O destaque da noite foi a conversa clara de uma jovem índia que se identificou como "Blossom". Deu provas a pelo menos metade do grupo. Uma participante insistiu para que ela soletrasse o nome de um espírito que tentara comunicar pouco antes. Blossom tentou, falhou e disse (aparentemente a alguém ao fundo): "Vem cá e fala tu mesmo", o que provocou uma gargalhada geral.

Grayfeather apareceu por um breve período e disse-me que eu tinha recebido uma carta de um amigo na América (o que era totalmente correto; tinha-a recebido no dia anterior). W. Stead Jr. falou longamente com a sua irmã Estelle. Pedi-lhe que transmitisse as minhas mais cordiais saudações ao seu pai. Ele respondeu: "Ele ouve-o, Almirante." Julia manifestou-se por fim, como era seu hábito, e proferiu um discurso de despedida à Sra. Wriedt, após o qual o Dr. Sharp interveio com agradecimentos a todos pela gentileza para com a sua médium; o discurso do velho guia espiritual foi muito comovente.

Assim termina o meu relato abreviado dos "Círculos da Júlia" que tiveram lugar em 1912, enquanto a Sra. Wriedt esteve em Cambridge House. Está longe de ser completo. Não me é permitido revelar as centenas de pormenores privados que surgiram e que proporcionaram provas pessoais aos participantes. No entanto, poderá bastar para confirmar as afirmações repetidas por todos os investigadores sérios nos últimos quarenta anos: os melhores resultados só podem ser obtidos quando o círculo é composto sempre pelas mesmas pessoas, reunindo-se no mesmo dia da semana e à mesma hora.

W. T. Stead valorizava justamente esses encontros semanais; mas, como já disse, via-os apenas como agradáveis incidentes periódicos dentro do seu plano magnífico de permitir, eventualmente, que todos — jovens e velhos, fortes e fracos, ricos e pobres — pudessem entrar em contacto com aqueles que amavam e julgavam ter perdido.

Ocorreram fenómenos físicos notáveis em duas ou três ocasiões após as sessões das quartas-feiras, noutra sala do piso inferior; mas, como eu saía sempre imediatamente após cada sessão, não estou em posição de os relatar.

O relato seguinte, escrito pelo Sr. e pela Sra. J. Maybank, é um exemplo típico de um caso do "Gabinete".

O Sr. Maybank serviu sob o meu comando no H.M.S. *Rambler*, na esquadra da China, como soldado da Royal Marine Light Infantry, entre 1885 e 1889. Atualmente ocupa um cargo civil de responsabilidade. Estive com ele numa sessão de círculo e numa sessão privada; o seu relato sobre essas sessões é exato.

Notei apenas uma omissão algo importante na narrativa da sua sessão privada de segunda-feira, 20 de Maio. Houve uma eterealização luminosa. Tratava-se de uma forma semelhante à do capelão do H.M.S. *Tamar*, navio de transporte de tropas que trouxe de volta a tripulação do *Rambler* em 1889. Maybank tinha conversado várias vezes com esse capelão durante a viagem. Eu também o conhecia bem, não só a bordo do *Tamar*, mas também depois, até à data da sua morte, que ocorreu há três anos em Southsea.

O Sr. Maybank escreveu:

Tendo sofrido a perda do nosso único filho, que faleceu a 24 de Fevereiro de 1911, vítima de tuberculose, com quase vinte e um anos de idade, a minha esposa e eu fomos atraídos pelo conforto que o Espiritualismo parecia oferecer, por altura do Natal desse mesmo ano. A curiosidade surgiu após conversas com velhos amigos que, também espiritualistas convictos, haviam passado por uma perda semelhante e encontraram grande consolo nesta doutrina tão bela. Um anúncio na revista *Light* chamou-nos a atenção para a obra *Glimpses of the Next State*, do Vice-Almirante W. Usborne Moore.

Como eu tinha servido no mar a bordo do H.M.S. *Rambler*, cujo capitão era W. Usborne Moore, suspeitei que se tratava da mesma pessoa. Resolvi então escrever ao Almirante, perguntando se me poderia ajudar nas minhas investigações sobre o Espiritualismo. Não fiquei surpreso ao confirmar que se tratava do mesmo homem. As suas cartas foram de extrema gentileza e utilidade, e quero aqui expressar o quanto a minha esposa e eu somos

gratos pelas inúmeras atenções que temos recebido desde que pedimos orientação sobre o Espiritualismo, e o quanto valorizamos o que ele fez por nós. As palavras parecem insuficientes perante o consolo que obtivemos graças à sua dedicação e generosidade.

Em resposta, o Almirante enviou-me um exemplar de *Glimpses of the Next State*, obra essa fascinante e interessante, pedindo-me que a emprestasse a quem dela pudesse beneficiar e não tivesse meios para a comprar. Informou-me ainda de que, em Maio de 1912, a Sra. Wriedt, uma famosa médium americana, viria a Inglaterra para se instalar na casa de W. T. Stead, em Wimbledon, e que voltaria a contactar-me.

A correspondência que se seguiu resultou no amável agendamento, por parte do Almirante, de uma série de sessões com a Sra. Wriedt: duas privadas e duas em círculo geral. A convite do Almirante, pretendo registar aqui as nossas experiências, na esperança de que possam levar outros a conhecer o conforto e a esperança que o Espiritualismo pode oferecer.

Chegámos a Cambridge House, Wimbledon, na quinta-feira, 16 de Maio de 1912. Conforme combinado, fomos recebidos pelo Almirante, que nos acolheu calorosamente e fez-nos sentir em casa. Após algumas instruções sobre as sessões, fomos apresentados à Sra. Wriedt, a médium, e, juntamente com seis outras pessoas, todas desconhecidas para nós, dirigimo-nos à sala das sessões. Era a sala conhecida como "Gabinete da Júlia", ampla, bem decorada, luminosa e cheia de flores — uma sala ideal para aquele fim. No chão, havia dois trompetes de alumínio, através dos quais os espíritos comunicariam.

Sentámo-nos em semicírculo, com a Sra. Wriedt numa das extremidades do arco. Após tomarmos os nossos lugares, a luz foi completamente excluída com pesadas cortinas. Rezámos em voz alta o Pai-Nosso, e depois cantámos um verso do belo hino "Lead, Kindly Light"; e ouvimos vozes suaves vindas de todas as partes da sala juntarem-se ao nosso canto. Uma voz então pronunciou uma bênção em latim, individualmente; disseram-nos que era o Cardeal Newman quem falava. Depois cantou-se "There are angels hovering round" e a minha esposa e eu sentimos a presença de formas luminosas a flutuar pela sala. Não as conseguimos identificar, mas vimos claramente essas formas.

Estávamos todos sentados em silêncio e expectativa quando a Sra. Wriedt exclamou: "Há alguém junto das rosas!" Uma senhora ao meu lado disse: "Tenho uma rosa", e outras disseram o mesmo. Senti então uma salpico de água na testa e, logo a seguir, uma rosa com caule longo caiu na minha mão, que entreguei à minha esposa. Imediatamente depois, um tio-avô e uma tia-avó da minha esposa falaram connosco através de um dos trompetes. A conversa foi pessoal e privada, mas não deixou dúvidas de que estávamos a falar com os nossos entes queridos já falecidos.

Quem leu *Glimpses of the Next State* lembrar-se-á de Grayfeather, tão bem descrito nessa obra. Foi o espírito seguinte a manifestar-se. Não usou o trompete, falou diretamente — primeiro com o Almirante, depois connosco. Iola, guia espiritual do Almirante, também apareceu e abençoou o círculo. De seguida, surgiu alguém a cantar e assobiar, feliz como um rapaz. Cantou *Annie Laurie* com uma voz potente e depois assobiou

lindamente. Quando terminou, dirigiu-se a mim e disse: "Não me conheces, Maybank?" Respondi: "Não, não conheço." Ele repetiu a pergunta e eu mantive a resposta. "O quê!" exclamou, "não te lembras do Tommy Mahone? Estive contigo no *Rambler*." Depois, referiu vários episódios ocorridos no navio na estação da China. Estou certo de que era o mesmo Tommy Mahone que conheci. O Almirante perguntou: "Quem é? Conheço-o, Sr. Maybank?" E eu descrevi-o, mencionando vários episódios relacionados com Mahone durante a sua estadia no navio, o que bastou para que o Almirante reconhecesse a identidade do espírito.

O nosso querido filho foi o seguinte a falar através do trompete. Quero realçar este ponto: assim que começou a falar, a sua mãe e eu reconhecemos de imediato a sua voz. Não o vimos, mas conhecíamos bem a sua voz — era mesmo ele, de volta, a falar connosco. Saudou-nos: "Olá, mãe! Olá, pai! Como estão? Estou tão feliz por estarem aqui esta noite, graças à gentileza do Almirante Moore." Disse-nos que estava perfeitamente bem agora, muito feliz, e com a bisavó da mãe. Depois, dirigindo-se à mãe, disse: "Recebeste a tua rosa, mãe? Dei-a ao pai para te entregar."

Devo dizer que, antes de eu passar a rosa à Sra. Maybank, ela estava triste por não ter recebido uma; não sabia que eu já a tinha na mão. Ambos ouvimos nitidamente o som de três beijos dados através do trompete, e ouvimos as unhas dele em contacto com o metal. Prometeu voltar no sábado seguinte, quando participaríamos noutra sessão. Esta sessão terminou, e saímos profundamente comovidos e imensamente gratos pelo que nos foi concedido.

No sábado seguinte, às 19h, voltámos à mesma sala para outra sessão geral; os presentes, com excepção de nós dois, eram totalmente diferentes dos participantes de quinta-feira. O Sr. W. T. Stead falou com algumas pessoas do círculo durante bastante tempo. Depois, o nosso querido Harold voltou a falar connosco: "Olá, mãe, olá, pai! Estou feliz por estarem aqui." Seguiu-se uma conversa breve, que só interessaria aos pais. Embora não tivesse dúvidas de que era o meu filho, ocorreu-me fazer uma pergunta de teste — algo absolutamente convincente, e que poderia usar como exemplo para explicar o Espiritualismo.

Perguntei: "Harold, lembras-te do velho Cyril?"

Ele respondeu: "Claro que sim, pai; não o chateava sempre?"

Concordei, e ele continuou: "E não rosnava?" E imitou o som de um gato zangado, provocando gargalhadas. É razoável assumir que, ao ouvir o nome "Cyril", ninguém imaginaria tratar-se de um gato. Para mim, foi uma prova clara e única, pois ninguém ali presente podia saber que tínhamos um gato com esse nome.

A Sra. Maybank falou com Harold: "Sabes, querido, recebi hoje uma carta da Sra. Sainty; ela quer saber se podes trazer o Bernie Sainty para me falar na segunda-feira."

Ele respondeu que tentaria.

Perguntei: "Sabes de que faleceu o Bernie, Harold?"

Ele respondeu: "Claro que sei, pai; mas aqui nunca falamos disso."

Perguntámos então se sabia que tínhamos visitado os Sainty, e respondeu: "Sim, o Bernie e eu vemos-vos lá muitas vezes e estamos felizes por serem amigos."

Disse ainda: "Sabes, a mãe dele preocupa-se tanto, e isso afecta o rapaz."

Depois perguntámos se nos podia ajudar, em casa, a obter escrita automática ou outro meio de comunicação. Respondeu que não sabia, pois ainda era tudo muito novo e estranho para ele. Perguntei se já tinha encontrado a Florrie Allen (outra amiga nossa), e se podia trazê-la, bem como a minha avó, na segunda-feira, quando teríamos uma sessão privada.

Despediu-se então: "Adeus; que Deus vos abençoe", e ouvimos novamente beijos. Outros espíritos falaram com outras pessoas, e saímos dessa segunda sessão profundamente gratos.

Na segunda-feira seguinte (20 de Maio), tivemos uma sessão privada às 11 da manhã, a nosso pedido com o Almirante Moore presente, assim como a Sra. Wriedt. Esta foi, para nós, a melhor sessão de todas — a mais convincente e absolutamente fiável quanto às provas e confirmações da vida após a morte.

A avó foi a primeira a manifestar-se, e eu vi-a claramente e reconheci-a. Ela falou através do trompete, e a sua voz era forte e perfeitamente distinta. Disse-nos que o nosso filho estava com ela, muito feliz, e que o avô também se encontrava com eles. Depois, Harold apareceu e foi claramente visível para mim e para a Sra. Maybank.

Preciso enfatizar isto: ambos o vimos distintamente e o reconhecemos sem dúvida. Ele manifestou a sua alegria por nos ver, agradeceu ao Almirante pela amabilidade em nos proporcionar aquela oportunidade de comunicação. O Almirante, visivelmente emocionado, disse: "Não mencione, Sr. Maybank; esta é uma das maiores alegrias da minha vida — ver que os vossos encontros foram tão bem-sucedidos."

Subitamente, uma voz exclamou: "Sou a Flossie, sou a Flossie!" E a Sra. Maybank chorou:

"O quê, a minha irmãzinha?"

Ao que a voz respondeu: "Irmãzinha, sim! Mas agora sou uma mulher."

Perguntei: "Lembras-te, Flossie, do que te disse naquele domingo, quando me fui embora, há tantos anos?"

Ela respondeu: "Sim, disseste: 'Adeus, querida, vou para a China, e quando voltar estarás completamente bem.'"

O Almirante comentou: "Meu Deus, isto é maravilhoso — e ela ficou bem, Sr. Maybank."

Devo explicar que a Flossie em questão era irmã da Sra. Maybank e faleceu há 27 anos, com apenas três anos de idade.

Ela contou como era bom ter o seu querido sobrinho consigo, e a Sra. Maybank comentou: "Suponho que estás a tomar conta dele", ao que Flossie respondeu prontamente e com

firmeza: "Não, ele é que toma conta de nós!", o que provocou gargalhadas do Almirante e da Sra. Wriedt.

A Sra. Wriedt então disse: "Vejo aqui um jovem com uma manga vazia; está a mostrar-ma." Perguntei se podia descrever o cabelo dele, e ela respondeu: "Tem o cabelo muito espesso."

Nesse momento, uma voz disse: "Sou o Bernie Sainty! Sou o Bernie Sainty!"

Nem eu nem a Sra. Maybank o vimos, mas ele falou connosco e transmitiu mensagens para os pais — mensagens de carácter estritamente pessoal. Prometeu voltar no dia seguinte, quando teríamos outra sessão privada. Devo explicar que Bernie Sainty era o filho mais velho de amigos nossos, os primeiros a despertar o nosso interesse pelo Espiritualismo. Tinha-lhe sido amputado o braço direito devido a um sarcoma, e faleceu quase um ano antes do nosso filho. Era impossível que a Sra. Wriedt ou o Almirante soubessem disto, o que confirma a autenticidade das sessões.

Grayfeather surgiu em seguida, saudando o Almirante Moore com um animado: "Bom dia, Chefe Moore do outro lado do grande oceano"; depois dirigiu-se a mim: "Bom dia, Chefe Bankies."

Respondi: "Bom dia; vais ajudar-me na minha busca por luz e verdade no Espiritualismo?"

Ele respondeu: "Sim, eu ajudo."

Perguntei como, e ele pediu-me que mantivesse os olhos abertos — que veria. Seguiu-se uma conversa que provou, de forma conclusiva, que ele tinha conhecimento de factos do meu dia-a-dia que ninguém mais na sala poderia saber, alguns dos quais nem eu próprio tinha ainda plena consciência. O conhecimento demonstrado por Grayfeather era simplesmente espantoso.

Depois apareceu Iola, que falou por alguns minutos com o Almirante e, em seguida, connosco. A minha esposa perguntou se ela tinha trazido o nosso filho.

Iola respondeu: "Não, querida amiga; foi a vossa própria presença que o trouxe."

Depois da sua partida, Julia deu-nos a bênção e terminou-se a sessão privada. Sentimos que tínhamos avançado mais um passo, adquirindo ainda mais conhecimento sobre o Espiritualismo.

No dia seguinte, terça-feira, 21 de Maio, às 11 da manhã, realizámos a nossa última sessão, apenas com a Sra. Wriedt. Assim que tomámos os nossos lugares, o nosso querido filho Harold falou — a sua voz estava muito mais forte do que nas sessões anteriores. Após uma breve conversa de carácter privado, a Sra. Maybank perguntou-lhe se sabia o que ela lhe tinha colocado dentro da camisa, enquanto ele estava no caixão.

Ele respondeu, sem hesitar: "Claro que sei, mãe; foi aquele pedaço de ouro que me deste."

Este facto é absolutamente verdadeiro: cerca de cinco anos antes, a mãe dera a Harold um pequeno pedaço de ouro, que ele estimava muito, dizendo que o guardaria sempre e assim nunca ficaria sem ouro na carteira. Conservou-o até ao fim. Quando faleceu, a mãe tirou-o da carteira e colocou-o dentro da camisa, junto ao peito.

Ele mencionou também acontecimentos que tiveram lugar em casa depois da sua partida, como a colocação de dois pequenos quadros a pastel que ele tinha comprado recentemente, entre outros assuntos domésticos que, apesar de serem importantes e comoventes para nós, não teriam interesse para o leitor comum.

Bernie Sainty voltou, como prometido, e todos comentámos a força e beleza da sua voz. Enviou mensagens amorosas aos pais, destinadas a confortá-los. A avó da Sra. Maybank também se manifestou, tocou-nos a ambos com o trompete, expressou a sua alegria por estarmos ali e demonstrou, através do conhecimento de detalhes das nossas vidas, que era realmente ela. A irmã da Sra. Maybank, Flossie, manifestou-se novamente, enviando amor à sua mãe — ainda viva — e pedindo-nos para contar-lhe sobre as sessões e sobre as possibilidades do Espiritualismo.

O nosso querido filho voltou a manifestar-se mais duas vezes e falou connosco. As conversas foram profundamente comoventes para nós. Disse-nos para não nos preocuparmos, que tudo era para o melhor e que, mesmo que pudesse, não desejaria regressar à vida terrena. A vida no mundo espiritual era maravilhosa, bela, e ele sentia-se bem, forte, nunca cansado, sempre feliz — o amor era abundante.

Assim se concluíram as nossas sessões com esta médium extraordinária. Tanto eu como a minha esposa tivemos provas abundantes de que o nosso amado filho continua a viver, de que muitas vezes está connosco, de que a nossa felicidade é a dele, e a nossa tristeza, também.

Gostaríamos de expressar a nossa mais sincera gratidão à Sra. Wriedt. Éramos completos desconhecidos, mas desde o primeiro momento sentimos que estávamos diante de alguém cujo único propósito era tornar a vida mais luminosa e esperançosa para os seus irmãos e irmãs em sofrimento — consolar, animar, esclarecer e, acima de tudo, convencer. Que ela possa ser poupada por muitos anos, para continuar a usar os seus dons maravilhosos e suavizar o pesar dos corações feridos, trazendo luz àqueles que choram os seus entes queridos.

REPRESENTANTES DO "LIGHT" NO GABINETE DA JÚLIA - UMA BOA SESSÃO COM A SRA. WRIEDT

A 17 de Junho, o Sr. e a Sra. F. W. South, o Sr. e a Sra. Bernard D. Godfrey, e a Srta. Evans — do *Light* e da London Spiritualist Alliance — participaram, a convite do Vice-Almirante W. Usborne Moore, numa sessão no "Gabinete da Júlia", em Wimbledon, com a Sra. Etta Wriedt como médium. Estavam presentes mais cinco participantes.

A sessão foi especialmente interessante pelo carácter comprovativo das comunicações recebidas pelo Sr. e pela Sra. South. Recebemos um relatório completo, do qual se destacam os seguintes pontos:

Estavam presentes doze pessoas, incluindo a médium.

Após falarem em voz alta e clara o Dr. John (guia espiritual curador de Mr. Percy Street) e John King, a Sra. Wriedt perguntou: "Alguém reconhece o nome Priest?"

Ele aproxima-se do Sr. South."

Sr. South: "Conheci um homem com esse nome."

Sra. Wriedt: "Vejo algo nas mãos dele — parece ferramentas, muito pequenas. Vejo também pequenos objetos sobre um balcão ou mesa, que ele vai apanhando."

Sr. South: "Sim, ele era encarregado do departamento de composição da tipografia que imprimia o *Light* há anos."

Após mais conversa, uma voz disse: "George — South."

Sr. South: "Sim, conheço-te. Fico feliz por te encontrar."

Voz: "Nunca tivemos uma oportunidade como esta, e talvez nunca mais tenhamos. Quero que saibas que estou feliz por estar aqui contigo."

Sr. South, explicando: "Era o irmão do meu pai, o último a falecer."

Sra. Wriedt: "Ele queria que soubesse que está sempre por perto e queria falar consigo todos os dias."

Uma voz: "Sou a Mary South." (ouviam-se beijos)

Sr. South: "Fico feliz por voltar a ouvir-te."

Voz: "Como estás? Eras muito, muito carinhoso comigo. Estou aqui, querido, e continuo a amar-te. Estou sempre a velar por ti."

Sr. South: "Era a esposa de William, meu tio. Foi como uma mãe para mim."

Uma voz: "Mas o que estás a fazer aqui? Sou o William South. Fico feliz por ver-te. Meu Deus, nunca fiquei tão surpreendido como quando ouvi o George a falar contigo. Estou feliz por te encontrar. Deus seja louvado por ter cumprido este desejo."

John King: "É assim que se faz — falem com eles sempre que puderem."

Sr. South: "George e William eram irmãos do meu pai, e Mary, mulher de William, era muito próxima de mim. A voz de William era inconfundível, e o 'Meu Deus' era uma expressão muito característica."

Sra. Wriedt: "Tem um forte poder mediúnico à sua volta."

Sr. South: "São exactamente as pessoas que estariam por perto, embora eu não estivesse a pensar nelas. E ninguém na sala sabia sequer que eu tinha esses parentes."

Sra. Wriedt: "Há uma senhora junto de si, Sra. T., chama-se Alice. Morreu de tuberculose."

Sra. South: "Talvez seja para mim."

Voz: "Sim, estive à espera toda a noite para falar consigo. Estive junto daquela senhora a absorver energia."

Seguiu-se conversa pessoal entre a Sra. South e Alice, que era sua irmã.

Depois, o trompete caiu no chão. John King voltou a falar:

"Agora não podem sair a dizer que foi leitura mental. Quando falarem com os vossos vizinhos, vão dizer-vos que foi tudo da vossa mente. Mas queremos dar a oportunidade a todos os bons amigos que vos amaram em criança de vos dizerem 'como estás?'. As pessoas que morreram hoje podem vir a qualquer momento. Deus vos abençoe. Queremos que aqueles que vos cuidaram em pequenos venham até vós. Eu tive mãe, tia, e muita gente quando fui governador. O meu nome é realmente Henry Morgan. Fui Governador da Jamaica."

Depois de mais conversas, ouviu-se a voz de Julia:

"Queridos amigos — É uma grande alegria estar convosco nesta ocasião. Adoro estar entre vós. Gosto de vos ver com os vossos amigos espirituais, quando se reencontram com aqueles que amaram e que vos amaram. Quero que este Gabinete seja uma lembrança duradoura do querido Sr. Stead. O Sr. Stead envia os seus melhores votos a todos do *Light* e deste grupo. Está completamente satisfeito com a sua transformação e encontrar-vos-á no doce gabinete do Criador, tal como vos encontrou aqui. Que o bem esteja sempre convosco em tudo o que fizerem; que vos acompanhe. Boa noite."

Quando o círculo terminou e a luz foi acesa, o trompete caiu do teto. Passo agora a relatar alguns exemplos de boas evidências obtidas por amigos meus que participaram em círculos e sessões privadas em Cambridge House.

O relato seguinte foi escrito por um clérigo da Igreja Anglicana:

(1) 30 de Maio de 1912, às 19h, círculo geral. Acompanhei-me da minha filha. A primeira voz foi a de Mr. W. T. Stead, que se dirigiu a todos coletivamente, mencionando-me e à minha filha, bem como a outros presentes, pelos nomes, dando-nos as boas-vindas ao "Gabinete da Júlia." O seu tom era o de um anfitrião a receber convidados. Comentei o quanto sentíamos a sua falta, bem como a da sua obra no mundo, e perguntei-lhe como se ocupava agora. Respondeu de forma enfática e direta: "Ora, estou a falar convosco." Acrescentou apenas que estava feliz por nos ver, e pouco mais.

Surgiram vozes para muitos no círculo, mas registei especialmente as que se dirigiram a mim e à minha filha. Curiosamente, apareceram pessoas em quem eu nem sequer pensava, enquanto aquelas a quem "chamei" intensamente, não apareceram.

Foi mencionado um nome que reconheci como o de uma senhora que falecera recentemente, em idade avançada, e de quem eu tinha recebido um pequeno legado. A voz era muito fraca, e apenas captámos parte do que disse. Afirmou que conhecia muitos membros da minha família (correto), mas que eu era o único com quem agora conseguia comunicar. A minha filha perguntou: "Conhece-me?" Resposta: "Porque não haveria de conhecer?" Aqui, John King interveio com a sua voz grave: "Esta alma veio ter convosco como o único da família com quem sabia poder comunicar."

A voz seguinte identificou-se como o meu "tio".

Perguntei: "Qual tio?"

Resposta: "O irmão da tua mãe." (Tenho tios de ambos os lados — todos já falecidos.)

Perguntei: "Qual?"

Resposta: "Edward." (Correto.)

Perguntei: "Onde nos conhecemos pela primeira vez?"

Resposta: "Junto ao portão."

Pergunta: "Que portão?"

Resposta: "Ora, da casa — a casa coberta de rosas." (Só me ocorria a portaria da sua casa.)

A minha filha perguntou: "Que casa é essa?"

Resposta: "Tu não sabes nada disso, menina; estou a falar com o teu pai." O tom foi muito característico, tal como a gargalhada que deu várias vezes.

Perguntei: "Lembras-te das violetas?"

Resposta: "Ah, claro."

Pergunta: "O que fazíamos com elas?"

Resposta: "Atávamos em molhos e mandávamos embora." (Correto. Ele cultivava-as para vender em Londres.)

Perguntei se se recordava dos seus cães.

Resposta: "Sim — um terrier de pêlo curto e áspero chamado..." (nome inaudível). E acrescentou: "Lembras-te do Jack?" (Não confirmado.)

Perguntei o que fazia agora.

Resposta: "Vejo que queres saber das minhas experiências." E partiu sem dizer mais nada.

Um outro clérigo, sentado ao meu lado, recebeu várias vozes, mas não conseguiu identificar nenhuma, apesar de terem sido dadas indicações específicas. Sugerí-lhe que fizesse perguntas de teste, pois reparei que permanecia sempre em silêncio. A voz que falava disse então: "Ele [referindo-se a mim] sabe mais sobre Espiritualismo do que tu."

Fiquei particularmente impressionado pelas vozes que se dirigiram a uma senhora holandesa no círculo, falando fluentemente nessa língua — o seu marido, "Frederick", um "Tio Pat" e a filha "Yvonne", todos os nomes correctamente identificados. A voz da criança, especialmente, era encantadora, intercalada com beijos. Não houve dúvida quanto à genuinidade da língua, que parecia ser falada por um nativo, embora eu não compreendesse o conteúdo.

Duração da sessão: duas horas e um quarto.

(2) 31 de Maio de 1912, às 15h30, sessão privada. Presentes: a minha esposa, eu e a médium. Com luz vermelha, a Sra. Wriedt pediu à minha esposa que encostasse o trompete ao ouvido. Ela ouviu toques contínuos e sussurros, como se uma voz tentasse falar. Nem eu nem a médium ouvimos nada.

No escuro total, surgiu uma voz para a minha esposa, que reconhecemos como de um conhecido cuja filha fora amiga de um membro da nossa família, mas de quem se tinha afastado após o casamento. A voz disse não entender esse afastamento. Dissemos que era natural, devido ao casamento. Ele respondeu que não aceitava essa justificação. John King interveio, dizendo que o espírito se tinha incomodado muito com esse afastamento e ficaria aliviado ao saber que não havia nada de especial. (Considere este episódio uma boa prova.)

O nome seguinte foi o de uma antiga paroquiana da minha esposa, que recordou a sua amabilidade ao levar-lhe fruta quando estava doente (tudo correto), e das minhas visitas também. Disse: "Estás muito mudada." A minha esposa respondeu que estava mais velha, mas a voz parecia referir-se a outro tipo de mudança. Disse esperar reencontrá-la no outro mundo. Acrescentou que, na noite anterior, ela e o marido tinham tentado comunicar connosco — nós não recordávamos.

O marido desta senhora veio em seguida. Comentou como os vivos rapidamente esquecem os mortos. Perguntei-lhe: "Lembras-te do nome do vigário com quem trabalhei?" Ele disse imediatamente o nome correto. Uma prova excelente.

A voz seguinte foi apresentada por John King como sendo a sogra da minha esposa.

Disse: "Nunca me viste" (a minha mãe morreu quando eu tinha três anos); "Mas conheço-te, amo-te e admiro os teus esforços."

A minha esposa disse: "Temos o teu retrato em casa — com caracóis longos."

Ela respondeu: "Ainda os tenho."

Falou depois da neta, mas confundiu o número de filhos. Despediu-se com beijos enviados através do trompete.

O meu tio (da noite anterior) voltou, disse querer dar violetas à minha esposa, expressou grande afeição por ela.

Disse: "Sabes o quanto gosto dela?"

Eu respondi: "Sei que gostavas."

Ele insistiu: "Sabes o quanto gosto dela — agora?" com ênfase.

Perguntou: "Sabes como está o meu filho?"

Perguntei qual dos dois.

Respondeu: "O Ted."

Perguntei: "O que fez ele na semana passada?"

Respondeu com a sua típica gargalhada: "Casou-se finalmente!" (De facto, casou-se no sábado anterior, sendo considerado um solteirão convicto.) Rimos.

Perguntei: "Ficaste contente?"

Resposta: "Muito."

Pergunta: "Ela é uma boa rapariga?"

Resposta: "Sim, uma bela jovem — será uma boa esposa."

A minha esposa comentou: "Foste sempre tão bondoso connosco."

Resposta: "Nem metade do que devia."

Perguntei novamente sobre "a casa" que mencionara na noite anterior.

Respondeu: "A casa junto ao mar, onde moras."

Perguntei: "Onde?"

Resposta: "Southsea." (Isto não batia certo com a descrição anterior de "casa coberta de rosas", e ele nunca nos visitara em Southsea.)

Depois de colocar a mão sobre a minha cabeça, retirou-se.

A sessão terminou com a Sra. Wriedt, como teste, a segurar uma das minhas mãos entre as dela. Quase de imediato, uma folha molhada caiu sobre a minha mão. A seguir, senti a minha testa a ser acariciada por uma folha semelhante. Levantei a mão livre para agarrá-la, mas não havia nada. O mesmo aconteceu uma segunda vez. Depois, caiu um ramo molhado sobre as nossas mãos.

Exclamei: "É um ramo!" John King recitou uma citação sobre lírios (que esqueci).

Disse depois: "Já se foram todos." Quando a luz foi acesa, revelou-se um ramo de belos lírios *Madonna*. As flores e folhas tinham sido tiradas dos vasos próximos. Duração da sessão: 40 minutos.

Conclusão: Com base na minha experiência nas sessões da Sra. Wriedt, considero que a natureza das comunicações e o uso de várias línguas estrangeiras através do trompete oferecem provas inegáveis de genuinidade. Nem fraude, nem telepatia, nem ilusão conseguem explicar o que ali ocorreu. A única explicação possível é a ação espiritual.

31 de Julho de 1912.

(Assinado) C. B.

O relato seguinte é escrito pelo Coronel E. R. Johnson, amigo pessoal há cerca de seis ou sete anos. É um observador cuidadoso e rigoroso, interessado em vários ramos da ciência, e um bom desenhador técnico. O seu testemunho pode ser considerado fidedigno:

Durante os meses de Maio, Junho e Julho de 1912, assisti a sete sessões com a Sra. Wriedt como médium. Cinco dessas sessões foram privadas, estando presentes apenas eu e a médium. As outras duas foram sessões de círculo, com cerca de dez pessoas.

A primeira sessão privada teve lugar com plena luz do dia. A segunda, também privada, foi realizada sob luz vermelha, emitida por duas lâmpadas elétricas com abajures. As restantes cinco sessões, incluindo as duas públicas, decorreram na mais completa escuridão. Tanto quanto pude perceber, não vi luzes nem quaisquer manifestações visuais anormais em nenhuma dessas sessões.

Não mantive registo do número de intervenientes nas sessões públicas, mas foram numerosos. Muitos dos participantes foram abordados por amigos e familiares já falecidos, e embora não conseguisse ouvir com clareza várias das conversas (quando não me eram dirigidas), parecia haver mútuo reconhecimento entre os espíritos e os assistentes. Para além destes, algumas vozes dirigiram-se ao grupo em geral, sendo muitas delas prontamente reconhecidas pela médium e por alguns dos presentes.

Mostravam-se perfeitamente à vontade — cantavam, brincavam e por vezes eram bastante divertidas. Uma dessas entidades parecia funcionar como uma espécie de mestre de cerimónias, organizando a ordem das manifestações. A esta entidade chamo o "encenador"; foi a única, para além de amigos e parentes, a intervir nas sessões privadas, e, mesmo aí, apenas dizia umas palavras iniciais ou juntava-se pontualmente à conversa.

Nas cinco sessões privadas, apenas uma voz me falou sem que eu conseguisse identificá-la — foi a primeira ouvida na sessão diurna. Todas as outras foram identificadas com certeza. Tratava-se de sete familiares, alguns dos quais falaram apenas uma vez, outros três ou quatro vezes. Em várias ocasiões, as conversas duraram entre vinte e trinta minutos e referiam-se a acontecimentos e pormenores que não poderiam ser do conhecimento da médium, e que, em certos casos, mais ninguém vivo além de mim poderia saber. Falaram de objetos desaparecidos há vinte ou trinta anos, descritos com precisão, e também de conversas e eventos ocorridos entre as sessões.

Para além dos familiares, sete amigos e conhecidos pessoais falaram comigo. Três pediram-me que transmitisse mensagens a pessoas vivas. Num dos casos, foi referido um

episódio totalmente desconhecido para mim, mas que posteriormente confirmei ser verdadeiro.

Fui ainda "cumprimentado" por três dos meus cães, mortos há mais de vinte anos, cujos latidos correspondiam, em tom e intensidade, ao tamanho e raça de cada um. Esta parte da sessão não me convenceu tanto como as vozes humanas — os latidos pareceram-me artificiais, demasiado "ensaiados". Não quero com isto insinuar que houve algum embuste da parte da médium; pelo contrário, ela parecia mais surpreendida do que eu, fazendo constantes observações e exclamações durante o fenómeno. A sua voz era audível ao mesmo tempo que os latidos, mas provinha de direcções e distâncias diferentes: os cães pareciam estar à minha esquerda e próximos; ela estava mais afastada, à minha direita.

Os fenómenos físicos — se assim lhes quisermos chamar, pois sons e vibrações do ar também são fenómenos físicos — incluíram a entrega de flores a vários assistentes (eu não fui contemplado), a deslocação de uma pequena mesa com uma taça de rosas para o centro do círculo (aparentemente por cima das nossas cabeças, pois estavam noutra parte da sala), o salpicar de água e o toque nas mãos e rostos dos participantes.

Num dos casos, um pequeno cão de colo, que me pertencera e morrera há cerca de trinta anos, foi colocado no meu colo. Não me apercebi do momento em que foi retirado, pois o peso e a pressão do seu corpo — inicialmente bem notórios — desapareceram gradualmente.

Numa das sessões públicas, uma entidade com voz de menina falou durante cerca de meia hora. Identificou com exatidão vários objetos como broches, joias, miniaturas, o número de moedas no bolso de um participante, etc. Previu o caminho que alguém teria de fazer até casa — algo que esse participante confirmou. No meu caso, disse que eu assistiria a um funeral dentro de uma semana, o que se revelou verdade: o funeral foi de um distinto oficial do exército que morreu dois dias depois da sessão e cujo funeral decorreu seis dias após a previsão.

Não me considero uma pessoa particularmente crédula. De facto, o "encenador" chegou a censurar-me, de forma algo sarcástica, pelo tempo que demorei a deixar de ser cético. Perguntou-me se agora já estava convencido da realidade dos fenómenos. Posso afirmar que, em nenhum momento, tive razões para duvidar da genuinidade do que presenciei. A hipótese de que a médium, sozinha ou com ajuda de terceiros, pudesse ter criado tudo aquilo por qualquer tipo de truque ou ilusão parece-me absolutamente impossível.

Não posso descrever muitos dos acontecimentos ligados à minha vida pessoal ou familiar sem longas explicações. Mas aqui ficam alguns exemplos:

Durante uma conversa com um amigo, antigo oficial dos Engenheiros Reais, que a maioria das pessoas considera morto há trinta anos, perguntei por um amigo comum — um importante funcionário da administração indiana, falecido há pouco mais de um ano — e comentei que presumia que ele continuava "a trabalhar tanto como antes".

A resposta foi: "Não; está a divertir-se com os cavalos."

Fiquei surpreso, pois nunca o tinha associado ao mundo equestre. Horas depois, visitei a viúva desse amigo. Mal mencionei o comentário, ela disse imediatamente que fazia todo o sentido — que o marido, em vida, costumava visitar e alimentar os seus cavalos diariamente. Eu desconhecia por completo esse hábito, apesar de conhecer razoavelmente bem a família.

O oficial dos Engenheiros Reais morreu na Índia, vítima de um acidente. Eu já ouvira como tinha ocorrido, mas não mencionei isso, e perguntei-lhe: "Como aconteceu?"

Ele respondeu: "Foi totalmente por culpa minha."

Disse-o com tal ênfase e em tom tão alto que me surpreendi. A explicação surgiu quando o espírito seguinte, que aparentemente ouvira a conversa, se apresentou. Embora de forma indireta e inocente, esse segundo espírito poderia ter-se sentido minimamente responsável pelo acidente fatal, e a resposta do engenheiro parecia claramente destinada a poupar os sentimentos do amigo.

Outro caso: um homem falecido há pouco tempo pediu-me que transmitisse uma mensagem à sua viúva. Entreguei a mensagem nesse mesmo dia, embora com uma ligeira imprecisão verbal que pode ter alterado o sentido da frase. Ao chegar a casa, anotei os detalhes da sessão. Na sessão seguinte, o mesmo espírito falou novamente comigo e disse que eu não transmitira a mensagem de forma totalmente correta, repetindo-a.

Quando comecei a explicar-lhe o que a senhora me respondera, ele interrompeu: "Oh, eu sei. Estive lá quando lhe disseste." Ao consultar as minhas notas, confirmei que a mensagem original estava corretamente registrada, embora mal comunicada.

O cético poderá dizer que todos estes "detalhes corroborativos apenas dão verosimilhança artística a um relato ousado e pouco convincente." Mas qualquer pessoa que ouça conversas improvisadas como estas, em rápida sucessão, durante várias horas, achará difícil manter o seu ceticismo original.

Ao conversar com vários amigos e familiares que já partiram, reparei que alguns tinham dificuldade em lembrar nomes. Os nomes próprios pareciam facilmente recordados, mas os apelidos menos. Quando mencionados por mim, eram prontamente reconhecidos. Os nomes dos meus três cães foram esquecidos, para minha surpresa; mas as suas cores, tamanhos e outras características foram descritos com tal precisão e imediatismo que não houve dúvida quanto à identidade. Não sei explicar este fenómeno. Pode ter sido resultado do cansaço da médium. Também considerei a hipótese de os nossos amigos do outro lado pensarem mais por imagens mentais (ideogramas) do que por palavras. No entanto, não tenho material suficiente para concluir mais do que isso.

Fenómenos Variados nas Sessões da Sra. Wriedt

Talvez as minhas experiências nas sessões com a Sra. Wriedt possam confortar alguns que estão de luto e ajudar aqueles que estão "quase convencidos".

Tive o privilégio de participar no círculo de Júlia durante quase três anos, na casa do Sr. Stead em Wimbledon, e só faltei a uma sessão por motivo de doença. Estive sentada ao

lado do Sr. Stead durante um jantar, duas ou três semanas antes da sua fatídica viagem, e ouvi-o dizer que, quando regressasse do outro lado, faria tremer o chão e as paredes, e andaria a bater com os pés pela sala. Estive igualmente presente no jantar de 29 de Maio, quando a sala tremeu como se fosse um terramoto. Tive de me agarrar à mesa, pois a minha cadeira balançava. Ouvi passos pesados ao redor da sala e vi a cadeira do Sr. Stead a mover-se sozinha. (Ver o relato de Miss Scatcherd em *Light*, de 3 de Agosto.)

Estive presente na sessão de 6 de Maio e vi a eterealização do Sr. Stead, bem como a sua conversa com a filha. O meu lugar habitual era entre o Sr. Robert King e o meu marido, a cerca de dois metros e meio da médium.

Após o serviço preliminar, a Sra. Wriedt apagava a luz. Imediatamente, uma mão tocava-me — diria que em menos de dez segundos. Costumava segurar as mãos das pessoas de cada lado. As mãos materializadas eram muitas vezes colocadas suavemente sobre a minha cabeça e permaneciam ali durante vários minutos. Estava sentada com as costas encostadas à parede. A minha mão era frequentemente apertada com firmeza por uma mão quente e de carne e osso, que estou convencida ser a do meu filho, falecido há três anos, aos dezanove.

Certa vez, disse mentalmente: "Se és o meu filho, aperta três vezes." Imediatamente a mão apertou-me três vezes.

Por vezes, o Sr. King dizia: "Vejo o teu filho ao teu lado." Eu apenas via uma coluna de nuvem ténue. Invariavelmente, dessa luz emergia uma mão que acariciava o meu rosto. Uma vez, um ramo de cravos foi delicadamente retirado da minha cintura, e, de imediato, uma participante do lado oposto disse: "Recebi umas flores."

Verificámos depois que eram os meus cravos. Certa noite, estando cansada, estiquei os braços acima da cabeça. Duas mãos, parecendo vir do teto, agarraram as minhas e puxaram-me até ficar em bicos de pés. Senti que poderia ser levantada do chão, mas fiquei agitada e as mãos desapareceram. Contava sempre ao grupo sobre estas experiências, e o Sr. King chegou a estender os braços e sentir as mãos a segurar as minhas. O meu marido também as sentiu. Toquei no dedo indicador da mão direita e percebi que estava áspero, tal como o do meu filho ficava, por trabalhar com a motorizada.

Numa sessão, o meu casaco de cetim pesado estava a incomodar-me. Foi levantado suavemente de cima de mim e colocado nas costas da cadeira do Almirante Moore, do outro lado da sala. Estava sentada sobre parte do casaco, mas ele desapareceu como uma nuvem, sem que eu me tivesse mexido.

Por vezes, quando as mãos tocavam a minha cabeça, ouvia a voz do meu filho dizer: "Sou eu, querida." Curiosamente, a voz não vinha de trás, onde estavam as mãos, mas do alto, ao centro da sala.

Uma prova notável é que as mãos nunca tateavam. Apanhavam deliberadamente a minha mão, tocavam-me a testa, colocavam flores na minha mão trazidas de jarros situados a cerca de dois metros e meio. Tenho a certeza de que ninguém se moveu na sala. Conseguiríamos nós fazer isto no escuro?

Certa vez, pedi mentalmente ao meu filho que permitisse que a Sra. Ella Anker também sentisse as mãos. Imediatamente ela exclamou, radiante, que uma mão pequenina a acariciava. Depois ouvimos uma voz infantil a falar com ela em norueguês durante alguns minutos. Também senti a mão de um bebé a dar-me palmadinhas. Agarrei-a e senti as unhas muito suaves — tal como as de um bebé. Já estávamos sentados há mais de uma hora, e não havia crianças na sala.

Os melhores resultados surgem quando os mesmos participantes se encontram sempre nos mesmos lugares, semana após semana. Tive a sorte de estar perto do Sr. King, cuja mediunidade me ajudou muito. A voz do meu filho — inicialmente um sussurro — tornou-se mais forte e natural. Falava com cada pessoa do círculo, e, a meu pedido, dizia a cada um a cor da sua aura.

Tenho grande compaixão por quem sofre e desejava que todos pudessem ter o conforto que eu tive.

Li recentemente num jornal que aqueles que voltam são espíritos malignos. Que consolo deve ser para quem acredita nisso: se os maus conseguem manter a identidade, recordar palavras de carinho da vida terrena e dedicar-se a consolar os vivos, então os bons também devem manter a identidade e ser autorizados a visitar os seus entes queridos. Não podemos impor condições. Dizem-nos que o trabalho missionário do outro lado é terrivelmente difícil. Neste plano terrestre, precisam de um médium. Se pedem um tubo de alumínio para fins acústicos, ou escuridão para criar simulacros, não devemos agir como o chefe tribal que exigia uma fotografia sem câmara nem quarto escuro.

Quando sofri a perda terrível do meu único filho, há três anos, nada sabia de Espiritualismo. O Sr. Stead tem a minha eterna gratidão. Disse-me para prosseguir com paciência, mesmo que por sete anos. É isso que tenho feito, e recebi as provas mais maravilhosas e convincentes. Posso dizer que li cada palavra do jornal *Light* nestes três anos.

A mediunidade física é muitas vezes desprezada, mas Jesus de Nazaré não a desprezou, e assim confortou os seus discípulos.

Já não posso dizer:

Oh, pelo toque de uma mão desaparecida,
E pelo som de uma voz que já não se ouve.

M. M.

Kingston-on-Thames

A carta seguinte foi escrita à minha amiga Lady Hill, viúva de um antigo governador da Terra Nova, que vive em Southsea. É de uma jovem parente por afinidade que, ao saber que eu estava a recolher narrativas das sessões em Wimbledon, teve a amabilidade de me permitir enviá-la à *Light* para publicação:

Minha querida Lady Hill, sei que estará ansiosa por saber tudo sobre a sessão. Nós — isto é, a minha mãe e eu — ficámos muito impressionadas com as experiências. O primeiro espírito que nos falou foi o Tio John, o que é um facto curioso, pois um ou dois membros da família da mãe que já participaram em sessões com médiuns ingleses disseram que o Tio John é sempre o primeiro a vir falar.

Ele disse: "Vim ter com a minha irmã" e acrescentou que estava muito feliz por poder comunicar connosco. Pedimos-lhe que chamasse o pai e a Alice, e ele disse que os enviaria. Mais tarde, a mãe foi tocada com a trombeta na cara e nos joelhos; depois ouvimos beijos e uma voz dizendo: "Sou o William."

Ele disse à mãe (sua viúva): "Espero que estejas bem; não te preocupes."

A mãe perguntou-lhe se ele estava feliz e com quem estava.

Ele respondeu: "Sim, estou muito feliz e estamos sempre juntos — somos sete."

Perguntei-lhe quem eram os sete e ele disse: "Pai e mãe, o Stevie, a Alice, o Willie e o bebé."

Eu disse: "Ah, sim, o Gerald — era esse o nome do bebé da Maudie que ela perdeu."

Depois o pai disse à mãe: "Virás quando puderes, e obrigado por todo o teu carinho por mim."

A mãe perguntou-lhe se ele a visitava e ele respondeu: "Estou contigo todas as noites. Adeus, querida."

Pedimos-lhe que enviasse a Alice e ele respondeu: "Ela virá."

Logo a seguir, a mãe sentiu três toques suaves no ombro, e a trombeta tocou-me nos joelhos; depois uma voz: "Sou a Alice" (e ouviram-se vários beijos na trombeta); "É bom poder falar contigo."

A mãe explicou: "Os teus filhos estão muito felizes e bem, e o Vesey nunca te esqueceu."

Alice respondeu de forma muito natural: "Estou sempre com eles."

Perguntei: "Que mensagem queres que lhes transmita?"

Ela disse: "Nada, eles não compreenderiam."

Depois perguntei se estava feliz e o que fazia.

Ela respondeu: "Sim, muito feliz; estou a progredir e ensino num jardim de infância."

Esta última resposta é muito notável, pois contei a uma ou duas pessoas, há muito tempo, pouco depois da querida Alice ter partido, que acordei uma noite a ouvi-la falar, e depois vi-a muito nitidamente com chapéu, casaco e saia, tal como era em vida, a sorrir.

Quando contei isto a alguém, sempre disse: "Foi tão estranho, parecia que ela estava a falar com muitas crianças, o que me deixou intrigada." Ela disse mais algumas coisas e depois: "Adeus a todos, e a ti, doce mãe"; depois ouviram-se beijos na trombeta.

Estavam presentes várias outras pessoas que conversaram com espíritos; uma falou em alemão. O Sr. Stead teve uma longa conversa com um senhor presente. Vimos uma ou duas formas espirituais no início da sessão, mas não depois. Manifestaram-se Sir Henry Irving, o Cardeal Newman, Julia e o Dr. Sharp. Este último controlou a sessão; ficou zangado duas vezes quando os participantes se mostraram lentos e confusos, e levantou muito a voz, o que me divertiu. Não me senti minimamente nervosa. A única vez que me assustei foi quando a trombeta me tocou; estava completamente escuro... Penso que o que mais me impressionou foi o quão natural tudo foi. — Com muito carinho, N.

Já relatei o facto estranho de John King, o espírito-guia de Husk e Williams, ter assumido o comando das sessões da Sra. Wriedt em Cambridge House, ficando o Dr. Sharp (o guia pessoal da médium) em segundo plano quando o círculo era composto por pessoas que não o conheciam pessoalmente.

Os meus amigos, o Major e a Sra. R., com o Coronel L., participaram num círculo geral bem seleccionado em meados de Maio, no qual ficaram muito interessados. Entre outros acontecimentos, John King apareceu e dirigiu-se à Sra. R. como "A Rosa", uma antiga brincadeira do seu grupo quando ela frequentava as sessões com Husk e Williams. No final do mês, este grupo formou um círculo privado numa tarde, composto pela filha da Sra. R., uma Sra. F. B. e o seu filho, uma Sra. B. e um Sr. J. À noite, a Sra. R. teve a amabilidade de me enviar o seguinte relato:

Caro Almirante Moore, escrevo-lhe para contar sobre a sessão de hoje, que foi extremamente interessante. O Grayfeather manifestou-se com força, disse que o "Usborne" o tinha enviado e perguntou o que queríamos. Disse ao Sr. F. B. que estava ali um "francês" para ele. (Este "francês", que ele não conhece, já tinha aparecido anteriormente, numa sessão privada com a mãe dele, e disse que estava muito interessado no seu negócio de automóveis, sendo então "recomendado" pelo seu avô, que também falou nesse dia).

O Tio (do grupo de John King) apareceu depois de Grayfeather, mas apenas disse: "Não gosto da trombeta." O Joey (do mesmo grupo) veio a seguir e comentou que também não gostava. (O Tio já nos tinha dito pela mesa, na semana passada, que iria "tentar falar pela trombeta.") John King moveu um copo cheio de flores e água, e entregou-o ao Sr. J. para passar pelo círculo.

Um espírito veio falar com o meu marido. Ao princípio, não conseguíamos perceber o nome, e ele recusava energicamente os nomes que tentávamos. Finalmente deixou claro que era o Coronel P., que o meu marido conhecia do clube e também das ligações à maçonaria. Tinha falecido há cerca de um ano. Pediu ao meu marido que repetisse um brinde que costumava fazer nos jantares maçónicos, e que sempre o fazia rir, dizendo: "Gostava de o ouvir de novo."

O meu marido repetiu-o, e o Coronel P. riu-se pela trombeta e exclamou: "Não nos esquecemos dos 'Jacks' e 'Johnnies'." (O meu marido é conhecido por "Jack" ou "Johnny.") O espírito depois fez ele próprio um brinde em verso.

A seguir veio um velho tio, deu o nome "William", falou com o meu marido, e disse que o nosso filho esteve connosco ontem, mas que hoje tinha ido "fazer uma visita a—" (grandes esforços para dizer onde; soava como "Miss Kes") "para se preparar para amanhã." (O nosso filho foi hoje ao hospital da Sra. Keyser preparar-se para uma operação à perna amanhã.) Este espírito também identificou a minha filha no círculo e falou com ela; faleceu muitos anos antes de ela nascer.

A Irmã Amy (do grupo de Craddock) cantou sozinha "Just a song at twilight", quando lhe pedi a sua canção favorita. Vozes muito fortes juntaram-se em "Lead, Kindly Light." Dois espíritos falaram ao mesmo tempo — uma mulher, que sussurrou ao Sr. J., e outro (sul-africano) que tentava identificar-se com o Coronel L. Quando perguntámos o nome deste último, Grayfeather disse: "Oh, é tão comprido como o teu braço!" John King e Julia falaram ambos de forma muito clara... Não conseguimos que os nossos amigos se manifestassem por muito tempo. A Sra. F. B. e a Sra. B. não receberam visitas espirituais. No geral, foi uma sessão maravilhosa — penso que, em termos de provas, foi a melhor a que assistimos. — Com os melhores cumprimentos, S. R.

Observações do Coronel L.: Caro Almirante, a Sra. R. acabou de ler a carta em voz alta ao Major R. e a mim. Achamos que é uma descrição muito fiel, com exceção da manifestação da Irmã Amy. Quando o Sr. J. lhe perguntou pela sua canção favorita, ela respondeu: "Tu canta", o que ele fez, e depois ela cantou sozinha. A voz que se juntou quando cantámos "Lead, Kindly Light" era muito semelhante à que costumávamos ouvir nas sessões com Husk (do acólito do Cardeal Newman). O próprio Cardeal apareceu e deu-nos a bênção em latim, como fazia nas sessões de Husk. Ficámos todos muito impressionados. — Com os melhores cumprimentos, F. P. L.

Poucos dias depois, o mesmo grupo teve outra sessão privada. Desta vez, Cheiro juntou-se a eles, mas nem a Sra. Wriedt nem as senhoras da casa sabiam quem era o estranho até a sessão terminar. O Coronel L. escreveu-me nessa mesma noite:

Meu caro Almirante, tivemos hoje a nossa última sessão com a Sra. Wriedt. O Cheiro esteve connosco. Tivemos pouco, mas o que houve foi maravilhoso. Primeiro, umas luzes muito brilhantes e uma figura indistinta; depois, uma voz através da trombeta dirigiu-se a R. e deu o nome "F—."

R. disse: "Oh, o R— F—, que estava no regimento?"

A voz respondeu: "Sim."

Eu disse: "F—, também deves conhecer-me."

Resposta: "Claro que sim."

Eu disse: "Diz-me o teu apelido no regimento."

Resposta: "Chamavam-me D— F—." (Isto está absolutamente correto; faleceu há cerca de dois anos e era sempre tratado por "D—".)

Depois disse à Sra. R.: "Como está o teu rapaz?" (Ele, F—, tem um filho no nosso antigo regimento, grande amigo do filho de R., que também lá está.)

Eu disse: "D—" (tratando-o pelo apelido), "vi o teu filho no jantar do regimento."
Resposta: "Eu sei; foi um verdadeiro banquete."

Disse ainda que estava perfeitamente feliz e despediu-se com um "Adeus."

Como se pode ter melhor prova do que esta? O Cheiro recebeu visitas de dois amigos e da irmã; esta falou-lhe em tom muito afetuoso, chamando-o pelo nome próprio. Depois disso, a força pareceu esgotar-se. A Sra. Wriedt é a médium mais extraordinária que já vi... — Com os melhores cumprimentos, F. P. L.

Comentando esta sessão, a Sra. R. escreveu:

O regresso do Major F. foi extraordinário, pois conseguiu dizer o seu apelido com tanta facilidade. Disse também ao meu marido: "É estranho encontrar-te aqui e ver-te interessado neste tipo de coisa." Perguntou como estava o meu filho, mostrando assim saber do seu acidente (o que faz sentido, pois o filho dele e o meu são grandes amigos). E dirigiu-se ao Coronel L. pelo nome quando este lhe perguntou se o reconhecia. [O nome do Coronel L. é muito vulgar e estrangeiro.] A dada altura, estavam duas vezes a falar ao mesmo tempo, além da Sra. Wriedt. O Cheiro reencontrou antigos amigos, que deram os seus nomes; disse que mal pensava neles há muitos anos, mas que os conhecera bem. Alguém tentou materializar-se, mas de forma ténue.

Ontem à noite jantámos com a Sra. B., e ao sentarmo-nos à mesa depois do jantar, um espírito deu o nome de W. T. Stead. Perguntámos porque é que as manifestações não tinham sido mais fortes, e a resposta surgiu de imediato: "Pouca energia." O Tio estava muito forte, deu duas mensagens (isto foi durante o jantar, com as luzes acesas, um grupo de oito à mesa) e mostrou grande inteligência ao bater o alfabeto de uma nova maneira que o Coronel L. lhe explicou. Disse que esteve com o meu marido ontem quando este falava contigo no clube. — Com os melhores cumprimentos, S. R.

O meu amigo Sr. W., advogado e membro da Função Pública, vive na Irlanda; tem quase sessenta anos, é Associado da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres (S.P.R.) e membro ativo da S.P.R. de Dublin. Em junho, pediu-me autorização para participar numa sessão com a Sra. Wriedt. Como todas as sessões estavam preenchidas, a única solução foi convidá-lo a juntar-se a mim numa das minhas sessões privadas, o que aconteceu na manhã de 22 de junho.

Até ao final da sessão, nem a médium nem as senhoras residentes na casa sabiam absolutamente nada sobre ele. Apenas eu conhecia o seu nome, nacionalidade e ocupação. Era impossível que qualquer pessoa associada à Cambridge House soubesse que ele era um "pesquisador psíquico", no sentido utilizado pelo Dr. Sharp.

O Sr. W. permitiu gentilmente que utilizasse as suas notas. Posso garantir a veracidade do seu relato:

O Almirante Usborne Moore estava sentado numa cadeira à distância de um braço, à minha esquerda. Imediatamente à minha direita encontrava-se uma mesa oval com jarros de flores, sobretudo rosas, com algumas flores brancas que eu próprio tinha levado. À minha frente, à mesma distância, a Sra. Wriedt estava sentada numa cadeira colocada perpendicularmente à minha. À esquerda e ligeiramente à frente do Almirante Moore, havia uma pequena mesa com cerca de quarenta centímetros quadrados, com um grande jarro de lírios e também uma trombeta telescópica de alumínio para voz. Nessa mesma mesa, em frente ao Almirante Moore, havia ainda um pequeno vaso com algumas rosas que ele trouxera no dia anterior. No fundo da sala, à minha esquerda, perto da porta, havia um pequeno gabinete com cerca de dois metros de altura, completamente aberto à frente. Antes da sessão começar, examinei esse gabinete e confirmei que não tinha saídas na parte de trás — tinha cortinas penduradas de cada lado. O gabinete estava a cerca de dois metros e meio da mesa à minha direita, e portanto, a cerca de dois metros da Sra. Wriedt e provavelmente a pouco mais de um metro da cadeira do Almirante Moore. No centro do círculo encontrava-se também, de pé no chão, uma grande trombeta telescópica de alumínio.

As luzes foram apagadas. Quase de imediato, o Dr. Sharp (o guia espiritual da Sra. Wriedt) falou com uma voz forte e clara (voz masculina) através da trombeta — presumivelmente aquela no centro do círculo. A voz parecia estar ao nível da minha cabeça ou um pouco acima. O Dr. Sharp saudou o Almirante Moore e deu-lhe as boas-vindas. Disse também que estava contente por receber "o pesquisador psíquico" — o meu nome, nacionalidade e ligação à Sociedade de Pesquisas Psíquicas só eram então conhecidos pelo Almirante Moore. Afirmei que era necessária grande cautela por parte dos membros da Sociedade ao lidar com estes fenómenos. O Dr. Sharp concordou, mas lamentou a crença cega por parte de muitos membros e os seus esforços para desvalorizar as provas incontestáveis que frequentemente lhes eram apresentadas.

Iola (o guia do Almirante Moore) falou então com uma voz suave, mas perfeitamente audível, através da trombeta, dirigindo-se a ele, tratando de um assunto privado.

O Almirante disse a Iola: "Deixa-me apresentar-te o meu amigo."

Iola respondeu: "Vou tentar ajudar a esposa deste senhor a manifestar-se para ele."

O Dr. Sharp afirmou que as condições do círculo eram muito boas e que "a esposa deste senhor, um espírito muito doce, irá manifestar-se."

Após um curto intervalo, apareceram algumas luzes espirituais muito brilhantes — do tamanho de uma moeda de dez cêntimos, algumas de cor vermelha; aproximaram-se do Almirante Moore e depois apareceram no centro do círculo. Logo de seguida, uma bela e angelical forma espiritual começou a tomar forma dentro do gabinete, claramente visível para os três participantes. A figura estava envolta num tecido, o contorno gracioso era muito evidente, embora os traços do rosto estivessem indistintos.

No momento em que a figura surgiu, os três presentes exclamaram: "Que figura maravilhosa!" A voz da Sra. Wriedt foi identificada por mim como vindo da cadeira imediatamente à minha frente — o gabinete onde a figura apareceu estava a pelo menos dois metros da cadeira da Sra. Wriedt.

O Almirante Moore, que estava mais próximo do gabinete, achou que se tratava da figura de uma mulher alta, com cerca de um metro e sessenta e cinco a um metro e setenta — a mesma altura da minha esposa; afirmou que não era a figura de Iola, que era de constituição pequena e com cerca de um metro e cinquenta e cinco. A aparição desapareceu completamente em cerca de cinco a dez segundos. Pouco depois, a mesma figura espiritual foi eterealizada novamente durante alguns segundos, de forma ainda mais nítida que antes; os traços faciais continuavam indistintos, mas o cabelo escuro e o contorno geral estavam muito claros. Tanto a Sra. Wriedt como o Almirante Moore declararam nunca ter visto uma figura espiritual tão bela e angelical. O Almirante Moore tinha a certeza de que a figura não era a de Iola e o Dr. Sharp disse de forma clara, através da trombeta: "A bela forma que viram era a esposa deste senhor."

A minha esposa não conversou comigo através da trombeta, pelo que não recebi provas diretas da sua identidade, a não ser pela altura e contorno da figura, e pela afirmação do Dr. Sharp de que se tratava da minha esposa.

O Dr. Sharp perguntou-me então, através da trombeta: "Conheceu algum homem chamado Johnson ou Thompson?"

Respondi que não me lembrava, exceto de um médico em Dublin com esse nome, já falecido há alguns anos.

O Dr. Sharp disse: "Ele está aqui e quer falar consigo."

Em breve, uma voz baixa dirigiu-se a mim pela trombeta.

Perguntei: "Qual é o seu nome?" Ouvi uma resposta, mas não consegui perceber o nome.

A voz disse então: "Sou a esposa de um membro da sua sociedade que faleceu recentemente."

Perguntei se se referia à Sociedade de Línguas Modernas ou à de Pesquisas Psíquicas.

A voz respondeu: "A Sociedade Psíquica."

Pedi que o nome fosse dito com mais clareza, mas ainda assim não o entendi.

A voz então pareceu angustiada e disse: "Oh, oh, oh, oh — ai meu Deus!"

Pedi ao espírito que fizesse um novo esforço.

A voz então tornou-se mais forte, e reconheci o nome "P—."

Perguntei: "É o nome P—?"

Resposta: "Sim! Sim!"

O espírito pareceu muito satisfeito e a voz tornou-se muito mais nítida. [O nome é invulgar e estrangeiro.]

A Sra. P— era uma jovem encantadora de Dublin, em cuja casa eu costumava visitar no primeiro domingo de cada mês durante os dois invernos anteriores. As reuniões na sua casa eram frequentadas por pessoas de pensamento avançado, em matérias psíquicas, religiosas ou sociais. Falei com o espírito durante alguns minutos; ela lembrou-se de ter participado comigo numa sessão de "sete".

Perguntei: "Foi com a Sra. Mitchell?"

Ela disse: "Sim, com a Sra. Mitchell; a Sra. Mitchell era uma grande mulher."

Disse ainda lembrar-se do episódio desagradável que tive com a "Cissie", uma guia espiritual negra da Sra. Mitchell.

O espírito então disse: "Nunca mais servirei chá." A Sra. P— era uma excelente anfitriã e encarregava-se sempre da hospitalidade nas nossas reuniões de domingo.

Eu disse: "Como uma prova forte da sua identidade, gostava que se lembrasse se alguma vez fui visitá-la enquanto estava convalescente."

Ela respondeu de imediato: "Sim, sim, aqui em Londres."

Perguntei "Onde?"

A resposta foi um pouco indistinta, então perguntei: "Foi na zona de Warwick Avenue?"

Julguei ouvir algo como Torrington Place, e perguntei: "Foi em Torrington Place?"

A resposta foi imediata e enfática: "Não, não foi em Torrington Place; foi em Warrington Crescent."

Isto estava completamente certo. Visitei-a uma vez e jantei com ela numa casa em Warrington Crescent quando estava a recuperar. Esta foi uma prova muito convincente, pois eu próprio tinha completamente esquecido o nome da rua, até a voz o recordar com tanta firmeza.

Depois do episódio com a Sra. P—, o Dr. Sharp disse-me: "Agora, senhor, segure as mãos da Sra. Wriedt, e a sua esposa tentará dar-lhe uma rosa."

Segurei firmemente as duas mãos da Sra. Wriedt com a minha mão direita. Após cerca de dois minutos, colocaram-me uma rosa na mão livre, e pouco depois outra.

O Dr. Sharp disse então: "Falava há pouco sobre os fenómenos físicos que ocorreram naquela manhã." (A Sra. Wriedt tinha-me contado sobre o vaso de lírios que se deslocou da mesa para o chão, e também do movimento dessa mesa numa sessão recente.) "Agora, senhor", dirigindo-se a mim, "segure novamente as mãos da Sra. Wriedt."

De repente, fui atingido do lado direito da cabeça por um ramo de rosas (o meu rosto já tinha sido tocado por flores). O ramo caiu sobre os meus joelhos e depois no chão. Estas

rosas foram depois encontradas fora do vaso que estava perto do meu cotovelo direito. Após alguns minutos em silêncio, o Dr. Sharp disse: "Sra. Wriedt, acenda a luz."

Quando a luz elétrica foi ligada, o grande jarro de lírios que estava na mesa perto da cadeira do Almirante Moore encontrava-se agora no chão, em frente a mim, e o ramo de rosas estava no chão ao meu lado. Depois de verificarmos a mudança de posição das flores e dos lírios, as luzes foram novamente apagadas, e levei a trombeta ao ouvido direito com a mão direita, apontando sobre a mesa num ângulo de cerca de sessenta graus em relação à linha direta entre a médium e eu, enquanto com a mão esquerda segurava firmemente as mãos da Sra. Wriedt. Pequenas batidas foram ouvidas pela trombeta, audíveis tanto para mim como para o Almirante Moore, mas não houve mensagem distinta, embora tenha ouvido um sussurro uma ou duas vezes, sem conseguir identificar palavras.

A minha mão esquerda foi tocada repetidamente enquanto segurava as mãos da médium. A Sra. Wriedt anunciou por duas vezes que as suas mãos foram tocadas. O Almirante Moore afirmou que não foi tocado em momento algum da sessão e não recebeu manifestações além de algumas frases de Iola, audíveis para todos. Iola não falou com ele fora da trombeta, como normalmente fazia. Durante os incidentes com as flores, que descrevi, o Almirante Moore manteve-se na sua cadeira à minha esquerda e não poderia ter-se mexido sem eu notar, pois tenho o ouvido muito apurado.

Observações gerais: Durante toda a sessão descrita, fui especialmente cuidadoso em observar a postura da médium durante os fenómenos. Por uma ou duas vezes notei que a Sra. Wriedt parecia falar ao mesmo tempo que o Dr. Sharp, enquanto eu segurava as suas duas mãos. Pelas exclamações quase involuntárias de admiração da Sra. Wriedt enquanto a figura espiritual se formava no gabinete, e pelo facto de a sua voz vir de um ponto junto à minha cadeira, não tenho qualquer dúvida de que, durante esses fenómenos, a Sra. Wriedt estava sentada a mais de dois metros do gabinete.

Na minha opinião, não poderia haver conluio entre os outros dois participantes, pois eu teria detetado imediatamente qualquer movimento da Sra. Wriedt ou do Almirante Moore durante as manifestações. Várias vezes durante a sessão, o meu rosto e mãos foram tocados por flores, enquanto segurava firmemente as mãos da médium.

O meu nome não constava dos registos do Sindicato dos Garantes. Acompanhei o Almirante Moore numa das suas sessões privadas. Ele garante-me que era impossível que o meu nome, profissão, nacionalidade ou ligação à Sociedade de Pesquisas Psíquicas fosse conhecido antes da sessão.

Foi a minha primeira experiência com fenómenos tão notáveis e não tenho qualquer explicação para os mesmos, a não ser o extraordinário poder psíquico possuído pela Sra. Wriedt.

C. J. W.

O seguinte relato é de uma senhora que apenas assistiu a uma sessão privada com a Sra. Wriedt. Era completamente desconhecida da médium, de mim e dos residentes da casa. Só nessa única ocasião entrou na Cambridge House. As "condições" não podiam ter sido piores,

pois a médium encontrava-se naquele momento com um grande sentimento de aborrecimento; conseqüentemente, estava certo de que a senhora teria tido uma experiência infrutífera, mas não quis escrever a perguntar. Para minha grande surpresa e alívio, recebi uma carta espontânea da senhora a 16 de agosto, informando-me que a sua sessão fora um enorme sucesso. Só posso concluir que ela própria deve possuir algum poder psíquico que neutralizou o estado mental da Sra. Wriedt. Eis a sua carta:

"Caro Almirante Moore — Tenho lido o seu relato das sessões da Sra. Wriedt todas as semanas no *Light*, e penso que poderá ter interesse em saber que a sessão que tive com ela no dia em que o conheci foi absolutamente convincente. Quando estava no comboio a regressar de Wimbledon, lembrando-me do que escreve no seu livro, tomei notas detalhadas do que tinha ocorrido e escrevi o relato completo assim que cheguei a casa.

Sete dos meus familiares — meu pai, mãe, filho, filha, primo, um sobrinho e um velho amigo — vieram falar comigo, um após o outro, sem interrupções, todos dando os seus nomes. A minha mãe disse: "Pensei mesmo que o — (mencionando o nome próprio abreviado do meu marido, como toda a família o conhecia) estava a vir ter connosco na semana passada. Espero que ele não volte a magoar-se assim." (Ele tinha tido uma queda muito feia do cavalo na semana anterior.)

A minha filha disse que estava a tomar conta do irmão (um filho que tenho no Canadá), e deu-lhe o nome carinhoso pelo qual sempre o chamava. O meu sobrinho deu o seu nome próprio e apelido. Ao início não percebi bem, mas ele disse: "Oh, tia, tia, lembra-te de mim; estive no Worcester [navio-escola], e depois afoguei-me." Depois deu o nome novamente, de forma muito clara, e o que disse era completamente verdade.

O primo do meu marido deu os dois nomes. Eu disse: "Sei muito bem quem és, mas tu não me conhecias em vida, como sabes então quem sou?"

Ele respondeu: "Estive em casa da minha irmã ontem quando lá foste, por isso soube quem eras."

Eu disse: "É verdade; mas não lhe disse que vinha cá."

Ele respondeu: "Segui-te até à casa seguinte onde foste, e lá ouvi dizer que vinhas cá hoje, por isso quis deixar-te saber que estou vivo."

Considereei isto uma prova claríssima de como os nossos amigos do outro lado podem estar em contacto connosco, se assim o desejarem, pois tudo o que disse era rigorosamente verdade.

Esqueci-me de referir que, depois de falar com o meu sobrinho, John King (que é um velho amigo meu) disse: "Que bom que reconheceste aquele rapaz; ele estava ansioso por falar contigo." O meu velho amigo, que veio por último, disse: "Vejo-te às vezes."

Respondi: "Consegui convencer dois dos teus antigos colegas de escola da existência da vida futura, recentemente."

Ele replicou: "Sim, estiveste com — ontem." (Isto é verdade; o senhor em questão, um dos dois, veio jantar connosco na noite anterior.)

Então John King disse: "Isto é tudo o que conseguimos por agora; agora vou contigo para casa."

Espero não o ter aborrecido com este relato longo, mas, sabendo do interesse que tem no trabalho da Sra. Wriedt, atrevi-me a enviá-lo..."

A minha correspondente tem excelentes razões para manter o anonimato. Longe de me aborrecer, estou certo de que os leitores considerarão este relato como um dos testemunhos mais interessantes e valiosos alguma vez apresentados em apoio à crença na vida após a morte.

Um vizinho meu escreve o seguinte:

"Tive duas sessões privadas com a Sra. Wriedt este ano, ambas à tarde. Já tinha participado numa sessão geral no ano anterior, com dezoito pessoas, onde o Almirante Usborne Moore também esteve presente. Nessa ocasião levei três amigos comigo, dois homens e uma mulher. Um dos homens era advogado, membro do Parlamento e oficial da força territorial; o outro era Almirante na Marinha.

Esses homens não queriam ser reconhecidos e, estupidamente, apresentei-os à médium com nomes falsos. Para mim, a sessão foi um fracasso, pois adoeci e tive de sair a meio. Fui informado depois que dois livros foram retirados da estante por algum poder desconhecido e lançados sobre os joelhos do membro do Parlamento. Um era *A História do Exército de Sua Majestade*; o outro, creio, era um livro jurídico. Este pormenor é necessário para explicar o que se segue.

A minha primeira sessão deste ano não me impressionou. Estava demasiado ansiosa e nervosa, e sinto que posso ter sugerido nomes em vez de esperar que os espíritos os dessem. No entanto, não houve erro possível quanto ao meu irmão, que veio a cantar — era algo que adorava fazer em vida, passava o dia a trautear. O meu guia espiritual quase se manifestou de forma inconfundível.

Na segunda sessão, estava mais preparada para os fenómenos e fui muito cautelosa na forma como falei com os espíritos. Manifestaram-se o meu guia, o meu pai, mãe, irmão, um primo e um amigo; também (para minha surpresa) o meu sogro, o cónego Hamilton. Todos deram os seus nomes sem qualquer sugestão da minha parte. Não vale a pena relatar tudo o que foi dito, mas há um facto evidente que merece destaque, pois remete para a sessão do ano anterior.

O cónego Hamilton apareceu-me pela primeira vez nesta ocasião. Em vida, foi vigário de uma paróquia no condado de Galway; era um pastor evangélico extremamente rígido, da velha escola. A mais pequena mentira, mesmo por brincadeira, era-lhe repugnante. Quando ouvi a voz pela primeira vez, perguntei: "Quem és?"

Resposta: "Sou o pai do Charley" (Charley é o nome do meu marido).

"O quê, o Cónego Hamilton?"

Resposta: "Sou." Depois repreendeu-me pelo que aconteceu na sessão do ano passado, manifestando forte desaprovação pelo facto de eu ter apresentado os dois senhores com nomes falsos. Disse ainda que ajudou a colocar os livros nos joelhos do deputado e que, naquela ocasião, me influenciou tão negativamente que me vi obrigada a sair da sala. O seu tom era de repreensão severa, tal como teria sido em vida numa situação semelhante.

Gostaria de acrescentar um episódio da conversa com a minha mãe.

Ela perguntou: "O que ficaste com das minhas joias? Espero que tenhas guardado alguma coisa."

Disse-lhe que artigos tinha guardado, e ela pareceu satisfeita. Nos últimos anos de vida, o passatempo da minha mãe era planear como distribuir as suas joias entre mim e as minhas irmãs.

O meu irmão voltou a aparecer a cantar, como antes, e falou do que se passou na sessão anterior.

Eu mencionei isso e ele exclamou: "Sim, e agora sou médium aqui."
(assinado) **H. M. Buchanan Hamilton**

Sobre esta confissão da senhora quanto à sessão do ano passado, lembro-me de John King me dizer, na manhã seguinte, que dois senhores tinham vindo com nomes falsos, e que ele tinha retirado dois livros da biblioteca, sobre "Majestade e Lei", e os colocara nos joelhos de um deles "para mostrar-lhe que sabíamos quem ele era."

Por Rev. Charles L. Tweedale

Li o relato da suposta "exposição" da Sra. Wriedt publicado no *Frankfurter Zeitung*, mencionado na *Light* do dia 7 do corrente mês, na página 424, com sentimentos de indignação e desprezo. Todo o artigo é um amontoado de disparates ignorantes, que envergonharia um aluno do terceiro ano, quanto mais um professor. Neste artigo ridículo do *Zeitung* insinua-se que a Sra. Wriedt segura a trombeta com as mãos e fala através dela, e que os sons percussivos são o resultado de uma mistura de licopódio com água.

Quanto a esta última sugestão, só faltava mesmo isto para reduzir o artigo ao ridículo total. Qualquer estudante de química sabe que o licopódio precisa de uma chama ou faísca para explodir; e é quase desnecessário dizer que essa chama ou faísca, sem mencionar o clarão da explosão, revelaria de imediato o truque a todos os presentes.

Outro relatório afirma que se encontrou "enxofre" no tubo. Isso só aumenta o absurdo. O professor claramente queria encontrar "gato escondido com o rabo de fora", e encontrou-o de facto.

Examinei as trombetas, tal como alguns dos meus amigos, alguns deles experientes investigadores da S.P.R., e não encontrámos nada que pudesse explicar, de forma alguma, os fenómenos.

Quanto à sugestão implícita de que a Sra. Wriedt fala ela própria através da trombeta: estive presente em quatro sessões. Numa delas sentei-me ao lado da Sra. Wriedt, e noutra foi um amigo meu — um dos investigadores mais experientes ligados à Sociedade de Pesquisas Psíquicas — quem se sentou ao lado dela. No início de cada sessão, as trombetas são colocadas no centro do círculo, e durante a sessão, e enquanto os participantes estão sentados, estas trombetas passam por todo o círculo de uma forma que seria completamente impossível caso estivessem a ser manuseadas pela Sra. Wriedt — a menos que ela se levantasse da cadeira. Através de meios que não preciso de revelar aqui, o meu amigo, na sessão em que participou, confirmou de forma absoluta que a Sra. Wriedt não se levantou da cadeira. Já eu, ao sentar-me ao lado dela, provei positivamente que não usou a trombeta como tubo de voz. A "voz" falava através da trombeta com uma pessoa do outro lado do círculo. A trombeta, pelo som, parecia estar numa posição horizontal e a cerca de um metro e vinte de altura. Notei que o som da voz parecia sair pelas duas extremidades da trombeta.

Ouvi a voz falar através da trombeta no lado oposto do círculo e, ao mesmo tempo, um som sibilante — ou reflexo sonoro — parecia vir presumivelmente da extremidade mais pequena da trombeta, na direção da Sra. Wriedt, que estava sentada ao meu lado. De facto, podia pensar-se, a julgar por esse som sibilante, que a trombeta estava a ser usada por ela da forma que o miserável artigo no *Frankfurter Zeitung* insinua. Tudo isto me ocorreu num instante, e aproveitei de imediato a oportunidade que me foi dada.

Enfiei o punho da camisa pela manga acima, de modo que o branco não traísse a minha acção, e estendi o braço até quase ao chão, em frente da Sra. Wriedt; depois levantei-o lentamente à frente do seu rosto até acima da cabeça; então voltei a baixá-lo lentamente até ao chão. Fiz isto quatro vezes, durante todo o tempo em que a voz forte soava pela trombeta do outro lado do círculo, e um som sibilante se ouvia na direção da Sra. Wriedt. Se ela estivesse a segurar a trombeta e a usá-la para produzir a voz, teria, com este gesto, derrubado o instrumento das suas mãos; mas fico satisfeito por poder afirmar que o meu braço não encontrou qualquer obstáculo ao passar repetidamente à frente do seu rosto.

Isto desfaz, de uma vez por todas, a ficção de que, nas sessões escuras, a Sra. Wriedt usa a trombeta como tubo de voz, encostando-a aos lábios. O Almirante Moore e outros atestam que, nas sessões realizadas com luz, as vozes emanam da trombeta, sob condições controladas, estando esta a uma distância considerável da médium. Numa ocasião, o aro da trombeta foi colocado sobre a minha testa com uma delicadeza e precisão de toque impossíveis de imitar na escuridão. Não houve qualquer hesitação ou erro, mas uma precisão perfeita. Outros participantes também relataram que a trombeta lhes foi colocada com exatidão em resposta a pedidos mentais.

Durante toda esta sessão, em que me sentei ao lado da Sra. Wriedt, prestei atenção a qualquer sinal de movimento da sua parte. Manteve-se absolutamente imóvel, e não ouvi o mínimo som de fricção das roupas, o que seria normal mesmo com pequenos movimentos de braço. Estou absolutamente certo de que, durante toda a sessão, ela não se levantou da cadeira. No final, levantou-se para acender a luz. Contudo, como é justamente observado na

página 248, o grande valor do médium de Mrs. Wriedt reside nas provas pessoais obtidas pelos participantes.

Destas, recolhi muitos exemplos absolutamente conclusivos. Foram-me dadas informações de carácter íntimo e de acontecimentos ocorridos há quarenta anos na minha família, que nem mesmo a minha esposa, presente na sessão, conhecia. Também me foram relatados assuntos privados da vida da minha esposa, ocorridos há dezassete anos, que eu próprio desconhecia, com nomes e detalhes corretos, impossíveis de serem do conhecimento de qualquer outra pessoa presente. Tudo foi transmitido com uma naturalidade surpreendente. Detalhes sobre uma paroquiana minha, falecida há cerca de oito meses, que encontrei morta na sua cadeira junto à lareira, também nos foram comunicados, incluindo factos que só nós conhecíamos e uma informação sobre o túmulo, que eu julgava incorreta, mas que confirmei ser verdadeira junto do coveiro que preparou o enterro.

Mas as experiências do meu amigo, investigador da Sociedade para Pesquisas Psíquicas (S.P.R.), obtidas sob condições rigorosas, serão provavelmente das mais evidentes registadas durante esta última visita de Mrs. Wriedt a Inglaterra. Por motivos de verificação, e no interesse da reputação da médium, foi-lhe apresentado inesperadamente numa sessão, com um nome que não era o seu verdadeiro apelido, e, pelos acontecimentos subsequentes, temos provas de que a sua identidade era desconhecida por todos os presentes, exceto por nós próprios. Logo que a sessão começou, começaram a surgir-lhe provas pessoais das mais extraordinárias, que marcaram a sessão.

Mais tarde, forneceu-me as informações que me permitiram seguir os dados obtidos, os quais eram impressionantes e conclusivos. Disse-me que foi a primeira vez, em mais de vinte anos de investigação — incluindo sessões com diversos médiuns famosos, denúncias de charlatanismos e viagens de milhares de quilómetros — que obteve provas pessoais verdadeiramente conclusivas. Nenhuma das informações que lhe surgiram era conhecida por mim ou pela minha esposa.

Nestas sessões notáveis testemunhei muitos acontecimentos extraordinários de valor probatório. Por vezes, ouviam-se três vozes ao mesmo tempo; numa ocasião, uma amiga nossa ouviu uma voz a sussurrar-lhe informações privadas ao ouvido, enquanto outras duas vozes falavam pela trombeta. Ouvi também vozes a falar fluentemente em holandês e italiano, sendo a voz italiana manifestamente masculina, totalmente fora das capacidades de imitação da Sra. Wriedt.

Frequentemente, ouvia-se a médium a fazer perguntas ou a explicar coisas aos participantes, e a sua voz alternava rapidamente com a voz da trombeta, por vezes quase simultaneamente, permitindo comparar o volume e o timbre. Isto foi particularmente evidente numa ocasião em que uma voz conversou com ela durante algum tempo, dando claramente a sensação de serem vozes completamente distintas. Algumas das vozes que ouvi — uma em particular — tinham um tom de baixo extremamente profundo e volumoso.

Tem-se dito que a Sra. Wriedt emprega uma equipa de detetives particulares para investigar os participantes. A absurdidade dessa alegação só pode ser compreendida por

quem tenha assistido às suas sessões. O custo de tal operação, desde logo, torná-la-ia inviável, e mesmo que isso não fosse um impedimento, essa teoria colapsa por completo quando confrontada com casos de pessoas apresentadas inesperadamente e com nomes falsos, ou quando surgem provas de carácter íntimo e delicado, conhecidas apenas pelos próprios participantes. São precisamente essas provas privadas e pessoais que constituem o testemunho mais forte tanto da autenticidade da mediunidade da Sra. Wriedt como da continuidade da personalidade humana após a morte.

Passo agora a relatar duas sessões em que participei com amigos meus. É importante esclarecer, desde já, que os residentes da casa só estiveram presentes em duas das sessões a que assisti na Cambridge House, além das noites de quarta-feira (as "noites da Julia") descritas nas edições da *Light* de 3 e 10 de Agosto. Não estavam presentes nas duas sessões que vou descrever.

A primeira foi uma sessão mediana, mas houve dois pontos dignos de registo. O círculo era composto por sete pessoas — todas, exceto eu, desconhecidas da casa e da Sra. Wriedt. As condições atmosféricas eram desfavoráveis. A sessão durou uma hora. Um vigário de uma cidade do norte sentou-se à minha esquerda, na extremidade do semicírculo e diretamente em frente da médium, a uma distância de cerca de dois metros e meio. Nada aconteceu nos primeiros dez minutos.

Depois surgiu Iola, com mensagens privadas sobre a minha esposa e um familiar doente; em seguida veio o Cardeal Newman, que se dirigiu de imediato ao clérigo com voz baixa e refinada: "Irmão —, irmão —."

O meu vizinho respondeu: "Sim, quem é?"

Resposta: "Cardeal Newman." Após algumas palavras trocadas, a voz proferiu uma bênção em latim diante dele, e depois dirigiu-se aos restantes participantes com uma bênção em inglês.

Terminou com: "A paz esteja contigo, Irmão —, paz para todos vós; bom dia, bom dia a todos."

A mãe do vizinho apareceu e identificou-se, chamando-o pelo nome próprio e referindo-se a outros membros da família. O aspeto mais comprovativo da sessão foi a manifestação de um antigo sineiro, que falou antes de Grayfeather terminar.

Pergunta: "Quem és?"

Resposta: "... Quando chegaste à aldeia, há doze anos..."

Pergunta: "Vivias na aldeia?"

Resposta: "Não, não; mas vinha ao serviço... tocar o sino."

Pergunta: "Qual é o nome?"

Resposta: "William Crookes."

Pergunta: "És o William que tocava o sino?"

Resposta: "Sim, sim, sou eu. Foste muito bondoso comigo e visitaste-me quando estive doente, antes de morrer. Foste muito bondoso."

Pergunta: "Sim, lembro-me; mas foi muito pouco o que fiz por ti."

Resposta: "Não, foste muito bondoso, e fiquei muito grato."

Ouvi tudo isto, mas não confiei apenas na minha memória ou nas minhas notas; pedi emprestadas as notas do clérigo, feitas com grande cuidado. Ele escreveu-me depois de regressar a casa:

"Enquanto William Crookes me falava, eu estava com os dedos entrelaçados, os cotovelos sobre os joelhos, inclinado na direção do ponto de onde parecia vir a voz, que estava a cerca de sessenta centímetros do chão. Nessa posição, fui tocado levemente pela trombeta, primeiro nos óculos do lado direito e depois três ou quatro vezes nos dedos. Ao consultar o meu livro de visitas pastorais, encontrei esta entrada: '1900, 4 de Dezembro. Crookes, Win., 63 — Lane, idade 72. Afeção: Velhice. Idiota. Faleceu.' Cheguei a — em agosto de 1900; na altura não era ainda uma paróquia, mas uma aldeia, como ele a chamou."

William Crookes disse bastante mais. Referiu-se, entre outras coisas, a um membro da congregação "que passa o prato para as ofertas" (hoje usam-se sacos, mas antigamente usavam-se pratos, quando William estava vivo).

O vigário disse-lhe: "Sabes que temos uma nova igreja agora, William?"

Resposta: "Sim, sim, mas ainda tocam o sino do toque de recolher." Essa tradição antiga ainda existe na região, embora não na igreja do meu amigo. A torre onde se toca o sino do toque de recolher fica a oitocentos metros do número 63 de — Lane.

Grayfeather veio duas vezes. Na primeira falou bastante com uma das participantes e perguntou a uma senhora idosa por que usava turquesa. "Nasceu em dezembro?"

Ela respondeu: "Não, em fevereiro."

Grayfeather: "Pedra azul não serve para fevereiro." E assim por diante.

Um espírito dirigiu-se a um senhor no centro do círculo, dizendo com tom comovido: "Meu querido filho, Deus te abençoe!"

Participante: "Não sabia que tinhas falecido."

Espírito: "Sim, meu filho, que Deus te abençoe e te dê um lugar melhor do que o meu, quando chegares."

(Este senhor, com cerca de cinquenta anos, explicou-me que houve uma tragédia na família e que realmente não sabia se o pai estava vivo ou morto.)

Julia apareceu e dirigiu-me várias palavras simpáticas, cumprimentando o círculo. Disse que o Sr. Stead estava sempre ocupado, a ir de um lado para o outro. Continuava a trabalhar na *Review*.

Um espírito amigo dirigiu-se a uma senhora e falou-lhe com gratidão pelos frutos e flores que ela lhe ofereceu durante a sua última doença — reconhecimento confirmado.

O vigário escreveu nas suas notas:

"Antes de a minha mãe falar, vi uma névoa luminosa na minha mão esquerda, e senti a cabeça aquecer intensamente. Quando ela começou a falar, essa sensação desapareceu... Iola e a minha mãe falaram com vozes suaves e ternas, cheias de paz e afeto."

A segunda sessão ocorreu no dia 11 de maio; não foi particularmente notável no seu todo, mas teve dois aspetos que justificam registo — uma profecia feita a um oficial da Marinha e a manifestação de Vincent N. Turvey, o célebre sensitivo recentemente falecido em Bournemouth.

O círculo era composto pela Sra. S., de Bournemouth, o seu filho, o Tenente e a Sra. V. U. (genro e filha), Miss Scateherd, a Sra. H. (uma sensitiva) e eu próprio. Tivemos de esperar cerca de dez minutos ou mais até que algo acontecesse. Depois, Iola veio falar comigo e dirigiu-se em seguida ao Tenente V. U. (meu primo).

Deu-lhe um dos seus nomes próprios — na verdade, o nome pelo qual era chamada pelo pai dele quando estava viva — e enviou uma mensagem para esse mesmo pai. Após recordar ao meu primo a última vez que lhe falara (precisamente um ano antes), disse: "Estou a ajudar alguém que acaba de falecer, e não o consigo trazer para falar, pois ainda não é capaz" (o sobrinho dela tinha morrido na manhã anterior). Iola e a Sra. S. iniciaram uma conversa, na qual ela deu o nome da Sra. V. U. e a alertou para ter cuidado com a saúde.

Após dois espíritos se manifestarem a uma das participantes, Grayfeather entrou com um grito e dirigiu-se ao Tenente V. U.: "Como vai isso, tickey, tickey, tickey? U—, grande chefe" (o Sr. U. é alto). Isto pareceu estar relacionado com um barco a vapor ou a motor. Após falar com o filho da Sra. S., durante o que lhe deu várias pancadinhas na cabeça com a trombeta, voltou-se para mim para conversar, e depois voltou ao Tenente V. U. Surgiu então uma voz — "Turvey."

Este espírito falou principalmente com o jovem Sr. S., ocasionalmente com a mãe; e tossiu muitas vezes, assumindo as condições da sua morte. (O Sr. Turvey era amigo da família S. Não conhecia bem o jovem Sr. S., mas era amigo íntimo do pai, que não estava presente na sessão. É possível que o tenha confundido com o pai.) A mãe da Sra. S. apareceu, chamando a filha pelo nome próprio e expressando a sua alegria por poder "vir falar com as duas crianças."

Dirigiu-se especialmente ao jovem Sr. S., depois disse: "V—" (dando o nome próprio do Tenente U.), "como está?"

Tenente U.: "Tenho muito gosto em conhecê-la."

Voz: "Obrigada; tenho muito gosto em vê-lo na família. Gosto de o ver na família. Adeus." Depois, à Sra. S.: "Espero que ele fique bem durante o resto do verão" (alusão clara ao Sr. S., pai). "Dê-lhe o meu carinho. É tão bom poder conversar consigo. Adeus, querida."

Grayfeather regressou ao Tenente U. e disse-lhe que ia para Halifax, e que em breve iria receber "três anéis." Ouvimos o som da trombeta a arrastar-se no chão, aparentemente desenhando três círculos. Isto repetiu-se mais tarde, e Grayfeather informou que os três anéis viriam "na época das cerejas." Falou também sobre U. ir para Ottawa e ter algo a ver com a "Casa dos cocares" (presumivelmente o Parlamento). Foi um pouco confuso, sobretudo porque introduziu uma profecia de que o oficial levaria consigo "uma caixa de shinem" (dinheiro). Por fim, Grayfeather deu uma previsão lúgubre de problemas vindouros no Oriente: "Grande problema além-mar — gente branca, gente preta, todo o tipo de gente — vão lutar. Muitas cabeças cortadas."

Almirante Moore: "Hoje em dia já não se cortam cabeças."

Grayfeather respondeu de forma que todos entenderam como: "A história repete-se." (Já ouvi estas previsões sombrias de Grayfeather por mais duas vezes desde esta sessão.)

Julia manifestou-se e deu as boas-vindas aos participantes no seu "Santuário", e a sessão terminou.

Notas: O Sr. Vincent Turvey faleceu a 3 de maio de 1912. O Tenente V. U. é oficial da Marinha Real, com grande potencial. Foi promovido ao posto de Comandante a 30 de junho de 1912, sete semanas após esta sessão. Devo explicar que os tenentes não são promovidos por antiguidade, mas por seleção; o uniforme distingue-se por três faixas douradas em cada braço. É verdade que sabia que, salvo injustiça, o meu primo teria de constar na próxima "Gazette". E provavelmente ele também sabia.

As promoções só ocorrem duas vezes por ano — a 30 de junho (época das cerejas) e a 31 de dezembro. Mas como é que este velho espírito indígena previu tal coisa? Não era algo garantido — muito longe disso; o nome dele estava em nonagésimo quarto lugar na lista, e só vinte e quatro seriam promovidos. Suponhamos que o espírito "leu" a minha mente; e quanto à viagem a Halifax e Ottawa? Isso, de qualquer modo, era alheio aos pensamentos de todos os presentes. Acontece que o pai do Tenente U. é canadiano, e ele tem muitos familiares no Domínio. Também foi mencionada a cidade de Quebec. Resta saber se essa viagem, de que V. U. nada sabia até ao momento, se concretizará de facto.

As sessões de Sir W. F. Barrett com a Sra. Wriedt

Sir W. F. Barrett teve a amabilidade de nos enviar, para benefício dos leitores ingleses, a seguinte cópia de uma carta que remeteu aos principais jornais noruegueses, que haviam publicado um relato da chamada denúncia contra a Sra. Wriedt:

"Por gentileza da minha amiga, Miss Ramsden, tive oportunidade de ler uma tradução da discussão que teve lugar nas vossas páginas — e noutros meios — sobre as sessões com a

Sra. Wriedt em Christiania. A Miss Ramsden também me mostrou a excelente carta que vos enviou sobre o assunto. Como antigo presidente e membro próximo da Sociedade Inglesa para Pesquisas Psíquicas, talvez me seja permitido apoiar calorosamente o apelo da Miss Ramsden à criação de uma sociedade semelhante em Christiania.

Antes de me referir a isso, permitam-me dizer algumas palavras sobre a minha própria experiência com a Sra. Wriedt. Durante a sua visita a Londres este ano, tive a oportunidade de participar em algumas sessões com ela. Duas delas foram sessões privadas, ao meio-dia, com a Miss Ramsden. Numa dessas sessões, em que apenas estávamos presentes eu, a Miss Ramsden e a Sra. Wriedt, permanecemos na primeira parte com boa iluminação. Tinha previamente examinado cuidadosamente toda a sala, quando me encontrava sozinho, e certifiquei-me de que não havia ninguém escondido nem qualquer dispositivo suspeito; a única porta dava para um patamar com janela, por onde entrava luz solar. Qualquer pessoa que tentasse entrar na sala através da porta teria sido detetada imediatamente, mesmo quando a sala estivesse escura. Depois da minha inspeção, a Sra. Wriedt e a Miss Ramsden entraram, a porta foi trancada, e uma das luzes elétricas por cima de nós permaneceu acesa.

Sentámo-nos em cadeiras lado a lado; eu ao lado da Sra. Wriedt, segurando-lhe a mão, e a Miss Ramsden à minha esquerda. Pedimos à Sra. Wriedt que nos deixasse tentar a sessão com luz e, por sugestão dela, a Miss R. segurou a extremidade pequena de uma grande trombeta de alumínio junto ao ouvido; a extremidade maior foi segurada por mim com a mão esquerda. O meu corpo, portanto, ficava entre a médium e a trombeta. Examinei a trombeta antes, que estava completamente limpa e lisa.

Pouco depois, a Miss Ramsden disse ouvir uma voz a falar com ela e iniciou uma conversa com essa voz. Eu apenas ouvia um sussurro, mas nenhuma palavra articulada. Para excluir a possibilidade de a Sra. Wriedt estar a produzir esse som, mantive-a ocupada a conversar comigo, e enquanto falava, a Miss Ramsden continuava a ouvir a voz na trombeta, pedindo-nos para parar de falar, pois a nossa conversa dificultava-lhe a audição.

Mais tarde, a Miss Ramsden garantiu-me que não havia qualquer dúvida de que a voz era independente da Sra. Wriedt, e posso testemunhar que observei a médium e não vi nada de suspeito nos movimentos dos lábios. Ela não se moveu do lugar, e não poderia haver qualquer cúmplice ou artifício escondido que produzisse aquela voz.

Como não ouvi o que a voz disse, pedi à Miss Ramsden que acrescentasse algumas linhas:

[NOTA DE MISS R.: A entidade dizia trazer uma mensagem de um dos meus familiares falecidos; disse-me que, contrariamente ao que esperava, iria receber a visita de uma certa pessoa. Isso aconteceu na segunda-feira seguinte. Devo acrescentar que, se isto se deve a transferência de pensamento, teríamos de admitir ser possível à Sra. Wriedt receber comunicações telepáticas de pessoas cuja existência desconhecia; neste caso, a pessoa encontrava-se num país estrangeiro. Enquanto segurava a trombeta, podia sentir a vibração da voz dentro dela. — H. R.]

Quando a voz parou, a trombeta foi colocada com a extremidade larga no chão, ficando de pé junto à Miss Ramsden. A luz elétrica foi então desligada, e a sala ficou completamente às escuras. Quase de imediato, uma voz masculina muito forte exclamou: "Deus te abençoe! Deus te abençoe!" A Sra. Wriedt disse tratar-se do auto-intitulado John King. Pedi-lhe que colocasse a mão direita sobre a minha, que segurava a sua mão esquerda. Assim o fez, e senti nitidamente as duas mãos, estando a minha mão esquerda livre.

Em todas as sessões com a Sra. Wriedt, ela permaneceu perfeitamente lúcida, conversando comigo ou com outros presentes, sem mostrar qualquer excitação. Nesta sessão, pouco depois senti algo frio a acariciar-me o rosto suavemente. E, como numa sessão anterior em que me colocaram uma rosa na mão, a ação foi feita sem qualquer hesitação ou erro. Foi algo muito curioso, pois a sala estava tão escura que nada era visível. No entanto, nestas condições, é impossível tirar conclusões definitivas sobre o carácter supranormal dos fenómenos físicos.

O que posso afirmar é que me pareceu impossível que a Sra. Wriedt os tivesse produzido por artifício. Um grande elástico e um cartão, nos quais estavam seladas as extremidades de um laço de corda — objetos que eu trouxera e colocara ao meu lado, longe da Sra. Wriedt — foram apanhados e atirados por cima da minha cabeça, e ouvi o estalido do elástico, que foi depois encontrado partido, a alguma distância atrás de mim, quando a luz foi acesa.

Noutra sessão, observei uma forma luminosa semelhante à cabeça e barba de um homem, em frente e um pouco acima de mim. Estendi a mão livre e movi-a de um lado para o outro, mas não senti nada, embora me parecesse que a minha mão passava pelo local da luminosidade. A minha cabeça foi ligeiramente batida com a extremidade pequena da trombeta, e flores de um vaso distante foram lançadas ao meu colo. Mas, como já disse, estes fenómenos não têm grande valor probatório quando ocorrem na escuridão total, e por isso não lhes atribuo importância.

Muito mais impressionantes foram as vozes; por vezes muito fortes, aparentemente pela trombeta, outras vezes fracas e dirigidas perto do meu rosto ou do da minha companheira. Estas vozes ouviam-se frequentemente ao mesmo tempo em que a Sra. Wriedt falava, e enquanto eu lhe segurava a mão — como fiz em todas as sessões. Não tenho dúvidas de que teria notado qualquer movimento caso ela tivesse tentado levantar-se para segurar a trombeta — que não estava perto dela — ou aproximar-se da Miss Ramsden ou da Sra. Anker, que em certa ocasião se sentou ao meu lado e ouviu a voz falar em norueguês, como me informou.

Numa ocasião, a voz, semelhante à de um homem, disse-me o nome próprio e apelido de um antigo amigo meu irlandês, improvável de ser conhecido pela Sra. Wriedt. Era um nome pouco comum na Irlanda, embora um político com esse nome, já falecido, fosse conhecido como orangista; mas o meu amigo falecido era católico. Ao exprimir o meu espanto por ele se manifestar — sem referir a sua religião — a voz disse: "Sabes o que dizem os padres: uma vez católico, sempre católico; mas aqui não é assim." Depois, outra voz, semelhante à de uma senhora idosa, falou junto a mim e disse:

"Como vão as coisas em Dublin?"

Perguntei: "Quem és?" e a voz respondeu: "Lady Helena Newenham", enfatizando claramente as três sílabas do apelido — um nome invulgar. Não conhecia ninguém com esse nome, mas posteriormente descobri que uma senhora irlandesa com esse nome, muito interessada em investigação psíquica, tinha falecido um ano antes e era bem conhecida por alguns amigos meus do sul da Irlanda, a quem escrevi para pedir informações.

Uma voz dirigiu-se a mim, mas inicialmente não consegui distinguir o nome.

Após várias tentativas, ouvi: "Sidgwick."

Perguntei: "Qual é o seu nome próprio?" e de imediato respondeu:

"Henry Sidgwick." O nome do Professor Sidgwick é, claro, bem conhecido; era meu amigo pessoal e foi o primeiro presidente da Sociedade para Pesquisas Psíquicas. A Sra. Wriedt certamente já teria ouvido falar dele, mas ele morreu antes de ela visitar Inglaterra, e duvido que ela — ou muitos outros que conheciam apenas o nome — soubessem que ele gaguejava bastante.

Por isso, perguntei à voz: "Está tudo bem agora?", sem me referir diretamente à gaguez.

Imediatamente, a voz respondeu: "Queres dizer o impedimento na fala, mas agora já não gaguejo."

Numa outra sessão, a mesma voz, alegando ser Henry Sidgwick, voltou a manifestar-se e dirigiu-se a mim com um discurso longo, durante o qual foram ditas uma ou duas coisas características, embora, no geral, o discurso tenha sido mais banal do que se esperaria do verdadeiro Sidgwick.

Vou apenas ocupar mais um pouco do vosso espaço para relatar outro incidente ocorrido com um amigo pessoal meu — o secretário honorário da secção irlandesa da S.P.R., um senhor com formação jurídica e de elevada posição em Dublin. Ele foi a uma sessão com a Sra. Wriedt inesperadamente, acompanhado pelo Almirante Moore, e era desconhecido por todos os presentes, exceto o Almirante. Uma voz deu-lhe o nome — muito invulgar — de um amigo irlandês seu que recentemente perdera a esposa, e afirmou ser essa mesma esposa falecida. Disse-lhe corretamente o endereço de uma casa em Londres onde estivera hospedada e onde o meu amigo a tinha visitado, apesar de ele já ter completamente esquecido o local. Viu ainda a figura luminosa de uma senhora à sua frente, embora não conseguisse distinguir o rosto.

Fui às sessões da Sra. Wriedt com algum cepticismo, mas acabei por concluir que ela é uma médium genuína e notável, tendo recebido provas abundantes — para mim e para outros — de que as vozes e os conteúdos das mensagens estão completamente fora do alcance de truques ou de conluio. Como acontece com praticamente todos os médiuns que manifestam fenómenos físicos, pode acontecer que, consciente ou inconscientemente, ela seja por vezes influenciada por um espírito com propensão para truques tolos, o que, em vários casos que conheço, parece ser como uma projeção das ideias fixas de participantes hostis na

sessão. Na verdade, todos nós projetamos os nossos pensamentos para o invisível, e mais vezes do que pensamos, eles regressam a nós como realidades objetivas.

Se eu, e outros que fomos convencidos da existência de fenómenos supranormais, estamos iludidos por uma criação mental nossa, ou se o Professor Birkeland — por quem todos temos o mais alto respeito como eminente cientista — e outros céticos ainda mais resolutos estão enganados, só uma investigação paciente e prolongada o poderá determinar. Por isso espero sinceramente que o projeto de fundar uma Sociedade Norueguesa para Pesquisas Psíquicas se concretize. E desejo, com igual sinceridade, que o mesmo espírito de investigação calma e desapaixorada, que permitiu à ciência resolver tantos problemas — igualmente polémicos no passado — prevaleça entre os homens de ciência na Noruega que venham a investigar este campo tão difícil... um assunto onde, como se diz, "os tolos se atiram onde até os anjos hesitam em entrar."

O relato seguinte é escrito por uma senhora de um condado do Oeste, com inclinação literária e filosófica, mas também muito prática e amante da vida ao ar livre, da caça à raposa, etc. Só recentemente se interessou por fenómenos ocultos. Embora já tenhamos trocado correspondência, nunca tive o prazer de a conhecer pessoalmente, e até 4 de junho era completamente desconhecida para a Sra. Wriedt e os residentes da Cambridge House.

Ela escreve-me:

"Lamento não poder publicar o meu nome, mas pela conversa que tive com o meu pai percebi que ele não queria que eu mencionasse as sessões aos meus familiares (especialmente às irmãs dele). 'Para elas', disse ele, 'seria uma ideia tão absurda, e nunca compreenderiam.' E sei que isso é verdade."

AS MINHAS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM UMA MÉDIUM

A 4 de junho de 1912, tive o privilégio de participar numa sessão com uma médium extraordinária (a Sra. Wriedt, de Detroit), na Cambridge House, Wimbledon. Devo dizer, antes de mais, que nunca tive experiências com médiuns, mas há anos que leio bastante sobre temas ocultos. Fui ao "Gabinete da Julia" de mente aberta, mas preparada para testar a médium. Tive quatro sessões; a primeira foi a 4 de junho, às 16h. Levei uma amiga comigo e estivemos sós com a Sra. Wriedt, no escuro.

Depois de alguns minutos, a médium disse ver um nome no ar: "Vejo o nome 'Morley'." Ambas dissemos que não conhecíamos ninguém com esse nome. Então ela disse que ouvia o nome "Mary" e corrigiu: "Agora ouço 'Mary', não 'Morley'."

Eu respondi que não conhecia ninguém falecido com esse nome que fosse provável contactar-me, mas que tinha uma tia que morreu há muitos anos chamada Mary.

Disse então: "Pergunto-me se será a minha tia?"

Uma resposta surgiu imediatamente, de forma muito enfática, através da trombeta: "Não! Não! Não! Sou a tua avó."

Nesse momento, estava a ser tocada na cabeça e nos joelhos. Fiquei extremamente surpreendida, pois tinha-me esquecido completamente da minha avó e só depois me lembrei de que ela se chamava Mary. "Sim," disse a voz, "sou a tua avó Mary. Estou aqui, querida neta."

Pensei então em testá-la e perguntei: "Quantos filhos tiveste?"

Ela respondeu: "Cinco." Eu não tinha certeza, mas ela insistiu, e ao chegar a casa verifiquei que estava certa. Eram uma família numerosa — nove filhas e cinco filhos — mas no momento eu não consegui recordar o número exato, e achava até que havia menos filhas e mais filhos! Disse-me depois que dois dos seus filhos tinham morrido em tenra idade, o que também era verdade.

Perguntei então: "Vês o meu pai?"

Respondeu: "Sim, ele está comigo agora, e o P." (P. era um tio que morreu há muitos anos). O meu pai falou então, dando o seu nome, que ao início não percebi. Conversou longamente sobre assuntos familiares privados, que para mim foram muito convincentes, recordando-me eventos e conversas que ocorreram anos atrás entre ele e outro familiar, na minha presença. Eram memórias que não tinha recordado durante anos, mas que então me voltaram todas à mente.

Disse-me: "Endireita-te."

Eu estava inclinada para a frente, pensando que assim ouvia melhor, já que a trombeta estava no chão. Após uma longa conversa com ele — que lamento não poder publicar por ser de carácter muito privado — o meu tio também se manifestou pela trombeta. Perguntei-lhe de imediato, como teste, se tinha filhos do outro lado; respondeu que sim e nomeou o filho falecido. Depois disso, John King, com voz forte, deu-nos bons conselhos e disse que foi um grande alívio para os meus familiares poderem falar comigo. Assim terminou a minha primeira sessão, e saí a pensar como seriam possíveis tais coisas!

A segunda sessão foi no dia seguinte, novamente apenas com a minha amiga e a médium presentes, mas foi praticamente um fracasso, pois nada aconteceu, à exceção de alguns toques e da médium dizer ver alguns espíritos.

A terceira sessão foi na semana seguinte, a 10 de junho. Desta vez estive sozinha com a médium. O meu pai apareceu de imediato, o que me surpreendeu, e a Sra. Wriedt disse: "Ele deve ter entrado consigo."

Começou por dizer: "Quero contar-te mais, pois não pude falar sobre assuntos de família com gente de fora" (referindo-se à minha amiga, presente na sessão anterior).

Seguiu-se então mais uma conversa privada sobre a família, que não posso repetir. Depois, fiz-lhe alguns testes. Usei propositadamente um alfinete de peito feito a partir de botões de punho dele, que ele mandara transformar para mim. Perguntei-lhe se via algo em mim que reconhecesse.

Respondeu de imediato: "Sim, no teu colar — um alfinete."

Tinha-o colocado sobre um fio.

Eu disse: "Sim, chamamos-lhe broche."

Ele respondeu: "Fico contente por teres algo meu."

Perguntei então: "Consegues ver o que mais tenho no colo?"

Ele respondeu: "Sim, uma fotografia." (Era uma fotografia dele, com uma carta sua dentro de um envelope selado.)

Perguntei: "De quem é a fotografia?"

Respondeu de imediato: "Sou eu."

Então perguntei: "E o que está dentro do envelope?"

Respondeu: "Uma carta minha. Pobre menina! Guarda-a como recordação dos velhos tempos."

Continuou depois com mais conversa privada, e, antes de partir, beijou-me três vezes pela trombeta, dizendo: "Consegues ouvir?"

Depois voltou o meu tio, falou novamente sobre a família, nomeou tias minhas (irmãs dele) que já partiram — nomes que eu não tinha mencionado — e disse-me em que esferas espirituais estavam.

Pouco depois apareceu John King e disse: "Deus te abençoe. Foi o maior conforto para o teu pai poder falar contigo desta maneira."

Falou também sobre o tema em que o meu pai mais insistira, e depois despediu-se.

Fiquei muito impressionada com tudo aquilo e voltei no dia seguinte às duas da tarde; mas, infelizmente, os espíritos já não vieram, e a Sra. Wriedt esperou pacientemente comigo, sozinha, durante mais de uma hora. Acho que o seu dom é extraordinário e maravilhoso, e espero sinceramente que possa continuar por muitos anos a usar este dom tão raro que lhe foi concedido.

O relato seguinte é de uma senhora minha conhecida, que participou numa das últimas sessões gerais na Cambridge House:

A minha sessão foi a 1 de julho de 1912. Estavam presentes dez pessoas, para além da médium, todas mulheres, excepto um cavalheiro do norte de Inglaterra, que se sentou ao meu lado. Até meio da sessão não sabia o nome dele, nem o de nenhuma das outras pessoas, exceto os Harper. Não houve apresentações na sala de estar, e, tanto quanto sei, a Sra. Wriedt não conhecia o meu nome.

A sessão decorreu na mais completa escuridão. Penso que todos foram visitados por algum espírito que cada um parecia reconhecer. Ouviram-se vozes em alemão dirigidas a duas senhoras alemãs presentes no círculo. Luzes flutuavam pela sala. Julia falou longamente com Miss Harper sobre a manutenção do Gabinete (Bureau); afirmou de forma muito

enfática que se esperava demasiado dos espíritos e que era necessária mais força por parte da vida terrena. Uma voz chamou por "Cecilia".

Perguntei: "Queres dizer-me, Cecil?"

Resposta: "Sim: sou o pai."

Eu disse: "Oh, como estás — estás bem?"

Resposta: "Sim, e feliz."

Perguntei: "Já viste a mãe?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "Já passou muito tempo desde que morreste, não é?"

Resposta: "Oh, meu Deus, parece cada vez mais curto!" Depois disso trocámos mais algumas palavras, e ele disse "Adeus".

Não esperava ouvir a voz do meu pai, pois ele faleceu há muitos anos, e eu não estava preparada para dizer nada. Tinha dezasseis anos quando ele morreu. Ele chamava-me muitas vezes "Cecilia".

Mais tarde surgiu outra voz: "É a Teeny."

Perguntei: "É a Tiny?" (a minha irmã, que morreu há cerca de seis ou sete anos).

Resposta: "Sim, sou eu; como estás?"

Disse: "Muito melhor."

Resposta: "Fico tão contente por ouvir isso."

Perguntei: "Vês-me por vezes?"

Resposta: "Sim, todos os dias."

Pergunta: "Já viste a mãe?" (a minha mãe faleceu há três meses).

Resposta: "Oh, sim; está muito bem e muito feliz."

Pergunta: "Ela tem alguma mensagem para mim?"

Resposta: "Sim, o seu amor."

Perguntei: "Ainda está aborrecida comigo?"

Resposta: "Oh, não, de todo. Pediu-me para te dizer isso."

Voltei a repetir a pergunta duas ou três vezes: "Tens mesmo a certeza de que não está zangada comigo nem com o B——?" (o meu marido).

A voz, já visivelmente impaciente, respondeu: "Oh, não, ela pensava que tinhas feito algo que não lhe agradava, mas agora percebe que estava enganada e foi muito má, e pergunta: 'Perdoas-me?'"

Respondi: "Claro que sim. E como está o Bertie?" (meu irmão, que morreu há trinta anos, com dois anos).

Resposta: "Oh, está ótimo, e tão querido; não o reconhecerias."

Depois o espírito disse algo sobre estar tão feliz que não voltaria "aqui" por nada.

Perguntei se a minha mãe se importava que eu estivesse na sessão, e responderam-me: "Não"; ela adorava que eu estivesse ali, acrescentando: "Onde está Deus, está o bem."

O cavalheiro ao meu lado teve uma longa conversa com o seu irmão, principalmente sobre negócios. A mãe de uma das participantes apareceu, falou com a filha durante algum tempo e depois dirigiu-se a todos com grande doçura, como uma senhora idosa diria: "Têm de saber o quão feliz é estar onde eu estou — sem doenças, sem preocupações, apenas esperança." Disse que ela e os irmãos eram inseparáveis e muito felizes.

O Dr. Sharp foi o primeiro a falar. Dirigiu-se ao grupo no geral e depois voltou-se para o meu vizinho com um tom bem-humorado: "Lamento por si, Sr. —, por ser o único homem no grupo, mas vou apoiá-lo."

A certa altura, ouviu-se uma voz espiritual muito baixa a falar com duas senhoras à minha direita, e ao mesmo tempo, um espírito indígena (a quem os presentes chamavam "Blossom") falava com o grupo com uma voz de criança. Era bastante ruidosa, e a Sra. Wriedt tentou acalmá-la, dizendo: "Não fales tão alto; há outra pessoa a falar ao mesmo tempo que tu; estás a fazer muito barulho." Notei que se ouviam três vozes em simultâneo.

Uma das coisas que observei foi como os espíritos parecem impacientes quando não compreendemos logo o que dizem ou quando repetimos a mesma pergunta duas ou três vezes, como fiz com a "Tiny".

Para minha surpresa, não senti nada de estranho ou sobrenatural em tudo aquilo; o ambiente era muito sereno.

O meu marido comentou que, para ele, o mais curioso da sessão foi a minha irmã apresentar-se como "Teeny" (o que, evidentemente, não era o seu nome real). Os membros mais novos da família chamavam-na assim, mas eu nunca me refiro a ela senão como "Tiny".

O relato seguinte é de uma senhora holandesa, cujos filhos foram educados a falar holandês, inglês e francês com igual fluência.

Referindo-se ao testemunho publicado pelo Rev. C. B., na *Light*, parece que o cavalheiro e a senhora holandesa participaram no mesmo círculo, a 30 de maio; mas o reverendo confundiu os visitantes espirituais de três senhoras holandesas que estavam presentes. Por outro lado, noto que, no relato abaixo, a Sra. E. F. S. omitiu mencionar a visita do Tio Pat nessa ocasião:

A pedido do Almirante Usborne Moore, tenho muito gosto em partilhar o meu relato das sessões que tive com a Sra. Wriedt, médium de voz direta de Detroit. A 11 de maio, tive uma sessão privada com a minha irmã e os meus dois filhos, quando a minha filha mais nova, que faleceu há quatro anos com doze anos, falou connosco com uma voz muito clara através da trombeta. Chamou os irmãos pelos seus nomes e disse estar muito feliz por os ver.

Perguntou se nos lembrávamos dos "coelhinhos" que teve no jardim, há uns anos. "Um deles está aqui comigo," disse ela. Foi tão reconfortante ouvi-la falar do mesmo modo como falava em vida. Após alguns momentos de silêncio, ouvimos alguém tocar nas flores que estavam numa jarra perto de mim. "Tentei dar-te uma flor, mamã, mas não consigo", disse ela.

Antes de se despedir, deu-me um beijo na face. Pouco depois, uma voz forte disse: "Sou o Pat." "Deve ser o irmão do pai," comentou o meu filho; e estava certo. Pat falou bastante sobre assuntos familiares e deu bons conselhos aos meus filhos. Quando lhe perguntei se conhecia a minha filha, respondeu: "Sim; adoro-a — é tão doce." Nenhum de nós conheceu Pat em vida; ele morreu há 34 anos, com 32, quando era secretário de Herbert Spencer.

Sem saber que era o aniversário da minha filha, a Sra. Wriedt convidou-nos para uma sessão geral a 14 de maio. Assim que as luzes se apagaram, a voz da minha filha ouviu-se: "Mamã, obrigada pelas flores." "São para o teu aniversário, querida," disse eu. "Sim, eu sei," respondeu ela. Uma tia-avó minha falou connosco em holandês, expressando o prazer de nos ver e falar. Pat apareceu e falou sobre o meu marido, que na altura vinha a caminho de casa, vindo da China.

A 18 de maio, participei num círculo geral com uma amiga, onde se viram várias cabeças eterealizadas. Uma delas foi identificada pela minha amiga como Sir Henry Irving. O pai da minha amiga também apareceu e falou com ela com voz muito clara. Antes de se despedir, dirigiu-se a mim e agradeceu por ter trazido a filha. Pat também disse algumas palavras, tal como a irmã dele, que faleceu vários anos depois dele. Ouvimos ainda as vozes do Sr. Stead, do Cardeal Newman, do Dr. Sharp, de John King e de Julia.

Uma tia e uma amiga minha da Holanda estiveram comigo num círculo geral a 30 de maio, quando a minha filha as saudou em holandês, falando com o mesmo sotaque estrangeiro que tinha antes de partir. Os maridos da minha tia e da minha amiga também vieram e falaram-lhes em holandês, assim como o filho da minha tia, que faleceu há 33 anos, com seis semanas de vida.

Na nossa última sessão, a 6 de junho, as condições não eram boas; a minha filha foi a única a falar connosco, além de dois espíritos que ninguém reconheceu.

Não há palavras que expressem a nossa gratidão à Sra. Wriedt por nos ter proporcionado a oportunidade de ouvir as vozes dos nossos entes queridos, que nos deram provas tão convincentes da vida após a morte.

E. F. S.

O autor do testemunho seguinte é o Sr. H. Dennis Taylor, fabricante e inventor de instrumentos científicos, autor de *A System of Applied Optics*. Actualmente está a desenvolver um novo telêmetro para a Marinha. É membro da S.P.R.:

A minha experiência com a mediunidade da Sra. Wriedt impressionou-me bastante. Acompanhado pela Sra. Taylor, participei em sessões nocturnas na Cambridge House nos dias 15 e 17 de junho, com cerca de dez pessoas presentes em cada uma. Nenhum de nós recebeu provas de identidade completamente satisfatórias que justifiquem relato detalhado, mas assistimos a testes muito mais notáveis que foram recebidos por outros participantes.

A 15 de junho, ouvimos entre dez a doze vozes distintas e, nalguns casos, altamente características — desde o sussurro mais ténue até à voz estrondosa de John King (a mesma voz que já ouvira numa sessão com Husk), passando pela voz contralto nitidamente feminina de Julia. Enquanto uma entidade conversava comigo através da trombeta, mesmo à minha frente, a Sra. Wriedt ia intercalando comentários para me encorajar, e a sua voz, sem dúvida alguma, vinha da minha frente esquerda, a três metros de distância, perto da porta, onde se tinha sentado antes de apagar a luz.

O mesmo aconteceu com uma voz inicialmente fraca que se manifestou para a Sra. Taylor e que conseguimos identificar razoavelmente bem. Em alguns casos, ouvimos a voz da médium e a voz do espírito comunicante com apenas uma fração de segundo de diferença, vindas de locais distintos, e também notámos como as vozes se tornavam mais claras depois de algum reconhecimento ter sido feito.

Isto, naturalmente, sugeriria fraude a um cético que não tivesse estudado as provas evidenciais já recolhidas através da mediunidade da Sra. Wriedt. Mas talvez se deva recordar a esse cético que, se alguém nos aborda na rua e é um conhecido de há muito tempo, quase esquecido, sentimo-nos embaraçados e a conversa torna-se hesitante até se restabelecer a ligação.

Também não podemos esquecer os casos em que o comunicador se apresenta e se identifica com uma voz inconfundível e uma pronúncia clara do apelido, sem dar qualquer pista ao participante. Assistimos a pelo menos três desses casos na sessão de 17 de junho, parte da qual foi relatada na *Light* de 27 de julho. Foi extraída de um relatório estenográfico feito para mim, em tempo real, pelo Sr. Harper, que se sentou a uma mesa à minha direita, fora do círculo, e cujos pequenos movimentos e escrita com lápis consegui ouvir sempre que o silêncio permitia — sem falar nos comentários que ele intercalava.

Em termos de prova de identidade, as experiências do Sr. South foram as mais notáveis que ouvimos, sobretudo porque ele me garantiu que ninguém no círculo poderia conhecer os três familiares que se manifestaram de forma tão clara. As vozes — especialmente a de William South — eram cheias de personalidade e individualidade.

Fiquei bastante impressionado com a queda aparente de uma das trombetas do teto, quando a Sra. Wriedt ligou o interruptor da luz elétrica junto à porta. A trombeta caiu em linha reta e na vertical, a cerca de três metros da médium; um candeeiro suspenso estava

entre o trajeto da trombeta e o participante mais próximo no círculo. Qualquer pessoa familiarizada com a trajetória de corpos lançados sabe que, se a trombeta tivesse sido atirada para o meio da sala pela Sra. Wriedt no momento em que ligou a luz, mesmo na melhor hipótese, teria caído obliquamente, num ângulo de pelo menos 45 graus em relação à vertical.

No entanto, caiu verticalmente e telescopou-se (por ser composta por três secções não soldadas entre si), e permaneceu exatamente no local onde caiu. A minha linha de visão estava a 90 graus da linha que unia a médium à trombeta, ou seja, na melhor posição para ver como ela caiu.

Nessa ocasião, ouvimos duas vozes a falar ao mesmo tempo muito perto de nós, enquanto a voz da Sra. Wriedt intervinha com comentários de forma perfeitamente natural e praticamente em simultâneo, vinda da sua posição junto à porta, a mais de três metros de distância. Também ouvi uma voz (creio que era a de John King) a cantar o *Doxology* no centro do círculo, e que subitamente se deslocou para uma posição perto da parede, atrás de mim. Tivemos vários pequenos incidentes que demonstravam que as entidades que se manifestavam conseguiam ver perfeitamente o que estávamos a fazer no escuro absoluto.

Costuma-se dizer que a escuridão favorece a fraude, mas isso só se aplica a certos tipos de fraude. No meu entender, não consigo conceber qualquer forma de ventriloquismo ou encenação com cúmplices que explique o que testemunhámos, nem os notáveis testes recebidos por tantos participantes nas sessões com a Sra. Wriedt.

Considero desprezível a atitude de tantos céticos que julgam os médiuns apenas com base nas suas próprias experiências limitadas, ignorando os testemunhos de outros observadores tão equilibrados — ou até mais — do que eles próprios. Não observei nada que justificasse qualquer suspeita sobre a integridade desta médium notável, cuja atitude e personalidade inspiram confiança.

Quanto à escuridão total, não vejo como certos fenómenos com fraca luminosidade própria, como luzes ou eterealizações, poderiam ser percebidos pelos participantes em outras condições. Nem vejo como certas vozes, inicialmente apenas sussurros, poderiam ser audíveis sem o uso da trombeta para concentrar o som junto do destinatário. Sei que alguns observadores confiáveis ouviram e conversaram com as vozes através da trombeta mesmo à luz do dia, embora com menor intensidade e clareza.

Pareceu-me até que as vozes mais fortes e habituadas nem sequer usavam a trombeta. Por fim, gostaria muito de ver tentado o seguinte: pedir a um ilusionista e a um ventríloquo que reproduzam algo semelhante — excluindo, claro, a parte do conteúdo pessoal e comprovativo das mensagens — numa sessão em escuridão total e repetida centenas de vezes, sem tropeçarem no mobiliário ou nos participantes, nem denunciarem a sua presença com qualquer som ou toque, mesmo assumindo que conseguissem entrar na sala sem serem vistos. E ainda menos se acredita que tal fosse possível a uma mulher de saia.

Nota: o ventriloquismo é impossível na escuridão, por razões explicadas em qualquer bom dicionário ou manual. É verdade que um senhor, que se considera um observador astuto,

disse que a trombeta poderia ter sido atirada. Só não reparou no globo de iluminação e no candeeiro desativado, que tornariam tal feito impossível sem ser imediatamente detetado.

O relato seguinte foi-me enviado por um engenheiro de minas que gere grandes pedreiras no Norte de Inglaterra. Por várias vezes, viajou entre oitocentos e novecentos quilómetros em 24 horas para poder estar presente nas sessões. Tenho bons motivos para afirmar que é um observador perspicaz. Na sua primeira sessão, era um completo desconhecido tanto para a Sra. Wriedt como para os residentes da casa:

Há muitos anos que me interesso por literatura sobre fenómenos psíquicos e, naturalmente, tinha um forte desejo de presenciar alguma manifestação de retorno espiritual. Quando o Almirante Moore me ofereceu a oportunidade de assistir às sessões da Sra. Wriedt no Gabinete da Julia, na Cambridge House, aceitei de imediato. Nunca antes tinha participado numa sessão de qualquer tipo, e entrei na experiência com atenção redobrada, como quem entra num território desconhecido.

Sendo engenheiro de minas, estou habituado a ouvir e localizar sons na escuridão total, o que talvez me torne mais à vontade nestas condições do que pessoas que nunca enfrentaram a escuridão de uma mina de carvão. Todos os meus apontamentos foram feitos logo após as sessões, geralmente no comboio de regresso, uma viagem de cinco horas. Algumas sessões foram registadas por um estenógrafo que consegui contratar e que tinha a rara capacidade de escrever taquigrafia no escuro.

A 25 de maio de 1912, fui recebido com outros visitantes pela Sra. Wriedt e conduzido ao primeiro andar. Embora fossem apenas 19h e ainda houvesse luz do dia, o quarto estava iluminado por luz elétrica, com as janelas totalmente cobertas por cortinas pesadas. O espaço era rectangular, com cerca de seis metros por três e meio. As paredes, salvo onde havia estantes, estavam decoradas com retratos e fotografias. Num dos extremos estava um pequeno gabinete negro, com cerca de um metro por um e oitenta, com cortinas na frente aberta. Olhei para dentro e não vi nada.

Ao lado, num canto, havia um instrumento musical mecânico que tocava uma melodia suave. Em frente, uma pequena mesa quadrada com jarros de flores. As cadeiras para os participantes estavam dispostas em semicírculo voltadas para o gabinete. Atrás das cadeiras, havia outra mesa oval com mais flores. A Sra. Wriedt indicou-nos os nossos lugares. Éramos onze ao todo, incluindo a médium. No centro do círculo, colocou uma trombeta de alumínio na posição vertical. Examinei-a e vi que era um simples tubo cónico em três partes telescópicas. Estava húmida por dentro; a Sra. Wriedt explicou que a tinha borrifado com água.

As luzes foram apagadas, ficando tudo completamente às escuras. O perfume das rosas era muito notório. A sessão começou com a oração do Pai Nosso e, depois, todos cantámos "Lead, Kindly Light". Após cerca de cinco minutos de silêncio, uma senhora perto da pequena mesa das flores disse que estava a ser tocada no rosto. Logo a seguir, o senhor ao lado dela disse que algo lhe caíra no pé e, ao apalpar, constatou ser uma flor. Um momento depois, senti algo com aroma delicado a tocar-me a testa — estava fresco, como se tivesse orvalho

— e, ao estender a mão, encontrei o caule de uma rosa encostado aos meus dedos. Segurei-a naturalmente. Notei que ela não caiu nem foi largada de forma abrupta; não senti nada a segurá-la, e a Sra. Wriedt, nesse momento, falava com outra pessoa noutro ponto da sala.

Depois disso, várias flores foram distribuídas entre os participantes. De seguida, ouvi uma voz a recitar uma espécie de oração, que terminou com "Deus vos abençoe," repetido várias vezes. A Sra. Harper, que estava presente, identificou-a como sendo a do Cardeal Newman. Outras vozes falaram através da trombeta, dirigindo-se a diferentes pessoas, embora só duas tenham sido reconhecidas. Uma delas dirigiu-se a uma senhora com quem trocou palavras carinhosas; a outra falou de forma tão clara que todos ouvimos, embora a destinatária não tenha conseguido perceber bem.

Quando esta última voz cessou, a trombeta caiu no chão. Alguém se preparava para a recolocar, mas a Sra. Wriedt pediu que a deixássemos, pois "os espíritos saberiam onde ela estava". John King falou então, saudando todos em voz alta, e depois afastou-se.

Ouvi então uma voz perto de mim. Pensei que se dirigia à minha vizinha, mas disseram-lhe que a mensagem era para "Mr. M— E—" (ou seja, eu). O meu nome foi pronunciado de forma clara, mas não consegui identificar quem falava. Disse ser amigo da família e, ao notar a minha hesitação, calou-se.

Vi então formas ovais de luz a flutuar por cima do gabinete, sem conseguir distinguir detalhes. Outros com visão psíquica mais aguçada viram rostos masculinos. Subitamente, surgiu uma luz oval muito brilhante sobre o gabinete, e vi claramente o rosto do Sr. Stead, que pareceu inclinar-se para nós e depois desapareceu. Quase de imediato, uma voz forte perguntou: "Ver-me-ão?"

Duas senhoras responderam: "Sim, Sr. Stead."

A voz retorquiu: "Não estou a falar com as senhoras, mas com os cavalheiros"; depois, dirigindo-se a mim pelo nome, disse: "Como está? Fico contente por o ver aqui."

(Conheci o Sr. Stead quando ele vivia no Norte.)

Outras vozes continuaram a manifestar-se, mas sem grande sucesso, e a Sra. Wriedt encerrou a sessão com um hino final.

Quando se acendeu a luz, vi que uma taça com flores que estava sobre a pequena mesa estava vazia, e as flores encontravam-se espalhadas pelo chão. Eram cerca de 20h30.

No dia 27 de maio, participaram treze pessoas, oito homens e cinco senhoras. Durante dez a quinze minutos, não houve manifestações. Depois, algo caiu no chão. Logo a seguir, ouvi um som semelhante a um sussurrar e senti algo a pousar no meu ombro. Era uma rosa de caule comprido. Deixei-a no colo, mas, ao começar a escorregar, segurei-a. Nada mais aconteceu e a Sra. Wriedt encerrou a sessão, lamentando o insucesso. Quando a luz foi acesa, encontrámos no chão um livro — um volume de quarto sobre o Exército Britânico — que a Sra. Harper devolveu à estante. Uma taça de flores também fora parar ao centro do círculo.

31 de Maio. A sessão começou por volta das 19h, com sete senhoras e cinco cavalheiros. Cerca das 20h, senti um toque no joelho esquerdo com a trombeta.

Voz: "E——" (referindo-se a mim). "Sim, quem és?"

Voz: "Sou o teu tio, irmão do teu pai." "Sim?"

Voz: "Estive com o teu pai esta manhã."

Pergunta: "És o Willie?"

Voz: "Sou conhecido como William."

Pergunta: "Estiveste comigo hoje?"

Voz: "Estou sempre contigo."

Pergunta: "O meu irmão está contigo?"

Voz: "Sim, está aqui agora; pediu-me que falasse contigo primeiro, para ver como isto funcionava."

Pergunta: "Pede-lhe para falar." (Intervalo; outras vozes manifestam-se.)

Voz: "E——."

Pergunta: "Sim, quem é?"

Voz: "Irmão."

Pergunta: "O meu irmão J——?"

Voz: "Sim, estás surdo?"

"Não, estou a ouvir-te."

Voz: "Estive com a mãe hoje."

Pergunta: "Como a encontraste?"

Voz: "Melhor do que estava; ela não tem estado bem este inverno, mas está melhor agora que o tempo aqueceu." (Correto.)

Seguiu-se uma longa conversa sobre as circunstâncias da sua morte, que ocorreu de forma trágica num país estrangeiro durante uma revolta política; no entanto, como foram mencionados nomes de pessoas ainda vivas, não posso, por razões óbvias, tornar pública essa parte. Posso apenas dizer que o que me foi revelado lançou nova luz sobre o mistério da sua morte e esclareceu um problema que até então permanecia sem explicação. No final da conversa, perguntei-lhe:

"Diz-me, sabes o que estou a segurar agora?"

Voz: "Sim, é o anel que te dei. Guarda-o e usa-o sempre." (Correto; não dei qualquer sinal de que o estava a segurar, pois o tinha entre os dedos desde o início.)

Esta sessão deu-me provas suficientes para me convencer da veracidade das comunicações.

18 de Junho, 14h. Sessão privada. Pouco depois de reduzida a luz, vi discos de luz vermelha do tamanho de uma moeda de meia coroa a flutuar perto de mim. O meu irmão começou a falar e revelou-me toda a história das circunstâncias traiçoeiras da sua morte; deu nomes de pessoas e locais que apenas eu conhecia.

Ao descrever uma sala numa determinada casa naquele país longínquo e instável, utilizou um termo que me esclareceu um aspeto que sempre me intrigara quando lá estive pouco tempo depois. No final da sessão, avisou-me para ter especial cuidado com o uso do meu automóvel durante determinado período, detalhando o tipo de problema que surgiria. Curiosamente, o problema surgiu na altura prevista, devido à doença do meu motorista habitual. No entanto, graças ao aviso, mantive-me alerta e detetei a falha antes que ocorresse algo grave.

O meu tio também se manifestou, dizendo que tinha estado comigo no dia anterior no escritório, descrevendo com exatidão o trabalho que eu estava a fazer. Ao aproximar-se o fim da sessão, senti algo tocar-me o pé. Ao comentar isso com a médium, John King falou, dizendo que era um cãozinho que eu tinha tido e que viera ver-me. Descreveu-o com precisão e disse um nome semelhante ao verdadeiro. Tive de facto um cão assim, que foi envenenado por um estranho e morreu nos meus braços.

22 de Junho, 16h. Sessão privada. O meu irmão voltou a comunicar-se comigo sobre assuntos familiares que não posso aqui registar. Dois outros parentes próximos, já falecidos, também falaram comigo, demonstrando claramente a realidade do regresso dos espíritos. John King também se manifestou, com a sua voz forte, encorajando-me a continuar as investigações.

22 de Junho, 19h. Sessão com onze pessoas, incluindo a Sra. Wriedt e o estenógrafo. Ninguém me falou, exceto Blossom (voz de criança), que parecia divertir-se a descobrir pequenos objetos escondidos ou lembranças pessoais dos participantes, descrevendo-os. No meu caso, disse corretamente o número de moedas de ouro que tinha no bolso, número que nem eu sabia na altura. Também referiu como eu planeava gastá-las e o que iria fazer na manhã seguinte. (Tudo correto.) Houve muitas conversas entre "vozes" e os outros participantes, mas nada que possa relatar.

24 de Junho, 19h. Sessão excelente, com duas horas de duração; o Almirante Moore esteve presente. O Dr. Sharp falou imediatamente, saudando o grupo, e pareceu conduzir toda a sessão, ajudando na identificação dos espíritos e explicando os fenómenos. Descreveu com precisão a doença do filho de uma senhora presente e sugeriu um tratamento. Luzes foram vistas no gabinete, e a forma de uma criança circulou pelo grupo — tratava-se de um neto do Almirante.

Grayfeather falou com um senhor sobre uma mensagem de aviso que lhe tinha transmitido. O meu irmão falou novamente comigo sobre assuntos familiares. Bournsell também se manifestou e teve uma breve conversa com o Almirante Moore sobre a captação

de fotografias espirituais. Mas o mais convincente foi o espetáculo de luzes: "Duas cruzes de luz muito brilhantes foram vistas no centro da sala, bem como uma luz como uma lua cheia. Todos os participantes concordaram que nunca tinham visto fenómeno luminoso tão impressionante." (*Notas do estenógrafo.*) Julia encerrou a sessão com um discurso em linguagem particularmente doce.

27 de Junho, 19h. Sessão falhada.

1 de Julho, 19h. Dr. Sharp falou comigo, lamentando que a minha participação nas sessões interferisse com o meu trabalho, mas garantindo que seria recompensado pelo esforço. O meu irmão voltou a comunicar-se e disse-me muito sobre negócios que depois verifiquei estarem perfeitamente corretos. Durante a sessão, vi muita luz intensa e, quando a trombeta caiu junto dos meus pés e me abaixei para a apanhar, parecia haver luz no chão que me permitiu vê-la. Julia falou longamente com Miss Harper sobre o futuro do Gabinete, e para mim essa conversa foi a mais natural e impressionante de todas as sessões a que assisti.

4 de Julho, 19h. Sessão com um grupo muito grande, cerca de vinte pessoas. Durante algum tempo não houve qualquer manifestação. Depois, John King saudou o grupo. Quase de imediato, um dos participantes (um senhor com nome estrangeiro) fez-lhe uma pergunta que John King pareceu não gostar. A partir daí, não houve mais fenómenos.

Gostaria de ter descrito melhor o impacto destas experiências na mente de alguém que as presenciou pela primeira vez (e que até agora não descobriu possuir quaisquer poderes psíquicos), mas o espaço não permite.

(Assinado) M. E.

A narrativa que se segue foi-me fornecida por um cavalheiro de posses independentes, residente no sul de Inglaterra. Teve formação científica e empresarial, mas há já alguns anos que se dedica a trabalho honorário relacionado com assuntos do condado e organizações de beneficência.

A primeira sessão que tive com a Sra. Wriedt foi em Julho de 1911, em Cambridge House, Wimbledon. Tratou-se de uma sessão privada, realizada no início da tarde. Fui acompanhado pela minha esposa e pelas minhas duas filhas mais velhas, ambas com mais de vinte e um anos. A sala encontrava-se completamente às escuras; a médium sentava-se junto ao gabinete e manteve, durante toda a sessão, a consciência normal, falando frequentemente connosco, por vezes descrevendo espíritos e visões que nós próprios não víamos.

Assim que as luzes se apagaram, fomos salpicados com água, e pouco depois apareceram luminosidades a flutuar no ar, visíveis para todos os presentes. Só posso descrever a sua forma e tamanho como semelhantes a camisas de noite luminosas em movimento, com uma parte superior em forma de cabeça, tendo os corpos cerca do tamanho de pessoas magras medianas; não se distinguiam traços faciais; desenvolviam-se junto ao gabinete, aproximavam-se a cerca de sessenta centímetros dos participantes, e depois desapareciam gradualmente, por vezes como que atravessando o chão. Estas formas não emitiam qualquer

som e eram intangíveis, surgindo de tempos a tempos durante os cerca de oitenta minutos da sessão.

Depois de duas ou três aparições, surgiram vozes através da trompete; variavam em tom e qualidade, mas nenhuma era reconhecida como semelhante à da pessoa em vida. Chegámos a ouvir duas vozes diferentes a falar ao mesmo tempo, enquanto a médium também conversava connosco.

A primeira voz disse chamar-se "Mary".

Alguém perguntou: "Mary Ann?"

Resposta: "Não, Mary Adams."

"Mary Adams?", repeti.

Resposta: "Sim, sim, a tua guia."

Deu-nos as boas-vindas e cumprimentos numa voz bastante distinta. (Mary Adams é uma das minhas guias espirituais, a quem muito devo.)

Depois uma voz anunciou-se como "John." Após alguma dificuldade, ouvimos:

"Começa no fim do alfabeto — não, não é 'Z'"; e depois de várias tentativas obtivemos o nome "W—y".

A voz continuou: "John W—y, o mais velho. Lembras-te da Lizzie?"

Sim, tens de lembrar-te. Estava ligado ao teu negócio." (Notei que os nomes próprios eram dados com facilidade e clareza, mas os apelidos quase sempre pareciam ser uma dificuldade para o espírito.

Tivemos dois W—y, pai e filho, ligados ao nosso negócio. Ambos faleceram há já algum tempo, mas os seus nomes próprios eram ambos James — não John; e não nos recordamos de nenhuma Lizzie relacionada com eles.)

Outra voz identificou-se como "William." Uma das minhas filhas perguntou: "É o avô ou o tio?"

Resposta: "Sim, o avô." Fui suavemente acariciado na face por uma mão, e a minha esposa foi acariciada nos joelhos.

Ele disse: "Estou feliz por vos ver aqui. Isto é maravilhoso. Deus vos abençoe!"

E saiu com o som de um beijo. Depois uma voz chamou várias vezes, com entusiasmo: "Maude, Maude!" O nome dado pelo espírito era indistinto, mas soava a Carrie. "És a tia Carrie?", perguntou a minha esposa (cujo nome é Maude).

Resposta: "Sim." Seguiu-se uma longa conversa entre elas (como se a tia estivesse viva), durante a qual o espírito referiu duas gravuras que nos oferecera, e que agora estavam penduradas num dos quartos (correto), e um colar dado à minha filha mais velha (que estava

presente), que agora usava como corrente; o espírito disse que era uma corrente fraca (correto).

Perguntou: "Quem ficou com o meu broche com a pedra vermelha?" (não compreendido); lembrou-nos como costumava dançar com as crianças, quando muito pequenas, no seu pé, cantando "Diddledy, diddledy" (correto); disse que sempre nos amou (a tia Carrie teve uma vida difícil e procurámos sempre ser bondosos com ela); pediu-nos para enviar o seu amor à irmã gêmea da minha esposa, e disse que eu devia ensiná-la sobre espiritualismo (a minha esposa é espiritualista, mas a irmã sabe pouco do assunto); e quando mencionei como às vezes a provocava, ela riu-se agradavelmente e disse "Adeus."

Todos considerámos esta conversa como uma prova muito satisfatória e convincente de identidade.

A Sra. Wriedt descreveu várias pessoas à nossa volta que não conseguimos identificar; depois, uma voz cantou "Loch Lomond", e disse que costumava visitar a minha esposa em jovem e cantar músicas escocesas; que era o marido de uma tal Sra. (não conseguimos perceber o nome), e insistiu que a minha esposa o conhecia (este espírito não foi reconhecido de todo).

Finalmente, apareceu o Dr. Sharp, e numa voz clara falou durante algum tempo sobre temas do quotidiano. Disse que devíamos ter dez filhos como os dois que estavam presentes. "Aí estaríamos no paraíso" — com este pequeno elogio terminou a sessão.

Note-se que nesta sessão obtivemos apenas uma boa prova de identidade, mas essa foi tão convincente e evidente que penso ser justo procurar outra explicação para as falhas que não a de "embuste" ou de um "auxílio mal sucedido" da médium. Todos éramos completos desconhecidos para a médium e para todos os envolvidos no "Bureau da Julia"; não houve qualquer "pesca" da parte da Sra. Wriedt durante a conversa com "Carrie", e nenhum de nós revelou informação espontaneamente.

A segunda sessão com a Sra. Wriedt teve lugar em Junho deste ano, em Cambridge House. Os participantes foram a minha mãe, a minha esposa, uma irmã casada, a minha filha mais velha e eu próprio. Assim que as luzes se apagaram, surgiram diversas luminosidades semelhantes às anteriormente descritas; depois, uma voz afirmando ser a de Julia deu-nos as boas-vindas ao "Templo da Verdade, a fonte de luz e sabedoria", e falou de forma séria durante vários minutos (esta foi a minha primeira introdução a Julia).

Em seguida, uma voz que se dizia ser a do meu pai falou (repito que as vozes não eram, em nenhum caso, semelhantes às das pessoas em vida); os joelhos da minha irmã foram tocados, tal como o meu bigode, por uma mão intangível. A voz perguntou pela saúde da minha mãe e, antes que ela respondesse, disse: "Estás melhor" (o que era verdade).

A Sra. Wriedt então disse que percebia o nome "Cross" — "uma senhora que morreu após uma operação"; ao mesmo tempo, os joelhos da minha irmã foram tocados. O espírito não foi inicialmente identificado. Um nome próprio, parecido com Nellie, foi dado através da trompette.

Disse pertencer ao lado da família do marido da minha irmã. A minha irmã perguntou de repente: "É a Louisa L—?" (Esta senhora morreu dentro de uma semana após uma operação.)

Sem responder diretamente, o espírito disse: "Estou muitas vezes contigo; o teu rapaz está bem, não te preocupes com ele" (a minha irmã andava preocupada com a saúde e as crenças teológicas do filho). Após alguma conversa, perguntei: "Que relação tem o nome 'Cross' com isto?"

A minha irmã sugeriu que podia ser simbólico das convicções religiosas anglo-católicas que Louisa L— tinha em vida, como meio de reconhecimento. Um dos filhos de Louisa fizera-lhe uma cruz quando ela era viva; o seu marido, quando era sacristão, costumava levar uma grande cruz na procissão. Depois de este espírito sair, John King interveio e afirmou enfaticamente que "era Louisa L—. Que importava se tinha uma cruz ou cento e uma? A que importava era a que levava para a igreja."

Pouco depois, a médium disse, de forma súbita e direta: "Recebo o nome Josephine"; ao mesmo tempo, a minha mãe foi tocada no ombro e uma voz, através da trompete, disse: "Sou tua irmã. Aqui tudo é alegre e brilhante. Hei de dar-te as boas-vindas ao céu um dia; o ciúme e o egoísmo não existem no céu; esses vêm das diferenças de posição na Terra. Agradeço ao teu filho por trazer aqui o meu tesouro." Depois foi até à minha esposa, chamando-a pelo nome.

A minha esposa disse: "Nunca te conheci em vida."

A resposta foi: "Estou feliz por te acolher na família; foste uma boa esposa, uma boa mãe e uma boa filha."

(Considero esta visita da "Josephine" como uma boa evidência de identidade. O nome, pouco comum, surgiu de forma imediata, seguido da afirmação da relação familiar e do toque no ombro da minha mãe, o que foi quase surpreendente. O espírito havia falecido há muitos anos; a família nunca teve grande ligação com essa parente, e ela estava completamente ausente dos nossos pensamentos. Duvido que os meus filhos alguma vez tenham ouvido falar desta minha tia.

As referências ao ciúme e às diferenças de posição social foram especialmente adequadas às circunstâncias da sua vida. Provas deste género costumam ser mais convincentes do que quaisquer outras; há nelas algo de tão natural e genuíno. A leitura mental, como explicação, está fora de questão, pois ninguém presente, que a tivesse conhecido em vida, estava a pensar nela, e a frase que usou soou quase como uma confissão pessoal.)

Após alguns outros episódios, uma voz saudou-nos dizendo: "William, sou irmão e filho" (nome correto do meu irmão). Riu várias vezes enquanto falava (um hábito característico dele em vida). Enviou o seu amor à minha filha G— (sua afilhada) e disse à minha filha W—: "Vou caminhar contigo pela Dyke Road" (a minha filha tinha estado recentemente em Brighton com a sua viúva). A voz aproximou-se então da minha irmã e perguntou: "Como está o Billy?"

Ela perguntou: "Queres dizer o cão?" e a resposta foi um latido.

Ela disse: "Como sabes que tenho um cão chamado Billy?"

Ele respondeu: "Achas que não presto atenção quando te visito?"

A minha filha perguntou se tinha alguma mensagem para mais alguém (esperando que quisesse enviar uma à sua viúva). Após várias tentativas, ouvimos algo como "Sherry." A minha irmã perguntou: "Queres dizer 'Cherie'?"

Resposta: "Sim; amor para a 'Cherie.' A Maude (minha esposa) devia saber" (só a minha irmã sabia e se lembrava que ele às vezes chamava a esposa de "Cherie").

Pediram à minha esposa que apertasse a mão, o que tentou fazer; mas, embora tenha sentido um toque, não conseguiu agarrar nada. Os meus óculos foram tocados, e a trompete bateu-me levemente na cabeça várias vezes. Ficou algum tempo a falar — principalmente com a minha esposa, por quem tinha grande afeição.

A Sra. Wriedt disse então que via um violino branco a atravessar a mesa e uma pessoa vestida de violeta a parar atrás de mim.

Depois surgiu uma voz: "Grace." A minha filha perguntou se se referia à irmã (há também uma tia Grace).

Resposta: "Sim, sim." A voz então cantou dois trechos de músicas; uma delas era "The harp that once through Tara's hall the sound of music shed."

O espírito disse depois que Grace um dia tocaria no Albert Hall. Respondemos que ela era demasiado nervosa e planeava ensinar música.

Resposta: "Não se pode ensinar sem primeiro saber tocar; não, não, ela tem de combater isso. Encorajem-na, o medo passará, eu ajudarei."

A minha opinião geral sobre a mediunidade da Sra. Wriedt, baseada nas experiências acima, pode ser inferida pelas minhas observações entre parêntesis. Há as habituais falhas de identificação, as imprecisões misturadas com verdades, e por vezes algo que parece adivinhação; mas estou convencido de que esta mulher é uma médium poderosa. Atribuo-lhe honestidade e afirmo que nos deu provas positivas da sobrevivência da personalidade humana após a morte e da possibilidade de comunicação com os falecidos.

Uma senhora que nasceu em Sydney, Nova Gales do Sul, onde passou toda a sua juventude, e que agora reside em Devonshire, envia-me o seguinte relato:

Participei de várias sessões com a Sra. Wriedt, tanto em privado como em círculos gerais, e vou contar dois episódios interessantes. Um dia, em 1911, eu e a minha irmã tivemos uma sessão privada em Cambridge House, e uma entidade anunciou-se através da trompete como "George."

Conhecemos vários Georges que já partiram.

A minha irmã perguntou: "És o George Lloyd?" Resposta: "Não."

Pergunta: "Qual é o teu outro nome?"

O espírito pareceu ter grande dificuldade em responder a esta pergunta direta, por isso eu disse: "Onde nos conheceste?"

Resposta: "Em Rose Bay. O meu nome é George Smith. O vosso pai trouxe-me aqui."

Fiquei muito confusa pois o nome não me dizia nada; mas a minha irmã disse: "Viveste em Rose Bay?"

Resposta: "Sim, perto da vossa antiga casa." (A nossa antiga casa era em Rose Bay, uma das muitas pequenas baías em Port Jackson; fica a cerca de cinco quilómetros da cidade de Sydney, Nova Gales do Sul.)

A voz dirigiu-se então a mim: "Onde está a tua fiska? Eras uma menina muito pequena. Tinhas uma fiska."

Pergunta: "Queres dizer uma catapulta?"

Resposta: "Sim, eras uma pequena traquina." (De facto, eu tinha uma catapulta quando era criança; é possível que tenha sido um grande incómodo para a vizinhança.) Virando-se para a minha irmã, ele disse: "Nem te teria reconhecido; o que fizeste a ti própria? Sempre foste a mais séria." (Esta observação é bastante precisa.)

Quando a voz deixou de se manifestar, a minha irmã disse: "Bem, sou a única que o poderia lembrar; tu eras demasiado pequena. O George Smith viveu perto de nós em Rose Bay. Era empreiteiro." (Isto foi há quarenta e seis anos.)

O episódio que agora descrevo ocorreu este ano (1912). Fui com a minha irmã a uma nova sessão privada com a Sra. Wriedt, novamente no escuro. Um dos meus objetivos era obter uma prova de um antepassado nosso que já se tinha manifestado anteriormente, identificando-se pelo nome próprio abreviado.

Antes de sairmos da casa da minha irmã para Wimbledon, e sem que ela soubesse, escrevi num papel o nome do navio no qual o nosso familiar se perdeu, juntamente com a pergunta: "O que isto te diz?" Guardei o papel na mala e não mencionei nada nem à minha irmã nem à Sra. Wriedt. Quando as luzes se apagaram e a sala ficou na escuridão total, abri suavemente a mala, retirei o papel em silêncio e segurei-o na mão.

Um amigo nosso apareceu e começou a falar com a minha irmã; de repente disse-me: "Coloca isso na mesa." (Eu estava sentada perto de uma grande mesa oval onde estavam flores.)

Respondi: "Não é para ti."

Ele repetiu: "Coloca na mesa," e assim fiz. Quando o espírito terminou de falar, o meu antepassado manifestou-se como habitualmente, dizendo o seu nome abreviado. Em seguida disse: "Vou responder a esta pergunta de forma especial. É o nome de um navio: foi destruído, e eu fui ao fundo." Ouvimos o som de papel a ser amarrotado e das flores a serem tocadas. No fim da sessão, quando acenderam as luzes, encontrámos no chão o papel

da minha pergunta enrolado no caule de um ramo de botões de rosa, de onde um botão tinha sido arrancado.

O meu antepassado faleceu há cento e vinte e seis anos, com apenas vinte e dois anos de idade. Era oficial da Marinha; o navio naufragou na costa inglesa. Assim, podemos dizer que a sua vida foi ceifada no início, tal como ele tentou transmitir-nos através das rosas mutiladas.

Numa tarde, a caminho de uma sessão em Cambridge House, eu caminhava sozinha apressadamente por Bond Street. Para meu aborrecimento, um homem insistia em caminhar ao meu lado, tentando chamar a minha atenção. Passado algum tempo, afastou-se e pude seguir sem ser incomodada. Não tive tempo, antes da sessão, de comentar o ocorrido, mesmo que o tivesse recordado ou desejado fazê-lo. Durante a sessão, a minha mãe apareceu para mim e para a minha irmã e disse: "Minha querida, que coisa horrível aquele homem fez esta tarde ao tentar falar contigo!" Perguntei: "Mãe, estavas lá?" Ela respondeu: "Sim, querida."

Em todas as sessões a que eu e a minha irmã assistimos juntas, diferentes espíritos falaram connosco simultaneamente, um geralmente através da trompete e outro sem ela.

(Assinado) **E. R. Richards**

A Sra. Jacob, irmã da Sra. Richards, escreve:

Venho corroborar o relato da minha irmã. Sou seis anos mais velha do que ela e posso confirmar que um empreiteiro chamado George Smith viveu perto da casa do nosso pai em Rose Bay, Sydney. Deve ter-nos conhecido de vista quando brincávamos em crianças, e provavelmente falava connosco de vez em quando. A minha irmã tinha uma pequena catapulta.

Concordo com a minha irmã que não conseguimos relatar todos os detalhes das várias conversas que tivemos com os nossos parentes e amigos falecidos através da mediunidade da Sra. Wriedt; mas tenho prazer em enviar o que considero uma boa prova da natureza do seu dom extraordinário. Um dia de Agosto passado (1912), fui visitá-la ao hotel em Londres e fui recebida no seu quarto. Tinha acabado de regressar das compras e estava a fazer as malas, pois partia para a Noruega no dia seguinte. Era pleno dia, e havia bastante barulho, tanto do trânsito na rua como do abrir de pacotes e do cortar e dobrar de papel.

Pedi à Sra. Wriedt se podia segurar a trompete ao ouvido e tentar receber uma mensagem. Ela respondeu: "Claro, mas lamento ter de continuar a arrumar, e vai haver barulho." Continuou então com as suas tarefas, andando constantemente de um lado para o outro a colocar coisas nas malas. Sentei-me numa cadeira, apoiando a extremidade maior da trompete nas costas de outra cadeira, e coloquei a extremidade menor no ouvido. Estávamos apenas nós duas no quarto. Pouco depois, ouvi uma voz a saudar-me. Era o meu pai. Falou clara e fortemente, e tivemos uma conversa de vários minutos. De repente, ouvi outra voz como se estivesse a falar com ele; duas vozes na trompete ao mesmo tempo, a segunda muito baixa.

Perguntei: "Quem está a falar contigo?"

Resposta: "A tua irmã."

Pergunta: "Está a falar contigo?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "O que está a dizer?" O meu pai então falou em nome da minha irmã e transmitiu a sua mensagem. Conversámos os três sobre os velhos tempos na Austrália de forma perfeitamente natural.

Depois de o meu pai se despedir, outro familiar apareceu e conversou comigo durante algum tempo.

Devo dizer que o meu pai faleceu em Sydney em 1891, e a minha irmã em 1909. Em Cambridge House já tive uma voz a falar comigo sem a trompete, sendo esta apenas usada no final da sessão.

Quando segurei a trompete junto ao meu próprio ouvido, como fiz no quarto da Sra. Wriedt, achei difícil mantê-lo estável e cansativo mantê-lo na posição. Isso fez-me admirar a facilidade com que os espíritos a utilizam nas sessões espiritualistas no escuro e a grande paciência que demonstram.

Notei que, quando a Sra. Wriedt estava perto de mim, a voz do espírito era mais forte do que quando ela estava do outro lado da sala; por isso, tentei guiar a trompete na direção dela enquanto ela se movimentava. A certa altura, John King interveio e deu-me uma mensagem para ela.

Disse-lhe: "É melhor segurá-la você mesma; ele quer falar consigo." Ela parou de arrumar e pegou na trompete. Consegui ouvir as perguntas dela e as suas respostas, mas não o que ele lhe dizia. Disse-me que não conseguia perceber o que as vozes me diziam, apenas o que eu lhes respondia.

Na noite de 6 de setembro, na véspera da partida da Sra. Wriedt para a América, fiquei com ela no Hotel Grosvenor, pois ela partiria muito cedo na manhã seguinte para Southampton de comboio. Ela estava doente, com uma forte constipação e bastante debilitada; fiquei tão triste por ela partir sozinha e com a saúde em mau estado, que decidi acompanhá-la. Ela passou o dia todo ocupada a fazer as malas e a tratar de tudo para a partida cedo no dia seguinte no comboio do barco, e foi para a cama exausta, adormecendo rapidamente. Partilhámos a mesma cama (uma cama de casal grande).

Eu, no entanto, não consegui dormir durante horas; e, depois de ficar algum tempo quieta, senti de repente um impulso de levantar a cabeça e olhar para onde ela dormia, imóvel e serena. O que vi fez-me sentar imediatamente. Sobre o corpo adormecido dela, com a cabeça pousada na almofada virada parcialmente para o lado oposto, vi outra Sra. Wriedt, apenas a cabeça e os ombros, a olhar diretamente para mim por cima do seu próprio corpo — sobre o peito.

Um lenço branco, suave e translúcido cobria-lhe levemente a cabeça, deixando ver o cabelo, que parecia muito mais claro e brilhante; os olhos, de um azul intenso e luminoso; a tez, límpida. Os olhos encontraram os meus; o rosto tinha um sorriso tão doce e a expressão parecia sonhadora. Enquanto a observava, admirada, surgiu-me o pensamento: "Estás realmente bela; não és assim tão bela em vida." Passaram-se alguns momentos até a visão desaparecer. Durante todo este fenómeno, ela dormia pacificamente.

(Assinado) M. Jacob.

Por Vice-Almirante W. Usborne Moore

A melhor sessão geral de círculo a que assisti em Cambridge House, excluindo as noites de "Julia" (quartas-feiras), foi na segunda-feira, 24 de junho. Um dos participantes tinha vindo de Poole a meu convite. Foi a única vez que viu a Sra. Wriedt, e o testemunho que obteve da presença da sua esposa e filhos já falecidos foi, segundo ele me assegura, totalmente satisfatório. O relatório do estenógrafo, que tenho comigo, é tão bom quanto se pode esperar de um registo deste tipo. O Dr. Sharp, após me cumprimentar a mim e a outros amigos, disse:

"Como está, Sr. Osman?" [o participante vindo de Poole].

"Estou muito contente por vê-lo."

Sra. Wriedt: "Como é que o conhece?"

Dr. Sharp: "A querida esposa e filhos dele disseram-me que ele estava aqui."

Eu estava sentado ao lado da Srta. M., uma conhecida membro da S.P.R. e médium. A senhora à minha direita também era médium. Depois de apresentar a Srta. M. ao Dr. Sharp, ele falou com a Sra. Harper sobre um dos seus filhos que estava hospitalizado, diagnosticando a doença e sugerindo certo tratamento. Não tenho meios para saber se o conselho era bom ou não, mas o discurso foi feito com voz clara, firme e sem hesitações.

Uma forma branca aproximou-se de mim, mas sem voz. A Sra. Wriedt e a Srta. M. viram ambas formas. Depois cantámos, e os médiuns viram a forma de uma criança a circular pelo grupo.

Sra. Wriedt: "Almirante, é a sua netinha, a sua tia E. trouxe-a." Consegui ouvir a palavra "Avô." (Esta criança teria agora dois anos se tivesse vivido. A familiar mencionada é aquela que sempre se disse estar a cuidar dela.)

Um participante conversou durante alguns minutos com a irmã, que durante a conversa mencionou o nome de uma irmã ainda viva. Depois, um espírito cantou um verso de "Lead Kindly Light." O Cardeal Newman falou e concedeu uma bênção em latim ao círculo. Um irmão comunicou com o Sr. M. E. (ver *Light*, de 12 de outubro), e falou durante vários minutos; entre outras coisas, mencionou o nome de uma irmã também já falecida.

Grayfeather repetiu um aviso que já tinha dado anteriormente sobre um acidente que previa para um dos participantes. Foi apresentado à senhora à minha direita, que nunca o tinha encontrado. A jovem índia chamada Blossom manifestou-se aos presentes que melhor a conheciam. A sala pareceu encher-se de nuvens brancas, e uma voz dirigiu-se à Srta. M., dando-lhe um teste que considerou satisfatório. Vários espíritos manifestaram-se aos participantes e foram reconhecidos.

Um deles, que se apresentou como Robert Bournsell, comunicou brevemente comigo. Noutro caso, o Dr. Sharp interveio para ajudar um espírito aparentemente pouco habituado a esse modo de comunicação. Um espírito, chamado Charlie, tentou provar a sua identidade assobiando uma melodia. Quando lhe perguntaram se era Charlie Grimaldi, respondeu: "Sim, claro"; e acrescentou: "Lembras-te de quem tocava o mockingbird com variações de 'Home, Sweet Home'?" (Assobiando novamente.)

Sra. Wriedt: "Está um homenzinho magro — de rosto liso — de pé no centro da sala."

Voz: "Lincoln Cox."

Sr. C.: "Sei quem é."

Voz: "Isto é um prazer; o que estás tu a fazer aqui?"

Sr. C.: "Porque tinha muita vontade de vir, e pensei que podia encontrar alguém que me dissesse algo." (O Sr. C. explicou aos outros participantes que o Sr. Cox tinha um espaço na New Burlington Street.)

Voz para o Sr. Osman: "Marie. Como estás, querido?"

Sr. Osman: "Estou muito feliz por te ouvir; vim de longe para te encontrar."

Voz: "A mãe vai falar contigo, e o Reggie. Pai querido, é muito solitário para ti, mas estamos contigo todos os dias em casa. A mãe está aqui. O Leonard não está, mas a mãe está. Pai querido, dá um beijo à tia por mim. Adeus, pai."

Sr. Osman: "Adeus, querida."

A Sra. Wriedt anunciou que via o nome "Bee." Foi reconhecida pelos residentes da casa, que explicaram que era uma professora de muitos anos atrás.

Miss Bee: "Fazemos muitas pequenas festas à noite no Céu com as crianças. Dançam, estão felizes; é maravilhoso. Continuo a ensinar."

Aqui, duas irmãs, a Sra. Jacob e a Sra. Richards, foram visitadas pelo espírito de um antepassado, um oficial da Marinha que se afogou no século XVIII (ver *Light* de 26 de outubro, p. 507). Estas senhoras estavam sentadas à minha direita, entre mim e a médium. Fui apresentado. A voz disse: "Quero dizer-te que sou o J. Chamavam-me—" (usando uma abreviação).

Pergunta: "Em que esfera estás?"

Resposta: "Na esfera celestial, mas já estou cá há muito tempo."

Pergunta: "Ouvi dizer que estavas na sexta esfera e no sétimo reino."

Resposta: "Estou, mas também estou na esfera celestial."

Pergunta: "Suponho que não há dificuldade em vir cá desde as esferas superiores?"

Resposta: "Não, o meu prazer está aqui até que os meus amigos cheguem."

Pergunta: "Qual é a cor do sétimo reino?"

Resposta: "Lavanda. Há trinta cores diferentes em cada esfera, mas as principais são vermelho, púrpura, azul, lavanda, escarlate, branco e verde."

Pergunta: "Eras marinheiro: como morreste?"

Resposta: "Com um mergulho súbito; o navio naufragou."

Sra. Wriedt: "Alguém reconhece o nome Temple?"

Uma voz: "Chester."

Almirante Moore: "Para quem é?"

Resposta: "Desculpe; não é para si." (O espírito afastou-se, aparentemente aborrecido.)

Uma voz: "Sra. Osman."

Sr. Osman: "És a minha esposa?"

Resposta: "Sim, estou feliz por te ver. Todos os filhos estão aqui."

Sr. Osman: "Fico tão feliz por ouvir isso."

Resposta: "É tão bom estar contigo aqui. Foste muito amável por vires. Estava à espera disto há muito tempo."

Sr. Osman: "Já passou muito tempo desde que falei contigo."

Resposta: "Os filhos e eu estamos contigo todos os dias. Não sinto tanto a tua falta como tu sentes a minha, porque estou aí todos os dias, e eles também. Como está a tia?"

Sr. Osman: "A tia está muito bem, obrigado."

Resposta: "Dá-lhe um beijo por mim. Oh, querido, é um conforto tão grande poder conversar contigo! Deus te abençoe por teres esperado tanto. Boa noite."

(A voz virou-se na minha direção.) "Obrigada, Almirante, pelo trabalho que teve." Fiquei muito surpreso por o espírito saber do pequeno papel que tive em trazer o seu marido naquela noite, e só consegui dizer: "É muita amabilidade sua falar comigo. Boa noite."

Veio um artista francês, imediatamente reconhecido pelas senhoras à minha direita. Ele deu uma explicação sobre uma falha nos olhos de um certo quadro que pintara, a qual elas pareceram compreender.

Uma voz dirigiu-se à Srta. M. (à minha esquerda).

Srta. M.: "Por favor, pode dizer-me o seu nome? Quem é? É um parente?"

Dr. Sharp respondeu: "Minha querida senhora, este espírito destina-se a uma certa pessoa que conhece muito bem." (O espírito continuou a falar durante alguns minutos.

A Srta. M. declarou compreender perfeitamente o significado da mensagem.) Uma voz:

"Reggie. Querido pai, como estás?"

Sr. Osman: "Estás melhor do que estavas?"

Resposta: "Agora está tudo bem — nunca mais tive problemas."

Sr. Osman: "Estava tão preocupado."

Resposta: "Vieste de longe para nos veres e falares connosco. Estamos em casa como sempre." A trompete caiu, e ele desapareceu.

Uma voz dirigiu-se a mim: "Tia E. Ouviste a criança? Ela tentou dizer 'avô'. Estou muito feliz, W., por te ver esta noite. Tinha receio de não ter outra oportunidade. Está tudo bem em casa."

Seguiu-se então um fenómeno raro — clarões de luz. Nunca tinha presenciado tal coisa. Alguns dos participantes viram, ou julgaram ver, cruzes de luz, e o estenógrafo afirmou ter visto uma luz como a de uma lua cheia; eu apenas consegui distinguir dois ou três clarões. (Este fenómeno é por vezes observado nas sessões com a Srta. Ada Besinnet.)

Julia tomou então a palavra e fez um discurso de cerca de cento e sessenta palavras, no seu estilo habitual e com a sua voz inglesa refinada. Enquanto falava, Iola chamou-me pelo nome, com muita clareza, cinco ou seis vezes, e transmitiu uma breve mensagem. A voz vinha da zona entre mim e a minha vizinha da direita, aproximadamente ao nível do topo da minha cabeça. Durante esta sessão, todos os presentes, exceto um, foram visitados por mais de um espírito amigo.

O Sr. Osman teve a gentileza de me enviar os seguintes pormenores:

A minha filha Marie era a nossa única rapariga numa família de oito filhos; faleceu em Janeiro de 1896, com treze anos. O Leonard faleceu em bebé. A minha esposa partiu há três anos sem sequer conseguir dizer-me "adeus". O meu filho Reginald faleceu em Novembro de 1910, com trinta e um anos, após quatro anos a sofrer de tuberculose; teve muita dificuldade em aceitar a morte, exceto talvez no último dia; e, após falecer, esteve muito infeliz durante algum tempo. Fiquei muito contente por ouvi-lo dizer, da forma tão típica dele: "Agora está tudo bem — nunca mais tive problemas."

"A tia" é a irmã preferida da minha esposa, que vive numa quinta a poucos quilómetros daqui. Ela e os meus filhos tinham grande afeição mútua, e era habitual referirmo-nos a ela desta forma.

Marie mencionou a "mãe", o "Reggie" e o "Leonard". Não havia ninguém presente em Cambridge House que pudesse associar estes nomes, a não ser eu.

AS VOZES DE 1912: A TESTEMUNHA REVISADA

(De *Light*, 23 de Novembro de 1912)

Resta-me apenas fazer alguns comentários para resumir os vários relatos publicados no *Light* sobre as vozes obtidas através da mediunidade da Sra. Wriedt.

A veracidade ou não do retorno dos espíritos depende inteiramente das provas apresentadas. Se o leitor não acredita na veracidade destes relatos, ou imagina que uma médium estrangeira possa ter tido acesso a toda a informação descrita pelas vozes aos participantes, então nada aqui o convencerá da proximidade de pessoas num outro estado de consciência. O valor destes relatos depende da sua veracidade e da certeza de dois pontos: (1) que os sons eram vozes desencarnadas e (2) que as mensagens não eram apenas ecos de factos já conhecidos pela médium (e, portanto, pelos seus guias espirituais), mas informações que apenas os próprios participantes ou os seus entes queridos ausentes poderiam recordar.

As testemunhas incluem um editor em Londres, um médico em Londres, um ex-soldado da R.M.L.I., dois clérigos, um viajante oriental, uma senhora de Surrey, dois militares, um oficial da marinha, um advogado da Irlanda, um distinto membro da Royal Society também irlandês, duas senhoras de Londres, uma senhora de Southsea, outra de Bournemouth, uma senhora caçadora de raposas do País de Gales, uma senhora holandesa, um engenheiro mineiro de Durham, um cavalheiro reformado de Surrey, duas senhoras australianas de nascimento, um proprietário de hotel de Poole e um diplomata estrangeiro. Se houvesse espaço no *Light* para mais relatos, poderia apresentar testemunhos de muitos outros.

O que considero o melhor relato desta coleção é a primeira carta na página 435. A médium estava emocionalmente perturbada com um assunto que a afetava há quatro dias, embora esse assunto nada tivesse a ver com ela — era algo como a questão da autonomia da Irlanda. Todos sabem que esse é o pior estado emocional para um médium conseguir uma boa comunicação. No entanto, os espíritos foram tão fortes que conseguiram ultrapassar essa perturbação mental e introduzir perfeita harmonia. Nada menos do que sete entidades desencarnadas manifestaram-se, e de forma tão clara que mostraram conhecer até os gestos mais insignificantes do participante. John King foi o espírito controlador nessa sessão.

A influência de John King nas sessões com a Sra. Wriedt é confirmada na página 410. Uma senhora, habituada a sessões com os médiuns Husk e Williams, entra em Cambridge House pela primeira vez. Era frequentemente chamada de "A Rosa" pelos espíritos de John King. Nessa sessão, John King manifesta-se e dirige-se a ela usando o mesmo apelido. Nessa ocasião, um espírito indígena visita os meus amigos a meu pedido, apesar de eu não estar presente.

Muitas línguas foram faladas por espíritos desencarnados; a Sra. Wriedt só conhece o inglês americano. Um bom exemplo é dado por "E. F. S." na página 472. A filha em espírito comunica com o irmão ainda vivo em inglês; ambos tinham sido educados para falar

holandês, inglês e francês com igual fluência. Certo dia, uma tia e uma amiga, vindas da Holanda, acompanham "E. F. S." a Cambridge House.

O mesmo espírito comunica com estas senhoras em holandês, e os maridos delas (já em espírito) também falam com as suas esposas na sua língua nativa. Em relação a línguas estrangeiras, temos o testemunho de M. Chedo Miyatovich, antigo ministro sérvio nas cortes da Rainha Vitória e do Rei Eduardo VII, na página 271, que relata terem sido faladas as línguas alemã, sérvia e croata nas suas sessões com a Sra. Wriedt.

W. T. Stead comunicou comigo e com outros durante uma breve sessão realizada apenas duas horas após a chegada da médium a Cambridge House, e referiu-se à última conversa que tivemos enquanto ele ainda era vivo. Na manhã seguinte, mostrou-se a mim; a materialização, embora fosse claramente Stead, não se parecia com nenhuma das suas fotografias em vida. Era frequentemente visto e ouvido pelos seus amigos pessoais, não só nas sessões "Julia", mas também em sessões informais; e usava expressões que era sabido serem suas em vida.

Na página 380 está registado que um espírito dirigiu-se a um médico e perguntou-lhe com insistência se ele tinha recebido o pagamento pela sua assistência durante a última doença da falecida. A pergunta era diretamente relevante à situação. Na página 381, Grayfeather e o Dr. Sharp recordam-me de um pequeno incidente — uma infração disciplinar — que ocorreu a bordo de um navio que comandeiei há vinte e nove anos. De facto, aconteceu, embora só me lembre vagamente; não recordo quando ou onde. Não é o tipo de episódio que fique gravado na memória de um comandante ocupado com uma missão importante.

Um testemunho valioso da natureza extraordinária do dom da Sra. Wriedt foi-nos dado pela Sra. Jacob, que relata, na página 507, como conseguiu receber mensagens mesmo com barulho na sala, enquanto a médium se movimentava, cortando papel, abrindo pacotes e fazendo as malas. Um sub-tenente de um condado do centro de Inglaterra conta como ouviu vozes quando a médium estava no rés-do-chão, a cerca de doze metros de distância, com a porta da sala da sessão fechada. Ele próprio me relatou o facto, que é também mencionado na página 490.

Chamo a atenção do leitor para a página 429, onde encontrará o relato de um funcionário público que trabalha em Dublin. Este senhor visitou Cambridge House comigo como completo desconhecido. O seu nome, nacionalidade e ligação a duas sociedades de investigação psíquica — enfim, tudo sobre ele — era desconhecido da médium e dos moradores da casa. No entanto, o espírito Dr. Sharp saudou-o como "Sr. Investigador Psíquico" e esforçou-se por lhe fornecer provas claras da ação de inteligências que não pertenciam aos mortais presentes. Nessa sessão, manifestou-se uma forma espiritual de extraordinária beleza.

Na página 387 encontra-se uma carta do Sr. Maybank, anteriormente soldado raso nos Fuzileiros Reais da Marinha (R.M.L.I.), que, tentando testar a identidade do seu filho Harold na vida espiritual, pergunta: "Lembras-te do velho Cyril?"

O filho responde de imediato: "Claro que sim; não o chateava eu?", e procede a imitar o som de um gato irritado.

O Sr. Maybank observa: "É razoável supor que, ao mencionar o nome 'Cyril', ninguém entre os presentes pensaria que se referia a um gato." Creio que a maioria de nós concordaria com isso.

Na página 448 encontram-se três boas provas. O espírito de um velho sineiro, que morreu com deficiência mental, comunica com o seu pároco ainda em vida e diz: "Ainda tocas o sino da recolha."

Pergunto-me em quantos lugares de Inglaterra ainda se toca esse sino hoje em dia. Acontece que ele é tocado numa torre a cerca de 800 metros da antiga casa de Crookes, quando este era vivo.

Outro exemplo: Grayfeather dirige-se a um tenente da Marinha Real e diz: "Vejo três anéis para ti na altura das cerejas." A 30 de Junho (sete semanas depois), esse senhor é promovido ao posto de comandante. O sinal distintivo do novo uniforme são três anéis dourados em cada manga.

A terceira prova, ou profecia, não é tão clara, mas, tendo em conta a forma rude de expressão do espírito, considero-a significativa: "Muito problema do outro lado do mar — brancos, negros, todo o tipo de gente — vão lutar — muitas cabeças cortadas." Na altura, ninguém poderia prever a invasão da Turquia pelos Estados Balcânicos, nem o massacre horrível ocorrido na Trácia. Parece que o velho índio estava a prever a guerra sangrenta que se desenrola. Só Deus sabe se isso terá impacto sobre o Império Britânico, que abrange quase cem milhões de muçulmanos que vêem no Califa o chefe da sua religião. Grayfeather repetiu estas sombrias advertências de grande mortandade além-mar por duas vezes desde Maio.

Sir William Barrett, que, em conjunto com Mr. Dawson Rogers, fundou a Society for Psychical Research (S.P.R.) em Londres, é considerado por muitos investigadores psíquicos como o maior especialista vivo nesta área, e com razão. Ele alia simpatia por estas pessoas "anormais" a quem chamamos médiuns, com uma observação aguçada e uma mente prudente — tão prudente que chegou a afirmar publicamente no inverno passado que não acreditava que alguma vez se tivesse obtido uma prova satisfatória através da exibição de fenómenos psíquicos — isto após mais de trinta anos de investigação, conhecimento pessoal dos médiuns mais proeminentes em Inglaterra e contacto direto com cientistas que os investigaram.

As provas que lhe apresentei sobre o fenómeno da "voz direta" através da mediunidade da Sra. Wriedt não o impressionaram inicialmente, embora tenha começado a mudar de opinião quando uma senhora norueguesa lhe contou que conversara com familiares na sua própria língua. No entanto, comprometeu-se a assistir a duas sessões este ano. Vejamos agora qual é a sua posição. Após relatar experiências notáveis, na página 459, diz: "Fui às sessões da Sra. Wriedt com um espírito algo cético, mas cheguei à conclusão de que ela é uma médium genuína e extraordinária, tendo dado provas abundantes, não só a mim mas a outros, de que

as vozes e o conteúdo das mensagens recebidas estão totalmente fora do alcance de qualquer truque ou conluio."

O Dr. Abraham Wallace, na página 513, partilha uma informação curiosa: "Os que frequentavam estas sessões sabiam que John King falava com um acentuado sotaque inglês. No entanto, numa ocasião em Cambridge House, John King conversou comigo num escocês cerrado e, quando o questionei sobre isso, respondeu: 'Ora, fui buscar isso a ti', explicando que estava a falar sob a influência da aura do Dr. Wallace."

O Sr. James Robertson e o Sr. Coates testemunharam igualmente vozes escocesas ouvidas quando a Sra. Wriedt esteve na Escócia. Como demonstrado de forma conclusiva nos relatos de *Light*, por várias vezes ouviu-se a Sra. Wriedt a falar ao mesmo tempo que os espíritos, e dois espíritos chegaram a ser ouvidos a conversar simultaneamente com diferentes membros do círculo, tanto com a trompete como sem ela.

Das minhas próprias experiências este ano, pouco tenho a relatar. Conversei apenas com o meu guia espiritual, cerca de cinco parentes e dois ou três amigos. Nada que tenha interesse público. O meu guia, nas sessões privadas, falava sempre apenas de assuntos pessoais; não usava a trompete, e a médium não ouvia uma palavra. Normalmente, ela também não a via, embora eu conseguisse sempre vê-la.

Mas basta. Se as provas das vozes aqui relatadas — provenientes de pessoas que, na maioria dos casos, nem se conheciam entre si — não forem suficientes para comprovar a sua autenticidade, então o testemunho humano não serve para provar coisa alguma. Existe apenas uma teoria alternativa à que atribui estas vozes aos espíritos desencarnados dos nossos mortos. Essa teoria é a seguinte: que nos rodeia uma região habitada apenas por uma raça especial de demónios, capazes de aceder a todos os pensamentos e ações da nossa vida, criar situações dramáticas à vontade e, com a sua destreza, eliminar qualquer dúvida sobre identidade ao devolver-nos os nossos próprios pensamentos. Que abracem esta doutrina reconfortante aqueles que nela acreditam, como os católicos romanos indubitavelmente fazem.

Pessoalmente, não vejo que interesse poderiam ter esses supostos demónios em dar-me provas da imortalidade. Antes tentariam ensinar: "Comei, bebei, porque amanhã morrereis." Católicos como Monsenhor Benson e o Sr. Raupert são, no fundo, um grande apoio aos espiritualistas; em termos gerais, admitem todos os factos, mas dizem que os espíritos que nos visitam são "anjos caídos."

Que assim pensem, se o desejarem. Eu penso de forma diferente; acredito que chegou o momento na evolução da humanidade em que o Todo-Poderoso decidiu levantar ligeiramente o véu e permitir-nos enfrentar o materialismo crescente dos nossos dias com provas sensoriais — não apenas pela fé, que é insuficiente — e mostrar-nos que os fenómenos registados na Bíblia não terminaram com a missão dos Apóstolos.

Em alguns casos, os médiuns, após muitos anos, perdem o sentido da proporção e começam a acreditar que são o "dom" e não apenas o instrumento. Espero sinceramente que a Sra. Wriedt não se deixe corromper pela adulação dos participantes. Se tal desgraça acontecer,

estou certo de que perderá o seu dom divino. Confio plenamente que ela saberá organizar a sua vida de modo a preservar o poder misterioso que tem sido fonte de tanta felicidade à sua volta.

9 de Novembro de 1912

W. Usborne Moore

As sessões que se seguem não foram registadas no *Light*:

O Tenente-General A. Phelps participou em sessões com a Sra. Wriedt por oito vezes. Em 1911, esteve presente numa sessão de círculo geral e em duas sessões privadas; e, em 1912, participou em cinco sessões privadas. Estive presente em quatro dessas ocasiões. Um estenógrafo esteve presente na última sessão privada do General em 1911, e durante as cinco sessões privadas de 1912. As suas duas primeiras sessões em 1911 foram descritas na edição de *Light* de 12 de Agosto de 1911, p. 377. Durante a segunda dessas sessões, manifestou-se um conhecido médico homeopático, o Dr. Compton Burnett. Remeto o leitor para essa descrição como introdução ao vigoroso espírito, que voltou a manifestar-se noutras sessões.

O General Phelps ocupou durante muitos anos um cargo administrativo de grande responsabilidade no Exército da Índia. É presidente da Liga Anti-Vacinação da Grã-Bretanha, espiritualista há cerca de quarenta anos e com setenta e cinco anos de idade.

Proponho-me registar as suas sessões com algum detalhe, de modo a evidenciar o vigor das entidades comunicantes, o tempo que foram capazes de manter a conversa, e o carácter das suas mensagens. Nem o General nem eu pretendemos associar-nos às opiniões por eles expressas. Não disseram nada de particularmente profundo, nem revelaram grandes verdades. No entanto, são exemplos interessantes de personalidades fortes a tentarem comunicar com o mundo que deixaram, ainda que por vezes com linguagem limitada e imperfeita.

A maioria das declarações mais interessantes feitas por parentes próximos teve, necessariamente, de ser suprimida.

Após a sessão de 21 de Julho de 1911, o General Phelps pediu-me que procurasse obter informações da Iola relativamente ao estado de saúde da Sra. Burnett. Sabia que ela estava muito doente. A minha guia espiritual disse-me, durante a nossa última conversa em 1911 (no final de Agosto), que a doença dela era incurável — nenhum poder a poderia salvar.

Depois disso, a 31 de Agosto de 1911, o General voltou a sentar-se com a Sra. Wriedt. O estenógrafo entrou na sala cinco minutos depois do início da sessão, e o General Phelps disse-lhe: "O Dr. Burnett apareceu e falou sobre a sua esposa, dizendo que, se houvesse algo que pudesse aliviar-lhe a dor, ele teria recorrido a algum médium desta cidade, pedindo que a mensagem fosse transmitida de forma a ser compreendida, para a ajudar; mas, como não havia qualquer possibilidade de cura e uma operação a mataria, seria imprudente tentar qualquer coisa."

Uma voz (Dr. Burnett), através da trompete: "Quero que o General compreenda que não é sensato dizer nada ao meu cunhado, pois ele não tem conhecimentos suficientes nesta área, e seria imprudente falar-lhe disto. Não há nada, jovem, que eu possa fazer para restaurar a minha esposa; nada que eu possa fazer para destruir a doença — para curá-la; a morte é a única coisa que pode ajudá-la, deste lado da vida e do outro! Lutei contra tudo isto. O cancro é uma dessas coisas; quando é interno, e já consumiu certas membranas — certos revestimentos internos — não há faca ou medicamento que o cure. Podem apenas atenuar a consciência dela. Ela percebe — sabe — está consciente de que os medicamentos estão a fazer isso. E é muito generoso da sua parte tentar ajudá-la; mas à idade dela — incurável! incurável! incurável!"

General Phelps: "Estou-lhe tão grato por tudo o que fez pela minha esposa, que faria de bom grado algo pela sua. Acredito que, se estivesse deste lado quando ela adoeceu, teria prolongado a vida dela."

A Voz: "Estamos aqui há muito tempo, e não importa o que nos aconteça; temos de viver de acordo com as leis dos grandes poderes universais. Não podemos viver para além do nosso tempo determinado. Acredito que nascemos sob condições planetárias, e são essas que regem as nossas vidas."

General Phelps: "É difícil acreditar nisso. A Madame Blavatsky costumava dizer o mesmo, mas nunca consegui compreender essa verdade."

A Voz: "Com as condições atmosféricas atuais, não se sente tão enérgico como num dia claro e fresco. Porquê? Os elementos criam uma corrente — uma corrente sanguínea — que flui ativamente pelas veias. São as condições planetárias e atmosféricas que governam todas as coisas com vida. O homem é um fluxo de gás e líquido. Sim, mas o homem tem o cérebro e a mulher o coração!"

General Phelps: "A Sra. Somerville tinha cérebro, e Hipátia também."

A Voz: "Ela tinha tanto o cérebro como o coração; mas a engenhosidade do homem está muito além da compreensão da mulher!"

General Phelps: "Pessoalmente, acredito que a mulher possui uma engenhosidade mais profunda do que o homem, e é apenas um acaso que o homem a use com mais intensidade. Sir Richard Burton achava que as mulheres desprezavam o perigo. Olhe para as mulheres-soldado em África! Chegou à conclusão de que as mulheres eram mais fortes, mais corajosas e mais práticas do que os homens, em Ashanti."

A Voz: "As mulheres não perdiam a paciência, mas perdiam a cabeça com o coração nas mãos. Digo-lhe: o homem é sempre homem ao longo da sua vida — não se pode mudá-lo! Mas, voltando à minha esposa, custa-me muito dizer isto, mas não faltará muito até que ela se junte a mim."

General Phelps: "Ela é espiritualista? Estará preparada para o reencontro?"

A Voz: "Encontrar-me-á nessa rocha da verdade. Encontrámo-nos e fomos um só na Terra, e sê-lo-emos no Céu. Bem, todos devemos esperar por esse reencontro. Mas lembre-se de uma coisa: há uma lei — que controla todas as coisas. Viemos de alguma coisa. Viemos aqui sem sermos solicitados."

General Phelps: "É mesmo assim?"

A Voz: "É. Viemos através da lei do grande poder da força, e partiremos deste mundo segundo essa mesma lei."

General Phelps: "Não consigo deixar de pensar que já existíamos antes."

A Voz: "Se assim for, nunca encontrei ninguém aqui que soubesse disso. Nunca conheci uma alma que me dissesse uma única coisa sobre reencarnação."

General Phelps: "A ausência de provas não invalida a existência de provas positivas!"

A Voz: "Disparate, é apenas uma descida de outro descendente. E quando descemos até esta coluna da verdade, de onde emanámos? Do Poder, da lei, da Luz, da força da natureza!"

General Phelps: "A natureza, nesse caso, é um sinónimo do Criador?"

A Voz: "Suponha que fôssemos todos homens — de onde viria então a reencarnação?"

General Phelps: "Houve um tempo em que os dois sexos estavam unidos num só, e a reprodução ocorria por fissão, sem necessidade de sexo. Com o tempo, evoluíram os dois sexos; mas não são essenciais à vida, pois, se recuarmos até aos animais esféricos — como os rotíferos — eles reproduzem-se por fissão, sem sexo."

A Voz: "Nunca vi uma árvore, um arbusto ou uma flor sem os dois sexos, e o mesmo acontece com os pássaros que voam no céu, com a luz, com a lua, com o sol — oh, meu rapaz, meu rapaz!"

General Phelps: "Mas se recuarmos mentalmente até à génese da raça humana, chegamos a um tempo em que os corpos não eram humanos!"

A Voz: "Se não éramos humanos nesses tempos, meu caro rapaz, então que educação houve antes para nos dar inteligência, poder, sabedoria, esperança? Porque não estamos cobertos de pelos como os selvagens, ou não pensamos e vemos como os animais? Somos o mecanismo adequado da grande esfera mundana!"

General Phelps: "Houve uma época em que ocupámos corpos que não eram humanos. A evolução é física, não espiritual. E foi muito extensa."

A Voz: "Conheci aqui um homem que viveu no ano 122 a.C.; disse-me que havia homens e mulheres mais fortes, intelectos mais vigorosos, vidas mais longas do que hoje; e disse que eram humanos — comiam, dormiam como nós, viviam e trabalhavam, embora de forma diferente."

General Phelps: "Isso pertence à história. Os arquitetos gregos alcançaram feitos — avançaram, superaram-nos! Mas nós avançamos e recuamos; se recuarmos um milhão de

anos, encontramos corpos que não eram humanos. Isso está nos registros dos jesuítas. Os jesuítas dizem-nos——"

A Voz (interrompendo): "Se acredita nisso, o que pensa que veio antes disso? Meu caro homem, meu caro General, quando vier para este lado, levá-lo-ei a conhecer algo que lhe abrirá os olhos. Mas todos os homens mudam de opinião quando chegam a esta terra da reencarnação. Madame Blavatsky ainda não reencarnou, e eu também não, nem irei. Serei sempre o mesmo velho camarada, a tomar conta dos rapazes e a cuidar das mulheres. Falando de novo sobre a minha esposa, não há nada que eu possa fazer para a curar ou ajudar. Os médicos estão a fazer tudo o que podem. Dêem-lhe o tratamento médico que tem recebido; não a está a curar, mas dá-lhe algum alívio, pois por vezes sofre crises terríveis e outras vezes está relativamente bem. Quando o efeito da morfina passa, é pior do que nunca."

General Phelps: "Há algo de errado com a alimentação dela?"

A Voz: "O estômago dela está tão fraco que é difícil dar-lhe algo que consiga digerir; mas, quando começar a vomitar, então é sinal de que o fim está próximo."

General Phelps: "Lembro-me de um caso desse género num dos seus livros."

A Voz: "No momento em que os gases se formam e ela começar a cuspir água, então preparem-se — o pior chegou. Gostava que fosse já amanhã que ela viesse para mim, mas a vida é doce para alguns de nós."

General Phelps: "É útil. Não nos foi dada por engano."

A Voz: "E quando um homem está em baixo na vida, é por negligência própria. Sabes bem como eu era um tipo feliz; e quando via uma mulher a resmungar, e nada estava bem, muitas vezes dava-lhe um pouco de água salgada, e no dia seguinte ela estava melhor." (Aqui, o espírito riu-se.)

General Phelps: "A propósito, tenho uma mensagem para lhe dar da parte da Sra. W. Ela pediu-me que lhe agradecesse pelo seu artigo sobre a 'Supersalinidade do Sangue' — ela teme haver sal a mais no organismo, o que prejudica os rins. Creio que li isso no seu livro sobre o *Natrum Muriaticum*, que gostei muito de ler."

A Voz: "Fico contente por ter gostado — escrevi aquilo com base na minha própria experiência. O melhor tratamento para problemas de má circulação é o sal. Administrar injeções de certo tipo de sal faz o coração funcionar de imediato."

General Phelps: "Ultimamente tenho tratado o meu irmão com *Natrum*, e com sucesso. No início afetou-lhe o coração, mas resolveu os arrepios. Ele é mais velho do que eu."

A Voz: "Sim, a idade é uma dificuldade. É preciso ser guiado pela idade e pela pulsação, e é fundamental compreender o paciente."

General Phelps: "Disse uma vez que, se quiséssemos manter algo em segredo, devíamos publicá-lo."

A Voz: "Sim, mas tinha outro sentido ao dizê-lo."

General Phelps: "Tenho experimentado as suas recomendações para doenças de pele. Há uma senhora de setenta anos que está quase curada com a toma de 30_12." (O estenógrafo não compreendeu a designação.)

A Voz: "É diferente quando se olha para a pessoa; consegue-se ver o que lhe faz bem. Eu olhava para a pessoa e sabia o que era necessário."

O espírito deu então alguns conselhos médicos ao estenógrafo, que foram tão úteis quanto inesperados. As suas palavras totalizaram cento e dezoito. Após mais algumas observações sobre o estado da sua esposa e a aprovação do tratamento atual, o Dr. Compton Burnett retirou-se.

Seguiu-se Hipátia, que declarou ser guia do Dr. John King, de Toronto. Referiu-se ao Dr. John de Ontário e à Iola.

Iola manifestou-se e conversou com o General e com a Sra. Wriedt. Depois apareceu a Sra. Phelps, que falou com o marido durante vários minutos sobre os filhos e netos.

John King encerrou a sessão. Falou sobre o seu médium, Cecil Husk, e disse que o manteria enquanto pudesse. Concluiu dizendo: "Não acredito que se possa fazer algo por esta senhora [referindo-se à Sra. Burnett] que a cure. Nada poderá ajudá-la."

General Phelps: "Quando recebi a carta do Almirante Moore a dizer isso, perdi toda a esperança. Suspeitava disso há algum tempo."

Sra. Wriedt: "A minha cabeça está a andar à roda."

John King: "Diga-lhe [ao irmão da Sra. B.] que os médicos estão a fazer tudo o que podem; mas não há cura para ela. Se não conseguem aliviar a dor, não conseguem. Dar-lhe esta morfina por hipodérmico não é cura."

A próxima sessão do General Phelps realizou-se a 31 de Maio de 1912. Estavam presentes: a Sra. Wriedt (médium), o General Phelps, o Almirante Usborne Moore e um estenógrafo.

No início, falou-se bastante sobre o fenómeno da trompete ter sido retirada e recolocada exatamente no mesmo lugar — algo que acontecera dias antes (ver *Light*, pág. 380) — e também sobre o estado de saúde de uma senhora doente.

Após cerca de vinte minutos de sessão, ouvimos uma voz: "William."

General Phelps perguntou: "Qual deles?"

Resposta: "O irmão William; fico contente por te ver novamente."

General Phelps: "Também estou feliz por te ver."

Almirante Moore: "É o irmão que conheci; fico encantado por o reencontrar. Não tinhas grande apreço por isto em vida, pois não?"

A Voz: "Sabes que tinha uma grande admiração pelo meu irmão e pelas suas ideias; mas não as aceitei da mesma forma, por isso afastei-me disso."

General Phelps: "Sabes que a casa vai ser vendida no dia quatro do próximo mês?"

Resposta: "Fico muito satisfeito com isso."

General Phelps: "É possível que o nosso sobrinho a compre."

Resposta: "Gostaria que ficasse na família, mas é um grande fardo. Compreendes isso. E receio que, quando o dono da casa parte, a cabeça da casa parte com ele."

Almirante Moore: "Ouvi dizer que tinhas um jardim bonito e que estavas muito orgulhoso dele."

Resposta: "Sim, sim, sentia orgulho no coração e na alma por ver crescer coisas que podíamos cuidar."

General Phelps: "E por dares os frutos e as flores aos vizinhos!"

Resposta: "Sim, mas nunca tinha o suficiente. Acabei por ter de desistir e seguir outro caminho. Gostaria de vê-lo nas mãos de familiares que o apreciassem como eu; mas, dadas as circunstâncias, que vá com alegria para quem o puder manter. Deus vos abençoe pelo passo que tomaram. A minha religião não me permitia perfurar as leis."

Almirante Moore: "Espero que estejas verdadeiramente feliz?"

A Voz: "O que quero dizer com perfurar é que sempre achei que olhar para o invisível era perigoso e errado. Não queria perfurar o véu profundo chamado morte. Amava a ideia de voltar a ver a minha querida mãe, o meu adorado pai e os entes queridos; mas temia que a lei de Deus me punisse, e por isso nunca quis olhar. Que o façam os mudos, os sensíveis, os que olham para a escuridão. Tu ensinaste-me uma lição que nenhum livro conseguiria. Meu querido irmão, mostraste-me o caminho certo; mas eu era tão denso que não via."

General Phelps: "Já encontraste os nossos pais?"

A Voz: "A mãe mostrou-se a ti há pouco tempo, quando pensaste ter visto um crânio. Lembras-te daquele pequeno toucado que usava na cabeça? Foi isso que viste."

Um espírito apresentou-se então como "Brennen", dizendo que tinha sido invalidado enquanto servia com o General. Deu a entender que fora enviado de volta para casa desde Gibraltar, sofrendo de disenteria, há muito tempo (não foi reconhecido).

Depois apareceu a mãe da Iola, que saudou a mim e ao General Phelps, dizendo-me: "O Grayfeather está a ajudar-te de forma notável."

Respondi: "Espero que agora sintas mais simpatia por ele do que sentias?" (Esta familiar tinha anteriormente manifestado grande antipatia pelo velho índio.)

Resposta: "Compreendes que estou a habituar-me a estas coisas. Não gostava do elemento terrestre... Meu caro W., gostava que perguntasses a esse tal Sharp sobre esta outra

dimensão. Ele afirma que há uma quarta. Bem, eu não sei o que é essa quarta, por isso, se puderes perguntar-lhe."

Almirante Moore: "Não compreendemos."

Resposta: "Ele compreende, e gostava que lhe perguntasses."

Almirante Moore: "A coisa não podia ser feita em três dimensões, porque passámos o braço várias vezes sobre o local onde estava a trompete e não havia nada lá; e, quando se acenderam as luzes, ela estava exactamente onde a tinha colocado." (Ninguém conseguiu compreender a explicação do Dr. Sharp para este fenómeno. Tivemos de desistir de o tentar entender.)

A mãe do General Phelps apareceu de seguida e falou sobre um membro da família que causara problemas em vida. Logo após, esse próprio familiar manifestou-se.

General Phelps: "Espero que agora estejas com juízo."

Resposta: "Não tenho desculpas a apresentar. Está feito, e não se pode desfazer. Todos fazemos certas coisas que gostaríamos de não ter feito, mas, quando as fazemos, pensamos que estamos certos. O maior erro que um homem pode cometer é punir outro por vingança. Levamo-lo demasiado longe na carne e no sangue."

Após alguns comentários do General, continuou: "Fui representado como tendo feito muito mais do que fiz. Deveria ter adorado a minha mãe. Vejo muitas pessoas a chegar aqui, e vêm perturbadas. Dizem: 'Fiz isto, aquilo, e aquilo outro, e agora tenho de o corrigir.'"

O General Phelps disse: "Não compreendo isso; o que fizeste de errado deveu-se à ——" (referindo-se à sua segunda esposa).

A Voz: "Não há mulher neste mundo que me pudesse obrigar a fazer algo que eu não quisesse."

Pergunta: "Eras teimoso como uma mula, quando te apetecia."

Resposta: "Lamento por isso, e a minha mãe sabe-o."

Pergunta: "Qual das tuas esposas está agora contigo?"

Resposta: "Amei a minha primeira esposa, e não há ninguém vivo neste mundo que possa amar duas mulheres como se ama o primeiro amor."

Pergunta: "E onde está a segunda?"

Resposta: "Não está comigo; encontrei a rapariga do meu amor; não consigo amar duas e amá-las da mesma forma."

Neste momento, a trompete caiu ao chão.

A minha guia, Iola, apareceu então: "Estou feliz por te ver esta manhã. Lá no País de Gales ela está a sentir-se ótima [referindo-se à minha esposa, que se encontrava em Llandrindod

Wells]. Gostaria muito de saber como estás; estou a tentar impressioná-la com a ideia de que estás muito bem e feliz, e vou contigo para lá."

Respondi que partiria no dia seguinte, no comboio das 13h15, a partir de Euston, e o espírito repetiu que me acompanharia.

Entrou então John King: "Como estás? Deus te abençoe."

General Phelps: "Estou velho e..."

John King (interrompendo): "Então vem para este lado e faremos de ti um novo. O Grayfeather está ausente esta manhã; está a trabalhar arduamente."

O espírito dirigiu-se então com algumas palavras ao estenógrafo, e a sessão terminou.

1 de Junho de 1912. Presentes: a Sra. Wriedt (médium), o General Phelps, o Almirante Usborne Moore e um estenógrafo.

John King manifestou-se, falando muito alto, e manteve uma conversa de vários minutos com o General Phelps, sem particular interesse para o leitor. Comentei que a sua voz estava excecionalmente alta naquela manhã, ao que ele respondeu: "Três homens contra uma mulher; mais homens, mais força; mais mulheres, mais vibração fina — vozes mais claras e distintas através do organismo feminino." De seguida, entregou-me a trompete, que coloquei de pé no chão.

Iola entrou e disse: "Bom dia; como estás? Estive com — [a minha esposa] esta manhã. Vais passar um bom dia hoje e amanhã. Vais voltar para casa com ela... Vou contigo." Ficámos muito satisfeitos por ouvir a voz do Dr. Burnett.

General Phelps: "Fico contente por o ouvir novamente. Desde a última vez que estive aqui, a sua querida esposa juntou-se a si."

Dr. Burnett: "Eu disse-lhe que nada a salvaria. Sabes bem como aquele jovem brilhante se expressou contigo; recordas-te da mensagem que te dei sobre a minha esposa — sabes a quem a entregaste e o sarcasmo com que foi recebida. Sabia perfeitamente que ela não poderia ser curada."

Após mais alguns comentários, disse: "Sabes, meu querido amigo, que faria qualquer coisa para te ajudar — mental, física e espiritualmente."

General Phelps: "Seguindo uma dica do seu livro *Fifty Reasons*, tenho usado Vanádio. Fez-me muito bem, mas deixa-me um gosto horrível na boca."

Dr. Burnett: "Isso é do estômago — da parte do fígado apenas; e, no teu caso, a fraqueza do corpo impede que a saliva se elimine. Conheces aquela sensação de desânimo que te invade por vezes? Isso vem da fraqueza do fígado, não do coração. O teu coração está são como um sino."

General Phelps: "Obrigado; mas por vezes sinto uma dor debaixo do esterno."

Dr. Burnett: "Isso não é do coração; é do revestimento pleural da parte inferior dos pulmões."

Após uma pergunta da minha parte sobre banhos turcos, o médico respondeu: "Um banho turco é muito bom se tiveres nicotina no sistema, ou gota."

Pergunta: "Pensei que se perdia algo ao tomar um banho desses."

Resposta: "Não, de forma alguma. Tens alguma nicotina no organismo, e um pouco de calcário nos ossos; e, repara, os rins não estão a funcionar corretamente — isso deve-se ao ácido úrico no sistema..."

"Quero dizer algo ao repórter." (Aqui a voz aproximou-se bastante e falou de forma mais deliberada.) "Quero que anotes que fui dotado com a sexta parte do sexto sentido da medicina. Por exemplo, quando ficava confuso e não sabia qual era exatamente o problema de um paciente — nem a verdadeira causa — à noite, antes de me deitar, sentava-me no consultório.

Anotava mentalmente o que poderia estar a acontecer com esse paciente. Trabalhava com base na inspiração, mas não conhecia a lei do espiritualismo. Contudo, foi graças ao espiritualismo, de forma inconsciente, que tive sucesso nos meus tratamentos. Sabia que algo me dizia o que fazer, mas não sabia o que era."

General Phelps: "E quem era o teu espírito inspirador? Hahnemann?"

Dr. Burnett: "Sim, e cada pessoa viva tem espíritos inspiradores."

Seguiu-se uma breve conversa sobre a nova descoberta dos "Coloides de Crookes" e sobre a conveniência de se beber em recipientes de prata.

O General Phelps comentou que o Dr. Burnett tinha curado uma constipação depressa demais, o que lhe provocou um ataque de icterícia.

Dr. Burnett: "Permites-me sugerir uma coisa — só um momento — estava a ouvir a vossa conversa. A icterícia manifesta-se desta forma — o canal biliar transborda. Não há outra razão. E por que transborda? Sabem?"

Resposta: "Não."

Dr. Burnett: "Anotem isto, que estes senhores já estão numa idade em que podem esquecer-se. [Risos.] O canal biliar transborda quando o fígado é exposto ao frio. Depois, o excesso espalha-se por todo o corpo, e ficamos quase tão amarelos como um homem de pele acobreada."

Mais adiante, o espírito disse: "Há mais uma coisa que quero dizer, senhores. Pode ser que nunca mais tenha oportunidade. A minha esposa, certa vez, estava muito doente, e eu não sabia o que fazer por ela. Pensei que a única hipótese era dar-lhe uma injeção no braço com soro fisiológico, e ao fim de três horas ela estava recuperada. Dei-lhe uma injeção de solução salina, e isso deu-lhe força e alívio. O sal é uma coisa excelente, se souberem como

usá-lo — mas pode-se exagerar. Dei-o a muitos outros que nem sabiam o que estavam a tomar.”

A Sra. Phelps manifestou-se então e falou com o marido sobre os filhos e netos. Seguiu-se a Iola.

O General Phelps comentou que achava as vozes da esposa e da Iola muito semelhantes; mas Iola exclamou: “Oh, não, não, eu sou muito mais jovem; ela é mais velha do que eu; as vozes não se parecem nada.”

Depois surgiu o membro da família do General Phelps que ele criticara no dia anterior. Disse-me: “A senhora que acabou de sair esqueceu-se de uma coisa. Tencionava felicitar-te pelo teu fato novo.” (Este comentário foi bastante oportuno. O fato de viagem que usava era exatamente do mesmo corte daquele que usara durante semanas, mas era completamente novo.)

John King: “Espero que todos estejam bem hoje. Acho que o doutor pensava que estava numa faculdade de medicina, com a forma como discursou. Mas é um bom tipo.”
Perguntei: “Onde está o Grayfeather?”

Resposta: “Está com a senhora doente, na instituição [uma minha parente]... Vai recuperar. É apenas uma ligeira pressão nas veias que ligam um cérebro ao outro. Boa sorte a todos — Deus vos abençoe. Gosto sempre de vir ter convosco, quer diga muito ou pouco.”

As luzes foram acesas, e a trompeta caiu do teto entre o General e eu.

Notas adicionais para contextualizar os espíritos que se manifestaram nas sessões do General Phelps:

O Dr. Compton Burnett, descendente do famoso bispo de Salisbury, nasceu a 20 de Julho de 1840 e faleceu a 2 de Abril de 1901. Estudou profundamente anatomia na juventude. Exerceu medicina em Chester, Birkenhead e, por fim, em Londres, onde manteve uma grande clínica durante vinte e três anos. Viveu os seus últimos anos em Brighton. Adoptou a homeopatia na meia-idade. As suas curas foram notáveis e valeram-lhe a alcunha de “O Mágico.”

Escreveu o livro *Fifty Reasons for being a Homoeopath* e foi editor de *The Homoeopath World* durante quinze anos. Quem desejar saber mais sobre este notável homem deve ler *Life and Work of James Compton Burnett, M.D.*, de D. J. H. Clarke (Homoeopathic Publishing Company).

O General Phelps comenta: “Infelizmente, não o conheci na vida privada, por isso formei apenas opinião com base nas visitas ao consultório... Mas convenceu-me por completo, em 21 de Julho de 1911, que era realmente ele quem falava; usava o seu estilo livre e idiomático, e a descrição que fez do meu estado de saúde era completamente característica.”

O Capitão William Phelps faleceu a 24 de Dezembro de 1911, com setenta e seis anos. Era um ritualista da Igreja de Inglaterra e evitava qualquer discussão sobre espiritualismo.

Vivia em Droxford, Hampshire, dedicado à sua casa e ao seu jardim, onde cultivava uma grande quantidade de fruta.

O General Phelps, numa carta dirigida a mim, escreve: "Penso que não há dúvida de que foi a sua inteligência que me falou através da trompeta da Sra. Wriedt."

A Sra. Burnett faleceu a 5 de Outubro de 1911.

4 de Junho de 1912. Presentes: Sra. Wriedt, General Phelps e um estenógrafo.

O Dr. Sharp foi o primeiro a manifestar-se e conversou. A Sra. Wriedt pediu-lhe que chamasse o Sr. Stead para falar com o General Phelps naquela manhã.

Dr. Sharp: "Vou directamente ao escritório dizer-lhe que o querem ver, e também o General Phelps; sei que gostaria de trocar umas palavras com ele."

General Phelps: "Gostaria, sim; mas nunca o conheci pessoalmente."

Dr. Sharp (ao estenógrafo): "Diz ao teu irmão que queria que todas as manhãs, ao levantar-se, saísse para o ar livre, respirasse profundamente e expirasse com o estômago vazio, e que beba um bom copo de água fria fresca antes de fazer mais alguma coisa."

General Phelps: "Quantas vezes deve ele inspirar e expirar?"

Dr. Sharp: "Todas as manhãs antes de comer. Tantas vezes quantas sentir que os pulmões estão cheios de bom ar. Percebe que, ao inspirar, o ar vai desde os brônquios até ao estômago, passando pelos intestinos, fígado, coração, ao expandir o peito o mais que puder, um pouco todos os dias; e deve manter esse hábito durante todo o verão."

General Phelps: "Suponho que isso chegue ao sangue."

Dr. Sharp: "Dá força às veias, músculos e tendões do corpo, e melhora a função dos tubos respiratórios."

Seguiu-se uma conversa entre o General Phelps e a Sra. Wriedt sobre castigos corporais a crianças e linchamentos.

W. T. Stead: "Como está? Como está, General?"

General Phelps: "Estou razoavelmente bem. Lamento nunca o ter conhecido em vida."

W. T. Stead: "Fico encantado por o encontrar no Bureau da Julia." (À Sra. Harper)

"Lamento que os tempos e as condições tenham mudado; mas quero que se mantenha firme; que realize tudo o que puder, e bem feito, e não há necessidade de deixar o trabalho no escritório da Review. Há muito a fazer se continuar como eu fazia.

Agora, Trefauls, quero falar contigo sobre a Edith e o livro. Quero que esse livro fique concluído. Quero que seja impresso ao custo mais baixo possível. E quero que ajudes a Edith a fazê-lo. Quero que fales com... sabes com quem estiveste a falar há quinze dias."

E.T.H. (o estenógrafo): "Sim, percebo—os editores."

W. T. Stead: "E espero que seja feito na minha editora... Quero que vejas isso imediatamente—no meu departamento editorial, e não penso que — interfira. Ele não tem direito a interferir se — disser que ela o pode fazer."

E.T.H.: "Se — (mencionando uma firma) o fizerem, eles pagarão. Quero que Edith e Estelle fiquem com os lucros. Quero que Edith consulte —." (A trompete caiu)

Sra. Wriedt: "Quero que respondas a estas perguntas. Recebi uma carta de Rochester. Foste lá a um médium e disseste-lhe que querias que ele assumisse o Bureau e o implementasse na América?"

W. T. Stead: "Não, não fui. Isso é mentira."

Sra. Wriedt: "Recebi uma carta a dizer que foste até ele através de um médium, também através de um médium em transe, e de um escritor automático, dizendo todos a mesma coisa."

W. T. Stead: "Não, isso não é verdade. O Bureau da Julia mantém-se onde está. Não deve ser transferido para nenhuma parte do globo com o meu consentimento."

Sra. Wriedt: "Se estiveste lá, por que não disseste ao Austin que eu estava aqui?"

W. T. Stead: "Tinha demasiado para fazer. Deixei de andar a visitar médiuns, porque não transmitem bem a mensagem, e não tenho força suficiente para usar o magnetismo de ninguém. Mas não disse tal coisa ao Sr. Austin; estão a inventar."

(O General Phelps diz-me que a simples leitura destas notas não transmite a natureza do seu encontro com Stead. A voz elevou-se depois das primeiras palavras, até gritar literalmente e ser ouvida no jardim lá em baixo. — W. U. M.)

A Sra. Phelps manifestou-se então e falou com o marido durante vários minutos sobre os filhos e netos.

Charlie: "Estás com o vigor de um jovem galo."

General Phelps: "Não me sinto assim."

Charlie: "Espero que vivas mais quinze anos para resolver a questão da vacinação."

General Phelps: "Vai levar quinze anos."

Charlie: "Sim, para que os ignorantes do mundo compreendam."

General Phelps: "Têm medo dos médicos. A minha grande esperança é que os médicos estejam aos poucos a reconhecer que estão errados."

Charlie: "Eles não podem, porque têm medo de perder dinheiro."

General Phelps: "Ao mesmo tempo, estão a perder credibilidade. Tudo o que conseguem fazer agora é jurar que vai haver uma epidemia."

Charlie: "Ainda não chegou, e há cinco anos que a estão a prever. São os sujos e porcos que a causariam."

General Phelps: "Quanto tempo depois de faleceres é que recuperaste a consciência?"

Charlie: "Três dias."

General Phelps: "E a clareza dos sentidos?"

Charlie: "Na primeira semana, ou ao fim de nove a dez dias."

General Phelps: "Então a tua mente estava turva?"

Charlie: "Não, não; era como um sonho, como se estivesses num sono profundo, a sonhar; e depois recuperei mesmo — percebi que tinha passado para outra esfera."

General Phelps: "Dizes que estás na quinta?"

Charlie: "A minha mãe está na sexta esfera, sétimo reino. Fico feliz por te ver tão bem e feliz."

(Seguiu-se uma conversa de carácter privado.)

Charlie: "Fico feliz por te ver esta manhã, e vim ter contigo porque queria ajudar-te. Não fiz nada por ti nesta vida, mas agora farei."

General Phelps: "E o que vais fazer por mim?"

Charlie: "Manter-te com saúde e garantir que os teus filhos melhorem. Adeus."

O Dr. Burnett anunciou-se.

General Phelps: "Gostava muito que recordasses o ano passado, quando me disseste algo sobre os meus olhos, que estupidamente esqueci. Disseste que a lente estava deslocada e a visão prejudicada. Havia uma ligeira fraqueza no nervo ótico, e que isso podia ser fortalecido; e eu disse que não queria ser tratado por nenhum outro médico."

Dr. Burnett: "O teu sangue não está suficientemente oxigenado para manter os nervos em bom estado. Estás um pouco anémico; o sangue está algo empobrecido. Na idade do General, repórter, é difícil reacender as faíscas. Podemos dar-lhe força e saúde, mas dar-lhe novo vigor é impossível. Mas para tratar os olhos, lave-os com uma solução fraca de água salgada—uma solução suave!"

General Phelps: "Água macia também, disseste!"

Dr. Burnett: "Sim; coe bem duas ou três vezes, aqueça, e adicione o sal—temperatura morna—e atire-a aos olhos. Não bata nos olhos; atire a água suavemente, porque se bater nos olhos, empurra-os para dentro das órbitas. Os olhos devem sobressair ligeiramente, e ao manipular as têmporas e a parte de trás das orelhas, fortalece o nervo. Não pressione os nervos; esfregue-os em círculo—em volta da orelha até à base do cérebro. Todos esses nervos estão centrados na espinal medula, e ao manipulá-la chega-se ao nervo que conduz ao globo ocular."

General Phelps: "E este nervo basilar; sinto que está ligado a isso."

Dr. Burnett: "Vou explicar. Vai do ponto entre a coluna e o pescoço, e os ombros; atravessa a base; liga-se à coluna, e encontramos-lo junto à base. Baixe a cabeça para eu mostrar. Está aqui" (tocando).

General Phelps: "Sim, certo. É preciso fazer algo específico ali?"

Dr. Burnett: "Se alguém pudesse manipular a coluna—se encontrar alguém. Chamam-lhe *Keiro Practic*—a manipulação da coluna."

General Phelps: "É uma prática estrangeira?"

Dr. Burnett: "Não; é esse o nome técnico."

General Phelps: "Posso encontrar alguém em Inglaterra—."

Dr. Burnett: "Alguém que entenda como localizar os nervos. Tem de os manipular com os dois dedos do meio e os polegares."

Uma Voz: "Pai—meu filho!"

O General Phelps entrou numa conversa privada com o seu pai, que terminou assim:

A Voz: "Queria que aprendesses com a minha experiência. Com os teus filhos foste o rigoroso; a tua esposa era a carinhosa. O pai tem a mente, e a mãe o coração. Toda a mãe dá até à última gota de vida pelo seu filho. E tudo o que fizeste, meu filho, fizeste bem. Não tenho arrependimentos, só a tua fraca saúde; esse é o único pesar que tenho. És um homem valioso; ainda és demasiado valioso para a tua nação. Trabalhaste, e deste força à terra e ao mar—e o que mais pode um homem fazer? Encaras a morte como uma consequência natural; encaras a vida como a verdadeira parte da masculinidade, feminilidade, infância e juventude. Detestas a crueldade, detestas a vacinação. Amas a raça humana; tratas todos por igual, pretos e brancos. Que Deus te conserve a saúde por muitos anos. Há uma gratidão devocional a Deus por me ter dado um filho assim. Adeus."

Julia: "Bom dia, General."

General Phelps: "Espero que o seu 'Bureau' dure por muito tempo."

Julia (para E.T.H.): "Só um momento; quero que digas à Edith que nunca enviei uma mensagem, fora da pena dela, a homem, mulher ou médium; e, quando o fizer, virá de uma fonte que ela conhece bem. Por favor, transmite-lhe isso pessoalmente. General Phelps, este 'Bureau' irá perdurar sob a influência orientadora da mão que o trouxe à luz, e de Edith K. Harper. A Srta. Harper deu a conhecer isto ao público com o Sr. Stead, e espalhou sementes de bondade por todo o universo.

"O que quero dizer com isto é que ela escreveu cartas, e pertence-lhe o nome 'Julia's Bureau'. Ninguém se associou ao direito espiritual deste 'Bureau' como a secretária pessoal do Sr. William T. Stead, da *Review of Reviews*.

"Onde ele parou, ela continuará, e ela entrelaçará os fios da bondade aqui e ali. Ela fará o trabalho que ele fazia. Trabalhará o lado político, físico, mental e espiritual dentro das linhas do espiritualismo, e o seu nome será célebre, se a saúde o permitir e se as pessoas a apoiarem.

"General, cada homem tem o seu tempo de vida, o seu tempo de actuar. O Sr. Stead desempenhou o seu papel no topo dos montes, e nunca verá este 'Bureau' cair, especialmente nas mãos da investigação psíquica.

"Ele viverá sob o mesmo nome, e a Srta. Harper deve ser apoiada, para que ninguém lhe possa roubar o nome 'Julia's Bureau'. Só há um fundado com base na verdade pelo seu bom homem, o Sr. Stead, e a sua colaboradora, a Srta. Harper.

"Quero que ela o continue a gerir como tem feito até agora. E quero que não se preocupe; o tempo trará boas novas de grande alegria.

"Meu caro General, recorde o que quero dizer. Sei que todos eles permanecerão fiéis à Srta. Harper ao escreverem a biografia de W. T. Stead. Sei que tirarão cópias dela e as enviarão para outros, perto e longe.

"Por isso, diga-lhe que escreva—quanto mais cedo melhor; pois não quero duas versões sobre a sua vida. Quero que seja a Srta. Harper a escrever a sua vida psíquica. Ela já começou, e eu estou a ajudá-la; e quero que o General a incentive, para que tenha luz sobre o assunto, para fortalecer o cérebro e não desistir. Agora despeço-me até nos voltarmos a encontrar. Bom dia."

5 de Junho de 1912. Presentes: Sra. Wriedt, General Phelps e o estenógrafo.
Após as saudações de John King.

Sra. Wriedt: "Está aqui alguém com o nome de C—gs."

General Phelps: "Conheci um homem em vida chamado C—gs. Tem tez escura?"

Sra. Wriedt: "Parece-me bastante pálido."

General Phelps: "É clérigo?"

Uma Voz: "Sim."

General Phelps: "Receio ter falado de si com alguma falta de respeito."

A Voz: "Bem, isso não foi culpa sua. Foi a minha ignorância que me levou a dizer certas coisas."

General Phelps: "Era o capelão de A—?"

A Voz: "Sim."

General Phelps: "Ele costumava mandar vir uma nova esposa de Inglaterra sempre que a anterior morria."

A Voz: "Não fui o único a tomar esse rumo."

General Phelps: "Ouvi uma história engraçada sobre ele. Entre A— e o país vizinho havia um túnel, e um dia ele viajava com a esposa numa charrete puxada por pónei, e encontraram uma caravana de camelos. O pónei assustou-se e atirou-os ao chão, e com grande presença de espírito o Sr. C—gs tateou no escuro e sentou-se sobre a cabeça do pónei para o controlar. Após algum tempo sentado, ouviu uma voz a dizer: 'Não estás sentado no pónei, sou eu!' E afinal era a esposa."

A Voz: "Não era a minha esposa. Era mesmo o pónei onde me sentei, e primeiro pus-lhe o casaco sobre a cabeça."

General Phelps: "Comprei-lhe uma vaca."

A Voz: "Espero que lhe tenha sido mais útil do que eu."

General Phelps: "Nunca me fez mal nenhum."

A Voz: "Bem, adeus. A sua mãe disse-me que estava aqui."

General Phelps: "Não sabia que a conhecia."

A Voz: "Conheço-a deste lado. Há muitas pessoas—milhares e milhões—que se reúnem aqui."

General Phelps: "Está muito ocupado agora?"

A Voz: "Sim, estou na quinta esfera."

[A mãe do General Phelps manifestou-se então, e teve lugar uma longa conversa de carácter privado, terminando com uma discussão sobre os méritos do vegetarianismo.]

Uma Voz (Dr. Sharp): "Percebe que essas pessoas nunca comem batatas cruas, e já pensou que, ao serem cozidas, perdem toda a substância?"

General Phelps: "Muitos dos sais minerais são perdidos ao cozer."

Dr. Sharp: "Quando coze legumes em água, retira todo o valor nutritivo. Quanto à carne, a forma correta não é cozer. Coloque-a numa panela com uma gota de água, tape bem com uma tampa, tempere-a bem, mantenha-a fechada, e terá todo o sangue da carne na panela."

Sra. Wriedt: "Quer dizer ao vapor?"

A Voz: "Sim, e o mesmo com as batatas—a melhor maneira é assá-las."

General Phelps: "Não consigo comer uma batata assada com casca. Para mim é veneno."

A Voz: "O ácido do fígado e do estômago não é suficientemente vivaz para o eliminar."

General Phelps: "Não é suficientemente o quê?"

A Voz: "Vivaz."

General Phelps: "Há uma teoria que diz que o comprimento do canal alimentar do ser humano mostra que ele é naturalmente vegetariano."

A Voz: "Compreenda que o animal nasce sob as mesmas condições que a raça humana. São humanos na sua espécie, as árvores são humanas nas delas. Há a flor masculina e a feminina—árvore macho e árvore fêmea. Há sempre dois—macho e fêmea."

General Phelps: "Às vezes a árvore tem ambos num só organismo."

A Voz: "Então é relativamente muito rústica—cheia de nós e apodrece rapidamente—lembre-se disso. Ouvi há dias uma observação sobre quatro dimensões."

General Phelps: "A quarta e a quinta."

Dr. Sharp: "Sabia que existia uma quinta?"

General Phelps: "Sim."

Dr. Sharp: "Então onde está? Levante-se um instante. Aqui está uma dimensão" (tocando o General no lado direito). "Aqui está outra" (tocando no ombro direito e atravessando o peito, depois para cima e para baixo).

General Phelps: "São três—comprimento, largura e profundidade—sinto na mão e na perna esquerda."

Dr. Sharp: "Agora estenda os braços, estique-os, de dedo a dedo, essa é a quinta."

General Phelps: "Está além da minha compreensão."

A Voz: "Confunde muita gente. O que pode alcançar, o que pode sentir, o que pode ver, o que pode ouvir, e o que sabe—essas são as cinco dimensões. Agora, quais são os outros cinco? Ver, tocar, cheirar, saborear e ouvir."

General Phelps: "Alguém me tocou na cabeça."

Dr. Sharp: "São dimensões do som. O sentir é uma vibração sonora no coração. Tudo o que vibra no coração é som, e o cheiro é som."

General Phelps: "Pensei que era uma vibração."

A Voz: "E onde vibra?—na membrana intermédia. Quando toca num alfinete, onde sente a picada?—é som. Quando ouve, onde ressoa? Vibra no tímpano. Aquele sino que soa é uma placa de ressonância para todo o sistema."

General Phelps mencionou o Criador.

Dr. Sharp: "Posso perguntar-lhe o que quer dizer com o Criador? Refiro-me à semente da vida — a semente da vida é o grande Criador tanto dos céus, como dos ventos e dos mares, e do grande romance que hoje observamos. A lei da natureza é a semente multiplicada por milhões de sementes. Não existe um Deus pessoal; nunca existiu. A lei da natureza cobre e rege todas as coisas, e não pode ser contestada. Faça a si próprio a pergunta. O credo diz que os homens nunca os fizeram; foram feitos pela lei da natureza — a semente da vida. Os vales e ravinas no lado da terra, de onde vieram? Da mão da natureza. Até as pedras na terra crescem, têm vida. Isso não vem da lei de Deus; é a lei da natureza."

'God' (Deus) é a palavra abreviada de 'good' (bom); 'Lord' (Senhor) é a palavra abreviada de 'Love' (amor)."

General Phelps: "Pelo que vejo, dá um passo além ao usar a palavra 'Natureza' em vez de 'Deus!'"

A Voz: "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus, era um médium, senhor; ele era um médium. Temos médiuns hoje em dia que fizeram mais do que ele."

General Phelps: "Com as mesmas dificuldades?"

A Voz: "Sim. Muitos foram perseguidos tal como Ele. Quando Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus, estava na Terra, pode dizer-me onde esteve desde o nascimento até aos trinta anos? Aos doze anos desapareceu. Para onde foi? Procuraram-no e não o encontraram. Estava escondido na câmara do pai, sentado para desenvolver as vozes espirituais. Estava com José, seu pai. Jesus de Nazaré era filho de José, que se orgulhava dele. Maria não revelou o seu segredo: manteve a sua palavra de honra; e ele acolheu-a a ela e ao filho porque eram um só; e quando ela foi procurada na manjedoura com a criança, tentaram... porque era a primeira criança nascida de forma misteriosa. Hoje, os católicos romanos interpretam isso mal.

"Quem fundou o catolicismo romano? Constantino, um dos piores criminosos da Terra; e quando se acredita que Constantino fundou a verdadeira religião, está-se a seguir pelo canal errado — a verdadeira religião é a sua consciência.

"Voltando a Jesus, quando procurou discípulos, por que não foi à multidão? Por que se dirigiu apenas aos humildes? Escolheu os pescadores porque eram médiuns, e quando se materializou sobre as águas, nem todos o viram — apenas alguns. Isso acontece ainda hoje; mas, senhor repórter, lembre-se que quem o viu eram médiuns.

"Toda a cidade da Judeia, todo o povo de Israel, não o viu; foi visto por um punhado de pessoas, e os seus amigos traíram-no e condenaram-no à morte porque Ele era o mediador entre os estados espirituais — e vós.

"Adão e Eva foram o primeiro homem e a primeira mulher. Agora essa história está mal interpretada. Adão e Eva foram o primeiro homem e mulher vistos no jardim encantado a cometer adultério."

General Phelps: "Mas eram marido e mulher!"

A Voz: "Foi antes de serem marido e mulher. Foram expulsos. Não eram casados, nunca o foram; isso nem existia naqueles tempos. É daí que vem essa história, e essa é a sua essência; foi colocada em forma de livro por setenta ou oitenta homens — na Bíblia. Moisés nunca escreveu aquilo... nem escreveu o Pentateuco."

A voz continuou, dizendo que os católicos romanos queimaram o sexto e sétimo livros de Moisés porque os consideravam condenatórios; pequenos trechos ainda estão impressos aqui e ali, mas chamam-lhes a "Arte Negra". Há fragmentos dos sétimos e oitavos livros de Moisés.

Julia: "Fico muito contente por o ver. Diga à Edith que estarei aqui esta noite, e diga-lhe que William está muito satisfeito com as notas, e quer que sejam lidas esta noite, conforme ela achar melhor." (Para o General Phelps): "Receio que tenhamos exigido demasiado de si esta manhã. Meu caro General, voltaremos a ver-nos; despeço-me com um bom dia."

General Phelps: "Espero que não violem a sua patente, e levem o 'Julia's Bureau' para a América."

Julia: "A Srta. Harper tratará disso. Não quero que o meu nome ande por todo o lado; pertence ao Sr. Stead, e a mais ninguém."

8 de Junho de 1912. Presentes:

Sra. Wriedt, General Phelps e o estenógrafo.
Água foi aspergida sobre os participantes.

Cardeal Newman: "Bom dia, cavalheiros e Sra. Wriedt, como estão?"

General Phelps: "Estou razoavelmente bem, obrigado."

Cardeal Newman: "Em nome de tudo o que é bom e sagrado, que desça sobre vós a bênção; que vivam em paz e felicidade por toda a eternidade."

General Phelps: "Gostaria de lhe perguntar sobre o seu projeto para o colégio em Oxford. Se o tivesse levado a cabo, suponho que hoje o número de católicos romanos em Inglaterra seria —"

Cardeal Newman: "Parece-me que transmitti a mensagem de forma errada, e ela foi apagada tão subitamente quanto eu fui apagado. Tive de ser silenciado para que a mensagem o fosse também. Não me foi permitido viver para divulgar a verdade, para ensinar a doutrina do esforço cristão, e a verdade de Deus e do seu santo crucifixo. Porque não é compreendido, e estamos do lado da religião com o catolicismo romano. A verdadeira religião é o ensinamento cristão do bom senso comum, e não devíamos estar separados — uma grande diocese aqui e ali, não uma religião a combater outra. Há apenas um grande universo, e todos trabalhamos por ele. Há uma nova Londres no mundo, e há muitos caminhos para lá chegar; há uma única força universal, e muitos modos de a alcançar; e devemos olhar para dentro de nós, onde veremos a verdade impressa nas vibrações da alma. Bom dia."

General Phelps: "Se ele tivesse conseguido concretizar o seu projeto, que foi frustrado, creio que pelo Cardeal Manning, teria colocado o catolicismo numa posição muito diferente."

A Voz: "Não encarei a religião da forma certa e apropriada; vi-a com um olho de vidro. Achei que as pessoas pensavam demasiado por si próprias, e que deveria haver um cabresto, e todos devíamos ser puxados por ele."

Sr. Harper (estenógrafo): "A que é que isso se refere?"

General Phelps: "Perguntei-lhe o motivo da sua conversão, quando considerou insustentável a situação na Igreja de Inglaterra, onde tudo estava desorganizado e nada fixado para acreditarem."

Uma Voz: "CHARLES!"

General Phelps: "Então Charlie, como estás?"

Charles: "Estou muito bem, e tu como estás?"

General Phelps: "Razoavelmente."

Charles: "Estás um pouco cansado."

General Phelps: "Sim, andei muito ontem."

Charles: "Estavas a divertir-te, mas este tempo abafado cansa-te."

General Phelps: "É em parte isso, e em parte o desgaste acumulado! Como estão todos aí desse lado?"

Charles: "Todos felizes e bem, e gostávamos que tu também estivesses. Trouxe a mãe à casa para ver — e tudo está bonito; eu não tenho casa. Nós não temos casa."

General Phelps: "Não têm casa quando passam para o outro lado?"

A Voz: "Refiro-me à casa material."

General Phelps: "Os teus netos tinham a casa. Estou a chegar à idade do William, e suponho que fomos feitos para durar apenas um certo número de anos."

Charles: "As nossas vidas estão planeadas e fixadas. Não há como fugir disso. Se dependesse de nós, viveríamos séculos e centenas de anos, porque muitos de nós têm medo de morrer, e querem viver por causa deste mundo."

General Phelps: "Seria horrível se nos tornássemos *Struldrugs*, como os imaginados por Dean Swift."

Charles: "Isso foi muito exagerado."

General Phelps: "Têm música aí do outro lado?"

Voz: "Sim, de tudo, desde banjo até castanholas."

General Phelps: "Tens o teu próprio *Rojaon*?"

Charles: "Não há nada que eu tivesse em casa que não possa ter aqui. Algumas pessoas têm os seus cavalos e cães, etc., etc."

General Phelps: "Acredito que os animais sobrevivem tal como os animais humanos."

Charles perguntou o que se entendia por "animal humano."

General Phelps: "O animal humano anda sobre as patas traseiras, e o seu cérebro desenvolve-se para cima."

A Voz: "Não há animal à face da Terra que fale e mostre individualidade, a não ser pela força. Mostre-me um que o faça. Um cão contorce-se e ladra; mas, se não o acariciar, ele afasta-se. Se tiver um cão que se afeiçoa a um membro da família, prefere estar com essa pessoa do que com qualquer outra. Diz que somos animais humanos. Não, não somos. Animais andam em quatro patas; isso é um animal. Um ser humano anda em duas pernas. Uma ave é uma ave porque anda em duas patas e não tem braços."

General Phelps: "Isso não o retira da categoria dos animais. Discordo de si."

A Voz: "Veja o pavão."

Charles afirmou que o pavão se envergonhava das patas e nunca olhava para elas. Se o fizesse, ficava envergonhado e tentava desviar-se.

O General Phelps disse: "Considero que o pavão se orgulha das suas patas e é extremamente gracioso quando dança."

Seguiu-se uma verdadeira discussão sobre o tema, e Charles disse ao General que estudasse melhor o assunto.

Seguiu-se uma longa conversa entre o General e a sua esposa no além.
A Sra. Phelps foi seguida pelo Capitão W. Phelps, que conversou com o irmão sobre a venda da sua casa e sobre o seu testamento.

Sra. Wriedt: "Está aqui um homem chamado Paris, ou Parras!"

General Phelps: "Como estás, velho amigo?"

A Voz: "Bem."

General Phelps: "Como vai o violino?"

A Voz: "Em grande forma." (Assobiou uma melodia a imitar o som do violino.)

General Phelps: "Bravo."

(O general explicou que era um amigo da Índia, que tinha ido para a América, sobrecarregado com a venda da sua propriedade, e que tinha falecido há cerca de três anos. Foi uma grande desilusão para o General, que esperava recebê-lo em sua casa. Foi encantador ouvir que ainda se divertia e apreciava música.)

Sra. Wriedt: "Ele veio falar consigo, mas foi o senhor quem falou o tempo todo, e ele já se foi."

Sra. Wriedt recebeu os nomes "Matilda" e "Eggleton."

General Phelps: "Não reconheço nenhum."

Uma Voz: "Como está?"

General Phelps: "Razoavelmente bem, obrigado. Não consigo ouvir com clareza."

Voz: "Sou o Sr. T—— (pai da Nellie)."

General Phelps: "Refere-se ao meu pai?"

Voz: "Não; sabe onde esteve ontem, e não viu a minha filha?"

General Phelps: "Estive nas Army and Navy Stores — (recordando). Sim, claro, é o senhor Sr. T—?"

Voz: "Sim."

General Phelps: "Vi-a, e estava com ótimo aspeto. Foi anteontem."

A Voz: "Não consigo precisar; aqui não temos relógios."

General Phelps: "Estava a lembrar-lhe do que vi na sua casa na Madeira, há sessenta anos."

Voz: "O velho relógio?"

General Phelps: "Não, os ninhos de pássaros."

Voz: "Lembra-se dos ovos?"

General Phelps: "Acho que tinham ovos, sim; mas estavam fossilizados. A sua filha parece muito, muito feliz."

A Voz: "Voltaremos a encontrar-nos aqui, e conhecer-nos-emos melhor do que nos conhecíamos lá."

General Phelps: "É curioso como a sua família desapareceu dessa forma."

A Voz: "As condições planetárias regem as nossas vidas. Nascemos num planeta velho; as nossas vidas extinguem-se rapidamente. É uma lei que não compreendemos na Terra, e as pessoas não parecem gostar da ideia."

General Phelps: "Ainda restam alguns Haywards."

Voz: "Dois ou três."

General Phelps: "Acho que estão na América—sobrinhos e sobrinhas da Julia."

Uma Voz: "Então, querido, adeus, que Deus o abençoe."

Julia: "Bom dia, como está esta manhã?"

General Phelps: "Razoavelmente bem."

Sra. Wriedt: "Aqui está o nosso pioneiro, General Phelps."

Julia: "O Sr. Stead pediu para ser cordialmente lembrado a si. Quero chamar a sua atenção para o facto de que, embora não o conhecesse pessoalmente, já tinha ouvido falar de si, e está contente por saber que é alguém que está a pegar nos fios soltos e a entrelaçá-los numa luz melhor."

General Phelps: "O meu pequeno capítulo é a questão da vacinação."

Julia: "É uma coisa maravilhosa... e se as pessoas fossem limpas, e pudessem sê-lo, está aí o centro de toda a doença — a limpeza vem logo a seguir à piedade, e sem limpeza não podemos ser limpos."

General Phelps: "Os nossos corpos são..."

Julia: "Os nossos corpos são um caos, mas podemos regulá-los tal como se regulam os raios de uma roda. Podemos torná-los moles ou rígidos, mas preferimos fortes e firmes, e devemos manter o corpo direito."

General Phelps: "'A febre agitada da vida' descreve bem isso."

Julia: "Se pudessem ver-se como são, ficariam enojados, pois somos um amontoado de corrupção quando passamos para a eternidade."

General Phelps: "Já estamos na eternidade!"

Julia: "Em certo sentido, sim, mas não no verdadeiro; somos apenas visitantes nesta esfera terrena. Estamos aqui para cumprir o nosso dever. Estamos aqui para sondar o ministério de Deus. O que é a vida e o que é a morte...? Estamos aqui apenas por pouco tempo, e então percebemos, ao fim do nosso tempo, que pouco fizemos. Eu não fiz nada, mas o senhor cumpriu o seu trabalho, e cumpriu-o bem."

(O General Phelps escreve com data de 24 de Setembro de 1912: "Acho que o facto mais evidente de todas as minhas sessões foi a vinda do Sr. T—. Não o via há sessenta anos, mas visitei a sua filha casada dois dias antes—um facto que não estava presente na minha consciência no momento, e totalmente desconhecido de qualquer pessoa, exceto da senhora, do seu marido e de mim próprio.")

Nota.— Nos registos das sessões do General Phelps incluí os ditos do Dr. Sharp, embora deva confessar que, em certos casos, soem a completo disparate. Mas não poderá ser que sejam tentativas genuínas, ainda que falhadas, de explicar fenómenos com um vocabulário inadequado? Não me interessa tanto a veracidade do que ele diz, mas sim o vigor e a força demonstrados por este espírito enérgico. A sua voz é sempre a mesma, profunda e audível fora da sala mesmo com a porta trancada; cada palavra é clara. O General associa-se a esta nota.

De Major-General Sir Alfred Turner, K.C.B.:
25 de Novembro de 1912
Carlyle House
Chelsea Embankment,
Londres

Meu caro Almirante,—
Junto envio as minhas experiências...
Com os melhores cumprimentos,
Alfred E. Turner

Tenho sido frequentemente solicitado a relatar as minhas experiências em matérias psíquicas, das quais sou investigador sério e constante há muitos anos. Até há pouco tempo, recusei sempre fazê-lo, pois o grosso muro da incredulidade parecia ser totalmente impenetrável, e parecia pouco útil partilhar informações sobre o que vi e ouvi no espiritismo com pessoas que não queriam, ou não conseguiam, compreender; e que, no fundo, senão abertamente, ridicularizariam as minhas afirmações.

Não que me devesse preocupar com as suas zombarias, que para mim teriam o mesmo valor que "o estalar dos espinhos debaixo de uma panela"; mas pensei que tentar convencer tais pessoas seria equivalente a desperdiçar tempo precioso. Com o passar do tempo, porém, o desejo sincero e honesto de aprender mais sobre este assunto tão importante tem crescido rapidamente, e sinto que falharia no meu dever para com os meus semelhantes se não revelasse o que aprendi através da experiência pessoal sobre o estado de existência na terra do além.

Fui insistentemente solicitado a comunicar à *Light* algumas das minhas experiências recentes, manifestadas em sessões realizadas pela Sra. Wriedt, uma médium americana bem conhecida, que veio a Inglaterra na última primavera graças ao meu muito saudoso amigo W. T. Stead, que tencionava regressar a Inglaterra com ela. No entanto, o destino não lhe permitiu voltar à sua casa terrena, pois tudo o que restava de mortal nele afundou-se e pereceu na terrível tragédia do Titanic.

Cerca de dez dias após o naufrágio do enorme navio, realizei uma pequena sessão cuidadosamente selecionada na minha casa. Nenhum médium profissional esteve presente, mas a secretária pessoal do Sr. Stead e sua mãe (residentes em Cambridge House, Wimbledon) estavam entre os participantes. Mal tínhamos começado quando uma voz, aparentemente vinda de trás do meu ombro direito, exclamou: "Estou tão feliz por estar convosco novamente!"

A voz era inconfundivelmente a de Stead, que imediatamente (embora invisível para todos) começou a contar-nos os acontecimentos dos terríveis momentos em que o enorme leviatã afundou e desceu lentamente até ao seu túmulo, a dois mil metros sob a superfície do mar.

Quanto a si próprio, disse não ter sentido qualquer medo. Tinha uma premonição do seu fim físico, como sabemos pela última carta que escreveu de Cherbourg, poucos dias antes do desastre, onde dizia sentir que o maior acontecimento da sua vida se aproximava, embora sem saber qual seria.

Quando o Titanic afundou, teve, no seu caso, uma luta curta e intensa para respirar, e imediatamente depois recobrou a consciência noutro estado de existência. Estava rodeado por centenas de seres que, tal como ele, haviam passado para além do véu, mas que estavam completamente atordoados e, na sua maioria, totalmente ignorantes do que seria a próxima fase da vida. Tacteavam como que no escuro, pedindo luz, e sem consciência de que já não estavam no corpo físico.

Pôs-se imediatamente a fazer trabalho missionário, esclarecendo essas almas pobres e desprevenidas; e foi nesse trabalho, disse-nos, que continuava ocupado, com o auxílio de numerosos habitantes espirituais do plano seguinte, cuja tarefa e dever é ajudar e iluminar os recém-chegados. Posso imaginar bem os risos de desdém de muitos que ocupam os lugares dos escarnecedores ao lerem isto, cujas crenças se limitam à sua capacidade de compreensão — que, por norma, não é grande.

Stead teve então uma longa conversa com a sua secretária, durante a qual lhe deu algumas instruções. Quando lhe perguntei se se mostraria a nós, respondeu: "Não esta noite; mas se fores a Cambridge House em tal dia, fá-lo-ei." A voz então desvaneceu-se.

No dia indicado, fui a Cambridge House, onde encontrei um círculo grande e incongruente. Tal como prometido, Stead apareceu duas vezes em rápida sucessão. Estava vestido com o seu traje habitual, bem conhecido dos seus amigos, e parecia extremamente feliz. Ficou apenas alguns momentos em cada aparição e não disse nada. A Sra. Wriedt era a médium. Não tivemos mais manifestações nessa sessão, o que não me surpreendeu. Voltei uma vez mais a Cambridge House para uma sessão com a Sra. Wriedt. Lá, encontrei outro círculo grande e incongruente, que permaneceu sentado por mais de uma hora sem qualquer resultado. É um facto inquestionável que as manifestações que ocorrem em sessões dependem mais da natureza, disposição e estado de espírito dos presentes do que do desenvolvimento psíquico do médium; e onde há incredulidade ou, pior ainda, escárnio, os espíritos não se manifestam ou não conseguem manifestar-se.

Depois disso, a Sra. Wriedt realizou duas sessões na minha casa, como amiga, não como médium paga. Na primeira ocasião, foi reunido um círculo pequeno, mas espiritualmente muito forte, com excepção de uma senhora que não tinha experiência em tais assuntos. Ela tinha sofrido uma perda muito trágica recentemente e implorou-me para assistir à sessão, na esperança de comunicar com o ente querido que perdera.

Poucos minutos depois de nos reunirmos, várias vozes tornaram-se audíveis; e eu, sentado ao lado da senhora, fiz perguntas aos seus donos — que não se materializaram — sobre a morte do seu familiar. Havia dúvidas quanto às circunstâncias da morte. Os espíritos, todos controladores bem conhecidos por nós, garantiram um após o outro que fora um acidente puro e simples, sem qualquer fundamento nos rumores que haviam circulado. Pouco depois, ouviu-se a voz do jovem em questão — inconfundível para a mãe, pois era ela — e mãe e filho tiveram uma longa conversa, ouvida por todos nós em grande parte, na qual ele expressou os seus desejos quanto à conclusão de um livro que quase terminara, e sobre o qual ninguém na sala sabia nada além da mãe.

Ouvíamos, mas nada víamos. As circunstâncias da comunicação foram de uma beleza e emoção extremas, e estou certo de que não havia um olho seco na sala. A mãe saiu consolada e resignada, segura de que o seu amado filho "não estava perdido, apenas tinha partido primeiro", e que a sua reunião seria apenas uma questão de tempo. Que os zombadores reflitam sobre este caso, e mesmo os mais duros e insensíveis não ousarão escarnecer da mãe enlutada, nem da paz e consolo que a sua comunhão com o espírito do filho trouxe ao seu espírito destruído e coração ferido.

Tivemos muitas outras comunicações, mas nenhuma igual em interesse ou importância à que relatei.

Na segunda ocasião, a Sra. Wriedt sentou-se sozinha comigo, e durante mais de uma hora tivemos comunicações incessantes por voz, mas sem aparições. Muitos daqueles que "perdi por um tempo" falaram comigo, e John King e outros deram-me conselhos muito firmes, lançando sérias advertências sobre alguém em quem eu confiava plenamente. Foram extremamente enfáticos, o que foi ainda mais estranho, pois até então tinham-se referido à pessoa em questão de forma diferente. O que me transmitiram nessa sessão veio a revelar-se absolutamente verdadeiro. Se tivesse seguido os seus conselhos, teria sido poupado a imensos problemas e decepções mais tarde.

A Sra. Wriedt é uma médium notável e poderosa. Só vi duas figuras materializadas com ela, ambas de Stead; mas as comunicações orais que se manifestam através dela são extraordinárias, sendo diferentes vozes ouvidas por diferentes membros do círculo ao mesmo tempo. Nenhuma capacidade de ventriloquismo poderia reproduzir tal feito, e toda possibilidade de fraude foi descartada, como sempre faço nas sessões. Posso testemunhar com a mais forte convicção o poder mediúnico, a perfeita honestidade e a boa fé da Sra. Wriedt.

(assinado) Alfred E. Turner

Novembro, 1912

A seguinte carta foi-me enviada em Julho de 1912, por um cavalheiro irlandês:

Caro Senhor,—

A experiência do meu amigo e minha na sessão em Cambridge House, no passado dia 29, foi extremamente satisfatória.

Totalmente desconhecidos de todos os presentes, recebemos uma comunicação clara e distinta de um amigo falecido, com muitas características que provavam a sua identidade. A Sra. Anker (que tivemos o prazer de conhecer em Dublin), também desconhecida dos membros do círculo, chegou ao piso de baixo enquanto a sessão decorria. Uma comunicação, no entanto, informou-nos que ela estava em baixo, o que se confirmou ao descermos.

A filha da Sra. Anker foi uma das que comunicaram, e em norueguês. O meu amigo e eu ficámos muito gratos por termos tido a oportunidade de participar numa sessão com a Sra. Wriedt, e esperamos poder vê-la novamente em Dublin.
— Com os melhores cumprimentos, Thos. Hy. Webb

Um vice-lorde-tenente de um dos nossos condados do centro de Inglaterra, em resposta a algumas perguntas minhas, escreveu-me em Setembro de 1912 o seguinte:

Caro Almirante,—

Recebi a sua carta... A Sra. Wriedt está correta. Perto do final da temporada, comecei a tentar obter fenómenos com ela fora da sala, e sentava-me durante um ou dois minutos sozinho no escuro.

Costumava não haver qualquer resultado. Suponho que tentei sete ou oito vezes. Um dia, ouvi claramente "Bom dia" dito três vezes.

A Sra. Wriedt estava, regra geral, se não sempre, mais distante do que a casa de banho, pensei; no andar de baixo, ou na sala além da casa de banho...

A porta era sempre cuidadosamente fechada por mim e, geralmente, se não sempre, também trancada. Penso que sempre o foi.

Durante uma sessão, a voz forte de um homem mandou-me segurar as mãos da médium. Penso que a voz era de John King, mas não tenho absoluta certeza. Fiz o que me foi dito e segurei ambas as mãos da Sra. Wriedt com as minhas.

Uma mesa, com uma taça de flores em cima, foi trazida desde o fundo da sala — isto é, desde perto do gabinete — até junto de mim. Estávamos sentados sensivelmente ao centro da sala. A mesa veio com grande estrondo. A Sra. Wriedt acendeu uma luz para ver exatamente o que tinha acontecido. Disse então: "Pergunto-me se será levada de volta?" Apagámos as luzes e eu continuei a segurar-lhe as mãos. A mesa foi levada de volta, não completamente, mas quase até ao lugar de onde viera.

Recebi flores em várias ocasiões, em circunstâncias que, para mim, excluem qualquer possibilidade de intervenção da Sra. Wriedt. Pelo menos em duas ocasiões, uma flor foi colocada, no escuro, na extremidade fina da trompeta da Sra. Wriedt — uma façanha difícil de realizar em qualquer circunstância.

Uma vez fui literalmente encharcado por uma chuva de flores e água de uma taça que estava numa mesa à minha esquerda, enquanto a Sra. Wriedt se encontrava sentada numa cadeira à minha frente, da qual não poderia ter saído sem que eu notasse.

Em várias ocasiões vi luzes intensas a brilhar, iluminando quase completamente a sala. Sentei-me com a Sra. Wriedt uma vez num quarto do andar superior da casa deste cavalheiro. A casa estava em obras, a cheirar fortemente a tinta e cal.

A Sra. Wriedt foi até à porta para desligar as luzes elétricas e disse-me: "Antes de apagar as luzes, gostaria de segurar a trompeta junto ao ouvido?"

A distância entre nós era de cerca de cinco metros e meio. Coloquei a extremidade fina da trompeta no meu ouvido esquerdo, segurando-a perpendicularmente à linha entre mim e a médium; e, enquanto estava nessa posição, recebi uma mensagem claramente audível de um espírito, de grande valor.

As luzes foram então apagadas, e desfrutei de uma excelente sessão no escuro.

A seguinte carta foi-me enviada em Outubro de 1912 por uma senhora residente em Londres:

Caro Almirante Moore,

Como me pediu alguns relatos das minhas experiências com a Sra. Wriedt, farei o meu

melhor para lhe contar o que puder, embora seja um pouco difícil, pois não se podem mencionar nomes, e muito do que ocorreu foi de natureza privada.

Tive muitas sessões, mas estava sempre sozinha com ela; geralmente, mal nos sentávamos, as vozes começavam, e quanto mais vezes ia, mais claras eram, e melhor conseguia ouvir. Às vezes estávamos com luz, geralmente no escuro; por vezes com trompete, por vezes sem.

Via frequentemente luzes e, ocasionalmente, formas; os espíritos tocavam-me sempre, pegavam nas minhas mãos e batiam nos meus joelhos para chamar a minha atenção, e quase sempre ouvia o som de beijos antes de partirem.

A Sra. Wriedt e eu conversávamos muito entre as comunicações; quero dizer, quando um espírito se ia e estávamos à espera de outro, muitas vezes a voz do espírito começava enquanto ainda estávamos a falar. Já ouvi duas ou três vozes ao mesmo tempo.

Um pequeno incidente, para mim, foi grande prova de que os que estão do outro lado sabem muito sobre o que fazemos aqui.

Tenho alguns familiares em Munique — há duas crianças pequenas na família; a mãe tinha-me escrito a pedir que comprasse e enviasse chapéus para elas. Fiz isso.

Uma tarde, pouco depois, quando estava com a Sra. Wriedt, um espírito disse:

"Os chapéus que enviaste estão ótimos; servem bem."

Eu disse: "Como sabes alguma coisa sobre isso?"

A resposta foi: "Ah, estive lá agora mesmo, e vi-os."

Noutra ocasião, a mãe escreveu-me a dizer que uma das crianças estava doente, e que receava que tivesse apanhado alguma febre. Pouco depois, na presença da Sra. Wriedt, o mesmo espírito disse: "Não precisas de te preocupar com as crianças; não é nada de grave; é apenas a mudança do tempo que as afectou."

Eu disse: "Só soube que uma estava doente; tens a certeza de que as duas estão?"

O espírito respondeu: "Sim, tenho a certeza; fui vê-las." E, na carta seguinte da mãe, confirmou-se que ambas tinham estado doentes.

Outra vez, fui de carro até Wimbledon e tinha um novo motorista — um homem pequeno.

O espírito disse de repente: "Então, gostas do novo motorista pequenino? Acho que serve; eu, no teu lugar, ficava com ele; tem bom aspeto e parece-me honesto. É tão bom quanto aqueles grandes. Vai servir-te; mas tem de se habituar ao carro; vais ver que, com o tempo, melhora."

Noutra sessão mencionou-o novamente: "Dá uma oportunidade ao rapazinho." Posso dizer que este conselho levou-me a mantê-lo, e vejo agora que ele é satisfatório.

Uma vez, perguntei à Sra. Wriedt se poderia participar num círculo noturno, pensando que talvez visse algo diferente do que acontecia quando estava sozinha com ela.

Cheguei por volta das 18h30 e encontrei várias pessoas à espera; mas, assim que entrei na sala, senti que não devia ficar.

Lutei contra esse sentimento, pois estava curiosa para ver o que iria acontecer. No entanto, o sentimento era tão forte que saí antes da sessão começar.

Na vez seguinte com a Sra. Wriedt, o espírito disse: "Fui eu que te influenciei a ir embora naquela noite; não queria que ficasses. Não ias gostar."

Mais tarde soube que a sessão não fora agradável.

O meu marido é bom linguista e fala quatro línguas fluentemente.

Pensei que poderia convencê-lo se recebesse uma mensagem em espanhol (não falo nem entendo espanhol).

Pedi a um espírito que me desse uma. Ele fê-lo, soletrando palavra por palavra, que escrevi cuidadosamente no escuro.

No dia seguinte repeti-lhe a mensagem, embora não soubesse o seu significado até ele a traduzir.

Este teste, infelizmente, não o convenceu do espiritualismo.

Quando pedi ao mesmo espírito outra mensagem em espanhol, ele disse: "Não; é melhor deixá-lo em paz; ele não gosta. Que procure e descubra por si próprio. Não o forces, e não fales sempre sobre onde estiveste. Espera que ele pergunte."

Devo mencionar que muitos dos meus familiares e amigos vieram ter comigo, disseram os seus nomes, falaram e riram se algo engraçado era dito; e um, muito musical, cantou uma canção.

Nada desagradável ocorreu nas minhas muitas sessões.

Uma vez, tive um vazio.

Na sessão seguinte, um espírito disse: "Estive aqui da última vez, mas não consegui força suficiente para falar."

Tenho a certeza de que muitas das conversas entre mim e os espíritos não poderiam ter sido conhecidas pela Sra. Wriedt ou por qualquer outra pessoa em Londres.

Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente pelo que fez por mim; acho que valeria a pena ir à América só para ter mais algumas sessões com ela.

Agora sei que os nossos entes queridos não estão mortos, e que "sempre perto de nós, embora invisíveis, os queridos espíritos imortais caminham, pois todo o universo é vida — não há mortos."

Devo dizer que costumava tomar notas no escuro, e escrevia o mais fielmente possível o que era dito.

Um espírito disse-me, a rir, que eu era uma verdadeira "repórter" e, às vezes, parava para perguntar: "Anotaste isso? És mesmo perita a escrever no escuro."

Não sei se vais achar aqui algo suficientemente interessante para os teus apontamentos...
— Com sinceridade,

Z.

A seguinte carta foi recebida por mim de uma senhora em Bognor, em Dezembro de 1912:

Disse que lhe enviaria um relato das minhas sessões com a Sra. Wriedt, mas verifico que é um pouco difícil, pois não tomei notas, e só tenho um relatório do Sr. Harper [o estenógrafo], o qual não me ajuda muito, por ser uma mistura de vozes que vieram para mim com outras que falaram aos membros do círculo.

No entanto, envio-lhe o relatório, pois pode ser de alguma utilidade.

Para mim, tudo foi extremamente convincente e reconfortante.

Na primeira sessão fiquei, sem dúvida, assustada quando o índio Grayfeather deu os seus gritos de guerra estranhos para anunciar a sua chegada, mas esse sentimento desapareceu quando ouvi os espíritos visitantes falarem com os seus amigos, e quando fui eu própria interpelada.

O desejo de reconhecimento de alguns dos que vinham parecia-me intenso, e nem sempre correspondido pelas respostas dos participantes; mas, em cada sessão a que assisti, todos os presentes obtiveram grande consolo ao ouvir as vozes dos seus espíritos amigos.

O primeiro a vir até mim foi o meu filho, que tinha passado para a vida espiritual ainda em criança; a sua voz, embora já de um jovem, não me soou estranha. Pareceu-me reconhecer nela tons familiares. Ele assegurou-me que todos os que me são queridos na vida espiritual estavam com ele, e ouvi as suas vozes em sussurros, como se estivessem perto de mim, mas desejassem que fosse ele a falar.

Outros familiares vieram e falaram depois; como eu não estava a pensar neles de forma alguma, as suas manifestações foram ainda mais notáveis. A médium não poderia, de forma alguma, saber algo sobre os diversos participantes com quem entra em contacto, e por isso não entendo como pode haver dúvidas quando nos é dada tal evidência.

Uma prova absolutamente notável foi dada pelo meu irmão, já na vida espiritual, à minha irmã, que me acompanhou à terceira sessão. Ele perguntou-lhe se se lembrava de uma canção que costumava cantar-lhe quando ela era pequena, e começou então a cantar uma antiga melodia bastante peculiar, com a qual ela acompanhou.

Eu, pessoalmente, não me lembro de a ter ouvido alguma vez, mas ela reconheceu-a de imediato.

O meu irmão disse estar muito bem e riu-se tal como o recordávamos; também conseguiu dizer-me quem estava com ele, e deu-me uma mensagem de um tio que, há muitos anos, perdeu a vida em África.

Levei comigo uma pequena bolsa de cartuchos em couro, que esse tio usara nas suas viagens; o meu irmão disse que ele estava ali, com todos os outros, e que desejava que eu guardasse a bolsa em memória dele.

Depois, falou uma tia que tinha falecido há pouco tempo. Durante a vida, nunca teria escutado uma palavra sobre espiritualismo, apesar de ser muito devota. Ficámos surpreendidos por ela ter vindo falar, e quando lhe perguntámos como soubera que estávamos reunidos, respondeu: "O teu irmão James disse-me que estavam aqui." Disse que estava muito feliz.
— E. Murray

PROVAS DA ESCÓCIA

O meu amigo, o Sr. James Robertson, de Glasgow, é fabricante de bicicletas. Tem setenta anos de idade, é espiritualista há cerca de trinta e cinco anos, e autor da obra *Spiritualism: The Open Door to the Unseen Universe*.

Embora me deixe à vontade para "cortar e moldar" como quiser, prefiro deixar o seu testemunho exatamente como foi escrito. Retrata melhor o homem do que qualquer coisa que eu pudesse dizer sobre ele.

Segue-se a sua carta:

5 Granby Terrace,
Glasgow, W.

11 de Novembro de 1912

Caro Almirante Moore,—

Envio agora algumas páginas que escrevi, e, embora possam não ter a precisão direta que os seus artigos costumam transmitir, espero que consiga delas retirar algum valor.

Não posso dizer que esteja satisfeito com o que envio, e considerarei começar de novo, mas decidi deixá-las como estão.

O início talvez lhe pareça deslocado. Uma das minhas filhas, a quem entreguei os textos para leitura, disse: "Corta tudo isso"; mas deixo ao seu critério cortar e moldar como quiser, e se quiser devolvê-los com sugestões, farei o que me indicar.

Com os melhores cumprimentos e grande apreço pelo seu magnífico trabalho,

— Muito sinceramente seu,

James Robertson

Carlyle disse: "Os homens perderam a fé no invisível, e apenas acreditam, esperam e trabalham no visível."

A crença num outro mundo, cujos habitantes pudessem ter conhecimento deste plano, tem sido uma fé vaga e difusa. Apenas o material, o imediatamente prático, nos tem interessado. Claro que tínhamos tradições, em que pensávamos acreditar; mas nenhuma certeza entrava realmente nas nossas vidas. Os mais sábios e cultos, por mais vasto que fosse o seu intelecto, nada encontravam nas investigações da natureza exterior que desse qualquer pista sobre esse mundo invisível de que os antigos livros apenas falavam timidamente.

A ideia de que o mundo pudesse tornar-se detentor de novos fenómenos, de um novo poder e conhecimento que nos relacionasse com um mundo invisível, era considerada uma das concepções mais rudes possíveis. Nem os homens de mente erudita, nem os guardiões das verdades religiosas aceitariam, durante muito tempo, que a natureza pudesse encerrar tais possibilidades.

É necessário admitir que estes novos fenómenos, que pretendem ligar-nos a esse universo invisível, não se mostraram sob o seu melhor aspeto inicialmente.

Parecia rude e grosseiro que uma revelação de importância tão transcendental como a abertura das portas desse outro mundo fosse anunciada por ruídos, que naturalmente chocavam com os nossos preconceitos sobre esse domínio oculto. Era um apelo apenas aos nossos sentidos externos.

Mas, como tudo o que é novo, acabou por apresentar ao mundo um programa mais diversificado; o mesmo poder que causava os ruídos reclamava a capacidade de mover a caneta e os lábios daqueles que, primeiro, prestaram atenção ao fenómeno, e logo surgiram muitos que transmitiam mensagens que pareciam claramente inspiradas por aqueles que considerávamos mortos.

Uma luz começou a brilhar na escuridão; mentes científicas e eruditas foram atraídas pelo tema, e descobriram que as mensagens não eram nem ininteligíveis nem obscuras, mas continham razão, sabedoria e estavam em harmonia com os princípios da natureza. Como a luz se espalhou primeiro pelo continente europeu e eventualmente chegou a Inglaterra não é, neste momento, o meu foco. Que homens como D. D. Home despertaram a consciência de muitas mentes pensantes é inegável.

Os fenómenos que ocorriam na sua presença dissiparam muito do materialismo reinante e elevaram o espírito de muitos, que passaram a sentir que a religião podia afinal ser uma realidade tangível. Que homens como Crookes, Wallace e Robert Chambers tenham sido atraídos por Home é prova de que nele havia uma corrente de nobreza.

Thackeray teve a coragem de admitir nas colunas da *Cornhill Magazine* (então nos seus tempos áureos) um artigo que descrevia os fenómenos presenciados com Home. A sociedade raramente concede favores aos seus guias e mestres, e assim Home, com todos os seus dons marcantes — que trouxeram consolo a corações cansados — teve de enfrentar forte oposição. Muitas setas envenenadas foram lançadas contra ele, mas deixou um legado que não pode ser posto em causa.

Faz cerca de trinta e seis anos que entrei em contacto com este movimento espiritual moderno, numa altura em que descreditava totalmente na possibilidade de se obter qualquer luz sobre a vida futura. Diz-se que, para conhecer verdadeiramente uma verdade, é necessário primeiro negá-la. Tinha tal desprezo pela ideia que nem conseguia ouvir calmamente os seus argumentos. E, no entanto, quando abri a mente e observei os factos, esses factos venceram-me, e nunca tive motivo para voltar atrás. Passaram a lançar luz sobre todos os domínios do pensamento. Anseios vagos foram satisfeitos, fantasias tornaram-se realidades. Tornou-se uma fonte de onde emanava alegria para todo o meu ser.

Foram fenómenos aparentemente rudimentares, que o mundo ridicularizaria, que trouxeram a convicção de que seres invisíveis podiam agir sobre a matéria, ver-nos, ler os nossos pensamentos e revelar uma inteligência para além do conhecimento dos participantes.

Tive o privilégio de contactar de perto quase todos os médiuns fenomenais, cujos dons evidenciam que são apenas servidores de espíritos mais sábios. A luz tem sido derramada através de todas as formas de mediunidade. Vi rostos que conheci em vida; ouvi descrições feitas por videntes que eram autênticas fotografias das pessoas descritas; recebi mensagens, vezes sem conta, que só podiam ter uma origem — o pensamento de quem chamávamos de mortos.

Durante anos, conheci intimamente os três irmãos Duguid, altamente recetivos às influências dos espíritos. Tornei-me próximo dos seus inspiradores e ajudantes, e estou convicto de que esses trabalhadores espirituais eram realmente quem diziam ser — índios simples, filósofos ou pintores como Jan Steen e Ruisdael.

Este outro mundo tem uma missão: fazer com que os habitantes da Terra compreendam que a imortalidade é um facto natural, e que a verdadeira salvação da humanidade ocorrerá quando essa verdade for reconhecida.

Mantive uma relação próxima com trabalhadores cujos fenómenos mentais originaram uma literatura que não desaparecerá na insignificância, pois os escritos de Davis e Tuttle são uma fonte perene de saber útil.

Anos de conversa amigável com os inspiradores de J. J. Morse e E. W. Wallis construíram uma convicção inabalável.

Foi no meu próprio lar — talvez em sessões com a minha própria família — que o meu coração foi verdadeiramente tocado, e todas as dúvidas sobre a amizade amorosa dos espíritos se dissiparam para sempre.

Depois de trinta e cinco anos de observação cuidadosa, pensava ter alcançado a maior proximidade possível com os espíritos — mas, nisso, enganei-me. Tinha memórias claras da mediunidade de Lottie Fowler, que talvez tenha sido a mais marcante da minha experiência. Uma mulher frágil, mas que impunha convicção; toda a sua vida e as suas circunstâncias eram desvendadas perante si.

Sempre pensei nela como o ponto mais alto do desenvolvimento mediúnico. Era uma visão que não podia ser contestada, mas era intermitente e irregular, tornando-se nublada por vezes, sendo a própria mulher pouco expressiva em termos de desenvolvimento espiritual. Ela era uma máquina através da qual os espíritos conseguiam transmitir a convicção da sua presença e poder. Conheci muitas pessoas que, graças aos seus dons, passaram do luto profundo à partilha de uma alegria pura.

Pensava, como já disse, que até ao outono de 1911 o canal de comunicação tinha-se aberto tanto quanto possível no meu tempo. Tinha lido as descrições nítidas do Almirante Moore em *Light and Reason*, sobre as suas experiências com a Sra. Wriedt, de Detroit, e talvez sentisse que os relatos estavam um pouco embelezados, ou que os Estados Unidos ofereciam condições que não existiam no nosso país. Essa dúvida, no entanto, teve de se dissipar rapidamente.

O meu amigo, Vereador Appleyard, de Sheffield, escreveu-me a dizer que tinha como convidada a Sra. Wriedt, que planeava trazê-la ao norte numa pequena viagem de lazer, e que ela ficaria feliz em dar-me uma sessão, com liberdade para convidar os amigos que desejasse. Passei a noite da sua chegada no hotel onde se instalara, e no dia seguinte, com o Sr. e a Sra. Appleyard, fizemos uma excursão a Loch Long e Loch Lomond. Passei o dia inteiro a conversar com ela e achei-a clara, simples e verdadeira, sem brilho senão o do bom senso. À noite, reuniram-se na minha biblioteca os amigos e familiares que convidei — um total de quinze pessoas.

O local em que nos sentámos já tinha sido usado várias vezes para tais encontros, e o grupo reunido já tinha, na maioria, algum contacto prévio com o assunto, exceto um homem, um ministro da Igreja da Escócia. Conhecera este senhor a bordo de um navio durante uma viagem às Canárias, pouco tempo antes; tinha-lhe prometido que, se algum dia tivesse provas satisfatórias que corroborassem aquilo sobre que tanto falámos, o convidaria a estar presente.

Sentámo-nos no escuro; a trompete tinha sido previamente retirada da caixa e passada de mão em mão para inspeção, sendo depois colocada no chão, no centro da sala. Não procurava nenhuma prova de identidade espiritual pessoalmente; o meu desejo era que os outros, que mais precisavam, recebessem a certeza que já era minha há muitos anos. No entanto, os meus desejos não prevaleceram.

Tínhamos trocado apenas algumas palavras quando uma voz forte e clara foi ouvida. A Sra. Wriedt informou-nos que era o Dr. Sharp, cuja função era gerir as comunicações do outro lado da vida. Ouvi vozes, suavemente, junto de mim, mas não consegui perceber bem o que diziam.

"Não conhecia Harry Smith?", perguntou-me o Doutor.

"Sim," respondi, e então Harry contou a sua história, que, embora não fosse particularmente importante para mim, demonstrava o grande facto de que aqui estava alguém que conhecera em vida e que ainda se interessava por mim.

Harry Smith fora um mecânico ao meu serviço durante muitos anos. Naturalmente, conhecia a minha dedicação ao Espiritualismo, e tinha-me ouvido falar no salão da nossa comunidade. Não só ele veio, como trouxe consigo vários outros antigos empregados determinados a comunicar, e só largaram a trompete quando foram plenamente reconhecidos.

Confesso que, enquanto esta conversa decorria, ansiava que terminasse; sentia que estava a monopolizar a energia disponível, e as histórias daqueles velhos mecânicos não me diziam muito. Ainda assim, lá estavam eles, e partiram felizes depois de eu ter confirmado a veracidade de alguns incidentes triviais que trouxeram à memória.

Um dos aspetos mais interessantes de tudo isto foi o papel desempenhado pelo Dr. Sharp. Sentia-se que ali estava uma personalidade forte, robusta, a guiar a equipa, puxando uns, deixando outros avançar, determinado a que aqueles que viessem à frente fossem compreendidos.

A Sra. Wriedt intervinha de vez em quando, com uma palavra para esclarecer quando as coisas se confundiam. A forma de mediunidade que então testemunhava era completamente nova para mim. Sentia que estava mais próximo dos mortos do que nunca; havia uma sensação de conversa frente a frente, um fluxo constante e firme de fala — não intermitente, mas direto e vigoroso.

Os amigos invisíveis pareciam decididos a saturar-me com evidências, quisesse eu ou não.

O meu genro, que morreu acidentalmente em Itália há alguns anos, veio e revelou uma personalidade inconfundível.

Evidentemente, o Dr. Sharp não teve dificuldade em ensiná-lo a usar a trompete; era um homem de inteligência rápida, cientificamente orientado até à ponta dos dedos. Falou do passado com clareza e da situação presente da sua esposa e filhos, nomeando-os sem hesitação e demonstrando um conhecimento completo das coisas como estavam. Foi uma das provas mais fortes que alguma vez recebi de que o véu que separa os corações humanos é muito ténue.

Algumas coisas não foram ditas diretamente, mas insinuadas, e essas sugestões foram tão reveladoras quanto o restante discurso — uma expressão subtil de carácter que dificilmente poderia ter sido mais completa.

Que os membros da família ficaram profundamente comovidos é uma descrição pobre; houve uma comoção em todo o ser, uma confiança que o tempo não poderá abalar, um conhecimento que aquece a vida, e uma luz que é verdadeiro sol interior.

A minha querida mãe, que em vida tinha tantos receios de eu ter enveredado por aquilo que chamava de "incredulidade", apareceu e expressou a sua alegria por eu ter seguido a luz que se me apresentara.

A sua presença entre nós não era novidade, pois já me fora indicada muitas vezes; mas ali estava ela de novo — se não no corpo, certamente no coração.

Falou com as minhas filhas, que estavam presentes, como só ela saberia falar, chamando-lhes pelos diminutivos carinhosos de antigamente, que já tinham sido esquecidos, referiu-se nominalmente a outros membros da família e revelou uma identidade absolutamente inconfundível.

A voz da minha mãe era a que eu conhecia bem, o mesmo sotaque escocês cerrado, como se nunca se tivesse afastado de nós.

Os idiomatismos escoceses não foram abandonados por um momento; se não a víamos vestida como em vida, pelo menos sentíamos que não mudara nos modos; as raparigas presentes eram ainda, para ela, crianças, e a sua memória da vida terrena e das suas pessoas estava viva. Falou comigo como se nos tivéssemos separado apenas ontem, chamou-me "Jeems", como sempre fizera em vida, e como por vezes fizera ao influenciar outros médiuns para falar comigo.

Desta vez, porém, falava diretamente, sem usar a voz de outrem. A Sra. Wriedt, de forma alguma, poderia ter imitado o sotaque escocês que ouvi, pois enquanto a minha mãe falava com as minhas filhas, a médium mantinha-se a falar nos seus habituais tons americanos.

Não foi só a minha mãe que falou no verdadeiro escocês; cada um dos visitantes espirituais que fora natural da Escócia falou no vernáculo em que fora criado, sem qualquer traço de estrangeirismo. O meu amigo, Sr. Peter Galloway, um comerciante de Glasgow, comunicou com os seus dois filhos, que tinham morrido afogados no Atlântico, no mais puro escocês; e era notável o conhecimento que pareciam ter sobre os movimentos diários do pai.

Um bom imitador não conseguiria sustentar o dialeto escocês por mais do que umas palavras; não enganaria um nativo habituado ao nosso escocês das terras baixas.

O Dr. Sharp, a inteligência orientadora, que dizia ser natural de Glasgow, usou muitos termos escoceses, tal como um de nós, mas não manteve esse registo por muito tempo. Uma vez, pediu-nos que cantássemos juntos uma velha canção escocesa, que nomeou com o sotaque correto; quando lhe perguntei onde a ouvira, respondeu de imediato: "Aprendi-a ao colo da minha mãe."

Toda esta conversação com os chamados mortos, seja como for encarada por quem nunca contactou com fenómenos espirituais, nada tinha de milagre, magia ou lendas monásticas; era um facto simples e natural, provando que o mundo espiritual e o mundo material já não são dois separados, mas que se tocam. Como Milton disse há muito: "O homem é um mundo, e tem outro que o acompanha"; e aqui estava a evidência disso.

Talvez tão impressionantes quanto as minhas próprias experiências tenham sido as do reverendo, que nunca antes se aproximara do tema. Tivera, em tempos, uma paróquia no Canadá, e vários dos seus antigos paroquianos vieram falar com ele.

Foi divertido ouvir alguns dos nomes peculiares que o ministro reconheceu de imediato, assim como os episódios que lhe foram recordados.

"Não me lembro disso, Jerry", dizia o ministro, mas Jerry continuava a trazer-lhe à memória outros pormenores que ele acabava por admitir.

Foram-lhe contados episódios da sua vida no Canadá, aceites sem dificuldade.

Um irmão também veio comunicar com ele e falou sobre os membros da sua família.

O ministro percebeu claramente que aquilo em que estávamos envolvidos era o alimento espiritual diário de que os espiritualistas se nutrem nos seus encontros.

Não fazia ideia dos esforços pacientes através dos quais muitos tinham reunido os fragmentos que, juntos, trouxeram a convicção.

Raramente alguém recebe de imediato provas concludentes do mundo invisível. Mas algo mais importante ainda estava para acontecer.

Entrou em cena uma personalidade de outra ordem, uma voz diferente de todas as anteriores — a de Andrew Jackson Davis.

O grande vidente estivera muito próximo de mim durante anos; enquanto em vida, mantínhamos correspondência frequente e confiava-me coisas que eram desconhecidas do mundo.

Após a sua morte, deu-me uma mensagem para enviar à sua esposa, através da mediunidade de Miss McCreddie, e pediu-lhe que me enviasse a touca que usava em casa — o que ela fez prontamente, aceitando a validade da comunicação.

Assim, ver-se-á que havia um elo formado entre Davis e eu, o que naturalmente explicava a sua presença no nosso meio.

Contudo, não era a mim que Davis pretendia dirigir-se, mas sim ao ministro. Tinha evidentemente lido o seu espírito, e percebera a oscilação entre o desejo de acreditar e a dificuldade em fazê-lo. Com uma eloquência elevada e um entusiasmo calmo e claro pela verdade, deu uma leitura do seu íntimo, instando-o a seguir a luz que lhe fora mostrada, custasse o que custasse. Foi uma peça oratória magnífica, repleta dos mais elevados ideais. Foi puramente espiritual, sem qualquer mundanismo.

Raramente ouvi uma mensagem vinda do além que transmitisse tanto em tão pouco tempo. Não excedia a capacidade de compreensão dos sentidos; não havia confusão, mas uma sublimidade simples que tocava a todos. O vidente, que se consagrara à descoberta da verdade, parecia agora determinado a divulgá-la.

O ministro pouco disse, mas reconheceu que aquele que falara conhecia o seu coração, os seus medos e dúvidas, e como a sua mente oscilava. Ao regressar à sua paróquia, escreveu-me imediatamente, dizendo que, embora nunca tivesse duvidado da realidade do mundo invisível, o que acontecera naquela sessão fora extraordinário.

"É reconfortante e tranquilizador," escreveu ele, "saber que a comunicação pode ser estabelecida com tamanha clareza. O discurso de Andrew Jackson Davis permanecerá vívido e impressionante, e espero que inspirador ao longo da minha vida terrena."

Que uma corda foi tocada e permaneceu a vibrar ficou demonstrado pelo facto de que, algumas semanas depois, fiquei surpreendido ao saber que ele renunciara ao seu cargo, onde era querido e respeitado. Davis dera-lhe, sem dúvida, força para tomar uma decisão quanto à sua postura perante a verdade que lhe fora revelada. Não sei se o que me escreveu exprime na totalidade o impacto que a sessão teve sobre ele.

Escreveu:

"Para que não penses que te deves culpar por algo" (pois eu aconselhara-o a manter o seu trabalho, considerando que a sua simpatia e ternura poderiam ter mais efeito positivo do que no campo aberto), "apresso-me a dizer que, talvez há doze anos, penso como penso agora, e tenho lutado contra esses pensamentos, comprometido, e feito o melhor que pude. Confesso, contudo, que as palavras do Sr. Davis na sessão comoveram-me profundamente."

Não preciso acrescentar mais sobre este ponto, e volto a outros momentos da sessão. O Dr. Sharp explicou a dificuldade que tinha em ensinar à multidão espiritual que nos rodeava como formar as cordas vocais para que pudéssemos ouvir as vozes com clareza. Uma velha amiga minha, presente naquela noite, é uma senhora que atravessou um mar de atribulações, muitas de carácter trágico, mas que sempre encontrou forças na luz abençoada da comunhão espiritual. Há pessoas que não têm dificuldade em encontrar a luz. Já conheci quem me parecia crédulo demais, pela facilidade com que recebia comunicações espirituais; mas aprendi a reconhecer que há uma receptividade na natureza de alguns que outros não possuem.

Enquanto muitos esperam anos às portas da convicção, outros reconhecem de imediato a realidade da presença espiritual.

A essa senhora chegaram mensagens que tocaram e atingiram o seu coração mais profundo.

Tudo fluíu até ela com naturalidade: mensagens do marido e de familiares já falecidos. A única conclusão possível era que havia, de facto, uma porta aberta através da qual os habitantes de outro mundo nos davam vislumbres do seu amor contínuo e da sua vida ativa, intensa e natural.

Sei que reuniões como a que aqui relato são raras. Houve entre nós a mais completa harmonia — todos estavam calmos e confiantes. Estávamos reunidos numa sala que tinha sido várias vezes magnetizada pela presença espiritual, e as condições eram verdadeiramente ideais. Se o que ali se passou — os muitos detalhes de identidade espiritual — pudesse ser compreendido pelo mundo exterior, a grande questão estaria definitivamente resolvida. A dúvida deixaria de existir; a escuridão e a tristeza desapareceriam, pois tínhamos a certeza de que os nossos mortos (assim chamados) estavam vivos.

Não estou a dar uma descrição deturpada do que se passou, e mesmo assim deixei de fora muitos episódios de grande interesse para os vários presentes, todos os quais receberam provas conclusivas. Foi maravilhoso ouvir o tocar de um cornetim invisível e as vozes melodiosas que, por vezes, cantavam. Estivemos sentados por mais de duas horas sob esta influência consoladora e elevadora.

Quanto mais provas serão necessárias para que as mentes humanas se rendam?
Continuará a humanidade a envolver-se nas sombras da tradição enquanto esta luz real
brilha entre nós?

Sir Oliver Lodge disse um dia: somos tão conservadores no nosso temperamento que são
necessárias três gerações para que um facto comprovado, se for novo, seja incorporado no
pensamento popular e na vida quotidiana.

Já passaram três gerações desde o advento do espiritualismo moderno, e o tempo
amadurecido chegou — o momento em que os cumprimentos vindos do invisível serão
recebidos com gratidão.

A Sra. Wriedt, ao contrário de outros que carregaram a tocha da verdade, não reivindica
ser uma pessoa superior, mas apenas um instrumento que ajuda a revelar, em parte, as
possibilidades inerentes à nossa natureza humana.

Era admirável ver a serenidade, o modo simples e sem afetação com que participava nos
trabalhos — uma espectadora aparentemente à margem de tudo, nada de anormal.
Sem vaidade, sem presunção — apenas uma alegria genuína por tanto consolo ter chegado
àqueles que se haviam reunido.

Todos os prodígios que já tinha presenciado eram apenas a profecia do que se
apresentava agora diante de mim, e via no futuro uma nova evolução de dons espirituais que
eliminará a última sombra de dúvida sobre a vida após a morte.
Nunca antes me senti tão profundamente tocado pelas grandes possibilidades que o futuro
nos reserva. Via-se a crosta do preconceito a quebrar-se e um novo brilho a ser dado à vida
humana, graças à certeza de que a morte não termina a cooperação que existiu.

Outras vozes surgirão, e abrirão caminho até serem reconhecidas no mundo como arautos
de que se descobriu um caminho para outro plano. Por mais incerta que seja a receção que
agora tenham, não há motivo para receio; permanecerão entre nós até serem reconhecidas.
É certo que, à medida que a evidência se torna mais clara e a ciência começa a dedicar-se
ao tema nos nossos dias, a porta continuará a abrir-se cada vez mais.

O conjunto de factos bem atestados que o Almirante Moore reuniu não pode ser
ridicularizado nem ignorado; está em consonância com o que Crookes e Wallace atestaram
anteriormente, e em harmonia com o mundo natural em que vivemos.

Durante o verão de 1912, tive o privilégio de estar presente em várias outras sessões com
a Sra. Wriedt.

Em todas elas houve revelações semelhantes da presença dos meus amigos falecidos, e
mensagens em línguas das quais a médium não podia ter conhecimento. Compreendi como
nunca que não precisamos de esperar pela morte para entrar em contacto com o mundo
espiritual. Como disse Gerald Massey:

“Em vez de o outro mundo permanecer vago e inacessível — uma possibilidade para alguns,
uma dúvida para outros, um enigma para muitos e uma abstracção para a maioria — será

tornado uma verdade viva, visível para muitos, audível para mais ainda, presente e activa entre todos."

Pelo Sr. Thomson

Relato de duas sessões com a Sra. Wriedt, a médium americana de trompete, realizadas na casa de James Robertson, 5 Granby Terrace, Glasgow:

Há já alguns meses que me interessava bastante um relato de sessões realizadas com a médium referida pelo Vice-Almirante Osborne Moore; e, um dia, antes de partir para Fife de férias, fui visitar o Sr. Robertson, que me contou que acabara de receber uma carta do Vereador Appleyard, de Sheffield. Dizia que a Sra. Wriedt estava hospedada em sua casa como sua convidada, e que tencionava levá-la à Escócia para umas férias, estando muito satisfeito por poder proporcionar ao Sr. Robertson a oportunidade de organizar uma ou duas sessões.

Ficou logo combinado que eu estaria presente, e fiquei muito contente por ter a oportunidade de estudar esta, para mim, nova vertente da mediunidade.

Na primeira sessão, éramos quinze pessoas, e esta decorreu em completa escuridão, com os estores das janelas fechados e cobertos por pesadas cortinas. Descobrimos que a Sra. Wriedt tinha um estilo tipicamente americano, com aquele modo confiante, perspicaz e assertivo de falar que é característico dos Estados Unidos.

O único adereço visível era uma trompete de alumínio, que, penso eu, era composta por três partes e podia ser estendida em forma telescópica até cerca de sessenta centímetros. Explicou que, normalmente, a trompete tocava a pessoa a quem se destinava a mensagem.

A mesa da biblioteca fora retirada da sala, e sentámo-nos em círculo com a trompete posicionada na vertical no centro do chão. Depois de apagada a luz, não demorou muito até que vários amigos e familiares da família do Sr. Robertson falassem através da trompete e lhes dessem provas satisfatórias de identidade.

Um dos participantes era um ministro que recebeu várias mensagens. Tinha estado anteriormente no Canadá, e um dos seus antigos membros, que não conseguia lembrar-se do próprio nome, esforçava-se por o fazer recordar-se da oferta de um peru.

Pelos vistos, isso era algo que acontecia com frequência ao nosso amigo ministro, pois teve de lamentar não conseguir recordar o incidente em particular. Outras entidades que lhe falaram não tiveram essa dificuldade, e uma delas, que dizia ser seu irmão, indicou-lhe o número de membros da sua família — doze, creio — e, de facto, parecia saber mais sobre eles do que o próprio ministro. Nessa altura, o Dr. Sharp, o espírito-guia da Sra. Wriedt, falou através da trompete em confirmação, explicando ainda que o irmão queria que dissesse que dois deles estavam na sétima esfera e três ou cinco numa esfera inferior, ou na terceira ou na quinta.

Durante todo esse tempo, o que era dito através da trompete interessava-me menos do que observar todos os pormenores. A Sra. Wriedt por vezes dava a descrição do espírito

que queria comunicar, bem como o nome; e muitas vezes falava ao mesmo tempo que a trompete, ficando evidente ao longo de toda a sessão que nunca saiu do seu lugar. A certa altura, vi muito claramente uma forma branca e sombria, mas não estava suficientemente desenvolvida para se assemelhar ao corpo humano. Em outros momentos, via-se uma nuvem branca ou cinzenta a mover-se do centro da sala para junto de um dos presentes.

O meu estudo do fenómeno foi abruptamente interrompido pela trompete, que me bateu nos joelhos de forma bastante violenta, enquanto o espírito que falava se identificava como Campbell. Queria também saber de "Grace".

Não consegui concentrar-me o suficiente para perceber quem poderia ser, e, após várias perguntas sem sucesso, o espírito pareceu ficar bastante irritado, dizendo com firmeza: "Homem, Thomson, és muito lento."

Recebi então o nome "Alexander", e a minha esposa, sentada ao meu lado, concordou comigo que seria o meu primo (falecido), marido de Grace, quem estava a comunicar.

Perguntei: "Está lá a minha avó?", ao que recebi a resposta: "Qual das avós?"

Após lhe explicar, respondeu: "Todos os teus amigos estão aqui esta noite."

Depois dirigiu-se à minha esposa, com quem manteve uma pequena conversa, dizendo-lhe que, no mês anterior, ela tinha visto a sua filha Grace e o marido, e que tinham um bebé muito bonito. Pareceu ficar profundamente comovido com isso, pois a voz embargou-se um pouco, e a trompete foi pousada à frente da médium.

Em seguida, a trompete tocou-me suavemente na face esquerda, e o meu pai falou comigo, dizendo que a minha tia, sua irmã Joan, estava com ele. As suas palavras finais foram: "Deus te abençoe."

A médium então disse que alguém com o nome Annie queria falar com a minha esposa, mas a voz era demasiado fraca para se perceber claramente quem estava presente.

SEGUNDA SESSÃO

Durante a primeira sessão, a Sra. Wriedt disse que alguém com o nome "House" queria comunicar, e pensava que seria para mim. Antes que eu pudesse organizar os meus pensamentos, o nosso amigo ministro interveio dizendo que conhecia alguém com o nome "Hess" e que a mensagem provavelmente seria para ele. Fez algumas perguntas, mas nada resultou, e pensei que o assunto tinha ficado encerrado.

Esta noite, no entanto, fui atingido com firmeza na mão pela trompete, e o nome "House" foi pronunciado de forma bem clara, dizendo ainda que me conhecia e queria falar comigo. Perguntei de onde vinha, e respondeu: "Do outro lado do mar." Perguntei então: "É o William H. House?", ao que respondeu: "Sim, esse é o meu nome", num tom alto e muito enfático, prosseguindo depois com assuntos de negócios que só eu conhecia na Escócia.

Deu também alguns pormenores pessoais, sem mencionar nomes, que compreendi perfeitamente, e fiquei surpreso por perceber que guardava rancor de alguém que me era conhecido. Não posso, claro, entrar em mais pormenores sobre o assunto, mas ficou evidente para mim que a sua vida empresarial ainda ocupava bastante a sua mente, e que estava plenamente consciente do que acontecera aquando da sua morte.

Este senhor foi presidente de uma empresa americana de fabrico de casas para botões, para a qual a minha firma era representante na Grã-Bretanha e Irlanda. Infelizmente, a empresa, incapaz de competir com um rival mais abastado, entrou em falência, e o Sr. House recolheu-se ao leito, tendo falecido após breve doença.

Mais tarde, ouvi um sussurro muito ténue vindo da trompeta, e, passados instantes, ouvi o nome Lizzie B—, uma jovem que falecera alguns anos antes. Era uma criatura doce e tímida, e não tive dúvidas de que era a sua voz. Disse que tentara fazer-se reconhecer pela minha esposa na noite anterior, mas não conseguiu falar com clareza suficiente. Pediu-me que informasse o pai dela, mas respondi que já lhe falara da realidade do regresso espiritual, e que ele não acreditava. Ela respondeu: "Eu sei, mas ele pensa muito nisso."

Perguntei então: "Está a Mina H.— contigo?" "Não," disse ela, "mas vou buscá-la para falar."

Pobre rapariga, esqueceu-se — e eu também — que outros estavam igualmente ansiosos por falar, e, tendo-se quebrado a linha de comunicação, não foi possível retomá-la naquela noite, pelo menos.

Após outro intervalo, fui novamente contactado, desta vez pela minha mãe, que disse ter estado também na sessão da noite anterior, mas que ficara em segundo plano para dar oportunidade a outros de se manifestarem.

Creio que a melhor prova de todas foi o sentimento transmitido pelo tom das vozes ao falar. Eram fiéis à realidade, e posso afirmar que tudo o que recebi se encaixava de forma admirável e exata nas características daqueles que diziam ser.

Glasgow, 15 de Janeiro de 1913
Caro Almirante Moore,

Envio-lhe mais algumas informações sobre o encontro do ano passado, que poderá considerar valiosas. O autor do relato é um sobrinho meu, um jovem de vinte e seis anos. Gostaria que tivesse descrito com mais detalhe as várias perguntas que fez para obter as respostas. Senti que cometi um erro ao convidá-lo, pois era tão categórico que temi que pudesse perturbar todas as condições. Não se satisfazia com nada que não fosse absolutamente claro.

Na conversa com o meu genro, Joe Crowther, houve muitos pormenores sobre as fotografias que lhe foram mostradas, e levou algum tempo até compreender do que se tratavam as imagens que estavam a observar. Até à noite da sessão, eu nunca tinha ouvido falar dessa entrevista. Quando cheguei à comunicação com o pai, achei que iria estragar

tudo. Disse: "Se és o meu pai, podes dizer o teu nome", e, insistindo, acabou por conseguir essa resposta, juntamente com muitos outros factos.

O pai era espiritualista; um homem muito inteligente, que Gerald Massey considerava possuir um dos intelectos mais penetrantes que conhecera. Compreendia intuitivamente os escritos sobre Egiptologia e escreveu uma série de artigos no antigo *Medium*. A família sofreu tantas perdas e obteve tão poucas provas do que se passava após a morte que se fartaram do tema do espiritualismo; mas agora estão todos despertados para a sua realidade.

Sinto cada vez mais que os factos que tem reunido acabarão por derrubar as barreiras que impedem a luz de se manifestar.

Com os meus melhores cumprimentos,
Atenciosamente,
James Robertson

Talvez se possa dizer com segurança que, desde que a consciência da existência surgiu na raça humana, nenhum problema foi maior do que os mistérios que envolvem a vida e a morte. É também verdade que o desejo de compreender, se possível, esses mistérios cresceu com o passar dos séculos, até que, na geração presente, não há questões mais pungentes e carregadas de interesse vital.

Não se pode afirmar que a origem da vida seja compreendida de alguma forma, permanecendo esse um grande enigma. Que exista uma continuidade da vida após a morte é a esperança confiante de todas as épocas; mas os problemas associados a tal existência espiritual continuam, para a maioria, a ser um mistério que apenas se consegue apreender vagamente.

O desejo por mais luz, contudo, é cada vez mais intenso para muitos de nós, pois, com o passar dos anos, todos acabamos por perder entes queridos e pessoas próximas. Os laços familiares quebram-se, cessa o cuidado e a orientação dos pais, os irmãos e irmãs com quem crescemos e que amávamos, os amigos queridos com quem convivíamos partem para aquele grande silêncio; e, assim como os amávamos em vida, os nossos pensamentos seguem-nos para esse além misterioso. Nunca deixamos de refletir sobre o mistério de tudo isso; e o maior desejo é saber se talvez essa simpatia magnética que nos unia neste mundo possa permitir-nos reencontrá-los nesse estado espiritual para além da sepultura.

Desde que comecei a pensar nestas questões, ouvi falar com frequência das manifestações extraordinárias e variadas da existência espiritual obtidas em sessões espiritualistas, etc.; e, embora tais manifestações sempre me tenham interessado, não conseguia acreditar ou compreender fenómenos tão espantosos como os que os meus amigos mais crédulos (assim os imaginava na altura) experienciavam e me relatavam.

Nunca pensei que essas dúvidas viessem a ser dissipadas, mas desejava, caso surgisse a oportunidade, investigar por mim próprio tais manifestações. A minha mãe teve a sorte de estar presente numa sessão realizada na casa do meu tio, o Sr. James Robertson, com a médium Mrs. Wriedt, e ficou tão impressionada com as mensagens recebidas — tanto por

ela como pelos demais presentes — que decidi, caso tivesse oportunidade, participar numa sessão com esta médium extraordinária.

Não estava totalmente alheio às mensagens surpreendentes obtidas através da mediunidade da Sra. Wriedt, pois nessa altura fora publicado um artigo muito elogioso na *Nash's Magazine*, e foi graças à amabilidade do meu tio James Robertson que pude estar presente numa dessas sessões.

Os factos permanecem muito vivos na minha memória, e passarei agora a relatar com exactidão o que aconteceu. Deve compreender-se que fui a esse encontro bastante cético e determinado a não aceitar nada que não me parecesse, pessoalmente, dotado de autenticidade.

A sessão teve lugar na casa do meu tio, em 5 Granby Terrace e, com excepção do meu tio e de dois primos, os restantes dez ou doze participantes eram completos desconhecidos para mim. Fui apresentado de forma casual à médium, Mrs. Wriedt, cuja personalidade me impressionou de imediato. Sentia-se intuitivamente que estávamos perante uma mulher gentil e bondosa, e isso talvez tenha ajudado a convencer-me de que uma pessoa assim não seria capaz de cometer qualquer fraude. Ainda assim, decidi não me deixar influenciar por isso.

Esta foi a primeira sessão do género a que assisti, e, naturalmente, estava cético e determinado a testar tudo, caso surgisse a oportunidade. Sentámo-nos em círculo, com o meu tio ao meu lado (cuja influência poderá ter contribuído para que eu recebesse mensagens tão extraordinárias); a médium ficou sentada exactamente em frente de mim, a alguns metros de distância; e a trompete — um objeto longo e cilíndrico, semelhante a um pequeno megafone — foi colocada no centro do círculo.

Quase de imediato, observei o que parecia ser uma pequena nuvem branca a flutuar, e após alguns segundos, a trompete ergueu-se do chão e uma voz dirigiu-se a nós. Dizer que fiquei surpreendido é pouco, pois a voz era forte e profunda, e movia-se à volta do círculo de forma absolutamente extraordinária. Este, soube mais tarde, era o espírito do Dr. Sharp, o guia espiritual da Sra. Wriedt; mas, claro, na altura nada sabia disso. Pelo contrário, estava bastante desconfiado e prestava atenção a qualquer movimento da parte da médium. No entanto, ela começou imediatamente a falar com o Doutor com o tom mais natural do mundo.

Não relatarei a conversa que ocorreu nem a lição que o Doutor nos deu sobre saúde, etc.; mas, ao perguntar se havia muitos amigos presentes, foi-nos dito que havia milhares a aguardar a oportunidade de se manifestarem. Um facto verdadeiramente extraordinário!

Após algum tempo, o Doutor — que parecia atuar como uma espécie de supervisor e intérprete — cedeu a trompete aos seus amigos espirituais, e as manifestações começaram.

O primeiro espírito a falar foi o falecido marido da minha prima, Joe Crowther; e devo confessar que senti alguma decepção, pois não consegui reconhecer a voz nem qualquer outra característica particular.

Pouco depois, a voz dirigiu-se a mim e começou uma conversa, que, claro, era o que eu mais desejava. Após os cumprimentos iniciais, perguntei ao espírito se se lembrava da última conversa que tivemos.

Respondeu: "Sim, perfeitamente."

Perguntei: "Se te lembras, podes dizer-me sobre o que foi?"

Respondeu: "Estás a querer dizer que não te lembras?"

Perguntei: "Lembro-me perfeitamente; mas convencer-me-ia muito mais de que és realmente tu, Joe, se pudesses contar-me os pormenores."

Resposta: "Bem, lembras-te de eu te mostrar umas fotografias de mineração que tirei, e de te explicar os diferentes estratos?" (Foi exatamente isso que aconteceu.)

Perguntei: "Sim, está correto. E podes dizer-me onde tivemos essa conversa, e se havia mais alguém presente?"

Respondeu: "Foi nesta casa."

Perguntei: "Sim, mas em que divisão?"

Respondeu: "Na biblioteca, e não havia mais ninguém connosco."

Posso afirmar que, até onde sei, ninguém além de Joe Crowther e eu sabia dessa conversa. A conversa interessou-me bastante na altura, por isso quis saber se ele se lembrava.

Logo após essa troca, a trompete foi passada para outro espírito amigo, e as manifestações continuaram. Ao mesmo tempo, o meu amigo Joe continuou a falar comigo de forma bem clara, sem utilizar a trompete. Ouvi distintamente a sua voz, a voz da trompete e a da Sra. Wriedt (que tentava explicar uma mensagem que um dos participantes não estava a compreender bem); ou seja, ouvi três vozes distintas a falar ao mesmo tempo.

Poderia detalhar as mensagens que quase todos os presentes receberam, mas preocupo-me mais em relatar as manifestações que eu próprio recebi, e por isso não entrarei noutros pormenores. O facto é que todas foram espantosamente convincentes. Talvez se possa mencionar um exemplo.

A filha pequena de um cavalheiro presente, depois do habitual e comovente reconhecimento inicial, disse: "Já não cantas tanto, pai. Achas que poderíamos cantar uma daquelas canções que costumávamos cantar juntos?" Ao pai responder que sim, começou, com certeza, um dos duetos mais extraordinários alguma vez ouvidos.

A voz da menina era clara e perfeitamente melodiosa, e a canção "Annie Laurie" foi interpretada de forma belíssima.

Pouco depois, o meu tio, John Hutchinson, que falecera uns meses antes, falou, e quase desde o início reconheci-o por um tipo peculiar de riso que ele tinha. As perguntas que lhe fiz foram respondidas de forma inteiramente satisfatória. Perguntei se o meu pai estava presente e, em caso afirmativo, gostaria de falar com ele. Pouco depois, uma voz dirigiu-se

a mim e, ao pedir que me dissesse quem era, fui informado de que era o meu pai. "Se és o meu pai", disse eu, "então diz-me o teu nome completo."

A resposta não foi totalmente nítida, mas consegui perceber o que estava a ser dito, e estava correto. A voz, nesta fase, não era muito forte nem clara, mas foi-se tornando mais distinta. Insisti em obter pelo menos as iniciais do meu pai, e a resposta foi "J. M. M." (John McGregor Munro). Perguntei depois se algum dos rapazes (referindo-me aos meus irmãos) estava presente, e disseram-me que os três estavam lá; os nomes, dados sem hesitação, estavam corretos e por ordem de idade.

Perguntei ainda ao meu pai se se recordava de quando tínhamos falado dele pela última vez (o meu pai tinha falecido há dezassete anos), e respondeu: "Sim, esta manhã." E detalhou o tema que a minha mãe e eu tínhamos discutido ao pequeno-almoço nesse mesmo dia — algo que ninguém poderia saber. Além disso, contou-me um facto relacionado com essa conversa, que eu desconhecia, mas que confirmei quando cheguei a casa.

Gostaria de ter feito muitas mais perguntas pessoais, mas nesse momento a comunicação foi interrompida e a oportunidade perdeu-se. Só posso dizer que os factos relatados acima provam, para minha total satisfação, que não poderia ter havido fraude de qualquer tipo; mas devo confessar um certo sentimento de tristeza que estas sessões despertaram em mim. Talvez isso se deva ao facto de que a morte é, para todos nós, sempre algo de trágico, e tendemos a associar o regresso dos espíritos daqueles que tanto amámos a essa mesma tristeza, sem conseguirmos, naquele momento, ver para além disso.

O que gostaria de saber é mais sobre este mundo espiritual, que deve estar povoado por incontáveis espíritos; que tipo de vida doméstica e social existe; por quanto tempo permanece a influência deste mundo sobre eles; e quais são, enquanto espíritos, os seus anseios e aspirações, etc. E espero que, algum dia, através de estudo paciente e observação, possa vir a compreender estas questões tão importantes — que agora, para mim, são bem mais significativas do que a simples prova de que os espíritos existem.
(Assinado) Alex. Munro

Em resposta a algumas perguntas minhas, o Sr. Munro escreve:

202 Langside Road, Crosshill, Glasgow
20 de Janeiro de 1913

Caro Senhor,

Recebi devidamente a sua carta de dia 16 do corrente, e compreendo perfeitamente o seu interesse em investigar os diversos testes que mencionei no meu relato da sessão que tive com a Sra. Wriedt...

A sessão teve lugar na casa do meu tio a 25 ou 26 de Julho de 1912.

Quanto à sua segunda pergunta, é verdade que não reconheci as vozes do meu pai nem de Joe Crowther, mas as características do estilo e da fala eram, em ambos os casos, marcadamente semelhantes às que conhecia. Claro que, como o meu pai era das Highlands e

o marido da minha prima era inglês, nenhum dos dois tinha sotaque escocês. Penso que também deve ser tido em conta que o uso da trompette altera o tom das vozes.

O estilo de fala do meu pai era extremamente marcante, e recordo-me, como dantes, que ele parecia algo irritado comigo por não aceitar as coisas mais naturalmente nem compreender mais rapidamente a realidade da sua presença e do que estava a dizer.

Talvez não tenha enfatizado o suficiente que não aceitei nenhuma manifestação sem antes colocar repetidas perguntas e fazer testes. Embora não houvesse sotaque escocês no caso do meu pai ou do meu primo, pelas razões já referidas, o sotaque escocês era bastante evidente noutros casos — e não só isso, mas também o sotaque típico de *Glasgow*, que, como sabe, é praticamente uma língua própria.

Posso dizer que não tenho qualquer dúvida quanto à genuinidade da médium, Sra. W. (veja-se, por exemplo, o caso das três vozes a falarem simultaneamente, bem como os testes pessoais que recebi). Tais provas estão fora do alcance da fraude ou do embuste, e se estes fenómenos que relatei puderem ser explicados, terei muito gosto em receber esclarecimentos.

Deve compreender que sou apenas um humilde estudante do assunto; mas, embora esteja convencido de que os testes foram genuínos, todo o assunto, em retrospectiva, parece-me um tanto irrazoável e irreal, e, certamente, não é reconfortante no que toca ao estado futuro. Contudo, provavelmente aprenderei mais com o tempo e, entretanto, se puder ser-lhe útil de alguma forma, terei muito gosto em fornecer-lhe qualquer informação que desejar. Ficarei muito satisfeito por conhecer a sua opinião sobre o assunto.

Com os melhores cumprimentos,
ALEC. MUNRO

O TESTEMUNHO DO SR. GALLOWAY

Mestre alfaiate de *Glasgow*

Na primeira visita da Sra. Wriedt à casa do Sr. Robertson em *Glasgow* (1911), tive a alegria de ouvir as vozes dos meus filhos, claras e diretas nos seus naturais tons escoceses, revelando um conhecimento tanto da minha vida exterior como dos meus pensamentos mais íntimos; mas fiquei ainda mais comovido com algo que veio depois, que acrescentou ainda mais encanto à confirmação objetiva da sua presença.

Numa das sessões com a Sra. Wriedt na casa do Sr. Coates (em *Rothsay*), recordo com grande prazer a seguinte manifestação.

O círculo era composto por catorze pessoas e, como as condições eram muito boas, assistimos a uma série de fenómenos maravilhosos, que interessaram profundamente todos os presentes; mas o que mais me tocou foi o aparecimento do meu filho.

Ainda não tínhamos estado muito tempo sentados quando nuvens brancas e vaporosas começaram a flutuar pela sala; de repente, um rosto formou-se a partir dessas nuvens, e reconheci-o de imediato como sendo o do meu filho Jack.

Exclamei involuntariamente: "Oh, Jack!" — e o rosto assumiu uma expressão de contentamento, parecendo acenar em sinal de confirmação. Não tive de esperar muito por mais provas, pois a trompeta aproximou-se de mim e uma voz disse logo: "O que achaste do meu rosto, pai?" Respondi: "Está excelente, Jack; reconheci-te de imediato." Ele acrescentou: "Gostava que a mãe tivesse estado aqui."

Jack era o mais novo dos meus filhos gémeos, que se afogaram no naufrágio do navio a vapor *Hestia* a caminho do Canadá (tinham então dezassete anos). Ambos já deram provas abundantes da sua continuação em espírito, e estou certo de que ainda retenho o seu amor.

Numa sessão realizada na casa do Sr. Robertson, com um grupo numeroso — creio que estavam presentes cerca de vinte pessoas — uma voz, tão nitidamente escocesa como a minha, dirigiu-se a mim da seguinte forma: "Como está, Sr. Galloway?" Respondi: "Quem és, amigo?" Ao que ele disse: "Sou McGillivray."

Disse que não o conhecia, mas ele insistiu que me conhecia, e, ao perguntar onde fora que nos conhecemos, disse: "Não te lembras de que trabalhámos juntos em Coatbridge?"

Não consegui recordar-me, e perguntei-lhe se tinha vivido em Glasgow.

Ele então disse: "Não te importavas de trabalhar em Coatbridge quando eras jovem? Tinhas acabado de sair de casa e não sabias bem o ofício, e fui eu que te dei apoio enquanto costumavas para mim."

Reconheci-o de imediato e perguntei se se lembrava de que material fazíamos os "coletes dos mineiros".

Respondeu: "Moleskin."

Eu disse que me referia aos coletes de domingo, ao que ele respondeu: "Veludo de seda", o que estava correto.

"Então, diz-me o preço por jarda do veludo?"

Resposta: "Vinte e seis xelins." (Tinha a impressão de que eram vinte e cinco, mas posso estar enganado.)

"Agora diz-me quanto pagavam pelos coletes?"

Resposta: "Quarenta e dois xelins", o que acredito estar correto.

Lembro-me que me pareceu exagerado um mineiro gastar tanto num colete; mas nessa altura havia um grande boom na indústria do carvão, e essa era uma das formas de gastarem algum do dinheiro. Eu era jovem e trabalhei com o Sr. McGillivray apenas durante dez semanas. Depois de regressar a Glasgow, ele visitou-me uma vez, e nunca mais o vi desde então. Isso foi há trinta e nove anos, e era das últimas pessoas que esperava ver

regressar; no entanto, lá estava ele, ainda interessado no meu bem-estar. Claro que este foi apenas um vislumbre de um velho conhecido, mas muitos outros aproximaram-se de mim com uma identidade tão marcada, ou até mais, do que a do meu antigo colega McGillivray.

(Assinado) PETER GALLOWAY.

Lamento dizer que no dia 29 de Maio saí de Cambridge House logo após a sessão, e por isso não posso, pessoalmente, testemunhar os fenómenos notáveis que ocorreram na sala de jantar. Pelo que outros me contaram, acredito que o relato da Srta. Scatcherd é correto.

[De *Light*, 3 de Agosto de 1912.]

FENÓMENOS NOTÁVEIS NA LUZ

EM CAMBRIDGE HOUSE COM A SRA. WRIEDT

Por Felicia R. Scatcherd

Parece que não vos chegou qualquer registo do fenómeno descrito abaixo, por isso envio o seguinte excerto das minhas notas, escritas imediatamente após o acontecimento. Os fenómenos repetiram-se duas semanas depois, com pequenas variações.

29 de Maio de 1912, "Gabinete da Júlia". Estávamos quase a terminar o jantar. A luz elétrica estava totalmente acesa. Conversávamos todos. A Sra. Wriedt contava-nos como conheceu o Sr. W. T. Stead, quando vi o Sr. Mallinson olhar, com ar surpreendido, para o grande arbusto de margaridas que tem ocupado a cadeira do Sr. Stead, à cabeceira da mesa da sala de jantar, no último mês. A Sra. Wriedt estava sentada do lado direito da mesa, eu do lado esquerdo, de frente para ela. Assim, a planta estava entre nós. Segui o olhar do Sr. Mallinson para as flores mais próximas da Sra. Wriedt. Mexiam-se agitadamente, uma após outra, e depois todas ao mesmo tempo. O resto da planta permanecia imóvel. Mas, ao olhar, a flor mais alta moveu-se sozinha; depois, outras "fizeram uma vénia", como disse um dos convidados.

"Muito bem! Agora movam a planta toda", exclamei. Ela virou-se, vaso e tudo, na minha direção. "Talvez consigam mover também a cadeira." Quase imediatamente, a cadeira girou num ângulo de quarenta e cinco graus, de forma que o canto esquerdo ficou voltado para mim. Depois, mantendo essa posição em relação à mesa, foi deslizada cerca de vinte centímetros na minha direção.

Todos sentimos o chão, as paredes e as janelas a vibrar. Já tinha sentido dois sismos nas Ilhas Jónicas. A sensação era semelhante.

A Sra. Harper gritou: "Isso mesmo, Chefe! Cumpre a tua palavra." Estávamos todos afastados da mesa, para garantir que nenhum movimento involuntário tinha causado o agitar da planta, desde que reparámos nele.

Sugeri que se apagassem as luzes. O interruptor foi desligado, deixando-nos na escuridão, exceto pela luz exterior. Três fortes abalos fizeram as janelas tremer; a loiça tilintar, e as

paredes e o chão foram sacudidos por um movimento vibratório profundo, que só posso comparar às minhas experiências de sismo. Este movimento foi acompanhado por sons de passos pesados, como se alguém estivesse a marchar pela sala. Depois, tudo ficou em silêncio. Acendemos as luzes.

Houve mais um ou dois pequenos movimentos nas flores, mas nada mais ocorreu. A cadeira é pesada. Moveu-se cerca de vinte centímetros para a esquerda, depois de ter girado sobre a perna traseira direita num arco de quarenta e cinco graus.

"Sra. Harper, porque disse 'Isso mesmo, Chefel Cumpre a tua palavra'?"

A explicação foi que, cerca de duas semanas antes de deixar Inglaterra, numa quarta-feira, durante um jantar no "Gabinete", o Sr. Stead foi algo desdenhoso em relação aos "toques", que não conseguia ouvir bem. "Quando voltar, hei de andar a marchar pela sala e a abanar o chão e as janelas. Não haverá dúvidas de que sou eu", ou algo semelhante. Eu estava na Grécia nessa altura. A declaração foi confirmada por todos os presentes na ocasião.

PARTE II – REGISTOS DE 1913

Em Março de 1913, algumas pessoas que tinham participado em sessões com a Sra. Etta Wriedt na primavera e início do verão anteriores fizeram-me ver que era importante convidá-la novamente a Inglaterra; que, se eu não assumisse essa responsabilidade, ela poderia cair nas mãos de pessoas indesejáveis que a explorariam em proveito próprio; e que eu era a única pessoa que poderia levar a cabo essa tarefa de forma satisfatória. Hesitei durante uma semana; estava relutante em voltar a enfrentar os riscos, os incómodos e o trabalho de organizar e executar os detalhes da sua visita. Era fácil para mim visitar Detroit e participar em sessões na casa dela.

No entanto, após reflexão, percebi que seria egoísta da minha parte recusar, e acabei por consentir, relutantemente, em repetir a experiência de 1912. Escrevi então à Sra. Wriedt, convidando-a a visitar-me em Inglaterra e indicando certos termos que ela poderia aceitar ou recusar conforme achasse conveniente; segui essa carta com outra, pedindo-lhe que enviasse um dos três cabogramas: (1) "Aceito"; (2) "Não"; ou (3) "Por minha conta". A última opção significava que viria por sua conta e risco, sem qualquer relação com a minha supervisão ou proteção.

A 4 de Abril recebi um telegrama: "Aceito - 1 de Maio"; a data, previamente combinada, referia-se à chegada. Circulares de convite foram imediatamente enviadas aos interessados, foi criado um fundo de garantia, e contratei a Srta. E. K. Harper como secretária e anfitriã. Esta senhora, como todos sabem, foi secretária pessoal do falecido

W. T. Stead; organizou as sessões para ele em 1911 e, após a sua trágica morte no Titanic, para mim, em 1912.

Aceitou gentilmente adiar o seu trabalho literário para assumir um dever que sabia ser exigente — na crença de que, assim, agradava ao seu antigo chefe, realizando um trabalho que lhe era muito querido. Ficou também satisfeita por poder ajudar os seus numerosos amigos e conhecidos a contactar com os seus entes queridos no espírito. Quero aqui agradecer-lhe publicamente pela sua decisão, e confessar honestamente que não teria conseguido gerir todos os detalhes sem a sua experiência e cooperação diligente.

As tarefas que assumiu revelaram-se mais difíceis do que eu esperava, por motivos que não irei detalhar aqui. Basta dizer que, por lealdade para comigo, perseverou até ao fim; mas estou certo de que nunca mais aceitará essas funções, nem eu desejo que o faça.

A Sra. Wriedt compreende agora as leis e costumes ingleses; nas visitas futuras, organizará as suas sessões e todos os outros detalhes por conta própria.

Marquei as sessões e consultas privadas de forma a permitir que a médium tivesse dois dias e três noites por semana inteiramente livres. É justo referir que estes períodos de descanso não foram usados por ela, este ano, para realizar sessões por sua conta.

O elevado nível da mediunidade da Sra. Wriedt manteve-se durante os sessenta dias em que foi minha convidada. Houve algumas sessões em branco e outras medianas. Todos os que compreendem as condições necessárias à investigação psíquica sabem que isso é inevitável com médiuns de primeira categoria; e alguns, incluindo eu próprio, acreditam que isso é sinal de autenticidade, pois ninguém se incomoda mais com essas sessões do que a própria Sra. Wriedt. Recebi alguns conselhos de pessoas que, evidentemente, achavam que podiam fazer melhor do que eu, especialmente sobre o facto da médium "fazer sessões com demasiada frequência"; e fui mais do que uma vez lembrado da fábula de Esopo do homem, do filho e do burro.

Os meus simpáticos conselheiros eram os assistentes desiludidos, e os conselhos chegavam sempre depois dos acontecimentos. Notei um facto curioso: não houve críticas desses peritos no ano anterior, quando a médium fez sessões com muito mais pessoas, e esses mesmos garantidores tiveram sucesso.

A visita foi um sucesso, e o último dia foi o melhor. Fui de longe o maior garantidor e usufruí plenamente do dom misterioso da Sra. Wriedt, pois não tive qualquer sessão em branco e apenas duas ou três abaixo da média. Uma delas foi totalmente inexplicável, pois as condições, tanto quanto o meu pobre julgamento me permitiu avaliar, eram perfeitas; as outras consegui explicar.

Sessões más devem-se geralmente a uma de quatro causas: ou a médium está perturbada por alguma preocupação imaginária; ou o(s) participante(s) estão doentes ou com o ânimo em baixo; ou as condições atmosféricas são adversas; ou o(s) participante(s) não acreditam em nada que não possam compreender pelos sentidos normais. Este último factor dificilmente

explica qualquer sessão em branco ou fraca em 1913, pois houve poucos desconhecidos autorizados a participar.

Este aspeto foi cuidadosamente controlado. Ocasionalmente, a ausência de fenómenos não tem causa conhecida; mas penso ser possível que os fenómenos sejam retidos pelos guias da médium com o objetivo de nos ensinar que nada do que os mortais façam garante o sucesso: devemos estar gratos pelo que conseguirmos receber.

Nem em 1912, nem em 1913, nem em qualquer ocasião durante os quatro anos e meio em que a conheço, a Sra. Wriedt entrou em qualquer tipo de transe. Ela fala abundantemente durante as sessões e consultas privadas, por vezes sobre assuntos irrelevantes, como a superioridade dos costumes americanos ou as restrições cruéis do Almirante Moore; mas mais frequentemente para dar nomes e descrições clarividentes aos participantes. Ela afirma ver nomes no ar, invertidos, e muito difíceis de captar, pois a primeira letra desaparece antes da última estar completamente formada. Não raramente, o nome de um espírito que deseja manifestar-se é-lhe sussurrado ao ouvido direito.

Levei a Sra. Wriedt a Cambridge House, Wimbledon, às 19h40 do dia 2 de Maio de 1913. Depois do jantar, por sugestão dela, dirigimo-nos à sala de sessões para uma consulta privada. Após lavar os meus dois trompetes com água e ligar a caixa de música, as luzes foram apagadas e os fenómenos começaram de imediato. Iola falou primeiro, algumas palavras de saudação; depois, o Dr. Sharp, que trouxe consigo outro espírito: "Aqui está uma senhora que deseja vê-lo." (Em voz baixa): "O que disse, senhora?... Ah, é uma senhora solteira que diz chamar-se Searle. Afirma que viveu perto de si em vida, e achava que estava muito enganado. Agora veio ver se havia algo de verdadeiro nisto." (Em voz baixa): "O quê?"... "Sim, sim; também diz que a sua sobrinha está agora a fazer o seu trabalho, e a fazê-lo muito bem, mas que não quer que lhe diga." (Uma Sr.^a Searle mantinha uma pequena loja e posto dos correios a cerca de trezentos metros da minha casa. Faleceu em Setembro de 1912. A sua sobrinha, Sr.^a Holmes, mantém agora a loja. Nunca falei com a Sr.^a Searle sobre espiritualismo, mas ela sabia certamente que eu dava uma palestra anual no templo da cidade.)

W. T. Stead também se manifestou e expressou satisfação por ter influenciado a sua viúva a permitir-me alugar a casa. Era a mesma voz a que me habituei em 1912. Disse: "Diz à Edith [Sr.^a Harper] que estou a ajudá-la o melhor que posso." Black Hawk apareceu, e Iola esteve presente durante todo o tempo. Foi uma sessão animada, encantadora, com duração de 45 minutos.

Como, do ponto de vista público e crítico, o valor do meu testemunho obviamente diminui com o número de vezes que participei em sessões com a Sra. Wriedt — e aconteceu ter desfrutado do seu dom em mais de cem ocasiões — não pretendo registar mais do que duas: uma consulta privada e uma sessão com círculo privado. Sentei-me sozinho com a médium vinte e cinco vezes enquanto foi minha convidada, e organizei cinco círculos privados, aos quais convidei amigos.

Nessas sessões recebi muita informação de carácter íntimo, todas muito convincentes para mim, mas de pouco interesse para os outros. A médium raramente ouvia uma palavra sequer de Iola, nem geralmente a via. Que eu me lembre, a minha guia usou o trompete apenas uma vez ao longo dos dois meses.

A sessão privada que descrevo agora é notável por apresentar um exemplo excepcional de fenómenos físicos de tipo mais grosseiro. Teve lugar no dia 17 de Maio, entre as 10h55 e as 11h40. Tinha os meus dois trompetes na sala. Um estava marcado com a letra "I" em todas as secções; o outro com "F". Pesavam, respetivamente, treze e onze onças. O trompete da Sra. Wriedt era mais pequeno que ambos, pesando entre oito e nove onças; mas ela preferia, normalmente, usar os meus, fabricados por Whitely. Nesta ocasião, o trompete "I" estava telescopado e colocado na prateleira superior de uma estante atrás da Sra. Wriedt; o "F" estava de pé entre nós; as nossas cadeiras estavam separadas por cerca de metro e meio.

Primeiro, o Dr. Sharp manifestou-se assim que as luzes se apagaram, e falou claramente, sobretudo sobre o estado de saúde do Dr. Peebles (a quem chamou "O nosso Peregrino"), então doente em Londres. Depois houve um longo silêncio, seguido da manifestação de Iola, que falou durante cinco ou seis minutos, usando o meu trompete parte do tempo. Seguiu-se Grayfeather, que, após uma breve conversa, disse: "Vou mostrar-te algo, Chefe. Segura nas mãos da Sra. Wriedt."

Inclinámo-nos nas cadeiras e entrelaçámos as mãos: a sua mão direita na minha esquerda e a minha direita na sua esquerda. Havia uma pequena mesa quadrada a trinta centímetros da minha esquerda, com um vaso de narcisos e água, com cerca de um quilo e meio. A sala estava completamente às escuras, como de costume.

Passado algum tempo, ouviu-se um som como se um trompete tivesse caído no chão atrás da Sra. Wriedt, e depois um silêncio total. Cerca de cinco minutos depois, ouvi a voz de Grayfeather, vinda de perto do chão, onde o trompete "F" estava de pé entre os nossos braços estendidos:

"Sra. Wriedt, acenda a luz." Desentrelaçámos as mãos, a médium levantou-se da cadeira e acendeu as luzes. Eis o que encontramos: a pequena mesa estava agora a sessenta centímetros à minha direita; o vaso com os narcisos estava no chão, quase a tocar no meu pé direito; o trompete da Sra. Wriedt estava no chão à minha esquerda, exatamente por baixo de onde o tínhamos visto pela última vez na mesa; o meu trompete "F" estava telescopado e colocado na prateleira da estante onde antes tinha visto o "I"; e o trompete "I", agora montado e pronto a usar, estava no chão, no local onde "F" deveria estar, entre os nossos braços.

O índio denunciou os seus movimentos apenas ao retirar o trompete "I" da estante; as três secções estavam soltas dentro uma da outra, e ao puxá-las da prateleira deixou cair duas delas no chão. Isso seria fácil de fazer em plena luz. Todos os seus outros movimentos foram executados sem que eu ouvisse o menor som. As mãos da Sra. Wriedt estiveram

firmemente entrelaçadas nas minhas do momento em que Grayfeather nos mandou "dar as mãos" até ao momento em que disse "Sra. Wriedt, acenda a luz."

Este é o exemplo mais completo de telecinesia no escuro que me lembro de ter testemunhado. O ato de montar um trompete de alumínio e desmontar outro sem ruído é um feito extraordinário; e o movimento da mesa, do vaso e do trompete pequeno é um fenómeno não menos impressionante.

Aqui terminou a sessão.

O primeiro círculo privado que organizei este ano teve lugar a 3 de Maio, no dia seguinte à chegada da médium. Contava com seis pessoas além da psíquica e, embora as condições atmosféricas não fossem boas, a sessão foi bem-sucedida. Nuvens de matéria altamente rarefeita, levemente iluminada, podiam ser vistas a flutuar na sala, e as vozes, na sua maioria, soaram com volume elevado (sempre um bom sinal). O cavalheiro canadiano que escreveu no *Light* há dois anos com o pseudónimo Paul era um dos meus convidados; outro era o meu sobrinho, o Sr. W., funcionário do Banco de Inglaterra, que assistia a uma sessão pela primeira vez.

Como frequentemente acontece, foi a este principiante que foram dadas as provas mais claras. Baseio-me agora nas notas dele. A sessão durou uma hora e quarenta e cinco minutos. (O cavalheiro canadiano é autor de uma série de artigos no *Light*, 1911, intitulados "Confortante Comunhão Espiritual". Esses artigos começaram na edição de 24 de Junho, página 296, e continuaram por vários meses. Contam a história da sua busca pelo espírito de uma freira chamada Adela. Somos amigos há seis ou sete anos. Após a sessão, realizámos juntos duas consultas privadas com a Sra. Wriedt e obtivemos resultados notáveis.)

Iola era visível para mim, e manifestou-se três vezes a Paul, que falou com ela em francês e inglês. Dr. Sharp, Grayfeather e Blossom também estiveram muito presentes. Cito agora das notas do meu sobrinho:

Às 19h entrámos todos na sala, a caixa de música começou a tocar "Vinde todos fiéis" durante dois ou três minutos. A Sra. Wriedt então iniciou a oração do Pai Nosso, que todos acompanhámos. Durante a oração ouvi distintamente uma voz a juntar-se à nossa, e a senhora ao meu lado disse ter ouvido várias vozes, que não pertenciam aos presentes, a juntarem-se ao "Ámen."

Ficámos em silêncio durante alguns instantes numa escuridão opressiva. A primeira coisa que notei foi uma luz enevoada, semelhante a fumo de charuto, a flutuar sobre a médium, seguida de uma luz branca intensa junto aos seus pés; parecia luz de magnésio. Quase de imediato, senti flores roçarem-me levemente a cabeça, e recebi uma palmada distinta na cabeça. Pouco depois, um ramo de flores — que mais tarde verifiquei ser de cravos — foi empurrado do chão junto ao meu joelho, e ao tocar percebi que os caules estavam inseridos na extremidade mais estreita de um dos trompetes. Segurei as flores na mão esquerda durante o resto da sessão.

Logo a seguir ouvimos uma voz, que nos disseram ser de *Grayfeather*. Após falar com o meu tio durante alguns segundos, foi-me apresentado. A voz vinha de frente para mim, a cerca de um metro de distância; penso que estava a retirar energia de mim. O diálogo foi mais ou menos o seguinte:

Grayfeather: "Olá, pequeno chefe!"

W.: "Como está, *Grayfeather*? Ouvi falar muito de si, e estou muito contente por o conhecer."

G.: "Vi-te outro dia."

W.: "Onde me viu?"

G.: "Vi-te a escrever."

W.: "Oh, onde é que eu estava a escrever?"

G.: "Num sítio grande."

Depois descreveu razoavelmente bem o escritório onde trabalho no banco, e disse que me tinha visto "há duas luas"; também me perguntou se conhecia alguém com um nome parecido com *De Lancy*, *De Vaney* ou *De Vine*. Não me lembrei de ninguém com esse nome. Disse-lhe isso, e ele continuou a falar sobre a escrita:

G.: "Em algum lugar da tua cabeça pensas em deixar essa escrita. Não vás!"

W.: "Acha, *Grayfeather*, que devo ficar lá. Porquê?"

G.: "Não vás pela água; a terra é melhor para ti. Fica em Londres; Londres é um bom lugar. Vais ser um grande chefe um dia."

W.: "Acha que terei sucesso?"

G.: "Sim, fica."

Grayfeather voltou a falar com o meu tio, mas de repente dirigiu-se novamente a mim.

"Tu tens dores de cabeça?"

"Sim."

"E olhos cansados?"

"Sim, se houver ligação entre os dois."

"Sim, os olhos deixam a cabeça cansada."

"Achas que devo consultar um oftalmologista?"

"Não. Deves aplicar 'Modecamentum'. Coloca um pouco no dedo mindinho e esfrega no canto do olho, junto ao nariz."

"Muito obrigado, *Grayfeather*."

Ele também me disse que me tinha visto com uma índia. Era muito boa para mim. Uma boa índia.

O espírito seguinte a manifestar-se foi Iola, a guia espiritual do meu tio, que me foi apresentada. Ela aproximou-se de mim e chamou-me "primo em terceiro grau" (sou seu primo em primeiro grau, com uma geração de diferença). Evidentemente, absorvia força de mim, pois mal conseguia ouvir a sua voz a não ser quando se afastava de mim e ia até ao meu tio, que estava sentado duas pessoas à minha direita. Disse que os meus avós estavam muito bem e felizes, e que enviavam o seu amor. Perguntei-lhe quem me tinha oferecido as flores. Respondeu que tinha sido a avó. Pedi-lhe que agradecesse e dissesse que tinha colocado uma no botão da lapela. O meu tio conseguia ver Iola, mas eu não.

Depois apareceu o Dr. Sharp, que enviou cumprimentos à minha tia Isabella. Disse estar feliz por ela estar melhor, pois tinha passado um inverno muito difícil. Falou também sobre o "Modecamentum", repetindo o que Grayfeather já tinha dito. Acrescentou ainda que era um medicamento alemão, bom para problemas renais se tomado com um pedaço de açúcar.

A seguir, apresentou um espírito chamado R—, que estava tímido e com dificuldade em falar ao início. O Dr. Sharp encorajou-o dizendo-lhe para falar por si. Acabou por ser identificado como Sir G— R—, avô do vizinho à minha esquerda e oficial naval distinto sob o qual o meu tio tinha servido há quarenta anos. Falou em privado com ambos.

A guia espiritual de outro participante, Paul, veio e falou com ele em voz muito baixa durante algum tempo. O seu nome era Adela. O meu tio foi-lhe apresentado. Também veio um antepassado desse senhor que falou num forte sotaque escocês.

Nos intervalos entre as vozes, consegui ver claramente luzes espirituais a flutuar pela sala. A médium viu, junto aos meus joelhos, a forma de uma criança. Noutra altura, viu uma senhora idosa chamada Margaret, com touca. Esta última poderá ter sido esposa de um primo meu. Ela também viu, em algarismos romanos, o número quinze. Mais tarde viu um homem alto, de roupas cinzentas, com cerca de vinte e três anos, sem barba, que tentava falar e parecia dirigir-se a mim. Não consegui identificá-lo.

Um espírito apareceu dizendo chamar-se James. Após alguns segundos, ficou à minha frente e tentou fazer-se entender. Só consegui ouvir "James" e nada mais. Gemeu, afastou-se por um minuto e depois voltou. Parecia muito frustrado por não conseguir comunicar comigo.

"Sois parente meu?"

"Sim."

"És parente do meu pai?"

"Ele é meu filho."

"Fico muito feliz por te conhecer e espero que estejas bem. Posso deixar alguma mensagem para o meu pai?"

"Diz-lhe que tenho muito orgulho nele."

"Sim, vou dizer-lhe."

"Diz-lhe que estou orgulhoso dele, da esposa e da família. Ele teve uma vida difícil, e tu também estás a lutar. Eu também tive uma vida difícil."

"Sim, avô, vou dizer-lhe isso."

"Diz-lhe que estou muito contente com esta mudança que ele está a fazer. É algo bom."

"Estás feliz?"

"Agora sim, mas Deus roubou-me."

"O que te roubou?"

"A vida. Tive de deixar a minha mulher e família."

(O espírito estava claramente angustiado com este tema, por isso não insisti.)

"Podes dar alguma mensagem para que o meu pai te reconheça?"

"Pergunta-lhe se se lembra de uma corrente e um relógio. Uma corrente de prata e um relógio."

"Sim, vou perguntar."

"Diz-lhe que venha aqui."

"Não creio que ele venha, mas vou transmitir o que disseste."

"Sim, diz-lhe que tenho orgulho nele."

"Voltarás a comunicar comigo?"

(Sem resposta. Pausa.)

"Posso tocar-te? Adeus."

"Sim, estendo-te a mão."

"Que Deus te abençoe, rapaz."

O espírito tocou-me suavemente nas costas da mão. O toque parecia totalmente humano.

O espírito seguinte foi Blossom, que era conhecida do meu tio. Ele perguntou-lhe quantos anos tinha. Ela respondeu duzentos. Tinha uma voz aguda e uma risada peculiar. Aproximou-se de mim.

"Olá, pequeno chefe."

"Olá, Blossom."

"Quem te deu esse alfinete?"

"Ah, isso não te vou dizer."

"Eu sei. Foi uma rapariga bonita."

"Se sabes, como se chama?"

"Mary."

"Não, está errado."

"Então foi Fanny."

"Errado."

"Foi Mary."

"Não foi."

"Veio numa caixinha azul, da Regent Street."

"Sim."

"Já não tens a caixa."

"Não, acho que não. O que fiz com ela?"

"Puseste-a num balde. Não, num cesto."

"Sim, acho que sim. O que estava a fazer quando a deitei fora?"

"Estavas a limpar a casa."

"Certo. O que mais deitei fora?"

"Colarinhos e duas gravatas."

"O que fiz com eles?"

"Entregaste-os à Índia."

"Certo. E o que ela fez com eles?"

"Arranjou os bons e deitou fora os maus."

"Quem te contou tudo isto?"

(Numa resposta ofendida) "Ninguém."

"Quem deixou cair água na minha mão há pouco?"

"Iola. Ela está a arranjar as flores. Adeus."

Seguiram-se mais manifestações sem grande importância.

(A minha irmã Isabella é conhecida do Dr. Sharp, pois ela e a Sra. Wriedt passaram um dia juntas em 1911. O meu cunhado contou-me que o seu pai, James W., morreu em 1866, com 58 anos. Usava sempre um relógio de prata, o que era pouco comum na época. Estava

prestes a mudar-se de casa. A conversa de Blossom sobre o meu sobrinho ter dado uma caixa vazia e alguns colarinhos velhos à empregada, durante a limpeza da casa, foi bastante certa. O Sr. W. sofre muito dos olhos. Quanto à rapariga bonita, ouviremos mais adiante.)

No dia 24 de Maio, convidei o Sr. W., que nunca tinha estado numa sessão. Foi uma excelente sessão, mas não posso registar tudo, pois dois dos meus convidados são contra qualquer publicidade relativa aos seus espíritos visitantes. A meio da sessão, Blossom manifestou-se e dirigiu-se ao Sr. W.

"Olá Chefe. Vim ver o meu apaixonado."

"Quem é essa Blossom?"

A voz então aproximou-se de mim e riu-se. "Sou o teu apaixonado?"

"Sim."

"Obrigado, Blossom."

"Recebeste uma carta bonita ontem." (Aqui fez alguns sons estranhos.)

"Sim, muito bonita. Mas não estavas certa da última vez sobre o alfinete. Não foi comprado na Regent Street."

"Oxford Street, então."

"Sim, melhor assim."

Blossom então dirigiu-se ao meu tio, que brincou com ela sobre uma sessão anterior, em que ela se queixou de ele a ter beliscado depois de tocar no trompete. Ela despediu-se dizendo adeus a todos e ao seu apaixonado com um "Ah hi".

Grayfeather veio ao meu irmão e perguntou pelas riscas do uniforme.

"Como vão as riscas?"

"Tenho duas, muito obrigado."

"Vejo-te com três em breve."

"Ainda não será tão cedo."

"Não vai demorar muito."

"Ainda vou ter de esperar muito."

Grayfeather falou brevemente comigo sobre os meus olhos.

(As notas do meu jovem parente estão muito correctas. Os sons estranhos foram depois explicados. O irmão disse-me que eram tentativas de beijo. Acompanhei o Sr. W. até à estação e ele contou-me que se tinha noivado no dia anterior. A carta que recebeu continha a aceitação final. Mas a jovem era contra o espiritualismo, por isso não poderia aceitar novo

convite meu. Mais tarde, informei Blossom da razão pela qual o seu apaixonado não poderia voltar, e ela respondeu que gostava dela na mesma. A Sra. Wriedt não sabia, nem sabe até hoje, quem são estes jovens ou as suas ocupações. O conhecimento de Grayfeather sobre distintivos de uniformes navais já tinha sido demonstrado no ano passado.)

Antes de terminar este relato, que faço intencionalmente breve pelas razões já expostas, é necessário mencionar um pormenor curioso de uma sessão privada que tive sozinho com a Sra. Wriedt na terça-feira, 20 de Maio, das 10h50 às 11h45. Após trinta minutos de uma excelente sessão, uma voz que nunca tinha ouvido antes falou através do trompete em tons claros e deliberados, sem qualquer hesitação.

"Sidgwick. Diz ao Barrett que o jovem que lhe falou era George? Alexander, filho, que morreu de septicemia."

Pergunta. "Porque não foste ter com o Barrett?"

Resposta. "Não sabia que ele estava aqui."

John King esteve presente nesta sessão. Quando terminou, a Sra. Wriedt e eu discordámos sobre o nome próprio de Alexander. A sessão foi cheia de incidentes para mim. Depois do almoço, a Sra. Jacob chegou para uma sessão privada e pedi-lhe que, se tivesse oportunidade, convencesse John King, caso se manifestasse, a dar-lhe novamente o nome e todos os detalhes possíveis. John King manifestou-se e ela escreveu tudo o que lhe foi dito. Ao regressar à luz, copiou o escrito para mim. Tenho diante de mim esse papel e também o rascunho original escrito no escuro. Diz o seguinte:

Harold B. Alexander, morreu de septicemia, 17 anos, 13 Carrag (ou Carrack, ou Carrac) Head, filho de John Thomas Alexander, viveu em Dublin, Leinster Road, Sir William Barrett.

Quando a Sra. Jacob me enviou o rascunho original, a 28 de Maio, escreveu que John King estava incerto quanto à ortografia de "Carrag"; corrigiu-a quando ela pensou que era Sir William Barrett quem vivia em Dublin; e que soletrou "Leinster" letra por letra.

Informei Sir William Barrett, em Kingstown, condado de Dublin, sobre a mensagem acima, e ele disse-me de imediato que encontrara no diretório o nome do Dr. Thomas John Alexander, 149 Leinster Road, Dublin, e que o contactara sobre o assunto. As suas sessões tinham sido infrutíferas, e não tinha conhecimento de qualquer rapaz que se tivesse manifestado a ele. Dois dias depois, enviou-me a seguinte nota, que recebera do Dr. Alexander:

O meu filho, Harold Beresford, faleceu no mar no passado dia 18 de Abril, de septicemia. Estava a servir como "middy" a bordo do navio ss. Carrigan Head, e vinha de regresso a casa vindo de Nova Orleães. Tinha completado dezasseis anos em Agosto passado. A sua morte foi anunciada no Irish Times cerca de uma semana depois, creio eu, e todos os dados acima, excepto o mês de nascimento, constavam do aviso.

(Assinado) T. J. Alexander

O seguinte é o aviso publicado no Irish Times de 26 de Abril de 1913:

Alexander. 18 de Abril de 1913, no mar, a bordo do ss. Carrigan Head, de septicemia, Harold Beresford, o quinto e muito amado filho de Thomas John e Ellen Alexander, 149 Leinster Road, Dublin, com dezasseis anos de idade.

"Ele dá o sono aos que ama."

Quando este jornal foi publicado, a Sra. Wriedt encontrava-se em alto-mar. Fiz todas as diligências possíveis e estou certo de que ela nunca poderia ter visto este anúncio.

Note-se que há três discrepâncias: (1) John King deu o nome como John Thomas, e o Irish Times apresenta Thomas John; o próprio Dr. Alexander assina como T. J.; (2) a idade no jornal é de dezasseis anos, enquanto o rapaz tinha dezasseis anos e nove meses; John King diz dezassete; (3) John King dita à Sra. Jacob "13 Carrag Head", sendo o nome real do navio ss. Carrigan Head.

Até aqui, trata-se de um fenómeno espiritual, de facto. Mas como sabemos que espíritos experientes podem ler jornais ou qualquer outro texto que desejem, isto não constitui um teste conclusivo de identidade espiritual. John King poderá ter lido mal as letras "ss." (impressas em pequeno no jornal) e interpretado como "13". Além disso, pode ter querido compensar Sir William Barrett pelas sessões sem resultados. Mas há mais.

Saí da cidade por uns dias e só voltei a sentar-me com a Sra. Wriedt a 3 de Junho de 1913. John King manifestou-se e agradeceu-me a prova que me tinha dado no caso "Alexander". Esta foi a resposta dele:

Bem, o rapaz estava muito ansioso por fazer saber ao pai que estava vivo. Primeiro foi ter com um médium pouco desenvolvido em Dublin, mas não conseguiu comunicar. O professor Sidgwick estava a ajudá-lo e disse-lhe para vir aqui, e ele tentou fazer-se reconhecer por um amigo do professor.

A resposta veio imediatamente após o meu comentário. Se John King tivesse inventado tudo isto como uma fraude para enganar Sir William Barrett, seria algo muito fora do seu carácter. Conheço-o há nove anos e posso afirmar que ele retira especial satisfação em ajudar em casos onde é necessária consolação. Nem a Sra. Wriedt, nem a Sra. Jacob, nem Sir William Barrett, nem eu tínhamos qualquer conhecimento sobre a morte de um aspirante a oficial no navio a vapor Carrigan Head. Não conhecia o professor Sidgwick, nem me interessava por ele ou pelas suas obras, nesta vida ou na outra. Deixo ao critério de Sir William Barrett e do pai enlutado tirar as conclusões que acharem adequadas.

Passo agora a apresentar o testemunho de outras pessoas.

Os três amigos cujo relato se segue são o Sr. e a Sra. W. Hasler Browne e uma prima desta, a Sra. Owen.

Cambridge House, segunda-feira, 9 de Junho de 1913, 19h45.

Após uma ou duas vozes terem falado, a Sra. Wriedt disse: "Sra. Owen, há uma menina no

chão ao seu lado com a cabeça pousada no seu colo. Reconhece quem é?"

A resposta foi: "Sim, é a minha filhinha, que faleceu ainda bebé."

Esta resposta deveu-se ao facto de a menina já ter sido vista várias vezes junto à mãe em visões clarividentes. Também lhe fora permitido comunicar por escrita automática, e a mãe tinha sido levada a crer que se manifestaria em Cambridge House.

Passado pouco tempo, ouviu-se uma doce voz infantil a dizer através do trompete:

"Mamã, mamã, estou aqui." Seguiu-se a seguinte conversa.

"És tu, Ruby?"

"Sim, mamã querida." (Ouviram-se beijos pelo trompete.) "E para o pai." (Mais beijos.) "É tão bom ver-te, mamã querida."

"Meu amor, estou tão feliz por saber que estás aqui. O pai ficou triste por não poder vir também."

"Sim, querida mamã. Agradece-lhe pelas flores. Eu adoro flores." (Esta referência não foi compreendida.) "E diz-lhe que o toquei, podes, mamã? Eu estive com ele."

"Onde?"

"Na sala de jantar. Toquei-lhe. Podes dizer-lhe isso?"

"Sim, direi, querida. Ajudaste-me a escrever uma vez?"

"Sim, mamã."

"Está alguém contigo?"

"Sim, a avó está comigo."

"Qual avó?"

"A avó Owen."

"Manda-lhe o meu amor."

"Sim, mamã. Ela vai falar contigo em breve."

"Isso é bom. Ficarei contente."

"Adeus, mamã querida. O meu amor para o pai, os manos e a mana." (Beijos.)

(Ela tem dois irmãos e uma irmã ainda vivos. Dois deles nasceram após a sua morte.)

Depois dirigiu-se à Sra. Browne, saudando-a com beijos. "Eu conheço-te, tia, e gosto muito de ti. Manda beijos aos primos." (Beijos.) "Adeus, tia."

Depois, voltando-se para o Sr. Browne, disse. "E tu, tio." (Beijos.) "Gosto muito de ti." E regressando à mãe. "Adeus, mamã querida." E partiu. Ela nunca conheceu, nem ouvira

falar, do Sr. e da Sra. Browne na sua breve vida terrena. Morreu aos quinze meses de idade.

A Sra. Browne sentiu dois toques no chapéu que tinha pousado sobre os joelhos. Em seguida, uma voz, claramente a de uma jovem mulher, dirigiu-se a ela pelo nome e identificou-se como "Mary Hills".

"Não me lembro de ter conhecido alguém com esse nome."

"Você é a Sra. Browne, não é?"

"Sim. Pode dizer-me algum detalhe que me ajude a lembrar-me de si?"

"Venho agradecer-lhe pela grande bondade que me mostrou quando estive doente, e por me ter escrito quando estava no sanatório."

A Sra. Browne considera isto uma prova conclusiva da veracidade do fenómeno da voz e, quanto a ela, da identidade do espírito comunicante. Mary Hills não lhe vinha à mente naquela altura. Na verdade, tinha-se esquecido do nome. Só após esta lembrança é que se recordou de a ter ajudado, há cerca de doze anos, sendo ela uma jovem tuberculosa pobre. Certamente que a telepatia não basta para explicar este episódio.

Mais tarde, a mãe do Sr. Browne apareceu e saudou carinhosamente os três amigos. Enviou também uma mensagem afetuosa à sua filha. A sua breve conversa revelou provas satisfatórias da sua identidade, e demonstrou estar bem informada sobre as circunstâncias e acontecimentos da vida da família ainda encarnada.

Considerando no geral, a sessão foi um sucesso completo. Várias vozes, audíveis para todos os presentes, falaram frequentemente em simultâneo, e por vezes a Sra. Wriedt falava ao mesmo tempo. Há trinta anos, o Professor H. Sidgwick disse:

"Temos de forçar o objeitor a admitir os fenómenos como inexplicáveis, pelo menos para ele; ou acusar os investigadores de mentira, fraude, ou de uma cegueira e esquecimento incompatíveis com qualquer estado intelectual que não a absoluta loucura."

Para um investigador imparcial, parece que esse objetivo foi alcançado.

O que se relata acima é uma descrição verdadeira da nossa experiência em Cambridge House, no dia 9 de Junho de 1913.

W. Hasler Browne
A. M. Hasler Browne
Rosa Owen

6 de Agosto de 1913
Do presidente em exercício da London Spiritualist Alliance:

Caro Almirante Usborne Moore,
Foi para mim um privilégio participar em três sessões privadas com a Sra. Wriedt e, como solicitado, tenho o prazer de lhe enviar uma cópia das notas feitas imediatamente após

cada sessão. Desejo dizer que, embora em completa escuridão física, as condições eram tais que me inspiraram total confiança na integridade da médium, o que foi confirmado pelos fenómenos subsequentes. Se as vozes ouvidas pertenciam realmente àqueles que diziam estar a falar, nunca poderá ser provado com certeza; mas presumivelmente assim era, e, sem dúvida, forneciam informações desconhecidas para a médium ou para a minha esposa, e certamente ausentes do meu pensamento naquele momento.

Com os melhores cumprimentos,
Henry Withall

Sessões em Cambridge House, Wimbledon

10 de Maio de 1913, às 13h30, em completa escuridão. Presentes apenas a minha esposa, eu próprio e a Sra. Wriedt como médium.

Quase de imediato fomos tocados no rosto e nas mãos; depois, enquanto eu segurava ambas as mãos da Sra. Wriedt, uma flor foi retirada de um vaso e entregue à minha esposa, e outra a mim.

A primeira voz ouvida através do trompete dizia ser a do Dr. John, que felicitou a minha esposa por estar suficientemente bem para comparecer, e, referindo-se às dificuldades do ano anterior, disse que a sua saúde física estava melhor, e que o seu desenvolvimento psíquico progredia apesar das limitações físicas.

Stainton Moses falou de seguida, dizendo o quanto estava presente comigo e a ajudar no trabalho da Alliance. Felicitou-nos pelo trabalho realizado até então, assegurou à minha esposa que a sua mediunidade, que já era útil, em breve seria de grande serviço para ele e para outros, e que podíamos sempre contar com a sua ajuda quando a procurássemos.

O orador seguinte identificou-se como James Withall e disse que tinha sido trazido pelo seu sobrinho George, filho do seu irmão William (o que deveria ter sido seu irmão Charles, já que William não teve filhos); e que queria ser considerado como pertencente à família, apesar de agora estar esquecido. (Vivera há mais de um século.)

A minha irmã Helen falou algumas palavras, embora com dificuldade. Afirmou que fora ela quem colocara as flores nas nossas mãos, e esperava poder fazer mais numa sessão futura, acrescentando que havia uma grande reunião de amigos presentes que nos enviavam cumprimentos afectuosos.

John King saudou-nos com naturalidade.
Rose Rogers disse algumas palavras.

Todas as vozes estavam mais ou menos indistintas e teriam sido mais audíveis sem a utilização do trompete.

19 de Maio; as condições eram as mesmas. Poucos segundos após apagar-se a luz, e antes de a Sra. Wriedt retomar o seu lugar, uma voz saudou-nos. Era John King, que me disse ter estado presente na Conferência de Genebra e ouvido uma conversa entre o Sr. E. W. Wallis e uma senhora corpulenta estrangeira, que ele achava ser de nacionalidade holandesa.

Pedi-me que dissesse ao Sr. Wallis para não aceitar a afirmação feita por ela como verdade absoluta, pois a senhora estava enganada nas suas conclusões.

No dia seguinte, ao encontrar-me com o Sr. Wallis, confirmei que ele efectivamente conversara com uma senhora dessas em Genebra, que lhe falara de uma sessão em escuridão total que lhe parecera insatisfatória, suspeitando de ajuda por parte da médium. Este foi, provavelmente, o incidente a que John King se referia, e, se assim for, a mensagem tem valor comprovativo.

Mais tarde, durante a sessão, dois espíritos falaram ao mesmo tempo. Um dizia, em voz alta, ser meu pai, e o outro dizia suavemente o nome "Winnie". Tivemos de pedir que falassem um de cada vez, pois ouvir os dois era confuso. Tentámos perceber o apelido de Winnie, que repetiu várias vezes, mas não conseguimos. Pensamos saber de quem se tratava, pois confirmou que conhecíamos a sua mãe e tia. Curiosamente, não mencionou a irmã, e não insistimos. (Soube depois que as irmãs não se davam bem.)

A Sra. Wriedt viu, por clarividência, uma senhora que sofrera muito com um problema na garganta (provavelmente a causa da sua morte), mas não conseguiu dar o nome. Acreditamos que fosse a nossa amiga Olive, que falecera devido a cancro na garganta, e que, ao falar através da minha esposa oito dias antes, anunciara a intenção de nos acompanhar à sessão.

John King voltou a saudar-nos, dizendo que aproveitaria a oportunidade para ajudar no desenvolvimento da mediunidade da minha esposa. Ela sentiu, de facto, uma forte influência, como uma série de choques eléctricos quase insuportáveis. Como não houve mais manifestações, o poder terá sido todo utilizado nesse esforço.

26 de Maio; as mesmas condições. Fomos saudados em voz alta por John King, seguido por alguém que se apresentou como Mat Davies, dizendo ser meu avô, acompanhado da irmã Jane.

O tio da minha avó chamava-se Matthew Davies, e a sua irmã Jane, pelo que houve alguma confusão no grau de parentesco. Numa sessão posterior, Matthew Davies esclareceu voluntariamente que eu o havia compreendido mal. Ele conhecia bem o seu grau de parentesco com a minha avó e tinha-o declarado corretamente. Ambos queriam ser reconhecidos como pertencentes à família.

Frank Rogers tentou falar, mas era demasiado indistinto para se entender.

Dr. John felicitou a minha esposa pelo desenvolvimento da sua mediunidade e disse que os seus amigos espirituais estavam satisfeitos com as perspectivas imediatas, embora ainda houvesse alguma dificuldade de ordem física. A qualquer momento, ela poderia tornar-se clarividente e facilmente controlável. Falou ainda sobre os muitos amigos espirituais presentes na nossa sessão de véspera em Oakwood, confirmando as suas identidades, nomeadamente Stainton Moses, W. T. Stead e outro espírito. Este último falou-nos em francês, prometendo ajudar nas sessões futuras em nossa casa, e dizendo como o reconheceríamos, caso o víssemos.

Stainton Moses falou de forma natural, com voz alta e clara. Encorajou-nos em relação às sessões dominicais e disse-me que, se não ocupava a cadeira nas reuniões da Alliance, não estava muito longe. Estava satisfeito com a forma como tudo estava a decorrer e com a continuidade do trabalho da *Light*. Referiu-se também à sua agradável convivência com o Sr. Rogers, o Sr. Hopps e o Sr. Glendinning. Mencionou ainda que um amigo comum sofria de episódios de ansiedade e depressão devido ao seu estado de saúde, e aconselhou-nos a animá-lo, pois era uma boa pessoa.

W. T. Stead disse que tinha tentado controlar a minha esposa na noite anterior. Estava feliz por ter conseguido pronunciar o seu nome e esperava conseguir fazer melhor da próxima vez, pois acreditava que, com a sua atitude mental, a mediunidade dela se revelaria uma bênção. John King voltou a falar, de forma amigável, dizendo que esperava visitar-nos no domingo seguinte, depois de ir a casa de Husk, e que ajudaria os outros espíritos nos seus trabalhos de desenvolvimento. Procedeu então a carregar a minha esposa com magnetismo. Aconselhou-nos a não comentar a vinda de Mr. Stead, pois muitos o estavam a reclamar como guia espiritual, o que não era verdade.

A sessão terminou.

Testemunho de um engenheiro de minas com vários interesses no norte de Inglaterra

7 de Maio de 1913. Sessões privadas à tarde com a Sra. Wriedt em Cambridge House. Ninguém na sala excepto a Sra. Wriedt e eu.

É difícil dar um relatório completo destas sessões, pois a maior parte das conversas dizia respeito a assuntos de carácter privado. Em todas as minhas sessões privadas, o meu irmão Jim foi a presença dominante. Esta foi a primeira sessão que tive com a Sra. Wriedt este ano, e estava incerto quanto aos resultados. Mas assim que a luz foi apagada, o meu irmão Jim saudou-me e caímos numa conversa como a de dois irmãos que foram muito unidos quando vivos.

Falou imediatamente de questões de negócios que me causavam preocupação na altura, e demonstrou estar a par de muitos pormenores. Dois senhores com quem eu estava estreitamente ligado em negócios estavam doentes. Um estava acamado, o outro em viagem para tentar recuperar a saúde. Depois de me convencer de que conhecia todos os factos sem ajuda da minha parte, perguntei-lhe se podia dar-me uma ideia do que o futuro traria em relação aos dois amigos doentes. Respondeu que esperasse alguns minutos e que chamaria o Dr. Sharp, que os veria e depois me informaria.

Durante esse intervalo, uma irmã que faleceu em criança há quase quarenta anos veio falar comigo, dizendo o seu nome com clareza. Disse corretamente a causa da sua morte e recordou-me, de forma voluntária, alguns pequenos episódios da nossa infância, terminando com o conselho: "Não partas o pescoço, essa coisa com rodas que tens vai demasiado depressa." (Confesso que conduzo a alta velocidade nas longas retas do norte.)

Jim e o Dr. Sharp voltaram. Este último descreveu em pormenor a causa da doença dos meus dois amigos. Disse que o que estava acamado era um caso perdido, pois sofria de uma

doença maligna que seria fatal dentro de semanas. O outro sofria apenas de consumo excessivo de charutos (sabia que ele fumava muito) e estaria bem por pelo menos mais dois anos. Posso dizer que o primeiro caso terminou de facto em morte no último dia de Junho, e o segundo senhor está agora com saúde normal.

O Dr. Sharp disse-me também que tinha feito uma visita à minha mãe de passagem e descreveu a causa da sua má saúde, que diferia apenas ligeiramente do diagnóstico do seu médico. Isto é praticamente tudo o que posso relatar desta sessão, sendo muito do conteúdo de natureza privada, mas tão convincente para mim que não tenho dúvidas de que não há morte e de que os meus próprios amigos estavam a falar comigo. Durante a parte inicial da sessão vi uma figura luminosa a mover-se perto de mim, e ao mencioná-la ao meu irmão, ele disse que era ele.

Fiquei para a sessão em círculo nessa mesma noite, como em todas as visitas seguintes a Cambridge House, exceto na última. Refiro isto para que se entenda sem necessidade de mais explicações. O espaço não me permite dar um relato detalhado destas sessões em círculo, nem o poderia fazer sem a autorização de muitos dos participantes, que não conheço. Por isso, limitar-me-ei a descrever os aspetos mais marcantes da sessão. Segundo as minhas notas, nessa noite, durante a sessão, ouviu-se o forte ladrar de um cão grande.

Como ninguém pareceu comentar, pedi à Sra. Wriedt que perguntasse ao Dr. Sharp qual era o motivo. O Dr. Sharp disse que se tratava de um cão grande que tinha vindo com uma criança — um menino de cabelo claro e encaracolado. Pouco depois, o menino falou com o pai, dizendo-lhe que tinha vindo e trouxera o cão (nomeando-o), e falou dos seus pequenos pertences de criança que a mãe tinha guardado numa gaveta.

"Blossom", a pequena índia, veio e conversou animadamente com vários participantes no seu jeito peculiar. Acusou um senhor de ser um perdedor inveterado de alfinetes de gravata e botões de punho. A esposa, que estava presente, admitiu depois da sessão que isso era verdade. O meu irmão apareceu e garantiu-me que tudo corria bem nos trabalhos na minha ausência e que tinha havido uma pancada de chuva à tarde. Estava correto. O Dr. Sharp, em resposta à pergunta de uma senhora, disse que um "santo" era uma criança que nunca chegou a nascer para ver a luz do dia.

As minhas notas foram escritas uma ou duas horas depois das sessões e ampliadas nessa mesma noite, durante a longa viagem de comboio para o norte, onde cheguei de manhã.

14 de Maio de 1913. Sessão privada. Grande parte desta sessão foi ocupada pelo meu irmão, que trouxe parentes que eu nunca tinha conhecido e que conseguiram dar explicações detalhadas de mistérios de família com mais de setenta anos. Um dos intervenientes mostrou-se irritado por eu ter tentado, há alguns anos, resolver o enigma por conta própria, realizando uma busca pessoal num país distante e pouco conhecido. No entanto, ao longo da conversa, acalmou-se e completou o elo em falta na cadeia da história. Para mim, foi uma conversa extremamente natural e muito convincente.

Durante esta sessão, apareceu também alguém a assobiar distraidamente. Perguntei-lhe quem era, mas não consegui perceber o nome. Depois começou a explicar que tinha morrido

há cerca de um mês. Reconheci-o de imediato como um dos meus empregados, que tinha morrido instantaneamente num dos meus locais de trabalho. Falou sobre questões da sua casa que deve ter conhecido já depois da morte, e que estavam corretas.

Mais tarde apareceu outro homem idoso, dizendo que tinha trabalhado para mim há muitos anos, numa certa mina no norte. Não consegui lembrar-me do seu nome, então perguntei-lhe se também tinha morrido num acidente. Respondeu que não, que tinha morrido de velhice e reumatismo. Depois perguntou-me se eu não me recordava de lhe ter dito que era demasiado velho para trabalhar na mina e que, por isso, lhe tinha dado um trabalho leve.

Disse-lhe que lamentava, mas que não conseguia recordá-lo entre os milhares de trabalhadores que passaram pela minha empresa. Demonstrou ter conhecimento íntimo do local que descreveu, e tudo o que disse estava correto, especialmente ao descrever uma característica rara e marcante, que não especifico por razões óbvias.

Na sessão em círculo da noite houve muita conversa entre vozes e participantes, parte dela em francês e holandês. Um marinheiro apresentou-se a um oficial da marinha presente, e pareceu divertir-se a recordar as suas peripécias e castigos. O oficial reconheceu-o. Blossom voltou a manifestar-se, falando no seu modo infantil animado. Alguns dos presentes disseram que conseguiam ouvi-la, mas que gostariam também de a ver. De imediato, ela respondeu "Vou apertar-me para que me vejam."

Num instante vi uma coluna de luz com a forma de uma rapariga, mas logo desapareceu. John King falou connosco, e o Sr. Stead, em resposta a uma pergunta da Sr.^a Harper, disse que estava muito ocupado e puxado de um lado para o outro, mas que estava muito contente por nos ver a todos e por testemunhar o grande regresso. Disse que, mesmo que tentassem acabar com o espiritualismo, ele continuaria a emergir. Julia fez também um pequeno discurso final encantador.

21 de Maio de 1913. Sessão privada. Mais uma vez, a maior parte da sessão foi ocupada pelos meus familiares espirituais, que falaram sobre assuntos privados, demonstrando que acompanhavam os acontecimentos da semana que me diziam respeito. O senhor idoso que na semana anterior se mostrara irritado veio agora pedir desculpa. Disse-me espontaneamente muito que eu desconhecia, esclarecendo mistérios antigos. Aconselhou-me a tirar proveito do que me dissera e a evitar dificuldades semelhantes.

Alguém apareceu e falou, mas não consegui identificá-lo. John King interveio e perguntou-me se eu tinha uma governanta. Respondi que sim. Disse então que aquele homem era o pai dela, e que queria que eu soubesse que ela era perfeitamente honesta. Reconheci o nome que deu, e ele próprio, pela insistência com que repetia a mesma afirmação, demonstrava querer dissipar qualquer sombra de dúvida sobre a honestidade da filha.

Só parou quando eu concordei com ele. Perguntou-me como ela me servia e deu provas do seu conhecimento e personalidade ao dizer que ela não era muito forte por ser tão alta, entre outros pormenores. Pediu-me que não lhe dissesse nada sobre esta visita, pois isso só a assustaria, visto que não sabia nada sobre estas coisas. Só mais tarde me apercebi de que

a tinha repreendido no dia anterior por deitar fora certos papéis que ela achava inúteis, mas que eu queria guardar. Talvez tenha dito mais do que o necessário, e o velho senhor deve ter estado a ouvir.

Durante esta sessão vi luzes a flutuar, muito semelhantes à extremidade incandescente de um charuto no escuro. Também vi nuvens de luz sobre as flores em cima de uma mesa.

A sessão em círculo dessa noite não teve muitos fenómenos vocais de que me seja possível falar. Durante a sessão surgiu uma luz muito intensa no teto. John King falou longamente sobre a influência dos espíritos. O meu irmão e a minha irmã falaram alternadamente comigo, enquanto outras vozes se ouviam do lado oposto da sala. Falaram em voz baixa e perto de mim, de forma que pude ouvir tudo o que disseram, apesar das outras conversas a decorrer.

28 de Maio de 1913. Sessão privada. No momento em que a Sra. Wriedt apagou a luz, e antes mesmo de se sentar, o meu irmão começou a falar comigo. A conversa versou assuntos familiares privados, tal como a de outros parentes que se manifestaram, e não houve qualquer pausa nas "vozes" durante toda a sessão. Tive uma conversa muito interessante com John King, que me falou dos tempos difíceis que viveu nas suas aventuras nas Caraíbas, parte das quais visitei. Demonstrou grande arrependimento pelo modo de vida que teve nas Índias Ocidentais e disse que agora o seu tempo era dedicado a tentar compensar. John King é uma figura notável e merece respeito.

Levei uma máquina fotográfica Kodak para a sala e coloquei-a na mesa, pronta a disparar, como experiência. Quando a luz foi apagada, expus o filme. Estava a cerca de dois metros e meio da Sra. Wriedt e a cerca de um metro de mim. Durante a sessão vi muitos flashes de luz perto e à frente da lente; eram tão brilhantes que consegui ver claramente a câmara e as flores atrás dela. Os meus esforços fotográficos pareceram atrair o Sr. Bournnell, pois no final da sessão ele falou e disse-me para deixar a câmara na sala até à noite, e que tentariam desenvolver alguma coisa nela — embora sem prometer — e que deixasse tudo exposto e a sala às escuras. Assim fiz. Ao sair da sala às escuras, derrubei o trompete, mas seguindo o conselho da Sra. Wriedt, deixei-o como estava, e saímos juntos, trancando a porta. Cerca de meia hora antes da sessão em círculo da noite, voltei à sala com a Sra. Wriedt. Entrei, fechei a câmara e depois ela acendeu a luz. A primeira coisa que notei foi que o trompete tinha sido recolocado. Chamei-lhe a atenção, mas em vez de se surpreender, comentou apenas que os espíritos o teriam feito depois de sairmos à tarde, pois ainda haveria energia disponível. Sei que aquele trompete não foi recolocado por mãos humanas. Digo ainda que o filme, ao ser revelado, não mostrava absolutamente nada; nem sequer estava velado.

A sessão em círculo da noite foi bem-sucedida, mas consistiu quase exclusivamente em conversas privadas entre familiares. O meu irmão contou-me sobre uma reunião de alguns dos meus operários, realizada na minha ausência para discutir questões laborais. Disse que não teve sucesso, pois apenas dois homens pareciam estar contra mim. Isso veio a confirmar-se.

4 de Junho de 1913. Sessão privada. Esta foi extremamente bem-sucedida. Todos os meus amigos falaram comigo longamente.

O meu irmão insistiu para que eu cessasse imediatamente as relações comerciais com determinado indivíduo, e apresentou os seus motivos. Tive razões para lhe estar grato pouco tempo depois. Um espírito, identificando-se como um certo professor, veio até mim e disse que eu devia informar um amigo meu, antigo aluno seu, que "se ele e a esposa ouvissem uns toques no quarto, era apenas ele". Curiosamente, a primeira pessoa que encontrei na manhã seguinte (a cerca de 480 km de Cambridge House) foi justamente esse amigo, e a primeira coisa que ele me contou foi que ele e a esposa tinham sido incomodados por batidas inexplicáveis durante a noite. Dei-lhe então a mensagem.

No final da sessão senti-me a ser tocado e empurrado, e falei com a Sra. Wriedt, que respondeu a partir de uma distância de pelo menos dois metros. Disse-lhe que estava a ser empurrado, e, depois de falar, alguém falou e disse o seu nome. Demorei algum tempo a reconhecê-lo, até que se identificou como o construtor e antigo proprietário da casa onde agora vivo. Disse que me tinha andado a apalpar para se certificar de que era verdade o que lhe tinham dito — que podia "voltar". Disse que agora estava satisfeito. Perguntei-lhe onde tinha conseguido o dinheiro para construir a casa; respondeu que foi através de apostas, e garantiu-me que nunca roubara ninguém. Sabia que tinha sido um próspero bookmaker em tempos. Suspeito que o grande evento em Epsom o tenha atraído para o sul, pois era dia do Derby.

A sessão em círculo nessa noite foi um grande sucesso: as vozes falaram com a maioria dos presentes. Blossom voltou a fazer-se ouvir, mostrando particular interesse pelo Sr. Withall. Um espirro bem audível foi ouvido através do trompete. Blossom disse que era um homem com "Fitznoenza". O Sr. Withall sugeriu "gripe", ao que Blossom concordou. Esta criança começou então a monopolizar a conversa, e a Sra. Wriedt pediu-lhe educadamente que desse lugar a outros. Como isso não teve efeito, a Sra. Wriedt falou-lhe de forma mais firme. Lamento relatar que Blossom não respondeu com muita educação, e acabou por ser mandada embora de forma perentória. Mesmo ao sair, lançou ainda alguns comentários à Sra. Wriedt, que só podem ser descritos como traquinices infantis. Menciono este episódio por ser uma prova muito convincente do fenómeno da voz, tal foi a genuinidade do tom exaltado de ambas as partes. Os outros presentes confirmarão isto.

Perto do fim da sessão senti um toque na perna direita. Perguntei à Sr.^a Harper, sentada à minha direita, se me tinha tocado, mas ela não se movera. Enquanto ainda fazia a pergunta, senti um toque na perna esquerda, e a senhora do lado esquerdo também confirmou que não se mexera. Momentos depois, algo pareceu pousar-se no meu colo com algum ruído — suficientemente audível para a Sr.^a Harper me perguntar qual era a causa. Mas não consegui explicar, pois não sentia nada de concreto.

Nesse momento, o meu irmão apareceu e disse que tinha trazido o cãozinho, e que este estava no meu colo. Não o sentia ali, mas ao colocar a mão perto do local onde sentira os toques, ela tocou em algo que parecia ser o focinho frio de um cão. Chamei-o pelo nome, e

imediatamente ele deu um pequeno ganido, igual ao som que fazia em vida quando estava feliz. Isto repetiu-se três vezes, sempre que o chamei pelo nome.

No final, John King fez um discurso sobre os efeitos do pensamento e do som no mundo espiritual, explicando como são reconhecidos e se encontram por afinidades com infinitos matizes de cores.

A minha última sessão foi privada, na tarde de 27 de Junho. Mais uma vez, lamento não poder reproduzir o conteúdo devido à natureza privada das conversas, mas posso dizer que tinha escrito algumas perguntas num cartão que só mostrei depois de estar na sala escura. Quando o meu irmão apareceu, perguntei-lhe se conseguia ler as perguntas. Disse que sim, e deve mesmo ter conseguido, pois respondeu a todas com lógica e coerência.

Mais do que uma vez, enquanto falava comigo longamente, a Sra. Wriedt interrompeu, dizendo que tudo estava muito silencioso e que ele devia ter ido embora. Disse-lhe que estávamos a conversar. Ela respondeu que era muito estranho, pois não conseguia ouvir nada. A voz falava diretamente ao meu ouvido, aparentemente sem o uso do trompete. Assim termina a minha experiência com os fenómenos da Voz.

Estas investigações levaram alguém que, pela própria profissão, é obrigado a ser prático, a acreditar na continuação da vida após o que chamamos de morte, e na capacidade do espírito, que continua vivo, comunicar connosco — desde que se criem as condições, sendo o amor e a fé as principais. Este relato é de alguém que começou, há anos, com o objetivo de provar o contrário, com a segurança típica do ceticismo.

Fiquei a saber que M. E. viajou um total de 6.656 milhas para estar presente nas sessões da Sra. Wriedt em 1912 e 1913.

Este relato é de uma senhora holandesa, que já tinha contribuído com um testemunho em 1912.

Tendo tido o privilégio de estar presente em várias sessões com a Sra. Wriedt em 1913, tenho muito gosto em partilhar algumas das minhas experiências com esta médium extraordinária.

No dia 14 de Maio tive a minha primeira sessão, com a minha irmã e o meu filho, num círculo geral. A minha filha, o meu pai e o meu avô deram-nos as boas-vindas. Falaram parcialmente em holandês e parcialmente em inglês, e pareciam tão contentes por nos ver como nós por os ouvir. Em vida, o meu pai não falava inglês; quando lhe perguntei como o aprendeu, respondeu: "A tua filha ensinou-me." Durante um momento de silêncio, o meu filho começou a assobiar uma melodia, que foi repetida por um espírito, que, no entanto, não revelou a identidade.

O Sr. Stead falou com voz muito rouca e disse ao meu filho: "És o jovem que veio ao meu escritório num estado de espírito muito abatido." Isto foi bastante notável, pois foi a única vez que se encontraram.

No dia 28 de Maio convenci o meu marido a vir comigo. Ficou muito surpreendido ao ouvir a filha dizer: "Pai, que bom ver-te!" Estava muito emocionada e chorou; mas, regressando meia hora depois, falou com voz clara. O pai perguntou-lhe se se sentia sozinha; ela respondeu que não, e acrescentou: "Já não posso sentar-me no teu colo, pai; não me sentirias — estou tão leve agora." O irmão do meu marido, Pat, falou com ele durante muito tempo e ficou feliz por eu o ter conseguido levar à sessão.

Uma menina índia chamada Blossom falou com voz muito aguda e clara, chamando "chefe" ao senhor e "squaw" às senhoras. Quase sempre aparecia nas nossas sessões, e gostávamos muito dela.

No dia 2 de Junho o meu marido e o meu sobrinho vieram comigo. Assim que as luzes se apagaram, ouvimos a voz da minha filha. Começou em holandês, mas continuou em inglês. Quando o pai lhe perguntou se ainda conseguia falar as diferentes línguas, ela respondeu: "Sim, consigo; mas aqui todos falamos uma só língua — a linguagem do pensamento." Acrescentou ainda algumas palavras em francês e italiano.

Pat falou sobre assuntos da família. A sua voz estava um pouco rouca naquela noite, mas geralmente é forte e clara.

Enquanto o meu vizinho conversava com a esposa, ouvimos subitamente o ladrar alto de um cão, que ela disse ser o cão que a acompanha no mundo espiritual.

No dia 11 de Junho o meu filho e o seu tio, de oitenta e dois anos, acompanharam-me. Vários amigos holandeses deram as boas-vindas ao idoso, mas infelizmente não conseguimos compreender tudo o que foi dito.

Nessa mesma noite ouvimos o Sr. Harper e Grayfeather, ambos falando de forma muito clara.

No dia 10 de Junho o meu filho e um amigo mais velho vieram comigo. Este último não tinha muita experiência com comunicações espirituais e ficou bastante surpreendido quando vários amigos o saudaram em alemão.

Depois de a minha filha nos saudar com algumas palavras, a Sra. Wriedt comentou: "Vejo um nome; parece 'Gody'. Alguém reconhece este nome?"

Dissemos que conhecíamos um Sr. Gody em Bruxelas, quando uma voz disse: "Sou eu; como é que esta senhora vê o meu nome? Deve ser uma bruxa!"

Perguntámos-lhe como soubera que estávamos lá, ao que respondeu: "A tua filha disse-me para vir por curiosidade — isto é tudo novo para mim."

Blossom falou ao mesmo tempo e disse a Gody: "Cala-te, Gody; estou a falar!" John King fez um longo discurso sobre a inexistência de espíritos malignos.

Na nossa sessão privada de 21 de Junho, com a minha irmã, os meus dois filhos e o velho tio presentes, vimos primeiro belas luzes a moverem-se dentro do círculo. O meu filho mais

novo exclamou: "Ali está a Yvonne, mesmo à minha frente; vejo-a perfeitamente!" "Sim, sou eu", respondeu ela, "mas parecias assustado."

Virando-se para mim, pediu-me que cantasse com ela uma das canções que costumávamos cantar antes de ela partir; quando lhe disse que já não conseguia cantar, ela cantou sozinha uma canção alemã com uma voz suave e doce. Falou com os irmãos sobre os seus trabalhos. Ao mais novo perguntou se se lembrava de como a provocava e puxava-lhe o cabelo. Antes de se despedir, disse que falava sempre sem usar o trompete.

Várias pessoas holandesas falaram com o meu velho irmão, mas compreendemos muito pouco do que foi dito. Achamos difícil perceber os espíritos quando falam em holandês. (Penso que isto se explica facilmente, pois a língua holandesa tem muitos sons guturais. Uma noite, quando o meu filho estava comigo, pegou no trompete no fim da sessão e falou através dele primeiro em inglês e depois em holandês, mas esta última língua soava muito indistinta.)

Pat estava muito preocupado com o irmão John, que estava doente em Edimburgo na altura. Quando lhe perguntei "Como está ele hoje?", respondeu: "Vou vê-lo agora e depois conto-te." Antes de a sessão terminar voltou, dizendo que encontrara o irmão muito debilitado.

Blossom saudou-nos a todos, um a um. Como sempre, estava muito alegre e fez-nos várias perguntas. Apontei para a minha irmã e perguntei: "Blossom, conheces esta senhora?" Ao responder que não, ouvimos a voz de Yvonne dizer a Blossom: "É a minha Tante." (Tante é "tia" em holandês.)

A minha última sessão antes da Sra. Wriedt ir para a Escócia foi a 28 de Junho, estando presentes a minha irmã e quatro amigas. Como habitual, Yvonne foi das primeiras a dar-nos as boas-vindas. Falou do tio John e disse que ainda estava muito fraco. A voz de Pat estava muito forte naquela noite; depois de falar comigo sobre assuntos privados, dirigiu-se ao círculo todo para falar sobre a situação geral no Reino Unido. O marido da minha irmã, que faleceu há quase cinco anos, falou-lhe em holandês; a sua voz era muito fraca e ininteligível. A seguir veio a minha mãe, que falou em inglês; nem eu nem a minha irmã reconhecemos a sua personalidade, e mais tarde soube, por outra médium, que como a minha mãe não conseguia falar pelo trompete, pediu a outro espírito que falasse por ela. No final da sessão, Yvonne disse "Boa noite" e nomeou corretamente todos os presentes, apesar de não conhecer nenhum deles em vida.

A nossa sessão privada de 7 de Agosto foi muito satisfatória. Estávamos apenas três pessoas: a minha tia da Holanda, o meu filho Vivian e eu. Quase imediatamente após a música terminar, vimos uma luz bela junto à médium e, pouco depois, ouvimos a voz do Sr. Stead: "Como estão? Fico feliz por vos dar as boas-vindas aqui!" A sua voz estava muito mais forte e clara do que nunca o tinha ouvido.

Quando lhe disse isso, respondeu: "Sei mais do que a maioria das pessoas sobre as leis de comunicação entre os dois mundos." Depois teve uma longa conversa com o meu filho e deu-lhe bons conselhos sobre o seu trabalho. O Dr. Sharp veio em seguida e falou com o Vivian

sobre a Organização da Sociedade. Yvonne deu as boas-vindas à tia em holandês, enquanto a mim e ao meu filho falou em inglês. A sua voz e forma de falar são sempre idênticas às da sua vida terrena.

Perguntou ao Vivian se ia juntar-se ao irmão em Cowes (o que foi surpreendente, pois nenhum de nós lhe tinha dito que ele lá estava). Perguntei-lhe se era difícil vir e falar connosco. "De todo," respondeu, "é maravilhoso poder vir assim!" O meu filho disse-lhe que íamos para o mar. "Sim, eu sei; eu também irei," respondeu.

A minha tia ficou muito satisfeita quando o marido, que faleceu há vinte e um anos, lhe disse em holandês: "Estou tão feliz por te ver aqui." Continuou a falar sobre assuntos familiares, mas como ela teve dificuldade em compreendê-lo, pediu-lhe que falasse em inglês.

A resposta dele, ainda em holandês, foi: "Não, prefiro falar holandês," e continuou nessa língua. O filho, que faleceu com seis semanas de vida, estava com ele e falou ternamente com a mãe.

Quando lhe perguntei: "Conheces a Yvonne?" respondeu: "Sim, estou frequentemente com ela, embora esteja numa esfera superior."

Pat estava muito sério nessa noite e deu-me conselhos sobre assuntos familiares. Depois surgiu o pai da minha tia, que está no mundo espiritual há vinte e seis anos. Falou-lhe em holandês, mas a sua voz era muito fraca, por ser a primeira vez que falava através do trompete. O Dr. Sharp voltou e discutiu assuntos políticos com o meu filho. Disse que grandes mudanças ocorreriam na Europa antes do ano de 1915. O que mais nos impressionou foi o facto de ele estar completamente ao corrente de praticamente tudo o que acontece na nossa família.

Perguntei à Yvonne se a sua irmã, que faleceu duas horas após o nascimento, há vinte e oito anos, viria falar comigo. Subitamente, uma voz suave foi ouvida: "Mãe, sou a Magnolia!" (este é o nome dela no mundo espiritual). Disse-lhe o quanto estava feliz por ouvi-la. "Mãe," disse ela, "amo-te tanto e sei que tu também me amas. Estou muitas vezes com a Yvonne — ela é tão doce." "Querida, em que esfera estás?", perguntei. "Estou na esfera Celestial, mãe. A Yvonne não pode vir até mim, mas eu vou muitas vezes até ela." Poucos minutos depois, Yvonne voltou para dizer "Boa noite."

A nossa última sessão num círculo geral, a 17 de Agosto, foi uma das mais interessantes que tivemos em muito tempo. Poucas vozes se ouviram, mas tivemos uma manifestação física extremamente convincente. Estavam presentes a minha tia, o meu sobrinho, uma amiga, cinco estranhos e eu. Ao início, vários viram belas luzes e pouco depois John King deu-nos as boas-vindas.

Disse-me: "Sra. Findlay Smith, como está o seu rapaz?"

"Está bem!" respondi. "Dê-lhe o meu amor. Deus a abençoe."

Falou sobre política dos Balcãs com uma das senhoras, e depois perguntei-lhe se sabia se o meu cunhado na Escócia estava melhor.

Respondeu: "Pode estar melhor por agora, mas continua doente."

"Acha que seria bom ele voltar para a China?"

"Deixe-o ir para onde quiser", foi a resposta.

A seguir, ouviu-se uma voz suave mas clara. Inicialmente não sabíamos para quem era, mas depois percebemos que era o filho de uma amiga, que nasceu morto há cerca de trinta anos. Falou com muita ternura à mãe, que ficou encantada por ouvi-lo. Depois, um distinto oficial do exército turco falou sobre acontecimentos atuais na Turquia e nos Balcãs.

A seguir, ouvimos a voz da minha filha. Disse apenas algumas palavras, mas expressou grande alegria ao saudar o meu sobrinho: "Como estás, Max? Fico tão contente por estares aqui."

Fiz-lhe uma pergunta importante em holandês, de carácter privado. Respondeu-me na mesma língua e mostrou aprovação com uma risada natural e calorosa. Depois sussurrou-me algumas palavras doces e desapareceu dizendo: "Voltarei, mãe!"

Poucos minutos depois, um forte toque de campainha fez-se ouvir por toda a casa. Como o som continuava, a Sra. Wriedt disse: "Não percebo o que se passa." Saiu calmamente da sala e desceu para investigar. Não conseguiu encontrar qualquer explicação, exceto ver no quadro elétrico que uma campainha de um dos quartos estava a tocar. Isto era totalmente inexplicável, pois sabia que a campainha daquele quarto estava avariada. Quando entrou no quarto, não viu ninguém, embora o som continuasse. A campainha não estava a ser pressionada. Quando regressou, contou-nos tudo isto, e poucos minutos depois o som parou.

Subitamente, a minha amiga disse à Sra. Wriedt: "Pergunto-me se foi o meu filho, pois ele prometeu várias vezes que me deixaria ouvir campainhas assim que pudesse."

"É bem possível," respondeu a Sra. Wriedt, e nesse instante uma voz suave sussurrou:

"Fui eu que toquei as campainhas, mãe!"

Pouco depois, a minha amiga foi controlada pelo espírito do primo James, que disse:

"Sim, foi o Joyful [nome espiritual do filho dela] que tocou as campainhas; foi uma promessa antiga que ele fez à mãe, e finalmente foi cumprida."

A minha amiga contou-me, após a sessão, que o seu pai era sineiro numa igreja durante a sua vida.

Não se ouviram mais vozes depois desta manifestação extraordinária, o que não nos surpreendeu, visto que foi necessário muito poder espiritual para produzir o toque da campainha.

Não é preciso dizer o quão gratos estamos à Sra. Wriedt por nos ter proporcionado a oportunidade de conversar, por voz direta, com os nossos amados amigos espirituais.

E. Findlay Smith
Riverside House, Twickenham, 18 de Agosto de 1913

Este relato é de uma senhora residente em Londres:

Estive presente em sessões com a Sra. Wriedt durante três anos — 1911, 1912, 1913 — e fiquei sempre muito impressionada com os resultados. O carácter das sessões foi ligeiramente diferente em cada ano: em 1911, formas brancas com contornos pouco definidos, mas com semelhança geral à forma humana, foram vistas no início da sessão a moverem-se em frente ao gabinete; em 1912 vi duas materializações muito distintas e claras — uma era a cabeça e os ombros do Sr. Stead, e a outra a cabeça de um homem com feições fortes, sem barba e com cabelo grisalho, que não foi identificado por ninguém presente. Este ano (1913), a sala foi organizada de forma diferente, não se usou gabinete e não vi qualquer forma. As vozes foram igualmente claras nos três anos.

Aproveitei todas as oportunidades para falar com a Sra. Wriedt e estou convencida da sua sinceridade e dedicação. É evidente que ela não conhece nenhuma língua estrangeira. Tal conhecimento é raro na América, e ela parece ignorar até os sons das línguas. Numa ocasião, quando uma voz falava rapidamente em italiano, a Sra. Wriedt virou-se para mim e perguntou se estavam a falar francês. Eu própria ouvi alemão, holandês, norueguês, galês e hindustani.

Numa sessão, estava sentada ao lado da médium, tão próxima que a minha mão tocava na sua roupa durante toda a sessão. Tenho absoluta certeza de que ela não se mexeu, nem sequer se levantou. Nessa sessão (a minha segunda visita), uma forma branca apareceu junto ao gabinete, muito etérea e mal definida, mas aparentemente com um vestido bordado na bainha.

Uma voz dirigiu-se a mim e afirmou ser a de uma ama que estivera com os meus netos durante alguns anos e que falecera após uma operação na América. Deu detalhes sobre a doença, falou das suas visitas às crianças, acertando no número e em outros pormenores, e disse: "Não te lembras dos meus vestidos brancos bonitos? Tentei mostrar-te um quando saí do gabinete." É verdade que ela gostava muito dos seus vestidos brancos de musselina bordada, que usava aos domingos. Certamente que eu não pensava nela, nem esperava ouvi-la na sessão; o mesmo se aplica à próxima voz que saudou a minha filha com assobios de canções populares e comentários característicos. Era a de um velho soldado que ela visitava há anos no hospital.

Tinha falecido há poucos meses e ninguém presente o conhecia. A forma como interrompia uma canção para assobiar, o seu estilo brincalhão e as referências ao que se passara foram extremamente convincentes. Falou da última carta que recebeu e das frutas que lhe enviei.

Quando lhe perguntei: "Podes dizer-nos o que eras em jovem?" em vez de responder "Soldado", como esperava, começou a cantar "The curtain rolled up and the band began to play."

Não compreendi, mas depois soube que, em jovem, tinha sido maquinista de cena num teatro. Quando estava no hospital, o seu maior prazer era um pequeno gramofone, e algumas das gravações eram as mesmas que ele cantava e assobiava.

O meu sogro, que nunca conheci, falou comigo duas vezes em alemão. Apresentou-se como Avô S., portanto pode pertencer a uma geração anterior. Na primeira vez falou apenas em alemão e disse que me daria uma pancadinha como sinal da sua presença. Logo depois senti uma pancada na cabeça com o trompete.

Na segunda vez, numa sessão privada, falou em inglês. Disse-lhe em alemão: "Suponho que não te esqueceste do teu alemão?" A voz respondeu de imediato com um fluxo contínuo de alemão, tão rápido que era difícil acompanhar. Devo dizer que ouvi várias vezes duas vozes ao mesmo tempo, bem como a Sra. Wriedt a falar enquanto ocorria uma comunicação.

Numa noite, uma senhora que é musicista profissional estava presente e, como houve algum atraso, acedeu, após muita insistência, a cantar. Mal começou a cantar a "Canção das Jóias" da ópera *Fausto*, uma forte voz de tenor surgiu do trompete e cantou a canção com ela, criando um dueto maravilhoso.

Posteriormente, contou-nos que era a voz do marido, e que ninguém além dela sabia que ele costumava cantar essa música com ela. Mais tarde voltou a cantar, sendo acompanhada primeiro pela mesma voz e depois por um violoncelo. Conversou também com o pai e a mãe, tanto em italiano como em francês. A voz de tenor era inconfundivelmente masculina e ressoava pela sala.

O galês foi falado a uma senhora numa ocasião, e o hindustani noutra, por um soldado nativo que falecera num hospital de uma cidade oriental — Rangoon, se bem me lembro. A voz falou com um oficial, dizendo que o tinha visto nas visitas ao hospital, e indicou o seu nome. O oficial, no entanto, não se recordava do homem, mas confirmou que era sua função visitar esse local e ver os doentes.

Em várias ocasiões, o meu marido falou comigo, chamando-me pelo nome, mas nada de grande importância foi dito; a voz era fraca e as comunicações curtas. Este ano a voz estava muito mais forte, e, numa sessão em círculo geral em Junho, após algumas palavras dirigidas a mim, falou principalmente a dois oficiais presentes, discursando durante alguns minutos, com voz muito clara, sobre o estado da Inglaterra, a condição do povo, entre outros assuntos, de forma bastante interessante. A voz parecia circular pela sala e era claramente audível por todos os presentes. Em vida, ele interessava-se muito por esses temas; no entanto, devo honestamente dizer que não me senti totalmente segura quanto à identidade da personalidade, apesar do nome ter sido dado.

O modo e o timbre da voz não me eram familiares, e continuo sem estar convencida de que não tenha sido uma personificação feita por outro espírito que desejava comunicar. Desde então, recebi uma mensagem através de outro médium que sugere essa possibilidade.

Foi muito diferente na última ocasião, quando tive uma sessão privada. Não havia mais ninguém presente e, quando pedi que a luz ficasse acesa, a Sra. Wriedt consentiu de

imediatamente. Sentou-se em frente a mim e disse-me para pegar no trompete e segurá-lo junto ao ouvido. Assim que o fiz, o meu marido falou através dele, com voz baixa mas perfeitamente distinta, claramente audível para a Sra. Wriedt, que estava a cerca de um metro de distância e mostrava interesse com exclamações apropriadas.

Acrescento que o trompete estava apoiado com a extremidade maior no encosto de uma pequena cadeira e apontado para longe de nós. As comunicações, de carácter pessoal e privado, foram para mim absolutamente convincentes. Passados alguns minutos, a Sra. Wriedt sugeriu baixar a luz, pois a voz ficaria mais forte, o que de facto aconteceu.

A voz falou primeiro sobre os nossos filhos, mencionando que um filho no Brasil não estava bem e que o clima era difícil para ele, dando alguns detalhes sobre o seu trabalho. Mas depois disse: "Interessa-me muito mais falar sobre ti; há tanto que quero dizer e que não posso dizer em público."

Quando as comunicações mais íntimas terminaram, perguntei: "Vês muitas vezes o meu irmão?"

"Oh, sim, vejo muitas vezes o Willy; que homem extraordinário! Ele está aqui hoje e vai falar contigo", respondeu.

De facto, a voz seguinte foi a do meu irmão, que deu provas muito boas da sua identidade.

Quando lhe perguntei pelo seu filho, respondeu: "Queres dizer o Will, Will, que está a correr tão bem, vi-o esta manhã em..."

Seguiu-se uma palavra que não consegui perceber, apesar de várias repetições. Sugeriu algumas possibilidades como "Londres", "Num comboio", "Num hotel", mas as respostas foram sempre "Absurdo", "Nada disso", "Claro que não", até que repetiu com insistência a palavra, que finalmente soou clara e distinta: "Na cabine dele."

Isso estava certo, mas eu desconhecia que o meu sobrinho tinha embarcado no dia anterior num novo navio de guerra, estando assim realmente no mar.

Perguntei também se a filha pequena estava com ele, ao que respondeu: "Sim, mas agora já não é uma criança; é uma jovem mulher linda." (Ela faleceu ainda criança, com uma beleza singular, há já vários anos.) Perguntou também pelos meus dois filhos, usando corretamente os seus nomes próprios. Depois falou a voz alemã, seguida de algumas palavras de John King. Tento relatar apenas os detalhes que possam ser considerados como provas, mas devo acrescentar que, nessa sessão privada, senti-me totalmente em contacto com a verdadeira personalidade que se manifestava e estou convicta da genuinidade dos fenómenos. O facto de algumas sessões serem um fracasso total é, para mim, uma prova adicional da sua autenticidade, se é que tal é necessário.

Numa ocasião, em 1912, assim que a luz foi diminuída e John King começou a falar, um dos participantes, infelizmente, perguntou: "Podes mostrar-nos como consegues entrar dentro do trompete?" O trompete foi imediatamente atirado ao chão com um ruído forte e aparente raiva, e seguiu-se um silêncio absoluto que nada conseguiu quebrar. Após longa

espera, a sessão teve de ser cancelada. Pessoas tinham vindo de longe, e a Sra. Wriedt estava obviamente muito desejosa que tudo corresse bem, mas era impotente perante a situação.

É interessante que as vozes raramente falem com a Sra. Wriedt; mas uma noite, quando eu estava presente, a sua irmã Sarah falou com ela, para evidente surpresa da médium, mantendo uma conversa durante alguns minutos.

A verdadeira dificuldade, na minha opinião, é explicar porque é que algumas destas personalidades aparecem. São muitas vezes pessoas em quem nunca tivemos especial interesse e que aparentemente não têm nada a dizer-nos. Referi o soldado hindu e posso acrescentar que uma amiga minha foi a uma sessão sem dar o seu nome, sendo de imediato abordada por dois antigos criados, que disseram os seus nomes completos e deram outros detalhes convincentes.

Um dos nomes era extremamente raro e incomum, que nunca tinha ouvido antes, o que elimina qualquer dúvida. No entanto, ela nunca teve particular interesse por essas duas pessoas, nem desejava ouvi-las, e não lhe disseram nada de relevante. Talvez um dia se encontre uma explicação para isto.

M. S. Schwabe

Este relato é do Sr. G. F. Oldham, M.R.C.S., L.R.C.P., médico que exerce no sul de Inglaterra:

A história que tenho para contar é a da busca de dois pais em luto — para saber se, de algum modo, poderiam atravessar o véu que os separava do filho mais novo, muito amado, que faleceu há mais de três anos após uma breve doença e os deixou desolados.

A minha esposa e eu tivemos duas sessões com a Sra. Wriedt em 1912, mas não conseguimos atingir o objetivo essencial da nossa busca, embora tenhamos ouvido o suficiente para estimular o desejo de novas sessões. Aproveitámos, com alegria, a oportunidade de realizar uma sessão geral e duas privadas este ano, 1913.

A primeira foi num círculo geral com cerca de dez pessoas, e a primeira voz que ouvimos foi a de um conhecido, cujo nome conseguimos apenas parcialmente identificar. A sua identidade ficou clara quando o Dr. Sharp, o espírito guia, disse que ele tinha falecido com cancro na garganta. Da voz conseguimos o nome próprio da esposa e do cunhado, o que confirmou tudo. A seguir, veio uma voz feminina que, mais uma vez, não consegui identificar claramente. Mais uma vez, o Dr. Sharp interveio, dizendo: "Há aqui uma senhora que quer falar contigo; faleceu quando era criança."

Em resposta às minhas perguntas, ela disse que tinha sido há cerca de cinquenta anos, e que morrera de bronquite ou algum problema na garganta. Dei o nome da minha única irmã, e foi aceite (ela faleceu há quarenta e sete anos com escarlatina, que afeta sempre a garganta). Pedi-lhe, como já antes pedira ao Dr. Sharp, que trouxesse o meu filhinho.

Depois disto, várias pessoas receberam visitas, incluindo uma conversa impressionante entre um cavalheiro do círculo e uma menina índia chamada Blossom.

Por fim, o Dr. Sharp disse: "Há aqui um menino com um pequeno cão amarelo", e após uma pausa ouvimos uma voz sussurrada dizer: "Mãe querida."

Tentei confirmar a identidade com várias perguntas. Chamei-lhe "Billy", um nome carinhoso, e perguntei qual era o nome verdadeiro, ao que respondeu corretamente: "Denis; mas tu chamavas-me sempre 'Billy'." "Qual é o nome do cão que temos agora?" "Don." (Correto.) "É o mesmo que está contigo?" "Não, não é o mesmo cão, mas é o mesmo no corpo." (Tenho agora um collie amarelo, e o anterior era da mesma raça.) "Como chamas ao cão?" "Chamo-lhe Scottie." (Chamava ao meu collie anterior "Sko", diminutivo de "Skolan", o nome de um lendário cão-lobo irlandês.) "O que está por cima do lavatório no nosso quarto?" Para minha surpresa, respondeu: "Uma oração." Depois lembrei-me de que, inserido na moldura de uma ampliação fotográfica dele, há um texto iluminado com as palavras "Jesus chamou uma criança para junto de si", o mesmo que está gravado na lápide do seu túmulo. Parece ter sido uma típica confusão infantil entre um texto e uma oração. "De quem é a imagem que está ali?"

"A do Billy." A fotografia foi colocada onde está depois de o termos perdido, e considero este pequeno episódio muito esclarecedor, sendo a confusão entre texto e oração algo típico de uma criança, o que exclui explicações comuns como telepatia ou leitura da mente.

Em resposta a outras perguntas, ele disse corretamente quanto tempo fazia desde que nos deixara, referiu que o nosso papagaio era da cor da pomba (se fosse telepatia, o que teria vindo à minha mente seria "cinzento"), chamou ao nosso collie atual "acastanhado" (eu diria "amarelo") e disse que a mãe tinha guardado cuidadosamente as suas roupas numa gaveta. Que mais provas confirmatórias poderia eu pedir? Toda a conversa foi profundamente comovente e impressionou muito os presentes.

Cerca de duas semanas depois deste episódio, tivemos a nossa primeira sessão privada, e o nosso menino foi o primeiro a vir. Tivemos uma pequena conversa com ele, cheia de pormenores impossíveis de descrever por palavras, mas que nos deixaram uma impressão muito real. A mãe da minha esposa apareceu, deu corretamente o seu nome próprio e o do marido, expressando grande alegria por ter os netos com ela. Estava informada sobre um mal-estar que eu tinha sentido uns dias antes e perguntou-me sobre isso. Depois dela, veio uma antiga criada, que deu o nome de Ellen Burke e cujo sotaque irlandês era inconfundível; como terá estado ao serviço há mais de cinquenta anos, não posso confirmar a sua identidade. Depois surgiu um tio que se referia constantemente ao filho como "o Coronel", embora na altura da sessão já fosse General de Brigada. Como primo direito, sempre o tratei pelo nome próprio, mas quando pedi à "voz" que me dissesse o nome, respondeu apenas: "O Coronel, claro." Achei isto algo estranho.

O episódio seguinte foi, para mim, um dos mais marcantes de todas as três sessões, apontando para uma possibilidade que eu não esperava. Em 1912, quase a primeira voz que ouvimos disse à minha esposa: "Tu és a minha mãe."

Tratava-se de uma voz masculina adulta e, como eu desconhecia na altura a possibilidade de crianças nascidas mortas sobreviverem no outro mundo, nunca me ocorreu que pudesse ser o nosso filho prematuro, nascido há dezassete ou dezoito anos. A voz disse "Bernard", "Bertie" e outro nome que não consegui entender.

Respondi que o Bertie estava vivo, ao que veio uma resposta: "Não!, Não!, Não!", demonstrando claramente que eu não estava a compreender. Confesso que me senti algo desconfiado e considerei tratar-se de um impostor, e o trompete caiu ao chão com estrondo. No mês seguinte, ocorreu-me que aquela voz podia, de facto, ser a que referi.

Quando a mesma afirmação surgiu este ano, agarrei logo na questão e perguntei: "Foste a voz do ano passado?"

A resposta foi: "Sim." "Chamas-te Bernard? Disseste esse nome o ano passado."

"Não, o meu nome é George William." Algo mais foi dito, mas não percebi, e John King interveio para explicar que o que ele tinha dito era que as iniciais dele e do irmão pequeno rimavam: G. W. O. e D. W. O. Ora isto é extremamente notável. George e William são o meu primeiro e terceiro nomes, embora eu já tenha deixado de usar o William por considerá-lo supérfluo; e D. W. O. são as iniciais do meu filho mais novo. Aqui temos o caso de uma criança que diz ao pai como se chama e aponta a coincidência das iniciais alguns segundos depois de o pai saber o nome da criança. Onde entra a leitura da mente neste caso?

O tempo estava abafado na nossa última visita e temíamos que a sessão fosse fraca; contudo, John King saudou-nos em voz alta no exato momento em que as luzes se apagaram, o que surpreendeu um pouco tanto a médium como a nós. Após uma breve conversa com John King, ouvimos o tão esperado "Mãe querida."

Depois de alguma conversa, subitamente, em total escuridão, estendi o medalhão que levo na corrente do relógio e exclamei: "Consegues dizer-me o que é isto?" Ouvi algumas palavras indistintas, seguidas por um som agudo de choro. "Está a chorar," exclamou a Sra. Wriedt.

Tentámos acalmá-lo e, um minuto depois, falou novamente com clareza, dizendo que era a sua fotografia; depois chamou-me "Querido papá."

Ouvi sons de beijos e o trompete tocou-me na face. Ficou claro para mim que o choro foi causado pelo reconhecimento do símbolo de tristeza que o medalhão representava, pois foi adicionado à corrente após a sua morte. O toque do trompete foi o mais próximo de uma carícia terrena que consegui.

Foi tudo muito espontâneo e comoveu-me profundamente. Pedimos-lhe que voltasse antes da sessão terminar, o que prometeu fazer. Vários parentes vieram e identificaram-se; apareceu um estranho que não consegui identificar nem compreender, até que o sempre prestável John King explicou que era parente de John Redmond, o político, e tinha o mesmo nome. Veio por curiosidade, para ver "como funcionava este espetáculo."

Seguiu-se uma longa pausa; o poder estava claramente a esgotar-se e o nosso menino tinha prometido voltar. A pedido da Sra. Wriedt, a minha esposa segurou o trompete junto ao ouvido; a extremidade larga estava perto dos meus joelhos, e a voz da Sra. Wriedt soava a vários metros de distância. Ouvimos um fraco "Adeus, mamã." A promessa foi cumprida, mas ele claramente já não tinha energia para mais do que um "adeus".

O Dr. Oldham escreve novamente a 21 de Agosto de 1913:

Caro Almirante Moore, tivemos uma sessão a 7 de Agosto. Envio o relato, caso lhe possa ser útil. Espero vê-lo algures durante o Outono, quando for conveniente para ambos; há tantas coisas que me deixam intrigado e a sua vasta experiência poderá, espero, esclarecer algumas delas. Com os melhores cumprimentos, G. F. Oldham.

Ficámos tão satisfeitos com as três sessões bem-sucedidas que aproveitámos com entusiasmo a oportunidade de fazer mais uma quando a Sra. Wriedt regressou a Londres. O nosso menino apareceu poucos minutos depois de as luzes se apagarem e, após o saudarmos, fizemos-lhe várias perguntas como teste. Na escuridão, reconheceu um estojo de agulhas que ia oferecer à mãe no Natal, se estivesse vivo, e soube dizer que continha agulhas.

Quando lhe perguntámos o que tinha acontecido em casa ultimamente, disse corretamente que o nosso velho collie (referido em sessões anteriores) tinha morrido e que estava agora aos cuidados de "Charlie," um professor no reino animal que o treinaria antes de voltar para junto do seu pequeno dono. Quando lhe perguntámos se o irmão estava com ele, disse que este já estava melhor, e que ele próprio tinha ido vê-lo na Terra, no Canadá, onde estava "calor, calor, ouves? calor!", gritando esta última palavra.

Esta afirmação, e a ênfase extraordinária na palavra "calor", intrigou-me; não compreendo que um espírito se queixe de calor. Mostrei-lhe um lápis que tinha na mão; ele não sabia o nome, mas disse que era "para fazer marcas". Perguntei-lhe se se lembrava do que fazia no lavatório do meu consultório (costumava misturar dois líquidos incolores que ficavam vermelhos), ao que respondeu que fazia "remédio cor-de-rosa".

Tentei, mais uma vez, que dissesse uma lengalenga sobre o sol, mas não consegui; em vez disso, disse outra em que só percebi a palavra "nascer do sol". Disse-lhe: "Tenho receio que te tenhas esquecido de muita coisa." Nunca esquecerei a resposta: "Mas de ti não me esqueci, papá." Quando a mãe lhe pediu uma rima que ele costumava dizer à mesa do pequeno-almoço, ele recitou a oração da noite de quatro versos que começava "Deito o meu corpo para dormir." Quando lhe pedimos a oração da manhã, que começava com "Um pequeno cordeirinho," respondeu com "A Maria tinha um cordeirinho," etc. Dissemos que estava errado, e ele não conseguiu repetir a correta.

Ora, a rima da noite, que disse corretamente, foi a que ele recitou durante mais tempo. Para nós, foi evidente que nenhum trabalho de detetive poderia ter descoberto uma oração infantil dita quatro anos antes; coincidência não explica a forma exata como foi recitada; se fosse telepatia da nossa parte, teria trazido ambas as rimas; e o mesmo se aplica a personificação do outro lado, se fosse suficientemente hábil — ou então não teria dito nada, ou algo incorreto.

Houve uma pausa, e depois surgiu uma alternância estranha entre uma voz infantil e uma voz adulta, sobrepondo-se uma à outra, até que ouvimos num tom indignado: "Quero falar com o meu papá." Seguiu-se uma breve pausa, e uma voz masculina disse: "John." Não consegui identificar este John, nem tive grande vontade de o fazer; largou o trompete pouco depois.

Houve outra pausa, durante a qual ouvi um som estranho de fricção, seguido de três toques suaves. Comentei com a Sra. Wriedt e ouvi de imediato: "É o meu coelhinho, papá." A meu pedido, a Sra. Wriedt acendeu a luz vermelha, e ouvi John King falar muito baixo; mas infelizmente isso esgotou a energia, e só ouvimos um fraco "Adeus."

O seguinte relato é dado pelos mesmos participantes que registaram as suas experiências em 1912. Pela contínua gentileza do Vice-Almirante Usborne Moore, foi-nos novamente permitido participar em duas sessões gerais e uma sessão privada com a famosa médium americana, Mrs. Wriedt, em Cambridge House, Wimbledon (residência do falecido W. T. Stead).

Segue-se o registo de alguns dos fenómenos notáveis testemunhados por nove participantes e a médium.

Primeira sessão geral, 12 de Maio de 1913. Reunimo-nos naquela sala memorável, conhecida por muitos como o "Gabinete da Júlia", às 19h00. O primeiro espírito a manifestar-se foi Grayfeather, que anunciou a sua presença dizendo: "Eu aqui!" Depois perguntou à Sra. Maybank: "Como está, índia Maybank? Como está, chefe Maybank? Como está, reverendo?" (Esta última observação dirigia-se a um cavalheiro em trajes clericais.)

Respondi que estava muito satisfeito por ele ter vindo até nós. Ele replicou que nos tinha ajudado muito durante o inverno. Posso dizer que isto é absolutamente verdade; pois, contrariamente a todas as nossas expectativas, Grayfeather (juntamente com muitos outros "entes queridos") continua a manifestar-se e a ajudar-nos de muitas formas diferentes.

Depois perguntei-lhe onde ficava o "mundo espiritual". Ele bateu com o trompete no chão e exclamou: "Tudo aqui!" De seguida disse: "Boa noite. Vou para o chefe Moore do outro lado do grande lago." Perguntámos: "Onde está o chefe Moore?" Ele respondeu: "Na sua cabana." [Correto. Eu estava em Southsea. — W. U. M.]

O nosso querido filho Harold foi o próximo a seguir-se ao nosso velho e comprovado amigo Grayfeather. Reconhecemos plenamente a sua voz; era a mesma que ouvimos no ano passado. Exclamou: "Olá, mãe! Estou tão feliz por estares aqui; como estás, querida? Olá, pai! Como estás?" Respondemos que estávamos bem e muito felizes por voltar a ouvi-lo. Ele respondeu: "Trouxe um amigo comigo." Perguntámos: "Quem?" Ele respondeu: "Charlie Brown." (Este jovem tinha sido seu companheiro de aprendizagem nos estaleiros de Chatham.)

Durante esta sessão, cantámos vários hinos, especialmente aquele notável, "Nearer my God to Thee" ("Mais perto, meu Deus, de Ti"), durante o qual ouvimos como

acompanhamento uma música extraordinária, principalmente um cornetim, tocado com uma expressão e poder tão maravilhosos que não pudemos deixar de sentir-nos profundamente surpreendidos por estarmos a ouvir uma explosão de harmonia executada por um músico invisível do lado espiritual da vida.

Sessão privada, 13 de Maio, das 13h30 às 14h40. Presentes: eu próprio, a Sra. Maybank e a médium.

O nosso querido filho foi o primeiro espírito a saudar-nos. Disse: "Olá, mãe! Olá, pai! Estou feliz por estarem aqui; voltarei novamente."

Em seguida, de forma muito abrupta, a voz do Dr. Sharp foi ouvida a dizer: "Fico contente por vê-los, Sr. e Sra. Maybank. Agora, Sr. Maybank, quero falar consigo sobre a saúde da sua esposa." Seguiu-se então uma longa conversa de perguntas e respostas.

Claro que se compreenderá facilmente que esta comunicação foi de carácter muito privado e médico, e de pouco valor comprovativo para um observador externo.

O nosso querido amigo Grayfeather foi o próximo a manifestar-se por voz. Saudou-nos com a saudação habitual: "Como está, índia Maybank? Como está, chefe Maybank?"

Perguntei: "Grayfeather, conheces o meu amigo P. Humphrey?"

Ele respondeu: "Sim, conheço-o." Perguntei-lhe sobre o olho desse amigo (pois estava cego do olho direito há cerca de vinte anos), perguntando se achava que o nervo ótico estava destruído.

Ele respondeu: "É um caso crónico, mas eu ajudo-o."

Depois perguntei-lhe sobre a filha desse amigo, Clarice; se poderia obter uma mensagem dela para entregar à mãe. Ele disse: "Essa pequena índia irá à casa da mãe e dar-lhe-á uma mensagem lá."

A Sra. Wriedt perguntou: "O que é isso que se aproxima de si, Sr. Maybank?"

Pudemos ver algo semelhante a uma pequena nuvem de vapor, com cerca de quarenta e cinco centímetros de comprimento, e parecia haver como que uma luta a ocorrer dentro dessa nuvem, que finalmente se transformou na cabeça e rosto do Sr. W. T. Stead. Esta foi apenas uma aparição momentânea.

A Sra. Maybank exclamou: "Oh! É o Sr. Stead."

O Sr. W. T. Stead respondeu: "Fico feliz por vê-los, pois isto será uma grande bênção para vocês." Agradecemos e dissemos que nos sentíamos muito honrados com a sua vinda.

A Sra. Wriedt disse: "Oh, Sr. Stead, é muito amável da sua parte." Ele respondeu: "Digam à Edith" (referindo-se à Srta. Harper).

(O Sr. Stead tinha prometido numa sessão, a alguns quilómetros de Wimbledon, uns dias antes, que mostraria o seu rosto em sua antiga casa na presença da Sra. Wriedt, se possível; e com esta manifestação cumpriu a sua promessa.)

O nosso querido filho voltou a manifestar-se e teve uma longa conversa connosco. A irmã da minha esposa, Flossie, apareceu e falou sobre assuntos familiares de carácter privado. Depois, a tia da Sra. Maybank, que tinha falecido apenas na última Páscoa, disse: "Estou muito feliz e com o meu filho Isaac, e gostaria muito que parasses de te preocupar, pois o teu querido filho está completamente seguro e feliz; estou frequentemente com ele, e irei receber-te com alegria quando chegares."

Os avós da Sra. Maybank vieram e disseram que estavam felizes por nos ver, falando dos filhos e filha e enviando mensagens de amor. A minha esposa pediu à avó para tocá-la com o trompete. Foi tocada na mão, e eu fui tocado no rosto.

O meu irmão Arthur veio a seguir e agradeceu-me por ter ido ao seu funeral. (Tínhamos tido um pequeno afastamento antes da sua morte.) Faleceu tão recentemente quanto Janeiro passado.

Mais uma vez o nosso querido filho manifestou-se. Apareceu uma forma enevoadada que circulava pela sala; era cintilante, com uma luz amarelada peculiar que acabou por tomar a forma de um rosto definido e de uma mão, a qual lançava beijos; a forma dessa mão era uma representação exata da que tão bem conhecíamos na vida terrena. O nosso querido perguntou: "Mãe querida, viste-me?" Ela respondeu: "Sim, querido."

Para nosso espanto e surpresa, uma voz disse: "Sou o Dr. Templeton."

O Dr. Templeton tinha realizado uma operação à minha esposa apenas no passado mês de Setembro, na presença do Dr. A. Wallace.

(Tínhamos lido relatos em alguns jornais diários e no semanário *Light* sobre a morte do Dr. Templeton, ocorrida a 3 de Abril. Aconteceu na Noruega, onde, com alguns amigos, foi apanhado numa tempestade de neve; ele e um amigo, o Sr. Warren, separaram-se do resto do grupo e foram encontrados algum tempo depois na neve, já mortos.)

Ele falou sobre a casa de saúde e sobre alguns membros da equipa onde a operação foi realizada, e comentou que esses locais não eram dos melhores sítios para se estar em qualquer altura. Depois fez perguntas e deu informações sobre o estado atual da sua paciente, a minha esposa.

Perguntei então se ele estava feliz. Respondeu: "Sim, perfeitamente. Mas gostaria de ter permanecido mais tempo na Terra, pois adorava o meu trabalho. No entanto, compreendo agora que todos temos de passar de um plano de vida para outro no momento certo." A minha esposa disse: "Mas o senhor não acreditava no espiritualismo, pois não, doutor?" Ele respondeu: "Não; mas agora sou obrigado a acreditar."

14 de Maio. Segunda sessão geral. 19h00. Éramos, ao que julgamos, dez participantes nesta sessão.

John King foi o primeiro a manifestar-se, com o seu estrondoso "Boa noite, Deus vos abençoe." Saudou cada participante da mesma forma.

A seguinte a falar foi uma rapariga índia chamada Blossom. Foi muito interessante, e sem dúvida aqueles a quem dirigiu as suas palavras darão o seu próprio relato.

O nosso querido filho apareceu e falou muito sobre assuntos privados e pessoais, fazendo perguntas com relevância local. Disse que tínhamos andado a experimentar diferentes igrejas na nossa busca pelo que é bom e verdadeiro, e que finalmente encontrámos aquilo que nos daria satisfação e alegria.

Um dos meus antigos companheiros de bordo, T. Mahone, falou então, apresentando-se de forma muito familiar — a assobiar. A meu pedido, cantou "Annie Laurie" e pediu aos presentes para o acompanharem, o que fizeram prontamente. Gritou: "Cantem com força." Respondi: "Tu é que deves cantar com força, Tommy." Ele disse: "Vem para cá e tenta tu; verás que não é tão fácil como pensas." A Sra. Wriedt comentou: "Acho que encontrou o seu par, Sr. Maybank."

Ao mesmo tempo que um espírito falava com um dos participantes do círculo do outro lado da sala, ouvi um som semelhante ao chilrear de um pequeno pássaro no meu ouvido. A Sra. Maybank perguntou: "És tu, Flossie?" Flossie respondeu: "Sim, querida irmã." Seguiu-se então uma conversa de carácter familiar e geral. Perguntei à Sra. Wriedt como era possível ouvir duas vozes espirituais ao mesmo tempo quando havia apenas um trompete. Ela explicou que Flossie estava a falar sem o trompete.

Um espírito índio foi o próximo a manifestar-se, chamado Eagle. Falou ao círculo de forma geral. De seguida, o Sr. W. T. Stead saudou-nos, dirigindo-se a cada um por sua vez, e depois entrou numa longa conversa com a Srta. Harper.

Por fim, aquele espírito tão querido e gentil, Júlia, que tinha sido a guia e conselheira do falecido W. T. Stead, falou ao grupo, saudando cada participante pelo nome, após o que pediu que nos levantássemos e cantássemos a Doxologia, encerrando-se a sessão.

É verdadeiramente como está escrito: "Conduzi-te por um caminho que não conhecias." As vozes são muitas e variadas, cada uma expressando uma nota necessária, de forma a completar e cumprir, realizando assim uma manifestação grandiosa de harmonia que a mentalidade humana encarnada da nossa consciência exterior da vida jamais esperaria alcançar.

"Vozes dos mortos," ouvimos alguém dizer? Não, não há mortos; a vida é sempre vitoriosa, e estamos apenas a começar a aprender esta verdade jubilosa a partir dos muitos espíritos queridos que estão sempre prontos a responder ao desejo puro dos nossos corações de escutar o convite frequentemente repetido: "Segue em frente para conhecer."

J. Maybank

Esta jovem escreveu um relato interessante à Lady Hill em 1912. Relato de Miss Norah Hill, 1913:

A minha mãe, Vesey e eu sentámo-nos com a Sra. Wriedt, e pouco depois a médium disse que via uma jovem, que tinha morrido de tuberculose, com o nome de Gertie. Ao início, não

conseguimos identificá-la de forma alguma; depois, o mesmo aconteceu com um homem idoso, que tinha morrido de paralisia; nenhum destes espíritos falou. Depois, o tio Tom veio e falou connosco; foi seguido pelo Coronel Cardew, que sabes que era grande amigo do pai. Disse-nos que ele e os outros tinham sido especialmente enviados pelo pai para nos convencer de que aquilo não era "leitura de pensamento".

A sua voz era maravilhosamente distinta. Disse a Vesey: "Que belo rapaz te tornaste." (Vesey e eu ainda não estávamos crescidos quando ele morreu.) Falámos com ele durante alguns minutos. A comunicação seguinte foi de um jovem militar que Vesey conheceu em Guernsey e de quem se tinha quase esquecido. A voz era tão indistinta que não conseguimos apanhar o nome, mas ele recordou-se a Vesey ao mencionar George Groves, dizendo que tinha morrido na Guerra dos Boers. Depois, Stevie veio falar connosco e confirmou o que o Coronel Cardew tinha dito. Parecia tão alegre e feliz.

Em seguida, o pai veio. A mãe perguntou-lhe se via com frequência os seus pais; ele respondeu: "Muito raramente, pois eles progrediram e agora estão na sétima esfera." Depois a mãe perguntou-lhe: "E tu, onde estás?" Ele respondeu: "Estou na sexta esfera." Então a mãe disse: "Porque não estás na sétima esfera?" Ele respondeu: "Porque estou à tua espera."

Por fim, Alice veio e falou. Vesey perguntou-lhe se podia comunicar com Willie Reeks. Houve um silêncio, e Vesey disse: "Oh, Alice, não vás já." E, depois de um momento, ela respondeu: "Fui apenas perguntar; Willie passou há pouco tempo para este lado e ainda não aprendeu a manifestar-se." Assim terminou a sessão. Mais tarde, lembrámo-nos dos dois primeiros espíritos que tinham vindo — a jovem, conhecemo-la em Penzance há vinte e oito anos; e o homem, a mãe conheceu-o antes de se casar. Estava perfeitamente correto o que a Sra. Wriedt disse sobre eles.

Este relato é de um proprietário de hotel de Poole, Dorset. Participou no ano passado numa sessão em Cambridge House.

Poole, 14 de Julho de 1913.

Caro Almirante Moore,

Junto envio um esboço das notas que tomei o mais rapidamente possível após a minha sessão com a Sra. Wriedt. Acredito que seja um relato razoavelmente completo do que ocorreu, mas como tenho má memória, certamente algumas coisas me escaparam.

Há algo nas notas que gostaria de utilizar? Se sim, terei prazer em permitir e dar-lhe qualquer explicação ou ajuda de que precise; pois, tendo recebido tanto consolo ao poder falar com os meus entes queridos, desejo que outros também o possam receber.

Para mim, a sessão foi profundamente interessante e a evidência foi absolutamente conclusiva.

Com os melhores cumprimentos,

Jas. Osman

Sessão privada com a Sra. Wriedt em Cambridge House, Wimbledon, 4 de Junho de 1913.

O meu filho Reg foi o primeiro a vir e expressou o seu contentamento por poder falar comigo novamente, agradecendo calorosamente pela oportunidade. Disse que estava agora extremamente feliz e que tudo estava "bem." Contou-me que a mãe e Marie estavam ali, e vários outros que queriam muito falar comigo. Após mais algumas observações, despediu-se para dar lugar aos outros.

Um homem falou então comigo, mas como a sua voz era abafada, não consegui perceber o nome, embora o tenha ouvido dizer várias vezes: "Sou o teu velho amigo." Ficou tão desapontado por eu não o reconhecer, e eu também. Disse: "Voltarei novamente."

Depois, a minha querida esposa veio e ficou tão feliz por falar comigo novamente, agradecida por eu ter vindo de Poole com esse propósito. Estava quase emocionada demais, e pediu-me que agradecesse ao Almirante pelo amável convite que me foi enviado. Tivemos uma longa conversa sobre vários assuntos, sobre os nossos filhos na Cidade do Cabo e no Canadá, e sobre a tia e o problema no rosto. Expressou o seu contentamento com a forma como o hotel estava a ser gerido e comentou como estava bonito. Disse-me que formavam um grupo muito feliz e que ela, Reg e Marie eram grandes companheiros.

Fiz-lhe várias perguntas às quais respondeu.

Depois perguntei: "Sabes que o amigo Damon faleceu? Viste-o?"

Ela respondeu: "Fui eu que o trouxe aqui para te ver, e foi ele quem não conseguiste reconhecer há pouco; mas ele vai falar contigo novamente."

Disse que estava frequentemente com a Sra. Barnes, a Sra. Keirle e a Sra. Williams, e que esta última estava ali naquele momento e gostaria de falar comigo. Após algumas palavras de carinho e beijos, despediu-se.

O amigo Damon falou então e disse que era um privilégio poder falar comigo, e que estava muito agradecido à minha esposa por o trazer ali e confirmar-me que era realmente ele. Referiu-se à minha visita à sua esposa no domingo anterior e disse que estivera presente nesse momento; queria que eu a visse novamente e a agradecesse por ele por toda a sua bondade e atenção durante a sua doença, e por ter cuidado do seu corpo com tanto carinho. Pediu também que eu lhe dissesse o quanto lamentava o erro cometido num documento legal, que lhe causara tanta ansiedade, e que estava a fazer e continuaria a fazer tudo o que pudesse para ajudá-la. Voltou a mencionar o erro, chamando-lhe negligência da sua parte; esperava que a sua esposa acreditasse que fora ele que tinha falado, mas sinto que estava algo receoso quanto a isso. Despediu-se de mim.

A querida Marie falou então comigo com a sua habitual ternura e, depois de se despedir, a Sra. Williams falou de forma muito clara. Estava muito contente por me ver e falar comigo; fez alguns comentários sobre o seu grupo feliz, disse algumas palavras amáveis sobre mim e despediu-se. A Sra. Williams parecia notavelmente animada e alegre.

Na sessão colectiva da noite, apenas Reg veio falar comigo de toda a minha família, dizendo que ele e a mãe tinham ido comigo a Londres durante a tarde, e que reparou que eu tomei um excelente chá; depois foram a Poole e viram que tudo corria bem no hotel. Despediu-se.

Um homem veio falar comigo e disse que tinha vivido no hotel antes de mim (quando ainda era uma casa particular), mas não o conhecia e não sei porque razão veio.

Jas. Osman

Em resposta a algumas perguntas, o Sr. Osman escreveu:

Caro Almirante Moore,

Respondendo à sua carta de 16 do corrente, vinda de Rothesay, fico contente que considere as minhas notas de algum valor.

O nome do meu amigo era Damon, e fomos amigos íntimos durante cerca de trinta anos. Ainda não vi a Sra. Damon desde então, por várias razões, embora esperasse fazê-lo. Há cerca de dez dias enviei-lhe uma cópia das minhas notas e ela tencionava vir de Bournemouth para me ver. Após receber a sua carta, escrevi-lhe a perguntar se o que foi dito em Wimbledon era relevante, mas ainda não recebi resposta. No entanto, sei que a Sra. Damon teve sérios problemas com uma escritura (assinada pelo marido) devido a algumas palavras não suficientemente claras (eram vagas).

A Sra. Barnes, a Sra. Keirle e a Sra. Williams eram três das amigas mais próximas da minha esposa; a primeira faleceu antes dela, as outras duas depois.

A Sra. Williams faleceu na véspera de Natal de 1909, seis meses após a minha esposa. No dia 23 de Dezembro de 1909, estive com o Sr. Vango, que me disse que a minha esposa dividia o seu tempo entre mim e a Sra. Williams, e que esta última não veria o Natal. Uma confirmação notável disto foi dada pela própria Sra. Williams nessa mesma noite; ela chamou o Sr. Williams e disse-lhe que a minha esposa acabava de estar com ela.

Com os melhores cumprimentos,

Jas. Osman

Caro Almirante Moore,

Não respondi mais cedo à sua última carta, pois esperava encontrar-me com a Sra. Damon, o que aconteceu hoje, tendo tido uma pequena conversa com ela. Disse-me que o que o marido afirmou na minha presença era absolutamente verdadeiro e relevante, e que o documento referido era, de facto, uma escritura de nome próprio, tal como ele disse. Fico muito satisfeito por lhe poder enviar esta informação tão satisfatória. Que bom saber do sucesso em Rothesay.

Com os melhores cumprimentos,

Jas. Osman

O seguinte relato foi-me enviado pelo Reverendo Charles L. Tweedale, autor de *Man's Survival after Death*.

Este ano (1913), tive a sorte de obter três sessões com a Sra. Wriedt em Cambridge House, Wimbledon – duas sessões de grupo e uma privada. Em cada ocasião, fui acompanhado pela minha esposa. No ano passado, não consegui uma sessão privada e tinha grandes expectativas de que a deste ano fosse particularmente comprovativo. Estranhamente, com exceção de uma breve conversa com John King, não obtivemos nenhuma comunicação.

As duas sessões de grupo, em comparação com as experiências maravilhosas do ano anterior, também foram desapontantes; mas deve-se dizer, em abono da verdade, que os testemunhos dados a nós e ao nosso amigo no ano passado foram de natureza particularmente extraordinária.

Contudo, não se deve concluir com esta afirmação que este ano não recebemos nada. Pelo contrário, tivemos duas experiências muito interessantes e evidenciais, que descreverei da forma mais sucinta possível.

Na nossa primeira sessão de grupo, a 16 de junho, manifestou-se uma personalidade para a minha esposa e seguiu-se a seguinte conversa:

Voz: "É a avó."

Esposa: "Avó Tweedale?"

Voz: "Não."

Esposa: "Avó McLeod?"

Voz (impacientemente): "Não, não."

Esposa: "Quem então?"

Voz: "Avó Burnett."

Esposa (muito emocionada e surpreendida): "O quê, a mãe do pai?"

Voz: "Sim, sim."

Esposa: "Alguma vez foste a Weston?"

Voz: "Sim, uma vez."

Esposa: "Virás novamente?"

Voz: "Não gosto de vir por causa de..." (Aqui foi dita uma frase relacionada com um assunto estritamente privado que nos deixou completamente estupefactos, embora incompreensível para os demais presentes. Trouxe-nos uma convicção instantânea de que a personalidade manifestada tinha conhecimento de certos assuntos apenas do nosso foro íntimo, sobre os quais não é possível aqui entrar em detalhes.)

Esposa: "Tens alguma mensagem para nós?"

Voz: "Sim, a Mary está comigo."

Esposa: "Mary? Que Mary?" (A minha esposa sugeriu vários nomes que lhe ocorreram.)

Voz (impacientemente): "Não! Não! Não!"

Esposa: "Avó, podes dizer-nos qual era o teu nome próprio?"

A Voz não respondeu, mas alguns segundos depois, a Sra. Wriedt disse: "Ela diz que é Catherine." Estava correto. Eu não tinha conhecimento desses pormenores, e estavam certamente fora do alcance da Sra. Wriedt. Mais tarde, a minha esposa informou-me que a Avó Burnett "morreu" quando ela ainda era uma menina, e só mais tarde nessa noite é que se lembrou que a sua avó tinha adotado uma rapariga chamada "Mary" em circunstâncias invulgares, e que essa Mary faleceu há cerca de três anos.

Estes detalhes e experiências podem parecer triviais a terceiros, mas o conhecimento demonstrado sobre um acontecimento privado da nossa vida familiar, só conhecido por nós, e também de pormenores sobre a família da minha esposa, que até ela própria tinha esquecido e só recordou com dificuldade, foi para nós extremamente comprovativo.

Durante essa primeira sessão de grupo, a 16 de junho, a Sra. Wriedt, que deu várias descrições clarividentes, disse que via uma menina com cabelo muito claro dentro do círculo, elevada a alguma distância do chão, e que viera por nossa causa. A minha esposa, que por vezes é clarividente e clariaudiente, não a conseguiu ver, nem eu.

Na segunda sessão de grupo, a 18 de junho, uma das participantes (que não esteve presente na primeira sessão, e era totalmente desconhecida para nós) estava sentada ao lado da minha esposa. De repente, virou-se para ela e disse: "Está aqui ao teu lado uma linda menina com cabelo muito claro. Consegues vê-la?" A minha esposa não viu, nem eu, e a figura também não foi notada pela Sra. Wriedt nessa ocasião.

Voltámos ao norte na sexta-feira, 20 de junho. Durante a viagem, ao passar da estação subterrânea de King's Cross para a superior, no exterior, enquanto estávamos no longo corredor subterrâneo, a minha esposa exclamou de repente: "Estás a ver a menina?" A menina de cabelo claro apareceu-lhe, a andar atrás do carregador de bagagens que levava a nossa mala, e, após acompanhar-nos durante cerca de cinquenta metros, desapareceu quando chegou ao topo dos degraus e saiu para o sol.

No sábado, 21 de junho, eu estava a ler o jornal na sala de pequeno-almoço, sozinho e com a porta fechada. De repente, tive a impressão nítida de que alguém se agachava rapidamente atrás do jornal. Foi tão real que me sobressaltei. Pensei que fosse um dos meus filhos. Levantei-me de imediato e procurei debaixo da mesa. Não havia ninguém. Revirei a pequena sala, e, tirando eu próprio, não havia mais ninguém.

Durante esta busca a porta manteve-se fechada e eu não pronunciei palavra. Estava prestes a sentar-me novamente e concluir que me teria enganado, quando a porta se abriu e a minha esposa entrou. Antes que eu dissesse uma única palavra, ela exclamou: "Oh Charles!

Estás a ver a menina!" Viu-a claramente ao meu lado, e a visão durou vários minutos, durante os quais a menina exibiu várias figuras simbólicas de grande interesse, que a minha esposa descreveu.

Contei então à minha esposa a minha experiência de poucos minutos antes, e ela perguntou à menina se eu a tinha visto. A resposta (ouvida pela minha esposa clariaudientemente) foi afirmativa; a pequena acrescentou que me tinha permitido apenas um vislumbre.

Ao consultar os meus registos, constatei que esta mesma menina já tinha sido vista pela nossa empregada a 29 de março de 1912, e também, poucos dias depois, pela minha esposa em plena luz do dia; igualmente pela minha filha Marjorie a 19 de março deste ano, também à luz do dia. A minha filha comentou o cabelo loiro, dizendo que era quase branco, de tão claro. Nenhum destes primeiros avistamentos tinha sido publicado anteriormente, e só eram conhecidos pela minha família e, possivelmente, por um responsável da S. P. R.

Todos os que viram esta aparição descrevem-na como uma linda menina, aparentemente com cerca de seis anos de idade. Pelo que se pode concluir do relato acima, esta figura, vista e descrita pela Sra. Wriedt na sessão de 16 de junho, foi observada por pelo menos cinco outras pessoas, incluindo eu próprio, em circunstâncias que excluem qualquer possibilidade de alucinação ou fraude.

Charles L. Tweedale
Vigário de Weston
Weston Vicarage, Otley, Yorks.
5 de agosto de 1913

Estes relatos são de vizinhos meus em Southsea. A senhora forneceu-me um testemunho no ano passado.

No dia 3 de junho de 1913, estivemos presentes numa sessão privada em Cambridge House, Wimbledon, apenas eu, a minha esposa e a Sra. Wriedt, na sala conhecida como "Gabinete da Júlia". Poucos minutos após nos sentarmos, o meu trisavô, o General Buchanan, falou em voz alta através da trompete, dirigindo-se a mim como "Querido neto", chamando-me de "um autêntico descendente" e com palavras de louvor e aprovação. Disse que herdei o gosto pelas coisas belas e raras da minha avó, sua esposa; que há quinze anos tomava conta de mim e que continuaria a fazê-lo, auxiliando-me sempre. Aconselhou-me a não comer demais de uma vez, a não fumar tanto, pois a nicotina afetava o meu coração. Contou que lamentava profundamente ter-se zangado com o meu pai pela profissão que escolheu, mas que agora se alegrava por ele ter seguido a sua própria escolha, e que o amava e respeitava por isso.

(O General foi tutor do meu pai e queria que ele seguisse a sua profissão, tendo-lhe comprado uma comissão nos Inniskilling Dragoons; mas o meu pai recusou, preferindo seguir a vocação religiosa. Escolheu a Igreja. Esta história é verdadeira, pois ouvi o meu pai contá-la várias vezes, incluindo o facto de o General nunca o ter perdoado por não se alistar no seu antigo regimento.)

O General informou-me de que o meu pai falaria a seguir e, garantindo-me novamente o seu apoio contínuo, retirou-se. Um ou dois minutos depois, emocionei-me profundamente ao ouvir uma voz que se dirigia a mim como "Meu querido filho". Seguiu-se um discurso belíssimo, entremeado por uma oração, de que me recordo particularmente de um trecho: "que o Senhor te conduza por verdes pastos", entre outras palavras de igual beleza.

Também falou à minha esposa. Estava tão comovido que não me recordo com clareza das palavras, mas foram profundamente tocantes para ambos. Depois, abençoou-nos e partiu. (O meu pai, o falecido Cônego Hamilton, foi um grande pregador no seu tempo. Destemido e desinteressado, tinha apenas um propósito na vida: servir a Deus.)

Em seguida, uma voz perguntou através da trompete: "Onde está a minha perna?" Perguntei quem falava, e a resposta foi: "Sou o teu tio, Tom Parke." Então percebi o significado da pergunta, pois tenho em minha casa, Yarborough Lodge, Southsea, a perna artificial do meu tio Tom Parke, que me foi enviada pela minha mãe, irmã dele, há alguns anos. Disse-lhe que a perna estava guardada comigo. Ele respondeu: "Queima-a; está mal feita e já não me serve." Respondi que a tinha prometido ao meu primo, o Capitão Parke, seu sobrinho. Ele disse então: "Deixa-o ficar com ela." (O meu tio Tom Parke faleceu antes de eu nascer; perdeu a perna num acidente enquanto caçava.)

Depois, surgiu o meu irmão, o Reverendo William Hamilton, que morreu de tuberculose ainda jovem. Ao contrário dos anteriores, que falaram com voz alta, o meu irmão falou num sussurro rouco mas claro, como alguém com problemas pulmonares. Disse-lhe que lamentava muito não estar presente quando ele morreu, pois estava no mar, e que fiquei profundamente triste por o perdermos quando estava a progredir tanto na Igreja. Quando lhe perguntei se estava feliz, disse que sim. Contou-nos que tinha um pequeno cão consigo.

A minha esposa exclamou de imediato: "É o Willie Bone?" Mal ela terminou, sentiu como se o cão tivesse saltado para o seu vestido.

Perguntei: "É o Willie Bone?" e ouvimos três latidos fortes, iguais aos que ele dava em vida.

Depois, disse: "Dá-me um beijo, Bone", como lhe costumava dizer, e senti um nariz frio pressionar a minha testa; a minha esposa sentiu o mesmo toque. (O Willie Bone era um pequeno Yorkshire terrier que morreu no passado dia 19 de março, muito amado por mim, pela minha esposa e por todos os que o conheceram.)

Seguiu-se John King, que disse estar feliz por nos ver e prometeu visitar-nos em Southsea para nos ajudar. Assim terminou esta sessão extraordinária e bem-sucedida.

P.S. — O General, enquanto falava comigo, tocou-me duas vezes na cabeça.

No dia 10 de junho, estivemos novamente numa sessão privada em Cambridge House, Wimbledon, eu, a minha esposa e a Sra. Wriedt, na mesma sala. A Sra. Wriedt ligou o aparelho de música, a minha esposa sentou-se ao meu lado, a trompete estava à minha frente e a sala estava escurecida. Poucos minutos depois, ouviu-se a voz do General Buchanan a chamar "meu querido Charles", falando com a sua habitual clareza e autoridade.

Disse que me ajudava continuamente há quinze anos e que a sua esposa me tinha ajudado a organizar os meus objetos curiosos em Yarborough Lodge. Pediu-me um favor e esperava que eu o concedesse de bom grado.

Comentou que eu era frequentemente impetuoso e temperamental, e que devia ser mais calmo, ver as coisas com lentes cor-de-rosa e manter a serenidade. (Eu tinha levado um papel com perguntas para o General e para o meu pai, que coloquei sobre a mesa no início da sessão.) Ele pediu que as colocasse. Perguntei: "Se eu tiver um papel e um lápis num certo local de Yarborough Lodge, conseguirá escrever algo nele para me provar que está presente?" Ele respondeu que não conseguiria, mas que iria a Southsea para me ajudar a formar um círculo lá.

Tocou-me duas vezes na cabeça, como com a mão, e bateu-me gentilmente duas vezes no ombro com a trompete. Despediu-se, prometendo continuar a ajudar-nos, e disse que viria a Yarborough Lodge. Pouco depois, vi um objeto luminoso aproximar-se de nós. Disse à minha esposa que um espírito se aproximava, e então ouvimos novamente a voz do General, desta vez sem ser pela trompete, mas vinda de cima de nós. Disse que tinha trazido a esposa consigo e, de seguida, ouvimos uma voz feminina, doce e gentil (um grande contraste com a do General), dirigindo-se a mim como seu querido neto. D

Disse, tal como o General já dissera, que eu herdara dela o gosto pelas coisas belas, que me amava, e também falou com elogios à minha esposa, dizendo estar muito satisfeita com ela. Perguntou-me o que tinha acontecido aos dois castiçais de prata do General, às tesouras de apagar a luz e à caixa de colheres de prata que ele tinha dado ao meu pai. (Quando era rapaz, lembro-me de ver esses objetos em casa.) Respondi que acreditava que tinham sido perdidos ou roubados com o tempo, pois a minha mãe era descuidada e esbanjadora, como a sua própria família.

Ela respondeu: "Nós não somos", mas acrescentou: "Ela é uma boa mulher."

Disse-me que costumava pedir ao "Major" (o seu nome carinhoso para o marido) que lhe trouxesse algo raro e curioso sempre que fosse a algum lugar, e que ele, ao regressar, lhe dizia: "Esposa, tenho algo para ti no bolso", e depois lhe entregava essas coisas, para seu grande prazer.

Perguntei-lhe se existia algum retrato ou pintura dela ou do General que eu pudesse obter. Respondeu que não existia nenhum.

Depois aconteceu algo extraordinário. Uma voz baixa falou através da trompete, dando um nome que não percebi. O espírito pareceu ofendido. "Mas estiveste no meu funeral; morri há pouco tempo. Fui teu camarada." A Sra. Wriedt disse: "Ouço algo como 'Evans'."

Disse: "Então deve ser o Evan Nepean." "Sim," respondeu ele, repetindo o nome. Disse-lhe que o tinha encontrado um ou dois dias antes da sua morte, e ele disse que eu fora a última pessoa com quem esteve na rua. Perguntei-lhe se gostaria de voltar. Respondeu: "Não, o corpo dói."

Disse-lhe que sentia muito a sua falta em Southsea e que esperava que viesse a Yarborough Lodge, à sala do rés-do-chão onde o tinha recebido pela última vez. Respondeu que conhecia bem a sala e que viria. Perguntou-me como estava a esposa dele. Respondi que ela tinha passado para uma casa mais pequena, ao que ele disse que ela tinha feito bem. Falou também com a minha esposa e respondeu a várias perguntas que ela lhe fez.

Quando ela perguntou de que tinha morrido, respondeu: "uma infeção do coração." (O cirurgião da Marinha Evan Nepean era um velho e estimado amigo. Fui a última pessoa a vê-lo na rua antes da sua morte; assisti ao seu funeral. Faleceu recentemente, em março de 1913, o que pode justificar a sua falta de conhecimento sobre os movimentos da esposa.)

Depois veio o meu cunhado, Ley Brooks (que, em criança, tinha dons psíquicos notáveis), tratando-me por "Charlie." Estava muito comunicativo e esclarecedor. Disse-nos que agora estava no sexto plano, tendo progredido. Perguntei-lhe o que acontecia quando morremos; respondeu: "Depois de passares para o outro lado, acordas ao fim de três dias e percebes que deixaste o teu corpo, como quem se livra de um velho casaco de que já não precisa."

Ouvimo-lo rir, um riso que a minha esposa reconheceu como característico em vida. Prometeu vir ajudar-nos a formar um círculo em Southsea, o qual devia ter três ou cinco pessoas. Disse que o nosso pequeno cão estava sentado entre as minhas pernas e, quando chamámos pelo nome "Willie Bone," ouvimos um latido baixo, seguido de outro alto, como o de um cão grande — possivelmente o collie que a minha esposa teve em tempos.

Ambos pedimos ao Willie Bone que nos beijasse, e sentimos, cada um, um toque frio, como o de um nariz de cão, na cara. O meu cunhado informou-me, sem que eu perguntasse, que as caras tristes e grotescas que eu costumava ver à noite na cama, e que em minha ignorância tomava por espíritos maus ou condenados, não o eram. Eram rostos de pessoas que tinham morrido de forma violenta, como por afogamento, e que voltavam à Terra para, se possível, serem reconhecidas. Disse também que não existem espíritos maus.

Depois manifestou-se o guia espiritual da minha esposa, "Abdul," um indiano, que lhe garantiu estar sempre a protegê-la, mas que, dentro de alguns anos, teria de a deixar. Disse-me ainda que também tomaria conta de mim, por ser da família.

Durante a minha comunicação com o General Buchanan, perguntei-lhe acerca de uma pedra chinesa que uso, com um cão em relevo. Perguntei-lhe se devia continuar a usá-la.

Ele disse: "Sim, continua até eu te dizer a quem a deves passar." E, para terminar, disse-me que estava a tomar conta de mim, que o meu pai estava totalmente ocupado a cuidar da minha mãe e concluiu: "Charles Buchanan-Hamilton, meu neto, orgulho-me de ti."

Aqui termina a segunda sessão que tive o privilégio de assistir em Cambridge House, Wimbledon.

Assinado: Charles William Buchanan-Hamilton, Inspector-Geral Adjunto da Marinha, Yarborough Lodge, Southsea, 13 de junho de 1913.

A Sra. Buchanan-Hamilton escreve:

Tive cinco sessões privadas com a Sra. Wriedt em junho de 1913 — duas sozinha, duas com o meu marido e uma com duas amigas.

Passo a descrever o que aconteceu nas duas sessões privadas em que estive sozinha com a médium e também na sessão em que estive com ela e duas amigas. Na primeira sessão, manifestaram-se o meu pai, a minha mãe, o meu irmão, o meu guia (que apareceu duas vezes), e vários familiares do meu marido, todos falando claramente e durante vários minutos cada, tratando de assuntos familiares, especialmente os do lado do meu marido, que me deram muitas provas e mensagens para ele, cada um expressando o desejo de que ele participasse numa sessão.

Disse-lhes que isso já estava combinado e que ele estaria presente no dia seguinte, quando tive a segunda sessão privada, desta vez com o meu marido, cujo testemunho descreve a nossa experiência em conjunto.

A terceira sessão foi novamente só com a médium. Nela ocorreram muitos episódios interessantes. A minha primeira visita foi da minha mãe, que escreveu o seu nome próprio ao chegar; foi visto pela médium no ar e transmitido a mim. Ela estava muito perturbada e aflita com a doença de um familiar, ao ponto de se emocionar tanto que deixou cair a trompete. Depois veio o meu pai. Conversámos brevemente sobre a doença desse familiar e perguntei-lhe o que sugeria.

De repente, disse: "Conheces o Compton Burnett?" Respondi: "Não, nunca ouvi esse nome."

Ele disse: "Vou buscá-lo."

Saiu e, passado nem um minuto, uma voz forte e poderosa falou pela trompete: "Senhora, sou o Dr. Compton Burnett. Em que posso ajudar?"

Expliquei-lhe que estava preocupada com a saúde de uma parente e perguntei qual seria o melhor tratamento. Pediu o nome e idade da doente, dizendo que iria vê-la e dar-me uma resposta. Assim foi. Poucos minutos depois, voltou com um diagnóstico, que mais tarde confirmei estar correto. Despediu-se e saiu.

O meu pai regressou e falou mais cinco minutos sobre diversos assuntos, descrevendo o seu belo jardim com gerânios mais altos do que ele. Toquei-lhe numa pergunta: "Ainda tocas flauta?" e ele respondeu tocando um trecho — era um instrumento em que se destacava em vida.

Depois veio o meu irmão, que me deu várias mensagens e falou dos prós e contras sobre o estado da doente.

Quando perguntei "Onde está o nosso cãozinho Willie?", ele disse: "Está agora sentado ao teu lado, a tentar sentar-se na tua saia," (um hábito que adorava em vida), "mas como o vestido é curto, não consegue. No teu colo está o Eny," (um fox terrier).

Acrescentou: "Trouxe sete cães comigo, todos nossos antigos companheiros." De notar que o meu irmão era um grande amante de animais e um médium poderoso em vida.

Vários familiares do meu marido vieram depois, deixando mensagens especiais para ele; ele iria participar comigo na sessão seguinte, cuja descrição está no testemunho dele.

A quinta e última sessão foi com as duas amigas que mencionei — a Sra. R. e a Sra. M., a médium e eu. Mal nos sentámos, fomos todas salpicadas com água. Um espírito surgiu dizendo "Sou o Capitão Stanley," dirigindo-se à Sra. R. Tinha falecido há pouco tempo, e a sua voz era trémula e perturbada; parecia não saber bem onde estava ou o que lhe tinha acontecido.

Dirigiu-se a mim pelo nome completo e perguntou pelo meu marido. Seguiram-se vários espíritos amigos e familiares da Sra. R., que falaram com vozes fortes e claras. O meu irmão apareceu de novo, dizendo à Sra. R., a quem chamou pelo nome completo, que ela o tinha visto em casa — o que mais tarde confirmei ser verdade.

Disse-lhe: "Vou ajudar-te com a mediunidade, e tens de fazer o que te digo," explicando o que queria que ela fizesse.

O Dr. Compton Burnett voltou, falou-nos sobre a morte da sua esposa, respondeu a questões sobre a saúde de uma das minhas amigas presentes e deu-me mais indicações sobre o tratamento da minha parente. Aconteceu então algo muito estranho: um espírito chegou a rir-se, e o riso aumentava até se transformar num grito; a trompete caiu de repente.

A Sra. Wriedt disse que o espírito vinha para mim. Fiquei convencida de que era a minha mãe e que o riso era emocional, o que impediu a sua manifestação. O meu cão Willie voltou a ladrar e senti um toque ao mesmo tempo. Isso aconteceu enquanto uma amiga minha falava com um espírito e eu falava com a médium. Achei notável que os espíritos, tanto os meus como os das minhas amigas, nos tratassem sempre pelo nome completo; por exemplo, eu era chamada de Sra. Buchanan-Hamilton. Considero esta sessão excelente, os espíritos falaram quase continuamente durante três quartos de hora, e muitos com grande vigor.

Assinado: Helen M. Buchanan-Hamilton.

A Sra. Richards contribuiu com algumas das suas experiências de 1912 na Parte 1 (ver página 70). Escreve de Thorverton: "14 de julho de 1913. Meu caro Almirante, envio em anexo algo que poderá ser interessante. Tenho imensos testes, mas são de tal natureza privada que não os posso divulgar..."

Na sexta-feira, 20 de junho, estiveram sentadas a Sra. Mansell e eu. Tivemos fenómenos luminosos absolutamente brilhantes. A minha irmã, que faleceu em 1909, materializou-se por completo de forma marcante; a sua figura surgiu inteira, com uma túnica branca e um véu ou capuz da mesma cor sobre o cabelo. Levantou o braço acima da cabeça. Após a forma desaparecer, falou através da trompete, dizendo o seu nome e perguntando se a tínhamos visto.

Depois, outro espírito pegou na trompete e disse com clareza o nome Johan Clementi. De seguida, falou numa língua que me pareceu italiana. Como só conheço algumas palavras dessa língua, perguntei: "Pode falar francês?"

Respondeu que só sabia umas poucas palavras de francês, mas anunciou, nessa língua, que era o meu avô e que tocava harpa. Cantou então uma bela melodia em italiano. (É verdade que tocava harpa.)

Disse-nos, em francês hesitante, que havia uma forte veia musical na nossa família, e mencionou especialmente a minha irmã, Sra. Jacob, como tendo esse dom. (Correto.)

Tivemos a impressão de que estava a ser ajudado por outro espírito, que o ia instruindo nas frases em francês, pois parecia escutar alguém e repetir o que ouvia. John King então manifestou-se e disse que o tinha estado a ajudar com a linguagem.

Acrescentou: "Quero dizer-lhe, Sra. Richards, que este espírito é o seu avô do lado materno. Deus a abençoe."

Eu disse: "Bisavô, Johan?" "Ah, bem, aqui não há 'bis'; ele é seu avô, era italiano e só fala um pouco de francês. Deus a abençoe."

(Descobri depois, no Dicionário Musical de Grove, que o nome do meu trisavô era Johan — um facto que eu desconhecia durante a sessão. Pelo lado da minha mãe, sou sobrinha-bisneta de Muzio Clementi, filho de Johan.)

Noutra sessão com a Sra. Wriedt, em que eu e a minha filha estávamos novamente sozinhas, o meu irmão marinheiro, que faleceu em agosto de 1910, manifestou-se. Era muito aficionado de caça e costumava sair à noite, perto de Sydney, à caça de maçaricos. O meu outro irmão costumava imitar o canto do maçarico para o provocar. Nessa sessão, ele começou a assobiar como um maçarico, e eu imitei o som.

Ele disse: "Não, isso não está certo, é assim," e então reproduziu o canto verdadeiro do maçarico.

Depois surgiu um antepassado nosso que mostrou a sua mão com um anel específico que costumava usar no dedo.

Numa sessão em que estive sozinha com a Sra. Wriedt, a sala iluminou-se com tal clareza que pude ver a outra trompete, pertencente ao Almirante Moore, pousada sobre a caixa do aparelho musical. Via-se também nitidamente as cadeiras na sala. A Sra. Wriedt falava comigo ao mesmo tempo. Estava sentada em frente a mim, perto da mesa oval.

Na terça-feira, 24 de junho, as participantes foram: a Sra. Buchanan-Hamilton, a Sra. Richards e a sua filha, a Sra. Mansell.

Logo que nos sentámos, fomos aspergidas com água e ouvimos uma voz dizer: "Como está, Sra. Richards?"

Perguntei: "Estou muito bem — mas quem é?"

Resposta: "Stanley."

Pergunta: "O quê, Capitão Stanley?"

Resposta: "Sim. Como está o Almirante?"

Pergunta: "Esta é a Doone." (Referindo-se à filha.) "Lembra-se dela?"

Resposta: "Sim."

Pergunta: "E esta é a minha amiga, a Sra. Hamilton."

Resposta: "Sim." (Dirigindo-se a ela): "Como está o doutor?"

A Sra. Hamilton respondeu: "Ele está muito bem; conhecia-o?"

Resposta: "Ouvi falar dele."

Pergunta: "Conhecia este assunto antes de falecer?"

Resposta: "Tinha lido sobre isso. Diga ao George que está tudo bem comigo. Adeus."

[George é o marido da Sra. Richards — W.U.M.]

Eu disse: "Ficámos muito contentes por ter vindo até nós. Espero que esteja feliz."

Assinado: E. R. Richards.

Nota — O Capitão George Stanley, C.B., R.N., amigo da Sra. Richards e meu, faleceu na noite de quinta-feira, 19 de junho de 1913. — W.U.M.

A 15 de agosto de 1913, as participantes foram: Sra. Jacob, Sra. Richards e a médium.

Manifestou-se um espírito que se identificou como Muzio Clementi e disse ser trisavô. (Este espírito, em vida, foi um músico e compositor muito famoso.) Fez questão de nos impressionar com o andamento e tempo de uma das suas sonatas. Cantou-a do princípio ao fim, mostrando como devia ser interpretada. Esta sonata é uma que tentei tocar muitas vezes.

Disse-lhe: "Tenho receio que se ria das minhas tentativas fracas de a executar." Não respondeu, talvez para não ferir os meus sentimentos.

A minha irmã, Sra. Jacob, perguntou-lhe se estava interessado no filho dela, que é muito musical.

Resposta: "Sim."

Pergunta: "Podia ajudá-lo?"

Resposta: "Sim, mas ele não pratica."

Foi-lhe explicado que ele tinha pouco tempo. O espírito perguntou: "Então como posso ajudá-lo?"

Depois recitou três versos com uma voz belíssima. Não conseguimos recordar-nos exatamente das palavras depois da sessão, mas falavam da sua vida e do seu sucesso musical. Parecia muito satisfeito por a sua capacidade ter sido reconhecida pelo país e, ao sair, prometeu levar-nos até à lápide onde está a inscrição, "não muito longe daqui."

A sepultura de Muzio Clementi está no claustro sul da Abadia de Westminster. A inscrição chama-lhe "o pai do pianoforte" e indica que nasceu em Roma em 1752 e morreu em Evesham em 1832.

Há uma carta interessante dessa senhora na Parte 1 (veja a página 71).

Thorverton, 27 de julho de 1913.

Caro Almirante Moore,

Tenho estado hospedada aqui com minha irmã, e tem sido muito repousante. Lamento não ter escrito antes, e lamento poder lhe enviar apenas o anexo, que talvez não tenha interesse. Claro que minhas sessões foram uma alegria, e mais do que satisfatórias; aprendi muito com meus parentes espirituais, mas são questões de natureza muito íntima para serem mencionadas.

Atenciosamente,

M. Jacob.

Sessão com a Sra. Wriedt em 24 de maio de 1913.

Sendo o "Dia do Império", usei flores vermelhas, brancas e azuis. Quando me sentei e as luzes foram apagadas (a médium e eu estávamos sozinhas), quase imediatamente apareceram luzes brancas brilhantes pela sala e sobre a médium; uma voz falou, que era a do meu bisavô, e ele tocou com a trompeta as flores que eu usava.

Perguntei então se ele sabia o significado das cores.

Ele respondeu: "Hoje é o Dia da Decoração, mas para nós aqui, todos os dias são Dias de Comemoração."

Depois que ele se foi, a médium e eu vimos novamente lindas luzes em movimento e uma onda de luz iluminando todo o lado da sala; também, nitidamente, três cabeças e rostos de indígenas. Acima de cada cabeça havia um semicírculo de luz, como uma auréola. As figuras pareciam estar dançando e deslizando — tudo em movimento. Enquanto isso acontecia, um parente falou e me cumprimentou; perguntei o que as figuras estavam fazendo e o que eram aquelas luzes lindas.

Ele respondeu: "Os índios estão dançando."

Ele então disse: "Vou tentar me mostrar."

A voz cessou, e as luzes e figuras reapareceram, mais próximas desta vez, e pude ver a cadeira ao meu lado com o encosto de madeira totalmente visível pela luz brilhante, assim como todo o lado da sala. No assento da cadeira havia uma luz menor, que meu parente disse ser ele, e que depois colocou bem debaixo do meu rosto e, depois, sobre o meu colo.

Ele disse: "Sentei-me na cadeira." Foi um fenómeno belíssimo e durou algum tempo. John King apareceu depois e disse que "os índios haviam tomado a pista de dança" e que meu poder estava forte naquele dia.

M. Jacob.

As notas anexas me foram enviadas por um residente de um dos condados centrais da Inglaterra. Posso garantir sua precisão. Há um breve relato dele na página 99. Fui solicitado pelo Vice-Almirante Moore a escrever um relato de minhas experiências com a Sra. Wriedt, então pretendo dar alguns detalhes de minhas sessões com ela.

Meu primeiro contato com a Sra. Wriedt foi no ano de 1911, mas não anotei detalhes das experiências até maio de 1912. Na maioria das ocasiões mencionadas, estive sozinho com a Sra. Wriedt. Geralmente estávamos no escuro, embora em uma ou duas vezes deixamos a luz acesa.

Um dos fenômenos mais convincentes para mim quanto à presença de espíritos invisíveis foi o recebimento de flores; estas eram retiradas dos vasos da sala onde estávamos. Quase sempre me eram entregues por minha falecida esposa, que chamarei de F.

Outro fenômeno frequente era o toque por mãos invisíveis, que senti várias vezes; era tão evidente e distinto que não havia como duvidar. A Sra. Wriedt sempre se sentava em uma cadeira a alguma distância de mim, mas não tão longe que eu não pudesse ouvir qualquer movimento dela. Eu costumava ter uma lanterna elétrica de mão comigo — frequentemente duas — para poder acender a luz a qualquer momento, o que fiz com frequência.

Estou absolutamente convencido de que a Sra. Wriedt nunca contribuiu fisicamente para a produção dos fenômenos, e que sua única participação era através de seus dons psíquicos inatos.

Quanto às vozes, como será visto mais adiante, tive a experiência de ouvi-las em várias ocasiões, estando sozinho, sob condições que absolutamente impediam qualquer ajuda material da Sra. Wriedt ou de qualquer outra pessoa. Mesmo que eu tivesse dúvidas antes sobre a autenticidade das "vozes", elas teriam desaparecido com essa experiência. As vozes de F. e de outros espíritos às vezes saíam da trompete e às vezes não. Quando falavam comigo, às vezes a Sra. Wriedt as ouvia, e às vezes não; da mesma forma, quando falavam com ela, eu às vezes ouvia, e às vezes não. As conversas que tive com os espíritos eram tão coerentes, claras e contínuas quanto se fossem com pessoas vivas.

Agora relato alguns detalhes das sessões. Menciono primeiro uma sessão que tive com a Sra. Wriedt na Cambridge House no ano de 1911. Em 20 de junho daquele ano, um parente falecido falou e disse: "Nos encontraremos além do rio, onde as ondas não mais rolam."

Avançando para 8 de maio de 1912, fui naquele dia à Cambridge House, em Wimbledon, para ver a Sra. Wriedt. O Sr. Stead falou comigo e disse estar feliz em me ver no Escritório de Júlia. Em resposta a uma pergunta minha, disse que havia saído de sua cabine antes de o Titanic afundar. Nunca conheci o Sr. Stead pessoalmente, embora tenhamos trocado correspondência. A Sra. Wriedt usa uma trompete telescópica de alumínio, pela qual as vozes mais frequentemente se manifestam.

F. me deu duas flores ao mesmo tempo — uma flor rosa que eu havia notado em um vaso ao entrar na sala e uma flor branca — e mais tarde me deu um lírio-do-vale. Ela me tocou e borrifou água em meu rosto.

Na quinta-feira, 9 de maio, fui novamente à Cambridge House. Comprei flores no caminho. Enquanto estava com a Sra. Wriedt, vi no ar algo como lírios da Páscoa; eram luminosos. A Sra. Wriedt viu a luz primeiro, depois eu. Mais tarde vi novamente quando ela já não via.

F. me entregou três flores em momentos diferentes — um lírio da Páscoa, uma íris roxa (que a Sra. Wriedt chamou de "bandeira") e uma rosa. A Sra. Wriedt disse que viu a cabeça de um cachorro.

Na sexta-feira, 10 de maio, F. me deu duas tulipas. O rosto de F. se materializou duas vezes, embora eu não tenha conseguido identificá-lo com clareza.

Em 11 de maio, F. pressionou o caule de uma flor contra meu rosto até que eu a pegasse.

Na quarta-feira, 15 de maio, vi luzes logo no início da sessão. Olhando de lado, eram brilhantes, mas de frente eram bem fracas. F. me deu dois lírios da Páscoa em momentos diferentes. Na segunda vez, senti primeiro uma pressão fria no queixo, depois outro toque no rosto, após o qual ela me deu a flor.

Na sexta-feira, 17 de maio, apareceu uma luz acenando em direção às flores na mesa. Uma luz também foi vista subindo e descendo. John King falou duas vezes. Ele é um espírito controlador frequente nas sessões com a Sra. Wriedt, e quase sempre fala em voz clara e distinta; às vezes tão alto que chega a gritar.

(Na Terra, ele foi Sir Henry Morgan, um famoso bucaneiro, condecorado por Carlos II e feito vice-governador da Jamaica.) Dois parentes meus falaram, ambos falecidos há muitos anos.

No sábado, 18 de maio, F. me deu uma flor. Nada mais aconteceu, nenhuma voz falou.

Na segunda-feira, 20 de maio, levei uma fotografia psíquica que queria mostrar à Sra. Wriedt. Estava em um tubo de papelão. F. colocou uma rosa dentro do tubo. F. disse que, como já havia mencionado, agora sua cor era o lavanda, embora em vida tivesse sido o rosa. John King falou.

Na terça-feira, 21 de maio, John King falou e disse, pelo que entendi, que F. estava cuidando de um recém-chegado ao mundo espiritual. Acredito que fosse um parente meu, cujo funeral fui no dia seguinte.

Na quinta-feira, 23 de maio, havia uma mesa com um vaso de flores à minha esquerda, um pouco distante. Perguntei-me se F. me daria uma flor dali. Ela deu — de repente, uma chuva de flores veio e atingiu a trompeta.

No sábado, 25 de maio, F. me deu duas rosas; a primeira foi colocada no meu nariz até que eu a pegasse. Eu tinha comigo uma lanterna elétrica pesada em estojo de couro, que estava sobre uma mesa à minha direita. Foi colocada em minha mão e puxada enquanto eu a

segurava. A trompete foi colocada no meu colo. Um vaso com lírios da Páscoa, que estava em uma mesa à minha esquerda, foi retirado e colocado no chão, aos meus pés, um pouco à esquerda. John King me disse para ter cuidado com meus pés — não entendi o motivo na hora — e me disse para acender a luz.

Pensei que ele havia dito “para virar à minha direita.” Então me movi na cadeira para a direita, quando ele me corrigiu. Acendi a luz e descobri que um vaso com lírios da Páscoa, que estava sobre uma mesa à minha esquerda, havia sido retirado e colocado no chão aos meus pés, um pouco à esquerda.

Quarta-feira, 29 de maio: Tentei sentar sozinho primeiro, para ver se haveria algum resultado. Uma voz disse “bom dia” e houve algumas batidas. Depois, com a Sra. Wriedt na sala, fortes luzes apareceram, ondulando para cima e para baixo.

Quinta-feira, 30 de maio: Com a Sra. Wriedt fora da sala, houve uma voz fraca e batidas. Nenhum outro resultado nesse dia.

Sexta-feira, 31 de maio: Com a Sra. Wriedt fora da sala, houve uma voz fraca de John King, e batidas. John King disse depois que havia tentado falar; de fato, ele falou. Com a Sra. Wriedt na sala, diversas luzes apareceram, incluindo uma luz ondulante. F. me deu uma rosa vermelha. Primeiro senti um toque na testa como de uma flor molhada — a rosa estava no chão. Mais tarde me foi dada outra rosa vermelha, com um caule mais curto. Disseram-me que era da irmã de F.

Sábado, 1º de junho: Com a Sra. Wriedt fora da sala, John King falou fracamente. Com ela presente, apareceram diante dos meus olhos eterealizações — primeiro do Sr. Stead, depois de um ancestral meu, conforme me disseram. As eterealizações pareciam grandes fotografias em tamanho de gabinete, de cor marrom-clara e luminosas. John King explicou que foram feitas de oxigênio e flores.

Quarta-feira, 5 de junho: John King moveu a mesa com o vaso de flores até que a mesa ou o vaso batesse na trompete que eu segurava à esquerda. Ele também moveu uma cadeira. A cadeira onde eu estava sentado foi sacudida duas vezes. Senti um vento passando por mim e fui tocado no rosto.

6 de junho: A trompete foi levantada e tocou minha cabeça; a grande lanterna elétrica de mão foi movida por John King. Fui tocado na testa, aparentemente por uma flor. Comentei que nenhuma flor havia me sido dada. Uma cadeira foi empurrada para frente e, ao estender a mão, encontrei uma flor sobre a cadeira e um vaso pesado cheio de água e flores também colocado nela. A flor sozinha era uma rosa vermelha.

Segunda-feira, 10 de junho: Luzes ondulantes apareceram.

Sábado, 15 de junho: Flores (duas rosas vermelhas com folhas) tocaram meu rosto e foram mantidas ali até que eu as pegasse. Luzes espirituais, como vagalumes, apareceram perto do gabinete. John King falou.

Sexta-feira, 21 de junho: Muitas luzes apareceram — não continuamente, mas surgindo e desaparecendo.

Sábado, 22 de junho: Uma quantidade de rosas brancas e vermelhas foi dada a mim. Aparentemente, a trompete havia sido retirada e, ao acendermos a luz, vimos que uma flor havia sido colocada na extremidade fina da trompete; ao lado dela, estava uma grande lanterna elétrica de mão, retirada da mesa à minha direita. No início da sessão fui borrifado com água (suponho que quando as flores foram retiradas do vaso).

Quarta-feira, 26 de junho: Percebi a ausência da grande lanterna elétrica da mesa à minha direita quando tentei pegá-la, assim como da trompete, que havia deixado à minha esquerda. Acendemos a luz elétrica da sala e encontramos a trompete um pouco mais distante, com uma rosa vermelha na extremidade fina, e a grande lanterna ao lado dela. John King, acredito eu, com voz alta, disse para eu segurar as mãos da Sra. Wriedt.

Fiz isso — suas duas mãos nas minhas. A pequena mesa perto do gabinete (com um vaso de flores sobre ela) foi arrastada até perto de nós. Ouvimos ela sendo arrastada pelo chão. A Sra. Wriedt sugeriu que o espírito a devolvesse, e a mesa foi arrastada de volta uma boa distância, embora talvez não até o ponto original. F. me deu outra rosa.

Sexta-feira, 28 de junho: Duas rosas — uma rosa e uma vermelha — foram colocadas na extremidade fina da trompete por F. Luzes brilhantes e ondulantes apareceram, assim como uma luz isolada próxima, e várias outras em direção ao gabinete e à trompete.

Sábado, 29 de junho: Nenhum resultado.

Quarta-feira, 3 de julho: F. falou sobre a Sra. Wriedt.

Quinta-feira, 4 de julho: Um parente meu falou e disse que estava ajudando outros, e que onde ele estava era muito semelhante ao aqui, mas mais belo.

Sexta-feira, 5 de julho: Luzes brilhantes apareceram, e algo parecido com um olho. Uma flor foi colocada na extremidade fina da trompete, com um vaso de flores em pé ao lado. A trompete caiu no chão.

Quarta-feira, 10 de julho de 1912: Em um hotel em Londres, com a Sra. Wriedt, F. falou, e outra voz também se manifestou. Essas vozes falaram à luz do dia. Não tentamos escurecer a sala e nos sentamos à tarde.

26 de maio de 1913: Na Cambridge House, luzes muito brilhantes apareceram, piscando e dançando.

Terça-feira, 27 de maio: Comecei a sessão sozinho. Tranquei a porta. John King falou claramente e deu seu nome. Fui até a porta, destranquei rapidamente e chamei a Sra. Wriedt. Ela estava no andar de baixo.

Quarta-feira, 4 de junho: Sentei sozinho. John King falou algumas palavras, de forma um pouco fraca. Nada mais aconteceu. Tinha chovido.

Sexta-feira, 6 de junho: F. mostrou lindos anéis pequenos e cor-de-rosa no ar, à nossa frente. Ambos vimos os anéis; eram um pouco alongados. Falamos sobre as cores e o quanto eram belas. F. disse algo como: "Essa cor não pode ser reproduzida — é uma cor espiritual."

Sábado, 7 de junho: Perguntei a F. se ela tinha estado em um casamento no dia anterior. F. sugeriu que havia sido no dia anterior a esse. Ela estava certa; eu havia me confundido.

Quarta-feira, 11 de junho: F. me deu duas rosas, primeiro acariciando meu rosto duas vezes com o que parecia ser uma flor. Das duas flores, uma tinha caule longo, a outra nenhum. Ao acendermos a luz, vimos que a com caule havia sido colocada na extremidade fina da trompete. A rosa sem caule estava sobre a mesa à minha esquerda.

Sexta-feira, 13 de junho: Luzes brilhantes apareceram. F. mostrou uma luz rosa perto de mim.

Sábado, 14 de junho: F. levantou a trompete mais de uma vez. F. me entregou uma rosa vermelha.

Segunda-feira, 16 de junho: Uma rosa cor-de-rosa apareceu no ar. Figuras eterealizadas dançavam.

Segunda-feira, 23 de junho: Vi círculos e pontos de luz. A trompete foi levantada até tocar minha cabeça e colocada no meu joelho.

Sexta-feira, 27 de junho: Quando estava sozinho no início, F. bateu e falou. Um cachorro de estimação de F., que havia morrido durante sua vida, latiu várias vezes.

Sábado, 28 de junho: F. falou. John King falou longa e fortemente.

Segunda-feira, 30 de junho: F. falou e comentou que eles possuem lá uma contraparte de tudo o que temos na Terra, porém mais rica e bela.

Terça-feira, 1º de julho: Meu rosto foi tocado, aparentemente por uma flor. Uma rosa foi me entregue. A trompete caiu com estrondo. John King falou.

Depoimento de Miss Miles sobre a mediunidade da Sra. Wriedt

Ouvi falar pela primeira vez da Sra. Wriedt no verão de 1911, quando o Vice-Almirante Usborne Moore me contou sobre a descoberta dessa notável médium americana. A convite do Almirante, acompanhei-o na noite de 14 de julho de 1911 até a Cambridge House, em Wimbledon, onde a Sra. Wriedt estava hospedada como convidada do Sr. Stead, em sua primeira visita ao "Gabinete da Júlia". Foi a primeira sessão espiritualista em total escuridão com uma médium profissional a que assisti em toda minha vida; fui com a mente completamente aberta, pois tudo era novo e estranho para mim.

Naquela ocasião, não recebi mensagens pessoais, nem qualquer evidência específica direcionada a mim. No entanto, tive provas diretas da veracidade da mediunidade da Sra. Wriedt nos testes notáveis recebidos por outros participantes, especialmente o caso "O.

B." registrado em outra parte. Jamais esquecerei a impressão causada em minha mente pelo som das vozes espirituais falando do invisível. Foi um episódio absolutamente único em toda uma vida de experiências psíquicas.

No ano seguinte, 1912, e novamente em 1913, participei de várias sessões com a Sra. Wriedt, tanto particulares quanto em círculos gerais. Possuo as anotações taquigráficas feitas na época pelo Sr. Trefaulx Harper, portanto não estou escrevendo apenas com base na memória. Nessas ocasiões, recebi mensagens diretas contendo nomes e eventos da minha própria vida, completamente desconhecidos pela médium ou por qualquer outra pessoa presente, o que provou claramente que as inteligências comunicantes eram de fato as pessoas que diziam ser.

Também recebi mensagens destinadas a amigos próximos, que tratavam diretamente de situações que estavam ocorrendo naquele momento, provando que o mundo espiritual está consciente do que se passa em nossa vida diária, e que o véu entre o físico e o espiritual está sendo gradualmente levantado.

Em diferentes momentos, também vi formas eterealizadas se movendo pela sala, bem como muitas luzes brilhantes pairando acima dos participantes. Essas luzes eram de várias cores e frequentemente assumiam formas de círculos e cruzes.

Já ouvi até três vozes diferentes falando ao mesmo tempo: uma delas declamando em voz alta através da trompeta no centro do círculo, enquanto outras duas falavam simultaneamente em voz baixa com diferentes participantes.

Ao mesmo tempo, gostaria de declarar que não aceito a autenticidade de nenhuma comunicação espiritual que não venha acompanhada de testes e provas de identidade que não deixem qualquer dúvida de que são realmente quem dizem ser.

(Assinado) **Clarissa Miles**

Carta publicada na revista *Light*, edição de 22 de julho de 1911, explicando o caso "O. B.":

Senhor — Permita-me testemunhar a extraordinária mediunidade da Sra. Wriedt, de Detroit, EUA, cujo círculo público frequentei na semana passada. Um primo (nome fornecido) falou comigo por voz direta sobre um assunto puramente privado. Mais tarde, veio meu avô, chamando-me pelo nome e perguntando por meu pai, também nomeado. Ele me lembrou de um incidente doméstico extremamente incomum ocorrido há mais de trinta anos.

Finalmente, apareceu um tio, perguntando por sua filha (nomeada), apresentando-se como "O. B." — ele nunca foi chamado por outro nome pelos mais próximos. Fui como completo desconhecido, e em nenhum momento tomei a iniciativa. Todos os participantes ficaram

mais do que satisfeitos com seus resultados individuais...

W. Cooper Lissenden

O caso "O. B." é um dos melhores testes que já ouvi em um círculo geral.

W. U. M.

Depoimento do Coronel E. R. Johnson (suas experiências de 1912 estão descritas na Parte I, página 35)

Durante os meses de maio e junho de 1913, participei de doze sessões com a Sra. Wriedt em Wimbledon. Todas ocorreram na mais completa escuridão, e as vozes geralmente — embora nem sempre — se manifestavam por meio de trombetas ocas de alumínio, utilizadas para amplificar sua potência e ressonância. Em algumas sessões, estive sozinho com a médium; em outras, com um círculo de nove ou dez participantes.

As sessões particulares foram todas muito bem-sucedidas; uma das sessões em grupo não teve qualquer fenômeno, e outra teve quase nenhum. Depois, perguntei ao "controle" (espírito guia) a razão do fracasso, e me foi dito que não se devia à hostilidade dos participantes, mas sim ao fato de que o "magnetismo" foi absorvido como uma esponja, tão rápido quanto era gerado.

Tive conversas prolongadas com quatro de meus parentes, algumas durando mais de meia hora numa única sessão. Ao todo, foram dezasseis comunicações. Doze outras pessoas — quase todas amigas íntimas — também falaram comigo, e anotei os nomes de mais vinte espíritos que se manifestaram. Ouvi muitos outros falando com outros participantes, mas essas vozes estavam mais distantes e indistintas. Também ficou evidente que havia muitos outros espíritos desejando falar, mas não foram autorizados.

Às vezes, duas vozes eram ouvidas simultaneamente. Em uma ocasião, as vozes do espírito guia e da médium pareciam falar ao mesmo tempo. As vozes variavam bastante. Os que falavam pela primeira vez eram muitas vezes difíceis de entender. Seus próprios nomes, nomes de outras pessoas e de lugares pareciam particularmente difíceis de lembrar e pronunciar. Um dos espíritos comunicantes me disse que essa dificuldade se devia à falta de prática, pois "nomes não são usados entre nós." Outras vozes, por outro lado, eram fortes, claras e com características reconhecíveis da pessoa que representavam. As vozes de pessoas idosas, homens, mulheres e crianças eram identificáveis de imediato, e melhoravam significativamente após a primeira ou segunda visita. Muitas vezes, eram afetadas por emoções, e um tom dramático não era incomum, especialmente no início, mas isso geralmente desaparecia depois de um tempo.

O inglês era geralmente utilizado, às vezes com sotaque regional. Também ouvi francês, italiano, holandês, alemão, servo-croata. Reconheci apenas três desses seis idiomas; os demais foram identificados por estrangeiros que estavam sentados comigo. Havia uma diferença marcante na capacidade dos participantes de ver os fenômenos.

No meu caso, embora tenha excelente visão, devo me colocar no nível mais baixo. Em duas ocasiões vi discos circulares de luz azul movendo-se rapidamente à minha frente, com intermitência, como o brilho de um vagalume. Em outra ocasião, vi uma luz semelhante, mas de cor vermelha viva. Um parente que falou comigo logo depois disse que também havia uma luz verde, mas esta não consegui ver.

Muitos dos participantes conseguiam ver luzes e formas vagas quando eu não via nada, e a médium disse que conseguia ver as formas, feições e roupas das pessoas. Ela também via com frequência uma mão escrevendo nomes, que então ela pronunciava em voz alta. Se o nome era reconhecido por alguém próximo, o espírito visitante geralmente recebia permissão do guia para se comunicar. Esse sistema parecia ter sido desenvolvido para evitar visitantes motivados apenas por curiosidade ou ociosidade — pois era evidente que eles vinham como os fantasmas que apareciam a Odisseu no Hades: primeiro um por um, depois em uma multidão impressionante.

Outros fenômenos físicos, além das vozes, incluíam movimentos das trompetes, com as quais as pessoas eram tocadas, e que às vezes eram agitadas ou derrubadas; os participantes eram às vezes borrifados com água ou sentiam uma brisa fria. Em uma sessão, um amigo colocou a mão no meu joelho para se despedir. Três cães meus, que haviam morrido cerca de trinta anos antes, apareceram em três ou quatro ocasiões. Todos latiam, e um pequeno cão de colo foi colocado por um tempo no meu colo. Ele também foi erguido para que seu focinho frio tocasse minha bochecha, e creio que isso também foi feito com dois dos participantes que estavam próximos a mim.

Um dos cães foi dito estar correndo dentro do círculo, e aparentemente tocou uma das trompetes, que balançou para frente e para trás no chão com um som vibrante. A entidade conhecida como *Blossom*, supostamente uma criança indígena, apareceu várias vezes. Ela geralmente entrava no círculo com um grito agudo e estridente, algo entre um grito e uma risada, mas ao mesmo tempo musical e infantil.

Como eu já a tinha ouvido no ano anterior, e ela era conhecida por sua habilidade em identificar objetos, levei no bolso uma pequena concha com uma abertura peculiar em forma de dentes, a qual tirei e segurei na mão, perguntando o que era. Ela disse inicialmente que era um osso, mas ao ser informada de que isso não estava totalmente correto, respondeu: "uma concha". Ao pedir mais detalhes, ela disse que tinha cinco dentes em sua boca. Eu mesmo ainda não havia contado, mas o número estava absolutamente correto.

Em outra sessão, fiz um teste ainda mais difícil. Caminhando pelo jardim em Wimbledon, onde as sessões ocorriam, encontrei incrustada no caminho uma peça paleolítica perfeita — um pedaço de sílex, aparentemente a cabeça de um arpão com uma farpa, e supus que fosse usado para pescar focas ou peixes. Naturalmente, tinha muitos milhares de anos, e como ninguém me viu encontrá-lo e tive o cuidado de não mostrá-lo a ninguém, não poderia imaginar objeto melhor para teste.

Blossom disse de imediato, num tom de desprezo: "Bah! Coisa de pesca!", e então começou a nomear joias e ornamentos apresentados por outros participantes, os quais pareciam mais

dignos de interesse do que um pedaço bruto de pedra. Esses objetos ela nomeou corretamente, sem hesitação.

No entanto, ela errou ao dizer quantas moedas de ouro eu tinha no bolso, afirmando que eram seis quando eu tinha apenas cinco. Quando isso foi apontado, ela respondeu prontamente: "Olhe no outro bolso"; mas nem isso a salvou, pois embora houvesse prata no outro bolso, não havia uma sexta moeda de ouro.

Ouvi-a dizer a um oficial da Marinha que estava presente que seus planos haviam sido muito perturbados e que ele ficou muito desapontado com a mudança na data da sessão. Ela também lhe disse quantos telegramas — que ela chamou de "riscadinhos" — ele havia tido que enviar em decorrência dessa alteração. Ele confirmou que ela estava absolutamente certa.

Um parente me disse numa sessão que "todo mundo tem um guia". Fiquei imediatamente interessado e decidi tentar obter mais informações sobre o assunto, especialmente em relação ao meu próprio caso. Pequenas informações foram sendo reveladas em sessões sucessivas, e foi dito que meu "guia" era um artista italiano nascido no início do século XVI. Encontrei seu nome num dicionário de pintores, e os dados ali apresentados concordavam essencialmente com o que me foi dito. Foi afirmado que ele tinha dois amigos — também artistas italianos contemporâneos, mas muito mais famosos — e que os três visitavam ocasionalmente meu estúdio.

Sempre tive interesse por desenho e pintura, e não sei se "meu guia" se envolve em outras áreas da minha vida, mas ele claramente sabe bastante sobre essa parte. Numa das sessões, ele foi anunciado e disse que havia descido da esfera celestial para a primeira esfera para falar comigo. A prova que deu de sua identidade foi notável. Disse que me ajudou a fazer três esboços há cerca de vinte e cinco anos, os quais nomeou. Eu quase havia esquecido deles, embora tenha encontrado dois em um portfólio antigo, e agora me lembro perfeitamente do terceiro.

Ele disse que um deles era o esboço de um velho com um turbante vermelho.

Respondi: "Você quer dizer o velho sentado no tambor?"

Ele disse: "Sim, esse mesmo, mas ele não estava sentado no tambor. O tambor estava ao lado dele, e por que você não terminou esse desenho?"

Ao examinar o esboço depois, vi que o homem estava sentado numa caixa, com o tambor ao lado, e o fundo estava realmente inacabado. Curiosamente, dois desses três esboços ganharam prêmios numa exposição provincial, e são tecnicamente superiores aos demais desenhos do portfólio, todos feitos na mesma época.

Fiz perguntas sobre o ambiente, ocupações, deveres, crenças e modo de vida de parentes e amigos falecidos, e procurarei não gastar tempo relatando as perguntas, mas apenas as respostas, que por si só são suficientes. Escrevi a partir de anotações feitas imediatamente após cada sessão, tentando usar o máximo possível as palavras exatas. Provavelmente não são transcrições literais, já que era impossível anotar no escuro total,

mas são substancialmente corretas, pois meu objetivo é registrar os fatos, e não defender teorias.

Um parente disse: "Não há igrejas, bispos ou padres."

Outro comentou: "Temos um tipo de religião universal, não fundada por um só homem, mas pela comunidade em geral."

Outro parente afirmou: "A religião aqui é uma grande religião universal de amor e beleza."

Um outro disse: "Não há culto fixo, mas nos reunimos para cantar em meio a paisagens maravilhosas. Não temos uma divindade pessoal, mas nossa religião é o pensamento e a ação corretos, guiados pela consciência."

Um capelão militar (com quem eu discutia dogmas): "Eu estava completamente errado, mas você nunca sabe o que há na cabeça de um homem até que se irrite o coração dele. Sem conflito, a verdade não aparece. Há católicos, protestantes, metodistas e presbiterianos. Todos são tendenciosos, mas Deus está aqui, e assim como há mil caminhos em Londres, há mil caminhos para o além."

Um parente, referindo-se ao parágrafo anterior: "Ele antes tinha opiniões bem definidas, mas agora viu que tudo é bem diferente. Está envergonhado do dogmatismo dele e de ter falado tanto sobre o que não sabia."

Perguntado: "Quando será o dia do juízo final?"

Resposta: "Todos os dias."

Um parente disse: "Não existem seres como anjos ou outros habitantes não humanos que conheçamos."

Outro comentou: "Eu era materialista e não podia acreditar no que a Igreja ensinava, pois os clérigos não praticavam o que pregavam. Algumas inferências de Darwin estão corretas, outras não."

Um amigo comentou: "A teosofia não é verdadeira em todos os aspectos, e não existe reencarnação."

Um espiritualista disse: "As coisas são muito parecidas com o que eu esperava e ensinava."

Um colega de escola, que depois se tornou oficial naval: "Não há reencarnação. Quando remei meu barco pelo rio, não deixei os remos cruzados."

Um parente afirmou: "Existem sete esferas, sendo a mais alta a número sete."

Outro: "Passar da terceira para a quarta esfera é como atravessar a água para um novo país."

Outro ainda: "A ideia de que as esferas inferiores são desconfortáveis é bobagem. Ao chegar à quarta esfera, você será recebido por uma multidão de amigos. Toda a jornada leva cerca de cinco minutos."

Um parente da sétima esfera, segundo reino: "Os termos 'esfera' e 'reino' podem ser compreendidos como uma mansão — não feita de pedra e tijolos — onde você entra pela porta principal num grande salão, com outras portas levando a salas separadas. Essas salas seriam os reinos."

Outro parente, da sexta esfera: "Os reinos são departamentos das esferas. Eu mesmo não pertencço a nenhum reino. Imagine alguém morando numa casa, correspondente à esfera, que pode ou não frequentar um clube, correspondente a um reino, que só visita de vez em quando."

Um parente relatou: "Quando passei para o outro lado, tive a escolha de ir para esferas superiores ou permanecer entre as condições terrenas. Escolhi a segunda opção, pois queria ficar entre cenários familiares. Permaneci ali até me sentir totalmente exausto e, então, optei por me juntar ao meu pai, que estava na sexta esfera."

Quando lhe perguntaram se se arrependia da escolha inicial, ele respondeu: "Quando alguém está vestindo um bom terno, hesita em tirá-lo se não sabe como será o próximo."

Outro parente comentou: "A esfera chamada 'Mercúrio' é um lugar muito quente, e não gostamos de falar sobre ela."

Um terceiro disse: "A chegada ao outro lado não é desagradável. Fiquei surpreso e encantado com os arredores em que me encontrei, mas logo descobri que a verdadeira felicidade estava em ajudar os outros. Todos podem fazer isso, em qualquer dos mundos."

Um parente descreveu: "As cores da sétima esfera são: três tons de verde, cinco lilases, cinco marrons, cinco azuis, três brancos, três amarelos, cor ardósia, cor mesclada, bege e cinza pomba (totalizando vinte e oito cores)."

Outro relatou: "As cores da esfera celestial são: branco (branco-neve puro), escarlate (como o pôr do sol), índigo, púrpura, canela, marrom, marrom dourado e, acima de todas, laranja e azul (as cores de Jesus de Nazaré). Não existem tons intermediários ou misturas, como lilases ou verdes. (Total: sete, excluindo o branco)."

Um parente declarou: "Marte (o planeta) é habitado por um povo baixo e moreno, semelhante aos seres humanos. Eles não têm casas, apenas cabanas."

Uma voz explicou: "As vozes aqui são produzidas pela materialização das cordas vocais, apenas, dentro das trompetes — e não pela materialização da garganta ou da boca."

Um oficial-general disse: "Estou realmente surpreso por conseguir falar com você. Jamais imaginei que isso fosse possível até ser informado agora mesmo. Espero que me avise sempre que houver outra oportunidade, pois gosto muito de uma boa conversa."

Outro parente afirmou: "Ninguém pode ser guia até alcançar a esfera celestial."

Mais um comentou: "Mantemos diversos animais de estimação. Os homens têm cavalos, outros têm cães, pássaros, cordeiros e outros bichos."

Um parente observou: "Chineses, indianos e outros povos estrangeiros vivem em comunidades separadas, e há muito pouca interação entre eles."

Um soldado condecorado com a Cruz Vitória declarou: "Estou muito feliz, e tão reto como uma flecha."

Outro parente descreveu: "Ajudo na escola infantil, ensino canto e entretenho as crianças falando sobre flores e mostrando meus cães. Há centenas de crianças."

Um parente disse: "Podemos dormir se quisermos. O tempo é o mesmo que o de vocês, com verão e inverno, mas não sentimos frio."

Outro previu: "Mais adiante, acontecerá uma catástrofe no mundo. A data não é conhecida, mas dependerá da influência planetária de Marte e Vênus. Algo cairá sobre a Terra — rochas, água e calor. Talvez algumas pessoas sobrevivam, mas isso virá como um ladrão na noite."

Um amigo, que havia visitado o Egito, advertiu: "Se for ao Egito, não traga de volta sarcófagos ou qualquer objeto, nem mesmo um gato. Deixe tudo onde está. Não quero falar sobre isso."

Um parente observou: "Recentemente houve um grande aumento na população da Terra. Há mil anos, o mundo tinha apenas um quarto do número atual de habitantes."

Na parte final de uma mensagem de despedida de um espírito guia, foi dito: "...Quando o véu for rasgado, e além do rio um anjo chamar. Nesse momento, não haverá policiais ou juízes, nem instituições ou igrejas — cada homem, mulher e criança será guiado por uma boa consciência."

Um parente contou: "Senti que estava afundando, afundando, até que algo se rompeu — o fio da vida. Então pude ver o que se passava e vi meu próprio corpo. Voltei novamente à noite; e no dia do funeral, estive lá como um convidado invisível." O mesmo completou: "Eu não estava ali, apenas meu corpo, que não passa de uma veste descartada."

Ele prosseguiu: "Após minha morte, fui encarregado por pessoas mais elevadas e sábias de cuidar de um jardim de infância. Isso me deu grande compreensão sobre o novo mundo."

Também explicou: "Crianças de três a seis anos são designadas para a sexta esfera. Na quinta esfera, estão as de sete a nove. As crianças mais novas vão para esferas superiores. As que nunca viveram na Terra são chamadas de 'santas' e vão diretamente para a esfera celestial." (Nota: Pode-se supor que crianças de um a três anos iriam para a sétima esfera.)

Um pintor célebre, falecido no século XVII, aconselhou: "Anote suas impressões. Tudo tem um lado perfeito e um imperfeito — ou seja, imperfeito aos olhos. Se você observar um riacho, verá que um lado é interessante e o outro nem tanto. Nesse lado apagado, insira uma figura, um animal ou uma pedra para dar equilíbrio."

Um parente comentou: "Usamos os olhos como vocês, embora de forma um pouco diferente. Ler um livro fechado é possível, embora não seja fácil. Ainda assim, conseguimos penetrar parcialmente nos objetos — por exemplo, para perceber a condição de uma pedra."

Um colega oficial, que foi decapitado em serviço ativo, afirmou: "Meu fim foi predestinado e planejado. Foi determinado de acordo com a posição dos planetas." O mesmo continuou: "Acordei no terceiro dia, como todos os outros, e vi meu próprio corpo."

Outro oficial disse: "Lamento minha tentativa de me estabelecer numa nova colônia, pois perdi a posição que tinha na Índia. As pessoas que vão para lá esperam demais. É um grande erro emigrar, como eu fiz, já em idade avançada."

Outro oficial comentou: "Estou na quinta esfera. Para mim, é boa o bastante. Se eu tivesse tido um lar como este na Terra, nunca teria desejado deixá-lo."

Um parente declarou: "Meu trabalho é numa escola para crianças, onde ensino pintura e a ciência das cores."

Outro afirmou: "Participar de uma sessão não prejudica de forma alguma meu progresso, nem cria condições desfavoráveis."

Mais um explicou: "Não há sociedades nem igrejas entre nós. Se alguém deseja saber algo, pode obter informações com os mestres superiores. A instrução é dada por demonstração direta, e as pessoas são levadas a ver tudo com os próprios olhos."

Outro parente declarou: "Os átomos podem ser vistos, embora suas vibrações sejam rápidas demais para serem observadas com clareza."

Um parente comentou: "Robert Ingersoll não conseguiu encontrar alguém cujo campo áurico permitisse a continuidade do seu trabalho."

Um espírito guia revelou: "Faço esse trabalho há muitos anos. Estou muito feliz e satisfeito enquanto puder ajudar e confortar os outros. Talvez continue assim por mais trinta anos."

Um parente explicou: "As esferas superiores têm uma vibração mais rápida que as inferiores. Elas também se parecem mais com um lar entre amigos."

Já disse que não desejo defender teorias, mas me sinto tentado a concluir este relato com uma citação da obra de uma das mais eminentes escritoras de astronomia da atualidade. O livro é tão técnico que talvez muitos não queiram lê-lo, mas a citação mostra o quanto a ciência física está se aproximando da região que alguns de nós estão tentando investigar e compreender:

"O éter é, sem dúvida, o centro de intensas atividades que provavelmente estão na raiz de todos os processos da natureza. Influências cósmicas só podem ser exercidas com sua ajuda: invisível, é a fonte da solidez; invisível, é o veículo da luz; embora não seja

fenomenal, é o originador indispensável dos fenômenos. Uma contradição em termos, ele indica a lição perene de que aquilo que escapa aos sentidos é, provavelmente, mais permanente e intensamente real do que aquilo que os atinge."

(*Modern Cosmogonies*, por Agnes M. Clerke, Membro Honorária da Sociedade Astronómica Real, pp. 191, 198)

E. R. Johnson

26 Aubrey Walk, Kensington, W., 11 de agosto de 1913

Este relato é escrito pela mesma senhora prática que escreveu sobre suas experiências em 1912 (ver página 57). Fui novamente solicitada pelo Almirante Moore a relatar algumas de minhas experiências com a maravilhosa médium, Sra. Wriedt, com quem tive sete sessões neste verão. Fiz cinco sessões particulares (duas das quais foram infrutíferas) e participei de duas sessões em círculo.

Lamento profundamente ainda não poder publicar meu nome e endereço, pois acredito firmemente que estes relatos ganham muito mais peso quando o nome do autor é conhecido. No entanto, meus amigos do outro lado não me permitem fazê-lo, dizendo que meus parentes aqui não entenderiam, no estado atual em que se encontram, e apenas diriam que eu estou "estranha".

Como a maior parte das conversas nas sessões particulares não interessaria nem convenceria o público, proponho-me a relatar principalmente os incidentes que ocorreram nas duas sessões em círculo, e apenas um ou dois diálogos das sessões privadas. Nessas sessões particulares, tive vários bons testes de identidade espiritual; mas devo acrescentar que falhei completamente em obter os testes específicos que pedi — o que, parece, é algo comum e completamente inexplicável.

As duas sessões públicas que frequentei, em 11 e 16 de junho, foram, em minha opinião, extremamente convincentes e interessantes. Estávamos cerca de doze pessoas, nenhuma das quais eu conhecia, exceto a Srta. Harper e a médium. Todos os presentes, creio eu, receberam alguma mensagem, e ouvi muitas conversas dos outros, embora às vezes os espíritos falassem tão baixo e tão próximos de seus entes queridos que não consegui escutar tudo.

O que mais me impressionou no primeiro círculo foi a naturalidade com que um espírito veio falar com algumas pessoas holandesas ao meu lado — primeiro em inglês e depois em holandês; elas pareceram muito satisfeitas com tudo o que receberam.

Outro espírito, que se apresentou a um oficial da Marinha e sua esposa, se chamou Mabel e teve muita dificuldade para explicar por que havia vindo, pois eles não conseguiam identificar nenhuma Mabel. O Dr. Sharp apareceu para ajudá-la e disse: "Este pequeno espírito, Mabel, veio dizer à senhora e ao cavalheiro que foi ela a influência na casa deles, algum tempo atrás, quando fizeram sessões com uma médium, e receberam mensagens incorretas sobre a Sra. Wriedt.

Este espírito nunca teve a chance de se justificar e contar que aquela médium não era confiável, e isso a preocupava muito." Essa informação surpreendeu bastante o casal, que confirmou que, de fato, em 1911, haviam recebido mensagens incorretas sobre a Sra. Wriedt por meio de uma médium em sua casa. Na época, acreditaram nas mensagens e, por isso, não procuraram a Sra. Wriedt naquele ano. Contudo, fizeram sessões com ela em 1912 e ficaram convencidos de que nada daquilo era verdadeiro.

Uma voz se dirigiu a mim dizendo: "Sou (incompreensível) pai." Eu disse que não conseguia ouvir bem, e acabou sendo "o pai do seu marido." Ele deu uma breve mensagem e me beijou através da trompete, tocando-me suavemente no meio da bochecha. Nesta sessão, as luzes espirituais estavam lindas, e várias pessoas exclamaram, ao mesmo tempo, que estavam sendo borrifadas com água.

A segunda sessão em círculo à qual compareci foi no dia 16 de junho, às 19 horas. Entre os participantes estava um clérigo bastante conhecido e sua esposa. A pedido da médium, ele recitou o Pai Nosso e depois cantou "Lead, Kindly Light", no qual várias vozes espirituais se juntaram, uma delas muito grave, que creio ser a voz de John King. Depois disso, o Cardeal Newman falou longamente, dirigindo-se especialmente ao clérigo, felicitá-lo pelas suas ideias avançadas e fazendo um pequeno sermão sobre "Espíritos em Prisão", do qual perdi partes porque a voz abaixava para quase um sussurro. Mas os que ouviram disseram que foi lindíssimo.

Uma senhora no círculo era um pouco surda, e seus amigos espirituais não conseguiam se comunicar com ela, até que, por fim, tentaram símbolos em vez de palavras, o que funcionou muito bem para ela. Um espírito mostrou à médium seu polegar, com algo cobrindo todo o braço, e também deu seu nome (creio que escrito no ar); de qualquer modo, ele foi reconhecido imediatamente, o que achei um excelente teste. John King apareceu e disse à senhora que ela era muito cética, e por isso seus amigos espirituais estavam achando tão difícil falar com ela.

Depois, uma voz falou comigo e disse: "Sou o tio E——."

"Mas," respondi, "deve haver algum engano, pois eu não tinha um tio com esse nome."

A resposta veio de imediato: "Sim, você tinha."

Perguntei então: "De qual lado da família?"

Resposta: "Do lado do seu pai."

De repente, me lembrei de que realmente tinha um tio-avô com esse nome, do lado paterno, mas nunca o conheci — ele faleceu antes de meu nascimento.

Perguntei: "Você é meu tio-avô, então?"

Resposta: "Sim, sou seu tio-avô. Seu pai me mandou falar com você."

Ele continuou: "Bem, o menino não veio, então."

Eu disse: "Que menino?" Resposta: "Seu marido."

Expliquei: "Não, ele não pôde vir; alguns compromissos de trabalho o impediram — não foi por falta de vontade."

Ele disse mais algumas palavras e partiu. (Meu marido realmente pretendia estar presente naquela noite no meu lugar, mas não pôde.)

Logo depois, Júlia apareceu, desejou boa noite a todos e tive uma breve conversa com ela sobre desenvolvimento psíquico.

Numa de minhas sessões particulares, meu pai apareceu e respondeu às seguintes perguntas:

Pergunta: "Quem jantou comigo ontem à noite?"

Resposta: "Merl" — soou assim.

Pergunta: "Não entendo, pode dizer mais claramente, por favor?"

Resposta: "Sua irmã." (correto)

Ele não conseguiu dizer o nome dela, então eu disse seu apelido de infância, ao que ele respondeu: "Esse não é o nome verdadeiro, apenas o nome de criança."

Em seguida, deu o nome verdadeiro dela.

Ele se despediu e a Sra. Wriedt viu o nome "Home". No entanto, o nome foi dado logo depois pelo espírito, e tratava-se de uma amiga que faleceu ainda jovem, há alguns anos.

Perguntei: "Onde você está, L—?"

Resposta: "Estou com minha mãe."

Pergunta: "E você vê seu pai?"

Resposta: "Sim, mas fico mais com minha mãe."

Acredito que isso seja mesmo verdade, pois o pai dela faleceu muito depois da mãe, e tenho certeza de que ele não estaria em uma esfera tão elevada quanto a esposa ou a filha.

Quando ela se despediu de mim, deu sua risada antiga (muito característica) na trompete e disse: "Tchau, minha velha." Ela dizia isso em vida, e considero um bom indício de sua identidade.

Em outra sessão privada, perguntei ao meu pai o que alguns de seus filhos estavam fazendo — a maioria vive no exterior. Nomeei um que recentemente começou a se dedicar a boas ações e mudou completamente suas crenças religiosas.

Perguntei: "O que G—— está fazendo?"

Resposta: "Ele é um prosélito."

Essa é uma descrição verdadeira, embora "prosélito" não seja uma palavra que eu jamais teria usado para descrevê-lo. Ainda tenho muita dificuldade em compreender essa

filosofia, mas uma coisa é certa: ainda há muito a aprender, e aqueles que participam das sessões com o espírito certo receberão muitas revelações.

Em 5 de junho, o Sr. F. F. Cook, do Brooklyn (EUA), autor de *Whence, Why, and Whither*, foi meu convidado em uma sessão particular com a Sra. Wriedt. As condições estavam muito boas, mas, por alguma razão inexplicável, a sessão não foi muito bem-sucedida. Ele, no entanto, não se incomodou, e enquanto voltávamos de trem, ambos profetizamos que ele não deixaria a Inglaterra sem uma prova melhor dos dons da Sra. Wriedt. Sua segunda e última sessão com ela ocorreu em 9 de junho. No dia seguinte, ele me escreveu da seguinte forma:

Authors' Club, 2 Whitehall Court, S.W., 10 de junho de 1913

Carta de Frederick F. Cook ao Almirante Moore

Authors' Club, 2 Whitehall Court, S.W., 10 de junho de 1913

Caro Almirante,

Como prevíamos, a sessão foi um sucesso extraordinário desde o início, com mais de duas horas de demonstrações quase contínuas. Não apenas os visitantes do além se juntaram ao canto, como também alguém pareceu executar uma performance instrumental com trompete. Fui particularmente favorecido. Minha esposa veio com muitas demonstrações de carinho e se mostrou feliz por me ver com boa saúde e desfrutando daquele momento.

Mais tarde, um velho amigo espiritualista (Sr. Newton), que faleceu há cerca de quinze anos, apresentou-se, tivemos uma conversa animada e ele relatou estar em "ordem impecável" — algo muito característico dele.

Disse que minha esposa o havia trazido e, quando comentei que sua morte havia sido repentina, ele respondeu:

"Sim, os carros quebraram meu pescoço."

Isso é verdade; o acidente aconteceu no cruzamento próximo ao Flatiron Building, em Nova York, e levou à adoção de medidas de segurança mais rigorosas.

John King estava em excelente forma, falando por cerca de quinze minutos, com uma voz que poderia encher o Albert Hall.

Ele anunciou que Margaret Kane estava presente. "Quem?", perguntei.

"Ora, Margaret Fox Kane, e ela quer lhe agradecer pelo que você fez por ela."

Foi um teste impressionante. Quando, em um momento de perturbação, ela fingiu "expor" as batidas espirituais e foi abandonada pelos espiritualistas, fui procurá-la, e foi na casa do Sr. Newton que a conheci.

Cuidei dela por um ou dois anos, com a ajuda de outros que se interessaram por sua situação, até sua morte, cerca de quinze anos atrás. A princípio, eu me perguntava por que Newton havia aparecido; mas agora vejo a ligação, que só me ocorreu após a sessão.

Foi realmente extraordinário, apesar de as "condições" estarem muito ruins: o tempo estava pesado e ameaçador, choveu mais tarde à noite, e havia oito mulheres para apenas três homens...

Sempre sinceramente,
Frederick F. Cook

Relato de Barbara Gillespie - Twickenham, 20 de agosto de 1913

Tenho muito interesse pelo espiritualismo há muitos anos e participei de muitas sessões, mas nunca havia recebido nenhuma evidência pessoal convincente até minha última sessão com a Sra. Wriedt, em 20 de agosto deste ano. Meu marido e eu estávamos sozinhos com ela e mal havíamos nos sentado quando ouvimos a trompete se mover e uma voz fraca falando.

A Sra. Wriedt perguntou: "Vocês conhecem alguém chamado Nugent? Ele está aqui e quer falar com vocês."

Respondi que tinha um irmão com esse nome, e imediatamente a voz ficou mais forte — tivemos uma longa conversa.

Ele dirigiu-se ao meu marido pelo sobrenome, como fazia em vida, e perguntou por nossos "meninos, especialmente o bebê, que é um amor."

Respondi: "Ele não é mais um bebê, é capitão", ao que ele disse: "Eu sei, ele é um rapaz esplêndido, e vocês têm todo motivo para se orgulhar dele."

Depois de mais conversas — muito particulares para interessar ao público — surgiu outro irmão, que iniciou dizendo com uma risada:

"Isto é uma novidade, não é?"

Também comentou: "Somos todos jovens aqui; não sou um homem velho."

Ele tinha cerca de 47 anos quando faleceu.

A manifestação seguinte foi muito impressionante.

A Sra. Wriedt disse: "Vejo a cabeça de um homem com costeletas brancas, e ele está se curvando para vocês."

Um minuto depois vimos o que parecia ser a cabeça de um senhor idoso fazendo uma reverência em nossa direção, e em seguida ouvimos uma voz chamando "William", nome do meu marido.

Era o pai dele, que parecia encantado em vê-lo e fez comentários muito carinhosos e elogiosos a nós dois. Demonstrou preocupação com a saúde do meu marido e disse:

"Não, ele é frágil, mas nunca foi de reclamar" — algo muito característico dele.

Depois veio uma tia do meu marido, que disse que sua mãe falaria em breve — o que aconteceu logo depois. Ela também o chamou pelo nome e me agradeceu por todos os cuidados e atenção que dediquei a ele.

Perguntei: "Então você sabe da doença grave dele?" Ela respondeu: "Claro, estávamos todos lá."

Perguntou também como estavam os filhos. Quando disse que estava preocupada com um deles, que sofria com má sorte constante, ela me tranquilizou:

"Não se preocupe com ele. O horóscopo dele mudará em 1915, e as coisas vão melhorar."

Essa observação foi especialmente notável, vinda de uma protestante evangélica que, em vida, não conhecia astrologia nem qualquer "ologia" incomum.

Perguntei como ela sabia que estávamos ali, e ela respondeu: "Ora, os meninos me contaram."

Perguntei: "Que meninos? Meus irmãos?"

Ela disse: "Sim, eles são tão bons para mim, mais até do que meus próprios filhos; tenho muito carinho por eles."

Como ela nunca os conheceu em vida, isso também foi interessante e estranho.

Depois de uma despedida comovente, dizendo que "nos esperava no doce além", aconteceu a manifestação mais impressionante da sessão.

Vimos um globo de luz se formando sobre um vaso de flores, e a Sra. Wriedt exclamou: "Vocês conhecem algum cavalheiro que teve dois dedos amputados? Vejo uma mão mutilada."

Imediatamente pensei em um primo, o Coronel W—, que tinha uma mão assim, e então vimos flutuar à nossa frente uma bola de luz, com dois dedos projetando-se em reflexo. Meu marido disse: "Você deve ser o John W—," e ele respondeu: "Claro que sou."

Não viram minha mão? Mas agora tenho meus cinco dedos de novo."

Dirigiu-se ao meu marido como "General" e, rindo, disse: "Você me superou, General," referindo-se ao fato de que meu marido viveu mais do que ele.

(Mais tarde, a Sra. Wriedt pediu desculpas por não ter usado o título do meu marido, pois não sabia dele.)

Perguntei se ele tinha alguma mensagem para sua viúva, que havia se casado novamente, e ele disse: "Diga a ela que mando meu amor. Fico muito feliz por ela estar contente e em paz de novo, pois se sentia muito solitária."

Perguntei se ele a via com frequência, e ele respondeu:

"Todos os dias." Ao perguntar se ele sabia de tudo o que acontecia aqui, ele respondeu: "Não sou infalível, apenas Deus é. Ele sim sabe de tudo."

As suas palavras foram ditas com seriedade, o que surpreendeu muito vindo de alguém que, em vida, era sempre brincalhão e descontraído. Ele também nos disse, assim como meus irmãos, que estava completamente feliz.

Muitas pessoas perguntam qual é a utilidade do espiritualismo, mesmo que seja verdadeiro, já que as comunicações são frequentemente triviais. No nosso caso, isso não ocorreu. Saímos dessa sessão não apenas convencidos, mas felizes — a fé na sobrevivência humana se transformou em conhecimento real, e quanto ao resto, "estamos contentes em esperar."

Assinado: Barbara Gillespie

Assinado: B. Gillespie (confirmação do marido)

O seguinte relato, de Miss Estelle Stead, dá uma descrição resumida de algumas das suas sessões em Cambridge House:

A 6 de Maio de 1912, fui a Cambridge House cheia de dor, tristeza e confusão, entre o espanto e a esperança. Não estava sozinha na sessão; várias outras pessoas estavam presentes. O aroma de flores enchia a sala, e havia um sentimento de reverência e expectativa no ar. As luzes foram apagadas e, durante alguns momentos, ficámos sentados na escuridão; depois surgiu uma luz intensa, seguida da materialização etérea de alguém que admiro e amo, que faleceu há alguns anos.

Esta visão desapareceu e, no seu lugar, vi o rosto do meu pai. Durante alguns segundos, fiquei a olhar, mal conseguindo acreditar que ele tinha realmente partido e que já não estava fisicamente entre nós, como antes. Em seguida, a materialização desvaneceu-se, e, passados poucos segundos, a sua voz ressoou pela sala. Falou comigo, e por um instante a emoção tomou conta de nós; depois disse-me para não me entristecer.

Mas ele próprio estava cheio de pesar por ter partido quando ainda havia tanto por fazer — "se ao menos pudesse voltar por uma hora" — e dei por mim a consolá-lo. Foi um reencontro cheio de angústia, misturada com alegria. Falámos sobre assuntos familiares, pessoas, planos e outros temas completamente desconhecidos de Mrs. Wriedt ou dos restantes presentes.

A 3 de Junho de 1912, o meu irmão e eu tivemos uma sessão privada. Mrs. Wriedt apagou as luzes e pôs a caixa de música a tocar. Passado pouco tempo, vimos uma luz no armário, e, em poucos minutos, vimos o rosto do nosso pai materializado etereamente. Ele saiu completamente do armário na nossa direção. A materialização não foi tão nítida como da primeira vez, mas era, sem dúvida, o nosso pai. Parecia estar com a mão no rosto. Depois desapareceu e, pouco depois, vimo-lo de novo; desta vez não saiu do armário e a materialização estava mais nítida. Virou-se para o meu irmão e para mim e sorriu. O meu irmão disse que viu claramente a gravata, o colarinho e a parte da frente da camisa. Desapareceu novamente, e voltou a surgir, vindo até nós. Após desaparecer outra vez, esperámos alguns minutos; depois o Will falou.

Cumprimentou-nos a ambos e disse que o paialaria em breve. Pouco depois ouvimos a voz forte do nosso pai, cheia de emoção, a cumprimentar-nos, e estivemos algum tempo a conversar sobre a nossa vida e trabalho, etc. Falou das greves que estavam a ocorrer em Inglaterra na altura, e de como desejava ainda poder usar a sua pena, mas já não conseguia. Dizia que podia ir ao escritório, mas ninguém o via ou ouvia.

Na segunda-feira, 7 de Junho de 1912, tivemos outra sessão, e foi nessa ocasião que o pai nos deu o sinal luminoso com que costumava anunciar a sua presença nas nossas sessões.

Este ano (1913), tive quatro sessões, três das quais com resultados excelentes. Na segunda sessão, logo que as luzes foram apagadas, vimos, em torno da caixa de música, uma nuvem luminosa; esta dissipou-se e seguiu-se o sinal do pai. Depois cumprimentou-nos, com a voz tão forte como sempre; mas mal o fez, a trompete foi pousada, e, apesar de termos posto a música a tocar e esperarmos algum tempo, nada mais aconteceu. No dia seguinte, tive outra sessão e o Will explicou o motivo da interrupção repentina. Era algo de natureza privada, o que me permitiu perceber ainda melhor a delicadeza e dificuldade da comunicação.

Nas outras três sessões, mal as luzes se apagavam, o pai dava o seu sinal e começava logo a falar. Por vezes dizia que estava cansado e punha a trompete de lado, e o meu irmão Will ou algum amigo do outro lado prosseguia a conversa enquanto ele descansava. Falámos do passado, do meu trabalho atual e debatemos muitos assuntos, embora eu deva admitir que soube muito pouco sobre a sua vida e ambiente atuais.

Continua profundamente interessado nos assuntos deste mundo e muito ocupado a ajudar e a influenciar a partir de onde está; mas diz que está a compreender cada vez mais a maravilha da vida para a qual partiu — e que, apesar de às vezes desejar poder voltar a usar a sua pena, não trocava essa nova vida por regressar.

Adicionalmente às minhas notas, encontro o seguinte comentário: "Parece haver sempre tanto por dizer, e tão pouco tempo ou poder eles têm, que não tive tempo de perguntar sobre a sua vida ou impressões", etc. Muitos sentirão o mesmo; mas todos os que tiveram o privilégio de participar numa sessão com Mrs. Wriedt devem amá-la e venerá-la por esse subtil poder que tão generosamente permite ser usado para nos possibilitar falar com os nossos entes queridos, e sabermos, sem dúvida, que a comunicação é possível.

E. W. Stead

O relato seguinte é do Tenente Basil W. R. Hall, R. N., Inspector dos Botes-Salva-vidas. A senhora a quem se refere como "C." escreveu um relato no ano passado (ver página 58):

Há alguns anos, ninguém poderia ter sido mais cético quanto à possibilidade de uma vida após a morte do que eu. Sempre me interessei profundamente pelas descobertas da ciência física moderna e, a certa altura, mergulhei na literatura da escola materialista da segunda metade do século XIX — Spencer, Huxley e os racionalistas. Parecia-me então que essas descobertas não só lançavam dúvidas sobre a filosofia idealista, como a refutavam

completamente; assim, tal como Huxley, adoptei a crença de que não havia qualquer vida após a morte, como um princípio filosófico.

Esta atitude algo dogmática foi primeiro abalada pelo livro *Miracles and Modern Spiritualism*, de Wallace, e mais tarde por outras obras sobre o tema, nomeadamente a do Almirante Usborne Moore, *Glimpses of the Next State*, que me atraiu por ter sido escrita por alguém cuja formação e leitura o levaram a encarar a vida de forma semelhante à minha. Finalmente, a primeira sessão espiritualista a que a minha esposa assistiu — eu não pude estar presente — contribuiu muito para me convencer.

A primeira sessão a que assisti pessoalmente foi a 5 de Maio de 1913; foi um completo fracasso do princípio ao fim — não houve qualquer luz ou som. A seguinte, a 7 de Maio, foi muito interessante; mas, salvo o notável conhecimento da Blossom sobre certos acontecimentos triviais do meu passado, não me afetou particularmente. A terceira e última está descrita nas notas seguintes, nas quais se verá que os episódios relatados, embora muito triviais, são quase todos de natureza "teste".

Referem-se, na sua maioria, a assuntos insignificantes, sem grande importância até para mim; mas é precisamente essa trivialidade e o modo como foram comunicados que podem oferecer um teste mais calmo e imparcial da autenticidade dos fenómenos, do que se tivessem sido mensagens solenes de alguém muito querido em vida. A este respeito, devo acrescentar que fui a estas sessões sem qualquer expectativa ou desejo de comunicar com alguém em especial, apenas como um inquiridor interessado; e esta diferença em relação à maioria dos participantes pode, eventualmente, dar um valor particular às experiências relatadas.

O que estas experiências provam, não tenho ainda estudo suficiente de investigação psíquica para poder afirmar com certeza; mas convenceram-me, de forma definitiva, da existência de fenómenos na Natureza completamente ignorados pelos físicos. E há que admitir que a explicação mais simples destes fenómenos é que são o que afirmam ser — ou seja, que as mentes daqueles que morreram neste mundo continuam a existir noutra dimensão e encontram meios de comunicar com as mentes daqueles que ainda vivem na Terra. Qualquer outra explicação parece trazer ainda mais dificuldades.

O que se segue não pretende ser uma transcrição literal das conversas, mas antes uma exposição fiel da sua essência:

Notas da sessão realizada em Cambridge House, Wimbledon, na terça-feira, 1 de Julho de 1913, das 19h às 20h30, na presença de Mrs. Wriedt, a médium, e de doze outras pessoas.

A sessão começou como de costume, com o apagar das luzes e o início da caixa de música. Depois da música parar, ficámos mais ou menos em silêncio por algum tempo; várias pessoas disseram ter visto luzes aqui e ali, outras que viram figuras, etc. Durante toda a sessão, que durou cerca de uma hora e meia, pessoalmente não vi absolutamente nada, exceto o ténue brilho da luz do dia que entrava pela janela, e que aparentemente não foi possível bloquear completamente.

Após algum tempo de espera, começou-se a entoar um hino, depois outro, e por fim "Auld Lang Syne", durante o qual se ouviu, na trompete, uma voz grave e profunda juntar-se ao canto. Quando terminou, foi identificado como sendo John King. Passo por cima do que disse, já que não se dirigiu particularmente a mim, e proponho-me, nestas notas, limitar-me (com algumas exceções) às minhas próprias experiências, pois outros estão mais habilitados do que eu para abordar os aspetos mais gerais do que se passou.

John King, posso dizer, pareceu estar presente durante toda a sessão, intervindo ocasionalmente com comentários ou explicações sobre o que era dito por outras vozes.

Pouco depois, ouviu-se na trompete a voz aguda e juvenil de Blossom, pontuada por risos leves, como se estivesse no auge da boa disposição.

Após os "cumprimentos", começou por dizer o que cada pessoa segurava nas mãos, aparentemente sempre com acerto; mas quando C. lhe perguntou: "Blossom, o que tenho eu na mão?", ela respondeu:

"Amores-perfeitos." "Oh, não!", disse C. "Sim, são amores-perfeitos," respondeu a voz com ênfase, repetindo: "amores-perfeitos." C. desistiu, murmurando que, desta vez, tinha falhado redondamente.

(Nota de C.: A minha lembrança é que ela respondeu primeiro: "Apenas uma flor de amor-perfeito," e pensei que não conseguia identificar o objeto e estava a brincar. — C.H.)

No dia seguinte, C. mostrou-me a pequena bolsa cor-de-malva onde leva o lenço, dinheiro, etc., e comentou: "Engraçado a Blossom ter dito 'amores-perfeitos'. Não sei o que quis dizer."

"Mas são mesmo amores-perfeitos," disse eu de imediato, ao reparar, pela primeira vez com atenção, nas pequenas flores bordadas na bolsa. Mostrou a bolsa a uma terceira pessoa, que nada sabia da conversa nem do seu contexto, e perguntou-lhe o que achava que representavam as flores bordadas. "Diria que são amores-perfeitos," respondeu ele.

O único outro episódio deste tipo foi tão notável que, embora não me tenha acontecido diretamente, não posso deixar de o referir. Em resposta à pergunta do Coronel Johnson sobre o que ele segurava na mão, Blossom disse: "Uma coisa de pesca."

(Depois da sessão, o Coronel mostrou-me uma pequena pedra e perguntou-me o que eu achava que era. "Uma ponta de seta em sílex," respondi; mas, ao inspecionar com mais atenção, vi que não era, pois só tinha um lado e era dentada, parecendo mais um arpão. Era esse objeto, que apanhara no jardim antes da sessão, que o Coronel tinha na mão.)

Blossom voltou-se então para mim (uso esta expressão figurativamente, claro; a voz parecia vir de alguém que se dirigia a mim) e disse:

"Então Hauley, como estás?" e acrescentou: "Fizeste-me andar para cá e para lá toda a semana passada — seis lugares diferentes... e tantos scratchums, scratchums, scratchums o tempo todo..."

(De facto, tinha tido uma semana invulgarmente ocupada, inspecionando uma estação de salva-vidas diferente todos os dias, tendo pernoitado em seis locais distintos nos oito dias anteriores, como confirmei depois no meu diário; na altura, nem me lembrava disso. Este trabalho extra implicou uma quantidade igualmente invulgar de escrita — relatórios, cartas, requisições de material, etc.)

"... O que queres dizer com isso?", perguntei, referindo-me à expressão "scratchums." "Ela quer dizer escrever," murmurou C. em voz baixa. "Sim," disse logo Blossom. "Ah," disse eu, "isso é verdade; tive muitos relatórios e cartas para escrever." "Sim, e telegramas também," disse ela. "Três no domingo porque estavas desapontado."

(De facto, tinha enviado precisamente esse número de telegramas — embora na sexta-feira, não no domingo — e pela razão indicada. Devido à mudança da data da sessão, tive de cancelar uma visita à Escócia e, ao telegrafar aos amigos com quem iria ficar, usei a palavra "desapontado"; os outros dois telegramas foram pelo mesmo motivo.)

"Sim," acrescentou Blossom. "E dois hoje."

"Não, só um hoje," respondi. "Não, dois."

"Não," insisti, "recebi um e enviei um."

"Bem, isso dá dois," disse ela com uma risadinha triunfante.

Depois, dirigindo-se a C.: "Sabes, squaw, eu estava a ver quando enviaste aquele telegrama a mudar o local do encontro de hoje, e quando vieste pela estrada para te encontrares com o Hauley, que vinha tão cansado... Estavas mesmo cansado, não estavas?" — dirigindo-se agora a mim.

(C. tinha enviado um telegrama com resposta paga naquela manhã, mudando o local onde nos encontraríamos para tomar chá, antes da sessão. Veio parte do caminho ao meu encontro. Eu, atrasado, subi a colina de Putney de bicicleta mais depressa do que seria aconselhável, e de facto estava bastante cansado. Ninguém, exceto nós os dois — e, presumivelmente, o telefonista — podia saber desta sequência de pequenos episódios.)

Após muitas vozes falarem com os vários participantes — por vezes duas ao mesmo tempo — surgiu uma que dizia ser da mãe de C., que, depois de cumprimentar a filha, virou-se para mim dizendo:

"Então, meu filho."

Depois de mais alguma conversa, disse: "Vais gostar do novo porto."

"O que queres dizer?", perguntei (a minha primeira ideia foi que se referia a uma marca de vinho!).

"O novo porto," repetiu ela, "o novo trabalho no sul."

Então percebi que se referia à minha transferência para o distrito sul, em Novembro. Disse então: "Por que é que hei de gostar?"

"Porque," respondeu ela, "vais entrar numa nova classe, um novo ambiente, e a tua mente estará mais serena. A C. também ficará mais feliz..."

Seguiu-se a voz da irmã de C., que falou com ela e depois comigo, dizendo, entre outras coisas:

"Vais estar mais feliz e as coisas vão correr melhor em Outubro."

"Queres dizer Novembro, suponho," disse eu.

"Não, Outubro; vais melhorar em Outubro."

Logo depois, ouviu-se a voz de John King, explicando que de sete em sete anos o corpo e a mente de um homem são renovados e ocorrem mudanças. Então lembrei-me que faço anos em Outubro, e que nessa altura entro num novo período de sete anos. Suponho que era isso, e não a nova função em Novembro, a que se referia.

(Uma palavra sobre o uso da palavra "porto" pela mãe de C. É incrível que essa palavra, para descrever um novo distrito de salva-vidas, pudesse ter ocorrido, nem que remotamente, a mim ou à C., quer conscientemente, quer subconscientemente.

Mas, ao refletir, vejo que é precisamente o tipo de expressão que uma mulher usaria ao referir-se a um oficial da marinha, sem grande rigor técnico. Tanto eu como C. concordámos a rir que era exatamente o tipo de coisa que a mãe dela teria dito.)

Entre outras coisas que troquei com a irmã de C., perguntei-lhe: "Consegues ver-me?", inclinando-me para a frente com o cotovelo no joelho, para captar melhor a resposta que veio num tom baixo: "Sim," disse ela, "vi-te a inclinares-te agora."

(Assinado) Basil Hall

As notas seguintes são de uma senhora residente em Oxford. Blossom é o pequeno espírito índio referido:

A minha filha e eu estivemos com Mrs. Wriedt em Cambridge House a 19 de Maio, às 14h30, e a 21 de Junho, às 13h30. Na primeira ocasião, vários espíritos de familiares comunicaram connosco, e houve um ou dois bons testes. Num caso, foram feitas perguntas sobre alguém cujo nome entendi ser "Alice", mas o espírito corrigiu-me imediatamente, dando o nome "Ellis", o que me fez recordar uma sua parente com esse nome pouco comum, que eu conhecera ligeiramente.

Noutro caso, foi mencionado um nome carinhoso bastante peculiar de forma clara. Estes episódios pareceram-me dignos de nota, pois, no geral, era difícil ouvir os nomes com nitidez. Isso foi especialmente notório na segunda sessão e, por isso, embora muitos espíritos nos tenham falado, nem sempre foi possível identificá-los com segurança. Em alguns casos, continuo sem saber se os visitantes eram de facto quem diziam ser. No final da sessão, porém, uma pequena índia revelou a sua presença ao puxar um gancho do meu cabelo e deixá-lo cair no chão. Com uma voz mais clara do que as outras, comentou, entre risos, que "tinha feito aquilo por diversão."

Depois, algo tocou no joelho da minha filha, e a voz disse:

"Estava sentada no teu colo."

A seguir comentou um vestido branco, "com um recorte no decote," que disse ter visto a minha filha a usar "num dia de calor."

Seguiu-se este curioso diálogo:

"O que é que eu estava a fazer quando me viste?"

"Tu geralmente não fazes nada."

"A sério? Pensava que era uma pessoa bastante ocupada."

"Não, não és. Só pensas; isso é coisa de preguiçosa. Fazes todos os teus pensamentos ocupados sentada."

Ela continuou: "Quem te deu aquele retrato na tua secretária?"

Descreveu o retrato como representando um homem num fato de "boosting" — um homem de rosto liso. Não compreendemos, e ela pareceu um pouco irritada, até que John King interveio, em voz muito alta, para explicar.

Disse: "Alguma vez tiveste um retrato do teu irmão num fato de canoagem?"

A minha filha respondeu: "Havia uma fotografia dele com o fato de remo da universidade sobre a minha secretária."

"Sim, é esse. No país dela, chamam-lhe canoagem ou 'boosting'. Fazem-no com um remo só, o que vocês chamam remar com pagaia."

Foi curioso que todos os comentários da menina índia se aplicassem exclusivamente à vida da minha filha em Oxford. O retrato em questão estava, e ainda está, pendurado no seu gabinete de estudo em Oxford, onde trabalhou até Outubro passado.

As sessões de Mrs. S., de Bournemouth, em 1913, em Cambridge House, Wimbledon.

O primeiro círculo, a 8 de Maio, era composto por Mrs. S., o seu filho, Mr. W. S., engenheiro civil; a sua filha e o genro, o Comandante e Mrs. V. U.; Mrs. Endicott, a médium de Devonshire; e o Almirante Usborne Moore.

As mesmas pessoas (com excepção de Mrs. Endicott) já tinham participado juntas a 11 de Maio de 1912 (ver página 52).

As notas foram tomadas por Mr. W. S., e é nelas que me baseio principalmente para este relato. Posso atestar a sua veracidade:

O Dr. Sharp foi o primeiro a falar com W. S.: "Como está o meu homónimo?"

Depois disse a Mrs. S. para tirar a mão do rosto, pois não lhe ia fazer mal (uma pequena piada).

Em seguida, dirigiu-se a V. U.: "The goose hangs high."

Quando lhe pediram para explicar o significado, disse: "É um ditado escocês, significa que tudo está a correr bem contigo."

M.: "Como estão as condições esta noite, doutor?"

Resposta: "Excelentes."

Mrs. S.: "Estamos sentados corretamente?"

Resposta: "Sim, um bom número." (O Dr. Sharp já foi ouvido várias vezes a dizer que prefere círculos de sete pessoas.)

M.: "Lembrar-nos-emo disso no futuro." Depois de mais alguns comentários, o Dr. Sharp despediu-se: "Au revoir."

Mrs. Wriedt viu as iniciais C.A.R. (a inicial do meio estava errada) e logo se ouviu uma voz:

"O que estás aqui a fazer?"

M. explicou.

A voz: "É isso que estás a fazer?"

M.: "É o Cecil Rhodes."

Mr. Rhodes cumprimentou M. e disse que se tinham encontrado há três anos (na verdade tinham sido dois).

M.: "Vês muito o Stead?"

C. R.: "Oh, sim, somos melhores amigos agora. Eu deixei a cabeça dominar o coração, mas o Stead deixou o coração dominar a cabeça."

Acrescentou que, por certos motivos, estava contente por não ter deixado dinheiro a Stead.

C. R.: "O que achas desta escandalosa situação no Oriente?"

M.: "Não sentes vergonha por causa do caso de Montenegro?"

C. R.: "É banditismo; as Potências são um bando de selvagens. Se eu cá estivesse, lutaria; dava-lhes forte e feio, aposto. Toda a gente devia ter a oportunidade de ganhar o pão."

W. S.: "Não estaremos todos a lutar em breve?"

C. R.: "Sim, será uma guerra universal e religiosa."

Mrs. V. U.: "Porque religiosa?"

C. R. (com hesitação): "Porque há muita hipocrisia em certas pessoas religiosas. Tenho de ir; estou apenas de passagem."

Annie S., cunhada de Mrs. S., manifestou-se de seguida. Tinha falecido cerca de um mês antes. Disse, com voz muito baixa e suave: "Aqui estou."

Dois ou três participantes exclamaram: "És a Julia?" mas Mrs. S. perguntou: "És a Annie?"

Annie S.: "Sim, sim. Como estás?" (beijos ouvem-se na trompete).

"Aqui podemos falar livremente."

Dirigindo-se a Mrs. V. U.: "Como vais com a música? Adoro ouvir-te. Ainda tocas violoncelo? Gosto muito."

Mrs. V. U.: "Não sabia que alguma vez me tivesses ouvido."

Annie S.: "Oh, sim, ouvi." (Mrs. V. U. toca violoncelo).

Depois, voltando-se para Mrs. S.: "Querida, estou muito feliz por vir; não estou nada doente. É um grande prazer ver-vos a todos. Adeus."

O espírito voltou pouco depois e disse a Mr. V. U.: "Tenho uma mensagem para ti; sou a tua tia Annie." (Mrs. V. U. estava a duvidar da identidade, o que pode explicar o seu regresso.)

Grayfeather irrompeu e falou com M.: "Tu apanhaste scratchum da hitch-up" (referindo-se à esposa).

M.: "Deve haver um engano."

G.: "Não, não há engano. Ela não está doente, mas tem o que vocês chamam 'tosse'" (aqui, parece referir-se a dor).

G. para o Comandante V. U.: "Tu ficas comigo, eu fico contigo."

V. U.: "Porquê?" Grayfeather lembrou-lhe que, numa sessão do ano anterior, tinha indicado três anéis (promoção) para ele e que viriam "na época das cerejas" (ver página 53). V. U. perguntou-lhe se iria a Halifax, como previra no ano passado.

G.: "Sim, mais tarde. Tu ficas com o grande homem vermelho. Sabes o que o homem vermelho te disse? O grande chefe vai adormecer, tu ocuparás o lugar dele. Morre muita gente.

Quando fores embora, será de forma muito repentina." Neste momento, Grayfeather imitou o som de um navio a passar pela água — foi muito distinto e bem executado.

O espírito de Mr. Richard Kelly, irmão de Mrs. S., surgiu então e falou com voz muito suave:

"A minha irmã está aqui; é maravilhoso. Estou tão contente por te ver."

Mrs. S. perguntou-lhe como estava e se se sentia mais feliz; acrescentou que pensava mais nele agora do que antes.

R. K.: "Estou muito feliz, oh sim." Parecia estar com todos os seus familiares.

Mrs. S. perguntou se o irmão Fred poderia também vir; ele respondeu que sim, mas isso não se concretizou. R. K. para

W. S.: "Vejo-te: é impressionante como és parecido comigo quando era jovem — na estatura, cor e movimentos."

W. S.: "E em temperamento também?"

R. K.: "Não, de todo. Tu és muito melhor homem do que eu fui. És um homem muito bom, muito bom. Toda a família está bem."

Mrs. S.: "Falar é difícil quando nos encontramos assim." R. K.: "Não é difícil, é encantador."

Iola manifestou-se e falou com M. e outros presentes. Disse que não ficaria, pois queria dar lugar a outros.

Grayfeather voltou a falar com W. S., fazendo observações sobre ele estar a fazer "scratchums" (isto é, a tomar notas). Disse que isso não serviria de grande coisa. Depois acrescentou: "Gosto muito do teu quatinho."

W. S.: "Qual deles, o onde durmo ou o onde trabalho?" G.: "O onde trabalhas; tem muito boa influência." M. pediu-lhe para imitar um foguete. Primeiro imitou o som de um foguete pequeno, depois disse que enviaria um grande foguete para Southsea. Simulou isso de forma excelente.

A mãe de Iola apareceu e falou com M. e outros. M. perguntou-lhe se estava mais reconciliada com Grayfeather e os seus modos. Ela respondeu que, "quando ele aparece, apetece-lhe ir-se embora." Esta senhora era parente distante de V. U., mas faleceu vinte e cinco anos antes do seu nascimento. Disse-lhe que o pai estava muito bem e disse: "Meu querido rapaz, como estás?"

Acrescentou que estava muito feliz por vê-lo, à sua querida esposa e à encantadora sogra. (Provavelmente o apelido de V. U., igual ao dela, atraiu-a para o círculo. É frequente que assim aconteça.)

Mrs. Wriedt descreveu uma senhora idosa e baixa que se encontrava junto a M., com o nome de Jane. Também foi vista junto de Mrs. Endicott e depois caminhou fora do círculo até V. U., com quem conversou algum tempo, assim como com a esposa. Esta senhora revelou-se ser a esposa de um veterano almirante, John M., e tia de V. U. Já se encontrava no plano espiritual há mais de vinte anos. Ao falar do marido, disse: "Ele não estará cá por muito tempo. Estou à espera dele."

V. U.: "O que fazes?"

Resposta: "Ajudo o John."

"O que pensas da L.?" (uma das filhas dela, recentemente casada pela segunda vez).

A resposta indicou que, se o casal fosse feliz, isso era o mais importante, e que o essencial é viver confortavelmente neste mundo. Também mencionou a G. (outra filha), dizendo que estava muito feliz.

Comentou ainda: "Não seria boa ideia convidar o marido dela para uma sessão." (Posso confirmar que isto é verdade.)

O pai de Mrs. S., Mr. Kelly, manifestou-se a seguir. Disse que, durante a vida terrena, era muito contra o espiritualismo, mas que agora sabia mais. "É verdade, e tudo o que é verdade merece ser investigado.

O que não resiste à investigação é treta. Não faz mal nenhum. Um livre-pensador pensa por si mesmo; o homem que pensa pelos outros é um tolo. A próxima geração tem muito mais cérebro. São mais sábios do que eu era, mas nós também fizemos o bem à nossa maneira."

A voz dirigiu-se a Mrs. S.: "Como estás, minha menina?"

Na conversa, falava com facilidade de V. U. pelo nome próprio. M. perguntou-lhe como sabia. Mr. K. respondeu: "Claro que conheço o nome; é o nome do meu genro. Oiço-o quarenta vezes por dia; ouço a minha filha, a esposa do meu genro, e o meu neto dizerem-no."

V. U.: "Vês-nos muitas vezes?"

Mr. K.: "Oh, sim; espreito muitas vezes à tua mesa e a outros lugares."

Uma voz tentou fazer-se entender por V. U., mas foi muito difícil compreendê-la; a única palavra clara era "Almirante".

O Dr. Sharp pediu aos presentes que falassem menos, pois ouviria melhor se houvesse mais silêncio, acrescentando:

"O Almirante disse: 'Olá, Capitão! Olá, U.!'". Descreveu então o espírito como sendo um homem de cabelo branco, bigode branco — "mais branco e de maior porte que M." (referindo-se ao Almirante Usborne Moore). Foi sugerido que poderia tratar-se do Almirante Foley, ao que Dr. Sharp respondeu: "Sim, está certo."

O Almirante manifestou-se novamente. Quando lhe perguntaram se era o Almirante Foley, respondeu: "Sim; ora, ora!"

Falou com V. U. sobre uma comissão em que tinham servido juntos.

V. U.: "Lamento que tenhas partido." O espírito respondeu: "Não estava bem; sofria por dentro. Devia ter-me retirado mais cedo."

Voltando-se para M., a voz disse: "Como estás, Almirante Moore?"

M. conversou com o espírito durante um ou dois minutos sobre o seu pai, sob cujas ordens tinha servido no navio H.M.S. *Revenge*, há precisamente cinquenta anos.

Durante a sessão, o Comandante e Mrs. V. U. foram tocados várias vezes pela trompete. Por vezes, ouviam-se duas vozes em simultâneo. Mrs. Endicott via fantasmas e era frequentemente tocada pela trompete. Chegou a ver dois bebés juntos. Mrs. Wriedt viu algumas imagens simbólicas, assim como uma carta com borda preta a ser-lhe apresentada. No final da sessão, ouviu-se uma voz muito ténue na trompete a dizer: "Boa noite, mamã." Mrs. Endicott acreditou tratar-se provavelmente da sua filhinha, que aparece muitas vezes para lhe desejar "boa noite".

No dia 18 de Maio de 1913, Mrs. S. voltou a reunir o seu círculo familiar. Estavam presentes Mrs. S., o Comandante e Mrs. V. U., Mr. W. S. e Mrs. Scratcherd. Eu não estive presente, mas volto a basear-me nas notas meticulosas de W. S. Segundo consta, Mrs. V. U. manifestou o desejo, em voz audível, de testemunhar fenómenos físicos mais comuns. O desejo foi atendido. As trompetes foram movidas e colocadas em posições absurdas; flores foram distribuídas; uma pequena mesa foi movida e caiu várias vezes. O fenómeno mais importante foi o seguinte:

A pequena mesa, com um vaso de flores em cima, estava fora do círculo. Mrs. Wriedt e os outros cinco participantes estavam de mãos dadas — a mão esquerda de Mrs. Wriedt segurava a mão direita de W. S., e a mão direita a mão esquerda de V. U. A mesa, com o vaso, moveu-se para dentro do círculo, entre Mrs. Wriedt e V. U.

Para evitar que o vaso fosse derrubado pelas mãos entrelaçadas, Mrs. Wriedt largou a mão de V. U., mantendo a de W. S. A mesa avançou, resvalando pelo chão, e tombou de lado no centro do círculo, junto aos pés de V. U.: vaso, água e flores formaram uma confusão sobre o linóleo.

Nada ocorreu que indicasse a proximidade de espíritos amigos dos presentes. As luzes foram acesas pontualmente para observar os fenómenos ocorridos. Comparando com a sessão de 8 de Maio, esta pode ser considerada um fracasso.

Esta comunicação vem de uma senhora de Hove, que participou em sessões em Cambridge House com uma amiga, Mrs. C—:

Participámos em cinco sessões em Cambridge House. A primeira foi completamente infrutífera. A segunda foi muito interessante; ao cantarmos "Lead Kindly Light", uma voz juntou-se ao canto através da trompete. Depois, ouviram-se os tons fortes e distintos, com sotaque escocês, do Dr. Sharp. Percebi que ele é um dos guias espirituais da médium, e falou bastante durante esta sessão.

Uma senhora presente perguntou-lhe se a doutrina da reencarnação era verdadeira, e ele respondeu que nunca ouvira nada sobre isso "do lado de lá". As vozes surgiram uma após outra, por vezes em ambas as trompetes ao mesmo tempo. Ficámos impressionadas com os tons infantis de uma criança pequena a conversar e a responder às perguntas dos pais. Logo depois, ouvimos o latido de um cão grande.

Depois, ouvi o meu nome sussurrado bem perto — "C."; e logo de seguida o meu apelido. Perguntei: "Quem é?"

A voz sussurrou: "Mãe."

Eu disse: "Não consigo reconhecer a voz nem ouvir bem."

Ela respondeu: "Nunca estive numa coisa destas antes."

Eu pedi: "Tenta dizer-me algo para que eu saiba que és tu, mãe."

A voz: "A tia E— esteve muito doente este Inverno."

Este facto é verdadeiro e apenas conhecido por mim e pelo meu marido (que não estava presente), por isso fiquei convicta de que a minha querida mãe, falecida recentemente, tentava comunicar.

O primeiro nome da minha amiga, "I—", foi dito.

Ela respondeu à voz, que parecia ser do marido; ele disse que um parente o tinha ajudado a vir, e falou dos filhos, embora ela não tenha conseguido obter os nomes, mesmo quando ele se referiu à confirmação de um deles.

A terceira sessão foi um fracasso — nenhuma voz, mas quando se acenderam as luzes, uma trompete estava equilibrada sobre a outra.

Na quarta sessão, várias vozes falaram — a menina índia Blossom, um homem chamado Grayfeather, que cantou a pedido na sua língua. Vários familiares falaram com a minha amiga; uma senhora idosa em hebraico; também o irmão e o tio apareceram para falar. A minha amiga ficou assustada ao sentir uma mão fria a tocar-lhe no rosto; gritou:

"Quem me tocou?"

Resposta: "Fui eu, querida; a tua irmã." A trompete tocou-nos ambas nos joelhos, e eu toquei no metal com a mão.

A quinta sessão foi privada e extremamente satisfatória. O marido de Mrs. C— falou durante algum tempo com ela sobre o futuro dos filhos, expressando com clareza a sua opinião sobre o desporto e dizendo que não queria que eles seguissem determinada profissão, etc.; também pediu para ser apresentado a mim. "Apresenta-me à tua amiga" — um bom teste, pois nunca o conheci pessoalmente.

Depois, uma voz de senhora muito idosa falou, dizendo ser Mãe ou Avó C—.

Disse: "Quando o S— chegou pela primeira vez, estava perturbado por ter-te deixado a ti e aos filhos; perguntava-se como te irias desenrascar." Uma voz dirigiu-se a mim, dizendo três nomes. Era o pai do meu marido; queria que o filho também estivesse presente e enviou uma mensagem para a sua própria esposa:

"Diz-lhe que estou com ela de manhã, à tarde e à noite."

Outra voz dizia ser o irmão do meu marido. "Já te esqueceste do Ted?"

"Não; fico muito feliz por te ouvir; já viste o teu pai?"

"O chefe? Ora, ele acabou de estar aqui."

Este espírito bem-disposto tocou-me na cabeça e no rosto com a trompete, com muita suavidade. Depois, a voz da minha mãe falou com ternura sobre assuntos de família e, dirigindo-se a Mrs. C——, disse:

"Estou tão feliz por te ver."

A minha amiga respondeu: "Querida Mrs.——, mostras-te mesmo à H.?" (uma amiga em comum, clarividente).

"Sim, querida, mostro."

Não consegui conter as lágrimas e disse:

"Gostava tanto de te ver também; sinto tanto a tua falta."

Ela respondeu:

"Não chores, querida; tive de ir; foi a vontade de Deus; estou tão feliz; tenta ser feliz também" — e ouvimo-la soluçar.

Perguntei: "Custa-te vir?"

Resposta: "Oh, não! Estou tão contente."

"Estás com o pai, com a H—— e com a Avó?"

"Com todos eles, e a H—— está aqui agora."

Fez um ruído de beijo e partiu.

H—— apareceu depois, fez uma piada com o apelido, que não compreendi.

John King (chamado por Mrs. Wriedt) apareceu um instante e explicou. H—— voltou e falou connosco.

Perguntei: "Há quanto tempo estás na vida espiritual? Diz-me, se te lembrares."

Ele respondeu: "Há mais de vinte anos." (Correto, vinte e dois.)

"Encontrei logo trabalho para fazer, desde que cheguei."

Gostava de lhe ter perguntado que trabalho era esse; em vida, era advogado. Disse ainda uma ou duas coisas privadas, falando-me com grande carinho.

Perguntei: "O meu pai pode falar comigo?"

Resposta: "Vou ver se consigo encontrar o velhote." Mas isso foi o fim; nenhuma outra voz surgiu.

A minha amiga e eu conversámos sobre tudo com atenção, e chegámos à conclusão de que não conseguimos reconhecer algumas vozes porque parecia que as ouvíamos ao longe, como através de um telefone. Por vezes, houve dificuldade em captar nomes; mas o modo de falar

e a maneira eram exatamente como os da minha mãe — doce e gentil — e do seu marido — pausado e ponderado. Além disso, os assuntos privados referidos só eram conhecidos por nós; e no caso da minha mãe, ela mencionou primeiro um episódio que eu nunca teria partilhado com outros. Em resumo, acreditamos que os nossos entes queridos comunicaram connosco. Quem mais poderia ter sido?

As seguintes notas foram-me enviadas por um amigo, um militar em cuja precisão posso confiar plenamente:

Segue-se o relato de várias sessões privadas com Mrs. Wriedt, durante os meses de Maio e Junho de 1913. Os nomes e locais foram omitidos, sendo usadas iniciais fictícias por razões óbvias. Muito do que ocorreu era de natureza tão privada que não pode ser publicado. Nota-se que, em uma ou duas sessões, praticamente não se obtiveram resultados. Os participantes sentaram-se em círculo, com a trompete no chão ao centro, e a sala manteve-se totalmente às escuras durante os fenómenos, excepto quando a trompete se elevava, altura em que se acendia uma luz vermelha que permitia ver claramente o que se passava na sala.

Primeira sessão: 10 de Maio. Oito participantes.

John King falou em voz alta através da trompete e surgiu várias vezes durante a sessão para explicar o que outras vozes não conseguiam tornar inteligível. Disse-nos que, quando esteve neste mundo, se chamava Henry Morgan; que foi, a certa altura, Governador da Jamaica; e que falava com maior clareza do que outros espíritos porque vinha a praticar há duzentos anos. Uma voz dirigiu-se a uma das participantes, uma senhora, e manteve uma longa conversa em italiano fluente, chegando a enviar beijos pela trompete.

A senhora afirmou reconhecer o espírito como sendo um Monsenhor que conhecera bem em Roma. Ele tinha mais de setenta anos na altura e costumava beijá-la. Falou de acontecimentos políticos e pessoais, e indicou o nome de um Cardeal que, segundo ele, seria eleito Papa após a morte do atual pontífice. Outra voz falou com outro participante, aconselhando-o em assuntos de negócios e avisando-o para não investir numa proposta recentemente recebida. O participante confirmou que o conselho era muito pertinente e ficou satisfeito por o ter recebido.

Uma voz dirigiu-se a uma senhora dizendo: "Sou o teu tio B— e sou conhecido do teu marido, mas não de ti." Perguntou pela saúde do marido, chamando-o pelo nome completo, que nunca era usado pela família. A senhora não reconheceu o espírito na altura, mas confirmou posteriormente que tudo estava correto e que apenas esse tio usava o nome completo do marido. Grayfeather apareceu e disse que, ao contrário do ano anterior, não fora enviado pelo Almirante Moore, mas que viera por vontade própria para ver como estávamos. Disse-nos que o Almirante estava no seu "wigwam", o que era verdade, pois ele tinha acabado de partir para Southsea.

Algumas vozes juntaram-se ao canto, e ouviu-se uma trompete a ser tocada. Vários participantes foram ligeiramente tocados na cabeça. Uma voz chamou o nome próprio de um

dos presentes, que foi reconhecido por outro como sendo a voz do pai, dirigindo-se à neta com um "Como estás, querida A—?"

Perguntou pelo neto e disse que detestava estar tão longe, que podia fazer um trabalho melhor mais perto de casa. O neto está atualmente na África Oriental. Como teste, deu corretamente o nome da filha — um nome muito pouco comum. Falou de assuntos privados com precisão e manteve o mesmo tom brusco que tinha em vida.

Outra voz falou longamente com um dos participantes, dizendo que o conhecia da África do Sul, que pertencia ao Regimento — e que fora morto em Spion Kop durante a guerra. Este espírito não foi reconhecido e o regimento referido não esteve em Natal nessa altura.

Segunda sessão: 15 de Maio. Os mesmos participantes, com excepção de uma senhora.

Após uma longa espera, a trompete foi levantada e uma voz, inicialmente fraca, depois mais forte, disse ser o Arcediago Colley. Afirmou que sabia que todos sentíamos simpatia por ele, e que agora estava perfeitamente feliz. Vários participantes foram tocados na cara e na cabeça fora do círculo. Um deles foi tocado no ombro com a trompete, e uma das senhoras sentiu uma mão fria pousar-se no rosto. Um participante segurou a trompete junto ao ouvido e ouviu um sussurro fraco: "Não consigo."

Terceira sessão: 20 de Maio. Os mesmos participantes da primeira sessão.

Um dos participantes trouxe um grande bocal de gramofone, que foi colocado no centro, sobre uma pequena mesa, junto à trompete. Assim que se apagaram as luzes, um dos participantes sentiu o bocal no joelho, e quase todos foram tocados com ele. Através dele foi dita uma longa oração em latim. John King falou através do bocal em tom estrondoso, dizendo que gostava daquilo.

Um espírito que se apresentou como Maria Antonieta falou longamente em francês com uma senhora francesa presente. O bocal foi então colocado sobre a cabeça de um dos participantes — as luzes foram acesas e ele pôde ser visto nessa posição. Quando se apagaram novamente, os participantes voltaram a dar-se as mãos. As mãos da médium foram seguradas por dois cavalheiros. Quando as luzes foram acesas mais uma vez, verificou-se que a mesa tinha sido virada e a trompete estava dentro do bocal, que fora invertido. Não se ouviu qualquer som durante o fenómeno.

Quarta sessão: 29 de Maio. Mesmos participantes da primeira sessão, com mais duas senhoras.

Uma voz dirigiu-se a um dos presentes: "Sou Z—."

P.: "Queres dizer Z—? Já passou muito tempo desde que nos vimos, não é verdade?"

R.: "Sim, muito tempo."

P.: "Lembras-te do colégio de preparação onde estivemos juntos?"

R.: "Sim."

P.: "Consegues dar-me o nome dele?"

Depois de várias tentativas incompreensíveis, o nome foi dado quase corretamente.

P.: "Consegues lembrar-te do nome de mais alguém que lá estivesse?"

Dois nomes foram dados, mas estavam incorretos. John King disse depois que aquele espírito tinha falecido num certo local, o que era verdade.

Outra voz: "Sou o Y—."

P.: "És o Y— que estava no meu regimento e que nos visitou aqui no ano passado?"

R.: "Sim, Major K—, sou."

Pergunta de outro participante do mesmo regimento: "Porque o chamas formalmente de Major K—?"

R.: "Ah, está tudo bem, M—" (rindo e usando o apelido pelo qual ele é conhecido no regimento). "Costumava chamar-lhe N—." (Correto.)

P.: "Consegues dizer o teu próprio apelido?"

Foi dito corretamente.

P.: "Vês a tua filha agora?"

R.: "Sim, ela está aqui e tentou falar contigo na semana passada, mas não conseguiu."

P.: "Podes dizer-me o nome dela?"

Foram feitas muitas tentativas infrutíferas, mas finalmente o nome foi dado corretamente. O participante que fez a pergunta era o único que conhecia o nome e reconheceu desde o início que o espírito estava a tentar transmiti-lo. No entanto, não ajudou, esperando que o nome fosse ouvido e reconhecido pelos restantes, o que acabou por acontecer. O espírito mencionou corretamente o nome de outro oficial com quem tinha estado quando esteve doente.

Após algum tempo, uma participante deu um pequeno grito, dizendo que os alfinetes do chapéu quase lhe tinham sido arrancados e que este fora deslocado; a pessoa ao seu lado disse que fora empurrada para o lado e que algo saíra abruptamente do círculo. Uma das senhoras recebeu uma comunicação muito satisfatória e reconfortante de familiares, em tom privado, com duas vozes distintas a ouvirem-se em simultâneo. Um dos participantes viu nuvens de vapor luminosas tão brilhantes que conseguia ver a mão e a manga dentro delas.

Quinta sessão: 12 de Junho. Presentes — os mesmos da quarta sessão.

Logo que as luzes foram apagadas, uma mesa que se encontrava fora do círculo, com vasos de flores, foi movida para o interior do círculo quase sem ruído, as flores roçando na mão de um dos participantes que segurava a mão da médium. As luzes foram acesas por receio de que os vasos se pudessem derrubar.

Com as luzes acesas, a trompete, que estava no centro do círculo, elevou-se do chão e lançou-se por cima do ombro de um dos participantes, caindo com estrondo fora do círculo. Dois ou três dos presentes viram claramente a trompete a levantar voo. Depois de as luzes voltarem a ser apagadas, as flores foram retiradas dos vasos e colocadas nas mãos e no colo dos presentes. Não se ouviu qualquer voz durante esta sessão.

Sexta sessão: 13 de Junho. Dois membros do círculo original e cinco novos participantes.

Uma voz falou numa língua que soava a hindustani; porém, apesar de dois dos participantes conhecerem a língua, apenas conseguiram perceber algumas palavras. A trompete voltou a ser projetada para fora do círculo. Ouviu-se um som extraordinário, semelhante a uma buzina de automóvel extremamente estridente, muito próximo da cabeça de dois dos participantes. Não ocorreram outros fenómenos. Uma das participantes ouviu esse mesmo som mais tarde, quando já estava deitada na cama nessa noite.

Sétima sessão: 14 de Junho. Cinco membros do círculo original e dois novos.

John King apareceu de imediato. Um dos presentes queixava-se de febre dos fenos e recebeu dele o seguinte remédio: colocar uma colher de chá de espírito de cânfora num pequeno frasco com água, tapá-lo com papel perfurado e inalar alternadamente por cada narina. Perguntou a um dos participantes sobre um homem que o tinha visitado por motivos profissionais, descrevendo-o, e aconselhou-o a ter cuidado com ele. Disse espontaneamente a um dos presentes:

"Sei que queres saber porque não vim nas tuas duas últimas sessões. Na última, não estive presente; mas na anterior, sim, só que a energia era tão intensa — mais forte do que a nossa — que não conseguimos falar. Fui eu que atirei a trompete, para mostrar quão grande era o poder físico."

O filho de um dos participantes surgiu, dizendo corretamente o seu nome. Afirmou que agora era crescido, embora tivesse falecido em bebé; disse que conhecia e amava o irmão que partira muito tempo depois, mas que não estava muito com ele, pois estava num plano mais elevado. Uma senhora comunicou com uma participante, falando num francês ininteligível, e não foi reconhecida. Surgiram duas ou três vozes mais, também não reconhecidas, uma delas exclamando impacientemente: "Valha-me Deus, ninguém entende?"

O pai de uma das participantes apareceu pela segunda vez, dizendo que a esposa estava com ele. Quando lhe perguntaram se alguma vez via a cunhada (a mãe de uma das participantes), respondeu: "Oh, sim." Ao pedirem que dissesse o nome dela, deu o segundo

nome próprio, que nunca era usado. A médium disse ver o nome K—— e perguntou se alguém o reconhecia. Um dos presentes confirmou, e a trompete foi imediatamente levada até ele.

P.: "És o K——, que eu conheci no Clube?"

R.: "Claro que sim; e costumava ir contigo ao 'Chapter'."

P.: "Consegues dar o sinal?"

R.: "Oh, sim; mas não posso revelar todos os nossos segredos" (rindo).

Os outros participantes prometeram não escutar, e seguiu-se uma conversa privada, com sinais corretos dados por pancadas.

P.: "Sabias que estive nos teus funerais?"

R.: "Sim, sabia que estiveste — e outros também."

O espírito tocou o participante com a trompete e pediu-lhe que fosse à sua antiga casa, prometendo tentar estar presente. Uma voz dirigiu-se a um dos presentes, Mr. J——, dizendo: "Sou o L——."

P.: "Queres dizer o Dr. L——, de V——?"

R.: "Sim."

P.: "Fico muito contente por te ouvir, mas não te conhecia muito bem."

R.: "Não; mas via-te muitas vezes no campo de críquete." (Correto.)

P.: "Dr. L——, de certeza que te lembras do Mr. e Mrs. P., que estão aqui?"

R.: "Claro que sim. Como está, Mrs. P.? Fico muito contente por vê-la."

Após alguma conversa, disse a Mr. J——: "Vejo vários fios de prata entre o ouro agora." (Correto.)

Dr. L.: "Mrs. P., lembra-se daquela canção que costumava cantar muitas vezes?"

Mrs. P.: "Sim, mas já não a canto."

Dr. L.: "Ah, cante agora, devagarinho, e eu canto consigo."

Mrs. P. cantou a canção "Silver Threads Among the Gold", e a voz acompanhou-a, cantando claramente as palavras antes dela.

Dr. L.: "Lembra-se de outra canção que costumava cantar?"

Mrs. P.: "Refere-se a 'Dem Golden Slippers'?"

Dr. L.: "Sim, cante."

Mrs. P. cantou, e mais uma vez a voz juntou-se a ela de forma muito clara.

Dr. L.: "Lembra-se daquela canção sobre uma casinha junto ao bosque?" — Esta não foi reconhecida.

Mr. J.: "Lembras-te, Dr. L., dos teus velhos amigos, os M., que conheceste tão bem em V—?"

R.: "Oh, sim; mas o Mr. M. já partiu."

Mr. J.: "Não, ainda está neste mundo."

Dr. L.: "Sim, eu sei; mas referia-me a ele ter deixado V— há muito tempo. Costumava cantar esta canção."

Dr. L. cantou então sozinho uma estrofe de uma canção que Mr. M. costumava cantar frequentemente. Foi um dos testes mais extraordinários das nossas sessões, pois nunca associáramos Mr. M. a qualquer canção, nem nos lembráramos daquela sem esta referência.

Mrs. P.: "Devemos contar isto ao Mr. M.?"

R.: "Usem o vosso critério."

Dr. L. falou do filho, dizendo: "Pobre rapaz; quanto tem sofrido." (Correto.) Falou da vida como estando dividida em plataformas diferentes, e mostrou-se algo fatalista.

O seguinte relato é escrito por Miss Edith K. Harper, antiga secretária privada de Mr. W. T. Stead. É, provavelmente, quem mais vezes participou em sessões com Mrs. Wriedt. Sendo ela e a mãe ambas sensitivas, compreende-se que alguns dos fenómenos relatados sejam de natureza clarividente.

As manifestações ocorridas na sala de jantar de Cambridge House, Wimbledon, no dia 29 de Maio de 1912, também são descritas no Apêndice da Parte I (p. 118):

Após rever um registo de cerca de duzentas sessões com Mrs. Etta Wriedt durante as suas três visitas a Inglaterra — notas que, se fossem escritas na íntegra, encheriam um volume enorme — tentarei relatar, brevemente, algumas das experiências mais marcantes que a minha mãe e eu tivemos o privilégio de viver através da sua mediunidade.

Ao consultar as minhas notas da sua primeira visita, em 1911, os seguintes aspetos destacam-se como elementos centrais das sessões:

1. Mrs. Wriedt nunca entrava em transe, conversava livremente com os presentes, e por vezes ouvimo-la discutir com espíritos cujas opiniões não partilhava. Lembro-me de Mr. Stead rir-se às gargalhadas ao ouvi-la, de repente, repreender o falecido editor do *Progressive Thinker* pela sua atitude em relação aos médiuns, deixando Mr. Francis visivelmente embaraçado, ao ponto de deixar cair a trompete e aparentemente se retirar derrotado.

2. Duas, três, e até quatro vozes espirituais falavam simultaneamente com diferentes pessoas.

3. Mensagens foram dadas em várias línguas estrangeiras — francês, alemão, italiano, espanhol, norueguês, holandês, árabe, entre outras — todas elas desconhecidas da médium. Uma senhora norueguesa, conhecida no mundo literário e político, foi abordada em norueguês por uma voz masculina, que dizia ser seu irmão e dava o nome de P—. Conversaram fluentemente e ela ficou emocionada com as provas dadas da sua identidade e da continuação consciente da sua atividade no "mundo das muitas moradas". Noutra ocasião, uma voz falou em espanhol fluente com uma senhora do círculo que ninguém sabia ser fluente nesse idioma; a senhora respondeu fluentemente, para evidente satisfação do espírito.

4. Flores eram retiradas dos vasos e colocadas nas mãos dos presentes, em diferentes partes da sala; por vezes, até um vaso inteiro com flores era colocado nas mãos de alguém — tudo isto no escuro.

5. Participantes eram tocados por dedos invisíveis (os cabelos acariciados, as mãos ou o rosto levemente batidos), sendo frequentemente chamados à atenção pela trompete com pancadinhas, como se os espíritos quisessem reorientar a atenção ou encorajar uma resposta imediata.

6. O aparecimento de formas luminosas e "eterealizadas" entre nós, visíveis a todos, que deslizavam em vez de caminhar, muitas vezes acenando ou saudando os membros do círculo a quem vinham visitar. Raramente os rostos dessas formas eram claramente visíveis para todos, mas os clarividentes conseguiam descrever minuciosamente as feições, o cabelo e até os detalhes do bordado ou renda das vestes brancas que usavam. Estas formas não eram sólidas ao toque físico, mas, após o seu desaparecimento, a voz do Dr. Sharp ou de John King costumava anunciar o nome do espírito ou indicar para quem tinha vindo.

É impossível descrever com precisão o impacto da presença desses seres radiantes, que pareciam trazer consigo algo do "ar divino" onde habitam. Vimos frequentemente formas de crianças. Numa ocasião, quando apareceu uma criança pequena, Mrs. Harper viu claramente os cabelos sedosos e claros e o contorno dos pequenos calcanhares. A criança olhou em volta com curiosidade e depois correu rapidamente de volta para o gabinete.¹

¹ Mrs. Wriedt nunca se sentava no gabinete, o qual não era de todo necessário para o seu tipo de mediunidade, embora provavelmente servisse como ponto de concentração para a "força psíquica". O gabinete era propriedade de Mr. Stead e fazia parte da mobília do santuário de Julia. — E. K. H.

Outra manifestação interessante era o canto frequente através da trompete — por vezes uma voz sozinha, outras vezes em uníssono com o círculo, ou ainda acompanhando um participante em particular.

Por exemplo, certa noite, uma senhora cantora de ópera estava presente. Sentindo-se impelida a cantar, começou a entoar, em italiano, os primeiros compassos do dueto "*Home to our mountains*", da ópera *Il Trovatore*, sendo imediatamente acompanhada, também em italiano, por uma voz de tenor inconfundível através da trompete. Segundo garantiu, a melodia foi executada nota por nota tal como o seu marido a cantava consigo em vida,

incluindo certas inflexões e modulações características dele. Este marido tinha falecido recentemente e, naturalmente, a senhora ficou profundamente emocionada com esta prova da sua presença.

Outra manifestação frequente era um disco luminoso, semelhante a uma lua cheia, igualmente brilhante, que se movia dentro do círculo, parando por um ou dois segundos diante de alguns dos presentes. Muitas vezes, os participantes eram ligeiramente salpicados por gotas de água, e era comum sentir uma corrente de ar fresco a circular pelo grupo.

Objetos pesados eram frequentemente deslocados de um lugar para outro na sala — livros, cadeiras, vasos, quadros das paredes, etc. Era comum ouvir duas vozes espirituais a conversar entre si — a voz cortês e sonora do Dr. Sharp e o tom grave e familiar de John King, que se tornavam perfeitamente audíveis enquanto discutiam os prós e contras de uma manifestação planeada.

Certa noite, o meu violino foi retirado da sua caixa, no fundo da sala, e trazido por cima das cabeças dos participantes. Ouvimos as cordas a serem dedilhadas enquanto o instrumento era transportado, e a voz ansiosa do Dr. Sharp dizendo:

"Tem cuidado, John King, tem cuidado!"

Ao que este respondeu, laconicamente: "Está tudo bem!"

Logo a seguir, o violino foi colocado sobre o meu colo, o arco posto na minha mão, e disseram-me para "tocar".

Em seguida, a caixa do violino — pesada e antiga, de madeira maciça — foi colocada aberta no chão aos meus pés. Antes da sessão, estava firmemente fechada com duas travas de latão.

Então, ouvi a voz do meu pai a dizer-me: "Pedi ao John King para trazer o violino, para te lembrar de praticar!"

Quanto à possibilidade de ouvir as vozes com luz, a minha mãe e eu falámos várias vezes com amigos e familiares na sala de estar, durante a tarde, à luz do dia. Mrs. Wriedt, sentada a coser, a vários metros de distância, por vezes participava na conversa. Lembro-me de uma ocasião em que estava numa sala adjacente e ouvi claramente a voz de John King a ressoar desde a sala de estar, seguida da exclamação de Mrs. Wriedt: "Sake's alive!" (*Valha-me Deus!*) Nessa ocasião, apenas a minha mãe e a médium estavam presentes.

Frequentemente, no final de uma sessão, enquanto Mrs. Wriedt se dirigia à porta para acender as luzes, uma ou ambas as trompetes (por vezes usávamos duas) eram lançadas suavemente pelo ar. Às vezes caíam de cima. Houve vezes em que uma delas foi colocada sobre o braço da minha mãe, e outras sobre o meu. Antecipando essa queda, começámos a vigiar o teto quando Mrs. Wriedt, ao dizer: "Bem, acho que terminámos!", estendia a mão para ligar a luz. Em várias ocasiões, vimos uma das trompetes pousada no meio do teto, de onde caía com estrondo assim que a luz era acesa. O fenómeno mais impressionante deste

tipo deu-se quando, certa noite, vimos ambas as trompetes deitadas lado a lado, horizontalmente, no teto, junto ao candeeiro central. Permaneceram assim durante um ou dois segundos e depois caíram suavemente — uma sobre a cabeça de um dos presentes e a outra no chão ao lado dele. É notável que nunca caíssem com força suficiente para magoar alguém. A delicadeza era uma característica constante das sessões no santuário de Julia.

Na véspera da segunda visita de Mrs. Wriedt (1912), ocorreu o terrível acontecimento pelo qual o próprio Mr. Stead foi chamado subitamente para o "outro mundo" cujos mistérios ele procurara durante tanto tempo e com tanta dedicação desvendar. No início de Abril, pouco antes de embarcar, discutiu comigo os últimos preparativos relativos a Mrs. Wriedt. "Provavelmente vou telegrafar para ela vir encontrar-se comigo em Nova Iorque", disse ele, "e trazê-la de volta comigo para Inglaterra."

Mas quando Mrs. Wriedt chegou a Inglaterra pela segunda vez, a 5 de Maio, veio sozinha. O corpo de Mr. Stead jazia sob as águas do Atlântico; mas a sua voz espiritual já se fizera ouvir por ela em Nova Iorque, na casa de um amigo; e Mrs. Wriedt telegrafou-me imediatamente com as palavras breves, mas eloquentes: "Aqui para encontrar o Stead, mas ele já partiu!" — palavras que varreram o último fio de esperança que nos restava.

É nossa firme e inabalável convicção que, durante os dois meses seguintes, vimos e conversámos com Mr. Stead de forma contínua, tanto em sessões gerais como em encontros privados. Deu-me muitas provas de identidade e usou expressões e frases familiares que eram totalmente desconhecidas da médium. Contou-nos, com pormenores, a forma como tinha falecido, dizendo que fora atingido na cabeça e que nunca chegou a sentir a sensação de afogamento.

Na primeira vez em que falou comigo pela trompete, retomou uma conversa que tínhamos tido poucos dias antes da sua partida, em que me manifestou o desejo de que eu escrevesse a sua "vida psíquica" — isto é, o lado da sua vasta carreira relacionado com as suas investigações e experiências psíquicas, nas quais tive o privilégio inesquecível de estar tão intimamente envolvida.

Não só vimos frequentemente o seu rosto, cabeça e ombros eterealizados, como, ao chamarmos por ele, ele inclinava a cabeça e sorria em reconhecimento. Perto do fim da estadia de Mrs. Wriedt, a minha mãe e eu tivemos uma sessão privada com ela numa noite de domingo, e jamais esquecerei a variedade das manifestações.

Esferas de luz — brancas ou por vezes com tonalidades avermelhadas ou douradas — flutuavam pela sala. Surgiam atrás de nós, moviam-se para cima e para baixo à nossa frente, sobre as nossas cabeças, por vezes uma só, outras duas ou três de cada vez, em diferentes pontos da sala, e também no gabinete, onde pareciam chover como pequenos meteoros ovais.

Uma grande luz nacarada surgiu diante do gabinete, espalhando uma radiância bela que o cobria e se erguia muito acima. Depois, as duas trompetes no chão foram subitamente iluminadas e tornaram-se visíveis na escuridão, lado a lado. Ao mesmo tempo, uma outra

esfera de luz flutuou até nós vinda do lado direito da sala. Por vezes, duas luzes grandes e brilhantes apareciam juntas, subindo lentamente pelas cortinas do gabinete.

De repente, uma grande cruz de madeira e o Calvário, colocados no topo do gabinete, ficaram intensamente iluminados, como se delineados por luz. Sobre a cruz pairava uma esfera luminosa, como uma pequena lua, e enquanto a observávamos, uma radiância começou a expandir-se a partir dos braços da cruz, assumindo gradualmente a forma e o aspeto de asas abertas, com mais de trinta centímetros de extensão de cada lado. Esta luz não era brilhante como as outras, mas tinha um aspeto suave, "aveludado", e era de um branco puríssimo. Compreendi bem o símbolo, pois tinha para mim um significado sagrado. Este fenómeno durou vários segundos, depois a luz espalhou-se em todas as direções e subiu até ao teto.

De súbito, Mrs. Wriedt exclamou: "Há uma luz entre as flores!" Ao olharmos, vimos um pequeno disco luminoso a atravessar a sala, aparentemente vindo da direção de um conjunto de flores sobre uma mesa colocada a alguma distância. À medida que se aproximava, a luz aumentava de tamanho e, simultaneamente, todas as três exclamámos: "É o Mr. Stead!" E de facto era.

Aproximou-se e inclinou-se sobre a minha cadeira; ao levantar o olhar, vi o seu rosto a sorrir para mim. Foi, talvez, a mais perfeita das muitas eterealizações que já presenciei. A sua atitude e movimentos eram incrivelmente naturais e descontraídos. Depois, tornou-se invisível, e imediatamente a sua voz falou comigo através da trompete.

Depois, fomos também dirigidos por John King e pelo Dr. Sharp, e várias outras formas eterealizadas apareceram — uma delas, feminina, foi identificada por John King como sendo a sua filha, Katie. O meu pai e outros familiares e amigos também nos falaram. Mrs. Wriedt referiu-se muitas vezes a essa sessão como uma que jamais esqueceria, e certamente que nós, os outros dois participantes, também não a esqueceremos.

Mrs. Harper obteve alguns resultados interessantes em fotografia espiritual durante as sessões de 1912, tendo recebido frequentemente conselhos de Mr. Bournsnel através da trompete. Infelizmente, o melhor dos negativos — no qual o rosto de Mr. Stead foi claramente reconhecido por todos os que o viram — ficou danificado posteriormente, ao ser enviado para ampliação.

Concluirei este resumo muito breve e incompleto das nossas experiências do ano passado citando, a partir das minhas notas, o relato de uma manifestação notável ocorrida na presença do círculo privado de Julia, na noite de 29 de Maio de 1912.

Durante o jantar, na sala de jantar, após a sessão, estavam presentes Mrs. Wriedt, Mr. e Mrs. Mallinson, Miss Scatterd, Mrs. Anker, Miss Stead, e Mrs. e Miss Harper. O Almirante Moore, Mr. J—— e Mr. E. T. Harper tinham saído pouco antes do jantar; Mr. R. King e Mr. Skeels também estavam ausentes. No lugar de Mr. Stead, à cabeceira da mesa, encontrava-se a sua cadeira, sobre a qual estava colocado um vaso de planta com suporte, bastante pesado, contendo uma grande margarida em plena floração. A planta media cerca de 45 centímetros de diâmetro e cerca de 1,20 metros de circunferência nas partes mais

largas. A cadeira estava voltada para a mesa, como se o nosso Chefe estivesse ali sentado. O vaso de margaridas, oferta de Mrs. Wriedt, era colocado naquela cadeira em cada reunião semanal do círculo de Julia. Contudo, apesar das flores serem um testemunho silencioso mas eloquente da ausência física de Mr. Stead, nada de invulgar tinha acontecido com elas até àquela noite.

Tínhamos acabado de jantar e todos conversávamos animadamente, quando Mr. Mallinson exclamou: "Estão a ver aquela folha a mexer-se?" Todos olhámos na direção da planta, mas continuámos a conversar. Mrs. Wriedt falava sobre Mr. Stead. Subitamente, várias das flores superiores começaram a mover-se ritmicamente para trás e para a frente, com a flor mais alta inclinando-se para a frente como se nos saudasse.

O silêncio caiu sobre a sala, e Mrs. Wriedt disse: "Vamos todos dar as mãos." Assim fizemos, formando uma cadeia, mas sem tocar na mesa. Mrs. Wriedt retomou as suas palavras sobre Mr. Stead e mencionou o nome do "gabinete" de Julia. Nesse momento, a planta foi levantada como que por mãos invisíveis e parcialmente girada sobre a cadeira. Ficámos imediatamente atentos.

A planta foi então girada mais um pouco, para a direita. Continuámos a conversar, e Mrs. Wriedt exclamou: "Mr. Stead, Mr. Stead, é você?" Três pancadas seguiram-se, e um coro de saudações jubilosas encheu o ambiente. No instante seguinte, não apenas a planta e o vaso, mas também a pesada cadeira de carvalho da sala de jantar foram girados rapidamente até formarem um ângulo com a mesa.

Depois, o chão começou a vibrar sob os nossos pés. Miss Scratcherd sugeriu apagar as luzes para facilitar as manifestações. Até então, três lâmpadas elétricas potentes estavam acesas sobre a mesa. Foram desligadas, deixando a sala em penumbra, mas não na escuridão total.

O chão continuava a vibrar com força crescente, e a mesa foi agitada com tal violência que as chávenas, pires, pratos e travessas tilintavam ruidosamente. Ouviu-se então o som de passos pesados a ressoar pela sala, como se alguém estivesse a marchar em volta da mesa. Mrs. Harper exclamou:

"É isso mesmo, Chefe! Cumpra a sua palavra!"

Isto trouxe-nos à memória algo que Mr. Stead dissera à mesa, após uma sessão do círculo de Julia, cerca de duas semanas antes de partir: "Quando eu chegar ao outro lado," declarou ele, a propósito das pancadas, "não me limitarei a bater... vou bater os pés assim, e abanar todo o chão!" — e, ao dizê-lo, bateu os pés com força. Recordámos esse episódio enquanto escutávamos o chão a tremer violentamente e os passos pesados a ecoar. Todos estávamos convencidos de que Mr. Stead tinha cumprido a promessa.

Uma característica especial da mediunidade de Mrs. Wriedt era a sua capacidade clarividente de ler nomes "escritos no ar", como ela dizia, na escuridão. Quando um nome era reconhecido por um dos presentes, quase imediatamente uma voz era ouvida a falar através da trompete, e uma conversa iniciava-se. Era como se os visitantes espirituais

optassem por anunciar-se e obter reconhecimento antes de tentarem dar um nome pela trompete. Recordo-me de uma vez, numa sessão, Mrs. Wriedt anunciar um nome que ninguém reconheceu. Então, a voz de John King quebrou o silêncio, exclamando com bom humor e franqueza ao espírito invisível:

"É melhor ir-te embora, meu amigo, ninguém te conhece!"

Numa sessão privada em 1913, na qual eu e a minha mãe participámos, Mrs. Wriedt disse: "Vejo o nome Hub—Hubbard ou Hubback... está ligado a um homem idoso." Reconhecemos o nome Hubback. Imediatamente uma voz falou através da trompete, saudando-nos num sotaque de Yorkshire inconfundível e com o tom trémulo de um homem idoso.

Disse que estava muito feliz por falar connosco novamente e que o meu pai lhe tinha dito para vir. Acrescentou que pensava que já tínhamos deixado "a casa antiga", pois, quando por vezes ia dar uma vista de olhos, nunca nos via a passear "como antes". Disse ainda que estava muito feliz agora, sem dores, e agradeceu-nos a "bondade de outrora."

Tudo isto foi bastante comprovativo: o homem era um antigo cocheiro, cuja filha foi empregada na nossa casa há muitos anos, numa aldeia na fronteira do North Riding de Yorkshire, onde vivíamos. Morreu após longa e dolorosa doença. Nunca falámos dele a Mrs. Wriedt — na verdade, era das últimas pessoas de quem nos lembraríamos. A referência a termos deixado "a casa antiga" foi interessante, pois partimos da região algum tempo após a sua morte. A sua voz e maneira de falar pela trompete eram extremamente características, sobretudo o "Ay, ay" que intercalava nas suas frases.

Noutra ocasião, durante uma sessão privada, Mrs. Wriedt viu um nome muito invulgar, começado por I. A minha mãe reconheceu-o de imediato como sendo o nome de uma tia-avó sua, que faleceu quando ela era ainda jovem. Tinham uma grande afeição uma pela outra. Mrs. Wriedt certamente nunca ouvira falar dessa parente. Em seguida, uma voz muito suave, doce e clara dirigiu-se a Mrs. Harper pelo nome: "Minha querida, vim da minha casa na sétima esfera para falar contigo. Ouves-me?"

Prosseguiu fazendo algumas observações de carácter profundamente pessoal e familiar, que provavam inequivocamente a sua identidade. Mrs. Harper então perguntou: "Viste a minha irmã?"

A resposta foi curiosa:

"Sim, agora ela compreende tudo. Ela sabe o que dizem as ondas."

Isto trouxe de imediato à memória da minha mãe um dueto que ela e a irmã costumavam cantar em criança, e como essa irmã, tal como Paul em *Dombey and Son*, se interrogava: "O que dizem as ondas?" Outro aspeto interessante desta comunicação foi a profunda preocupação expressa por esse espírito relativamente às crenças religiosas da minha mãe, pois essa tia-avó tinha sido criada nos princípios mais rigorosos da Igreja da Escócia.

Na nossa sessão privada de segunda-feira de Pentecostes, em 1913, nada menos que treze vozes diferentes nos falaram, todas identificadas. Mrs. Wriedt disse que esse número era

muito invulgar numa sessão privada, especialmente em combinação com as eterealizações e as luzes que vimos. Nessa sessão, Mr. Stead eterealizou-se. Foi primeiro visto clarividamente pela minha mãe e, quando ela comentou isso, tornou-se visível também para Mrs. Wriedt e para mim. A minha mãe viu a transição da clarividência para a eterealização: a forma de Mr. Stead apareceu exatamente no mesmo local onde ela o vira momentos antes, à sua direita.

O seu rosto, cabeça e ombros tornaram-se visíveis primeiro para a minha mãe e Mrs. Wriedt, e depois para mim. Eu estava sentada à esquerda da minha mãe; Mrs. Wriedt estava de frente para nós, mas mais próxima da minha mãe. Após a sua aparição, falou longamente, referindo-se a acontecimentos ocorridos desde a sua passagem e dando-me conselhos sábios, como nos tempos antigos.

Ainda nessa sessão, uma forma luminosa, com vestes femininas, atravessou a sala e aproximou-se de Mrs. Wriedt, depois dirigiu-se até nós, e o que parecia uma bola de luz apareceu no joelho da minha mãe. Ao mesmo tempo, Mrs. Wriedt parecia estar completamente envolta por uma névoa branca e luminosa. Assim que esta manifestação cessou, a voz de Julia falou connosco.

Nesta sessão, John King também se manifestou de forma extraordinária, tocando belos toques de trompete através da trombeta, dizendo que era assim que costumava reunir os seus homens nos tempos antigos de pirataria. Um dos toques mais intensos ilustrou o seu sinal de combate. John King manifestou-se em todas as nossas sessões, dando-nos muitos pormenores sobre a sua vida na Terra, na Jamaica.

As vozes nem sempre se assemelhavam às vozes físicas das pessoas em vida, tal como as vozes ouvidas através de um telefone nem sempre são facilmente reconhecíveis. No entanto, nunca perdiam o seu carácter individual — isto é, qualquer que fosse o tom de voz usado inicialmente por um espírito, ele mantinha esse mesmo tom em todas as sessões posteriores. A maneira de Mr. Stead era sempre característica.

A sua voz soava muito como quando falava com pressa através de um telefone de longa distância, tal como eu a ouvia frequentemente, por exemplo, quando telefonava do Hayling Island para o seu escritório na Mowbray House, Norfolk Street, Strand — a setenta milhas de distância. Por várias vezes, falou com o que Mrs. Wriedt chamava de "voz independente" — isto é, sem usar a trompete. Demonstrou frequentemente grande interesse pelos assuntos do Próximo Oriente, dizendo que estava muitas vezes nos Balcãs, no centro da guerra, a trabalhar pela paz.

Pessoalmente, não necessitava das vozes para me convencer da realidade da "vida após a morte", pois, desde que me lembro, sempre estive consciente de uma comunhão com o mundo invisível. Mas, se tal garantia me faltasse, através da mediunidade de Mrs. Wriedt recebi certamente provas em abundância de que os nossos entes queridos estão connosco continuamente, partilhando as nossas alegrias e tristezas, velando por nós com constante ternura e solicitude — não como seres sobre-humanos, distantes dos assuntos terrenos, mas como companheiros de viagem no caminho da evolução espiritual, separados de nós

apenas pelos sentidos físicos, e rejubilando sempre que se lhes oferece uma oportunidade de atravessar as barreiras que nós próprios, muitas vezes inconscientemente, criamos.

Edith K. Harper

Wimbledon, 27 de Julho de 1913

Confirmo o relato da minha filha.

S. A. A. Harper

A senhora que escreveu o seguinte relato registou algumas das suas experiências na página 38 e seguintes:

Sendo membro do círculo de Julia, tive o privilégio de participar nas reuniões semanais com Mrs. Wriedt como médium, durante os verões de 1911 e 1912. Também tive algumas sessões privadas com ela em 1913 e fui extremamente afortunada nas experiências de fenómenos maravilhosos que vivi.

Ouvi as vozes de muitos entes queridos que partiram, e ansiava particularmente ver uma eterealização do meu filho. Durante uma sessão, ele falou comigo durante alguns minutos, e pedi-lhe que me deixasse ver o seu rosto. Um feixe de luz apareceu, depois um oval tremeluzente. Reconheci a forma da cabeça dele, mas os traços estavam difusos. Era como se uma pedra tivesse sido atirada ao reflexo da lua num lago. Exprimi a minha desilusão, e ele disse: "Estou a mostrar-te esta eterealização através da tua própria aura, que está a vibrar com grande intensidade; isso torna impossível que eu tenha êxito."

Uma aparição luminosa brilhou diante de mim, tão real e vívida que nós (quatro membros da minha família) chamámos involuntariamente pelo nome do meu pai. A luz cintilava aqui e ali na escuridão profunda, aproximando-se e afastando-se. Estava ligeiramente inclinada e pareceu-me um reflexo de outra dimensão (se tal expressão for admissível). Nunca vi nada semelhante no mundo físico.

A cor era de prata e ouro; os olhos abriam-se e fechavam-se. Para os que sugerem fraude, devo dizer que o rosto do meu pai não era como o vi pela última vez, com cabelo e barba brancos, mas como um homem de cerca de trinta e cinco anos, com cabelo escuro e bigode. O único retrato marcante dele com esse aspeto foi destruído há vinte e cinco anos. Notei também que o cabelo era ondulado. Em vida, ele tinha cabelo liso e dizia frequentemente que desejava tê-lo encaracolado.

Uma eterealização de uma senhora idosa apareceu, com uma touca branca dupla em redor do rosto e queixo. Ao perguntar o nome, a voz do meu filho disse-me que era a minha trisavó materna. Eu imaginava que ela teria morrido com cerca de trinta anos, mas, após investigação, descobri que a minha mãe se lembrava da sua morte — e também da touca que descrevi.

Durante uma das sessões, o guia de Mrs. Wriedt, o Dr. Sharp, deu-me uma receita e conselhos médicos, pelos quais lhe estou muito grata, pois fiquei curada.

Fui constantemente tocada por mãos materializadas. Vinham de uma massa de névoa branca e, penso eu, formavam-se até ao pulso. Tocavam-me rapidamente na face ou na mão, depois afastavam-se. Senti que não queria que eu tentasse agarrá-las e, quando prometi mentalmente não o fazer, ganharam confiança e permaneceram comigo durante toda a sessão, por vezes vindo da parede atrás de mim ou de cima, pousando na minha cabeça e trazendo-me flores do outro lado da sala. Mrs. Wriedt estava sentada a cerca de dois metros e meio de mim, e falava constantemente.

Essas mãos nunca procuravam às cegas, mas frequentemente tocavam as minhas pálpebras na escuridão intensa. Não tinham nada de anormal — eram fortes, firmes e secas.

Ao longo de três verões, ouvi estas entidades a falar semanalmente através da mediunidade de Mrs. Wriedt; o tom e as características da fala nunca variaram. Jamais esquecerei o tom culto e refinado da voz de Iola, a voz doce mas determinada de Julia, a fala clara, curta mas gentil do Dr. Sharp, o poderoso baixo de John King, e a voz do meu próprio filho — diferente da que tinha em vida, sim, mas com todas as suas memórias e traços de personalidade intactos.

Lamento sempre que leio sobre "futilidades nas comunicações dos espíritos." Gostava que tais críticos pudessem partilhar as minhas experiências, pois cada questão científica, médica ou religiosa foi respondida com profundidade, e aprendi muito do maior interesse.

Posso acrescentar que nunca criei obstáculos aos que, do outro lado, trabalham com tanto empenho para atravessar o véu. Fiz com que as condições fossem as melhores possíveis. Cada sessão, para mim, era um verdadeiro serviço de comunhão, e não precisava de testes — pois recebi inúmeras provas convincentes, sem as pedir. Eu e o meu marido gostámos muito da médium, que considerámos honesta, altruísta e generosa — e essa empatia talvez nos tenha ajudado.

Um dos testes dados sem ser pedido foi uma eterealização de Mr. Stead, que falou e referiu uma conversa conhecida apenas por mim e por ele. Conservo ainda a carta com data, escrita por ele, que refere esse assunto. Essa conversa aconteceu numa sessão em círculo.

Durante este terceiro verão das minhas experiências com Mrs. Wriedt, não tive tantos fenómenos físicos, mas recebi várias profecias — algumas das quais já se concretizaram, e eram acontecimentos totalmente inesperados. Não posso fornecer detalhes publicamente, pois envolvem nomes de outras pessoas, mas fá-lo-ia em privado, se me fosse pedido.

Numa sessão em que estavam presentes apenas eu, o meu marido e Mrs. Wriedt, apareceu uma nuvem violeta muito grande e suave. Exclamei em voz alta, e uma voz profunda e bela disse:

"Silêncio, fala baixinho; vamos mostrar-te a luz espiritual de W. Stead."

Apareceu uma estrela dourada, e uma mais pequena cerca de trinta centímetros atrás dela. Estas estrelas giraram com enorme rapidez durante alguns segundos. Estas luzes não eram etéreas nem vistas por clarividência — pareciam pedaços reais de fogo. Pedi para ver a luz espiritual do meu filho, e surgiu uma estrela cor-de-rosa com a mesma estrela

pequena atrás, girando da mesma forma. Uma grande lua crescente prateada flutuou e pousou no colo de Mrs. Wriedt, assustando-a um pouco; também apareceu uma estrela vermelha pura.

A médium disse que nunca tinha visto nada semelhante e que talvez estivesse relacionado com as sessões que realizamos em casa. De facto, temos a grande nuvem violeta, mas não avançamos mais do que isso. Entre cada luz, a sala parecia cheia de movimento; uma névoa branca surgia, transformando-se em violeta escuro, com o tamanho aproximado de um homem, e a estrela aparecia a girar rapidamente em torno de um círculo com cerca de sessenta centímetros de diâmetro.

M. M.

De uma senhora que vive em Horsham:

Fui a uma sessão privada com Mrs. Wriedt em Junho de 1913, estando presentes apenas ela e eu.

Dois ou três minutos depois de apagada a luz, senti um toque. Disse: "Algo me tocou." Mrs. Wriedt perguntou: "Está alguém aí?" e uma voz respondeu:

"Sim; Will." Perguntei:

"É o Will W.?" (referindo-me a um tio que já falecera).

A voz respondeu: "Não, não; Will L——" (mencionando um grande amigo meu que morreu há alguns anos na África do Sul).

Então perguntei: "Queres falar comigo, Will?"

A voz respondeu: "Sim, tu compreendes; os meus entes queridos não. Diz à E. (sua esposa) que estou muito feliz e que a vejo constantemente." Depois disso, a voz cessou.

Mas esqueci-me de referir que, antes de ouvir a voz, Mrs. Wriedt disse:

"Vejo uma figura a aproximar-se de ti, com a mão sobre o coração. Morreu devido a uma operação ou a algo no coração."

Will L——, cuja voz ouvi, morreu de forma instantânea devido a um aneurisma cardíaco. A figura que Mrs. Wriedt descreveu correspondia em todos os detalhes a Will L——.

Outras vozes foram ouvidas, mas as mensagens que recebi são demasiado privadas para serem publicadas.

Quando iniciei a Parte II, não tencionava voltar a expor as minhas próprias experiências ao público, pois, tendo participado tantas vezes em sessões com Mrs. Wriedt e estando tão intimamente envolvido na sua genuinidade como médium, o meu testemunho poderá ser visto como parcial por aqueles que procuram provas objetivas. No entanto, nas minhas notas encontro dois episódios únicos, ocorridos em Agosto, que não posso deixar de partilhar.

Mrs. Wriedt, como registei, deixou-me a 1 de Julho de 1913 para ir à Escócia. Após várias sessões bem-sucedidas nesse país, alugou novamente a Cambridge House, em Wimbledon, e deu sessões aos seus amigos durante todo o mês de Agosto. Durante esse período, participei em seis sessões; todas foram plenamente bem-sucedidas. Em cinco delas, estivemos apenas eu e ela na sala; na sexta (a primeira), estiveram também presentes dois amigos americanos. Uma das minhas sessões privadas será agora descrita:

Cambridge House. Segunda-feira, 25 de Agosto, das 16h03 às 16h40.

Um minuto depois de as luzes serem apagadas, enquanto a caixa de música ainda tocava, John King saudou-me calorosamente. Ficou por cerca de dois minutos. Depois surgiu Iola por alguns instantes, seguindo-se uma breve pausa e silêncio total. Subitamente, surgiu uma eterealização brilhante de uma mulher vestida de branco puro; as feições não eram visíveis, mas a figura e a altura correspondiam às de Iola.

A túnica branca estava em constante movimento, como se os braços se mexessem por baixo do tecido. Mrs. Wriedt, sentada a cerca de dois metros e meio de mim, exclamou com entusiasmo: "Oh, Almirante, é o bebé!", e pouco depois: "Não o vê? Isto é a coisa mais maravilhosa que já aconteceu aqui."

Após muito movimento na túnica branca, apareceu uma forma distinta, em pé ao lado de Iola. Era branca como a neve e, evidentemente, a eterealização de uma criança com pouco mais de sessenta centímetros de altura. Mrs. Wriedt disse: "Tenho de me aproximar de si, Almirante, para ver se vê o mesmo que eu." Deixou o seu lugar (imprudentemente, a meu ver), veio até mim e agarrou a minha mão direita com a sua mão esquerda.

Ficámos assim enquanto a figura mais alta desaparecia e o bebé permanecia sozinho. As feições não eram visíveis, mas percebia-se claramente uma touca pontiaguda na cabeça da criança; parecia estar de pé no chão, a cerca de sessenta centímetros de mim. Ficou visível durante cerca de dois minutos e depois desapareceu. Mrs. Wriedt regressou então ao seu lugar.

Iola falou então para o bebé: "Fala com o avô, querida."

Ouviu-se a voz de uma criança muito pequena a dizer: "Avô."

P.: "Sim, querida?"

R.: "Sou eu."

P.: "Tens alguma coisa que eu possa dizer ao pai?"

R.: "Abraço para o papá; abraço para a mamã." Depois (como se falando com Iola): "Fotchie, Fotchie" (uma versão infantil do nome da sua tia-avó). Novamente: "Avô."

P.: "Sim, querida?"

R.: "Sou eu." (mais sussurros). "Avô, adeus." (seguido de beijos).

(O "adeus" foi tão claro que me impressionou muito.)

Iola perguntou-me: "Viu ela mandar-lhe um beijo com a mão?" Respondi que não. Pouco depois, uma luz surgiu no ar, um pouco acima da minha cabeça. Moveu-se para cima e para baixo cerca de seis vezes; tinha cerca de cinco centímetros de diâmetro. Não consegui distinguir se era uma mão.

Depois, ouvi a trompete a rolar pelo chão. Iola sussurrou: "É o bebé a brincar com a trompete." Por fim, a trompete foi atirada contra a minha perna esquerda. Iola continuou a conversar comigo sobre vários temas, mas nenhum relevante para este relato.

No início da sessão, logo após a partida de John King, um grande disco iluminado, com cerca de dez centímetros de diâmetro, foi acenado diante do meu rosto. Mrs. Wriedt não viu nem este, nem a luz representando a mão do bebé.

A sessão terminou com uma conversa entre mim e Iola sobre cremação. Iola declarou que era uma boa forma de dispor do corpo, mas que não devia ser feita antes do terceiro dia após a morte, para que o espírito tivesse tempo de se desprender da sua vestimenta terrena. As suas palavras finais foram: "Na verdade, não faz muita diferença, mas é melhor assim."

(Perdi uma neta num acidente em Abril de 1911, com cinco meses de idade. Desde então, ouvi falar dela várias vezes — ver *Glimpses of the Next State* —, mas foi a primeira vez que a vi claramente como eterealização e a ouvi dizer mais do que uma ou duas palavras.

Já tinha sido vista por clarividência. Numa ocasião posterior, Iola disse-me que a criança não usara a trompete, mas falara diretamente. Acrescentou que a trouxera nos braços e a colocara no chão, apoiando-a pelos braços durante alguns instantes. Ainda hoje não consegue dizer os nomes das irmãs, chamando-lhes apenas "as vizinhas.")

Cambridge House, sexta-feira, 29 de Agosto de 1913.

Presentes: Mrs. Wriedt, Mr. e Mrs. Z. (de Toledo, Ohio, EUA) e eu.

Durante alguns minutos após apagadas as luzes, a caixa de música continuou a tocar o hino nacional russo. Assim que parou, Edna, a freira, manifestou-se atirando um pouco de água aos nossos rostos. Ofereceu uma rosa a Mrs. X. e tocou em cada um de nós na face com a extremidade pequena da trompete.

Mrs. Wriedt teve então a ideia de perguntar ao espírito: "De que cor é a rosa?" Resposta: "Encoste-a ao seu vestido" (dirigindo-se a Mrs. Z.); "... é cor-de-rosa e creme." Pergunta: "Quer dizer cor-de-rosa e branco?" Resposta: "Não, não quero dizer isso; é cor-de-rosa e creme."

(No final da sessão, ao acenderem-se as luzes, vimos que a rosa mais bonita da taça de flores, mesmo atrás do meu cotovelo direito, tinha desaparecido; era exatamente de um tom rosa esbatido em creme. Não tinha ouvido qualquer movimento entre as flores.)

Edna foi vista por Mr. e Mrs. Z. e conversou com eles durante dois ou três minutos.

O Dr. Sharp surgiu em seguida com saudações calorosas, seguido de Iola, que deu as boas-vindas a Mr. e Mrs. Z. e disse que já se manifestara a eles na América, e que o voltaria a fazer. Deu uma descrição aproximada do que lhes teria dito, embora não muito correcta.

Depois, fomos visitados por Mr. Samuel Jones, antigo presidente da câmara de Toledo. Seguiu-se uma conversa muito clara sobre a sua viúva e outros familiares. Disse a Mr. Z., com confiança, que voltaria a Inglaterra.

Eu disse: "Ele disse-me que nunca mais viria."

Resposta: "Não acredite numa palavra do que ele diz." (risos) Reiterou então a sua certeza, acrescentando que a sua viúva e outra senhora acompanhariam os Z. na próxima travessia do Atlântico.

Grayfeather manifestou-se com o seu habitual grito: "Me aqui!" e falou-nos sobre o seu médium, J. B. Jonson, e outros assuntos.

O momento alto da sessão foi a manifestação do espírito de George Z. Aparentemente, acompanhara o seu irmão e cunhada durante as viagens pela Alemanha e Holanda (chegaram da Holanda há apenas oito horas). Disse: "Vi-vos em Haia."

P. de Mrs. Z.: "Viste alguma das figuras notáveis connosco no Palácio da Paz?"

R.: "Queres dizer a princesa?"

P.: "Era a rainha."

R.: "Não vi nenhuma rainha; pensei que fosse uma duquesa da Holanda."

O espírito prosseguiu: "Vi o Will oferecer-te aquele colar de ametistas. Quando o vi, disse logo: é para ti; fico feliz que o tenhas recebido — a ametista é a minha pedra preferida." (Tudo correcto. Mr. Z. oferecera a Mrs. Z. um colar de ametistas em Zurique; ela usava-o na sessão.)

Logo depois, o espírito perguntou: "Para quem compraste essas contas?"

Mrs. Z.: "Para a Frances" (a neta).

"Oh!" (As contas estavam no Hotel Cecil naquele momento; tinham sido compradas em Amesterdão.)

George Z. voltou a demonstrar o seu conhecimento dos movimentos dos familiares ao perguntar:

"De onde tiraste esse pente?" Durante dois minutos, Mrs. Z. ficou confusa, sem perceber a que se referia o cunhado.

P.: "Não comprei nenhum pente, George."

R.: "Sim, compraste; eu vi — aquele com pedras."

Mrs. Z. (de repente lembrando-se): "Ah! Queres dizer a presilha de casco de tartaruga para o cabelo?"

R.: "Para mim, parecia um pente."

(Tenho uma presilha em cima da mesa, enquanto escrevo isto. Para mim, um simples homem, parece de facto um pente, e tenho a certeza de que, se fosse o espírito, tê-lo-ia descrito como ele o fez. Mrs. Z. comprou uma em Colónia, que me mostrou; não tinha pedras.)

Mas a prova mais curiosa estava por vir. George Z. disse:

"Por que é que disseste: 'Já viste um carro tão engraçado?' Se eu estivesse vivo, teria desatado a rir." (risos ouvidos através da trompeta) "Oh, sim, teria mesmo."

(Os Z. chegaram pela primeira vez a Inglaterra a 4 de Julho de 1913, desembarcando em Liverpool. Contaram-me que, quando lhes foi atribuída uma carruagem de primeira classe para a viagem até Chester, esta era tão diferente das carruagens americanas que Mrs. Z. exclamou: "Já viste um carro tão estranho?")

Este espírito também afirmou que os Z. voltariam a visitar Inglaterra.

Silvermoon manifestou-se em seguida com um grito de guerra estrondoso, que repetiu. Mostrou a sua "lua" — um grande disco — a Mr. e Mrs. Z., mas eu não consegui vê-la, tal como não vi Edna no início da sessão. Proferiu algumas palavras ininteligíveis.

Recebemos então a visita de **W. T. Stead**, num momento particularmente comprovativo. Falou com voz clara e deu as boas-vindas aos meus amigos, chamando ao espaço "o seu templo", com o mesmo tom característico de sempre nas sessões. Disse a Mr. Z.:

"Quer fazer o favor de dizer ao Mr. Thomson que lamento não o ter podido visitar em Toledo?"

Mrs. Wriedt corrigiu: "Quer dizer o Mr. Jonson, Mr. Stead?"

"Sim, sim, Jonson." (Pausa)

"Então, senhor, transmita os meus cumprimentos ao Mr. Thomson e diga-lhe que lamento não o ter visto."

(Importa notar isto: pouco antes de embarcar no Titanic, Mr. Stead andava a ponderar convidar os Jonson para Inglaterra. A sua secretária pessoal e outras pessoas próximas sabiam da sua intenção séria de os convidar a Cambridge House. Repare-se também como sabia onde moravam os Z., embora os seus nomes reais não sejam mencionados nas minhas descrições das sessões com eles em *Glimpses of the Next State* — a sua única possível fonte de informação terrena.)

Conversou durante alguns minutos, dirigindo-se a mim duas ou três vezes e uma vez a Mrs. Wriedt. Desde 2 de Maio que não tinha tido oportunidade de falar com ele.

Iola voltou para uma breve conversa. Vi-a três ou quatro vezes durante a sessão, mas não se tornou visível para os meus amigos. Comentei:

"Bem, estes encontros agradáveis chegaram ao fim; esta é a nossa última conversa."

R.: "Não, não é; ainda falarei contigo."

Neste momento, o Dr. Sharp apareceu para encerrar a sessão. Perguntei:

"Dr. Sharp, o que quer dizer a Iola com isso? Disse que voltarei a falar com ela."

Dr. Sharp (de lado): "O que lhe disseste?"

Ouvi Iola a falar-lhe com entusiasmo, mas não consegui distinguir as palavras.

Depois, Sharp disse:

"Bem, Almirante, talvez não volte a vê-lo, por isso despeço-me agora e agradeço-lhe por toda a bondade que mostrou à minha médium."

Continuou por mais um minuto ou dois, com palavras muito calorosas e apreciativas, desejando aos Z. uma boa viagem de regresso a casa — e partiu. Terminava assim uma das sessões mais evidenciais que alguma vez experimentei.

(Para quem tiver interesse nas minhas sessões com os Z. em Toledo, Ohio, e Detroit, Michigan, recomendo as descrições incluídas em *Glimpses of the Next State*. Quanto à premonição da Iola de que voltaremos a falar, não é impossível, pois Mrs. Wriedt ainda não regressou aos Estados Unidos (10 de Setembro), mas parece-me pouco provável. Caso aconteça, farei uma anotação antes de concluir este livro. Mrs. Wriedt encontra-se actualmente na Holanda.)

O seguinte relato é de Mrs. Alleyne, que já participou em mais de duzentas sessões com Mr. Cecil Husk, o médium cego. Tem sido debatido entre alguns espiritualistas se John King, o guia de Husk, é o mesmo que se manifesta nas sessões de Mrs. Wriedt. Nunca tive dúvidas de que é o mesmo, tendo participado em mais de trinta sessões com Husk:

Na noite de domingo, 24 de Agosto de 1913, fui a Wimbledon, acompanhada por uma amiga (viúva de um clérigo), para assistir a uma sessão da médium americana Mrs. Wriedt. Sendo uma espiritualista veterana, creio que as minhas experiências poderão interessar a alguns.

A primeira manifestação foi um sinal da presença do meu marido (que passou para o outro lado da vida há quase dezasseis anos); estive, de facto, ao meu lado durante toda a sessão, mas não usou a trompete, cedendo a energia que poderia ter utilizado ao marido da minha amiga, uma vez que eu, sendo clarividente auditiva, posso comunicar com ele diariamente.

Depois, o meu velho amigo John King falou comigo com a sua voz poderosa, lembrando-me que nos voltávamos a encontrar numa sessão de domingo, depois de vários meses. Domingo era o dia habitual das sessões com Mr. Husk, o conhecido médium cego, que estava doente há mais de cinco meses e cujo guia principal é precisamente John King.

Perguntei a John King se o Joey (outro guia de Mr. Husk) estava presente, e ele respondeu:

"Sim, minha querida Mrs. Alleyne, está sentado aos seus pés."

Depois, o meu pai falou comigo, chamando-me pelo nome, seguido da minha mãe. O meu pai dirigiu também algumas palavras à minha amiga, que ele já tinha visto comigo em várias sessões com Mr. Husk. Em seguida, ouvi uma voz na trompete que não reconheci de imediato. Perguntei quem falava, e a resposta foi:

"Sou a Mrs. Massey, Mrs. Alleyne, querida. Fiquei tão triste por ter de partir de forma tão súbita, e por não a ter visto antes de você viajar." (Mrs. Massey faleceu após apenas algumas horas de doença, enquanto eu estava na Suíça, na primavera passada.)

"Mas estou tão feliz."

Seguiu-se uma mensagem para Mr. Husk, terminando com:

"E diga-lhe que tudo o que John King me disse é verdade." Falava com o mesmo tom enfático que tão bem me lembrava.

Depois de Mrs. Massey, ouvi uma nova voz a dizer: "Mrs. Alleyne, Mrs. Alleyne." Perguntei novamente quem era. A resposta foi:

"Mrs. Husk" — que conheci há alguns anos e que também faleceu de forma repentina. Agradeceu-me calorosamente pela ajuda prestada ao seu marido durante as duas longas doenças dele, e enviou uma mensagem longa para ele.

Logo no início da sessão, antes de John King falar comigo, formou-se uma grande luz esférica diante de mim e da minha amiga, que depois circulou em torno dos cerca de doze participantes. O "Uncle" (outro guia de Husk) falou connosco com aquela voz peculiar que tão bem reconhecemos das sessões com Husk, e Joey assobiou uma melodia que costuma cantar nas mesmas sessões. Outros espíritos conversaram com os seus entes queridos no círculo, e a certa altura ouvi duas conversas em simultâneo.

O Dr. Sharp, guia de Mrs. Wriedt, proferiu então um pequeno e belo discurso, e a sessão foi encerrada com o cântico da Doxologia.

Assim terminou uma sessão muito interessante, e uma que me provou, para além de qualquer sombra de dúvida, que John King, "Uncle" e Joey — os controladores de Mr. Husk — estiveram presentes comigo naquela noite na sessão de Mrs. Wriedt.

No regresso à cidade, a minha amiga e eu vínhamos sozinhas no compartimento do comboio, e senti de imediato um perfume espiritual muito característico que o meu marido costuma trazer para mim. Dois ou três minutos depois, senti outro aroma bem conhecido, frequentemente trazido por "Uncle" nas sessões em Peckham e noutros lugares — especialmente durante as viagens de regresso a casa após uma sessão.

E. A. K. Alleyne

De Mrs. W——, viúva de um clérigo:

Acompanhei Mrs. Alleyne a uma sessão com Mrs. Wriedt no dia 24 de Agosto. Após o pai de Mrs. Alleyne terminar a sua conversa com a filha, cumprimentou-me pelo nome, dizendo que me conhecia bem por me ter visto tantas vezes nas sessões de Mr. Husk.

Pouco depois ouvi o meu nome — "Edith" — ser chamado e senti uma pancadinha da trompete no joelho. Uma voz disse: "Sou a Minnie." Era uma prima, cujo pai e irmãos se tinham materializado várias vezes para mim em Peckham, dizendo, por vezes, que Minnie estava com eles. Um dos primos materializou-se mesmo antes de eu saber que tinha falecido.

Minnie e eu trocámos algumas palavras e, em seguida, outra voz chamou-me: "Edie", dizendo que era o meu marido e mencionando o seu nome. Ninguém mais o tratava por esse diminutivo. Falou de forma muito clara, certamente porque já estava habituado a comunicar nas sessões de Mr. Husk. Ao mesmo tempo, outra voz espiritual conversava com um amigo do outro lado do círculo.

"Uncle", um dos controladores de Husk, também falou comigo, chamando-me pelo nome, com exactamente a mesma voz peculiar que sempre ouvimos. Joey, outro guia (que, segundo John King, recusava usar a trompete), assobiou uma melodia que costuma cantar em Peckham — "Down by the Swanee River".

Ouvi John King mencionar os nomes de vários dos presentes, mas não ouvi o meu. Por isso perguntei:

"Reparaste em mim, John?"

Ele respondeu: "Estou sempre a reparar em si, querida Mrs. ——."

Já tive muitas provas de que isto é verdade, e de que alguns membros do seu grupo, bem como os meus parentes e amigos, sabem o que faço e me rodeiam com bondade, simpatia e o apoio que podem oferecer.

Quando Mrs. Alleyne e eu regressávamos no comboio (novamente sozinhas no compartimento), um sopro de perfume espiritual foi lançado para os nossos rostos. Reconhecemo-lo de imediato — era o aroma trazido por "Uncle", como saudação amiga. É seu costume fazer isso quando saímos de uma sessão com Mr. Husk.

As experiências de Mr. R. B——, M.A. Cantab., F.C.S., M.I.A.E., um cavalheiro de posses independentes, envolvido em investigação privada, com Mrs. Wriedt, em Cambridge House, Wimbledon, durante Maio e Junho de 1913:

Tendo-me sido pedido um relato das experiências pessoais minhas e da minha esposa nestas sessões, tentei fazê-lo na medida em que a falta de prática no relato verbal me permite. Foram tomadas notas em todas as ocasiões e, na maioria dos casos, redigidas nessa mesma noite. Embora haja omissões ocasionais, o essencial das conversas foi registado com fidelidade. As vozes e respostas são apresentadas entre aspas. Em cada sessão, as nossas comunicações pessoais ocuparam apenas alguns minutos de sessões com cerca de duas horas de duração, durante as quais ouvimos conversas diversas e variadas entre os espíritos e os outros participantes. Ouvi francês, alemão, italiano, gaélico e holandês — e, segundo me disseram, também servo-croata, embora eu não domine esta última língua.

Tínhamos participado numa das sessões do Almirante Moore em 1912, que, quanto às vozes, foi um fracasso. Fora isso, não tínhamos qualquer relação pessoal com Mrs. Wriedt nem com os demais participantes, à exceção do Almirante Moore. Mais tarde, a nossa convivência com esta médium notável permitiu-nos confirmar, sem reservas, as opiniões dos seus outros amigos quanto à sua integridade e sinceridade.

22 de Maio de 1913 - Círculo do Almirante Moore - 19h

Com a sala às escuras, sentimos gotas de água no rosto, e duas vezes senti um toque na testa. Seguiu-se uma voz fraca, dizendo: "George B—", identificando-se como um tio meu que falecera há mais de vinte anos. A voz era débil e difícil de ouvir, mas afirmou que a minha mãe e dois outros parentes estavam presentes, e que ela tentaria falar mais tarde. (Esta previsão só se concretizaria a 20 de Julho, em Rothesay.)

Depois, ouviu-se a voz estrondosa de Grayfeather, ao mesmo tempo que outra voz conversava com o Almirante Moore, enquanto George B. ainda tentava falar comigo, mas acabou por desistir. Não havia dúvidas de que três conversas distintas decorriam em simultâneo — facto que foi comentado por outros presentes.

Perto do fim da sessão, a trompete foi colocada na mão da minha esposa, e uma voz tentou falar; mas, após Mrs. Wriedt lhe pedir para pousá-la, assim fez, e não houve mais fenómenos.

28 de Maio de 1913 - Círculo geral - 19h

Dr. Sharp falou logo que nos sentámos, sendo apresentado aos participantes. Após várias comunicações, durante as quais ouvi francês, holandês e italiano, uma voz dirigiu-se à minha esposa, dizendo:

"Irmã."

P.: "Quem és?"

Resposta indistinta; depois, um pouco mais audível: "Gertie."

E, com maior clareza: "A madrinha da Iris. Como está a Iris?"

A voz de John King interrompeu alto e claro: "Certamente recordas-te da Gertrude?"

(A minha cunhada, madrinha da nossa filha Iris, falecera há alguns anos.)

Seguiu-se uma breve conversa entre ela e a minha esposa, na qual deu uma mensagem pessoal e significativa para a sua mãe, e mencionou os nomes do irmão e da irmã — ambos já falecidos.

2 de Junho - Círculo geral - 19h

Dr. Sharp falou, tal como Grayfeather — o que era incomum sem a presença do Almirante Moore. Após outras mensagens, incluindo duas para um senhor servo-croata presente, uma voz dirigiu-se à minha esposa:

"Irmã, Katie." (Era uma irmã que faleceu na infância.)

"Estou muito mais feliz aqui; não há preocupações em agradar a todos."

Depois, deixou uma mensagem privada mas significativa para a sua mãe.

Após um intervalo de comunicações com outros participantes, a voz estrondosa de Grayfeather exclamou:

"Alguém para o Mr. B——" (com uma perversa e cómica pronúncia do meu nome).

Seguiu-se uma voz baixa pela trompeta:

"Meu filho."

P.: "É o pai?"

R.: "Sim, e o Bob está aqui."

(Outro tio meu.)

A voz era fraca, e, embora tenha havido uma curta conversa, não consegui registá-la com clareza. Nas sessões seguintes, a comunicação melhorou bastante.

7 de Junho de 1913 - Círculo do Almirante Moore - 19h

(Antes da sessão, coloquei no bolso uma fotografia de grupo da família e um relógio de padrão peculiar que tinha pertencido ao meu pai, sem, claro, dizer nada a ninguém.)

Após alguns fenómenos físicos e comunicações para outros, o meu pai falou:
"Meu filho, como estás?"

P.: "Sabes o que trouxe comigo?"

R.: "Uma fotografia."

P.: "E mais?"

R.: "Um relógio."

P.: "Que tipo de relógio?"

R.: "Mostrador limpo."

(O mostrador do relógio tinha estado oxidado, e eu limpava-o recentemente.)

P.: "E como é a parte de trás?"

R.: "Gravada. Não vejo o outro relógio, aquele fechado."

(Ultimamente tenho usado um relógio de bolso fechado, mas nem eu nem o meu pai usávamos esse tipo em vida.)

Depois, o meu pai dirigiu-se à minha esposa:

"As tuas irmãs estão aqui."

P. (da minha esposa): "Quais?"

R.: "Deverias saber; só há t—" (palavra final indistinta).

P.: "Duas?"

R.: "Não, três." (Correto.)

P.: "Vens novamente?"

R.: "Venho todos os dias."

P.: "Quem está contigo?"

R.: "A Mary está aqui. É um grande privilégio poder falar contigo assim."

P.: "Enviaste uma mensagem através de H—?"

R.: "Sim, mas já foi há muito tempo."

(Alguns sete ou oito anos antes, H—, um parente, tinha-me contado sobre uma mensagem recebida do meu pai, num círculo privado; e este foi o único caso de comunicação pessoal que me dizia respeito de que eu tinha conhecimento até ao presente ano.)

Depois, uma voz muito clara e forte falou:

"Mary, a tua tia. Que delícia poder falar assim. Estou tão feliz por te ver."

(Seguiu-se mais conversa, não registada.)

P.: "O tio Robert está aí?"

R.: "Oh, o Bob está aqui."

Outras vozes, incluindo Blossom, uma rapariga índia, encerraram a sessão.

16 de Junho de 1913, círculo geral, 19h

Após uma longa série de comunicações para outros participantes, uma voz surgiu para a minha esposa, dando o nome:

"Sophy B——."

P.: "Queres que transmita alguma mensagem ao teu irmão?"

R.: "Sim, mas não escrevas."

Depois, o meu pai falou:

"Como está o bebé?"

A minha esposa respondeu:

"Tu nunca a conhecestes." (Era uma neta, nascida três anos após a sua morte.)

"Vejo-a todos os dias. A mãe e eu estamos juntos. Como está o E——?" (referindo-se ao meu filho)

O meu pai continuou:

"Ele não está muito bem."

Respondi:

"Vai para Cambridge dentro de um ou dois anos."

R.: "Fará-lhe bem."

Isto concluiu as nossas sessões, por ora, em Wimbledon. É de notar que fizemos pouca tentativa de obter testes específicos previamente estabelecidos, preferindo esperar que a evidência se apresentasse por si, mesmo à custa de uma observação mais prolongada. As nossas experiências subsequentes nas sessões de Rothesay justificaram esta atitude: os nomes, em particular, quando pedidos de forma repentina, por vezes eram dados com dificuldade ou nem sequer mencionados; mas, quando não solicitados, eram frequentemente dados de forma espontânea e, em todos os casos, correcta. A dificuldade em recordar um nome perfeitamente familiar quando solicitado de forma inesperada não é, afinal, tão invulgar na vida quotidiana.

13 de Setembro de 1913

Querido Almirante Moore,

Envio-lhe os meus relatos das sessões em Rothesay e em Cambridge House; estas últimas tiveram de ser bastante resumidas, pois muitos dos detalhes dizem respeito a matérias que compreenderá que não desejo publicar, por se tratarem de invenções ainda não devidamente protegidas.

Quanto ao restante, uma grande parte tem tão pouco interesse público como uma conversa do dia-a-dia, e apenas é relevante para nós, pois indica familiaridade completa com assuntos familiares. Tornar isto claro exigiria explicações longas e pouco interessantes. No total, onze parentes e quatro amigos comunicaram connosco em algum

momento; e só num caso foi dado um nome que não reconheci — e mais tarde foi dito tratar-se de um amigo do meu tio.

Com os melhores cumprimentos,
R. B.

Graças à amabilidade do Sr. Coates, que então não nos conhecia pessoalmente, pudemos ter mais sessões com a Sra. Wriedt em Rothesay durante a segunda metade de Julho de 1913. Foram dez sessões, todas elas em círculos gerais na casa do Sr. Coates, com cerca de dezasseis a dezoito pessoas presentes. Embora isso não permitisse conversas prolongadas para qualquer pessoa individualmente, o enorme número de identificações e testes a que assistimos compensou amplamente do ponto de vista comprovativo — nomes, relações e factos familiares foram dados corretamente aos diversos participantes; e o contraste entre o escocês cerrado de muitos espíritos e o inglês dos espíritos dos menos numerosos "Southrons" foi notável.

Gostaria de mencionar que, no nosso caso, todos os espíritos que comunicaram, com duas exceções, tinham falecido há mais de doze anos; os meus parentes vivos são poucos, e tanto a família da minha esposa como a minha eram totalmente desconhecidas da médium e dos outros participantes.

Chegámos a Rothesay no dia 12 de Julho, e tivemos a primeira sessão em Glenbeg House na noite seguinte. As condições pareceram excelentes, e as vozes surgiram quase sem interrupção durante cerca de duas horas; uma das vozes falou longamente em alemão com um participante ao nosso lado. Tive uma breve conversa com o meu pai que, excepto pela menção de um parente ainda não referido, não teve valor comprovativo para publicação.

Na noite seguinte (segunda-feira), o Dr. Sharp, guia da Sra. Wriedt, fez algumas referências no seu habitual discurso de abertura ao templo espiritualista proposto para ser construído em Glasgow. Citou partes de um sermão pregado por um participante noutro local no dia anterior — e fê-lo com exatidão.

Fomos salpicados com água; e o Dr. Sharp, que intervinha para esclarecer dúvidas com mais frequência do que em Cambridge House, explicou que uma criança espiritual estava a puxar uma flor de um vaso na lareira.

O meu pai voltou a falar e disse à minha esposa que a mãe dela estava muito melhor, e muito interessada nas nossas experiências. Estávamos cientes disso, mas ninguém mais sabia que a minha sogra tinha estado doente, que estava a fazer um tratamento num centro de saúde, e que aguardávamos notícias do resultado — que foi conforme o que foi dito. O meu pai também deu alguns conselhos sobre as nossas sessões espirituais em casa.

15 de Julho

Sessão às 14h. Esperámos algum tempo até surgirem vozes. Depois de várias outras comunicações, uma voz dirigiu-se a mim, dizendo o apelido "E—?"

P.: "Que E—? Conheço algumas pessoas com esse nome, mas estão vivas."

R.: "Edmund E—. O teu pai disse-me que estavas aqui. Pensei que gostaria de conversar um pouco contigo."

Era um velho amigo que falecera há muitos anos; sem ligação às pessoas com o mesmo nome em quem eu estava a pensar.

Perguntei pela filha, pois lembrava-me de que uma tinha falecido.

R.: "Sabes que tive três filhas." (Correto.)

"Fui para [nome inaudível], mas não me fez bem." (Correto. Sabia qual deveria ser o nome do lugar.)

"Agora estou muito melhor."

A algumas observações minhas respondeu:

"Sabes que a minha mulher está aqui e uma das filhas também."

(Esta parte está correta, até onde sei. Não tenho tido notícias da família há alguns anos.)

16 de Julho

Sessão às 14h. O meu pai surgiu cedo na sessão e falou comigo. Comentei que o Sr. E— tinha vindo.

R.: "Disse-lhe que estavas aqui e pensei que gostaria de conversar. Estamos juntos na sexta esfera."

Esta foi a primeira menção a "esferas". Nunca tinha perguntado sobre isso. Conversámos sobre a bela localização da antiga casa do Sr. E—, e ele disse:

"Ele tem um lugar bonito aqui. A mãe está aqui e vai falar contigo."

(Isto só aconteceu no dia 20.)

"Ficaste satisfeito com a forma como as coisas ficaram? Tenho-me preocupado com isso." (Respondemos que estávamos perfeitamente satisfeitos.)

"Tínhamos receio de que pensasses que fomos egoístas."

Isto fez sentido para nós, e foi uma observação característica, embora a sugestão fosse infundada.

No fim da sessão, o Dr. Sharp disse a outro participante:

"Precisamos de pessoas como tu, que tenham coragem de se assumir e dizer às pessoas como se sentem. Tens de dar um grão ao pássaro antes de lhe dares uma fatia. Daqui a vinte anos vais ficar surpreendido, e daqui a cem anos nem imaginas onde estarás. Não viverás para ver isso, mas os teus filhos verão."

Concluiu com uma previsão sobre a ascensão da influência judaica.

Quinta-feira, 17 de Julho

Sessão às 14h. Um dia muito húmido e chuvoso.

No início da sessão, uma figura luminosa de uma mulher alta apareceu na extremidade oposta da sala, visível para todos, e fez sinal a um dos presentes. O Dr. Sharp falou, dizendo quem era a figura, e depois teve uma conversa com o Sr. Coates. Quando terminou, não aconteceu mais nada por algum tempo, e as luzes foram acesas — os três pedaços da trompete articulada estavam de pé, empilhados à nossa frente.

Quando as luzes foram apagadas novamente, ouviram-se passos pesados; a trompete foi movida, e o Sr. Coates queixou-se de ter sido atingido no nariz. A minha esposa disse:

"Gostava que me atingissem a mim."

Logo a seguir, a trompete tocou-me e à minha esposa no rosto, de forma suave, e ela agarrou-a. Nenhuma outra voz foi ouvida nesta sessão, que acabou por ser a única sessão parcialmente falhada que tivemos.

Na noite do mesmo dia, voltámos a sentar-nos. Após várias vozes dirigidas a outras pessoas, a minha esposa foi interpelada pela irmã: "K—. Mana."

Ela respondeu: "Quero trazer cá alguns dos outros" (isto é, para as sessões da Sra. Wriedt).

Voz: "A pobre mãe não conseguiria vir a algo assim; é demasiado nervosa."

A minha esposa repetiu que queria apresentar aquilo às irmãs.

Voz: "Não tentes forçar, elas não compreendem." (Declaração muito pertinente.)

A minha esposa continuou a falar com K—, que tentava falar comigo, e respondeu:

"Não quero falar com o R—."

A minha esposa: "Mas tu não o conheces."

Voz, em tom alto e enfático: "Conheço, sim.

Quero falar com o R—. A tua mãe está aqui."

Perguntei: "Ela vai falar?"

"Sim, mas ela nunca foi de se impor." (Verdade.)

"O meu pai está aqui?"

R.: "Sim." (Nunca tinha conhecido K— em vida e só a encontrei pela primeira vez na Cambridge House.)

Sexta-feira, 18 de Julho, 20h. Tivemos uma excelente sessão. Outra irmã da minha esposa comunicou, e o meu pai apareceu: mencionou os familiares espirituais da minha esposa pelo nome, deu algumas indicações sobre sessões caseiras e tranquilizou a minha esposa relativamente aos assuntos domésticos durante a sua ausência, com os quais ela normalmente se preocupava. Uma voz surgiu para outro participante, numa língua estranha que ninguém parecia compreender.

Tentou-se francês, sem sucesso. Apanhei algumas palavras em italiano e dirigi-me a ela nesse idioma. Seguiu-se uma resposta excitada, em algo que parecia um dialeto italiano. Não consegui perceber muito, exceto que o interlocutor tinha estado em Florença. O Dr. Sharp falou então e explicou que tinha nascido na Sicília, fora violinista em Florença e conhecera a participante ou amigos desta no estrangeiro.

Domingo, 20 de Julho, 20h. O Dr. Sharp falou como habitual, e vimos luzes. A Sra. Coates e a Sra. Wriedt viram ambas o rosto de Stead. Notei vários graus de aparições luminosas; por vezes, como no dia 17, a sua natureza era evidente mesmo para quem, como eu, não possui capacidades de visão clarividente; noutras ocasiões, o que para mim era apenas uma luz, para outros parecia conter detalhes.

Após outras vozes, surgiu a minha mãe, dizendo: "Querido, estou tão feliz por te ver."

Respondi: "Estou tão contente por teres vindo finalmente."

Voz: "Sim, querido. Aqui está o professor de Cambridge. Lembras-te dele."

Perguntei: "Que professor?"

Voz: "O professor que gaguejava. Ele quer falar contigo."

Respondi: "Ah, o professor S—. Vais voltar e teremos mais oportunidades de conversar?"

Voz: "Sim. Adeus, querido."

Uma voz clara e bastante grave dirigiu-se a mim pelo nome: "R— B—, sou o S—."

Disse: "Nunca pensei, quando te ouvi falar pela última vez, que te ouviria assim."

Voz, num tom divertido: "Através da trompete!"

Depois de uma pausa: "B—. Lembras-te da carta que era para ser lida. Já descobriram tudo agora."

Outras vozes impediram que o assunto fosse desenvolvido. O Sr. Coates, tal como eu, reconheceu a alusão à carta póstuma de Myers; mas nunca tive o privilégio de uma relação íntima com o professor S—, embora o conhecesse em Cambridge, e tanto a minha esposa como eu o ouvimos falar frequentemente nas reuniões da SPR. Tinha uma relação mais próxima com o Sr. Myers; mas ao professor S— eu seria apenas mais um entre um grupo

numeroso de estudantes interessados na investigação psíquica. Certamente ninguém presente poderia saber que ele alguma vez me conhecera. A minha mãe faleceu antes de eu ir para Cambridge e não o conheceu em vida.

Uma irmã da minha esposa falou brevemente; depois, outra voz muito ténue, que não conseguimos identificar; mas, naquele momento, pelo menos outras duas vozes falavam com outros participantes.

21 de Julho, 20h. Nesta sessão, apareceu o irmão da minha esposa, dizendo claramente o nome; referiu-se, também pelo nome, às irmãs que estavam com ele e deixou uma mensagem para a sua esposa. Pouco depois, a Sra. Wriedt descreveu um espírito presente com um rolo de música, supondo que fosse músico. O Dr. Sharp interveio para explicar que não era músico, mas sim aplicador de papel de parede — dando o nome — e que o rolo era papel de parede. Foi reconhecido por um dos presentes.

O meu pai apareceu e falou durante algum tempo; a sua voz e maneira de falar eram muito características dele, a primeira clara, deliberada e distinta. O Sr. Coates comentou depois que era "a voz de um cavalheiro inglês culto", em contraste com o sotaque escocês de muitos dos outros comunicadores.

22 de Julho, 14h. Após o canto habitual (que se alega criar condições propícias aos fenómenos), luzes tornaram-se visíveis e uma forma apareceu, embora mais vaga para mim do que a de 7 de Julho. O Dr. Sharp falou; entre outras coisas, deu-nos recomendações para sessões privadas: "Não forcem a mediunidade. Sentem-se à mesa; coloquem um copo de água e lápis e papel sobre ela."

Alguns espíritos falaram em gaélico, reconhecido por alguns dos participantes. Não tenho familiaridade com a língua, mas era conhecida de muitos presentes. Ouviu-se som de sapateado e dança acompanhando a língua estranha.

Tínhamos recebido notícias nesse dia sobre o casamento de um amigo. Quando a minha cunhada se manifestou, a minha esposa perguntou: "Ouviste as novidades sobre o H—?"

Voz: "Referes-te à senhora? Gosto muito da pequena senhora, e estou tão contente."

P.: "Alguma mensagem?"

R.: "Diz-lhe que lhe desejo muita alegria e felicidade." Nada na forma da pergunta indicava a natureza da notícia, que foi totalmente inesperada; e a comunicadora já se encontrava do outro lado há mais de vinte e cinco anos.

O meu pai apareceu e conversou um pouco; tranquilizou a minha esposa sobre os assuntos de casa, que a preocupavam quando estava ausente. Depois, um meu tio apresentou-se, dizendo o nome e falando com uma clareza e volume notáveis, especialmente por ser a sua primeira comunicação. Falou sobretudo sobre o significado destes fenómenos e o seu espanto com a possibilidade de existirem:

"Se um homem morrer, viverá de novo? Ajudar-te-ei a tornar esta verdade conhecida pelos teus esforços."

Tivemos uma conversa bastante longa sobre o assunto que não consegui registar. No final, perguntei pela filha dele, de quem não tinha notícias há anos.

Respondeu, com surpresa: "Ela está contigo" (isto é, ainda viva).

Disse: "Sei que está cá, mas não tenho ouvido falar dela ultimamente."

Ao que respondeu: "Esteve fora durante algum tempo. Tentarei aproximar-vos."

Isto concluiu a série de sessões em Rothesay. Por não estar habituado a este tipo de registos, as minhas anotações ficaram incompletas; mas a exatidão dos trechos citados literalmente foi mantida na medida do possível, verificada com apontamentos independentes da minha esposa.

No entanto, seria um desperdício de espaço reproduzir conversas na íntegra, exceto quando estão envolvidos testes evidenciais; o que se aplica ainda mais à série seguinte de sessões em Cambridge House, em Agosto, das quais apenas três contaram com a presença minha e da minha esposa, além da médium. Nessas circunstâncias, os nossos amigos espirituais conversaram connosco durante cerca de uma hora em cada sessão.

Cambridge House, Wimbledon. A 19 de Agosto, às 19h. Estavam presentes cerca de seis outras pessoas. Uma das minhas cunhadas falou, e depois o meu pai. Aludiu ao facto de eu estar ocupado e perguntou: "Como estão as coisas na fábrica?"

Isto deixou-me confuso, pois não tenho qualquer relação com fábricas, e pareceu-me algo que se poderia inferir erradamente sobre mim.

Perguntei: "Que fábrica?"

Ele respondeu que se referia a uma invenção em que estou envolvido, nomeando-a. Nenhum dos presentes, exceto a minha esposa e eu, poderia saber disso ou da minha ligação ao assunto, muito menos que por vezes visitava a fábrica X—, onde se fazia algum trabalho relacionado. Demonstrou completo conhecimento do que estava a ser feito nesse sentido e expressou opiniões firmes sobre o que deveria ser feito, que me pareceram bastante sensatas.

Perguntei se sabia o que fiz no dia anterior.

Respondeu: "Referes-te ao médico?"

(De facto, tinha estado a relatar algumas dessas experiências a um médico interessado no tema, que conhecera o meu pai.)

Assenti, e ele respondeu: "Neste momento, estou muito mais interessado na invenção", e falou sobre isso durante mais algum tempo. A minha cunhada, K—, falou e disse que a senhora referida em 22 de Julho não era inglesa. (Ainda não conseguimos confirmar; é bastante provável.)

Ouviram-se também vozes dirigidas à maioria dos outros participantes. A Sra. Wriedt comentou que a palavra "tomfoolery" usada por uma delas era completamente nova para ela.

15 de Agosto, 14h. Estávamos apenas a minha esposa e eu com a Sra. Wriedt. John King falou, e uma mão luminosa tornou-se visível por cima de nós. Depois, o meu pai falou, mas logo disse: "Quero que outra pessoa fale contigo."

Uma voz surgiu para a minha esposa: "Tio ——" (nome inaudível), em resposta à sua pergunta, "Do lado do pai?"

Após alguns sons indistintos, foi dito o nome "Tio Henry."

A minha esposa: "Dá-me um momento; não me lembro bem. Não te conheço."

Voz: "Não; mas conheço-te em S——" (a nossa casa). "Apareço-te à mesa."

P.: "Que mesa?"

R.: "A tua mesinha. Aparecer-te-ei quando te sentares."

Outra cunhada falou depois, e, em resposta a uma pergunta sobre quem era o tio, disse que era o tio Henry, que o pai da minha esposa nunca o conhecera, e que ele (o tio) nascera antes dele.

(Tudo isto era desconhecido para a minha esposa; mas, após perguntar à mãe, soubemos que existira de facto esse familiar, que morrera em criança antes do nascimento do irmão. E, segundo se lembrava, o nome dele — ou o segundo nome — era mesmo Henry.)

A voz seguinte foi a da minha mãe, com quem tivemos uma longa conversa sobre assuntos pessoais. Por fim, falou o meu tio George B—— (que tinha sido o primeiro familiar a comunicar, a 22 de Maio) e, após alguma conversa sobre outros assuntos, aludiu à invenção mencionada na nossa sessão de 10 de Agosto, dizendo que a tinha discutido com o meu pai. Lamento muito não poder publicar essa conversa por razões óbvias, e só posso dizer que ele demonstrou uma familiaridade surpreendente com o assunto e com as dificuldades que enfrentávamos.

Aludindo às pessoas envolvidas, disse: "São cinco." Achei que se tratava de um erro e disse: "Não, são quatro."

Resposta: "Ele (isto é, o meu pai) disse que 'eram cinco.'" Então lembrei-me de que outro homem tinha sido recentemente acrescentado ao grupo — o erro era meu. Seguiu-se uma longa conversa sobre o mesmo tema.

O Dr. Sharp apareceu então e deu mais conselhos sobre como fazer sessões em casa; depois começou a falar com a minha esposa sobre os estudos das nossas filhas, com muitos conselhos úteis a esse respeito, e assim terminou a sessão.

18 de Agosto, 12h. Sessão na Cambridge House; condições iguais às da última vez. O primeiro a falar foi John King; depois a minha cunhada K——, seguida do meu pai. Voltou a discutir o tema da invenção.

Perguntei-lhe se se lembrava de Z——, nomeando um antigo colega meu.

Ele respondeu: "Sim." E foi tudo quanto se disse sobre Z—; apenas a menção do seu nome.

O meu pai, após mencionar que o meu "guia" era um inventor, descreveu outra invenção que queria que eu desenvolvesse. Mais uma vez lamento não poder publicar os detalhes; mas durante, provavelmente, dez minutos ou mais, estivemos envolvidos numa conversa técnica sobre isso.

Objeções minhas a certos pontos foram abordadas e discutidas de forma científica; por exemplo, indicou-se o valor que devia ser considerado para a expansão devido a variações de temperatura numa determinada parte, e creio que corretamente. O espanto da Sra. Wriedt e da minha esposa durante esta conversa — cujo tema, naturalmente, lhes era estranho — foi bastante divertido.

No final, outra cunhada falou com a minha esposa durante alguns minutos, e depois uma voz dirigiu-se a mim, usando um apelido e uma variante deste, pelo qual era conhecido por um tutor privado há vinte e cinco anos. Não o ouvia há vinte anos.

Era Z—. Se ele tivesse dito o nome, não teria tido tanto impacto, pois eu já o tinha mencionado antes, sem dizer quem era, nem sequer se era homem ou mulher: como aconteceu, o simples nome não deixava isso claro. Mas a menção deste apelido há muito esquecido foi uma "prova" distinta. Uma conversa sobre os velhos tempos demonstrou ainda mais a memória do período em que estivemos juntos.

A minha esposa teve então uma conversa com o pai sobre assuntos familiares. Quando perguntou sobre o "Tio Henry", ele respondeu: "É meu irmão, e pedi-lhe que viesse ver-te. Fico feliz por teres conseguido dar provas genuínas à tua mãe." A sessão terminou com mais alguma conversa com o Dr. Sharp.

23 de Agosto; sessão às 16h; condições iguais às da vez anterior. Encontrámos lá alguns conhecidos que tinham acabado de ter uma sessão completamente infrutífera e, por isso, duvidavam de obter resultados. No entanto, mal nos sentámos, foi-nos salpicada água no rosto, e a voz grave de John King disse: "Deus vos abençoe!"

Deu mais conselhos sobre sessões em casa, dizendo: "Vocês são apenas crianças nesta causa. Podem ter de fazer sessões durante quatro anos, ou durante um ano, antes de obterem algo satisfatório para vocês."

Uma tia minha falou em seguida, seguida do meu pai, que aludiu a uma reunião a que eu tinha assistido recentemente, demonstrando saber o que lá se passou. Falou longamente sobre as invenções, abordando todo o tipo de pormenores mecânicos.

Perguntou então se tínhamos visto uma luz durante a sessão em casa da noite anterior. De facto, tínhamos estado sentados no escuro, e a minha esposa dissera, na altura, que vira uma luz; mas nada disso tinha sido mencionado na sessão.

O meu pai prosseguiu: "Era uma das tuas irmãs." Seguiu-se muito mais conversa sobre assuntos familiares, que continuou quando a voz da minha mãe substituiu a do meu pai.

A minha esposa teve então uma longa conversa sobre assuntos privados com a irmã, e perguntou-lhe se se lembrava de uma canção favorita sua, começando a cantá-la. A voz da minha cunhada juntou-se então e continuou a canção. O pai dela comunicou em seguida e, após longa conversa sobre a família, disse, em resposta a uma pergunta, que se encontrava na sexta esfera; e, após algumas palavras sobre as esferas, afirmou enfaticamente:

"Na casa de meu Pai há muitas moradas"; e continuou a citar o trecho do capítulo catorze de São João. Esse era o seu capítulo favorito em vida.

O Dr. Sharp concluiu a sessão, como habitual, dando mais conselhos sobre como fazer sessões e sobre praticar o controlo mental e a serenidade.

Na terça-feira, 26 de Agosto, estivemos presentes numa reunião de despedida de amigos na Cambridge House, após a qual tivemos uma sessão notável. Todos os presentes receberam comunicações de familiares; enquanto a minha cunhada falava, ouvi duas vozes em simultâneo — uma delas a conversar com outro participante.

O meu pai voltou a falar sobre as "invenções" e disse que, após reflexão, achava que eu devia adiar uma delas e dedicar-me à outra.

"Não quero que tenhas demasiados ferros no fogo."

Isto teve grande significado para nós. Tenho demasiados interesses para me dedicar adequadamente a qualquer um deles.

Discursos notáveis de Stead e de "Julia" formaram uma das partes mais interessantes da sessão, que nenhum dos presentes esquecerá tão cedo.

Ao concluir este relato das nossas experiências, necessariamente muito abreviado, considero difícil definir o momento exato em que a evidência de que estávamos realmente em contacto com os nossos amigos falecidos se tornou convicção.

Não é fácil — talvez seja impossível — obter uma prova matemática de identidade; mas a quantidade de evidência necessária para conduzir a uma conclusão correta sobre identidade foi demonstrada pelo professor Hyslop, na única série de experiências práticas sobre o assunto que conheço, como sendo muito menor, e mais trivial, do que supúnhamos — infinitesimal, na verdade, comparada com a massa de nomes corretos, declarações precisas e demonstrações de características pessoais que ocorreram às centenas ao longo destas sessões.

Estou familiarizado com as possibilidades e armadilhas da investigação psíquica há mais de vinte anos e iniciei esta investigação com o maior ceticismo. No entanto, sou obrigado a admitir que não posso manter essa atitude sem assumir uma desconfiança das percepções físicas que tornaria absurdo o seu uso quotidiano.

R.B.

EVIDÊNCIA DA ESCÓCIA

Em resposta ao meu pedido de que me desse a sua opinião sobre a natureza das vozes que falaram nas sessões da Sra. Wriedt durante a sua estadia na Escócia, o Sr. James Robertson escreveu o seguinte, em 7 de Agosto de 1913:

Uma das coisas mais impressionantes associadas à mediunidade da Sra. Wriedt é não só que as vozes se exprimem claramente, mas também no dialecto ou língua que o espírito usava em vida; isto verifica-se especialmente com o escocês das Lowlands, com o qual estou tão familiarizado. Repetidamente surgiam palavras antigas que diziam muito — palavras do velho escocês que hoje estão a cair em desuso.

O Dr. Sharp, o sábio orientador ou controlo do que é transmitido, é alguém que, sem dúvida, conhece bem o escocês de Robert Burns; não se trata de imitação, mas de idiomatismo próprio de quem estava imbuído do dialecto. É nativo, e fala como tal, utilizando expressões que, embora estranhas e ásperas ao ouvido inglês, transmitem muito do espírito escocês. Segundo contou, foi retirado de Glasgow ainda em criança; mas as palavras que usava frequentemente eram as que se usavam na sua casa na América.

Como todo o escocês instruído, falava bom inglês; mas ao conversar com um escocês como eu, parecia ter prazer em voltar às palavras dos seus dias de infância. Estava frente a frente com um compatriota e, quando dizia "Ye'd better bide a wee" (seria melhor esperares um pouco), não me parecia estranho; esquecia que estava a falar com um espírito e sentia-me perante alguém do meu próprio país. Não foi algo que ele encarnasse uma só vez; em todas as sessões a que assisti em Glasgow e Rothesay houve uma manifestação do carácter escocês que não poderia ser imitada de forma a enganar um escocês antigo como eu.

Não havia o mais leve traço de algo estrangeiro; era tão familiar com todas as palavras comuns usadas em conversa quanto eu. "Thank you for spiering," dizia ele — isto é, obrigado por perguntares. "Twa three were there" — ou seja, estavam lá alguns. Os outros visitantes, ao falar com os seus amigos, usavam as velhas palavras familiares nos seus tons habituais: "Don't greet" — não chores — ouvia-se; "dinna" fazer isto ou aquilo — não faças; as "braes" ou encostas de colinas eram evocadas nas recordações da vida passada; "braw chiel", um homem bonito, era mencionado.

A minha mãe, que se manifestava repetidamente, falava exactamente como falava em vida. Estava tão familiarizada com a minha vida actual como sempre esteve; e dirigia-se a mim no seu escocês cerrado: "My laddie, we were baith together then." Chamava-me, ou "ca'd" como se dizia, da mesma forma que quando eu era rapaz.

A minha família eram "weans" (crianças); ela falava de cada um e dos seus traços no dialecto escocês; mas para quê repetir um catálogo de palavras escocesas? Ela estava presente comigo, expressando os seus pensamentos e sentimentos e manifestando a sua alegria por eu ter seguido tão fielmente a revelação espiritual. Não sinto que esteja alguma

vez longe de mim, e é com grande alegria que estas vozes aparentemente me aproximaram ainda mais dela do que antes. É um grande mistério como se formam as cordas vocais que permitem aos amigos aproximarem-se tanto. A Sra. Wriedt é, evidentemente, um bloco de magnetismo a partir do qual os espíritos moldam parte do material que usam. Na maioria dos controlos mediúnicos, transparece algum traço do instrumento; aqui, não havia o mais pequeno indício que evocasse a Sra. Wriedt; ela era apenas uma espectadora interessada. Como esta mediunidade se tem desenvolvido ano após ano.

Outrora, a identificação de identidade era algo raro; agora, multidões de seres espirituais revelam-se e tornam a sua presença clara e indubitável. Por mais maravilhosa e brilhante que seja a luz que nos iluminou, tornar-se-á ela ainda mais intensa com o passar dos anos? Penso que sim! Que progresso desde os "Raps" em Hydesville, em 1848!

Com um crescimento semelhante no desenvolvimento dos fenómenos, chegará o tempo em que a dúvida sobre a vida futura deixará de ser possível. Os primeiros pioneiros agarraram-se à verdade de que existia uma porta aberta entre os dois mundos, e perceberam que o tema era capaz de elevar e nobilitar; poucos teriam previsto as possibilidades que esta mediunidade da Sra. Wriedt viria a revelar; mas:

"É verdade — nunca buscarás
Saber, sem algo encontrar;
Querer findar — e verás
A luz, mais perto, brilhar."

Oakley, Prestwick, Ayrshire

O seguinte relato é escrito pelo Sr. John Duncan, T.C., Deacon Convenor of Trades, Edimburgo:

Algumas notas de uma sessão realizada pela Sra. Etta Wriedt na casa de John Duncan, Dunearn, Granton Road, Edimburgo, na noite de domingo, 27 de Julho de 1913, às 19h30. Estavam presentes apenas cinco pessoas, o nosso objetivo sendo manter a sessão o mais privada e restrita possível.

Tinha pedido para me encontrar com a Sra. Wriedt, juntamente com a minha esposa, a minha filha, a Sra. Sharpe — que nos acompanhou até Rothesay e esteve presente em algumas sessões da Sra. Wriedt lá — e o Sr. Morrison, que também esteve em Rothesay, ambos sendo espiritualistas sinceros e zelosos. A sessão começou como habitual com a recitação do Pai Nosso, seguida de um verso de um hino.

Não tivemos de esperar muito até que a nossa filha Lizzie se manifestasse, que faleceu em bebé, com treze meses, há mais de trinta anos. É agora bem conhecida, tanto aqui como em Rothesay, nas sessões em que participámos; por vezes falou com a mãe e comigo durante vinte e até trinta minutos de cada vez; desta vez apareceu com a sua habitual doçura e ternura, dizendo que o Bob, seu irmão, estava com ela, bem como muitos outros.

Depois, veio o meu avô Veitch; faleceu com noventa e cinco anos, há cerca de cinquenta e seis anos. Esta foi apenas a segunda vez que veio até mim e se deu a conhecer. Apesar de

tantos anos passados, lembro-me bem da sua figura alta e ereta; era um típico escocês dos tempos calvinistas, ultra ortodoxo, pertencente ao grupo religioso então conhecido por "Cameronianos", que não oravam por nem reconheciam monarcas. Perguntou pelo meu filho John, e como ele estava (presumo que nos negócios).

Depois veio o meu filho Bob; está no mundo espiritual há trinta e três anos, tendo falecido com cerca de seis anos. Poucos dos nossos familiares e amigos no além não foram trazidos por ele até nós; é conhecido do outro lado como grande trabalhador e missionário. Quando se apresentou nesta noite, parecia muito feliz por se reencontrar com a sua irmã Teenie (Christena), como é chamada.

Ela não se considera espiritualista. Saiu de casa há alguns anos e formou-se como enfermeira; ele manifestou alegria por ela estar agora de novo em casa a ajudar a mãe, disse que os cuidados de enfermagem eram demasiado pesados para ela, que ele iria tornar as coisas mais fáceis e fazer tudo ao seu alcance para ajudá-la, e ao despedir-se disse que ela era a sua irmã favorita.

Depois veio a minha querida avó Veitch; está no mundo espiritual há cinquenta anos e tinha quase noventa anos quando faleceu. Também era uma típica escocesa do seu tempo, mas bastante diferente do marido (meu avô). Tinha um carácter encantador em vida, amada por todos pela sua bondade e delicadeza; verdadeiramente podia dizer-se dela: "andou por aí a fazer o bem." Ao falar connosco esta noite, mostrou-se divertida e riu-se com gosto ao recordar-me a cair de um portão quando ela vivia a uns dez quilómetros de Edimburgo. Estava a visitá-la com a minha mãe, e eu teria uns quatro ou cinco anos nessa altura.

Um velho amigo veio, que já tinha estado connosco em espírito em Rothesay — o Sr. Taylor, que fora chefe da estação de Galashiels. Eu fazia negócios por lá e era íntimo do Taylor. Era conhecido por ser grande brincalhão, sempre com partidas práticas. Perguntei-lhe se alguém o tinha trazido naquela noite; disse que agora já conseguia vir sozinho. (Passou para o outro lado há apenas três semanas.)

A minha esposa perguntou-lhe se se lembrava do que prometera quando nos visitou da última vez (referia-se a uma sessão privada em Rothesay com a Sra. Wriedt). Ao início pareceu não lembrar-se, mas de imediato disse: "Ah, sim; a minha caixa de rapé," e logo ouvimos a tampa a estalar — o sinal prometido quando estivesse presente. Disse-me que Robertson e ele não estavam juntos no mundo espiritual. Taylor e Robertson eram bons conhecidos em vida.

Veio em seguida um sobrinho, de nome Mackenzie; era conhecido por todos nós em vida como "Mac"; faleceu há pouco mais de um ano após uma doença longa e dolorosa. A conversa dele dirigiu-se principalmente à minha filha, e no início foi algo indistinta. Mostrou grande insistência relativamente à sua esposa (a quem sempre chamou Teenie); disse que ela pensava fazer uma mudança; que seria melhor não o fazer; mas que, caso o fizesse, ele tudo faria para ajudá-la; pediu à minha filha que lhe transmitisse a mensagem, mas apenas se ela quisesse.

Repetiu isto mais de uma vez; o que demonstra que, sabendo que a minha filha não era espiritualista, não impunha a mensagem. Intervim por breves instantes durante a conversa, mas ele respondeu de forma algo ríspida: "Era com a Teenie (a minha filha) que estava a falar." Era evidente que queria conversar com ela. Pediu-lhe que transmitisse o seu amor à esposa Teenie e ao filho. Depois perguntou-me como estava o John, referindo-se ao meu filho mais novo. Perguntei-lhe se se lembrava do nome do outro meu filho. Respondeu de imediato "Bill", o que estava correto.

A Sra. Sharpe, que estava connosco, recebeu provas muito marcantes. A primeira a vir foi a sua filha Anne, que faleceu há quase três anos. Todos ouvimos claramente ela dizer: "Sou a Annie." Depois perguntou como a mãe estava; disse algo que a Sra. Sharpe não percebeu bem, ao que Annie respondeu:

"Tu não és surda." Pediu então pela irmã Jenny, que a Sra. Sharpe e os restantes membros da família chamam "Jessie," mas que em vida a Annie chamava "Jennie", e assim continuou a chamá-la — uma prova muito forte para a Sra. Sharpe e a família da identidade de Annie. Refira-se que a Sra. Sharpe já tinha recebido esse mesmo sinal em Rothesay. Annie disse então à mãe que Jennie estava um pouco em baixo de saúde, que precisava muito de uma mudança. Depois, a Sra. Sharpe perguntou se sabia onde iam no dia seguinte de férias.

Annie respondeu: "Um lugar solitário, e vão por mar." E realmente era um local isolado: as férias seriam na ilha de Iona, a três horas de barco desde Oban! A Sra. Sharpe falou então algumas palavras em alemão com Annie, língua que ela dominava em vida. Nada melhor poderíamos ter desejado do que ouvir mãe e filha a conversar em alemão — o que também era compreendido pelo Sr. Morrison.

Depois veio o Sr. Scott ter com a Sra. Sharpe; fora professor em Granton, a cerca de cinco quilómetros de Edimburgo. Agradeceu à Sra. Sharpe por ter entregue à esposa a mensagem que lhe dera em Rothesay, e disse que estava muito mais feliz onde se encontrava do que no plano terrestre. A Sra. Sharpe perguntou-lhe como sabia que ela estava ali. Ele respondeu: "Foi a Annie que me mandou."

A sogra da Sra. Sharpe veio em seguida e deu provas inequívocas da sua identidade. Estava muito feliz por conseguir voltar; disse que o avô estava com ela e com o marido da Sra. Sharpe. Perguntou pelo filho David, dizendo o nome, e prometeu voltar em breve.

O Sr. Morrison, que conheço há algum tempo como um espiritualista genuíno, é um participante simpático e harmonioso. As provas que recebeu nesta noite considero realmente maravilhosas e convincentes. O primeiro a vir até ele foi um tio que morreu numa mina de carvão, e que falou com o irmão, que falecera da mesma forma.

O tio falou com bondade e fez referência especial à filha do Sr. Morrison, Kitty, que estava gravemente doente há nove meses; disse que sabia tudo sobre ela e que ela estava a recuperar bem. (Nenhum de nós pensava que ela sobreviveria; mas, graças aos que estão do outro lado, que a têm cuidado e vigiado, está agora a ter o que o médico chama "uma

recuperação milagrosa.") O Sr. Morrison perguntou ao tio se tinha visto o seu pai; ele respondeu:

"Está aqui e vai falar contigo."

Após muitas perguntas afetuosas sobre amigos no plano terreno, despediu-se com um "Adeus."

O pai do Sr. Morrison foi o seguinte a manifestar-se; todos o ouvimos exclaimar, por duas vezes: "Meu querido filho", e: "Que alegria poder vir falar contigo novamente." Como teste, o Sr. Morrison perguntou-lhe de imediato onde tinha falado com ele pela última vez, e, sem a menor hesitação, respondeu: "Rothesay."

E era verdade — ele tinha falado com o Sr. Morrison numa das sessões da Sra. Wriedt ali realizadas.

O Sr. Morrison hesitou um pouco em mencionar o nome do irmão Willie, pois ele e o pai tinham tido uma relação algo difícil em vida, não se entendendo bem. O pai do Sr. Morrison pareceu compreender logo a situação e disse: "Está tudo bem agora, meu filho; aqui não há amargura. Onde estás, há amarguras e alegrias; mas na vida espiritual não guardamos amargura, só as alegrias."

Falando do filho Willie, disse que este estava agora no Canadá; que o deixasse ficar lá, pois estava muito melhor do que estaria em casa. Morrison falou então da irmã Mary; ao que o pai respondeu apenas: "Pobre Mary! Pobre Mary! Está doente há algum tempo." (De facto, parece que pouco se passa aqui sem que os nossos amigos do além saibam e se interessem!)

Depois, o Sr. Morrison perguntou ao pai pela mãe, que tem setenta anos e está de boa saúde. O espírito pediu-lhe que lhe transmitisse o seu amor e bênção. O Sr. Morrison perguntou então pelos filhos que estão no além. O pai respondeu que a menina "Cantava como um rouxinol"; foi muito enfático nisso. Perguntou-lhe também se sabia onde estava o irmão Jim naquele momento, e com uma gargalhada respondeu: "Está aqui em Edimburgo contigo." (O irmão Jim tinha vindo de Glasgow passar o fim de semana com o irmão e a família.)

Seguiu-se uma conversa de natureza algo privada entre pai e filho sobre um membro da família chamado "Gilbert." O Sr. Morrison assegurou-me, depois da sessão, que o pai, ao falar do irmão Gilbert, recordou acontecimentos do passado que ninguém mais poderia conhecer. Na despedida, o pai do Sr. Morrison falou com alguma emoção, voltando a referir os filhos, nomeando especialmente a Kitty, cuja vida estivera recentemente em risco. Em conclusão, devo dizer que já participei em muitas sessões, mas nunca numa em que tenham sido dadas provas tão convincentes a todos os presentes.

A meu pedido, o Sr. James Coates, da Glenbeg House, Rothesay, autor e conhecido estudioso do ocultismo, consentiu em fornecer para esta obra algumas notas sobre os acontecimentos na Escócia, especialmente sessões realizadas com a Sra. Wriedt. Tive o prazer de estar presente em algumas delas e posso afirmar com confiança que os relatos

que se seguem são fiáveis, reconhecendo no Sr. Coates um investigador paciente e cauteloso, cuja precisão pode ser plenamente confiada.

O PSICOFONE NA ESCÓCIA

Por James Coates

(Autor de *Autoconfiança* e outras obras)

Rothsay, 8 de Setembro de 1913

Caro Almirante Moore,

Ao enviar-lhe as notas seguintes sobre o psicofone e fenómenos psico-físicos relacionados, nos quais a Sra. Wriedt foi o centro à volta do qual ocorreram, desejo esclarecer que estas notas foram escritas por pessoas cujas afirmações foram verificadas com base nos meus apontamentos taquigráficos, ou então registadas por mim durante entrevistas. Conforme solicitado, são contribuições exclusivas para o seu livro.

Sobre a médium Sra. Wriedt nada tenho a dizer, pois nem a sua personalidade nem a sua mediunidade dependem da minha opinião, estando suficientemente atestadas nas suas obras e noutras já publicadas. Pessoalmente, considero-a a melhor médium do seu género, e nela o falecido Sr. Stead encontrou o instrumento mais valioso e fiável para comunicação psicofónica com a família e o mundo.

Um breve relato de algumas dessas comunicações encontra-se em *Has W. T. Stead Returned?* e na imprensa. Por mais notáveis que tenham sido, ficam aquém das evidências apresentadas — na sua presença — do conhecimento que os amigos desencarnados possuem sobre os que ainda vivem, a quem conseguiram dirigir-se através do psicofone.

Se é impossível multiplicar estas evidências através de demonstrações em todos os centros do movimento, devemos alegrar-nos por termos um instrumento tão raro como a Sra. Wriedt com quem experimentar. As manifestações na presença da Sra. Wriedt assemelham-se a mensagens telefónicas — daí a minha utilização do termo "psicofone".

Embora muitas das vozes ouvidas fossem desprovidas de expressão, abafadas, como que transmitidas por telefone de forma deficiente, a maioria tornava-se clara, individualizada e característica da voz do falecido em vida, especialmente quando o "orador distante" e a pessoa recetora da mensagem alcançavam uma comunicação mais livre. A identificação da voz era — para além do conteúdo humano reconhecível das comunicações — altamente comprovativo.

Se se objetar que, em alguns casos, as mensagens foram curtas, mesmo sendo os nomes e factos corretos, ou que a voz do suposto comunicador não foi reconhecida, a minha resposta é: "Estas não são objeções válidas, e não seriam levantadas por um investigador psíquico experiente." Este valorizaria até a mais breve comunicação de voz. Não importa o comprimento da mensagem, mas sim o seu conteúdo. A voz transmitida por este meio pode ser fraca, abafada ou clara; mas, por mais valiosa que seja uma voz clara, o mais importante é o que é dito e a sua pertinência.

Como oficial naval, o senhor compreenderá o exemplo dos navios a comunicar no mar: umas bandeiras içadas e arriadas de dia; umas luzes piscando à noite ou, se suficientemente perto — como se fazia antigamente — um ou dois gritos do convés, e obtinha-se toda a informação necessária: nome do navio, destino, número de passageiros, carga e votos de boa viagem. Não era muito, mas era suficiente. Assim também tem sido na sala de sessões. Se, por vezes, as mensagens foram breves, foram suficientes; a identificação foi completa e as saudações trocadas com carinho.

Nestes tempos de descobertas científicas, têm-se feito grandes progressos, e as inteligências no invisível, evidentemente, mantêm-se atualizadas. Com efeito, muito antes de a comunicação telefónica ser considerada possível na Terra, já se relatavam fenómenos de voz em salas de sessões. Regra geral, uma mensagem telefónica só é ouvida por quem a recebe; mas não assim com as mensagens psicofónicas. Estas são ouvidas não só por quem mais interesse tem, mas por todos os presentes.

No círculo de Rothesay, a regra é não admitir qualquer pessoa pela primeira vez, a menos que seja apresentada por alguém cuja boa fé me seja garantida. Quando temos uma médium profissional como a Sra. Wriedt, a regra mantém-se. Apesar dos custos, ninguém é admitido apenas por querer ou poder pagar. Um amigo bem-intencionado, plenamente convencido e desejoso de divulgar os factos, quis convidar algumas pessoas — clérigos, magistrados, etc. — pensando que, se fossem convencidos, muito bem se faria; estava disposto a cobrir todas as despesas.

Recusei; mas, para não ferir os seus sentimentos, consultei o "Dr. Sharp", que recusou terminantemente, dizendo: "Quando as pessoas estiverem prontas e tiverem um desejo sincero de comunicação com os seus entes queridos, encontrarão o caminho; mas não esses de fora. Traz um pastor e, se for convencido, dez contra um que não terá coragem nem honestidade para dizer a verdade; se não for, será o primeiro a proclamar do púlpito que é tudo uma fraude. Magistrados?

Bobagem; não convidem ninguém por causa do seu cargo ou influência. Sim, há espaço para homens e mulheres sinceros; mas não temos tempo para aqueles que, na sua maioria, nunca fariam bom uso do que recebem. Cristo avisou os seus discípulos a não deitarem pérolas aos porcos, mas há quem queira atirá-las para dentro deles. Não! Não! Diz ao teu amigo que não aceitaremos essas pessoas."

O Dr. Sharp tem experiência, e tem razão. O ceticismo honesto de quem tem mente aberta nunca impediu fenómenos, mas é inútil introduzir os não preparados nas sessões com o intuito de os convencer.

Outro bom amigo, que recebeu provas valiosas no ano anterior aqui, desejava oferecer uma sessão privada a alguns amigos. O que aconteceu foi muito bom, mas os amigos não estavam nem preparados nem interessados por essas mensagens, e um deles atribuiu depois "as vozes" ao ventriloquismo — erro duplo, nascido da ignorância sobre o alcance do ventriloquismo e as possibilidades da psicofísica.

Aos que aceitam os fenómenos mas os rejeitam por acreditarem que provêm de espíritos malignos a imitar os nossos entes queridos, nada tenho a dizer, contentando-me em apresentar a objeção. Dito isto, apresentarei alguns casos e deixarei que falem por si.

O TESTEMUNHO DO SR. WILLIAM JEFFREY

N.º 1 — O Sr. William Jeffrey, de 15 India Street, Glasgow, homem de observação aguçada e reconhecida competência empresarial, é o único sócio de uma das maiores empresas de madeira e serração da cidade. Teve várias sessões com a Sra. Wriedt. Durante uma entrevista com ele, tomei as seguintes notas:

"Fiquei muito interessado na mediunidade da Sra. Wriedt depois de ler no *Light* o seu relato das sessões realizadas em Rothesay em 1912, e decidi participar em algumas sessões com ela assim que fosse possível. Conheci a Sra. Wriedt pouco depois da sua chegada a Glasgow, vinda de Londres, e a nossa primeira sessão decorreu no dia 2 de Julho, na minha própria casa, em 15 India Street, Glasgow. Além da minha família, telefonei a algumas pessoas e formei o círculo. Estavam presentes dezassete pessoas, todas de confiança. Como desejava, falei apenas do que me tocou pessoalmente.

"A primeira voz que ouvimos foi a da minha esposa, que deu as boas-vindas a todos na sua casa, dirigindo-se a vários pelo nome, incluindo o Sr. Galloway, a Sra. Birrell, e uma visitante de Londres, a quem não conhecera em vida. A sua voz, bastante clara, disse: 'Ó Willie, estou tão feliz por estar aqui e falar na minha casa contigo e com estes amigos.' A minha esposa (que normalmente falava bom inglês, mas usava frequentemente escocês quando estava muito feliz ou em conversas íntimas) dirigiu-se a nós com o seu jeito sincero, acolhedor e rápido: 'Espero que tenham uma boa noite.'

Depois falou com cada membro da família. A voz nunca se enganou ao tratar 'Bella' ou 'Sally' com carinho, ou ao usar os títulos de 'Sr.' ou 'Sra.' com as pessoas a quem a minha esposa assim se dirigiria em vida.

"Uma voz que reconhecemos de imediato aproximou-se de mim: 'Bill, Bill, como estás?' 'Quem és tu, amigo?', perguntei. 'Neil, Neil; sou o Neil, homem!', seguido de uma gargalhada calorosa. Neil McQuarrie era um parente por casamento e foi durante muitos anos o nosso caixa. Tinha uma maneira peculiar de falar, por vezes muito "braid an hamely" (largo e caseiro), e a sua gargalhada era única. Durante algum tempo falou com a esposa e sobre os filhos, cada um pelo nome. Não havia como duvidar das referências nem da ternura com que se expressava. A Sra. White, sentada ao meu lado, sussurrou: 'Achas que ele me reconhecerá?'

Imediatamente, a resposta surgiu: 'Dae ye no think A ken ye, Annie White? Hoo are ye a' in London?' A voz dirigiu-se depois ao meu genro, o Sr. Kerr: 'Charlie, como estás? Estou surpreendido por te ver aqui. Não és tão cabeça fria como o Bill (eu), que pensavas estar um pouco doido; mas esta noite vais ouvir algo que te vai convencer.' Isto era mesmo típico do Neil, e completou a frase com a sua gargalhada característica, tornando a identificação inequívoca.

A voz falou comigo e agradeceu certas coisas que fiz por ele em vida e pela sua esposa e filhos depois. 'Nunca esquecerei, e tu não sairás a perder com isso.' À minha filha (Sra. Kerr), disse: 'Tenho de te agradecer por cuidares dos meus rapazes.' A Sra. Kerr perguntou: 'Achas que fui demasiado dura com eles?' 'Bem, não; são um pouco teimosos e rebeldes; mas isso é porque não têm pai para os guiar; lembra-te disso. Estás a fazer bem, mas orienta-os de vez em quando.' Depois despediu-se de todos.

A minha filha Isa veio em seguida, e tivemos uma bela conversinha; despediu-se com amor e beijos para todos.

Outra voz surgiu, dizendo 'Jeffrey!' 'Quem és tu?' 'Sou o pai do Capitão George Miller.' Respondi: 'Não o conheci.' 'Ora, homem, conheço-te bem, e estive contigo e com o Capitão George nas férias nas Órcades e Shetland no mês passado.' Isto foi bem direto. Perguntei: 'E que achaste das ilhas?' A voz respondeu: 'Não foi grande coisa por causa do tempo, mas deu-te força.' Esperava que sim e disse que contaria ao Capitão George. 'Homem, nem te dêes ao trabalho. É como falar com um tronco, ele não vai acreditar.'

Quinze das dezassete pessoas presentes receberam mensagens. Penso que ficaram satisfeitas, muitas encantadas. Como a minha esposa já se manifestara anteriormente com clareza através da Sra. Coates, meses antes, esperava que cumprisse a promessa de voltar a comunicar desta vez. O que aconteceu superou todas as minhas expectativas. Foi simplesmente maravilhoso.

A médium, Sra. Wriedt, era uma desconhecida, que conheci apenas naquela manhã. A sessão foi organizada à pressa por telefone e telegrafo, e teve lugar numa sala improvisada. Se os resultados não forem prova do regresso dos espíritos, então não sei o que poderá ser mais valioso ou importante.

A sessão seguinte teve lugar na quinta-feira, 3 de Julho, numa sala da Associação Espiritualista de Glasgow, na Berkley Street Hall. Recebi um telefonema a pedir que fosse e levasse mais pessoas, pois havia falta de participantes. Contactei a Sra. McMaster, que adiou um compromisso e veio — a sua presença era completamente inesperada. Esta senhora nunca tinha ido a uma sessão antes. A primeira voz que se manifestou foi a do seu marido, que falecera há nove meses.

Ele disse: 'Nellie, Nellie!' A Sra. McMaster respondeu, sentindo que era ele. 'És tu, pai?' 'Sim, querida', respondeu. Eu comentei que a voz era parecida e sugeri que falasse abertamente com ele. 'Sim, querida', disse ela, dando beijos. 'Estou tão feliz por vir falar contigo. Foste uma boa rapariga para mim. Estou contente por ver que estás bem. Dá o meu amor ao Jeffrey.' A Sra. McMaster respondeu: 'Podes dar o teu amor ao Sr. Jeffrey tu mesmo, pois ele está aqui ao meu lado.'

A voz, enfaticamente: 'Não, não; quero que dêes o meu amor ao meu filhinho, Jeffrey McMaster.' Toda esta conversa, e as circunstâncias em que decorreu, foram impressionantes. Antes de partir, McMaster disse: 'Foi a Bella' (minha esposa no além) 'que me trouxe aqui', e terminou enviando amor à esposa e mensagens para a família.

A Sra. Jeffrey apareceu com a sua maneira afável e teve uma conversa calorosa; seguiu-se uma breve intervenção da minha filha Isa. Um detalhe que nos impressionou nesta sessão foi a água aspergida sobre todos nós. Refiro isto porque não havia água visível na sala. Eu não vi nenhuma, e o Sr. Galloway, que preparou a sala, disse que não havia. Fui informado de que este fenómeno simboliza bênção e purificação.

Tivemos outra sessão no mesmo local, na sexta-feira, 4 de Julho. Estavam presentes a minha filha, a Sra. Kerr, a minha sobrinha e eu. A minha esposa veio e falou connosco durante algum tempo. Perguntei: 'Bella, gostaste do serviço fúnebre que organizámos?' 'Oh, foi muito bonito, mas', rindo, 'o ministro disse muito mais sobre mim do que sabia.'

(Nós não achámos, pois a minha esposa sempre foi muito amiga de quem estivesse doente ou em dificuldade.) Agradeceu-me 'pela forma carinhosa como me enterraste' e disse que ficou feliz por ver tanta gente presente. Terminou com uma conversa geral sobre os nossos assuntos e alguns conselhos amáveis para mim. Para a minha filha, sobrinha e para mim, o que a voz disse foi conclusivo.

A sessão de 5 de Julho contou com a presença da minha filha, genro e sobrinha. Menciono-os para que fique claro que não estou a imaginar ou presumir o que aconteceu, mas a relatar com base em testemunhos. Mais uma vez, a minha esposa apareceu e falou com a filha e o Sr. Kerr. A sessão foi interrompida por um participante que começou a fazer perguntas impertinentes sobre elétricos e máquinas voadoras no além. A trombeta foi pousada com força e não houve mais vozes nessa noite.

Na segunda-feira, 7 de Julho, na Berkley Street Hall, fui com a Sra. Kerr. Tinha estado a pensar na Bella, minha esposa, mas o primeiro a falar foi um velho amigo chamado Sterling, falecido há vinte anos. Perguntei-lhe quem o trouxera.

Disse: 'A Sra. Jeffrey; ela está a ajudar muita gente a vir.'

Como só tinha dito o nome, perguntei:

'És o Sr. Sterling que conheci há muito tempo?'

'Sim', respondeu. 'Lembras-te do que tinhas antes de morrer?' 'Fui completamente cego durante cinco anos.'

Isto era verdade e para nós uma prova forte.

A Sra. Kerr: 'Já viste a Sra. Sterling?' 'Oh sim, querida; somos muito felizes aqui.' Não preciso detalhar o resto; tudo estava correto.

A Sra. Wriedt disse que havia um espírito presente que se suicidara com um tiro.

Era para o Sr. Robertson, de Helensburgh. 'Conhecia alguém assim?'

O Sr. Robertson: 'Sim, achavam que ele se suicidara com um tiro.'

Mais tarde, a voz falou com o Sr. Robertson e, convencido da identidade, perguntou:

'O disparo foi acidental ou intencional?' A voz garantiu que foi acidental. 'Homem, não havia razão para o fazer.'

Todos achavam que sim, mas o Sr. Robertson sempre acreditou que fora um acidente, e o que o espírito disse confirmou essa crença. O homem estivera com ele uma ou duas noites antes da morte, e falara alegremente sobre o bom andamento dos negócios e outros assuntos.

A voz insistia que a história do suicídio era falsa. 'Homem, eu não tinha necessidade de me destruir.' Embora o episódio não me diga respeito diretamente, impressionou-me tanto que achei importante mencioná-lo.

A minha última sessão com a Sra. Wriedt em Glasgow foi na quinta-feira, 24 de Julho. Estavam dezoito pessoas presentes, incluindo a médium, a minha filha, genro, sobrinha, prima e um amigo. A primeira a falar foi a minha esposa e, após uma palavra afetuosa e uma pergunta a cada um, disse que lamentava que estes encontros estivessem a chegar ao fim e o grande consolo que lhe tinham dado. Pediu-me que compreendesse que estava sempre comigo. Perguntei-lhe como era que tinha falado comigo em todas as sessões, menos numa...

(Tive várias sessões em Rothesay entre 7 e 24 de Julho.) Ela disse que foi porque outros familiares queriam falar comigo, e "não quis ser egoísta nem monopolizar o tempo e impedir que outros falassem com os seus entes queridos." (Ela trouxera muitos às sessões.) Terminou despedindo-se com um "Adeus, até nos voltarmos a encontrar."

Uma voz que se identificou como sendo a mãe do Sr. Kerr falou connosco e com ele. A minha filha dirigiu-se ao espírito, mencionando os desentendimentos que tinham ocorrido entre ambas devido ao seu noivado com o filho. Sempre tinham mantido uma relação agradável até pouco antes do casamento. O espírito respondeu com uma voz clara e trémula: "Deixemos o passado no passado, querida. Não falemos disso, mas deves compreender os sentimentos de uma mãe quando perde o seu único filho." Tudo muito natural e verdadeiro.

Outra voz falou, desta vez a do falecido Sr. Kerr — pai do meu genro. Já estava no além há alguns anos. Falou com grande familiaridade. Dirigindo-se ao filho "Charlie", disse estar "muito contente com o progresso nos negócios que estás a fazer na vida. Muitos agradecimentos ao teu sogro pelo que tem feito por ti. Tiveste um início de vida muito melhor do que eu alguma vez tive."

Depois, dirigindo-se a mim, a voz disse: "Obrigado, Jeffrey, pelo que fizeste pelo meu rapaz, e há uma coisa que te posso dizer sobre ele: nunca te há-de envergonhar." Depois de alguns conselhos amistosos, despediu-se.

Ouviu-se então uma voz a dizer: "Colin!" "Que Colin?" "Colin Buchanan", e logo a seguir dirigiu-se à Sra. McQuarrie, já antes mencionada, tocando em assuntos tristes e pessoais que, sei, eram desconhecidos de todos naquela sala — nunca os revelei nem à minha filha nem ao meu amigo mais próximo. Eram recordações de mais de quarenta anos.

Foi uma verdadeira revelação. Os factos revelados eram de tal natureza que não podem, por decoro, ser partilhados com terceiros. Lamento que assim seja, pois este tipo de evidência é das mais convincentes. Dizer que todos ficámos profundamente comovidos é dizer pouco.

O Sr. Bothwell teve um amigo que se afogou, e que veio falar com ele. Deu detalhes sobre o momento da sua morte, que ninguém mais conhecia. Este senhor ficou muito surpreendido com o que ouviu, pois não acreditava que tais comunicações fossem possíveis. Além do que já foi mencionado, surgiu também a voz da filha da Sra. McMaster, "Serina", que se apresentou com esse nome — pelo qual era chamada em vida. Enviou o seu amor a todos os amigos, nomeando-os um por um.

Falou especialmente da sua única irmã, enviando-lhe uma mensagem muito pertinente e atenciosa. Depois dirigiu-se a mim e aos outros amigos presentes, chamando cada um pelo nome próprio. Não havia como negar os factos revelados naquela sala, perante dezoito pessoas. Todos receberam comunicações naquela sessão, alguns mais do que uma. Nenhuma das vozes que falou cometeu qualquer erro ou engano.

O Sr. Reid é artista e vive em The Terrace, Ardbeg. As suas declarações, relativas a fenómenos que ocorreram na presença de quinze a dezoito pessoas, incluindo eu próprio, e verificadas pelas minhas notas taquigráficas, podem ser consideradas corretas — salvo por serem breves — e descrevem menos do que realmente se passou. Suprimi muito do que era de carácter privado, mas o que resta basta para compor um relato interessante e coerente. — J. C.

O Testemunho do Sr. Peter Reid

Terça-feira, 8 de Julho. Estive presente nesta, a sessão de abertura. Estavam presentes dezasseis pessoas, incluindo a Sra. Wriedt, a médium de voz direta com trombeta. Fui para estas sessões com maior confiança, por ter tido o privilégio de assistir a sessões semelhantes no ano anterior. Embora tentado a relatar tudo o que vi e ouvi, vou limitar-me ao que me tocou pessoalmente.

O primeiro a vir até mim foi o meu pai, que disse: "Como estás, meu rapaz?" A voz dele era bastante distinta ao início, mas enquanto falava uma voz infantil interveio. Informaram-me que era a pequena Blossom, uma criança indiana. Apesar do fenómeno de duas vozes a falarem ao mesmo tempo, o meu pai, sem conseguir fazer-se compreender, afastou-se. O meu pai, natural de Perthshire, falava excelente inglês, com um ligeiro sotaque escocês nas "erres" que tornava a sua nacionalidade evidente aos visitantes ingleses. Durante a curta conversa que tivemos, perguntei-lhe:

"Em que trabalho estás envolvido?"

Respondeu que estava em trabalho missionário. Esta afirmação foi significativa, pois no ano anterior recebi a mesma resposta através da Sra. Coates. A voz fez referência à minha mãe, dizendo que ela também conseguiria falar por si, assim como outros familiares. Esta breve conversa psicofónica foi suficiente para confirmar a sua identidade. Nem a Sra.

Coates nem a Sra. Wriedt sabiam que o meu pai, além da sua ocupação habitual, tinha grande interesse em trabalho missionário da igreja e na escola dominical. É perfeitamente credível que esteja envolvido em atividades semelhantes na vida espiritual.

A seguinte a manifestar-se foi uma jovem amiga chamada Gertie. De forma natural e impulsiva, perguntou-me duas vezes se a tinha visto. Uma forma etérea aproximou-se de mim a partir do gabinete; mas não a reconheci como sendo ela. Naquele mesmo dia, antes de sair para a sessão, coloquei no bolso o retrato e uma madeixa de cabelo dela, que estavam comigo desde a sua morte. Perguntei-lhe o que levava comigo no bolso. Ela respondeu de imediato:

"O meu retrato e a madeixa do meu cabelo", e fez referências comoventes ao nosso afeto e a outros assuntos que só ela poderia saber. Despediu-se com um "adeus".

O Dr. Sharp apareceu com conselhos simpáticos e disse: "Não há amor como o primeiro amor."

Embora não aceite tudo o que disse, fiquei muito impressionado com a pertinência das suas palavras. Gertie era uma rapariga de dezasseis anos e meio quando faleceu, há doze anos. Éramos muito próximos em juventude. Esta foi a primeira vez que conseguiu manifestar-se através da voz direta — o que por si só foi uma clara prova de identidade.

Quarta-feira, 9 de Julho de 1913, às 20h. Foi uma noite excelente. Ouvi uma voz a dizer "Booth, Booth" e fiquei surpreendido ao saber que era o General Booth, que proferiu uma alocução muito característica.

Outra voz diferente gritou: "John King, Deus te abençoe."

Não o conheço. O Dr. Sharp perguntou: "Sr. Reid, tem alguma irmã no além?"

Respondi que não. Ele disse: "Está aqui alguém que diz ser sua irmã."

O Dr. Sharp respondeu-lhe: "Ele não tem irmã."

A voz respondeu: "Sou a namorada dele." "Porque disseste que eras irmã?"

"Porque achei que assim conseguiria entrar." Todos se riram.

Eu disse: "Vem, Gertie; fico feliz por te ouvir de novo."

A voz riu-se, tal como fazia quando estava alegre em vida, e disse que fizera aquilo para conseguir entrar. Lembrou-me que, na verdade, era como minha irmã, pois eu sempre fora como tal para a família dela e para ela própria:

"Por isso está tudo bem, afinal", disse, rindo de novo.

Falou de assuntos privados entre nós, saudou a minha esposa e concluiu com instruções sobre o que fazer com o seu retrato e a madeixa de cabelo. O Dr. Sharp regressou a rir-se, dizendo: "Fui enganado desta vez."

Esta sessão foi muito comprovativo, tendo em conta o total desconhecimento da Sra. Wriedt sobre os nomes, vozes e modos dos meus amigos pessoais.

Quinta-feira, 10 de Julho, às 14h. Estive presente com a minha sogra, Sra. Wyllie. Embora nenhuma de nós tenha recebido mensagens pessoais, ambas ficámos muito interessadas no que foi transmitido a outros. Foi a primeira experiência da Sra. Wyllie. O Arcediago Colley manifestou-se ao Sr. e à Sra. Coates; o Sr. Edward Wyllie, que fora fotógrafo psíquico, conversou com o cunhado, Cônego Dawson, com a médium Sra. Wriedt e com o Sr. e a Sra. Coates. Na sessão da noite, a Sra. Wyllie recebeu algumas informações pessoais interessantes, que ainda não me foram passadas e sobre as quais não tenho autorização para partilhar.

Domingo, 13 de Julho, 20h. Esta também foi uma sessão muito interessante, cheia de acontecimentos surpreendentes e evidências pessoais para os presentes. A Sra. Wriedt descreveu uma figura escura com turbante com joias e vestes amarelas. De imediato, uma voz com sotaque estrangeiro disse "Raja, Raja", depois "Wood-Sims".

(A Sra. Wood-Sims é nossa amiga, e o seu principal guia espiritual é um hindu chamado "Rajah".)

Perguntei à voz: "És o Rajah?"

A resposta, "Sim, sim!", surgiu com entusiasmo, seguida de um discurso num idioma que parecia hindustani. Não conseguimos compreender. Ainda assim, conseguimos perceber em inglês imperfeito de quem se tratava. Prometi ao espírito que informaria a Sra. Wood-Sims da sua vinda.

A Sra. Wriedt disse: "Vejo o nome 'Tetlow'; alguém reconhece?" Como ninguém respondeu, disse: "Suponho que quer dizer 'Tetley'?" Ela confirmou que sim. Parece que os nomes lhe aparecem como que em espelho, invertidos, e a primeira parte desaparece antes de surgir o nome completo. Enquanto aguardava mais pormenores, a Sra. Wriedt perguntou se alguém reconhecia o nome "Pearson".

Como ninguém respondeu, disse: "Conheço esse nome." Mais tarde, uma voz dirigiu-se a mim: "Sou o Sr. Tetley... Quero agradecer-te pela tua bondade no passado para com a minha família." O Sr. Tetley, pai de Gertie, faleceu no estrangeiro cerca de dois anos antes dela. Foi a primeira vez que se manifestou por voz direta. Depois de mencionar a família e agradecer novamente, despediu-se.

Outra voz saudou-me, dizendo: "Sou o Pearson." Perguntei: "És irmão da Sra. Wyllie?" "Sim." (Não conhecia o seu nome próprio. Havia quatro irmãos no além e dois ainda vivos.) A voz assegurou-me que era "James Pearson".

Perguntei se tinha alguma mensagem para casa. Disse: "Dá-lhes os meus melhores cumprimentos." Não foi muito, mas enviei-o à Sra. Wyllie. Na sua resposta, datada de 17 de Julho (22 Clarendon Street, Glasgow), ela escreveu: "Meu querido genro, obrigada pela pequena mensagem que incluíste... Para mim, é uma prova muito conclusiva."

O meu irmão James enviava sempre os seus melhores cumprimentos a todos. Da última vez que estive em Glasgow, 'A' recusou falar com ele, mas o Jim disse: 'Não faz mal; provavelmente voltaremos a encontrar-nos no céu.' E agora, nesta sessão, ele disse: 'Não te esqueças de dar os meus melhores cumprimentos à 'A'.' Estou feliz por ele ter vindo, pois foi sempre bondoso comigo desde a infância. Também estou contente por a Annie (Sra. Reid) ter visto a visão maravilhosa que me descreveu. Por favor, toma nota de tudo para me contares tudo mais tarde..."

Domingo, 20 de Julho, às 20h. Nessa noite houve manifestações impressionantes. A minha jovem amiga Gertie apareceu novamente. Como era uma excelente cantora em vida, pedi-lhe que cantasse uma das suas canções. Ela disse que cantaria uma canção escocesa (Gertie era inglesa) e sugeriu "Annie Laurie".

Quis que cantasse com ela. Eu não consegui acompanhar, mas a Sra. Coates, que estava ao meu lado, cantou com ela. Gertie cantou docemente. Foi uma manifestação muito comovente. Quando a sessão estava prestes a terminar, o meu pai interveio e disse que queria falar com "o seu rapaz" (sempre se referia a mim assim), e na sua saudação calorosa fez referência a assuntos muito específicos da minha vida e da dele.

Quarta-feira, 23 de Julho. O meu pai voltou a manifestar-se, e pela primeira vez a minha mãe falou comigo através da voz direta. A minha mãe já me tinha vindo várias vezes através da mediunidade da Sra. Coates, mas a Sra. Wriedt não sabia disso. A minha mãe falou comigo, entre outras coisas, sobre o meu irmão, que está nos Estados Unidos, e deu-me o que considero serem conselhos acertados. Compreendi e valorizei tudo o que disse.

Se tivesse relatado tudo o que se passou, este testemunho talvez fosse mais interessante — ou cansativo. Para mim, as evidências foram absolutamente convincentes. A voz do meu pai (o seu inglês com sotaque de Perthshire), o escocês cerrado e a afetividade impulsiva da minha mãe, a maneira encantadora de Gertie e as suas declarações convincentes foram de grande valor — mais ainda do que as eterealizações, apesar de estas terem sido notáveis. Como prova da sobrevivência num estado invisível, estas mensagens por voz direta são inestimáveis.

Notas do Sr. Coates:

"Seria impossível relatar um décimo do que aconteceu na sala de sessões de Rothesay durante as mais de quarenta sessões realizadas com a Sra. Wriedt. Embora tenha de suprimir provas muito fortes por poderem causar dor a vivos, atrevo-me a apresentar, neste e noutros casos, evidências marcantes da persistência dos espíritos em manifestar-se. Já participei em várias sessões, mas raramente encontrei um caso em que os participantes — pessoas honestas e sinceras — tivessem tanta dificuldade em compreender o que era dito, enquanto os amigos espirituais demonstravam grande determinação em transmitir os factos.

Os visitantes eram o Sr. e a Sra. Raw e o seu filho, o Sr. John Edwin Raw, de 14 Car Hall Road, Nelson. Numa conversa posterior às sessões, o Sr. Raw disse: 'Fiquei confuso, sem

saber o que dizer, e como sou um pouco surdo, não percebi bem o que foi dito; mas agora estou convencido de que tudo isto é extraordinário demais para ser descrito em palavras."

Relato do Sr. J. E. Raw:

Estas sessões (realizadas a 12 e 13 de Julho, às 14h) decorreram de forma bastante informal, com total liberdade para inspeccionar o espaço, garantindo assim que o objetivo era a disseminação do conhecimento e da experiência com fenómenos psíquicos. Ambas as sessões estiveram repletas de acontecimentos; praticamente todos os presentes receberam comunicações verbais de parentes e amigos falecidos, enquanto belíssimas luzes espirituais flutuavam periodicamente, indicando as elevadas condições espirituais existentes, culminando na eterealização de uma forma luminosa envolta num halo dourado (um guia).

As observações claras, concisas e pertinentes do espírito principal, Dr. Sharp, despertaram grande interesse. A sua voz forte demonstrava pleno domínio de um poder até então desconhecido para nós, em forte contraste com os esforços laboriosos de outros espíritos. Deu uma excelente prova ao bater com a trombeta sobre a mão do meu pai, assim que lho pediram — um gesto sugestivo numa sala escura onde não era possível ver quem estava ao lado.

Os nossos visitantes espirituais foram completamente inesperados, mas ambos deram provas convincentes de identidade.

(O Sr. J. E. Raw resume corretamente as experiências; mas para ilustrar a persistência do espírito em obter reconhecimento, mesmo perante dificuldades de compreensão, recorro às minhas próprias notas para dar um relato mais detalhado.)

O Sr. Raw conclui: "É muito apropriado que, ao proporcionar de forma tão generosa estas excepcionais condições para demonstração de fenómenos psíquicos, os seus esforços tenham resultado de maneira tão abrangente e conclusiva, como atestado por um círculo cada vez maior de apoiantes, todos afortunados por conhecerem a Sra. Wriedt e os seus dons extraordinários. A minha mãe, Sra. Eva Raw, e o meu pai, Sr. George Raw, juntam-se a mim em votos de felicidades e apreço pelo bom trabalho que está a realizar... Embora os nossos nomes próprios fossem desconhecidos para si, os amigos espirituais que nos contactaram indicaram corretamente os seus nomes e os nossos... — J. E. Raw"

Continuação do relato por Mr. Coates:

Quanto ao relato mais pormenorizado do que ocorreu, importa notar que nenhuma das "vozes" era de pessoas esperadas. Além do já dito, o que se segue é altamente comprovativo. Vez após vez, tal sucedeu nestas sessões.

Para ilustrar o que quero dizer: a primeira voz que surgiu não foi compreendida pelo Sr. Raw (pai), e só com insistência conseguimos que ele falasse. A voz do espírito esforçava-se por dizer o nome; ouviram-se sugestões como "Heckle" ou "Sexton", mas a voz recusava com um exausto

"Não, não, não." Após outras tentativas, a voz disse: "Estás surdo? Sou o William." "Que William?" "O teu irmão."

"Não tive irmão, nenhum irmão William."

Com muito esforço e persistência, a voz deu o nome completo: William Theckston, cunhado do Sr. Raw, e seguiu-se uma série de afirmações privadas e de aplicação íntima, que provaram a identidade sem margem para dúvidas.

"Ah, então é o William!", exclamou a Sra. Raw com alegria. Foi notável a forma como a voz rejeitou todas as sugestões, não aceitou ajuda, e não desistiu até ser reconhecida. Podia apresentar relatos mais literários ou interessantes, mas, para mim, o William Theckston — em espírito — a dirigir-se a "George" na carne como "irmão" é uma prova de grande valor.

Outra voz dirigiu-se à Sra. Raw logo a seguir. Inicialmente, foi difícil compreender o que dizia. A Sra. Raw, embora não reconhecesse quem era, mostrou-se recetiva e incentivou a voz a continuar. Sem conseguir o nome, pediu ao espírito que dissesse algo que permitisse identificá-lo. Era, evidentemente, um homem — achámos que irlandês — cujas tentativas soavam a "Macguire".

A voz disse: "Lembras-te do lugar onde eras menina? — Lembras-te do homem dos cavalos? — Lembras-te do castanho?"

A Sra. Raw lembrava-se da casa de infância. Era parecida com o que a voz descrevia. Claro que havia cavalos, e um portão à beira da estrada, mas ela não conseguia identificar o homem.

"Então," disse a voz, "lembras-te de eu te pôr em cima do cavalo castanho e ensinar-te a montar?"

"Sim." "Então sou eu. Lembras-te da moeda que te dei?"

"Sim."

"Isso é bom. Acho que foi a primeira moeda da tua vida. Agora lembras-te de mim?"

"Sim", respondeu a Sra. Raw, encantada, "lembro."

A voz riu-se. A história foi surgindo aos poucos, e este vizinho de outrora — Swire, não Macguire — confirmou a sua identidade com um toque humano: recordando-lhe que o pai dela nunca recebeu o pagamento do cavalo que ele levou.

Como disse o Sr. J. E. Raw: "Estes detalhes triviais mas distintivos e característicos eram sinónimos do velho vizinho e negociante de cavalos chamado 'Swire', e para nós uma prova convincente da autenticidade dos fenómenos testemunhados nas sessões da Sra. Wriedt."

Este senhor é farmacêutico e exerce a sua atividade em 96 Craven Park Road, Harlesden, Londres, N.W. Escolhi o seu caso pelos elementos evidenciais e pela persistência da sua falecida esposa em provar a sua identidade. Outra razão para esta escolha é o facto de ter sido um desconhecido que me procurou.

Assisti a três sessões, nos dias 13 e 14 de Julho. Nem a Sra. Wriedt, nem qualquer outra pessoa presente nas sessões, conhecia o seu nome. Mesmo que conhecessem, isso não explicaria as revelações que se seguiram:

Testemunho de J. C. Berry, M.P.S.

Harlesden, 16 de Agosto de 1913

Caro Sr. Coates,

Fiquei profundamente impressionado, desde o início, pela alegria e cordialidade dos amigos ali reunidos, assim como pela atmosfera espiritual sentida. Sentia-se logo um acolhimento caloroso. Na primeira sessão (13 de Julho, às 14h), quando já estávamos sentados há algum tempo, uma voz aproximou-se de mim, chamando: "John, John!" Mas, embora eu tenha respondido, não obtive resposta. Outra voz falava noutra parte da sala. Pouco depois, a mesma voz regressou com o "John, John!"

Perguntei: "Quem és?" A resposta não foi clara, mas o que se seguiu revelou-me logo quem era. A voz disse: "Sim; vieste toda esta distância desde Londres para me ver?" — "Sim, querida." A voz respondeu: "Perdoa-me, John, por ter sido tão irritadiça contigo; não consegui evitar, a dor era tanta." Disse-lhe para não se preocupar, pois compreendia bem. Ela afirmou que agora estava feliz.

Contei-lhe que ansiava por falar com ela, e ela respondeu: "Não pensei que conseguiria usar a trombeta." Durante a conversa, disse que ia de manhã e à noite à nossa casa para beijar as crianças. Não relato aqui tudo o que foi dito. Após a partida da minha esposa, o Dr. Sharp comentou:

"Esta manifestação é um exemplo do que pode fazer uma pessoa que faleceu há menos de seis meses." (Absolutamente verdade, J.B.) Tão determinada ela estava em contactar o marido e os filhos, que conseguiu falar sem o uso da trombeta. A sua voz era bastante clara.

Na sessão da noite, às 20h, a minha esposa voltou, dizendo: "John, John! Voltei. A minha garganta está melhor agora. Já não tenho o tubo na boca." Perguntei-lhe se sabia o que tinha, e ela disse: "Sim, querido, soube durante meses, mas não quis preocupar-te contando-te." (Eu não sabia que ela sabia, mas realmente sabia e guardou para si — o que era muito típico dela.)

Fiquei abalado quando ela me perguntou: "Por que razão os nossos dias juntos foram tão curtos? Que mal fiz eu para ser levada tão cedo? Tentei dar o meu melhor..." Consolei-a o melhor que consegui. Na verdade, não sabia o que dizer. Suponho que ainda mantinha algo das emoções terrenas.

Decidi que, na sessão seguinte, se a voz voltasse, faria um teste. Eu estava completamente convencido, mas sabia que os meus amigos seriam céticos. Na terceira sessão, 14 de Julho, às 20h, quando a voz chamou "John, John!", perguntei: "Quem és tu?" A voz respondeu: "Oh, sou a Katie." Como antes, o nome não foi totalmente claro. Um dos presentes disse que era "Lizzie" e perguntou se era para ele.

A voz respondeu: "Não; quero o meu marido, John Berry." Isto foi dito de forma clara e enfática. Para que não houvesse dúvida de quem era, deu-me instruções específicas sobre os nossos filhos, os objectos que eu devia guardar para eles, e assim por diante. Disse-me que (a mãe) "tinha estado na casa da avó (onde os tinha deixado), a ver os pequeninos, e que estavam muito felizes." Pediu-me para não me preocupar com o passado, pois tudo tinha sido feito por ela que era possível imaginar. Ao despedir-se, disse que voltava para casa comigo e que tentaria falar comigo em Harlesden.

O que aconteceu na sala de sessões ultrapassou todas as expectativas. Não fui o único a receber mensagens por voz direta. Mas para mim, o mais extraordinário foi isto. Ninguém naquela sala — nem sequer o senhor — sabia nada sobre a minha esposa, os meus filhos ou sobre mim. Ninguém sabia que a minha mulher tinha morrido de cancro, nem que tinha um tubo na garganta.

E, no entanto, tudo foi dito — e apenas por quem o podia saber: a minha esposa. Qual é o benefício de tudo isto? Trouxe-me, mais do que qualquer outra coisa, a certeza de que **NÃO EXISTE MORTE**; que o falecimento é apenas uma passagem para uma vida mais abundante. Compreendo agora melhor as minhas responsabilidades para com os outros, e tentarei viver mais em harmonia com todos.

Com os meus cumprimentos,
John C. Berry

Sobre a sobrevivência dos animais à morte

O Sr. Coates acrescenta: Gostaria de dar seguimento ao testemunho do Sr. John C. Berry com um incidente ocorrido na sua última sessão. Não apresento explicação, apenas relato o que aconteceu, pelo valor comprovativo do conhecimento supranormal demonstrado.

A Sra. Wriedt disse de repente: "Ai meu Deus; parece-me que vejo um cão." Pela descrição, concluí que era um fox terrier. Acrescentou: "Anda pela sala. Está a saltar e a brincar, e salta para si, senhor" (referindo-se ao Sr. Berry).

Pouco depois, todos ouvimos repetidamente o ganido de um terrier. Deixando de lado a explicação do Dr. Sharp sobre o "reino animal" no mundo espiritual e a sobrevivência dos cães, os factos são estes. O Dr. Sharp disse ao farmacêutico que aquele era um dos muitos cães que tinham sido mortos durante o desempenho das suas funções.

O Sr. Berry confirmou que o Dr. Sharp estava certo. Muitos cães tinham de ser abatidos por vários motivos, mas ele próprio nunca o fazia — deixava isso às autoridades e à câmara de eutanásia. Se os animais sobrevivem ou não na Outra Vida, não sei; mas, como prova, ninguém naquela sala sabia que o Sr. Berry era farmacêutico até ao momento em que o cão uivou e ele deu a sua explicação.

O Sr. Wright ocupa um cargo de responsabilidade nos assuntos ferroviários e recebeu provas valiosas através da fenomenal mediunidade da Sra. Wriedt. Pedi-lhe o relatório das manifestações de uma sobrinha no círculo de Rothesay. Apresento agora o seu testemunho

sem qualquer corte. Ouvir aquela voz doce, agradável e naturalmente despretensiosa irlandesa foi um regalo. Contudo, os factos são de maior importância. — J. C.

Testemunho do Sr. David Wright

16 Mannering Road, Shawlands, Glasgow.

10 de Setembro de 1913.

Caro Sr. Coates,

Acuso recepção da sua carta de 8 do corrente e tenho muito prazer em corresponder ao seu pedido de um breve relatório para publicação no livro do Almirante Moore sobre as sessões realizadas na sua casa, no que me diz respeito a mim ou à minha família. O Almirante Moore, que esteve presente na nossa terceira sessão, ficou profundamente impressionado; de facto, os presentes ficaram comovidos quase até às lágrimas quando a sobrinha da minha esposa, Mary Ellen Gibson (uma jovem irlandesa encantadora e alegre, de dezoito anos, que passou para a vida superior há dois anos), falou com a sua tia através da trompeta. Este espírito feliz falou em todas as sessões a que assistimos, e não posso fazer melhor do que resumir as conversas que tivemos com ela.

Não estive presente na sessão da tarde de sábado, 19 de Julho, tendo dado o meu lugar ao meu filho, que estava ansioso por assistir, e junto em anexo o seu relatório.

Na sessão da noite do mesmo dia, a minha esposa e eu estávamos presentes, e não tinham passado mais de dez minutos desde o início da reunião quando uma voz, dirigindo-se à Sra. Wright, disse: "Tia, sou eu, a Mary Ellen."

Não nos preocupámos com exatidões gramaticais; o significado do nome "Ellen" teve muito valor para nós. Na primeira sessão, o nome fora dado formalmente como "Mary Gibson"; mas agora, ao falar diretamente com a sua tia, usou os nomes próprios completos "Mary Ellen."

Para aqueles familiarizados com o povo das zonas rurais do Condado de Down, será fácil compreender a importância atribuída ao nome completo.

"Sou a Mary Ellen, tia."

A Sra. Wright disse: "Então, Mary, que me podes contar agora?"

Resposta: "Não muito, tia; mas estou feliz por falar contigo."

Pergunta: "Já tens a tua prima pequenina aí contigo, Mary?"

Resposta: "Sim, a pequena Lala está aqui, mas ainda não consegue falar muito comigo, é tão criança. Fiquei triste por ela ter de vir."

Pergunta: "Mary, estavas comigo em casa naquela noite em que eu chorava, antes de receber o telegrama a dizer que ela tinha morrido?"

Resposta: "Estava, sim!"

Pergunta: "Mary, o teu tio está aqui; queres falar com ele?"

Resposta: "Claro que sim; como estás, tio?"

Pergunta: "Muito bem, minha querida Mary; e tu?"

Resposta: "Oh, estou bem, tio, e feliz."

Pergunta: "Lembras-te dos momentos felizes que passámos na Irlanda há três anos, Mary?"

Resposta: "De facto que sim. Oh, divertimo-nos muito, a cantar e a tocar." (Ela adorava música com paixão.)

Pergunta: "Tens feito muita falta cá em casa, Mary."

Resposta: "Bem, não posso fazer nada quanto a isso. O meu pobre pai e a minha mãe! Diz-lhes que não vai demorar muito até os ver de novo. Adeus, tia e tio; há muita gente à espera para falar com os seus amigos. Eu voltarei. Adeus. Amor e beijos para todos."

Beijos através da trompete — e ela tinha partido.

Na terceira sessão, Mary voltou a dirigir-se à minha esposa, dizendo: "Estou aqui, tia." "Sim, Mary, como estás?"

(Como soa insípido e inconsequente ao ser colocado no papel; mas as palavras não conseguem transmitir os sentimentos profundos despertados pelas vozes do outro lado, e há que reconhecer que muitas vezes é difícil manter uma conversa. Há tanto que se gostaria de dizer ou perguntar; mas, ao rever, a comunicação parece bastante banal.)

A Sra. Wright continuou: "Mary, quero que faças algo por mim."

"Se puder, faço," respondeu ela.

"Lembras-te de como costumavas tocar e cantar, e o teu tio tocava violino? Bem, querida, tenta cantar para mim a canção que cantavas então."

Após uma breve pausa, Mary respondeu: "Não me lembro bem; cantei tantas músicas." "Aquele do soldado," disse a Sra. Wright.

O espírito fez várias tentativas de cantar, sem sucesso, e pedi à Sra. Stevenson (uma das presentes) que tivesse a amabilidade de começar a canção "I like a Soldier fell"; ela assim fez, e Mary juntou-se e cantou o primeiro verso com alegria.

Depois dirigiu-se a mim: "Gostava dessa canção, era linda; havia outra sobre o 'mar'," e cantou de forma triste e melancólica algo sobre o mar, que não conseguimos entender bem.

Falou novamente: "Estou muito feliz, tio, e todos nos voltaremos a encontrar. Adeus, adeus; não te esqueças de dizer à mãe."

Na quarta sessão, Mary voltou com a habitual saudação: "Sou eu, tia; vejo que o tio também está aqui. Tio, lembras-te de eu ter-te cantado sobre os teus cabelos grisalhos?"

Respondi: "Sim, Mary; consegues cantar-me isso outra vez?"

E ela começou de imediato a cantar o primeiro verso da velha canção, *Darling I am growing old, silver threads among the gold.*

Virando-se para a minha esposa, a voz disse: "Não é lindo, tia?"

"Sim, Mary; há alguma mensagem que queiras enviar à tua mãe, para que ela saiba mesmo que falaste comigo?"

Ela pareceu hesitar um pouco, e depois disse: "Diz à mãe que fiquei mesmo muito contente com a forma como ela me preparou."

A minha esposa não entendeu e perguntou: "De que forma, Mary?"

"Quando morri," foi a resposta, "foram todos tão gentis; fiquei coberta de flores lindas."

"Sim," disse eu, "todas as pessoas da aldeia ficaram muito tristes quando partiste."

"Sim, tio, eu sabia que todos gostavam da Mary Ellen. Agora tenho de ir. Adeus, tia e tio queridos, e dá o meu amor e beijos a todos"; e depois cantou o seguinte verso improvisado:

*Good-bye, ladies all, I am going away;
Good-bye, ladies all, I can no longer stay;*

E muitos beijos através da trompete, com as palavras finais "para todos."
Devo acrescentar que, numa sessão posterior (24 de Julho), na casa do Sr. William Jeffrey, na India Street, Glasgow, Mary voltou a manifestar-se e falou de acontecimentos desconhecidos de todos, excepto de nós próprios.
Com os melhores cumprimentos,
David Wright

Declaração do Sr. David Wright Jr., em Confirmação do Relato Anterior

Acompanhado da minha mãe, estive presente na sessão realizada na tarde de sábado, 19 de Julho. Após a oração de abertura, todos os presentes cantaram o hino "*Nearer, my God, to Thee*", e no último verso juntou-se a nós uma voz forte, reconhecida por alguns dos presentes como sendo do Dr. Sharp. Depois de nos desejar boa tarde e dar alguns conselhos quanto à condução da sessão, o Doutor — cuja voz forte e masculina me impressionou — retirou-se. Cantou-se outro hino, seguido de um curto silêncio.

De repente, ouvi uma voz dizer: "Mary Gibson, Mary Gibson." Este é o nome de uma prima que faleceu no Condado de Down, Irlanda, há dois anos, e por quem todos nós tínhamos muito carinho. A súbita presença dela pareceu deixar-nos sem palavras, e deixámos o nome repetir-se várias vezes sem resposta. A Sra. Wriedt interveio: "Há aqui uma jovem chamada Mary Gibson, que está à procura da sua tia. Alguém conhece este espírito?"

A minha mãe respondeu: "Oh, sim, eu conheço a Mary Gibson."

De imediato, a trompete pareceu girar na nossa direção, e a voz exclamou: "Tia! Tia!"

"Sim, Mary, estou aqui!"

"Oh, tia, que contente estou por poder vir falar contigo!"

O espírito conversou connosco por alguns minutos e depois despediu-se com a promessa de voltar à sessão da noite.

À noite, deu ao seu tio e à sua tia provas muito convincentes, às quais posso juntar o meu testemunho. Em vida, ela tinha uma maneira irlandesa encantadora e cativante, era sempre a primeira em tudo o que fazia, e essa característica parece manter-se na vida espiritual, a julgar pela sua proeminência em todas as sessões.

David Wright Jr.

Seria totalmente impossível relatar todos os incidentes ocorridos ao longo destas sessões; mas considerei adequado que alguns relatos fossem feitos por outras pessoas além de mim próprio.

O Sr. William Jeffrey tinha um amigo — jornalista — que nada sabia sobre espiritualismo e pediu autorização para o trazer. Conhecendo o jornalista, consenti sob as seguintes condições: primeiro, que nada fosse comunicado à imprensa; segundo, que ele me fornecesse um relatório imparcial de qualquer manifestação que lhe dissesse respeito pessoalmente.

O Sr. Gavin Fleming (referido pelo Almirante Moore no seu relatório como "Sr. F." e por Iola como "o homem do jornal") aceitou e foi admitido.
J. C.

O Testemunho do Sr. Gavin Fleming

Bute Mansions, Rothesay, 15 de Agosto de 1913.

Caro Sr. Coates,

Segue-se um breve relato das sessões a que assisti com o Sr. Jeffrey na noite de terça-feira, 22 de Julho:

Desde já devo referir que o tema do espiritualismo já tinha sido várias vezes debatido entre o Sr. Jeffrey e eu, e há algum tempo nutria um forte desejo de assistir a uma sessão. Compareci com a mente perfeitamente aberta, e estou certo de que isso explica a experiência que me sucedeu, e que foi extremamente notável.

Talvez seja mais claro para o leitor se, para começar, me restringir às comunicações pessoais. A sessão mal tinha começado quando se ouviu uma voz notavelmente clara, a dizer:

"Fleming, Fleming." Ninguém a reconheceu. O Sr. Jeffrey, que estava sentado ao meu lado, sugeriu que poderia tratar-se da voz do meu pai (que faleceu há cerca de onze anos), e que eu deveria responder.

Assim fiz, com alguma hesitação, pois convém lembrar que era a minha primeira sessão.

Perguntei: "Quem és, amigo?"

A resposta veio: "Sou o teu pai, Fleming."

Fui incentivado a continuar a conversa, e perguntei:

"Está a minha mãe contigo e o Jimmy?" (o meu filho, que faleceu há oito anos); e ele respondeu:

"Sim, estamos todos juntos."

Em seguida perguntou: "Como está a Jeanie?" (a minha filha) e, no decorrer da conversa, disse:

"Estou sempre contigo."

Pouco depois, ouviu-se uma voz juvenil dizer, duas ou três vezes, "Pai", de forma muito clara. Foi sugerido que esta voz era para mim.

Respondi que o meu filho nunca me chamara "Pai" em vida; mas o Dr. Sharp explicou que ele aprendera essa expressão com outras crianças no mundo espiritual. Evidentemente ouviu-me, pois depois passou a chamar-me "Pai."

Curiosamente, uma das suas primeiras perguntas foi: "Como está a Jeanie?", tal como perguntara o meu pai. Depois disse: "Como está a mãe?" e perguntou ainda: "Porque não está ela aqui?"

Ao responder-lhe, disse: "Diz-lhe que estive aqui: diz-lhe que a amo," e terminou com três beijos, ouvidos com toda a nitidez.

Durante a sessão, uma forma espiritual foi claramente vista por todos os presentes do lado direito do gabinete. A mim, pareceu-me em tamanho completo; outros comentaram a sua altura. Posteriormente, a Sra. Wriedt disse, quando a forma espiritual regressou: "A irmã do Sr. Fleming."

Respondi que não tinha irmã. A Sra. Wriedt não conseguiu afastar-se dessa impressão, e então lembrei-me de me terem dito que uma irmã bebé morreu antes de eu nascer. Perguntaram-me há quanto tempo fora isso, e respondi que devia ter sido há mais de quarenta e cinco anos.

Uma voz espiritual que estava a falar com o Almirante Moore, e que me disseram ser a Iola, disse: "Diz ao jornalista que era a sua irmã a mostrar-se a ele, e que ela está a tomar conta do seu filho."

O Dr. Sharp, que fala com uma voz alta e clara, afirmou que houve um desenvolvimento no outro lado, razão pela qual ela é agora uma mulher espiritual, professora de crianças espirituais; também que, quando o meu filho faleceu, foi ela quem o recebeu. Isto conclui todas as comunicações entre mim e os meus familiares falecidos nesta sessão.

O espírito, Dr. Sharp, manifestou-se bastante durante a noite, e honrou-me com bastante atenção. Eu tentava, na escuridão, tirar algumas notas em taquigrafia, e ele saudou-me

como "o homem com os papéis à sua volta" e disse que havia escolas no mundo espiritual onde se ensinavam as crianças. Falando sobre o espiritualismo em geral, o Doutor afirmou que era "a primeira religião na Terra; foi reconhecida pelos Apóstolos, ensinada por Jesus Cristo, e durará por toda a eternidade." Sobre a questão das sessões serem conduzidas na escuridão, o Dr. Sharp disse:

"Tudo o que cresce à face da Terra vem da escuridão, e tudo o que é bom vem da escuridão. Não há nada na Terra que não tenha sido desenvolvido no escuro. Nada cresce ao sol, seja o que for; cresce à noite. Ouvem as pessoas dizer que o orvalho cai. Não cai, sobe; e as folhas das árvores estão molhadas por baixo. A humidade da mãe Terra alimenta as flores à noite."

Dirigindo-se a mim, disse: "Pode relatar isto, se quiser, Sr. Jornalista; é para benefício daqueles que perguntam por que razão estas sessões são realizadas na escuridão." Perto do fim da sessão, o Doutor agradeceu ao Sr. Auld pelo conforto que sentia na sala. Depois disse repentinamente:

"O pobre Sr. Stead, está a fazer o seu trabalho na Turquia, a lutar como todos os outros. Disse que os turcos irão recuperar o seu lugar — e irão."

(Certamente, desde que esta afirmação foi feita, e para surpresa das embaixadas das grandes potências, os turcos conseguiram enganar os seus inimigos na Trácia, contrariaram a diplomacia da Europa e estão novamente na posse de Adrianópolis. — J. C.)

Receio que as minhas notas da sessão sejam algo extensas. Contudo, não posso encerrar sem relatar parte da conversa entre o Sr. Jeffrey e o espírito da sua esposa, na qual fui incluído. Numa sessão anterior, o Sr. Jeffrey foi abordado por um Sr. Campbell (espírito), que costumava ter uma tabacaria em Rothesay, mas que o Sr. Jeffrey não conhecia. À noite, ele mencionou isto, ao que a Sra. Jeffrey disse de imediato: "Bem, querido, se não o conhecias, o Sr. Fleming conhecia."

"Sim, Sra. Jeffrey," respondi, "conhecia-o bem; ele era o pai do Tarry Campbell."

"Sim," disse ela, rindo; "ele era o pai do Tarry Campbell."

De referir que esse era o apelido que dávamos ao jovem Campbell na escola. Posso acrescentar que, enquanto as vozes do meu pai e do meu filho eram bastante reconhecíveis, a da Sra. Jeffrey era absolutamente realista, e a breve conversa que tive com ela foi, sob alguns aspetos, a mais notável das minhas experiências na sessão.

Com os melhores cumprimentos,
Gavin Fleming
15 de Agosto de 1913.

Um Exemplo de Persistência Espiritual

O Sr. William B——, um cavalheiro de ascendência nórdica, veio do norte de Aberdeen. Era-me desconhecido, mas, devidamente recomendado, juntou-se a nós nas sessões em Rothesay, nos dias 13, 14 e 15 de Julho de 1913. Por se tratar de um caso notável, selecionei-o para "As Vozes" sem mais comentário que este. Tenho permissão para o fazer, ocultando o nome e endereço verdadeiros; mas estes podem ser fornecidos a qualquer leitor que tenha direito a conhecê-los. — **James Coates**

Não posso relatar todos os pormenores do que ocorreu nestas sessões, mas apresento alguns exemplos que indicam as dificuldades da comunicação espiritual e os esforços dos falecidos para darem a conhecer a sua presença. O Sr. B—— pareceu-me um homem profundamente sério, de honestidade inquestionável; o oposto de crédulo, e, a meu ver, de pensamento lento. Isso devia-se à sua cautela e ao desejo de precisão. Estava profundamente interessado em tudo o que ouviu e viu, e impressionado com o facto de que outros estavam a receber provas convincentes.

Quando foi interpelado por alguém através do psicofone, ou não ouviu, ou não compreendeu o que foi dito, ou não respondeu de imediato. Por vezes, os nomes são difíceis de dar, ou o significado das mensagens não é compreendido no momento. Assim, havia dificuldades de ambos os lados. Quando falei com ele, após a primeira sessão, disse: "É tudo tão novo e estranho; não sei o que pensar disto."

As entidades espirituais interessadas nele foram tão pacientes e determinadas que conseguiram impor-lhe a sua identidade. É notável o esforço que estas entidades fazem para chegar até aqueles que são sinceros no plano terreno. A incapacidade de compreender ou apreender o que é transmitido não é tão difícil de ultrapassar como o ceticismo teimoso.

A Sra. Wriedt disse: "Vejo um homem que foi ferido na cabeça com o coice de um cavalo."

Ao Sr. B——: "É para si. Conhece-o?"

"Não," disse o senhor: "Não tenho a certeza."

A médium deu mais descrições sobre o local e as circunstâncias, e depois disse: "O nome é James; conhece algum assim?"

"Não." (Ele conhecia uma pessoa com esse nome, mas não tinha a certeza de que fosse a mesma.) Sem entrar em mais detalhes, a Sra. Wriedt disse: "Acho que é para si."

Sugeriu-se então cantarmos, e "Annie Laurie" foi entoada com entusiasmo; o canto foi acompanhado por um bonito solo de trompete tocado por um músico invisível. O Dr. Sharp foi agradecido por esta manifestação. Após algumas vozes terem falado e sido reconhecidas, o Dr. Sharp dirigiu-se ao senhor e disse: "Está aqui alguém que diz ter pertencido à família da sua mãe e que faleceu há três anos — um homem idoso chamado Robert. Conhece-o?"

"Não; não havia ninguém com esse nome."

Disse-o de forma refletida. Mais tarde, o Sr. B—— escreveu: "O meu guia, que diz ter sido um velho ministro, chamava-se Robert." Até então, pouco progresso havia sido feito.

Uma nova voz dirigiu-se a ele, mas ele não entendeu o nome. Vários presentes tentaram ajudar, mas sem grande sucesso.

A voz, de forma queixosa: "Não me ouves?"

"Não; não consigo perceber o que dizes." foi a resposta.

"Oh, querido, sou a Harrie."

Isto foi conseguido depois de o Dr. Sharp esclarecer que havia ali uma senhora com o nome de Harrie. E também um homem chamado "John."

O nosso amigo admitiu ter um irmão com esse nome, mas não estava certo de que fosse ele quem falava, dizendo: "Não reconheço a voz."

O Dr. Sharp explicou que, se os amigos não fossem tão tímidos e dessem tempo, as vozes tornar-se-iam mais claras. "Têm de compreender que esta mulher não fala com o auxílio dos seus próprios órgãos corporais. Temos de extrair dos presentes e materializar um tórax com cordas vocais, que os amigos, com a nossa ajuda, utilizam. A questão não é: 'Reconheces a voz?', mas sim: 'Reconheces o que a voz diz?'"

"Sim," admitiu, ele reconheceu os nomes e o que foi dito. Parecia receoso de se envolver e, de facto, não reagia ao que lhe era dito. Evidentemente, esperava por mais detalhes antes de se dar por satisfeito. Quem o pode censurar? Contudo, pode-se ser demasiado cauteloso.

O Dr. Sharp, no seu tom mais alto e animado, proferiu uma palestra sobre o espiritualismo, "como sendo a religião mais antiga do mundo", e anunciou que iriam construir um templo espiritual em Glasgow. Disse que precisava de dinheiro para comprar tijolos, etc. Enquanto mensagem psicofónica, tinha vantagem sobre o telefone: não só todos na sala a ouviram, como, se houvesse alguém na avenida lá fora, poderia também ter ouvido.

Uma voz, num tom baixo mas suficientemente clara, disse: "Como estás, Willy?"

"É para ti," disse eu, pois o Sr. B—— demorava a responder.

"Quem és?" perguntou ele. Após algumas tentativas, foi dado o nome "Harrie."

"Sim," respondeu ele.

Em seguida, surgiram alguns detalhes familiares sobre um tal "Alec."

"Que Alec?"

"O teu sobrinho Alec," foi a resposta clara e definida.

"Bem, tinha um sobrinho chamado Alec, mas não o vejo há muito tempo." (Nunca conheci alguém tão lento a admitir. Não por má-fé, mas por não se sentir totalmente convencido.)

No domingo, 13 de Julho, a esposa do nosso amigo tentou manifestar-se, mas não deu elementos suficientes para ser reconhecida. Ao falar com ele, referiu-se às mudanças

desde que partiu; a certas pessoas e ao modo como a vida lhe tinha corrido. Tudo verdade, mas ele queria mais.

No entanto, ninguém naquela sala poderia ter-lhe dito o que aquela voz dissera. A médium nada sabia dele nem da sua família. Contudo, a "voz", dizendo ser a da sua esposa, claramente sabia; mas ele não ficou convencido. Disse-me que queria ter a certeza, pois ouvira falar de espíritos malignos e imitadores. Não estava seguro; poderia não ser ela. Essa conversa teve lugar após o final da sessão.

Disse-lhe para deixar essas ideias à porta da sala das sessões. Que, ao ser interpelado por uma voz, devia responder e encorajar o diálogo; quanto mais falasse e mais amavelmente, melhor. Em vez de insistir em "Qual é o teu nome?" ou "Não te conheço," devia continuar a falar, como a um amigo. Ouvir a história, e duas coisas seguiriam: obteria o nome ou, a pessoa que dizia não conhecer, acabaria por mencionar alguém que ambos conheciam, estabelecendo assim a identidade.

Quanto a espíritos malignos, por que motivo haveria de se prejudicar a si próprio e dificultar a comunicação com essa atitude mental? Era um homem honesto e directo. Só devia pensar em espíritos malignos quando estes o convidassem a fazer o mal ou trouxessem o mal à sua vida. O homem era íntegro; tinha uma vida inteira de formação e experiência. Estas manifestações eram novas e totalmente fora do seu âmbito. Disse-me que seguiria o meu conselho e falaria de forma mais aberta com "as vozes."

Na segunda-feira (14 de Julho), às 11h00, várias coisas surgiram, e uma foi que a "relutância em aceitar estava, sobretudo, do lado dele," e que, por outro lado, o amor e a paciência dos amigos espirituais acabaram por levar ao reconhecimento. Percebeu que estivera errado ao rejeitar, no dia anterior, a voz que dizia ser da sua esposa, a qual não dissera que vivera com ele durante trinta anos.

A voz: "Harrie; o meu nome é Harrie. Sim, Willy. Eu não disse que vivi contigo durante trinta anos. Tu é que pensaste isso. Faz trinta anos que vivemos juntos." Isso estava correto.

"Fomos tão felizes juntos; tivemos bons momentos, embora tenham sido tão curtos." Então, o homem e a mulher trocaram pensamentos através da fronteira. Falaram do lar e da família; de como o marido mudara em trinta anos. Soube também de um irmão que estivera ausente; e assim a conversa prosseguiu.

"Alec está aqui; sim, o teu sobrinho Alec."

R.: "Eu sei."

"Ele falará por si."

Alguém mais surgiu e exclamou: "Tio William."

P.: "Quem és tu?"

R.: "O tio John está aqui. Foi ele que me disse que estavas aqui; como está a tia? ... O pai está aqui... Estamos todos aqui. Adeus..." — e assim a identidade foi confirmada.

Sobre algumas das perplexidades da comunicação espiritual. O espírito de John, referido anteriormente e que se manifestara noutra sessão, disse:

"Vejo a Ellen todos os dias." O Sr. B. não achou isso correto, pois "a única Ellen na nossa família ainda está viva."

Mas não devia haver grande dificuldade em entender isto. Podia querer dizer que o tio, em espírito, via a sua sobrinha Ellen, ainda viva, todos os dias, tal como via o seu irmão William diariamente. Esse irmão, em espírito, tinha uma filha chamada Elinor, que o precedera na morte, e poderia ser a referida. Mas pareceu-me que se tratava de Ellen, ainda viva e em casa. Se fosse Elinor, o nome Ellen seria uma tentativa razoável de o indicar. Era alguém ligado a esse nome que o espírito referia; fosse filha ou sobrinha, a referência era clara.

Pouco depois, uma forma eterizada apareceu e aproximou-se de nós. Eu estava sentado perto deste senhor, a tomar notas. Não havia dúvida de que era uma figura feminina. A voz da sua esposa, vinda mais clara da escuridão, como se ganhasse mais força e confiança, disse: "Vês-me, Willy? Estou a tentar mostrar-me."

"Sim: vejo-te, mas não consigo distinguir-te bem."

A forma eterizada tornou-se mais nítida, e vimos a figura de uma mulher de estatura média com uma criança ao colo. Que maravilhosa paciência a dos espíritos! A identidade foi confirmada. A criança nos braços dessa figura luminosa representava a razão pela qual a esposa tinha falecido.

O Dr. Sharp, que já explicara as coisas mais do que uma vez, disse: "A tua trisavó não pode vir até ti, ela já subiu para outro plano; mas esta pequena mulher vem; ela tem-te seguido durante anos... Está presa à Terra." Intervim com uma objeção; e então foi explicado:

"Ela está presa à Terra; ligada àqueles que ama, e está sempre contigo. Foi ela que te trouxe aqui, e disse-me que está a ajudar a cuidar de alguém na tua casa — a suavizar o caminho até que o corpo dela regresse à nossa mãe Terra. Sabes que há alguém em casa que precisa de cuidados? Esta mulher querida, que te ama, disse-me para te dizer isto — a tua esposa, Harrie. Compreendes?"

"Sim, compreendo," foi a resposta calma de quem estava agradecido pelas manifestações convincentes.

Ali, naquela sala — da mais espessa escuridão — surgiu uma voz afirmando ser a da sua esposa, contando-lhe coisas que só ele sabia; ali apareceu uma forma feminina levemente luminosa, com uma criança nos braços, afirmando ser ela mesma. Uma prova impressionante; uma persistência valiosa.

Não menos valiosos foram os comentários incisivos do Dr. Sharp, que disse que a sua esposa e os amigos espirituais eram como trabalhadores da União Cristã de Esforço. Estavam a curar os doentes, a consolar os que choram e a trazer à luz a imortalidade.

"Quando a tua esposa tiver cumprido a sua missão, irá para a sétima esfera."

Concluiu expressando simpatia pelo homem, pela sua solidão, os seus pensamentos, sofrimentos e lutas íntimas. A sua esposa estava bem e feliz, mas ficaria mais feliz quando percebesse que o fizera compreender que "a imortalidade e o progresso eterno são reais, e que é para ti saber disso; e ela volta para te ajudar a compreender. É por isso que estás aqui."

Devo agora resumir. O Sr. B. disse ter um sobrinho chamado Alec. O Dr. Sharp disse: "O que ouviste sobre ele está tudo errado."

Então veio à tona a história de Alec ter ido para o estrangeiro. Subira o rio, comerciando com nativos — para os lados de Natal. Sim, tinha falecido. Não, não tivera problemas com a governanta, nem fora morto por ela. Não tivera motivo para matar ninguém, nem se matara a si próprio.

"Ele contou-me tudo," disse o Dr. Sharp. "Diz que é teu sobrinho. Vou deixá-lo falar por si."

Outra voz disse:

"Tio William, sentia vergonha, e não teria conseguido falar se não tivesse tido ajuda. Os meus problemas surgiram devido ao álcool. Se me tivesse mantido direito, tudo teria corrido bem. Não sou o único homem inocente que saiu de casa e caiu em maus caminhos. Nunca esqueci os meus. Tenho muita vergonha por todo o sofrimento que lhes causei. Bem, foi assim que aconteceu: dois nativos vieram à loja e queriam mercadorias sem pagar, mas recusei. Foram abusivos, e mandei-os embora.

Eles não lutam, mas são muito vingativos. Foram-se embora, mas esperaram por uma oportunidade, quando eu estivesse embriagado e sem ninguém por perto. Voltaram; eu tinha bebido, e não estava bem. Mandeí-os embora; eles vieram para cima de mim com facas e tentaram marcar-me o rosto. Um deles cortou-me a veia jugular; isso acabou comigo. Fui encontrado onde me deixaram. As autoridades não examinaram o corpo como deviam, ou teriam encontrado os cortes...

A minha governanta não teve nada a ver com isso. Era uma mulher nativa que tomava conta do lugar... Não, não estava em conluio com os rapazes... Não teve nada a ver com o assunto. Eles fugiram, e ela também, com medo de ser apanhada e ter de dizer o que sabia. Sabia que, se o fizesse, a vida dela não valeria nada. Não precisei de me matar; não cometi suicídio.

Tio, acreditas em mim?"

O que foi apresentado acima é apenas um breve esboço de uma história sórdida e trágica. O tio, ao juntar o que ouvira anteriormente com o que agora lhe fora dito pelo sobrinho em

espírito, acreditou — e tanto mais porque a identificação do sobrinho se tornou inequívoca com as referências ao seu pobre pai, mãe e outros familiares. Foi mencionada uma tia, e o orador afirmava ter encontrado o pai na vida espiritual. O Dr. Sharp deu conselhos sobre uma pessoa doente na casa do participante e, embora tenha indicado que uma mudança lhe faria bem, afirmou que não recuperaria. Foram feitas outras referências, cuja veracidade foi confirmada.

Este relato foi recebido e lido pelo Sr. William B—. Ele consente a sua publicação sob a condição de que o seu anonimato seja respeitado. Ele percorreu o caminho desde o "Free Kirkism" até ao agnosticismo esclarecido, e é agora um espiritualista sincero; mas nunca, em toda a sua vida, teve uma experiência semelhante, nem presenciou manifestações tão surpreendentes do poder espiritual como estas aqui registadas.

Tendo em conta que este estranho vindo do norte conheceu a Sra. Wriedt pela primeira vez na nossa casa, onde todos os presentes lhe eram desconhecidos, é forçoso admitir que as provas de conhecimento supranormal — sim, e de comunhão espiritual — foram extremamente convincentes.

MRS. WRIEDT EM ROTHESAY

Por Vice-Almirante W. Usborne Moore

(*de Light*, 16 de Agosto de 1913)

A Sra. Wriedt saiu de Cambridge House, Wimbledon, no dia 1 de Julho e, após realizar algumas sessões em Glasgow nos dias 3 e seguintes, chegou a Rothesay no dia 8.

Graças à gentileza do Sr. e da Sra. Coates, tive o privilégio de assistir a quatro sessões no seu bem ventilado salão. Embora cada sessão durasse cerca de duas horas, nunca se sentiu abafamento ou opressão; as condições eram agradáveis e harmoniosas. Sentei-me entre o Sr. e a Sra. Coates em todas as ocasiões.

A primeira foi a 16 de Julho e durou duas horas. A noite estava chuvosa, mas isso não pareceu afectar a mediunidade da Sra. Wriedt. Não contei com precisão o número de espíritos que se manifestaram, mas, incluindo os que vieram para mim, ouvi pelo menos vinte e cinco. Havia dezassete participantes além da médium.

A principal característica desta sessão foi a visita de um filho arrependido, em vida espiritual, à sua mãe, a Sra. M. Ele havia tirado a própria vida três anos antes. Quando se manifestou, contou brevemente a sua história, expressando profundo arrependimento pelos erros cometidos e pelo acto impensado que pôs fim à sua vida, ato que também partira o coração do seu pai. Pelo que percebi, foi a primeira vez que ele se abriu com a mãe viúva. Em resposta às suas perguntas, disse que agora era mais feliz do que tinha sido desde que partira. Até então — segundo a própria Sra. M. me contou — ela apenas o "sentira na penumbra", mas ele ainda não tinha tido permissão para lhe falar.

Veio ter comigo a minha companheira espiritual, Iola, que está na vida superior há trinta e nove anos. Consegui vê-la, embora não com tanta clareza quanto a Sra. Coates. A mãe dela

também se manifestou, trazendo consigo a minha pequena neta, que morreu num acidente em Abril de 1911.

Outros dois espíritos falaram comigo — um, o Capitão Dunlop, da Marinha Real, que, de forma jocosa, expressou surpresa por me ver “envolvido neste tipo de coisa”; o outro, o Sr. Douglas Murray, que disse, entre outras coisas: “Encontrei o meu braço.” (Douglas Murray era um amigo, membro do mesmo clube de jantar em Londres, que morreu há cerca de dois anos. Numa das suas viagens ao Egipto, o seu intérprete profanou uma múmia para lhe conseguir um estojo. Pouco depois, Murray perdeu o braço direito. O estojo da múmia foi trazido para Inglaterra e, após várias peripécias, acabou no Museu Britânico. Diz-se que todos os que manusearam esse estojo sofreram morte ou desgraça.)

Tanto Dunlop como Murray viveram tantos anos em Inglaterra que falavam sem qualquer sotaque escocês. Com exceção dos meus amigos, pareceu-me que todos os espíritos falavam escocês, alguns num dialeto antigo, já fora de uso.

A sessão seguinte a que assisti teve lugar a 20 de Julho (das 14h às 16h). Estavam presentes quinze pessoas além da médium. Estimei que mais de vinte espíritos se manifestaram. O principal evento desta tarde foi o reencontro do Sr. David Wright com a sua sobrinha irlandesa em espírito, que falecera aos dezassete anos. O Sr. Wright disse-lhe: “Consegues cantar alguma daquelas canções que costumavas cantar?”

Resposta: “Vou tentar.”

Ela cantou então um ou dois versos de três canções, que entendi serem as favoritas dele. Iola falou comigo e, após breve conversa, disse, em voz audível para o círculo: “Fico sempre contente por encontrar os amigos do Almirante.”

Este espírito nunca usa a trompete. O Sr. Coates deu-lhe as boas-vindas ao círculo de Rothesay. Desta vez não vi Iola, mas a Sra. Coates viu. Outros dois conhecidos falaram comigo. As vozes escocesas foram, nesta sessão, mais marcantes do que na de 16 de Julho.

A minha terceira sessão geral foi a 21 de Julho (das 14h às 15h40). Dezasseis participantes além da médium. Iola foi a primeira a manifestar-se. Vi claramente a sua forma, de pé, diante do Sr. Coates e de mim. Tivemos uma breve conversa. A principal prova foi a manifestação de uma filha do Sr. e da Sra. P., que falecera apenas seis semanas antes, aos vinte e cinco anos. O pai recordou-lhe que, antes da morte, lhe havia falado sobre a vida espiritual.

Ela respondeu: “Sim, pai, mas aprendi muito mais desde que vim para este lado; na verdade, tu não sabes nada das glórias deste plano.” Disse sentir-se muito feliz; foi uma cena comovente. O Sr. James Robertson, de Glasgow, estava presente nesta sessão. O seu genro manifestou-se, falando de forma natural e convincente, tal como fazia em vida. Andrew Jackson Davis apareceu e falou com ele e comigo durante alguns minutos. Chegámos a debater o Professor William James. Mais uma vez, as vozes escocesas foram notáveis.

Em 22 de Julho (das 20h20 às 22h00), tive novamente o privilégio de participar no círculo do Sr. Coates. Estavam presentes dezasseis pessoas além da médium. Entre elas estava um

Sr. F., homem muito alto, totalmente novo neste tema. Foi a ele que surgiu a prova mais forte.

Primeiro houve bastante canto em voz alta, no qual o Dr. Sharp e outro espírito participaram. Durante o canto, Iola falou comigo. Era impossível entender mais do que duas ou três palavras por causa do ruído. Suponho que tenha sido um teste, para provar que era possível ouvir dois espíritos a cantar e um a falar ao mesmo tempo.

Um espírito apareceu pedindo por uma "Sra. Wriedt, Almirante," aparentemente conhecido apenas por nós dois; mas não conseguiu dizer o nome. O Dr. Sharp disse: "Almirante, esse era o Sam Jones." O espírito voltou, e tivemos uma conversa sobre os seus amigos em Londres.

(O Sr. Samuel Jones foi presidente da câmara de Toledo, Ohio, EUA, há alguns anos. Nem a Sra. Wriedt nem eu o conhecemos em vida, mas ambos conhecemos a viúva. Ele já se havia manifestado em Detroit à sua viúva e a duas amigas dela quando eu estava presente. Essas amigas chegaram a Inglaterra pela primeira vez a 3 de Julho e estavam nesse momento hospedadas no Hotel Cecil, no Strand, em Londres, onde as vi dois dias depois.)

Entretanto, uma figura alta de mulher eterizada surgiu no gabinete, caminhou na direção do Sr. F. e fez uma vénia. Mais tarde, foi visitado por um filho, que se identificou como "Jimmy." Não muito depois, Iola regressou e disse-me que tudo estava bem em casa, e que a minha esposa se preparava para a viagem à Suíça.

Disse-lhe: "Mas ela só parte no fim do mês."

Resposta: "Quando chegares a casa, faltará menos de uma semana."

(Quando cheguei a casa, às 21h de 24 de Julho, descobri que no dia 22 a Sra. Moore já se encontrava envolvida em preparativos essenciais para a partida. Ela partiu às 9h da manhã do dia 31 de Julho.)

O meu guia referiu-se depois ao estado do nosso sobrinho, que estava a morrer, e acrescentou: "Queres dizer àquele jornalista [o Sr. F.] que foi a irmã dele que saiu do gabinete e lhe fez uma vénia? Ela tem cuidado do filho dele."

O Sr. F. disse: "Não tive irmã nenhuma," mas corrigiu-se quase de imediato: "Agora lembro-me que houve uma menina na minha família que morreu antes de eu nascer."

(Encontrei o Sr. F. pela primeira vez por breves momentos antes de entrar na sala das sessões, e não sabia a sua profissão até este incidente ocorrer.)

A linguagem escocesa esteve novamente muito presente.

Parece-me que cada participante obteve alguma prova pessoal da presença de espíritos em cada uma destas quatro sessões. A impressão que me ficou foi profunda, principalmente pelas vozes escocesas, tão naturais e ainda assim tão diferentes das vozes inglesas a que estou habituado. Foi usada apenas uma trompete, e mesmo assim ouvi, com frequência, duas e por vezes três vozes a falar ao mesmo tempo.

O Sr. Coates teve a amabilidade de permitir-me participar em três sessões privadas com a Sra. Wriedt. A informação recebida nessas ocasiões teve grande importância para mim, embora não seja de interesse para os leitores. Iola falou sem o auxílio da trompete, e a médium não ouviu uma única palavra. Numa das ocasiões, chegou mesmo a adormecer enquanto a conversa decorria.

CONCLUSÕES

Ao apresentar estes poucos relatos resumidos, descrevendo as experiências de cerca de quarenta ou cinquenta pessoas com uma única médium no que respeita aos fenómenos da voz direta, tenho consciência de que apenas arranhei a superfície de um problema imenso. Os escritores que gentilmente me enviaram as suas notas para publicação representam apenas cerca de um oitavo do número total de pessoas que tiveram o prazer de ouvir e ver estes prodígios em Inglaterra e na Escócia entre 1912 e 1913; e mesmo esses relatos foram limitados, sem revelar mais do que uma parte do que foi absorvido na busca da verdade.

As revelações surpreendentes feitas pelas vozes na sala das sessões — não solicitadas e relacionadas com factos que não estavam na consciência dos presentes naquele momento, alguns de carácter íntimo e privado — não foram reveladas. Seria impossível que os que as receberam partilhassem tais segredos, mesmo que a crença nestes fenómenos fosse amplamente aceite no país.

O exemplo mais impressionante de retorno espiritual que me chegou ao conhecimento nem sequer foi mencionado. Tratava-se de pais que tinham perdido o seu único filho. Quando os abordei sobre o assunto e lhes indiquei o bem que poderiam fazer a outros enlutados ao permitirem que eu inclísse o seu testemunho, fui recebido com uma recusa firme, mesmo após ter explicado que, se necessário, os nomes seriam omitidos. Creio que é algo profundamente lamentável.

Provavelmente, cerca de metade dos habitantes deste país não acredita de todo em espíritos. Certamente, apenas poucos reconhecem a sua proximidade. Seria perda de tempo tentar desfazer-lhes a ilusão: este livro não se destina a essa classe. Estas narrativas foram reunidas para encorajar aqueles que sentem que algum auxílio há de surgir na angústia extrema que quase os paralisa de tão intensa, mas que, ao mesmo tempo, não estão dispostos a colocar-se numa posição em que possam ser enganados — o que naturalmente considerariam um sacrilégio — e que, contudo, desejam encontrar consolo de forma honesta.

As igrejas nada lhes disseram que traga o menor alívio à sua dor. Em tempos prósperos, quando tudo corre bem no lar, seguem em frente, repetindo os serviços religiosos e convencendo-se de que acreditam num Dia do Juízo Final e na reunião com os entes queridos nesse futuro longínquo. Depois, sobrevém o choque: uma cadeira vazia; alguém amado foi arrancado do seu convívio — e tudo se torna num vazio de sofrimento.

A quem deverá recorrer o sofredor em busca de alívio? Só lhe resta falar das vantagens do esquecimento eterno e murmurar banalidades sobre a inexistência de tudo o que os sentidos não podem captar. Deverá procurar o pároco? Este assegura-lhe que tudo está bem, que Deus é bom e que, se confiar na fé, voltará a juntar-se ao seu ente querido... no fim do mundo. Mas, espere! Há uma condição: só o reencontrará após esses milhões de anos se tiver levado uma vida correta.

Caso contrário, nesse dia terrível, será de novo separado dela — a não ser que ela própria também tenha sido frágil, e nesse caso ambos seguirão juntos para o inferno.

Que pobre consolo é este! Se o enlutado tiver uma educação razoável e inteligência mediana, sente-se revoltado com essa doutrina. Contudo, descobre que não pode contradizer o pároco com base no Livro de Orações, e fica, se possível, ainda mais infeliz do que antes.

Então, surge um amigo, furtivamente, e sussurra: "Não há mortos. Aquela que julgas morta está viva: há apenas um véu entre vós; voltarão a reunir-se. O corpo jaz na sepultura, mas ela está no mundo espiritual. Vem comigo, e provar-te-ei isto." O homem devastado pela dor segue-o, apático, pouco impressionado. É levado a uma sala onde dez homens e mulheres estão sentados em círculo.

Após algum canto, ouve-se uma voz, depois outra e outra, cada uma saudando alguém do grupo, mencionando nomes e identificando-se como determinadas pessoas. Nenhuma voz se dirige ao homem triste. Ele concentra todos os seus pensamentos na pessoa falecida. Ainda não atingiu aquele estado de desprendimento que permite alegrar-se com a felicidade alheia, embora reconheça interiormente que há algo de muito real no que está a acontecer.

Mais tarde, durante cinco minutos inteiros, esquece a sua dor, deixa de se fixar apenas nesse tema, e inclina-se para a frente, escutando. Ah! O que é essa voz suave?

"O meu nome!" — exclama — "Quem está a falar?"

Resposta: "Sou a tua esposa."

"Será possível?" — clama ele; mas a voz já não responde, e nada mais acontece nessa noite.

O passo seguinte é visitar a Sociedade para a Prevenção da Investigação, onde relata os estranhos acontecimentos da véspera à simpática secretária, que o observa com um olhar piedoso e diz: "Pobre homem; é triste. Tem a certeza de que não foi vítima de alucinação?" Neste momento, o ânimo dele desperta, e responde: "Isto podem ser coincidências; mas com certeza que não fui alucinado."

"Ah!" — diz a sábia secretária — "mas sabe que esses médiuns têm detetives por toda a parte, que conhecem o seu nome, o nome do ente que perdeu, e tudo sobre si?"

O visitante está agora verdadeiramente revoltado, e replica: "Mas fui com o meu amigo, o Sr. Tal, de forma totalmente espontânea."

"Sim, sim (com um sorriso subtil), conhecemo-lo; ele acredita no que chama 'retorno dos espíritos'. Só um espírito regressou alguma vez — e nós já registámos os direitos de autor dele. Da próxima vez, leve consigo um ilusionista, e ele dir-lhe-á como é feito o truque. Sim, sim, adeus. Que bom podermos ajudá-lo de qualquer forma."

Mas, curiosamente, o nosso enlutado Fred não fica impressionado com a secretária; um instinto diz-lhe que ela não é sincera. Volta a procurar a médium, sozinho. Mais uma vez, é interpelado pela mesma voz:

"Fred, Fred, lembras-te quando perdi o teu anel?"

"Em que lugar?"

"Em Sydney," é a resposta.

Fred não consegue lembrar-se de ter perdido um anel em Sydney.

"Quando foi isso?" pergunta.

Resposta: "Em 1888."

"Queres dizer num baile?"

"Sim, sim, sim" (com entusiasmo).

Fred recorda agora que, um ano após o casamento, a sua esposa perdera um pequeno anel que ele lhe dera; mas, enquanto está a pensar nisso, a oportunidade de continuar a conversa perde-se. A sessão termina pouco depois. Sai da casa bastante impressionado, esperando ouvir mais no futuro. Talvez volte à Sociedade, e desta vez é recebido pela Oficial de Rejeição, a Srta. Blight, que, ao ouvir o seu relato, diz:

"Sim, sim, muito interessante, mas o senhor sabia da perda do anel."

Ele responde: "Tive imensa dificuldade em recordar esse episódio."

"Pois, mas estava no seu subliminar. Leia Myers, caro senhor, e, da próxima vez que for à sala da Sra. Right, leve consigo um ilusionista."

O pobre Fred não vê, nem por um momento, como um ilusionista o poderia ajudar, e volta antes ao seu introdutor, o Sr. Tal, que lhe aconselha que volte a sentar-se com a Sra. Right, tentando manter a mente completamente em branco, apenas ouvindo. Ele obedece e, na sessão seguinte, ouve-se uma voz:

"Jane, Jane" (nome da sua esposa);

"Fred, pede à mãe o *Cabana do Pai Tomás*."

Ele fica confuso, mas lembra-se de já ter ouvido falar num livro com esse nome, e escreve para Sydney, perguntando à sogra se sabe se a filha alguma vez possuiu tal livro. A resposta é que nunca ouviu falar disso, mas que é possível que tenha deixado mais do que um livro na escola de Shropshire, onde estudou entre os catorze e os dezoito anos. Contacta-se a directora, e, após algum tempo, esta descobre um exemplar de *A Cabana do*

Pai Tomás, que envia. Na folha de rosto encontra-se o nome de Jane — o apelido de solteira — com a data de 1883.

Fred, um tanto eufórico com a descoberta, volta a falar com a Srta. Blight. Ela recebe-o com a habitual cortesia e toma nota do que lhe é contado.

Perante a pergunta "Como explica isto, minha senhora?", responde:

"Mas, claro, o senhor sabia que a sua esposa tinha lido esse livro."

"Posso jurar que nunca ouvi falar disso," responde ele de imediato.

Srta. B.: "Muito bem, mas a mãe dela sabia disso?"

Fred: "Ela garante que a filha nunca lhe mencionou tal coisa."

Srta. B.: "Mas a diretora da escola sabia?"

Fred: "Era outra senhora na altura; essa morreu há dez anos."

Srta. B.: "Certamente alguém vivo sabia disso; talvez uma colega da escola?"

Fred: "É possível que algumas ainda estejam vivas."

Srta. B.: "Ah, então a explicação é simples. Está ciente de que uma médium em transe pode aceder a qualquer fonte de informação terrena?"

Fred: "A sério? Não sabia disso; mas veja, a Sra. Right nunca está em transe. Nunca vi ninguém mais desperta. Estava a conversar animadamente enquanto a voz que acredito ser da minha esposa falava comigo em tons muito baixos."

Seguiu-se uma longa pausa, enquanto a Srta. Blight olhava pela janela. Lentamente, Fred chega à infeliz conclusão de que não está a ser levado a sério, e prepara-se para sair. Mas a Srta. Blight diz:

"Podemos orientá-lo no caminho certo para aprender algo sobre comunicação espiritual. Já leu algum dos nossos *Propósitos Cruzados*?"

"Não, minha senhora, não li."

"Então venha à reunião de amanhã à noite. O Sr. Kington vai falar sobre um significado até agora desconhecido no texto automático da Sra. Dream sobre *Como o Johnnie voltou da feira*. Aqui tem um cartão. O Excelentíssimo Sr. Gerard falará de seguida com *Notas sobre uma fita azul bonita*."

Fred, nesta altura, já se dirige para a porta. Com um rápido "Adeus" e uma expressão muito semelhante ao nome da mais pequena unidade monetária europeia, desaparece — para nunca mais voltar àquelas salas.

Mas, embora Fred não volte a incomodar a Sociedade para a Prevenção da Investigação, visita mais três ou quatro vezes a Sra. Right, tendo longas conversas com Jane, que, pouco a pouco, lhe dá a certeza absoluta da sua identidade e da sua continuação na existência.

O texto acima é uma narrativa fictícia; mas desafio qualquer investigador experiente a dizer que não representa fielmente, sob a forma de parábola, as vicissitudes por que passam muitos enlutados, hoje em dia, na sua busca por auxílio perante a dor esmagadora.

Não é meu propósito desvalorizar qualquer religião. Toda a fé que não se associe à barbárie é útil àqueles que nela acreditam e vivem de acordo com os seus preceitos. Existem muitos caminhos para Nova Iorque; todos lá chegamos a seu tempo.

Acredito, em especial, nos efeitos benéficos da doutrina católica romana como factor social de enorme importância. Existem centenas de milhares de homens e mulheres frágeis, a cambalear à beira do abismo da razão, abalados pelos caprichos da sorte. Uma desgraça sucede-se à outra, até que já não sabem para onde se virar, nem onde encontrar alívio para as suas dúvidas e medos angustiantes. O padre católico surge então e diz, com ar confiante e imponente:

"Vem connosco, e guiaremos os teus passos; tudo o que pedimos é que entregues a tua vontade e obedeças às nossas ordens — e estarás salvo."

Seguem o padre e deixam de se sentir responsáveis pela sua própria salvação. Estou certo de que, sem o catolicismo, haveria inúmeros suicídios e os manicómios estariam cheios.

Mas isto não é alimento para o homem forte, aquele que guarda zelosamente a sua individualidade, que é fiel a si mesmo e que foi, temporariamente, esmagado por alguma dor avassaladora. Ele deseja certezas de que os seus mortos estão vivos; recusa-se a ser embalado por uma falsa sensação de segurança. Se procurar diligentemente, descobrirá que há uma forma de comunicar com aqueles que perdeu; e, no espiritualismo, encontrará paz.

Não nego que a comunicação com o mundo espiritual esteja cheia de perplexidades. As respostas dadas pelos espíritos são muitas vezes contraditórias e, à primeira vista, enganosas. Isso deve-se, geralmente, à dificuldade que os espíritos encontram em descrever a seres que funcionam num mundo tridimensional aquilo que se passa numa região habitada por seres que operam em quatro ou mais dimensões.

Mas os pontos essenciais são rapidamente alcançados pelo investigador sério; ele aprende rapidamente que está destinado a viver novamente; que a imortalidade é um facto; que pode comunicar, sem grande dificuldade, com aqueles que o mundo chama de mortos. Quanto ao resto, contenta-se em esperar até atravessar para a nova vida.

Não sou filósofo, nem pretendo apresentar uma solução satisfatória para todas as dificuldades que surgem quase diariamente neste estudo fascinante. Aliás, nos últimos dois anos, desde que publiquei *Glimpses of the Next State*, aprendi apenas um pouco mais do que então sabia. Sou meramente um coleccionador de factos, e não tenho teorias a oferecer, embora, de tempos a tempos, insira as minhas opiniões pessoais sobre o que ocorreu.

A dificuldade que os nossos visitantes espirituais enfrentam para comunicar é, sem dúvida, enorme. Bombardeamo-los com perguntas, muitas das quais não conseguem responder porque ainda não atingiram as esferas superiores; tentam responder com base no que ouviram de outros, e, inevitavelmente, cometem erros.

Se se perguntar a um espírito que se encontra na terceira esfera que descreva o que é um "Reino", poderá dar alguma resposta, mas é certo que estará errada, pois está num estado demasiado inferior para saber algo sobre isso. Além disso, os espíritos superiores são limitados pela personalidade da médium. Para nós, é muito importante que o médium seja uma pessoa ignorante, incapaz de formular teorias próprias, de modo a que recebamos a mensagem sem adulterações. No entanto, há outro lado da questão: quando o médium é densamente ignorante, por vezes parece impossível ao espírito transmitir ideias elevadas. Vi isto acontecer muitas vezes.

Todo o espírito entra no círculo com um discurso preparado. É evidente para qualquer observador atento que eles têm de se preparar para o desafio, e proteger-se dos efeitos de entrar na nossa atmosfera sensorial de baixas vibrações.

"Estou tão contente por te ver esta manhã," ou "Agradeço-te por me dares a oportunidade de falar esta manhã," torna-se banal quando se repete durante seis dias seguidos; mas são estas, ou outras expressões igualmente cansativas, que costumam marcar o início de uma sessão. Depois de começar, a conversa pode prolongar-se por meia hora, quase sem interrupções.

Mesmo o Dr. Sharp ou John King muitas vezes iniciam com uma saudação estereotipada, aparentemente ensaiada. No entanto, se for necessário escolher, é preferível empregar o médium não instruído, pois, quando um espírito forte irrompe com ideias elevadas e sentimentos delicados, sente-se imediatamente que o médium não tem qualquer influência na comunicação. Quem leu os textos automáticos de Stainton Moses e não suspeita que grande parte da sua personalidade está refletida no conteúdo?

Ouvimos muitas coisas que vão muito além das capacidades do médium, e isso acontece porque a força para a manifestação é retirada dos participantes. Sem dúvida, os espíritos — ou os guias — extraem energia das nossas gargantas. Durante semanas após a chegada da Sra. Wriedt a Inglaterra em 1912, andei com uma ligeira tosse, uma irritação na garganta.

Já ouvi participantes dizerem-me: "Esse último espírito falou com a sua voz." O ingrediente fornecido pela médium que torna este fenómeno possível é um completo mistério, e duvido que venha a ser descoberto, pelo menos na nossa geração.

A voz direta é o mais elevado fenómeno espiritualista até hoje conhecido, e, quando se consegue sem o uso da trompete e sem que a médium ouça o que é dito, atingimos o mais avançado estágio de manifestação. Nada do que investiguei é tão delicado ou convincente como essa voz pequena e suave que só eu posso ouvir. É objetiva; não se trata de claruidência, mas é rara.

Nos testemunhos que incluí, notar-se-á que M.E., a Sra. Findlay Smith, a Sra. Richards e mais algumas pessoas, além de mim próprio, atingiram este plano de investigação. Em pelo menos cinquenta ocasiões, tive o privilégio de o experimentar. Falaram-me durante longos períodos — entre vinte e quarenta minutos — sem que a Sra. Wriedt ouvisse uma única palavra.

Um assunto pouco compreendido é a importância da atitude mental dos participantes. Se forem hostis ao médium, é desnecessário dizer que nada ocorrerá. Mas isso raramente acontece; as pessoas não pagam para se sentarem com um médium em quem não acreditam. Suponhamos que confiam plenamente no médium, pode ainda assim haver fracasso. As suas mentes podem estar perturbadas por alguma circunstância sem relação com a sessão; podem estar zangados com alguém que encontraram duas horas antes; podem estar doentes, ou pensar que estão. Qualquer perturbação desestabiliza o ambiente. A única hipótese de sucesso surge quando médium e participantes estão de bom humor e libertaram as suas mentes de tudo — até mesmo daqueles que desejam ver ou ouvir.

"Porque," — perguntarão alguns — "é a voz direta tão importante? Porque é considerada o mais elevado fenómeno do espiritualismo?" A resposta é: Porque afasta ainda mais a possibilidade de fraude do que qualquer outra forma de manifestação; e, no caso da voz independente sem trompete, apenas audível para a pessoa a quem se dirige, essa possibilidade é completamente eliminada.

Acima de tudo, a voz direta fornece informações, algumas das quais podem estar na consciência do ouvinte, outras na mente subliminar, mas muitas são novas e necessitam de ser confirmadas posteriormente, fora da sala da sessão. Em qualquer dos casos, o médium é excluído como factor no conhecimento transmitido. De algum modo misterioso, que ainda desconhecemos, ela deve ajudar na produção das vozes, porque não as conseguimos ouvir quando ela está fora de casa. Mas os factos transmitidos não têm qualquer relação com a sua personalidade. Isto já foi provado de várias formas.

Tenho ouvido, juntamente com outros, duas vozes a falar simultaneamente com dois participantes sobre assuntos totalmente desconhecidos para a médium e entre os próprios participantes; por vezes, três; e, muito raramente, quatro — uma usando a trompete e duas ou três sem ela. A médium, enquanto fala, é muitas vezes interrompida por uma voz, e por alguns segundos, ambas são ouvidas ao mesmo tempo. Já se ouviu uma voz a cantar enquanto outra falava.

Certos participantes privilegiados ouviram a voz em plena luz, com a médium a quase três metros de distância; eu próprio ouvi-a a mais de cinco metros, com luz elétrica acesa. Alguns de nós ouviram-na com as janelas francesas abertas; e houve um senhor que a ouviu no escuro, quando a médium estava no piso inferior, na sala de estar. Não nego que espíritos experientes como o Dr. Sharp e John King consigam ler as mentes dos participantes, mas nego que visitantes espirituais ocasionais consigam fazê-lo, ou que uma médium não em transe consiga saber algo das mentes conscientes ou subconscientes dos seus clientes.

Esta mulher americana nunca entra em transe. Ela ignora o significado das mensagens que são dadas diante dela, mesmo quando as ouve, o que nem sempre acontece quando a trompete é usada; nunca, quando não é.

Depois temos os fenómenos físicos mais grosseiros: trompetes lançadas pelo ar, cadeiras viradas de pernas para o ar, mesas deslocadas vários metros, jarros de flores transportados de um lugar para outro, flores retiradas das taças e entregues aos presentes. Muitas vezes, isto acontece em completo silêncio, e frequentemente enquanto as mãos da médium estão a ser seguradas por um participante. Não há desleixo, nenhum objeto é danificado, ninguém se magoa.

Tudo isto pode parecer, a um investigador superficial, sem sentido. Mas será mesmo? Serão estes fenómenos tão inúteis quanto parecem? Pessoalmente, não gosto deles, pois geralmente indicam que não há poder suficiente para comunicação espiritual; mas têm uma finalidade. Demonstram inteligência e uso de força por seres que não são mortais; não ajudam na identificação dos nossos amigos espirituais, mas mostram o que pode ser feito pelos habitantes de outro estado de consciência.

O meu trabalho estaria incompleto se nada dissesse sobre a personalidade da Sra. Wriedt. Em *Glimpses of the Next State*, não evitei a questão dos males que acompanham o exercício diário da mediunidade. A Sra. Wriedt não é exceção à regra. Tive oportunidade de a observar de perto, e considero-a um caso psicológico muito interessante. É injusto julgar médiuns profissionais pelas regras que aplicamos às pessoas comuns. São completamente anormais.

Na sala de sessões, ouvem espíritos a falar, ouvem os participantes a conversar; fora dela, em casa ou noutro local, ouvem todo o tipo de vozes — boas, más e indiferentes. Parcialmente atordoados pelo que lhes é retirado durante o exercício do dom, misturam tudo no cérebro e tornam-se culpados de muitas imprecisões terminológicas.

No caso de médiuns instruídos e cultos, as consequências desastrosas do uso de poderes ocultos são atenuadas pelo bom senso, pelo ambiente e pela moderação no uso do dom; mas nos profissionais não é assim, e acabam por adquirir hábitos de grande inexactidão; estão sujeitos (e os mais poderosos são os piores) a graves alucinações.

Se a Sra. Wriedt fosse uma mulher comum, eu seria obrigado a descrevê-la como inverídica. Como não o é, prefiro dizer que é irresponsável nos assuntos do quotidiano. Oscilando de forma notável, muda os seus planos vinte vezes numa semana, e há apenas uma certeza quanto a ela — se disser, por exemplo, numa segunda-feira, que tenciona fazer algo na sexta-feira seguinte, esse plano não se concretizará nesse dia. Todos os médiuns profissionais com forte capacidade estão sujeitos à mesma peculiaridade.

No essencial, é tão verdadeira como o aço. Quem a conhece sabe que tem um coração generoso, é solidária e faria tudo por um semelhante em sofrimento. É uma paixão sua servir de instrumento para levar consolo àqueles que o necessitam. Notei que são sobretudo os que perderam filhos que mais rapidamente beneficiam do seu ministério passivo.

E não falo de pessoas crédulas, que se entregam irrefletidamente e tomam a iniciativa na conversa com os espíritos, mas de homens e mulheres sensatos, que conhecem as regras elementares da investigação psíquica, e que consideram a impostura como sacrilégio e fraude, tanto deste lado como do outro, estando atentos a qualquer desonestidade.

Conheço um homem de meia-idade, de posição elevada na sua profissão, e que era um estranho tanto para mim como para a Sra. Wriedt, a quem levei a Cambridge House em Maio. Tinha perdido recentemente o seu único filho. Antes de entrarmos na casa, adverti-o para que fosse o mais passivo possível e tentasse esvaziar a mente de qualquer pensamento, assim que a porta da sala de sessões se fechasse atrás dele.

Regressou à sala de estar uma hora depois, tendo alcançado um nível de compreensão psíquica que a mim me levou quatro anos a atingir. A explicação é simples: ele precisava urgentemente de consolo; eu não necessitava de nenhum. Contou-me tudo o que experienciou. O seu relato não se encontra neste livro, mas espero que o publique ainda dentro de um ano.

A Sra. Wriedt não se permite ser investigada por pessoas meramente curiosas ou por aquelas que apenas procuram fraude — que, em suma, não têm qualquer propósito construtivo. Diz que passou por tudo isso há vinte e cinco anos, e que não é razoável esperar que comece a sua missão em cada cidade sendo amordaçada, amarrada e sujeita a testes físicos por desconhecidos, alguns dos quais podem ser completamente ignorantes sobre o assunto. Se as provas de identidade que surgem em abundância nas suas sessões não tocarem aqueles que as ouvem, ela contenta-se em deixá-los pensar o que quiserem. Não tem qualquer objeção ao verdadeiro cético de mente aberta.

Quero aqui afirmar, de forma clara, que estou inteiramente de acordo com esta atitude, e acrescento que não há circunstância concebível que possa abalar a minha convicção quanto à veracidade do seu dom. O seu guia espiritual, Dr. Sharp, organizou as coisas de tal forma que recebi pelo menos uma centena de provas sem que a médium tivesse consciência do que se passava.

Como disse noutro lugar, uma mulher que proporcionou tanto consolo a centenas de pessoas aqui e nos Estados Unidos está sujeita a ser estragada, a passar a ver-se como "o Dom", em vez de apenas o instrumento altamente privilegiado das forças superiores que controlam o seu destino. É preciso uma mente muito forte para se manter equilibrada quando tantos a elogiam e presenteiam. Espero sinceramente que consiga manter o seu equilíbrio mental, de modo a preservar as suas faculdades. Embora não seja a única médium de voz direta na América, é a mais desenvolvida, e não hesito em dizer que, se deixasse de seguir a orientação do Dr. Sharp e desaparecesse da prática mediúnica, isso seria uma perda grave para o mundo ocidental.

Quando todas as experiências são tão marcantes, é difícil escolher, entre esta coleção de narrativas, qual é a mais significativa. Se tivesse de escolher, nada me parece mais convincente do que as sessões na Escócia, especialmente em Rothesay. O Sr. Coates acolheu no seu círculo tanto ingleses como escoceses. Nenhum inglês falou em escocês, e

nenhum espírito escocês falou em inglês — a não ser nos casos em que, por ter vivido muito tempo em Inglaterra antes de falecer, tinha perdido o sotaque.

Parte do escocês falado pertencia à época vitoriana, e um ou dois espíritos usaram gaélico. Várias línguas foram ouvidas nas sessões da Sra. Wriedt, mas para mim, que não conheço qualquer outra língua além da minha, os círculos de Rothesay foram os mais significativos.

O que é um médium? Resposta: "Ninguém sabe." Estou certo de que posso arriscar um palpite tão válido quanto o de qualquer outro, pois tive o tempo e a liberdade para investigar, e tenho médiuns na minha própria família. A minha teoria é a seguinte: todos os seres humanos têm uma dupla personalidade — um corpo físico e um corpo espiritual.

No caso de nove em cada dez pessoas, esses dois corpos estão inseparavelmente fundidos, e o corpo psíquico ou espiritual nunca se separa do físico, exceto em condições harmoniosas, numa sala de sessões, onde creio que a maioria de nós funciona principalmente com o corpo espiritual. Agora, no caso da décima pessoa — o médium — acredito que há uma separação constante, e que ele ou ela vive inconscientemente em ambos os estados, simultaneamente. Na sala de sessões, esse corpo espiritual é utilizado pelos guias para interpretar as mensagens dos espíritos visitantes selecionados. Os guias recolhem dos participantes a energia necessária para formar as vozes.

Quando o médium entra em transe, como acontece com Susannah Harris, é auxiliado pela sua mente subliminar, que comunica com as mentes subliminares dos participantes; mas no caso da Sra. Wriedt, que está sempre desperta, apenas o seu corpo espiritual pode ser utilizado para o êxito da comunicação. Por isso, afirmo que o dom da Sra. Wriedt é único e proporciona uma satisfação que não encontramos em nenhuma outra forma de mediunidade.

Não é aconselhável que jovens, pessoas histéricas ou envolvidas em trabalho mental intenso participem nestas sessões. A certeza da identidade surge de forma tão repentina que é suficiente para perturbar o equilíbrio mental de qualquer um que não tenha já uma mente bem firme. E penso que todos os que participam nestes círculos deveriam ser devidamente preparados, lendo as obras de quem investigou seriamente estes fenómenos. O Dr. G. F. Oldham escreveu-me após a sua primeira sessão, em Maio de 1913:

"Foi tudo tão impressionante e convincente; mas meia hora depois, ao misturar-me com o povo no metropolitano de Londres, mal podia acreditar que fosse verdade. Após vinte e cinco anos de formação científica e reflexão, é extremamente difícil não pensar que talvez haja outra explicação.

A única que consigo sugerir é que a Sra. Wriedt consiga projetar algum tipo de personalidade secundária na sala, dotada de extraordinários poderes para imitar pessoas falecidas e ler as mentes delas e dos participantes; mas isto parece tão rebuscado e tão maravilhoso quanto a explicação normal. De uma coisa tenho a certeza — que o que se passa ali é matéria forte, e não adequada para ninguém que não tenha a mente bem equilibrada. Posso acreditar que não seja desejável para a maioria das pessoas — e talvez não o venha a ser durante muitos anos..."

Não vou tão longe quanto o Dr. Oldham, mas estou certo de que a preparação é necessária. A ausência dela levou a dificuldades sérias em Christiania, em 1912, agravadas pelo facto de o responsável pelas sessões ser quase surdo. Quanto à "personalidade secundária" a deambular com faculdades onipotentes, penso que podemos deixar isso à minha Sociedade para a Prevenção da Investigação.

Concluirei com uma breve reflexão sobre a questão que constantemente se nos coloca: "O que são estas vozes?" Recordem que só há uma alternativa racional à suposição de que são o que afirmam ser — manifestações de consciências de personalidades que já viveram na Terra e que reúnem força para serem ouvidas ao extrair energia dos corpos físicos dos participantes.

A única hipótese alternativa é esta: que se trata de personificadores — entidades oriundas de uma sociedade de espíritos ardilosos e depravados, cujo prazer e propósito diabólico é enganar a humanidade. Esta hipótese é sustentada por um grande número de pessoas e não pode ser ignorada, embora seja, em alto grau, desagradável. Todos os católicos romanos acreditam nela, bem como muitos membros respeitáveis da Igreja Anglicana. Mas será razoável? Não está a Bíblia cheia de fenómenos psíquicos do princípio ao fim? Não será, afinal, o manual por excelência do espiritualismo?

"Mas," argumenta o padre, "os nossos espíritos — aqueles mencionados nas Sagradas Escrituras — são todos bons; os vossos são todos maus." Perguntamos: "Qual é a sua autoridade para fazer tal afirmação?" — e não recebemos resposta. Na verdade, essa afirmação é uma presunção grosseira e não resiste ao escrutínio. Com que finalidade permitiria a Inteligência Suprema uma maldade tão gratuita e sem sentido? Terão os homens e mulheres sensatos ficado piores por escutar e manter comunhão com estas vozes? Alterou isso o seu carácter, tornou-os menos caridosos ou menos dignos de respeito do que eram antes?

Aconselham essas vozes algo errado, incitam a atos maus? Condenam alguém? Certamente que não. Não falam elas, constantemente, de bondade, simpatia, perdão das faltas, esperança para quem se arrepende dos seus erros? Sem dúvida. No essencial, parecem ter um só objetivo: ensinar, de forma objetiva, a imortalidade da alma e confirmar os princípios — ainda que não o texto literal — da Bíblia.

Estou convicto de que o espiritualismo é uma instituição divina, permitida pelo Todo-Poderoso para enfrentar o crescente materialismo da época. Mais cedo ou mais tarde, a Igreja terá de se alinhar com ele. Se não o fizer, será a própria Igreja a perder.

APÊNDICE A

Exemplos de Voz Direta na Bíblia

É extremamente difícil distinguir na Bíblia entre vozes diretas, vozes em visões e claruidência; mas inclino-me a crer que a maioria dos leitores concordará que os seguintes casos devem ser incluídos como exemplos de voz direta:

Gênesis: iii, 9; iv, 9; vi, 13; xii, 1-8; xvi, 8; xvii, 1; xviii, 5, 17; xix, 2; xxi, 17; xxii, 11; xxvi, 2, 24; xxxii, 26; xxxv, 1, 9
Êxodo: iii, 4; iv, 2, 27; vi-xii (várias vezes); xix; xxxiii, 9
Números: xii, 4; xvi, 20; xx, 7; xxii, 28
Deuteronômio: xxxi, 14; xxxiv, 4
Josué: v, 14
Juízes: vi, 12; xiii, 3
1 Samuel: iii, 4; xv, 10; xvi, 7
2 Samuel: ii, 1
1 Reis: ix, 3; xvii, 3; xix, 9-12
Ezequiel: i, 28; ii, 3
São Mateus: iii, 17; xvii, 5; xxviii, 5, 18
São Marcos: ix, 7; xvi, 14-15
São Lucas: i, 13, 28; ii, 10; iii, 22; xxii, 43; xxiv, 5, 17, 36-50
São João: xx, 13, 19; xxi, 5-23
Actos dos Apóstolos: i, 11; viii, 26; ix, 4; xii, 7; xxvii, 24
1 Coríntios: xii, 10
2 Coríntios: xii, 4

APÊNDICE B

Uma Profecia Espiritual Cumprida

Na página 203, vê-se que Iola me disse que voltaria a falar comigo. Naquele momento, não havia qualquer probabilidade de nova oportunidade para uma sessão com a Sra. Wriedt, pois ela recusara um convite de amigos em Southsea, e eu próprio não tinha intenção de regressar a Londres antes de um mês — altura em que supunha, com boas razões, que ela já estaria de volta à América.

Contudo, no sábado, 13 de Setembro, enquanto lia as provas tipográficas da descrição da sessão relatada na p. 243, e acabava de chegar ao fim da página, o telefone tocou. Um amigo, na cidade, disse-me que a Sra. Wriedt acabava de chegar a sua casa. Ela própria falou em seguida, e combinámos uma sessão privada para as 11h da manhã seguinte. Aparentemente, regressara subitamente do continente, e, ao seu modo impulsivo, descera com uma amiga americana para passar o fim de semana.

A sessão privada de domingo foi notável. O quarto não estava totalmente escuro — via-se mobiliário e outros objetos. Tive conversas com quatro amigos espirituais, entre eles Iola, que falou durante mais de vinte minutos sem que a médium ouvisse uma única palavra. John King controlava e divertiu-me logo com a primeira observação: "Então, e o Oliver Lodge?" (Quatro dias antes, o presidente da Associação Britânica para o Progresso da Ciência proferira o seu famoso discurso em Birmingham.)

Nessa manhã, aprendi alguns factos novos sobre as propriedades psíquicas da trompete, que são interessantes; mas aguardarei novos testes antes de publicar resultados. O Dr. Sharp não se manifestou.

APÊNDICE C

Conselhos a Quem Participa em Sessões com Trompete

Quando uma voz se dirigir a si, pergunte uma vez o nome. Se não o ouvir com clareza, não repita a pergunta, mas continue a conversar sobre outros assuntos, por exemplo:

"É um amigo ou parente?"

"Onde nos encontramos pela última vez?"

"Com que idade partiste?"

"Temos amigos em comum?"

"Foi por acidente que partiste?"

"Foi por doença?"

"Há quanto tempo partiste?"

"Eras casado?"

"A tua viúva ainda está neste plano?"

Diga o que quiser, mas continue a falar com o espírito. Em pouco tempo, a voz tornar-se-á mais clara. Repetir a mesma pergunta não ajuda em nada.

- Entre na sala de sessões com a mente o mais vazia possível.
- Se se concentrar numa pessoa específica, não terá êxito.
- Em sessões com outros, não discuta com o espírito guia.
- Evite temas polémicos como reencarnação, vivisseccção, vacinação, etc.
- Lembre-se de que os demais participantes esperam ouvir os seus entes queridos, e não desejam debates.
- Não cruze as pernas, nem os braços, nem feche a boca.
- Cante se for convidado.
- Nunca leve um médium profissional como convidado. Isto gera desarmonia, pois o guia do convidado poderá interferir com as manifestações.
- Não fale enquanto um espírito se dirige a outro participante.
- Fale com os espíritos como faria se estivessem vivos — com o mesmo respeito ou intimidade.

W. U. M.

APÊNDICE D

Correção à página 625 de "Glimpses of the Next State"

O Sr. Hereward Carrington e as Irmãs Bangs

(de *Light*, 14 de Dezembro de 1912)

Senhor — Dado que encerrou a correspondência sobre o assunto acima, não irei entrar em controvérsias, mas apenas fazer uma declaração por justiça ao Sr. Carrington.

No Apêndice C do meu livro, manifestei dúvidas quanto a o Sr. Carrington ter estado, de facto, dentro da casa das Irmãs Bangs. Após analisar os prós e os contras, concluí com a seguinte frase: "*Contudo, gostaria de acreditar que, tendo decorrido tanto tempo... talvez as Irmãs Bangs se tenham esquecido de quem receberam numa certa data... Tentemos acreditar que ele entrou na sala de sessões...*" (p. 625). Fico satisfeito por poder dizer que esse desejo piedoso se confirmou como facto.

Um amigo comum criticou-me por duvidar da boa fé do Sr. Carrington. Sugeri-lhe uma forma simples de provar que o seu amigo tinha, de facto, participado numa sessão com May Bangs: que obtivesse dos executores de Dr. Funk a carta original que encontrara entre os ardósias fechadas. Eu compararia a caligrafia com as minhas cartas obtidas de forma semelhante. Essa carta foi-me enviada e comparei-a: a caligrafia, na minha opinião, é praticamente igual à das minhas cartas.

Posso, portanto, afirmar que o Sr. Carrington se sentou com May Bangs e que, em resposta a uma carta enviada por ele à sua "querida mãe, Jane Thompson" (que nunca existiu), recebeu uma resposta, carinhosamente assinada pela sua "devotada mãe, Jane Thompson", dirigida ao "querido filho Harold".

Como tomei diversas precauções que o Sr. Carrington não tomou — incluindo sentar-me entre May Bangs e a porta suspeita, usar a minha própria tinta química, ardósias e papel marcados — tenho tanta certeza de que as minhas cartas são manifestações espirituais genuínas como de que a dele teve como objetivo fazer dele um tolo.

A menos que o Sr. Carrington deseje continuar esta controvérsia noutra publicação, não tenciono voltar a referir-me ao assunto. O Dr. Funk faleceu. A revista *Annals of Psychical Science* (versão inglesa) também já não existe, e poucos investigadores se importam com a questão. Na próxima edição de *Glimpses of the Next State*, retirarei as passagens que levantam dúvidas quanto à entrada do Sr. Carrington na casa.

W. Usborne Moore

